

A man with dark hair and a serious expression is shown from the chest up. He has several tattoos: a large rose pattern on his left arm, a skull with wings on his right shoulder, and a large, dark, jagged wound on his chest. The word "TWIN" is written across his chest in large, bold, orange letters that appear to be made of fire. The background is dark with floating sparks and flames at the top and bottom.

TWIN

O PREÇO DA VINGANÇA

LIVRO III

SÉRIE REDENÇÃO



AUTORA BEST-SELLER DA AMAZON

A . E . G A B R I E L



IVAN

O PREÇO DA VINGANÇA



SÉRIE REDENÇÃO

LIVRO III

Copyright © 2021 A. E. Gabriel

Capa: A. E. Gabriel

Diagramação: A. E. Gabriel

Revisão: Patrícia Suellen.

Créditos de imagem: Site Pixabay.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

IVAN

O PREÇO DA VINGANÇA

Livro 3 – Série Redenção

1º Edição digital | criado no Brasil.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios tangível ou intangível sem o consentimento escrito da autora. A violação de direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



NOTA DA REVISORA

O texto segue as normas vigentes da Língua Portuguesa, entretanto, características do vocabulário informal foram utilizadas para deixar a leitura mais leve e fluida.

A autora usou da linguagem informal em vários momentos, sendo assim, é possível encontrar palavras ou frases que não estão em conformidade com a Gramática Normativa.

Os trechos em *itálico* se referem a termos técnicos, estrangeirismo, gírias, regionalismo e termos coloquiais.



AVISO

Ainda pode haver alguns erros no texto, porém, já estão sendo retificados.

Portanto, peço que deixem a opção de atualização automática ligada — ícone na página dispositivos e conteúdo, no site da Amazon.

Assim vocês sempre terão a versão atualizada dos meus livros.

E qualquer dúvida, podem me chamar nas redes sociais, estou à disposição de vocês, meus doces!



AVISO IMPORTANTE AOS LEITORES

Caro leitor, sou uma autora independente e sou responsável por todo processo de criação da minha obra, inclusive, diagramação, capa e atualmente pago uma profissional para realizar a revisão e copidesque dos meus e-books entre gastos como equipamentos eletrônicos e a provedora de internet.

Não é um investimento barato e infelizmente meus e-books vem sendo distribuídos de forma ilegal na internet, em sites e grupos ilegais, esse é o meu trabalho e minha fonte de renda, a Amazon é responsável por 100% da minha renda. Quando você pirateia literatura nacional, você contribui para uma rede ilegal, que torna o nosso trabalho desvalorizado e marginalizado.

Tentei ao máximo deixar o valor do meu e-book acessível e sempre realizo ações onde meus e-books ficam 100% gratuitos para os meus leitores. Então, peço para que se você leitor encontrar alguma obra minha sendo distribuída, entre em contato comigo direto comigo em meu e-mail autoraagabriel@gmail.com ou me procure através das minhas redes sociais.



NOTA DA AUTORA

Os eventos que envolvem essa trama são relacionados a primavera árabe, evento ocorrido em 2011 e a menção da guerra civil na Síria e na Líbia são fatos, porém, os fatos que envolvem Inglaterra é totalmente produto da imaginação da autora. Se houver alguma semelhança com a realidade dos conflitos, é mera coincidência.

A cidade de Parnoveil é *totalmente fictícia*, é total fruto da imaginação da autora, sendo assim, a mesma não existe no entorno de Las Vegas, Nevada, pelo menos, não na realidade.

Terceiro livro da Série redenção, esse romance encerra os conflitos iniciados nos livros Gael - A redenção do Monstro e Dominic - Sabotagem do amor.

Recomendamos que para um melhor entendimento, leia o primeiro e o segundo livro da série, pois alguns acontecimentos aqui mencionados acontecem no livro:

Dominic

Sabotagem do Amor

Mas caso não queria, saiba que esse os personagens e acontecimentos aqui ditos já deram início nos outros livros da Série.



SOBRE IVAN, O PREÇO DA VINGANÇA

Este é um *romance erótico, divertido e dramático*, mas que aborda dramas e temas como estupro, tráfico internacional de crianças, mulheres e violência extrema.

A autora não compactua com nenhum tipo de violência ou situação de cunho duvidoso citada aqui no livro, embora esse seja um romance erótico com cenas de sexo explícitas, todos os eventos de tortura e agressão aqui citados não são apoiados pela autora.

IVAN é um romance erótico que pode ser considerado romance dark.

Não há um consenso ao definir o gênero dark romance, o que pode se dizer é que é um subgênero advindo dos romances eróticos, e que tem características peculiares e muitas vezes perturbadoras, ao abordar temas pesados e ter protagonistas que vão contra o usual. Não há uma regra aqui e nem um limite sobre o que pode ou não ser utilizado nos dark romances. Temas como sequestro, abuso, vício em drogas, crime e tortura são apenas alguns exemplos do que podemos encontrar. Usualmente, uma mocinha ou mocinho se envolve com personagens de moral duvidosa e se vê em meio a situações perigosas e angustiantes. — EVERY LITTLE BOOK.

Já que IVAN é um anti-herói com ações questionáveis que vão além da moral, então esteja por sua conta e risco.

Esse homem incrivelmente gostoso de cunho duvidoso com senso de justiça fará você se surpreender a cada página. Lembrando que este livro foi escrito com o intuito de ser totalmente ficcional, o livro contém expressões chulas, memes, referências a contos de fadas, trechos de músicas, gírias, enfim a linguagem coloquial, bem como falas infantis, leia amabilidade e mente aberta e lembre-se que essa é uma obra de ficção, sem qualquer objetivo de ser semelhante à realidade ou ser formal.

Boa leitura.



DEDICATÓRIA

Talvez eu devesse começar essa nota, contando a vocês o quão difícil, foi escrever Ivan. Foram dias, noites, madrugadas sem saber ao certo se esse era o Ivan. Grande parte desse livro se deu de encontros e desencontros, diversas vezes eu me perdi, foi necessário que parasse e deixasse Ivan falar, quando me dei conta disso e não foi sozinha, percebi o quão bom ele e a Sol são juntos.

E boa parte disso se deu a Patrícia, minha revisora, suas ligações, horas e horas me ouvindo e me mostrando que eu realmente precisava deixar Ivan falar. Eu disse a ela que, ela sempre será o achado da minha vida, por todos os perrengues que eu passei com ela, por cada lágrima que choramos juntas, e as ameaças de amor que ela me fazia quando pensei em desistir, Ivan é para você Pat, para dona Amélia e minha irmã Conceição que me abraçaram e choraram comigo quando achei que seria impossível terminar Ivan, esse livro é para senhora *mamãe* e para você, Conça.

Para todos os meus docinhos, que aguardaram ansiosas por esse livro, esse livro é para vocês. Que Ivan e Sol possa dar a vocês momentos especiais. E por todos os inúmeros momentos difíceis que eu passei para conseguir entregá-los a vocês, esse livro é de longe meu maior desafio.

Obrigada a todos os meus docinhos que torceram para que esse casal saísse.

Que Ivan toque seus corações com essa história cheia de drama, amor e safadeza literária.

Com amor, Dri.

SÉRIE REDENÇÃO

Gael

A REDENÇÃO DO MONSTRO

Livro 1

Dominic

SABOTAGEM DO AMOR

Livro 2

Ivan

O PREÇO DA VINGANÇA

Livro 3

Cobra

LIBERDADE QUE VICIA

Livro 4

Gustave

A REDENÇÃO DO LIBERTINO

Livro 5

Corvo e Carniça

SPIN-OFF

Livro 6

MITCHELL E AGREGADOS

Livro 1

Livro 5

Livro 2

Livro 3

Livre 4

Spin-off

Spin-off

PLAYLIST ON SPOTIFY:



Quer curtir a playlist da Série Redenção, Docinho? Use o botão da câmera à direita da barra de pesquisa no aplicativo Spotify. Toque em "Scan", aceite as permissões para Spotify para acessar sua câmera. Você vai ser redirecionado ao Spotify, a playlist está disponível para usuários da versão grátis e premium, agora é só curtir as músicas dos meninos problemas!

*Nenhum homem é suficientemente rico para
comprar o seu passado.*

Oscar Wilde

Era uma vez...

O gênio da lâmpada pode conceder apenas três desejos. Mas somente desejos que o seu coração realmente almeja.

Desejos que realmente seu coração é capaz de desejar, vingança. Tudo que Ivan Sarnov deseja depois de ter a vida tirada de si.

Escuro e vazio, o russo sensual Ivan se vê perdido na própria dor tirando a vida de um por um, que lhe tirou seu bem mais preciso. Problemático e sedutor, o homem se vê preso em uma teia envolvente com uma mulher que não dá brecha para aproximação. Que o instiga a ser cada vez mais inconveniente, invadindo seu espaço sem dar tempo para questionamentos.

Ah! O Sol, o Astro Iluminado que aquece a pele fria em um dia gelado. Solange Esposito, a típica mocinha batalhadora e forte, se vê entre a cruz e a espada.

Sol, se vê instigada pelo russo charmoso e de boca suja que insiste em mijar no poste marcando sua presença. Ivan, é levando ao extremo, pela petulância de Sol.

Segura de si, Solange tem tudo sob controle, até a noite em que um russo baleado e sangrando bate em sua porta.

Ivan, não precisa de amigos, de família ou amor. Mas se vê tendo tudo isso de graça ao ser o mais novo membro do Clube Hells Angels Motorcycle. Ivan se vê protegendo homens e as mulheres do clube com unhas e dentes.

A lealdade se constrói aos poucos, mas Ivan fica surpreso, ao ser acolhido pela pequena e especial Rosita. A encantadora menininha de apenas quatro anos.

Assim como a mãe, a pele negra resplandece uma alegria que Ivan jamais viu, mesmo com suas limitações, ela invade o coração frio e vazio de Ivan, mesmo Sol tentando afastá-los, eles são como duas forças que se atraem.

*Olha, eu vou lhe mostrar
Como é belo este mundo*

*Já que nunca deixaram
O seu coração mandar
Eu lhe ensino a ver
Todo encanto e beleza
Que há na natureza
Num tapete a voar
Mundo ideal*
Aladdin

Sol e Rosita vão ensinar a Ivan o verdadeiro significado do amor mesmo que ele se negue, querendo mais que tudo ser amado.

Ivan não vai abrir mão de realizar com Solange cada sonho erótico que sua cabeça libertina quer. E cada desejo de conhecer o mundo da pequena florzinha.

Mas nós sabemos que esses homens não usam exatamente o cérebro, não é?

Estamos todos mortos, dentro deste mundo invisível, onde as pessoas preferem a guerra e a destruição, ao invés do afeto e amor.

Aladdin

Ivan vai descobrir que o preço da vingança não é doce e satisfatório como ele imagina. Mas amarga e solitária. Ciumento e possessivo na medida certa, o russo se vê apaixonado pela linda mulher.

Os momentos especiais de hoje são as memórias de amanhã.

Aladdin

Mas Ivan não está disposto a perder sua mulher e filha? Sim, porque elas são suas!

Um pouco tarde para perceber isso, não acham? Bom, pelo menos ele percebeu, não é?

Mas Ivan ainda tem um desejo. Apenas um. Estará o gênio da lâmpada disposto à realizar um último desejo do desesperado russo?

Talvez... Só talvez. Ou será o russo o gênio da lâmpada e ninguém *te* contou? E ele que vai realizar todos os desejos!

Capítulo 1

“Passados que se fazem presentes.”

“Heróis nunca morrem

Vou chegar à linha de chegada

Nós sabemos que sobrevivemos

Mesmo se rastejarmos para a linha de chegada

Eu não acredito, sonhando desfavorecidamente

Não precisa de comemoração, o mundo irá ver

Heróis nunca morrem

Vou chegar à linha de chegada”

Finish Line

Skillet



2018, Moscou, Rússia.

IVAN

A goteira no canto direito da velha janela enferrujada começa a me incomodar. A maldita goteira já me incomoda há malditos 365 dias. Rio sozinho fazendo minha risada ecoar com os passos leves que vêm em direção ao luxuoso quarto de merda que Ivo me ofereceu no último ano, a ratazana passa sobre o madeiramento e a cumprimento com um leve aceno de cabeça, ela está com um dos meus ossos de galinha na boca e seu pelo está molhado, sinal que ela deve ter vindo de alguma tubulação que liga minha cela ao cemitério.

Nos primeiros malditos dias, realmente ponderei sair dessa maldita merda de cela, e assumir o lugar de Ivo, depois a maldita raiva me bateu, nunca quis assumir o maldito lugar de Ivo, apenas desejo criar minha filha longe de toda essa merda, ela não merece casar com um maldito filho da

irmandade e correr o risco de morrer, por não ser puro-sangue, como Ivo diz.

Nunca quis porra alguma, quero apenas sair desta maldita merda que cheira a cadáver e esgoto. De alguma forma, volto a ser o maldito menino de seis anos, endiabrado que quebrava regras, fugia de treinos, odiava a irmandade.

Com seis anos, enquanto os punhos do meu pai batiam em meu corpo, descobri que não era uma boa ideia ser um maldito moleque endiabrado e insolente, quebrar regras não era algo aceitável, sentia minhas costelas se partindo, não ouvia mamãe dizendo para Ivo parar, ela apenas olhava tudo silenciosamente com o rosto impassível. A cada osso quebrado algo em minha alma se quebrava.

Meu corpo tencionava contra as malditas correntes. Ele amarrou um maldito moleque endiabrado que queria apenas ser uma criança normal. Quando me afoguei com o meu próprio sangue senti mãos frias em meu copo. Ouvi os aplausos e os latidos dos cachorros de Ivo. Talvez, esse fosse o som do inferno quando o diabo alcança uma nova alma.

Eu não me lembro de ter respirado, mas quando acordei, tinha uma costela quebrada, um pulmão perfurado e com seis anos a marca de Ivo Sarnov em meu peito, ele forjou a maldita rosa em meu peito que significou que ele se orgulhava em ter quebrado minha juventude, ele se sentia exultante em ter corrigido o herdeiro da irmandade, não senti o ferro quente, com quatorze anos a marca de Ivo foi coberta por um Yin-Yang [1] em meu peito foi comemorado pelo Pakhan Ivo e pelo Sovietnik [2] Higor, passei a ser a sombra do Brigadier [3] Dimitri.

Ivo tinha o poder sobre as quatro células da máfia, mal via Ivo, mas sabia que ele rastreava cada passo que eu dava, cumprindo o treinamento da irmandade, afinal os únicos que tinham autorização para lhe dirigir a palavra era Sovietnik Higor, Obshchak [4] Fellipho e Brigadier Dimitri. Embaixo das asas do Brigadier, via de perto como a irmandade funcionava, as torturas de Ivo continuavam, mas era capaz de revidar e desencadeava tudo que ele queria, o monstro dentro de mim. Depois de me deixar meses no hospital com o pulmão fodido e alguns ossos quebrados, sabia que quando saísse tudo iria piorar. E foi exatamente o que aconteceu, fui proibido de ver minha babushka [5], minhas refeições eram na maioria das vezes junto aos Boyeviks

[6]do Brigadier. Quando ganhei peso e resistência, comecei a levantar pneus e as correntes dos galpões. Era um maldito rato, invisível e a sombra de Dimitri Koslov. Aos quinze anos, puxei o gatinho de uma arma pela primeira vez, explodi os miolos de alguém que Ivo disse merecer a morte. Ivo conseguiu despertar o maldito monstro que ele criou dentro de mim. Mas que Svetlana conseguiu adormecer.

Não fui criado para ter relacionamentos ou amigos. Fui forjado para ser o Don Sarnov III, uma moça foi prometida para mim, alguém que me manteria ao lado dela para o resto de sua vida, assim como foi com todas as malditas gerações anteriores a minha. Mesmo depois de todos os malditos anos, ainda odiava o Ivo, e queria destruir tudo que ele tocava. E foi assim que a conheci, Ivo mantinha Calina como sua amante desde que a desgraçada tinha quinze anos. Pegá-los trepando, fez-me odiá-lo ainda mais, mas pela primeira vez dividi algo com Ivo, sua prostituta, podia ter apenas ficado olhando, no entanto, quando ele me convidou para foder sua amante, sabia que ali estava o maldito motivo pelo qual Ivo iria se arrepender.

Ela escolhia o dinheiro dele e no final da noite era pelo meu pau que sua boceta implorava para ser fodida. As malditas coisas entre nós saíram do controle, afinal ele estava indo contra a lei mais severa da irmandade, a fidelidade, assim como minha mãe, ele deve a ela a vida, não podia existir traição, a lealdade e a fidelidade precisavam andar lado a lado e reger o matrimônio abençoado pela irmandade.

Quando Calina engravidou, vivi para ver o maldito inferno em chamas ao ter engravidado uma maldita prostituta das casas Sarnov, assim como eu, Ivo levará o maldito segredo com ele ao túmulo, ter dividido a mãe da sua neta com seu filho. As regras sempre foram claras, jamais se sai vivo da Bratva, mas quando uma maldita promessa é selada com sangue ela deve ser cumprida, e essa foi sua promessa, 365 dias vivo, e estaria livre para tirar minha filha desse maldito inferno. Não havia uma gama de honra ou glória em meu sangue ... Fiz tudo que fui criado para fazer, sobreviver... quando decidi sair da máfia e levar comigo minha filha, sabia que não iria sair vivo.

Os ferimentos da noite anterior doíam como inferno, havia uma junção das inflamações anteriores com as novas, que doíam e sangravam e depois de alguns dias vertiam pus e um mau cheiro insuportável. Uma vez ao mês, recebia a visita de um médico da irmandade, ele administra alguns

antibióticos, isso impedia que eu, literalmente, apodrecesse dentro dessa maldita sela.

Foram 364 dias lutando, todos os malditos dias, quando era solto meu corpo pedia socorro, o maldito sorriso de Ivo Sarnov, a cada final de noite, quando ele sorria friamente e me desejava boa sorte. Esse foi seu preço, ver-me lutar todos os dias durante 365 dias, se não morresse poderia viver uma vida fora da Bratva, ele duvidou e dúvida todas as vezes que piso em seu ringue, perdi as contas de quantos homens derrubei e eles não respiravam mais. Perdi as contas de quantas malditas vezes, apenas quis morrer ao invés de matar alguém.

Eles me transformaram em um monstro, e eles vão se orgulhar disso enquanto viverem. Odeio Ivo Sarnov todos os malditos dias da minha vida, passei a desejar tudo que ele queria, inclusive suas mulheres, meu maior erro, que me proporcionou meu maior acerto, contei cada dia para poder ver minha pequena, Dora, novamente, quando ela me chamou de papai pela primeira vez, senti uma maldita angústia, queria odiar Dora, como meu pai me odeia, mas jamais fui capaz de ter outro sentimento por ela que não seja amor. Olhar para ela me dá apenas uma certeza, de que sou capaz de amar. Mesmo tendo sangue em minhas mãos, sou capaz de amar cada respiração de Dorotéia Sarnov enquanto viver. O sorriso dela aquece meu coração e me sinto vivo a cada sorriso que ela me dá.

Eu queria odiá-la, mas todas as vezes que seu olhar me encontra, meu coração bate, meu sangue pulsa, Dorotéia é a única coisa pela qual irei me orgulhar enquanto viver. Preciso protegê-la nem que seja de mim mesmo, o monstro que me tornei.

2018, Lustrera, Novo México

SOLANGE

Corro meus dedos sobre as frutas. Respiro fundo. Tentando não parecer chateada.

— No tive a intenção — explico, sem olhar para Juan.

— Não está aqui para fazer sala aos nossos fregueses, meu amor. — A voz baixa e cortante dele, faz-me suspirar, sinto-me envergonhada.

— Sinto muito, meu amor. Desculpe-me — digo, e ele concorda.

— Prenda os cabelos e vá para dentro e troque essa blusa, já disse que as roupas coloridas não vão causar boa impressão, não está mais no prostíbulo da sua mãe, querida. — Sua voz doce me faz concordar. — Eu quero o seu melhor, meu amor, e a última coisa que quero, é que você se pareça com ela, *mi amore*.

Juan tem razão, não quero que pense que eu me orgulho pela forma que minha mãe ganha vida, não quero que pense que quero me parecer com ela. Quando volto ajeitando a camisa preta, ele sorri e retribuo beijando seus lábios.

— Te amo, querida. — Antes de responder, somos interrompidos pelo barulho da sineta. — Não sorria demais, amor, lembre-se que você não é igual a ela.

Concordo, Juan tem razão, quando a sineta da porta toca novamente um grito mudo corta meus lábios, os olhos de Juan se arregalam, meu corpo treme de cima a baixo quando o líquido quente me atinge em cheio, é como se o mundo começasse a girar em câmera lenta, meus joelhos cedem, Juan tosse descontroladamente fazendo o sangue vir em minha direção. Apoio sua cabeça em meus joelhos sentindo como se o mundo se rompesse aos meus pés, não sou capaz de ouvir a caixa registradora ser aberta. Quando o cano quente encosta em minha nuca, tento controlar o choro.

— El Navarro quer você viva, e ele tem razão em querer uma mulher como você, uma puta de sorte. — Ouço os gritos na rua, as sirenes, meu coração parece ter perdido a batida, fecho meus olhos com tanta força, minha santinha parece queimar em meu peito. O sangue de Juan se mistura à nossa volta. O sangue quente é a prova que Juan já não tem mais vida.

Capítulo 2

“Forjados na dor”

“Mundo, eu quero te deixar melhor

Eu quero que minha vida importe

Receio que eu não tenha nenhum propósito aqui

Eu vejo as notícias na TV

Abandono a mim mesma diariamente

Tenho medo de deixar você ver meu verdadeiro eu”

Courage to change

Sia



2019, Moscou, Rússia.

IVAN

— Querido? Ivan? — Os braços frios e trêmulos de minha avó rodeiam meu corpo. Percebo seu semblante confuso, mesmo usando seu pijama de seda, ela continua elegante, o rosto duro que por vezes foi a melhor coisa que encontrei nessa porra de mundo, fizeram-me sorrir.

— Olá, Svetlana. — Minha voz sai rouca, provavelmente pela sede que estou sentindo. O rosto dela se contorce em uma careta, mas vejo seus olhos negros brilharem e um leve sorriso dançar os lábios dela.

— Meu Deus? O que eles fizeram com você, querido? — Antes de me puxar para dentro, vovó olha para os seguranças andando em seu jardim. — Você está fodido, garoto — minha avó diz.

— Senhora? O quê... Menino, Sarnov? — Olho para o mordomo e faz-tudo de dona Svetlana e ele continua o mesmo, cabelos brancos, olhos de águia, pele pálida, o terno de pinguim alinhado e o cabelo milimetricamente penteado, faz-me sorrir.

— É ótimo saber que está vivo e cuidando da sua senhora, Nikolai. — Os olhos dele brilham, sei que bajular seu ego em relação ao seu trabalho com minha vó o coloca nas alturas.

— O que está esperando, Nikolai? Vá dar ordens para que preparem a mesa e busque Dora. — A voz fria de minha avó corta seu olhar, ele sai apressado. — O que eles fizeram com você? Precisa de um médico, Deus! — Antes que possa dizer algo, estou em seus braços, o soluço rouco corta o silêncio frio da enorme mansão quando meu corpo cede para frente.

— Já estive em dias piores, *babushka*[\[7\]](#). — Ela me olha cética e antes que responda, ela se abaixa ao meu lado a fim de me avaliar, depois de sua inspeção ela grita chamando por seus criados.

— Jamais volte a brincar com eles, meu filho. — Arranco a camisa e ela suspira, os dedos trêmulos tocam meu peito e sobem para o meu pescoço. E depois param em meu torço enfaixado de forma improvisada, quando retira a faixa, ela simplesmente grita mais alto. Os olhos dela prendem mais lágrimas ainda, há uma maldita dor sobre a tinta negra em meu peito, ela cobre o símbolo dos Sarnov, e dela saem os pássaros que seguem até meu pescoço. Mas minha costela dói ainda mais.

— Não está tão mal assim, está? — Minha visão começa a ficar turva, a fome me dói como há muito tempo não acontece.

— São Nicolau de Bari, consigo ver seus ossos — *babushka*[\[8\]](#) exclama, *incrédula*.

— Parece que temos um problema no paraíso. — Ela me ignora, sinto meu corpo ser levantado.

— Posso sentir o cheiro podre, meu filho. — Quando me sento, sorrio, mesmo sentindo a fome fazer meus ossos doerem, olho para ela sorrindo, *babushka*[\[9\]](#) *retribui*.

— Uma dose do seu melhor uísque. — Ela profere uma blasfêmia, fazendo-me sorrir e sentir ainda mais dores, por malditos lugares que nem sabia serem capazes de doer.

— Um maldito verdadeiro Sarnov. — Minha avó sorri.

Apesar de tudo, ela se orgulha do nome que leva, nos anos noventa seu rosto estava estampado em revistas e jornais de moda, Svetlana Sarnov foi um símbolo de desejo, os homens a desejavam e as mulheres queriam ser como ela, linda, jovem, rica e o símbolo da moda, mas de repente minha *babushka*[\[10\]](#) teve seus comerciais retirados da tv, suas capas de revista

queimadas e seu nome esquecido, quando completou vinte e dois anos, Svetlana Sarnov teve a carreira destruída e enterrada pela Bratva.

Ela foi esquecida, e isso transparece a cada olhar frio e sem emoção que ela dá a Serguei Sarnov.

— Ele ainda respira? — pergunto, enquanto o médico avalia a minha costela. Ela me olha divertida, mas o brilho de desprezo dança em seu olhar.

— Trocarei o oxigênio por vinagre qualquer dia desses, maldito nojento. — Gargalha, beijando meu rosto.

— Você foi a única coisa boa que essa vida me trouxe, me deu a Dora e agora está livre desse inferno.

2019, Lustrera, Novo México.

SOLANGE

Trêmula, caminho pelo aeroporto sentindo meu corpo não corresponder aos meus comandos, Rosita está sentada sobre as nossas poucas malas que estão no carrinho de transporte. Puxo o lenço sobre meu cabelo e abaixo a cabeça. Rosita mexe as mãos rapidamente em minha direção, suspiro sentindo o nó em minha garganta.

— Estou com muito medo, mamãe.

Hesitante, tiro meus óculos ao entregar a documentação a atendente, ela confere meus documentos e os de Rosita e sorri triste, indicando-me o portão de embarque, engole em seco ao reconhecer o homem parado no portão de embarque, ele se aproxima e Rosita se encolhe.

— Fique calma ou levantará suspeitas, senhorita. — Concorde, balançando a cabeça levemente de forma rápida

— *Perdón*, onde está o senhor Matarazzo? — pergunto em um sussurro, enquanto ele nos acompanha pelo portão de embarque.

— Estará esperando vocês no portão de desembarque.

Quando eles conferem meu visto, falam rápido e baixo algo sobre os nossos vistos serem S-5 e S-7[11]. O homem que nos acompanha garante a eles que é apenas transitório, pois as medidas já estão sendo tomadas nos EUA. Olho sem entender, nossos vistos não são permanentes? Engulo em

seco. Quando atravesso o portão rumo ao avião, posso respirar aliviada, pela primeira vez depois de anos.

Dias atuais, Parnoveil, Las Vegas

Seguro o papel trêmula, Rosita está deitada no sofá, dormindo. Ela foi embora, e deixou a minha bebê sozinha.

Meus olhos se enchem de lágrimas.

*"Eu não posso mais! Essa
menina! Perdoe-me filha! Mas
Ramon veio me salvar."*

Somente isso?

Salvar? Salvar de quê? A única pessoa com risco de vida aqui é o meu bebê, mas ela foi egoísta o suficiente para ir embora e nem olhar para trás, deixando o meu bebê sozinha. Do que diabos essa maluca está falando, se ela mesma pediu para morar comigo, agora precisa ser salva?

*"Perdoe-me, precisei pegar o
nosso dinheiro do colchão.
Só me perdoe,
Rúbia, sua mãe."*

Ela assinou a porcaria do bilhete, sem o menor remorso ou culpa.

Mãe. Ela não pode ser chamada assim, nunca mereceu. Tremo de ódio. Um ódio que jamais senti de Rúbia, sim, ódio. Sei que não podia esperar nada dela, mas, no fundo, tinha esperanças que ela fosse mudar.

Assim como ela me abandonou, ela acabou de abandonar minha filha, sua neta, que ela jamais quis.

Por Dios! Nosso dinheiro? Dei tudo a ela desde os meus quinze anos, vendi doces, fiz faxina, fui garçoneiro. Tudo. Para agora ela simplesmente ir embora.

Quando conheci Juan, vi-me liberta, já não precisava pensar em Rúbia primeiro, podia pensar em mim, sonhar em ter uma vida.

Quando me dei conta, eu e Juan estávamos imaginando uma vida juntos. Fizemos planos. Mas quando nos casamos, Rúbia nunca foi a favor, o fato de meu Juan ser feirante no México nunca a agradou. Isso sempre foi óbvio, ela sempre deixou claro quanto estava desgostosa e enchia a boca para dizer que sua filha, sua única filha, cheirava a frutas podres.

Engulo em seco.

Meu Juan, meu coração se aperta de saudades. Minha Rosita tem o mesmo sorriso do pai e os mesmos olhos de coruja do pai, quando quer algo.

O sorriso que balançou meu coração brilhou em minha mente e sempre que ele sorria meu coração parecia que ia sair do peito. Amasso o papel com força, sentindo meu sangue voltar a ferver.

O que eu vou fazer?

Quando cheguei a este país pela terceira vez, minha maior segurança foi comprar esta casa velha. Com o dinheiro da venda de nossa barraca. Não era muito, mas era meu. Juan deixou uma pequena quantia no banco, quantia que Rúbia jamais soube da existência.

Engulo em seco, com uma enorme vontade de chorar. *Por Dios!* O que eu vou fazer? O quê?

Respirei fundo, não posso contar a dona Carmen ou a Bonnie meus problemas, colocá-las em risco. Não conseguirei aguentar, se mais alguém morrer por minha causa. Alguém que eu amo. E meu Deus! Como eu amo aquelas duas mulheres, que me acolheram sem perguntar duas vezes ou levantarem questionamentos.

Fecho meus olhos, Juan sem vida no chão da nossa barraca manchado de carmesim, essa lembrança me faz estremecer. O sangue quente em minha pele, os olhos dele sem vida, assombram-me todos os dias desde que ele partiu.

Juan sequer soube o porquê foi alvejado por tiros. A morte dele, foi apenas o começo. Não foi uma tentativa de assalto, não, não foi.

Foi o início de todo o inferno, as ligações começaram a ser frequentes, flores e mais flores, quando as neguei pude presenciar o inferno na terra. Eu não podia colocar o pé na rua. Ele estava em todo lugar, ameaçando-me e tentando me tocar. Sentia nojo quando suas mãos me tocavam, sentia-me suja e imunda.

Entretanto, para Rúbia era como o início de uma vida de luxo e glória, mas para mim, sempre foi e sempre será um maldito pesadelo, que jamais poderei acordar.

Meu corpo treme de nojo.

Seguro firmemente meu escapulário, que Nossa Senhora de Guadalupe nos proteja. Minha santinha. Nossa Senhora de Guadalupe nos guiou até aqui, quando cheguei à Vegas pela primeira vez, o caminhão foi pego em uma fronteira, não soube como, mas fui devolvida ao México.

Da segunda vez, fiz o certo, mas do jeito errado. Nem eu e, nem Rosita tínhamos os documentos necessários para permanecer em solo estrangeiro. E nem chegamos a embarcar.

Da terceira vez, tive o FBI americano em minha casa me fazendo perguntas, numa manhã de sexta-feira eles bateram em minha porta, interrogando-me e infelizmente tinha as respostas, e assim me dando uma nova oportunidade de vida, Deus colocou um anjo em nossas vidas. Sebastian, Sebastian Matarazzo. Não sabia como, mas eles queriam saber tudo sobre os cartéis, não tinha muito conhecimento, mas o pouco que eu sabia, foi o suficiente para levá-los até à pessoa que eles procuravam.

Mas depois de duas semanas instaladas na nossa nova casa, ela apareceu. Rúbia apareceu duas semanas depois me ligando, alegando que não foi capaz de se manter no México e quase foi morta. Meu coração me dizia para não confiar nela. Ela nunca me deu mais que um teto na cabeça. E quando eu mais precisei, ela se recusou a me ajudar.

Contudo, a acolhi, em minha nova casa, a pequena casa de dois andares, no final da pequena cidade de Parnoveil que fica nos redores de Vegas, além de ser pitoresca é segura. Minha casa é a última da pequena periferia da cidade, o lado mais pobre. Embora eu não precise caminhar muito até o La Carmen, em vinte minutos estou no centro da pequena cidade.

Quando cheguei aqui, o plano inicial era alugar a pequena casa do senhor Freeman, porém, dois dias depois ele me fez uma proposta, com o valor exato que tinha na minha conta bancária, quinze mil dólares. Nem menos, nem mais. Exatos quinze mil dólares.

Naquele momento, tive certeza que esse seria o meu lar, infelizmente Rosita ainda não pode ser matriculada no primário – aqui chamado de Preschool, não pelas regras do programa, Rosita tem dificuldades de se comunicar em inglês, por isso na maior parte do tempo nos comunicamos em espanhol e na língua dos sinais[12]. O governo disponibiliza material didático para que eu alfabetize Rosita, já que isso está nas diretrizes do programa de proteção à testemunha.

A frase nem todo surdo é mudo e, nem todo mudo é surdo, se encaixa a nossa pequena família de dois.

Minha maior dificuldade, foi fazer com que Rosita falasse as palavras sem escutar. Rosita além de ser tagarela, adora fazer uma arte para a sua pouca idade. Quem a vê sequer consegue imaginar sua deficiência. Eu me vi sozinha, Juan não acreditava que conseguiria fazer nossa filha falar com as mãos e que ela nunca poderia ser uma criança normal, mesmo amando nossa filha, ele tinha medo por ela, dizia que não deveríamos colocá-la em uma escolinha, já que gastaríamos dinheiro à toa, e, provavelmente, ela seria humilhada. Passei madrugadas em claro aprendendo a língua dos sinais com videoaulas na internet, Juan não sabia que fazia, já que era a forma mais viável de ensiná-la a ler os lábios das pessoas, mesmo ainda tendo muita dificuldade Rosita consegue ler os lábios de quem fala com ela devagar, quando finalmente consegui fazê-la ler e escrever tive a certeza que tinha cumprido minha missão e com o dinheiro que mantinha escondido de Juan, coloquei-a em uma escolinha, no começo ele foi irreversível, mas aceitou com o tempo que ela poderia se comunicar e ter uma chance de estar com outras crianças. Rosita conseguia usar a língua dos sinais com suas dificuldades e limitações, mas ela é capaz.

Ensinei a ela a usar o sininho, as vibrações da sua garganta, que são como pequenos sinos, se ela quiser falar alto ela grita, mas coloca a mão na garganta para ter certeza do quão alto está falando. Tudo que pude ensinar a ela eu fiz, e muitas vezes sua deficiência auditiva passa despercebida pela maioria das pessoas, afinal, quando ela não pode se comunicar ou tem medo, ela se mantém em silêncio.

E com apenas quatro anos minha filha aprendeu a ler e escrever, e principalmente a se comunicar na língua dos sinais, a alfabetização precoce dela gerou dúvidas na escola, a hipótese de ela ter hiperlexia[13] foi levantada, mas eles perceberam que, na verdade, fui eu que desenvolvi tudo com ela, por medo dela não ser tratada de uma forma igual.

Olho para Rosita e me aproximo do sofá. Vejo alguns pacotes de salgadinhos vazios e um copo de suco pela metade. Algumas balas e um chocolate mordido.

Sento-me ao lado dela no sofá e toco seu pequeno rostinho de boneca. Como uma obra-prima, Rosita será sempre o elo entre mim e Juan no céu. Olho para as fotos dele na estante, sorrindo, com Rosita em seu pescoço.

Mas quando Rosita completou cinco anos, vi-me explicando para ela que agora seu pai é uma estrela no céu e que ele jamais voltará para colocá-la para dormir, para fazer monstros e Safari com ela.

Com apenas cinco anos, vi minha filha se ajoelhar na lápide do pai, e perguntar a ele o porquê ele a deixou. Por qual motivo não voltará para cantar os parabéns a ela e terminar a história do Leão solitário.

Juan Flores Pérez, foi brutalmente assassinado no dia em que a filha completou cinco anos. E naquela manhã quando ele foi ao quarto de Rosita, ele prometeu voltar e contar a ela o fim da história do Leão solitário depois, porém, ele não voltou.

Em cinco meses vi minha vida ruir, tudo desabar. Vida essa que sempre sonhei, ficar somente em meus sonhos. Somente na minha memória. Se fechar os olhos, sou capaz de reviver cada cena, posso sentir o cano gelado da arma em minha nuca, o sangue quente e o olhar sem vida de Juan.

Mas não me importo mais, preciso apenas proteger Rosita.

— Por que está chorando, mamãe? — Rosita acorda e se levanta rapidamente. Ela esfrega uma mão na outra e passa em meu rosto. — Yo juro

que no mexi no relógio. — Ri, e espanto minhas lágrimas.

— Eu te amo, mocinha. — Sorrio beijando a pontinha do seu nariz. Respiro fundo. Eu preciso saber se Rúbia disse algo a ela. — Sabe onde está Rúbia? — pergunto devagar, como de costume, usando nossas adaptações para a nossa comunicação.

— No voltou? — Ela olha para fora e percebe que já estava escuro. — Ela disse que ia comprar pão. — Engulo em seco. — Ela demorou e fiquei com fome. — explica, apontando para a própria barriga. — Minha barriga roncou. — Sorri, e mexe as mãozinhas.

Meu ódio triplica, a maldita disse a ela que foi comprar pão.

Sinto-me miserável, a mesma coisa que meu pai me disse quando tinha a idade de Rosita. Que ia comprar pão. O maldito foi comprar pão, e nunca mais voltou. Abraço minha filha. Ela sabia que sua atitude me machucaria. Rúbia sabia.

Beijo seus cabelos.

— Que tal pizza? — pergunto, sentindo minha garganta seca.

— Podemos colocar brócolis? — Finjo fazer uma careta, ela cruza os bracinhos brava e faz beicinho.

— Estou brincado. — Beijo seu rosto. — Sempre vamos colocar brócolis. — Pisco. Ela coloca a mão na garganta enquanto sorri e sorri mais, sempre achando graça da própria risada.

— Os sininhos tremem — Rosita diz, e ri.

Olho para ela, e se Deus me escolheu para ser sua mãe, a ele prometi no dia que descobri sua deficiência, que jamais falharei, sempre serei seus ouvidos.

Pois ele sabe, que com as suas limitações ela sempre será perfeita. Sempre serei seus ouvidos e ela? Sempre será a minha felicidade, meu sonho realizado que ama pizza de brócolis.

Moscou, Rússia.

Meses antes...

IVAN

— Sorria, *papa*. Vamos, *papa*... — Ela junta os cantos dos meus lábios e estica e antes que ela fale algo, pego-a jogando para cima, fazendo-a dar

um gritinho fino. — AH... — Acabo rindo e colocando-a no chão.

— Você está sorrindo, *papa*. O sorriso mais bonito do mundo. — Abaixo-me a sua altura, ela beija meu nariz.

— Sem babar, querida. — Ela fez a mesma cara de *babushka* e suspira, fazendo-me gargalhar.

— Eu amo você, não vai me deixar mais, né? Vamos ficar com a *babushka* para sempre, não é? — Só consigo sorrir e não digo mais nada.

— Vamos à casa de espelhos, por favor?

Babushka me fez trazer Dora ao parque com a desculpa que preciso me divertir mais, mas, na verdade, sei que ela receberá os Sarnov em sua casa.

— Querida? Você tem dois ursos, um algodão e um balão. — Carrego todos os presentes dela, fazendo-a rir ainda mais, a risada gostosa vibra em meu peito.

— Vamos... Vamos à casa de espelho e prometo não pedir mais nada até o final do dia. — Pisca e corre em direção à casa de espelhos, reviro os olhos seguindo-a, carregando suas bugigangas comigo. — *PAPA?* — O grito estridente dela corta o parque cheio. Solto a merda dos brinquedos, os gritos dela ficam cada vez mais altos. Sou capaz de ouvir os tiros dos seguranças de Svetlana e tudo começa a rodar, meu corpo começa a convulsionar e ouço os gritos cada vez mais longe.

Dias atuais...

O vento frio bate contra meu rosto, sinto o nó em minha garganta doer, as lágrimas são incapazes de descer, mantenho-me ereto segurando a rosa negra. Svetlana as amava, ela dizia que elas florescem vermelhas e com o passar dos dias elas vão escurecendo, e quando ficam carmesim, quase negras elas simplesmente murcham. Giro a rosa nos dedos, quando eles notam minha presença ouço vários cliques, levanto meu olhar do chão notando as armas apontadas em minha direção, caminho em direção ao caixão preto adornado em ouro, fechado, sentindo-os se virarem em minha direção, passo no meio das cadeiras da família, vejo Ivo menear a cabeça em direção ao Brigadier e ele sinalizar, as armas são abaixadas, toco a foto ao lado caixão. Sorrio para foto.

— Escolheram seu pior ângulo, não é, *babushka*? — Ela não sorria para foto e distraída, ela estava perdida, o que deixava a foto sem vida alguma, ao contrário da mulher cheia de vida que odiava Serguei Sarnov e tudo que ele representava. — Faça o inferno se arrepender de tê-la levado.

Deixo a rosa sobre o caixão e saio daqui vazio e sem mais nada. Sem mais absolutamente nada. Começo a andar sem rumo entre as lápides, e paro em frente à lápide branca com detalhes em ouro, fico de cócoras ao lado tocando a pedra fria.

Neve cobre a lápide vazia, passo meus dedos sobre a pequena foto e sobre a placa, fazendo dos meus dedos ainda mais gélidos.

Dorotéia Adamovick Sarnov.

★ 12.02.2015

+ 27.08.2019

"O ANJO MAIS DOCE E PURO QUE
JÁ PISOU NESSA TERRA, DESCANSE
EM PAZ, PEQUENA DORA, FILHA
AMADA, NETA ILUMINADA, ALUNA
DEDICADA E ACIMA DE TUDO O
ANJO QUE CEDO FOI LEVADO, MAS
EM BREVE SERÁ ENCONTRADO."

Ela não está aqui, meu anjo foi encontrado longe de casa. E não fui eu que encontrei, a maldita promessa que fiz, foi quebrada.

Não fui capaz de proteger meu anjo, e nem de encontrá-la. Seu rosto está estampado em cada poste do país. Certifiquei-me que todos soubessem que estou à sua procura.

O maldito mundo da máfia dorme. Ninguém sabe sobre a minha pequena Dora. Ou fingem que não sabem. Olho para lápide.

Eu vou trazê-la para casa, meu anjo. Faço mais uma promessa, abaixo-me ao lado da lápide e sinto as lágrimas que por quase um ano

segurei, descerem.

Não fui capaz de proteger minha filha da própria mãe. A neve que segurava se tornou, apenas uma água gelada em minha mão quente.

As fotos do pequeno corpo violado me atormentaram pelos últimos malditos dias. Já não era mais a minha pequena Dora, e sim apenas um pequeno corpinho violado que a natureza levou de volta.

Quando me levanto, viro-me para sair, vejo Ivo parado em sua cadeira de rodas, seu segurança segura um guarda-chuva impedindo que a neve fina o atinja.

Ele balança a cabeça, aproximo-me dele.

— Garoto? — Solto um riso pelo nariz.

— Olá, Pakhan.

— Você a achou. — Gargalho, colocando a mão no bolso da jaqueta de couro.

— Fico lisonjeado, mas não foi graças a você... — Viro-me para sair.

— Ainda me deve respeito, garoto.

— Hoje a única pessoa que teve a honra de ter meu respeito se foi. — De costas a ele, declaro. — Eu implorei, Ivo. Você me virou as costas, virou as costas à minha filha, filha que você afastou de mim por um ano. Mas esse era o preço, não é? Lutar por um ano, e se eu não morresse no final você decidia se me matava ou não, não é? — pergunto.

— São regras, garoto, e elas valem mais que qualquer sangue que seja derramado, inclusive o seu se for preciso.

— Sem ameaças, pois se elas forem como as outras você terá mais uma cabeça em sua mesa, assim como último que me ameaçou. — Viro-me para ele.

— Volte, meu garoto, assumo o que é seu por direito, esqueça essa garota, ela já está morta mesmo, esqueceremos tudo e você vai assumir meu lugar. Perdoaremos todas as suas transgressões.

— Vai precisar me matar e arrastar meu maldito corpo de volta. Não tenho mais nada, queria me ver morto, não é? Você conseguiu. Mas se atravessar meu caminho novamente vou fazer mais do que fiz da última vez.

Quando termino de falar, a porta do carro é aberta. Não vejo ela, há mais de dez anos.

— Filho... — A elegância da dama de Ivo Sarnov continua intacta. Mesmo com a maquiagem borrada pelo recente choro, minha mãe continua inabalável. Os cabelos negros penteados de forma milimetricamente perfeita, o pescoço adornado em joias, e o casaco de pele, fazem dela uma verdadeira Sarnov.

— Olá, Kira. — Mesmo seu olhar me mostrando decepção ao ser chamada pelo nome, seu rosto continua duro e impassível me fitou, mesmo com algumas emoções a dama de Don Sarnov, sempre será uma mulher que sabe seu lugar ao lado do Pakhan.

— A que devo a honra a ser chamado de filho? — pergunto, debochado.

— Se sair desse país, eu não terei poder para *te* proteger, Ivan. Mas se atravessar meu caminho novamente vou fazer mais do que eu fiz da última vez. — A voz de Ivo é categórica. — Eu já fiz muito, mantendo-lhe vivo.

— Fico emocionado, na verdade, grato pelas vezes que você quase me matou.

— Você é um Pakhan, Ivan. — Gargalho.

— Você acabou de rezar uma missa, agora quer dedicar uma prece a São Nicolau? Eu lhe traí, fodi uma de suas amantes. — Tiro minhas mãos dos bolsos e abro a jaqueta, tiro um cigarro, o nojo no olhar de Kira vem acompanhado de um olhar de desprezo, ela sente tudo isso por mim, mas Ivo é seu grande pau de ouro.

— Não me faça repensar sobre sua cabeça, garoto. — Ele não responde a minha provocação e me ameaça, um de seus bykis [\[14\]](#) dá um passo em minha direção.

— Tente, o que é mais uma tentativa de morte para quem já não está mais vivo. — Dou de ombros. — A Bratva ruirá.

— Não me ameace, garoto. — Solto um riso pelo nariz, e dou de ombros.

— Uma constatação, Ivo.

— Se pensa em me matar, certifique-se de que eu exploda pelos ares. Pois, senão o próximo ficará igual ao último, espetado e assado na sua mesa de jantar, queimará vivo e você vai assistir.

— Maldito. — Escuto o click, e sinto o cano frio da arma contra minha nuca.

— Continua jogando sujo, Ivo? — sondo, a ironia escorre pelas minhas palavras, sentindo o maldito atrás de mim, forçar a arma. — Se eu fosse você atirava, porque se me virar você vai engolir cada bala. — Sinto o ar mudar e o byki se afastar. Sei que quando byki sair daqui ele morrerá, o olhar de ódio de Ivo me faz sorrir.

— Um verdadeiro Sarnov. — A voz baixa de Kira me irrita, respiro devagar, sentindo minha têmpora doer. — Um verdadeiro Pakhan. — Os olhos de Ivo brilham perigosos, maldito.

Saio andando. Mas antes de chegar ao portão, viro-me e faço uma breve reverência. Usando a língua que Ivo Sarnov mais abomina.

— Arrivederci. — Meu italiano impecável faz Ivo Sarnov praguejar em alto e bom som.

Amaldiçoando o que será suficiente para minha próxima encarnação.

E antes de pisar na maldita Las Vegas, há algo que devo a Svetlana Sarnov, devo a ela uma visita a Serguei Sarnov.

Parnoveil, deserto de Mojave, em Nevada.

Dias atuais...

Passo meu corpo pela passagem estreita, sento-me na janela me segurando no ferro e observo Dominic Maldonado[15]. Assim que cheguei à Vegas, meu primeiro destino sem paradas foram os Anjos do inferno.

— Eu juro que se entrar novamente sem fazer um maldito barulho, posso enfiar uma bala na sua testa, Sarnov. — Desço meu corpo pela viga escorada na parede. Sorrio, quando ele se vira. Tiro meu capuz e saio do escuro.

— Nah.

— Não brinque, Ivan.

— Sabe que não brinco, Maldonado. Sabe muito bem o que quero. — Minha voz sai grossa e enrolada.

— Tempo, Ivan, tempo. — Ele desce da esteira e cruza os braços. — Deus não criou o mundo em sete minutos.

— Eu não acredito no seu Deus, não mais.

— O que faz aqui, Ivan? — Descobri quem ele é, Taylor Cookie. Sorrio.

— Eu quero ele.

— Ele não é o único, Ivan, se matá-lo não chegará até ela, Ivan. Eu mesmo já quase o matei. — Gargalho, chegarei até Tamara Thompson nem que leve minha vida inteira nessa empreitada, mas farei questão de arrancar tripa por tripa da maldita mulher, e colocá-las de volta com ela acordada.

— Entre na fila. Ele é meu. A maldita é minha. — Meu pescoço dói, ficar horas no maldito avião com escala direta, literalmente, fodeu-me.

— Nós não vamos entrar na fila, Ivan.

— Nós?

— Tudo no seu tempo, seja esperto, Ivan.

— Eu não tenho mais nada. — Dou de ombros. Eu realmente nunca tive nada além de Dora.

— Quero que volte pra casa. — Gargalho, o que ele vai fazer quando descobrir que sua casa agora é meu lar, e que vou deixá-lo do jeitinho que quero, à moda russa?

— Casa? Seu país, minha casa agora. — Minha voz arrasta duas oitavas mais baixas.

— Ivan. — O tom de advertência fica evidente, com um tom de ameaça velado.

— Não lhe tarei problemas. Todo meu maldito dinheiro, não serviu para nada, a maldita fama no meu maldito mundo — acrescento. Ele acende um cigarro e me oferece, nego pegando meu próprio no bolso e acendo-o, tragando a fumaça com força.

— Você lutará pra mim, Ivan, aprenderá como as coisas são feitas no meu mundo, não no seu. — Eu saí de uma maldita rinha de pit bull para entrar em uma rinha de galos. — Sua maldita vingança custará um preço, Ivan.

Blá-blá-blá. O maldito sabe ser sentimental a ponto de quase me convencer que esse maldito não é o próprio inferno na terra

— Trabalha pra mim agora, Ivan. Você tem cinco minutos para me provar que não estou errado.

A porta do galpão é aberta, continuo parado, vendo várias armas serem apontadas em minha direção.

— Conheça sua família, Ivan. Suba lá e me mostre que merece o maldito lugar ao meu lado, caso contrário saia e esqueça a maldita vingança. Meu território, Ivan. — Ele aponta para o tatame como um maldito rei. — Ou você luta e faz parte, ou sai, Ivan. Sem a porra da sua vingança. — Dois dos homens que estão no bando entregam os revólveres a outro deles e ambos arrancam a camisa.

— Dois? — Rio, apago o cigarro e jogo no chão. Chuto a bituca, tiro meu moletom, pesado e molhado, e a camisa de uma única vez.

— Eu não disse que seria justo, Ivan. — Ele me olha de igual para igual e seu ar soberbo e inabalável fica visível, quando realmente percebo que ou faço o que esse maldito quer e consigo sua lealdade, ou ele vai simplesmente me descartar. — Mostre-me o que o Don Sarnov é capaz de fazer. Sem regras. Vocês não vão se matar, é uma ordem. Respeito, Ivan. Não somos seus inimigos. Aprenda a usar portas, seu maldito. Eu sou o único que entra pelas janelas, seu desgraçado. LUTEM.

Meu sangue ferve, foi como se um maldito gatilho fosse ativado. Explodo, e antes que eu me dê conta, minha mão está na garganta do cara maior e meu punho socando seu rosto, sinto o chute em minhas costas, minha costela estala, os caras riem.

Os gritos dos malditos homens me fazem ferver ainda mais de raiva. Eles batem na beirada do tatame com socos e gritos.

O sangue jorra do meu nariz quando um deles soca meu rosto, cuspo o sangue no tatame.

— Precisa cuspir? — um deles questiona.

— Às vezes eu me pergunto se você é fresco ou se faz, Corvo[16]. — O outro cara sorri. — Você acabou de comer um hot-dog do Bazuca.

Quem diabos é bazuca?

— Não vai continuar, Passarinho? — provoco. Ele dá de ombros.

— Carniça[17], ele é todo seu. Esse bosta chutou meus ovos, não se chuta os ovos de um homem. Você é baixo. — O Passarinho levanta as mãos para o alto e abaixa limpando o sangue que escorre do seu supercílio.

— Dom? — A carne podre questiona, Dom me olha sem demonstrar nada.

— É só isso, Dominic? — questiono.

— É. — Dá de ombros. — Só queria ver seu rostinho de ator pornô fodido.

— Vocês não lutam?

— Claro que não. Acha que somos o quê? Animais? — o passarinho diz.

— Você é de onde, porra? Somos uma família — a carniça ambulante protesta.

— Rússia — respondo, sentindo-me incomodado. Família. Balanço minha cabeça.

— Eu lhe batizo: Russo, a gazela valente. — Maldonado balança seu cigarro no ar, como se estivesse me benzendo. — Galo de rinha oficial. — Ele gargalha. — Sempre quis saber como era ter um cachorro de briga.

Dominic sorri, sendo acompanhado dos caras.

— Vá se foder. — Desço do tatame e paro à frente dele.

Ele cospe na mão e estende para mim, faço mesmo. Aperto sua mão.

— Bem-vindo à família.

— Precisa cuspir? — o Passarinho pergunta do chão.

Alguém lança uma luva de box na direção que o passarinho está, deitado no chão ele recebe uma *luvada* na cara.

— A ave que come pelo de saco do Bazuca, reclamando do meu cuspe. — Carniça chuta o cara no chão. — Deixa de ser fresco.

— Sarnov? — Alguém me chama e quando me viro simplesmente jogam cerveja na minha cara, fazendo meus machucados pegarem fogo. — Bem-vindo aos Hell's Angels, Matrioshka.[18]

Esse porra me chamou de boneca?

Capítulo 3

“Alerta, perigo!”

“Por que você tem amor para partir meu coração

Por que você está me deixando tão difícil

Oh! Seus maus caminhos!

Oh! Seus jogos perversos

Você é mau

Você sabe que você é meu pecado mortal

Porque você sempre me faz querer deixá-lo de volta”

Wicked Ways

Everybody Loves an Outlaw



IVAN

Entro no bar de Dominic, meu estômago ronca de fome. Minha noite maldormida me fez ir ao inferno, mal fechei os olhos e vi Dora, pedindo-me ajuda. Minha boca está amarga feito fel, meu corpo está transpirando, o maldito calor já começa a me incomodar, fazendo suor brotar pela minha testa, meus cabelos estão molhados do recente banho, incomodando-me ainda mais. O maldito cheiro de sabonete está fazendo meu nariz coçar, aluguei um quarto em um motel na beira da rodovia apenas para tomar um banho e porra, não adiantou de nada, pois o maldito calor infernal parece triplicar.

Sento-me no bar de Dominic, sinto minha boca latejar, balanço minha cabeça tentando espantar os malditos pensamentos e o maldito cansaço. O bar de Dominic Maldonado embora seja uma espelunca, é uma espelunca exótica.

Há algumas bebidas que jamais vi na vida na enorme prateleira.

— Precisa de um lugar para ficar? — A voz do passarinho me chama.
— Qual é? Você não precisa ser um bundão, filho da puta, eu vi que passou a

noite no carro, na rua de trás e recorreu ao motel da Lis para uma ducha. — Mantenho-me quieto. — Vamos lá, olhe... Eu já fui um fodido quando cheguei aqui. Então quer um conselho? Não seja um egoísta, filho da puta. Somos uma família, cara, seus inimigos não somos nós, mas seus inimigos são os nossos inimigos também. Eu sou observador, cara. Vamos lá, fale algo.

— *Da* — resmungo baixo.

— Traduz, Russo.

— Sim, rouxinol — digo, fazendo ele revirar os olhos.

— O que faz aqui tão cedo? — respiro fundo, o maldito parece que não vai desistir.

— Minhas costas doem, e preciso tomar café.

— Fazendo amizades, Russo? — Fico na mesma posição, a banqueta ao meu lado é puxada. — Bom dia, Matrioshka. — A carne podre empurra meu ombro.

— *Dobroye utro, tukhloye myaso* — protesto, fazendo o passarinho gargalhar, e uma voz robótica invade o ambiente.

— *Bom dia, carne podre.* — A voz da mulher do tradutor fala, fazendo os dois gargalharem.

— Me diz se você é assim mesmo, ou essa cara de bunda de velho é sua mesmo? — Corvo pergunta me olhando de forma desdenhosa.

— Você não tem o que fazer? — questiono.

— Ter até tem, mas eu não estou a fim, irritar uma Barbie russa é mais empolgante do que ficar de vigia.

Viro-me, e antes que consiga responder, um maldito arrepio sobe por toda minha espinha parando no pé do meu cabelo, meus olhos vão para a pequena coisinha cheia de curvas do outro lado da rua, a pele dela parece resplandecer, brilhar.

Porra, jamais vi uma mulher como aquela, ela está rindo, tentando puxar um saco pesado de dentro de um mini caminhão.

Ela faz uma dancinha, balança a bunda que, porra, está apertada e quase rasgando um jeans que parece dois números menores que o dela. Ela está vestida com uma camisa de gola branca e usa um avental, não consigo

ver seus cabelos, pois estão presos a uma touquinha de confeitiro. Ela tem o corpo volumoso, cheio de curvas, uma barriguinha saliente que mesmo de longe parece macia, as coxas grossas forçam o jeans dela, o rosto parece que foi desenhado, as bochechas cheias, o sorriso brilhante e os lábios carnudos.

Ela puxa o saco com força balançando a bunda, mordo o interior da minha boca, imaginando minha mão espalmada na bunda dela. Macia e firme, enquanto meu pau desliza pra dentro dela.

Porra, há mais de dois anos que sou incapaz de me interessar por alguma mulher, meu peito dói, minhas mãos suam, trazendo um sentimento desconhecido há muito tempo correr em meu cérebro, ela sorri e porra, é o sorriso mais doce e sincero que já vi. E o sorriso nem é para mim, é para um maldito saco.

— Quem é ela? — Minha voz soa grossa, e uma oitava mais baixa. Os dois me olham e depois trocam um olhar entre si. Ignoro os dois e volto meus olhos a pequena coisinha succulenta do outro lado da rua.

— A Sol? — O passarinho pergunta. — Porra, não precisa rosnar — Corvo diz erguendo as mãos na defensiva.

— O nome dela é Solange Esposito, Matrioshka.

— Solange. — O nome açucarado sai pelos meus lábios.

— Sol para os mais íntimos. Certo, devagar forasteiro. — Ele ergue as mãos para o alto.

Antes que pronuncie algo, meus olhos se voltam a vitrine, o saco que ela tenta puxar simplesmente arrebenta, partindo-se ao meio.

Uma névoa branca se forma em volta dela, ela tenta se equilibrar, mas escorrega no que parece ser açúcar.

Ela sorri, assoprando o açúcar e se levanta, passando a mão freneticamente na bunda, ela dá uma voltinha e gargalha balançando a cabeça, ela parece falar um palavrão e coloca a mão sobre a boca de forma engraçada, como se estivesse se recriminando.

— Aonde vai, Russo? — O passarinho pergunta.

— Tomar café.

Saio pela porta, colocando meus óculos, ouço os dois gargalharem dentro do bar, reviro meus olhos.

Abro a porta do pequeno café e um cheiro delicioso invade meu nariz. Sigo até o balcão, as duas mulheres, conversam e riem de forma animada, depois de perceberem minha presença ambas me olham.

Mas o que prende meu olhar, e faz minha boca secar é ela, ela parece ter saído de um livro, a pele negra reluzente, chama por mim, minhas mãos formigam de vontade de tocá-la. Acariciar sua pele. E ouvi-la sussurrar meu nome. E eu sequer ouvi sua voz, porra.

— Café. — É o que sai, estou me assemelhando a porra de um adolescente, prestes a trepar pela primeira vez. Engulo a vontade de falar com ela.

Porra, esse não é o meu maldito objetivo. A forma delicada com que ela prepara o café, é a coisa mais erótica e deturpada que já presenciei.

Porra, estou sexualizando uma mulher fazendo um café, e porra que mulher.

Quando ela se vira, e me encara pela primeira vez, tenho vontade de rir. Os olhos escuros, brilhantes estampam um delicioso alerta. Alerta, que eu sou o perigo.

— *Permiso.* — Ela pede licença, e sequer espera uma resposta, ela entra na cozinha e fecha a porta.

Olho para a mulher petulante e orgulhosa à minha frente, o olhar cheio de si, cheio de vida, chama minha atenção.

A mulher do Maldonado.

A mesma aura petulante e irritante que Maldonado tem, sua mulher transmite no olhar.

— Senhorita Portman? [\[19\]](#) Ivan Sarnov — digo baixo, olhando para a porta que a pequena mulher entrou.

— M-mais alguma coisa? — ela pergunta de forma polida, sorrio internamente, a confeitadeira, está protegendo uma das suas.

Leal, até o último fio de cabelo, a mulher de Maldonado provavelmente vai me socar, se descobrir o que eu tenho em mente, com a sua pequena ajudante.

Provo o café, e porra, o melhor café que tomei em minha vida, um pouco amargo demais, mas, porra, um leve toque de cacau, sutil e suave,

bem no final do sabor me faz imaginar, o que mais essa linda mulher sabe fazer de forma perfeita.

— *Diga a bunda doce, falta açúcar* — digo, entre engasgos mal mantendo o idioma. Mas que porra está acontecendo? Eu mal consigo dizer uma palavra sem querer me esfregar na pequena mulher, meu sotaque arranha minha garganta.

— A-algum problema, senhor? — Primeira vez que ouço sua voz, sem ser um mero sussurro, a voz doce, mas firme, sorri. A carinha de inocente, não faz jus ao olhar quente que ela me lançou. Mordo o interior da minha boca, sentindo o gosto de ferro. Porra, subo meu olhar pelo seu corpo cheio, voluptuosa, ela respira com dificuldade. Segurando firmemente seu pano vermelho, provavelmente me enforcando mentalmente com ele.

Sorrio minimamente, o pano será perfeito para amarrar suas mãos enquanto eu a fodo, segurando firmemente na amarra, fazendo seus seios pularem e balançarem, crispo meu olhar, os seios fartos estão praticamente explodindo no sutiã, imagino minha boca, sobre eles, fazendo-a revirar os olhos.

— Ivan. — Solto, para que ela tenha ciência com quem está falando.

— Algum problema, senhor? — Sinto a veia em minha testa pulsar.

— Nenhum, senhorita Esposito. — Ela gira em seus calcanhares e sai correndo, de volta, para seu esconderijo.

— Com licença. — Olho para mulher do Maldonado, ela fez uma careta e sai, provavelmente para ir ao banheiro.

A porta da cozinha se abre, e a linda mulher sai de lá com uma bandeja maior que ela.

Ela me ignora com sucesso, como se estivesse sozinha, volto a bebericar meu café.

— A cordialidade é a alma do negócio, Raio de Sol — provoco, fazendo-a parar o que está fazendo. O escapulário em seu pescoço brilha. Ela me encara crispando os olhos e dá um sorriso de lado, como se eu fosse uma alucinação da cabeça dela.

Ela simplesmente se vira e volta a fazer seu serviço.

— Creio eu, que a senhorita realmente vai me ignorar, não é, amor? — debocho, ela revira os olhos.

— ¿Necesitas algo más? — O sotaque carregado dela faz um maldito arrepio subir pelas minhas costas, meu pau protesta em minha calça.

Meus olhos vão para seus lábios carnudos, dou a ela o meu melhor sorriso, fazendo-a dar um passo para trás, de forma lenta.

— Necesito de muitas coisas, Raio de Sol — digo, pausadamente, mas para minha surpresa ela não reage como imaginei.

— *No hablo tu idioma.* — Arqueio a sobrancelha para ela, sorrio de lado. Mentirosa!

— Russo, com toda certeza não, Raio de Sol — brinco, ela sorri vitoriosa.

— *No? Pero hablo sua língua e hablo muy bien.* — Ela arregala os olhos e morde os lábios. Levanto-me e enfio a mão no bolso jogando alguns trocados em cima do balcão.

— Eu sei muitas línguas, Raio de Sol. — Inclino-me sobre o balcão. — Inclusive a língua que fará você ficar molhada. — Gargalho, quando ela inconscientemente cruza as pernas, sorrindo pisco para ela.

Não sei que porra estou fazendo, mas se isso fará dos meus dias nesse maldito fim de mundo mais excitante, vou ter o prazer de ir aonde essa latina quente quiser me levar.

SOLANGE

A palavra perigo brilha em minha mente, meu coração dispara. Minhas mãos suam e tremem. Coloco a mão sobre o peito, voltando para cozinha, encosto-me na porta.

Fecho minhas pernas com força. Sinto-me pulsante e úmida, a voz dele despertou coisas em mim, já adormecidas.

Engulo em seco, minha mente em alerta, cria um letreiro gigante em minha mente, perigo! Perigo!

Não me lembro de já ter visto um homem como ele, quase da altura da porta, esguio e sexy, os olhos na cor caramelo, contrastam de forma incrível com o cabelo negro, muito quente. O sotaque carregado é forte, nunca ouvi nenhuma voz assim. Russo.

Por *Dios*! O homem é russo!

O homem é uma maldita montanha-russa, ele exala a sexo, sexo cru, bruto. Suando, respiro com dificuldade, as tatuagens em sua mão, são um convite ao perigo para o que há dentro da jaqueta de couro.

Trêmula, pego a bandeja de rosquinhas de coco.

— Ele deixou vinte dólares por uma caneca de café que custa dois? — Ela me pergunta, balançando a nota.

Empurro a porta com a bunda, dou de cara com a voz de Boo, ela está pálida. Sim, o bebê realmente é filho do pai dele, o bebê está varrendo o inferno fora dela, de forma nada gentil, como um pequeno Maldonado.

Mesmo ela estando triste, sempre que falamos do nosso pequeno mascote, ela sorri, vê-la chorar por Maldonado, faz-me sentir cada vez mais ódio por ele.

Homem burro, ignorante e cego, a sua família está indo embora e ele está pagando a passagem, e o pior, só de ida.

Termino de colocar as rosquinhas no display da vitrine.

— Você gostou dele, não é? — as palavras dela me pegam de surpresa.

— *Yo no* — minto, fazendo-a rir.

— Ele é bonito — ela comenta, minhas bochechas pegam fogo.

— E perigoso. Se ele reclama do meu café na minha cara, enfio o açúcar no outro olho dele. — Meu corpo treme de nervoso, mas logo é substituído por um ódio, ela gargalha, fazendo-me revirar os olhos.

— Seu café é incrível, bunda doce. — Bato com o pano de prato nela.

— *No me llames...* D-de bunda doce, bombom. Acho que ele bateu em alguém — digo, constatando pelos ferimentos em seu rosto.

— Ou apanhou.

— Ele não tem cara de quem apanha. Isso foi seu estômago? — Sorrio.

— Sim. Esse mini encenqueiro vai me deixar louca.

— Vai piorar. Ele é filho do Maldonado, espera o quê? No mínimo ele vai sair de você aprendendo a pilotar uma Harley — comento o óbvio, ela concorda comigo.

— O que será que a velha está aprontando? Você sabe, sua bruxa. Volte aqui e me conte. — Não posso contar a ela, sobre a surpresa que abuelita[20] está preparando.

— *Yô no* sei de nada, sou um túmulo. — Ergo as mãos para o alto, fazendo-a rir.

— Traidora. — Boo me ameaça com uma colher de metal.

— Seus cannolis estão prontos, chefe. — *Yô* digo sorrindo para o delicioso cheiro de canela que envolve o ar, sinto o cheiro de canela fresca ainda mais forte, e abro o forno com cuidado.

— Vá lá, bunda doce. Eu termino por aqui e de quebra faço uma boquinha depois.

— Bunda doce o meu rabo, Bombom — reclamo, voltando para frente da vitrine.

Tenho a sensação de estar sendo observada, olho para fora e vejo o enorme russo parado, encostado em uma das motos de braços cruzados, olhando diretamente para mim, engulo em seco.

Preciso ficar longe desse homem, o mais longe o possível.

IVAN

Ando pelo corredor gelado.

— Tem certeza que quer fazer isso cara? — o passarinho pergunta.

Respiro fundo, o maldito pardal pulguento realmente está empenhado em ser minha sombra, contra minha própria vontade, é claro.

— Quero me despedir. — Minha voz embola, e sem querer acabo enrolando meu idioma com o seu.

Porra, posso ser um filho da puta e mandar esse maldito pombo de praça para a puta que lhe pariu, mas inferno, embora esse intrometido seja um puto inconveniente, sei que vou poder contar com ele.

Ele me leva até a pensão que ele mora, e quando estou instalado, saio do quarto e ele está na porta dele pronto para cuidar da minha vida.

— Inferno de lugar gelado — reclama.

Olho na ficha que peguei na recepção.

— Eles não se importam com quem entra ou sai daqui? — pergunto, ele empurra a porta número sete e me dá passagem.

— Ao que parece não. — Vólto a olhar na ficha.

Quando chego ao necrotério, os documentos de liberação do corpinho do meu anjo já estão prontos. Eles mal se importam em saber se realmente sou pai dela. Só me entregam vários papéis para que eu assine simplesmente, dão dois crachás de acesso à sala de indigentes e desaparecidos.

— Quer mesmo fazer isso? — ele questiona, parando em frente à caixa onde meu bebê está.

— Eu preciso, preciso ter a certeza que a encontrei — digo, começando a sentir meu corpo querer falhar.

Meus olhos ardem e ele me dá passagem, encosto a cabeça no metal frio da porta.

"Segura meu algodão, papai." A voz doce parece ecoar na enorme e fria sala.

"Casa de espelho, vem, vem papa.."

As lágrimas grossas escorrem pelo meu rosto, fazendo meu peito doer. O ar me falta.

— El-la e-está mo-orta — afirmo, minha garganta queima, como brasa.

— Cara... — sem conseguir completar a frase, abro a porta e puxo a maca, revelando o pequeno saco.

— Pode me deixar sozinho? — peço, olhando para ele.

— Vou estar na porta, se precisar é só gritar — reitera.

— Você não está mais aqui, não é, garotinha? — pergunto.

Consigo ver seus cabelinhos através do plástico fosco.

— O *papa* te achou, querida. — Abaixo-me ao lado da mesa. — Vai poder descansar agora, querida. — Fecho meus olhos.

Tenho a sensação que algo foi arrancado de mim, quero sentir seu corpinho quente, abraçando-me e me chamando para brincar de boneca. Minha voz sai rouca, as malditas lágrimas ficam presas em meus olhos. Sinto-me sufocado. A maldita culpa me atinge por não ter feito mais do que podia, por não ter lutado, por não ter impedido que a levassem, se eu tivesse a protegido...

— *Brilha, brilha estrelinha, lá no céu, pequeninha. Solitária se conduz, pelo céu com tua luz. Brilha, brilha estrelinha, lá no céu, pequeninha.*

É a única coisa que sou capaz de dizer a ela. Meu maior desejo é que ela conseguisse me ouvir, mas a encontrei tarde demais, mas mesmo assim eu falhei. A dor bate forte em meu peito, é como se um pedaço meu tivesse ficado aqui.

Eu falhei uma vez, pequena Dora, mas vai descansar em paz, minha pequena princesa.

Meu sangue parece correr gelado. Quando me levanto o mundo gira. Quem roubou a vida dela, perdeu o direito de viver, vou ao inferno, buscar cada um que fez isso. Começando com sua mãe. A mulher que devia ter protegido e amado ela.

Calina vai pagar, por cada maldita lágrima que derramei em cima de uma sepultura vazia, enquanto ela chorava ao meu lado jurando que iríamos achar nossa filha, quando ela me culpou por não ter protegido Dora, meu coração quebrou mais um pouco. Ainda consigo ouvir os gritos de Dora na casa de espelhos, mas o maldito dardo em meu pescoço não me deixou sequer abrir os olhos, enquanto era envenenado, minha filha foi levada.

Ela vendeu nossa filha, e ganhei o maldito direito da sua alma podre e suja.

Eu vou achá-la, nem que seja a última coisa que eu faça.

Eu vou achar, Calina Belikov.

Sabia que quando ela sumiu, não sumiu sozinha, mas sim levando com ela todo um maldito esquema de sequestro internacional, ela jamais sumiria sem significar nada ao maldito esquema. Vou achar a maldita puta de Ivo Sarnov e fazê-la se arrepender por ainda continuar respirando.

Eu vou destruir Handball e Tamara Thompson. Vou vê-los queimar, vê-los sentir a maldita dor que senti quando levaram minha filha. Eles vão sentir a maldita dor que me corrói um pouco a cada dia.

— Quer conversar? — Corvo pergunta, oferecendo-me um cigarro.

— Eu pareço querer conversar? — rebato, acendendo o cigarro, e tragando a fumaça pelos pulmões.

— Foda-se, vamos conversar do mesmo jeito. — Ele encosta no meu carro. — Vamos lá, vamos lá.

— O quer saber? — pergunto.

— Tudo? — Arqueio uma sobrancelha para ele.

— Certo, ela não foi sequestrada, não é?

— Foi vendida — digo, dando de ombros.

— Você é macabro, cara, fala isso com uma naturalidade que porra arrepiou o pelo do meu rabo.

— Quer que eu chore? — digo, soltando a fumaça do cigarro. — Eu já chorei, por meses consecutivos — acrescento. — Emagreci quarenta quilos em menos de quatro semanas.

— A marca em seu pescoço? — especula, fazendo-me.

— Tentaram fazer parecer um suicídio — acrescento, sem encará-lo.

— Quem?

— Meu pai. — Esboço um sorriso, anasalado.

— Por que diabos não se pode ter uma família normal? Porra, sinceramente.

— E você? — questiono.

— O que tem eu?

— Como chegou ao Maldonado?

— Eu estava em condicional, precisava de grana, ele me ofereceu um serviço. E eu aceitei, e aqui estou.

— Você não tem família?

— Estou olhando para um membro dela. Qual é, minha mãe era uma viciada, e meu pai não faço a menor ideia de quem seja, passei a metade da adolescência em abrigos e a outra metade em reformatórios.

— Ex-viciado? — questiono.

— Como sabe? — retruca.

— Sinais claros de euforia constantes e oscilações, sua mão treme e você tem um tique na sobrancelha direita e você fica batucando os dedos no ar sem perceber.

— Dom não tolera drogas, cai uma vez e ele me manteve trancado durante um mês, somente com água, ele me limpou e depois disso ele me deu uma surra.

Olho para ele, a forma respeitosa e admirada com que ele fala de Maldonado sem vergonha alguma, e isso faz com que o admire ainda mais.

— Já foi casado? — questiona. Nego. — É a última pergunta, por hoje, prometo.

Claro, por hoje.

— Diga, passarinho.

— Você realmente era membro da máfia russa?

— Quer sinceridade ou uma meia-verdade?

— Sinceridade, cara.

— Sou filho de Ivo Sarnov. — Ele arqueia a sobrancelha, ele tira o celular do bolso.

— Caralho, você só pode estar brincando, Bratva... Don Sarnov? Porra! Achava que isso aqui era coisa de livro, caralho.

Dou de ombros, rindo.

— Quer ver o inferno pegar fogo? Desafiei Ivo Sarnov e fiquei para receber sua fúria. — Levanto a camisa.

— Porra, você só pode estar brincando seu pai *te* marcou? Como uma vaca? — Ele se inclina olhando mais de perto. — Velho fodido, esse maldito precisa levar um pau!

Fico em silêncio, a mesma marca que Ivo me fez, eu vou lhe devolver.

— Eu preciso de um dog, vamos cara, vou *te* levar no Bazuca.

— Vai contrair tétano, com essa porcaria — comento, ao ver o enorme cachorro-quente que ele está comendo sentado no chão. — O cara sequer lavou a mão — acrescento.

— Cara, tudo aí foi esquentado ou fervido, germes e bactérias estão mortas e se não estiverem o suco gástrico faz seu trabalho.

— Você fica com nojo de cuspe, mas não tem nojo de um cara que provavelmente coçou o saco para fazer sua refeição?

— Come logo. — Respiro fundo e mordo o lanche.

Porra, isso é bom.

— Eu não disse? Divino.

— Se isso me fizer mal, divino vai ser o seu vaso entupido — digo, fazendo-o gargalhar. — Vou usar seu banheiro.

Ele gargalha.

— O sabe que sobre a Solange? — pergunto, à queima-roupa.

— Bingo! Eu sabia, Carniça me deve trinta pratas! Fodido! — Reviro os olhos. — Eu não sei nada.

Arqueio a sobrancelha.

— Cara, eu sei tão pouco quanto você. Ela é imigrante vinda do México.

— E o que ela faz em Vegas? — sondo.

— Eu vou saber porra? Sou fofoqueiro, mas não intrometido. Dom não explicou nada, não sou eu que vou perguntar. Só sei que ela atravessou o Arizona, em um caminhão, que parei na fronteira — o passarinho comenta. — Por que o interesse nela? — Dou de ombros. — Ela não é mulher para essas coisas. Ela nos respeita e nos admira, cara.

— Por que vocês são tão sentimentais? — ironizo.

— Porque é isso que somos, o mundo é corrompido, não nós. Escute, você não quer um conselho, mas vou dizer mesmo assim, Solange não é qualquer pessoa. Dom me fez vasculhar o México e o Novo México atrás dela. Então se você quer manter suas bolas no lugar, fique longe dela.

— Ela e Maldonado tem algo? — indago, sentindo um desconforto em meu peito.

Ele ri.

— Cara, você é nojento. De onde você é? Porra, você tem muito que aprender. — Reviro os olhos.

— Dom pensa com o pau, mas quando o assunto é Bonnie Portman. Solange nem sonha o que o Dom fez por ela e pela filha — o fofoqueiro confidencia, de forma descontraída.

— Ela tem uma filha?

Capítulo 4

“Bonecas interiores.”

“Estou no estado estrangeiro
Meus pensamentos, eles sumiram
Minhas palavras estão me deixando
Elas pegaram um avião
Porque eu pensei em você
Só porque pensei em você”

Wings

Birdy



IVAN

O passarinho continua falando dela. De como ela tem mãos de fada e faz o melhor café de possivelmente toda a Vegas.

— Não vai me dizer que está surpreso? — Ele limpa a boca e se levanta.

— E por que estaria, pombo? — retruco, acertando os lanches. Coloco a carteira no bolso, e quando o encaro, ele revira os olhos.

— *Porque é obvio que ela balançou suas bonecas interiores.*

— Bonecas?

— Matrioshka? Cara, cadê seu senso de humor? — Arqueio a sobancelha.

— Quer parar de me olhar com essa cara? Por que diabos você precisa crispar o olhar devagar e ainda por cima inclinar a cabeça do lado, seu lunático? Você tem algum problema? — Sorrio, balançando a cabeça. — Até a sua risada, é problemática. Mas voltando ao assunto. Eu não posso ajudar, não questiono as ordens de Dom e quando ele mandou não meter o meu dedo na bosta seca, recolhi minha mão.

— Tem certeza que sou eu que tenho problemas, pombo? — Desvio o assunto, sentindo-me um pouco incomodado pela porra da intimidade que o

maldito criou em algumas horas.

— Repete comigo, cara, C-o-r-v-o — Ele soletra. — Corvo!

— Por que, Corvo? — questiono.

Ele dá de ombros, e por um minuto seu olhar fica vazio, ele balança a cabeça. Ele passa a mão nos cabelos e ri, depois **SOLANGE** unático sou eu. Ele fica nervoso.

— Não precisa falar — comento.

— Você não é uma pessoa ruim, cara. Tenho esse apelido há pouco tempo. Dom o mudou. Era urubu — diz, sem conseguir olhar para mim. — Dom é burro, mas salva mais vidas do que ele próprio imagina.

— Como é seu nome de batismo? — Ele ri e bate os dedos no ar.

— Calleb. Meu nome é Elijah Calleb. — Seu nome parece ter um peso enorme para ele. — Mas você provavelmente não vai querer descobrir o porquê do urubu. Mas me diga, por que você saiu da máfia? — Entramos no meu carro. — Qual é? Eu sou curioso por natureza e você também está especulando minha vida feito uma velha fofoqueira.

— Eu me envolvi com uma mulher... — Ele me olha atentamente. — Uma das mulheres do meu pai.

— Você fodeu a amante do seu pai? — Ele acende um cigarro, e abre a janela. — A passada dupla no pinto de ouro. — Reviro os olhos.

— Ela era uma dama de luxo.

— Uma prostituta. Não me diga que você e seu pai duelaram por uma puta?

— O ego de Ivo Sarnov foi ferido quando uma de suas joias preferiu o filho dele e de quebra ainda lhe deu uma neta — confidencio, amargo, sentindo meu maldito passado bater em minha porta.

Lembro-me como se fosse hoje, quando a vi pela primeira vez.

Porra, não foi a cenas mais bonitas de se presenciar. Arrependo-me amargamente no maldito dia que, porra, entrei no maldito escritório e peguei os dois fodendo, e fui convidado para a festinha dos dois.

Sabia que meu pai era sujo, e ainda é. Ela era o maldito ponto fraco de Ivo Sarnov e foi meu jeito de atingi-lo. Talvez algum dia eu me arrependa,

de tê-la usado, mas como a boa vadia que ela é, ela não se importou de ser fodida, e ter seus luxos e viagens bancadas por mim.

Balanço minha cabeça espantando meus pensamentos.

— Vocês não são normais, não é? — pergunto. Mantenho-me quieto.
— Certo, certo... Vai lutar hoje?

— Tenho outra opção? — digo, sem humor.

— Você faz parecer como se nós estivéssemos *te* obrigando. —
Balança a cabeça. — É o que você faz. Você luta. Eu cuido da vida alheia e fico de olho na fronteira e de vez em quando faço uma sujeira ali e outra aqui. Você precisa ter senso de humor, meu caro amigo, senso de humor, e deixar de lado essa cara de bosta.

Durante todo o caminho de volta até o clube me mantenho em silêncio, sem ter o que dizer a ele. Sem querer dizer nada. A presença dele está começando a me incomodar novamente, a forma pitoresca que ele fala comigo como se fôssemos amigos de longa data, ele começa a assobiar de forma irritante e abusada. Aperto o volante com força.

Respiro fundo, duas vezes. Tentando me acostumar com a ideia de que essa criatura insuportável vai dividir o mesmo espaço que eu.

Rio amargo olhando para estrada, o assobio do passarinho me tira do meu estado de torpor. O jeito faceiro e sem um pinga de preocupação dele começa a me estorvar. A forma como simplesmente se intromete em meu caminho, sem se importar me faz apertar o volante com força novamente.

— Cara, você precisa sorrir, a vida é curta demais para você ficar com essa cara de bunda seca — reclama, quando paro em frente ao clube.
— Você está vivo, respira o ar. — Enche os pulmões de ar e abre os braços.

Revirei os olhos saindo do carro também.

— Vá à merda — resmungo sem um mísero pinga de vontade.

— Meu Deus, que homem insuportável! — reclama, jogando as mãos para o alto.

— Idem — digo, empurrando a porta do bar, desanimado.

Carniça está sentado em uma das mesas com mais três homens, há algumas caixas em cima da mesa, uma cheia de rosquinha, outras com docinho e uma torta cortada.

— Cortesia do La Carmen, Solzinha trouxe para nós — Carniça comenta em um tom provocativo, arqueio as sobrancelhas.

Alguma coisa dentro de mim me incomoda. Frustrado, não sei como lidar com a porra da sensação de vazio dentro de mim, ela jamais me incomodou, quando Dora nasceu, um espaço do vazio foi preenchido, mas agora ele voltou a ficar vazio e dolorido. Não quero admitir para mim mesmo. Mas estou com ciúmes de uma mulher que eu vi apenas duas vezes. E que desejei desde que a vi sorrir. Porra, há um brilho nela capaz de ofuscar o próprio sol. A pele negra parece ter sido esculpida a mão, o sorriso perfeito e cheio de vida... É mais do que posso sentir.

Jamais senti isso por Calina. Com ela era uma coisa crua, suja de domínio onde dava o que ela queria, e como retribuição ela me dava um prazer frio e momentaneamente satisfatório, porém, nada mais que isso.

Nem toquei na pequena mulher, sinto como se ela tivesse varrido meus pés de mim. É uma sensação que desperta algo que me faz querer provar aquela mulher da forma mais crua possível. Tê-la ao meu bel-prazer. Juntos, mutuamente satisfeitos. Porra.

Corvo e Carniça trocam um olhar.

— Filho da puta, ele está de quatro por ela! — Carniça zomba, fazendo Corvo gargalhar. Respiro fundo.

— Deixe o rapaz em paz, seus bastardos. Sou Britadeira, prazer, rapaz. — Um dos homens me estende a mão, o velho sorri de lado e indica a cadeira ao seu lado. — Sente-se, filho.

— Sou Jessie, mas pode me chamar de Barão. — Outro cara me estende a mão, aceito, apertando-a.

— Sou Camaleão, bem-vindo ao clube, cara — o loiro diz, e também estende a mão.

— Não me diga que vai investir na latina quente? — Corvo provoca. Eu vou socar esse maldito.

— Ele vai! Cachorro safadão. — Carniça me estende um pedaço da torta. — Feitas pelas mãos quentes da sua Sol.

— Deixe de ser um bastardo. — Camaleão pega uma rosquinha e joga na boca. — Cara, se você ligar para esses dois bastardos, eles vão lhe pôr louco.

— Ivanzinho, Ivanzinho... — Corvo coloca os braços sobre os ombros de Carniça e os dois começaram a cantar. — Ivanzinho, está de quatro pela Solzinha. Será que ela vai querer?

— Será? — Carniça cantarola, insuportável, dois malditos insuportáveis.

— O Russinho vai bolinar e a Solzinha vai gostar. — Reviro os olhos, mordendo um pedaço da torta.

Uma explosão de sabores invadem minha boca, o gosto delicioso de canela e chocolate amargo, porra. Nunca provei algo assim.

Ouçõ dois bips, e Corvo e Carniça tiram os celulares do bolso.

— O dever nos chama, vamos lá. — Carniça se levanta puxando Corvo pela jaqueta.

— Espere, porra! Eu mal comi! Dom, filho da puta, não sou pago para isso não! — Corvo reclama, ele se levanta e limpa a mão cheia de açúcar na calça. — Ficar de babá de um senador bundão!

— Ele pagou. — Carniça dá de ombros.

— Meu salário continua o mesmo — reclama. Os dois saem se empurrando, mas param na porta.

Ambos se viram de forma séria, reviro os olhos, quem vê pensa que esses dois insuportáveis são barra-pesada.

— Com quem será? Com quem será? Que o Russinho vai trepar? Vai depender, vai depender se a Solzinha vai querer! Ela aceitou, ela aceitou e o Russinho broxou.

— Vão à merda, seus bastardos. — Levanto-me, eles correm para fora do clube.

— Se você bater neles, vai piorar meu amigo. — Camaleão sorri.

— O que diabos faço? Soco esses malditos? — pergunto, irritado.

— Seja tão insuportável quanto eles, garoto — o velho comenta. — Eles são insuportáveis, mas são bons garotos.

— Garotos? Corvo já tem cabelos brancos, porra — protesto. O velho dá de ombros.

Caminho lentamente no beco. Sentindo-me um maldito perseguidor, sigo Solange quando ela fecha a loja. Ela sai cantarolando, quando ela para na esquina, ela olha dos lados como se procurasse por algo ou alguém, e pegou uma correntinha que descansa entre seus seios, ela beija a peça, balança a cabeça e sorri.

Um sorriso radiante.

Ela volta a cantar algo em espanhol, que não consigo ouvir, e começa a caminhar rápido em direção ao fim da cidade, sigo-a de longe. Vejo quando ela entra em uma pequena periferia, ela para em frente a uma pequena casa amarela com uma cerca branca e abre, entrando. Ela bate na porta e uma senhora de idade abre.

A senhora a abraça e a puxa para dentro, tento sondar, mas é impossível ver algo. Cerca de quinze minutos depois a porta é aberta. E duas meninas saem correndo e pulando.

Elas começam a dançar se remexendo, ambas batem os bumbuns juntas, viram-se e batem as mãos. Parece uma espécie de coreografia.

Meus olhos desviam das pequenas e se fixam na linda mulher que sai rindo ao lado do casal de idosos. A senhora a abraça novamente e dá um tapinha em seu braço, Sol estende um envelope a eles, mas eles começam a negar freneticamente, como se estivessem sendo insultados, mas a latina consegue convencê-los a aceitar o dinheiro.

— Yo vejos vocês amanhã então? — a voz doce pergunta.

— Claro que sim, querida.

Solange vai até uma das meninas e se abaixa, colocando a mão em seu ombro.

Ela começa a bater os dedos na mão. Confuso, tento ouvir algo. Mas ela não diz nada. Ela volta a bater a mão e sorri para a menina.

— Sorvete amanhã que tal?

Ela mexe os lábios.

Mas que porra?

— Sim. — A menininha sorri e pega na mão da outra.

As meninas se abraçam.

— Você vem amanhã, Rosita? — A menininha pergunta.

Rosita. O nome dela é Rosita.

— Sí... Sí... — ela pula, animada, falando enroladinha em espanhol.

Solange pega a menina no colo e elas acenam um tchau, elas atravessam a rua vindo na minha direção. Como um fodido rato me escondo atrás de uma caçamba de lixo. Elas passam por mim.

Abraçada ao pescoço da mãe a menina me olha e sorri sapeca. Crispo os olhos e sorrio pra ela. Faço sinal de silêncio e ela concorda. Rio baixinho, sentindo meu peito vibrar. Sigo-as de longe, a menina se concentra na mãe.

Percebo que ela olha atentamente para a mãe.

Ela é surda.

Meu peito se aperta de forma absurda. Burro! Os sinais. Ela se comunicou na língua dos sinais com a pequena florzinha.

Ela parece uma pequena bonequinha de porcelana, deve dar no meu joelho. Os cabelinhos bem cuidados cheios de cachinhos lindos, estão presos com fitas coloridas.

Linda, igual à mãe. O sorriso é o mesmo. Lindo e radiante. Ela fala devagar e quando ela ri alto, ela arregala os olhos e cola as mãos na garganta e ri mais ainda, fazendo-me rir sozinho.

Solange coloca a filha em um dos carrinhos do mercado e elas entram animadas no mercado.

Bastardo filho da puta! Eu nunca entrei em um maldito mercado durante toda minha fodida vida. Sempre tive alguém para fazer isso.

Pego um carrinho e entro no mercado.

— Olha, mamãe, brócolis. — Ouço a voz da menininha e sigo-a. Passo pela prateleira de azeitonas e coloco uma dentro do carrinho.

Quando viro o corredor em busca delas. O barulho dos carrinhos colidindo fazem ambas gritarem.

— Inferno! Vocês estão bem? — pergunto, ao ver a menina fechar os olhos com força. Ela abre um, depois o outro bem devagar e dá uma gargalhada gostosa.

— De novo. — Ela sorri e bate as mãozinhas.

— Oi, moço do lixo — ela diz, rapidamente em espanhol e mexe as mãos usando sinais.

— ¿Tú? — Solange questiona.

— Yo — digo, rindo, fazendo-a bufar.

— O que faz aqui? — pergunta. — Está me seguindo?

— Por que eu faria isso, Raio de Sol? Pessoas vão ao mercado todos os dias. E pelo que sei esse é o único na cidade. — Ela me olha desconfiada.

Ela tira a menininha do carrinho e a coloca no chão.

— Meu nome é Ivan Sarnov, Florzinha, e você?

SOLANGE

Meu rosto pega fogo, queima feito brasa ardente.

— Mamãe? Por que o nome dele é Sarna? Ele tem problema com coceira? — Rosita pergunta, escondendo-se atrás de mim. Ela coloca a mãozinha na boca e sorri, cheia de gracinhas.

Seguro a vontade de rir. Mordo os lábios o que não passa despercebido por ele. Ela vai aprontar.

— Tem problemas com coceira, senhor Sarnov? Conheço um ótimo remédio para pulgas — digo, fazendo-o bufar.

Ele revira os olhos, ignorando-me, ele se abaixa à minha frente, colocando um joelho no chão.

— Meu nome não é Sarna, Florzinha. Mas pode me chamar assim se você quiser — ele diz de maneira doce, baixo e devagar com ela, fazendo-a rir mais e se contorcer.

Ele desvia os olhos dela e me queima com o seu olhar em brasa quente, *Dios!*

Que homem quente!

De repente Rosita para de rir e sai de trás das minhas pernas.

— Ivan Sarna. — Ela sorri colocando a mão nos lábios e olha para ele. De súbito para de rir, ergue as mãozinhas para o alto e afasta as perninhas no meio do corredor.

— Espere, espere — ela diz de um jeito todo bagunçado — você é o moço do telefone. O que a mamãe chamou de pol-pol-pólvora que-ente — ela grita sem se dar conta do tom de sua voz.

Sinto as minhas bochechas queimarem, meu corpo todo treme de vergonha.

Olho para o chão esperando um buraco abrir e me engolir.

Percebendo o que ela disse, ela arregala os olhos e me olha assustada.

— Não era pra contar, ¿mamá?

Capítulo 5

“Me apaixonei, me apaixonei

Eu dei meu coração para el diablo, el diablo

Desisti, desisti

Porque ele me diz que sou seu anjo, sou seu anjo”

El Diablo

Elena Tsagrinou



SOLANGE

Meu rosto pega fogo! Por *Dios*! Mordo os lábios quando ele sorri de lado de forma sensual. A palavra perigo parece emanar de cada poro desse homem diabólico, o sorriso de lado e o olhar inabalável, a postura ereta.

Um buraco poderia se abrir à minha frente, iria me enfiar nele de bom grado. Sem reclamar, meu rosto parece que pegará fogo a qualquer momento.

Jamais vi algum homem como ele, engulo em seco quando ele sorri, a risada sexy bate em mim como uma lufada de ar quente. Loucura? Eu sei. Mas o homem parece ter saído direto dos meus sonhos mais molhados e profundos, mas em uma versão sexy e loucamente maquiavélica. A forma que ele impõe sua presença realmente é assustadoramente divertida e sensual.

Mordo meus lábios.

— Sua mãe falou de mim, Florzinha? — pergunta, sorrindo de lado, como se eu não estivesse aqui, com os braços cruzados querendo mandá-lo à merda.

Rosita afirma.

— *¿Eres amigo de mi madre?* — Rosita pergunta agarrando minha perna. Embora Rosita misture os dois idiomas, ela ainda não sabe falar corretamente, às vezes acabamos conversando em espanhol. Ela mantém os olhos presos em Ivan, enquanto ele sorri para mim.

— No se atreva! — digo, olhando diretamente para ele.

— Sim, somos amigos, Florzinha — ele responde devagar e arrogante, o sotaque russo puxa firme.

Rosita então olha para mim.

— Quer pizza de brócolis, Ivan? — Rosita oferece. Não, não... Ela não está oferecendo só pizza de brócolis, mas sim oferecendo sua amizade a ele.

— Mamãe faz a melhor...

Pizza de brócolis é o nosso ritual. Em todos que ela confia ela oferece pizza de brócolis como se fosse para selar uma nova amizade.

Olho para ele.

"No se atreva a aceitar." meus lábios estão secos quando balbucio de forma muda. O cretino sorri mais ainda.

Chamo a atenção de Rosita para mim.

— O senhor Sarnov deve ter compromissos, não é, senhor? — Rosita esboça um muxoxo de tristeza.

— Hoje eu não posso, Florzinha. — Ela olha decepcionada para ele. — Mas que tal amanhã, querida? — Ele sorri grande para Rosita, fazendo-a rebolar balançando o quadril e mexer as mãos, animada.

— Vamos comer pizza amanhã. — Ela bate as mãozinhas. Olho para o enorme carrinho de compras dele com apenas um vidro de azeitonas em conserva. Sim, ela está incluindo mais alguém na nossa noite de pizza. O ciúme me faz morder os lábios.

— Mas já que não posso fazer companhia as damas essa noite, vou esperá-las ao lado de fora e acompanhá-las até em casa. — Pisca e vira o carrinho na direção que ele veio, sem sequer esperar uma resposta de mim, vejo-o ir até o caixa e pagar sua azeitona em conserva.

— ¿Mamá? Está triste comigo? — Pego ela no colo e beijo seus cabelinhos cacheados.

Inteligente até demais.

— No, querida. Mas você sabe que é feio ver a conversa de adultos, não é? — Pego em seu narizinho.

— *Perdón...* No faço mais. — Assinto.

— Tudo bem, querida. — Coloco-a ela de volta no carrinho e sigo até o caixa. Mordo meus lábios e sorrio. O carrinho está cheio, das melhores coisas que meu dinheiro pode comprar. O salário que Boo me paga, é mais que suficiente para mim e para Rosita.

Quando saímos do supermercado, ele está aqui, encostado na parede, apoiando um dos pés na parede, ele joga o cigarro no chão e pisa em cima.

— É feio jogar lixo no chão, Ivan. — Rosita aponta para a bituca de cigarro e bate as mãos na língua de sinais e Ivan olha confuso.

Ele sorri balançando a cabeça, abaixa-se e pega a bituca, ele a joga no lixo e limpa a mão na calça surrada.

— Melhor agora, Florzinha?

— Sí... Sí. — Ela ri e estende uma mão para ele, e aperta com se ela fosse do tamanho dele ou o contrário.

Balanço a cabeça.

— Vamos, senhoritas? — ele diz, olhando para Rosita e depois para mim.

— Tenho outra opção? — protesto, diretamente para ele.

— Ter até temos, Raio de Sol. Mas acho melhor guardarmos essas opções para outra hora não acha, querida? — Engulo em seco sentindo meu corpo vibrar.

Mas o que está acontecendo? Respiro fundo.

Rosita para no meio do caminho e estende os bracinhos para mim.

Pego-a no colo. Ela encosta a cabeça no meu ombro.

— O que uma mulher como você faz em Vegas? — A voz sai direta, sem brechas para questionamentos.

— Precisava de novos ares — digo, sentindo a respiração de Rosita mudar em meu ombro. — ¿Y tú?

— Diversão.

— Presumo que as mulheres do seu país não eram mais interessantes?

— Sempre tive uma queda por mulheres latinas, Raio de Sol.

— Reviro os olhos. Quando viramos a esquina, vejo o carro parado em frente à minha casa.

— Parece que a senhorita tem visitas.

Mordo os lábios.

Quando nós nos aproximamos do carro, sorrio. A porta do carro é aberta.

— Sol? Porra, eu *te* liguei e.... — Ele para de falar comigo ao perceber a presença ao meu lado. — Eu fiquei preocupado — Sebastian se explica.

— Oi, Seb — cumprimento-o, Rosita se mexe em meus braços.

— Não vai me apresentar seu amigo, Raio de Sol?

— Não que precise de apresentações, mas eu sou Sebastian Matarazzo.

Que ótimo! Que comece a competição para ver quem mija mais longe no poste. Bufo.

— Eu só vim *te* verificar, Sol. Seu celular estava dando ocupado.

— Ele deve ter descarregado — digo, apressando-me em verificar minha bolsa e me atrapalho com as sacolas.

— Missão cumprida, Raio de Sol — Ivan provoca. — Entregue, sã e salva.

— Certo, se os senhores me dão licença, preciso colocar minha mocinha na cama. — Seb sorri.

— Diga a ela que eu vim.

— Digo, você ainda precisa vir comer a pizza de brócolis. — Ele faz uma careta e suspira.

— Ando sem tempo, mas darei um jeito, minhas lombrigas sonham com essa pizza há semanas.

— Certo — digo, sorrindo.

— Obrigada pela companhia, senhor Sarnov.

— Disponha, Raio de Sol. Nós nos vemos amanhã à noite? — Assinto, confirmando.

Querem mizar? Vão mizar no ar, porque eu não vou ser o poste.

IVAN

Não confie em alguém que faz careta para a pizza de brócolis da Florzinha. Maldito mentiroso, pela cara do maldito ele deve odiar brócolis.

— Eu vou ser direto, senhor Sarnov — o Sebo de velho fala cheio de si. — Fique longe delas. Elas estão fora do seu alcance — ele diz baixo, enquanto Sol abre a porta.

— Mas elas estão ao seu alcance, presumo. — Esboço uma risada sem humor. — Você não vai querer entrar nessa merda, Seborreia. Porque já estou dentro e nunca perco.

— Elas não são a porra de um prêmio, filho da puta.

— Eu nunca disse que eram.

— Faça o que veio fazer neste país, mas não meta Sol e Rosita nessa merda, eu sei tudo sobre você, Sarnov — ele diz, acredito que tentando me intimidar, dou de ombros.

— Porque você é a puta informante do Maldonado. Mas me escute. Sou grato por ter juntado as informações sobre minha filha. Mas elas estão ao meu alcance queira você ou não.

Eu odeio italianos.

— Escute. Seu rabo vale cinquenta mil dólares, suba lá e derrube aquele maldito. — Dominic dá um tapa na minha cara. — Ele já derrubou quatro, e já são quase duas da manhã e quero ir para casa com os trezentos mil que o rabo daquele maldito ostenta. Então suba lá e termine essa merda.

— Precisa bater, porra? — desde que eu saí da casa de Solange e deixei aquele maldito queijo gorgonzola na frente da casa, algo parece me puxar de volta para elas.

Arrancarei toda a merda de Dominic nem que para isso eu precise socar esse maldito folgado.

— Vocês russos agem sob pressão, então vá lá e arrebite aquele maldito, eu não quero perder meu dinheiro, Russo.

— Você não vai, Maldonado.

Ele coloca as luvas na minha mão.

— Abra a boca, Russo. — Ele coloca o protetor de boca nos meus dentes. Reviro os olhos. — As coisas aqui são diferentes, Russo. Lembre-se,

lutar e não matar, porra.

Quando subo no tatame sujo de sangue, meu coração dispara, perdendo a batida. Meu sangue bombeia mais rápido em minhas veias. A maldita sensação de poder, invade meu corpo.

Balanço meus braços. Não sou mais capaz de ouvir os gritos, só vejo vultos, minha vista começa a ficar turva.

Não consigo sequer ouvir o que o juiz pronuncia, estou focado no fodido à minha frente, o maldito deve ter uns bons vinte centímetros a mais que eu, a cara dele está fodida. Mas ele ainda continua em pé.

Quando começo a andar em círculo, ouço um estalo em meu ouvido.

" — Por... Por... Favor — pedi, engolindo o sangue que escorria do meu nariz.

— LUTE! — Senti o choque em meu corpo. — FRACO, EU CRIEI UM MALDITO FRACO. — Antes que ele pudesse falar algo novamente, estava em cima dele. Meus punhos atingiram seu rosto com força.

Fui puxado de cima dele, meu corpo se projetou no chão e meu punho atingiu o rosto do maldito segurança de Ivo.

Não era capaz de conter a raiva que sentia, meu corpo se projetou em cima do segurança, e quando o punho dele atingiu meu olho, perdi o sentido, só via a sombra dos meus punhos abertos, sangue voava do nó dos meus dedos. E via o rosto do maldito perder a cor. "

— RUSSO? Porra? — Volto a ouvir os gritos. Meus olhos voltam para o maldito no chão, caído, sinto meu olho latejar e minha mandíbula doer. Ele tosse, vejo sangue espirrar para todos os lados.

Sem conseguir raciocinar direito, vejo-me ser levantado por Dominic, Corvo e Carniça.

— Lamba minha bunda! Porra! — ele berra. Minha cabeça lateja, fecho meus olhos por um instante. Sentindo a adrenalina correr por meu corpo, preciso bater em alguém. Minha respiração está irregular. Meu corpo treme de raiva. Projetei a maldita imagem do queijo provolone, minha mente começa a me pregar peças, vejo ele e Solange juntos. Felizes.

Ele tem tudo a oferecer a ela, e eu? Nada.

Mesmo sujo, o maldito Matarazzo é mais limpo que eu.

Você sequer a conhece, porra, pare de ser um maldito perseguidor obcecado.

— Porra! Você o derrubou com dois minutos em cima daquela merda, que diabos deu em você? Você ficou parecendo um maldito demônio lá em cima — O passarinho diz.

Dominic olha para mim, nem percebi que fui trazido para uma sala, estou sentado em uma cadeira. Sinto minha costela doer. Nem sei como vim parar aqui.

Na mesa de plástico há vários maços de dinheiro, Dominic parece um maldito cafetão, e eu sua maldita puta de ouro.

— O que vai fazer com essa grana? — O passarinho questiona. — Vai para o centro?

— Centro? — pergunto, confuso.

— Você acaba de garantir o funcionamento do centro de desabrigados de Vegas funcionando, Russo — Dominic informa.

— Vai doar dinheiro, Dominic? — Ele gargalha.

— Eu? Não, você vai, vamos fazer de você um homem restituído, boneca! Bem-vinda a Vegas, Don Sarnov. Precisa fazer seu nome, querido.

Tive uma noite de merda, malditas duas horas de sono, às seis da manhã Dominic está me ligando.

— O que, porra? — brado, atendendo o telefone.

— Bom dia, puta de ouro. — Embora a voz dele seja de deboche, percebo uma ira vindo dela. — No clube em uma hora, galo imperial.

Ele simplesmente desliga. Antes mesmo de voltar meu corpo a cama, ouço batidas na porta.

— Bom dia, bom dia. Vamos acordar. — A voz do passarinho soa do outro lado da porta. — Vamos lá, Russinho. Temos uma missão.

Preparo-me para levantar, porém, minha porta é aberta antes.

— Como diabos você conseguiu a chave? — Sento-me.

— Você está pelado? Porra, você está um lixo.

Fico em silêncio.

— Vamos, vamos.

— Vá à merda.

Digo antes de entrar no banheiro, tomo uma ducha gelada e saio do banheiro, Corvo está deitado na minha cama assistindo o canal agropecuário.

— Você já ouviu falar na palavra privacidade?

Coloco o jeans, já usados, e uma camiseta preta.

— Você só tem essa roupa? Até eu que moro nesse muquifo há quatro anos, tenho roupas lavadas toda a semana, existe algo chamado lavanderia.

— E existe algo chamado, cuidar da própria vida.

Durante o caminho até o clube, o maldito passarinho se dedica a assoviar uma música, irritante.

— Quer calar o caralho da boca? São seis e meia da manhã — reclamo, enquanto estaciono o carro.

— Nós vamos invadir um banco. — Ele esfrega uma mão na outra.

— Não seria roubar? — pergunto o óbvio.

— Seria se fôssemos roubar o que não é nosso. Dom tem uma dívida com o banqueiro, protegemos o rabo dele de narcotraficantes há dois anos, e até agora não recebemos nenhum tostão.

— E aí, Dominic decidiu que vocês vão invadir o banco?

— Nós vamos, Russinho.

Porra.

Entramos dentro do clube e a primeira coisa que notei é a cara de bunda de Dominic.

— Alguém cagou na bosta aqui — Corvo comenta. Carniça apenas concorda.

Subimos as escadas. Quando entramos dentro do escritório dele, sinto o maldito cheiro de charutos cubanos. Os olhos de Dominic estão brilhantes, a raiva dele é palpável.

Ouçó o plano em silêncio.

— Você consegue, Matrioshka? — Corvo questiona.

— Só preciso de um notebook e de acesso aos arquivos da prefeitura.

— Vallen[21] faz falta, porra. O cara era um gênio, o próprio Bill Gates pobre. O maldito derrubava qualquer sistema de segurança.

— Mas ele não está aqui. Chaminé vai providenciar a porra do computador. Quero que você libere e manipule todas as câmeras de segurança do prédio, Russo. Se você deixar alguma passar, sua cabeça rola.

Dou de ombros.

Corvo e Carniça saem, deixando-me sozinho com Dominic.

— O que porra rolou? Antes da luta ontem? — pergunto. — Eu não sou cego.

— Bonnie está grávida e eu não sou o pai. — Arqueio uma sobrancelha.

— A confeitadeira não faz esse estilo, Maldonado.

Ouçó tudo em silêncio. Vejo a dúvida em seu olhar. Quando Dominic termina de falar, a porta é aberta, e o um cara loiro começa a falar. Lincoln.

— Não a Boo, porra! — O cara defende a confeitadeira.

— Saia da porra da minha frente.

— Não, escute-me, porra. Vocês transaram. Bebês acontecem, porra!

Coloco-me em pé, porra. Ele vai bater no cara sem ter um pingó de razão sobre o assunto. A confeitadeira jamais se envolveria com o maldito Cookie, a vi apenas uma vez, mas o suficiente para ter certeza de que ela não é o que Maldonado está dizendo.

E que porra ela é boa demais, demais até para o próprio bem, ou mal.

— Essa criança não é minha, no inferno eu queria que fosse. Você não tem ideia do quanto queria dizer que ela está grávida de um filho meu, mas não é, porra! Quer que eu faça o que, porra? Assuma uma criança que não é minha? De um maldito traficante que quer foder com toda porra da minha vida?

Permaneço em pé, com os braços cruzados.

— Boo não é assim.

— É sim, ou você acha que eu fui o único que a fez gozar?

— Não tenha tanta certeza. Aquela moça não me pareceu... Uma pessoa que não sabe identificar uma pessoa ruim. Eu vi nos olhos dela — dou a minha opinião.

— DNA, porra, existe o DNA.

— Ela transou com ele porra.

Não, ela não o fez. Mas vou me manter quieto. Ele é cego de mais para perceber que provavelmente ela sente nojo do maldito pedófilo traficante. Sorrio, de canto. Dominic acreditou no maldito traficante de merda, que estava acusando uma mulher que provavelmente não mata uma formiga.

— Nunca teve uma foda ruim? Acredito que você não seja um virgem celibatário.

Ele tenta avançar em minha direção, mas Lincoln[22] o impede.

— Você não vai foder com mais nenhum cara aqui, porra, pare de provocar esse maldito, Ivan. — Dou de ombros.

— Só quero fazê-lo ver o óbvio. Quero estar aqui e assistir você descobrir a inocência da confeitadeira. Sua família não está escorrendo pelos seus dedos, você está abrindo mão e soltando.

E vou assistir de camarote.

Cansado dessa merda toda. Saio do escritório de Dominic ouvindo os gritos dele.

— Além de burro é cego. — Esse porra do caralho vai foder essa mulher, merda ele vai ter um filho. Mas a única coisa que importa para ele é a palavra de um traficante de merda que ajudou a matar minha filha. Sento-me no bar vazio meus olhos, automaticamente, vão em direção ao outro lado da rua.

— Ela está lá sozinha. Por que não vai lá oferecer seu corpo em sacrifício sexual? — Carniça provoca. — Estou falando sério, fui buscar um café, e ela está lá sozinha. Dominic fez uma merda grande, nunca vi a velha ou Bonnie faltar nenhum dia sequer.

— Vocês já sabem?

— Que ele vai ser pai? Sabemos. Mas ele prefere foder com a vida dele. Bonnie é uma mulher de ouro. Eu daria minha vida para ter o que Dominic está deixando escapar, Matrioshka. — A voz dele ressoa amargurada. — Eu deixei alguém no Alabama.

— Como é o nome dela?

— *Lindsey Harding.*

— Por que você a deixou?

— O que um delinquente teria a oferecer à filha de um pastor? — pergunta como se não fosse importante. — Pois é, nada além de um pau grande e grosso.

Reviro os olhos.

— Olhe lá, ela virou a placa, de fechado, vá lá e honre o clube, Matrioshka.

— Se eu não voltar...

— Vamos procurar seu corpo para o funeral, não se preocupe. Morra, mas que seja uma morte digna, morra de tanto gozar e fazer aquela mulher feliz.

Olho para ele, incrédulo, e saio do clube quase correndo. Porra. A porta da confeitaria está só encostada. Ouço a voz doce vinda do corredor.

— Olá, Raio de Sol. — Ela dá um grito estridente, quase me deixando surdo. — Bom dia, pra você também, querida.

— Como você entrou? Estamos fechados. Não viu a placa?

— Que placa?

— Cínico. Estamos fechados, senhor Sarnov.

— Ivan, bunda doce.

— *No me llames* de bunda doce.

— Que tal bunda açucarada, querida? — ela deixa escapar um barulhinho raivoso.

— Vá à merda com o seu querida. — Gargalho, encostando-me na parede, bloqueando sua passagem. — Deixe-me passar.

— Que tal um? Com licença, meu amor?

— Minha bunda, seu cara de pau. — Gargalho com mais vontade.

— Admita, Raio de Sol, eu sou tudo que você quer levar e não seja uma menina de boca suja, porque posso decidir limpar essa linda boquinha, ou sujar ainda mais, Raio de Sol.

— Me levar à merda você quer dizer.

O brilho nos seus olhos me diz outra coisa, que ela quer ser fodida, até esquecer o próprio nome, o corpo dela parece pegar fogo. Mesmo a uma

distância dela, sou capaz de sentir o fogo. E porra como quero me queimar nela.

Meu coração pula no meu peito. Todo o meu mundo para por um segundo. Meu pau fica igual uma rocha dura nas minhas calças.

Minha. A palavra me bate duro. Fazendo-me estremecer de prazer. Quero me enterrar nela, ter apenas um gosto. Para que esse maldito tesão por essa bruxa passe.

Nunca senti isso, é como se ela me pertencesse, e eu a ela. Loucura? Talvez, mas quero essa mulher como jamais quis nenhuma outra em minha vida.

Impossível. Não é possível. Ela não é real, ela parece ter sido esculpida, os lábios cheios, os olhos brilhantes, o rostinho redondo, a pele negra linda como uma Deusa de Ébano, enviada do céu para ser corrompida na terra em meus braços.

Rosno, aproximando-me dela e sentindo meu sangue ficar quente ao som do suspiro de seus lábios. Meu corpo bate duro nela, levando-a até à parede, ela geme, mas não é capaz de me afastar. Oh, sim. Ela sente isso, sente essa porra de tesão, que está escorrendo pelas minhas veias. Que debaixo do maldito vestido florido a faz quente, brilhosa e cremosa.

— No — ela mal sussurra, seus olhos arregalados, a boca entreaberta respirando com dificuldade, pronta para ser beijada.

— Sim, Raio de Sol. — Não sou capaz de controlar minha própria voz. Minhas mãos se encaixam de forma perfeita na cintura dela.

— Yo quero que me solte. — Não, você não quer, querida. A voz doce dela tem uma leve irritação, mas a pele arrepiada diz o contrário. Ela está irritada porque me deseja, por que me quer.

— Quer mesmo que eu lhe solte, Raio de Sol? — Meu riso sai abafado em seus cabelos. Cheirosos, porra ela cheira a flores e açúcar.

— Yo tenho nome. — Irritadinha, ela fecha os olhos. Meu joelho pressiona o interior da sua coxa, ela se contorce, meu corpo roça no dela, ainda mais, fazendo não existir espaço entre ela e a parede. Meu sangue corre rápido. — No me toques assim.

— Assim como, Raio de Sol? — minha mão segura firme seu rosto, porra, meu dedo desliza pelo lábio úmido, imagino meus dedos deslizando

pelos lábios cremosos da sua doce boceta. Ela morde os lábios tentando me impedir.

— Já foi tocada lá assim, Raio de Sol? — posso sentir a maldita calcinha dela contra meu jeans, molhada e quente. — Quer que eu lhe toque assim, Raio de Sol? — Gargalho baixo, a pele dela que já está arrepiada estremece, fazendo-me mais duro ainda, imagino-a nua, em meus braços. Pedindo para ser tocada. — Quer que eu lhe toque, Raio de Sol? — Minha voz sai abafada e rouca, meu pau pulsa, pesado. A pele negra parece brilhar mais, como se estivesse me chamando.

De repente ela me empurra, olha-me com os olhos arregalados, os lábios dela tremem.

— *Yô* no sou assim. — Ela balança a cabeça nervosa, a culpa me acerta em cheio.

Rápido demais. Rápido demais. Despejei meu maldito tesão sobre ela. Aproximo-me.

— *Yô* no sou assim, não sou — ela repete, apreensiva, como se eu não estivesse aqui.

— Raio de Sol? — Chamo tocando seu rosto. — Eu sei que você não é assim, querida. Desculpe-me... eu não...

Sinto-me um maldito monte de merda. Ela é diferente, porra. Tenho que ir devagar.

— Perdoe-me — digo, sincero, ela me olha.
— Eu *te* quero como nunca quis outra mulher, porra. Desculpe-me, de verdade.

Olho dentro dos olhos chocolate, nesse momento tenho certeza. Ela fugirá.

Capítulo 6

“O quão sujo e errado, isso é?”

“Você traz o bem pra minha vida solitária, honestamente

É difícil pra mim olhar nos seus olhos

Quando eu digo que eu seria nada sem o seu amor

Eu sinto a emoção e é tão incrível”

Prisoner

The Weeknd feat. Lana Del Rey



SOLANGE

¡Dios mío!

Meu corpo parece pegar fogo, queimar como brasa, ofegante e trêmula, ergo minha mão impedindo que ele se aproxime.

Meus dedos tremem, meu coração acelerado parece que vai sair pela boca. Meu corpo está em brasa, uma sensação que nunca senti antes. Minhas coxas estão úmidas, engulo em seco minha vontade, é de correr e me esconder na primeira moita que aparecer.

— Fique longe de mim — digo com o dedo em riste.

— Se correr... Eu *te* pego e se ficar... Eu *te* como. Então, Raio de Sol, qual vai ser? — A voz dele sai arrastada, rouca e baixa, não me deixando brechas para poder contestar e muito menos respirar.

O formigamento entre as minhas pernas, é o sinal de alerta que preciso para tentar empurrá-lo. Mas ele não se move um centímetro. *¡Dios mío!*

O quão sujo e errado, isso é? Eu mal conheço esse homem. O peito duro e forte temeu sob a palma da minha mão, a risada baixa e sensual faz um arrepio delicioso correr de forma perigosa pela minha pele.

— Deixe me adivinhar? — Ele finge pensar. Antes mesmo de dizer qualquer coisa, sinto o joelho dele novamente entre as minhas pernas, ofego assustada. — Eu posso sentir, Raio de Sol. Molhada e quente, e não ouse dizer que não. Pois meus dedos vão *te* provar o contrário.

Suas mãos estão subindo por minhas coxas, empurrando meu vestido mais para cima tornando difícil respirar, pensar, ou fazer qualquer coisa além de gemer. Estou tão molhada que se ele subir a mão um pouco mais, ele sentirá o meu calor e umidade contra seus dedos. Ofego quando os dedos dele traçam círculos em minhas coxas

— Abra as pernas, Raio de Sol — ele rosna contra a pele do meu pescoço. Afasto minhas pernas, e mordo os lábios, minha respiração fica presa em minha garganta. — Se fugir ou ficar, vou *te* comer, Raio de Sol. — A risada rouca dele me faz suspirar. Ele corre os dedos pela minha coxa de forma lenta subindo e descendo.

De repente o barulho da sineta da porta me tira do meu transe. Ouço vozes e um assovio alto.

— Russo? Porra, será que ele foi afogar o ganso, Carniça? — A gargalhada alta ecoa pelo corredor. E duas cabeças apontam na porta.

— Aqui estão eles. Seus safadinhos. Porra, você me deve duzentas pratas, Corvo.

Afasto-me dele, Ivan rosna em direção aos amigos.

— Po-osso aju-uda-los? — ajeito meu vestido amassado, sentindo meu rosto pegar fogo, tento em vão desamassar meu vestido.

Eles me dão passagem. Percebo uma sombra me seguir.

— O café da casa, doçura — Corvo pede. Ouço um rosnando, sigo para trás do balcão.

— O mesmo pra mim, querida. — Percebo a provocação na voz deles.

Eles se sentam nas banquetas deixando uma vaga entre os dois e ambos se apoiam no balcão.

— Diga-me doçura, vale a pena o estresse? — Corvo pergunta, pensativo.

— Existem partidos melhores — Carniça complementa. Eles sempre vêm a loja juntos, como uma dupla inseparável e parece que agora a dupla virou um trio. — Como nós, por exemplo. — Aponta para ele e Corvo.

— Querem calar a porra da boca? — Ivan faz o mesmo e se senta entre os dois, sua expressão mudou totalmente, o olhar lascivo e a expressão relaxada, debochada e totalmente sensual, mudam dando lugar a uma carranca intragável e um olhar duro.

— Viu só? — Corvo indica — Ele é insuportável.

Mordo os lábios prendendo o riso.

— Va-ai querer algo, senhor Sarnov? — pergunto tentando manter minha voz firme.

— Querida, ele vai querer tudo que você oferecer — Carniça debocha.

— Um café sem açúcar, Raio de Sol — ele diz, baixo, quase rosnando.

— Diga-me, Raio de Sol reluzente, você se importaria de ter três vagabundos resolvendo suas merdas na mesa ali no canto? — Corvo apontou a para a mesinha mais afastada.

Engoli em seco negando.

— Fi-iquem à vontade, senhores — digo. — Se quiserem, levo os pedidos até à mesa.

— Vou pegar o notebook. — A voz de Ivan soa como um trovão, ele sai pisando duro.

— Ele é sempre assim? — pergunto aos dois, eles me olham com um ar de riso.

— Aquele merda? Escute, doçura. — Corvo se inclina, aproximando-se um pouco como se quisesse me contar um segredo. — Você se tornou a kryptonita dele.

— Eu nem o conheço — acrescento o óbvio.

— E você acha que ele liga para isso? — Carniça desdenha em escárnio. — Ele é russo, mulher, russos são insuportáveis e territoriais como malditos ursos. — Ele dá de ombros.

— Você viu o tamanho daquele homem? — Corvo emenda. — Ele faz jus ao ursão, garanto-lhe que em meia hora com esse russo insuportável você vai querer arrancar os pelos do peito dele da forma mais fria e cruel possível. — Ele gargalha.

— E como seria isso? — Sorrio, e passo o pano com álcool sobre o balcão para poder preparar os pedidos.

— Com uma pinça cega e enferrujada. — Corvo dá um sorriso maldoso. E tenho certeza que ele realmente pensa em depilar Ivan na pinça enferrujada.

Ele gargalha. Corvo e Carniça trocam um olhar maldoso e explodem em uma gargalhada alta e escandalosa.

Que merda esses dois vão aprontar?

IVAN

Porra, de mulher gostosa, ela é como uma droga viciante, o cheiro doce e a forma inocente dela fizeram meu pau pulsar.

Olhando para o espelho do banheiro, jogo água em meu rosto, tentando trazer a porra da minha mente a razão. Oh! Sim, ela fugirá, negará o que sentiu por mim até chegar ao limite.

Sim, ela me deseja, vi como sua pele se arrepiou, como ela suou e como sua boceta quente e molhada pulsou contra meu jeans.

Quente, muito quente. Olho para meu jeans e ajeito meu pau na calça. Não essa maldita bruxa deliciosa não vai me fazer bater uma maldita punheta, como um adolescente cheio de tesão.

Sinto o cheiro dela em minha camisa, os olhos inocentes cheios de vida, porém, com um medo cru instalados neles. Ela parecia ter algo escondido no fundo da alma doce, que porra, vou adorar corromper sua alma doce.

É algo que pretendo descobrir o que é.

Saio do banheiro e vou até à cozinha do clube, abro a geladeira, bebo um pouco de água e respiro fundo, pego minha mochila no armário do corredor, saio de volta para padaria.

A gargalhada dos dois putos me faz revirar os olhos, ao me ver de volta, Solange desvia o olhar e noto um rubor em suas bochechas.

Quente, muito quente.

— Acharmos que tinha tido um ataque cardíaco e morrido lânguido no clube. — Fico em silêncio. — Eu disse, insuportável. — Corvo sorri.

— Senhorita, se precisar de nós, é só gritar que estaremos ali no canto. — Carniça faz uma reverência ridícula.

— Querem algo mais? — ela pergunta, doce, sem me olhar nos olhos.

Você como sobremesa.

Travo meus dentes, sentindo meu pau pulsar e me incomodar.
Você como minha deliciosa sobremesa.

SOLANGE

— Já que ofereceu, vou aceitar alguns donuts de chocolate, Sol — Corvo pede.

— Vou aceitar seus deliciosos macarons rose, senhorita. — Carniça aponta para as delícias que organizei durante a manhã e já estão deliciosamente dispostas em nossa vitrine red. Todos os doces desse lado da vitrine são em tons de vermelho e com deliciosas frutas vermelhas e muito buttercream.

— Deseja algo mais além do café, senhor Sarnov? — Arrependo-me no exato momento em que pergunto.

Santo Dio! Ele tem uma covinha, sexy e perigosa. Meu corpo se arrepia com o sorriso canalha e sujo que ele me lança, deixa o lado direito do rosto sexy se curvar em um sorriso, mostrando uma infame covinha que se afunda em sua bochecha de forma sensual e muito, muito sexy.

Tem algo nesse homem que não seja sexy?

Corvo limpa a garganta, pigarreando.

— Não sei se perceberam, mas ainda estamos aqui. — Ele balança a mão de forma furtiva e despretensiosa. Mordo meus lábios, e cruzo as pernas.

Oh, ele não vai ver mesmo.

— Já que o Russo ainda não decidiu o que deseja vamos sentar na mesa e vocês terminam... — Carniça gesticula com falso desdém entre mim e Ivan. — ... Vocês terminam essa coisa que está rolando entre vocês.

Enquanto eles vão se sentar na mesa, o olhar lascivo de Ivan continua em mim.

— Vai querer algo mais, senhor Sarnov? — Ele solta um riso pelo nariz.

— Tsk! Tsk! — Ele estala a língua e dá uma risada baixa, oDiosa. Tudo nesse maldito russo é irritantemente sexy e tentador.

— Se eu fosse a senhorita não faria esse tipo de pergunta a um homem que está inclinado a querer muitas coisas, Raio de Sol.

Levanto meus olhos e lembro que esse homem provavelmente só quer entrar em minha calcinha, e pelo tipo folgado e cretino, ele nunca ouviu um não na vida. Balanço a cabeça.

A sineta da porta ressoa, e uma senhorinha entra na confeitaria, cumprimentando os dois fregueses fofoqueiros no canto da padaria, Corvo e Carniça respondem a senhora de forma educada e galante, cada um com um enorme sorriso brilhante.

Ivan vê a senhorinha se aproximar pelo canto do olho, voltando a olhar para mim.

— Apenas o café, Raio de Sol — ele diz em um sussurro. — Por enquanto. — Ele deixa a frase lasciva com entoação sexual no ar, e como um Deus desfila até os amigos.

Engulo em seco.

— Bom dia, filha — a senhorinha me cumprimenta. — Minha filha, que homem é esse? Vocês são casados, querida? — Engasgo.

Ela ri e se abana.

Negando, digo:

— Oh! Não, ele é só um cliente inconveniente e folgado — digo, em alto e bom som.

A dupla Marlboro e Hollywood explodem em uma gargalhada. Ivan dá um tapa na cabeça de Carniça.

— Ah! Mas se eu fosse uns quarenta anos mais nova, usufruiria desse homem. — Só consigo rir. — Ele está balançado por você, querida.

Reviro os olhos.

— Em que posso ajudar a senhora. Temos novidades essa manhã.

Equilibro a bandeja com os pedidos deles e sigo em direção à mesa, eles estão concentrados e falando baixo, quando percebem a minha aproximação ficam em silêncio. Ivan se levanta e pega a bandeja da minha mão.

— Obrigado, Raio de Sol. — Ele esboça um sorriso para mim e quando se vira para os dois, fecha a cara. — Estão esperando o quê? Que eu sirva vocês?

— Obrigado, querida. — Corvo agradece pegando um dos donuts e dando uma enorme mordida. — Mulher, você tem mãos de fada, porra!

Meu rosto pega fogo.

— *Muchas gracias*, Sol — Carniça agradece em um péssimo sotaque.

Antes que Ivan fale algo, viro-me e digo:

— Disponha, garotos. Se precisar é só gritar.

Afasto-me deles indo para a cozinha, quando fecho a porta finalmente consigo respirar.

Mordo os lábios, ele realmente parece um urso, estremeço, não, eu não posso me dar ao luxo de me envolver com alguém, não agora. Colocar mais alguém em perigo. Mesmo que seja apenas uma noite.

Uma noite com esse homem não será suficiente, e não vale a pena arriscar sua vida apenas porque o desejo.

Fecho meus olhos, nunca senti esse fogo com Juan, sinto-me culpada. Meu Juan, sempre foi como um bálsamo, a calma em meio minha vida conturbada com Rúbia. Com ele era tudo terno e doce, Juan sabia como me amar de forma calma e ser paciente. Com um sorriso terno e doce, paciente e espirituoso, cheio de vida e bondade.

O som da sineta me traz de volta para a realidade. Endireito-me e saio da cozinha, paro vendo o homem asqueroso entrar pela porta.

Mark Sullivan está sendo uma merda presa ao meu sapato, nas últimas semanas esse homem asqueroso espera que eu fique sozinha para vir à confeitaria, ele entrou e veio direto ao balcão, sem perceber os três mosqueteiros do mal no canto, conversando em silêncio no canto, ao mesmo tempo que sabem ser escandalosos e espalhafatosos, sabem ser silenciosos e discretos.

Pelo canto do olho, percebo eles se entreolharem, Ivan que está de costas para mim, levanta-se e se move de forma silenciosa se sentando na cadeira, ele cruza os braços sobre o peito, fazendo sua camisa marcar, quase se partindo, ele se senta inclinado para trás com as pernas torneadas

espalhadas, encarando-me, Corvo coloca os braços atrás da cabeça, Carniça cruza os braços, ficando numa postura ereta.

Engulo em seco.

— Ei, vadia? — Fechei meus olhos, engoli em seco e respirei fundo.
— Me traga um café.

Abro a boca para falar algo, mas o corpo dele é jogado ao chão, afasto-me batendo na máquina de café. Ele é jogado em cima do balcão, abro minha boca, mas nada sai, Ivan o segura pela gola da camisa. Mark é quase uma formiga perto dele.

— Vejo que ele está *te* trazendo problemas, senhorita Esposito! — A voz assustadoramente calma de Ivan afirma, fazendo com que um arrepio suba pela minha coluna.

— Não vai deixar um pouco de diversão para nós, Russo? — Engulo em seco, a voz de fria de Corvo me bate com força.

Eles ainda são homens perigosos, estou em pânico.

— Quem tal nos chamar de vadia agora, Sullivan? — Carniça questiona.

— Me soltem — ele gagueja.

Ivan o levanta com a maior facilidade, ele mexe os pés, freneticamente.

— Se voltar a pisar na maldita esquina ou sequer pensar em vir até aqui de novo, não vou ser tão compreensivo. Agora, peça desculpas a senhorita Esposito. — Ele larga Mark, e ele se apoia no balcão, olhando-me com ódio, meu corpo estremece, o que não passa despercebido por Ivan.

— De-esculpe Solan... — Ivan o interrompe.

— Desculpe, senhorita Esposito — Ivan diz, calmo.

— Desculpe, senhorita Esposito. — Posso sentir a raiva dele, quase palpável, em sua voz.

— Agora, cão sarnento, dê o fora antes que o Russo mude de ideia e ele mesmo resolva fazer a gentileza de lhe mostrar a saída. — A voz de Corvo faz meu corpo arrepiar novamente.

— Está esperando o que para sair? — Carniça o empurra, fazendo-o cambalear até à porta, quando ele sai, Ivan me encarra pela primeira vez.

Seu rosto mudou completamente, um semblante frio, meu corpo instantaneamente fica em alerta, a veia em seu pescoço pulsa, vejo-o apertar a ponta do nariz com força e fecha os olhos, vislumbro um leve tremor em seu rosto e ele respira pesado, e quando ele abre seus olhos tenho a impressão de ter visto o inferno em seus olhos, eles brilham como nunca vi, estão ainda mais escuros e totalmente perigosos.

— Você está bem, Raio de Sol? — A voz dele sai dura e forte, compassada e pesada. Apenas meneio a cabeça, respirando fundo. A voz dele está grossa e perigosa, o sotaque carregado pela primeira vez me incomoda. — Há quanto tempo esse maldito, vem aqui?

— Ele-e não-o... — gaguejo.

— Há quanto tempo esse porra, vem aqui, Solange? — Ele é mais categórico e espalma a mão no balcão, as veias grossas das mãos dele saltam, fazendo-me hesitar.

— Duas semanas. — Tremo, sentindo o meu estômago revirar de medo.

— Todos os dias? — Assinto. — A confeitadeira sabe? — Nego, eu não quero trazer mais problemas a Boo.

Quando vou falar algo, ele sai parecendo que está prestes a iniciar uma guerra.

— Porra, onde você vai, Russo? — Corvo sai atrás dele.

Fico atônita, sinto uma enorme vontade de chorar.

Apoio-me no balcão.

— Sol? — Carniça me chama, olho para ele. — Não se preocupe, nenhum mal acontecerá com você.

O problema sou eu e como meu passado pode machucá-los. Eu não quero que vocês se machuquem, não quero que ninguém mais se machuque, por minha causa. Sentindo um peito doer, fico em silêncio. Deixando as palavras morrerem dentro de mim.

Como uma maldita covarde.

Capítulo 7

*“Eu te disse para ser paciente
Eu te disse para ficar bem
Eu te disse para ser equilibrado
Eu te disse para ser gentil
De manhã, eu estarei com você
Mas será de um jeito diferente
Porque eu estarei segurando todos os bilhetes
E você vai ficar com todo o prejuízo”*

Skinny Love

Birdy



IVAN

O maldito geme e meu sangue corre mais rápido em minhas veias, seguro o corpo dele contra o muro de concreto. O sangue que escorreu do nariz fodido do maldito, mancha meu punho e, conseqüentemente, meu relógio.

— Lembre-se desse maldito dia, quando pensar em assediar outra mulher. — Meu punho livre atinge seu estômago. Ele dá um grito mudo sem conseguir respirar. — Assediador de merda.

— Aquela-a va-adia suja... — Arranco a arma das minhas costas, e antes que o fodido pense em fechar a maldita boca, o cano da Glock está fazendo uma visita a sua garganta.

— Você disse algo? — pergunto, solícito, pisando em sua mão, movo minha perna colocando meu joelho em seu estômago. — Eu tenho alguns problemas de audição se é que você me entende.

— Russo? Seu fodido. — Noto o passarinho atrás de mim.

— Escute, passarinho, fique fora disso — digo, sem nem olhar para ele.

— Largue ele, homem. — Ele coloca a mão em meu ombro. — Ele não vale a pena, você só vai fazer a Solange sentir medo de você, porra.

— Ela não precisa saber, não é, Sullivan? — Ele me olha assustado, imóvel, sem piscar. Oh! Sim, seu filho da puta, você vai ver a morte pelos meus olhos.

— Com você saindo daquele jeito, gênio? Use a cabeça homem e largue esse verme.

— Bons sonhos, filho da puta. — Tiro a arma da sua boca, giro-a travando. A coronha atinge em cheio seu rosto, fazendo-o apagar, o rosto dele bate no chão com força, o som dos ossos em contato com o chão imundo, fazem-me sorrir. Oh! Sim, esse maldito vai ter umas ou duas costelas quebradas.

— Porra, Russo.

Levanto-me, e chuto o filho da puta, ouço o estalo do osso. Endireito minha postura, passo a arma na calça, a respiração do passarinho está irregular e ruidosa, irritando-me ainda mais.

— Porra, achei que você ia pregar uma bala na cara dele, porra. — Saio do beco, respiro fundo.

— Vá ao La Carmen e pegue minhas coisas.

Ele me olha desconfiado, mantenho-me quieto. Enquanto ele volta a tagarelar nervoso.

— Porra, se olhe no espelho, você está parecendo o Piu-Piu depois daquele episódio que ele ficou doidão. O que você vai fazer?

— Tentar não voltar lá e terminar o que eu comecei.

— Você realmente não se importaria em meter um furo na testa dele, não é?

— Pareço me importar? — Cuspo com nojo, maldito assediador de merda.

— Certo, certo. Eu já entendi o quão puto está, você está balançando pela Sol, não é? Certo, já entendi, não precisa rosar e nem me olhar desse jeito.

Saio andando e nem me dou conta que paro no beco que dá no clube, apoio-me na parede e respiro fundo, apertando meu nariz com força. Fecho meus olhos por um instante, Solange está me levando a um limite que nem sabia que tinha, a ideia daquele maldito porco colocando as mãos sujas sobre ela me fez tremer de raiva. O medo no olhar, me fez ter a certeza que

ela já levou a merda de outro desgraçado. Pude ver isso, o medo no olhar dela, já estava lá antes mesmo do porco do Sullivan. E ficou na borda quando ela viu as investidas do maldito.

Porra, talvez o pai da pequena seja o responsável, por isso atravessou a fronteira. Mas que diabos. Nem estou aqui para isso, mas nunca me pareceu tão certo, ficar perto delas, protegê-las seja lá qual for o motivo que a fez temer tanto.

Mesmo eu sendo a porra de uma merda, de forma egoísta quero que elas me aceitem, sem nem saber o motivo. Por um momento me sinto um maldito merda, por levar ela a borda, impondo minha presença e fazendo ficar acuada, soco a maldita parede fazendo minha mão pulsar, que porra estou fazendo?

— Porra, as histórias da abuelita são reais. — Corvo me empurra. — Amor à primeira vista existe, caralho. — Ele ri, como se tivesse ganhado na loteria, dá um maldito pulo e soca o ar. — Velha safada, ela sabe das coisas, olhe para você, todo boladão pela Sol.

Um nó se forma em minha garganta, sorriso descrente.

— Contos de fadas não existem, passarinho. — Ele me olha, vidrado. Lunático.

— Qual é o seu problema? Porra, até eu sou que sou uma merda, quero uma abelhinha para chamar de favo de mel. — Respiro fundo.

— Qual é, acha que eu quero essa vida de vagabundo solitário para o resto da vida? Eu quero um Melzinho para chupar, porra, não uma puta barata que deseja me usar por uma noite.

— Uma vez filho da irmandade, sempre filho da irmandade. Deixei um maldito inferno queimando lá atrás, e pretendo voltar e terminar o que comecei — digo, deixando claro a ele quem eu sou e de onde vim.

— E pra que filosofar, homem? — Ele me abraça pelos ombros e me puxa pela porta de trás do clube.

— Escute o papai, aqui. Você precisa entender que a Sol é parte desse clube, mesmo ela não sabendo ainda e antes de você chegar até nós, caso vocês furem o couro na saliência por aí, ela só vai passar de protegida por bandidos, a mulher protegida de bandido, sacou? Isso aqui. — Ele balança a dog tag em seu pescoço. — Isso, deixa de ser seu quando você arruma

alguém, entende? Nós ainda seguimos as tradições, então se um dia você der as suas a Sol, não tem mais volta, compreende? Se um dia ela socar o pé na sua bunda por alguma deslealdade sua, ela fica e você vai, é assim, essas são as regras. Dom mandou muita regra pro espaço inclusive a maioria das sujeiras nojentas do clube. Somos uma família e quando você decidiu ficar, você ganhou irmãos e uns velhos aí que podem ser chamados de pais. Família, cara, guarde a palavra, família.

E pela primeira vez fico em silêncio, não por ser insuportável como ele sempre diz, mas sim porque não tenho ideia do que dizer a ele.

Família.

SOLANGE

Aperto o casaco contra o meu corpo, preciso finalizar uma encomenda para Bonnie, e do jeito que as coisas andam com Dominic, talvez as coisas serão assim por um tempo. Homem burro. Posso ver o amor entre os dois, mas palavras não ditas fazem dos dois uma catástrofe, e as que são ditas pioram ainda mais as coisas entre eles.

Olhando dos lados, atravesso a rua para o lado onde os postes se mantêm funcionando, com a bolsa entre meus seios dentro do casaco, meu corpo treme de medo.

Às vezes, tenho a sensação de que ele me encontrou, e voltou para terminar o que começou quando fugi da primeira vez, em seis meses fui capaz de vivenciar o inferno na terra, por um maldito homem, que me tirou tudo que lutei para construir, saber que jamais vou poder voltar a sepultura do meu Juan, acaba mais um pouco comigo. Meu povo vê a morte como uma celebração, como um retorno das pessoas que amamos, mas jamais vou conseguir ver a morte de Juan como uma celebração. Sempre peço que a Nossa Senhora de Guadalupe tire esse sentimento do meu coração, que se quebra um pouco mais a cada dia, parece que parte do meu coração se foi com ele, culpo-me diariamente por não ter percebido a ameaça à nossa volta.

Acelero meus passos, quando um carro preto vira a esquina com os faróis altos, olho para trás sem ter certeza se devo correr ou não. A casa senhor Freeman e de dona Abigail ainda está a dois quarteirões.

— Nossa Senhora de Guadalupe. — Chamo minha santinha baixinho, segurando firme minha mochila em meu peito, e prendendo firmemente meu escapulário entre meus dedos.

O motorista dá faróis altos e para ao meu lado.

— Não quis assustá-la, Raio de Sol. — Não sei por qual motivo, mas solto o ar que estava preso em meus pulmões e respiro aliviada mesmo um tremor passando por meu corpo.

Mordo meus lábios.

— Venha. — Ele abre a porta do passageiro. — Eu lhe dou uma carona, afinal, você me deve um jantar, querida. — Ele pisca, fazendo-me ficar sem resposta.

Olho dos lados analisando as opções, depois de pegar Rosita, vou ter que andar mais cinco quarteirões até chegar em casa. Pondero. — Não há qualquer maneira de deixá-las sozinhas, Raio de Sol. — Mordo meus lábios, entro do carro e fecho a porta com cuidado. — Com mais força, amor. Ela continua aberta. — Ele inclina o corpo pesado sobre mim, abre a porta e a bate novamente, prendo o ar em meus pulmões, mas não por medo dele, e sim por medo das reações do meu corpo, porque meu corpo parece reconhecer o dele.

O Mustang preto, parece ser novo, mas, mesmo assim, cheira a cigarros e canela.

— Por quê? — questiono baixo.

— Por que, o que, Raio de Sol? — Ele me olha e coloca o carro em movimento.

— *Por que estás fazendo isso?* — Enrolo-me na pronúncia dos dois idiomas.

— Porque eu desejo você e quero ser amigo da sua filha. — Dá de ombros

— Me dese-eja? — gaguejo, ele ri rouco e baixo.

— Sim, aquele lance de ficar pelados e gozar até que você me queira de novo. — Ele pisca, meu rosto queima de vergonha e minha boca abre em um perfeito “o” de espanto. Engulo em seco. Ele gargalha, fazendo a risada gostosa encher o carro, e atinge em cheio o meio das minhas pernas.

Inconsciente, passo a língua pelos meus lábios, ele acompanha o movimento com os olhos e balança a cabeça, olhando-me de forma lasciva.

— Você me fascina, mulher — confidencia, não parecendo nada com o homem fechado e sem qualquer expressão.

— Deve dizer isso a todas. — Sorrio, nervosa.

— O que *te* faz pensar isso? — pergunta, manobrando o carro.

— *Tú no pareces* homem de uma mulher só, Russo. — Ele arqueia a sobrancelhas.

— Não me chame de Russo, mulher. — Rolo os olhos, debochada.

— Rosita fez um roteiro da noite da pizza de brócolis — comento, mudando de assunto. Ele dá um sorriso de lado fazendo a famigerada covinha aparecer. — Ela realmente gostou de você — admito.

Ele fica sério de repente quando para o carro na frente da casa do senhor Freeman e de dona Abi.

— Eu jamais vou machucar vocês — ele afirma, olhando dentro dos meus olhos não dando atenção alguma ao que disse anteriormente. Abro a porta do carro sem dizer nada. Mesmo ele não tendo a intenção, eu sei que ele vai quebrar meu coração, um homem como ele só procura diversão por um curto período de tempo e não o culpo, talvez esteja julgando sem o conhecê-lo direito, mas algo me diz, que não existe nada que o prenda nessa cidade, nem mesmo o clube. Os olhos selvagens dele querem alguma coisa, liberdade, talvez? Mas a mesmice e uma família manchada e quebrada? Eu duvido muito.

Agradeço ao casal de idoso, por serem pacientes comigo pela demora. Por cima do ombro, vejo o senhor Freeman cumprimentar Ivan com um sorriso e uma balançada de cabeça como se eles se conhecessem.

Rosita está no colo de Ivan, e conversando com ele. Paciente, ele mexe a boca devagar.

— Nós nos vemos amanhã, querida? — Abi me abraça. — Nina dormiu enquanto elas assistiam ao filme, Rosita aguentou firme, vejo bem o motivo. — Aponta para Rosita que gargalha alto de algo que Ivan deve ter dito.

— Vejo-os amanhã. — Agradeço, viro-me indo em direção aos dois. — Querida, se divertiu hoje? — pergunto, pegando Rosita do colo dele, ele arqueia a sobancelhas e dá um sorriso de canto.

— Você viu, mamãe? Ivan veio! — Ela comemora, ignorando completamente minha pergunta.

Sorrio, peço licença ao Ivan, ele abre a porta de trás, coloco-a no banco, e regulo o cinto de segurança. Coloquei-a estrategicamente atrás de Ivan para que possa ficar de olho nela.

Ivan entra no carro, faço o mesmo, certificando-me de fechar a porta direito, dessa vez.

— Ela já nasceu assim? — Ele é direto, falando baixo, como se ela pudesse nos ouvir. Não o julgo, talvez ele nunca tenha visto uma criança na vida, ainda mais uma surda.

— Yo tive alguns problemas... Em minha gravidez. — Olho para frente, sentindo-o me olhar pelo canto do olhar, sondo Rosita e ela está olhando atentamente para fora. — Tive problemas para mantê-la e minha saúde ficou fragilizada, minha gravidez foi conturbada e os médicos suspeitam que ela possa ter contraído infecções e meus problemas possam ter sido a causa, nunca ficou comprovado de fato o que levou ela a nascer com esse problema.

Na verdade, nunca tivemos condições o suficiente para ter um plano de saúde melhor, uma de nossas maiores metas, era juntar dinheiro o suficiente para tratá-la no México, afinal apenas uma consulta e exames não saem por menos de dez mil pesos[23] com médicos que sequer examinavam o ouvido dela, os exames eram feitos aos trancos e barrancos. Quando viemos a este país, vi-me gastando todo dinheiro que Juan e eu juntamos para termos um teto.

— Nunca a levou ao médico?

— Nunca tivemos condições, senhor Sarnov. — Sou sincera, quando ele para à frente da minha casa, suspiro.

Desço, porém, ele é mais rápido, como um gato ligeiro, solta Rosita e ela começa a tagarelar com ele.

— O Ivan disse que sabe cozinhar, mamãe. — Ele sorri para mim.

Esta será uma longa noite.

IVAN

A casa simples e bem-arrumada me dá uma sensação estranha no peito, tudo arrumado e cheirando a doces e flores. Há um vaso com rosas brancas na pequena mesinha em frente ao sofá colorido, com capa de estampa de flores amarelas, pretas e azuis. Algo me diz que as roupas pretas e discretas, não tem nada a ver com a mulher que vive nessa casa, quadros simples e coloridos espalhados pelas paredes. A cortina cheia de formas coloridas e cheias de vida. O tapete felpudo e laranja no chão, quase me faz sorrir. Aproximo-me da estante, algumas fotos chamam minha atenção, um homem. Alto e magro, negro como Solange, com um sorriso gigante carregando Rosita nas costas enquanto Solange beija seu rosto.

Rosita puxa minha calça, pego-a no colo.

— Esse é meu papai, ele é uma estrela brilhante agora — ela diz.

Solange coloca a bolsa dela no sofá e me olha.

— Ele mora no céu e quando voltarmos para casa vamos dançar e comer docinhos com ele.

— Vamos comer pizza de quê? — pergunto, mudando o foco dela mesmo confuso e curioso. Ela não tem ciência do que isso significa e não quero levar nada a ela, ela sequer tem o tamanho de um ser humano da idade dela, pequena delicada como uma florzinha.

— Brócolis e queijo. — Sorri.

— O senhor se importa de esperar alguns minutos? Eu e essa mocinha precisamos de um banho — Raio de Sol diz, tímida, pegando Rosita do meu colo. Como o maldito inconveniente eu sou, sento-me no sofá colorido e sorrio para elas.

— Eu tenho todo o tempo do mundo, Raio de Sol. — Pisco, vendo-as correrem para as escadas, rindo.

Quando ouço o barulho do chuveiro, levanto-me e volto até a estante, há uma fileira de fotos, todas elas estão felizes e sorrindo, mas uma me chama atenção, Sol está com o homem em frente a uma barraca simples, e toda colorida, as portas pintadas nas cores amarelo e azul, ele juntos cortam uma faixa vermelha em forma de laço, algumas pessoas sorriem volta,

percebo uma protuberância na barriga dela e seu semblante cansado, mas feliz.

Há uma foto de Sol e de Rosita em frente a uma enorme igreja, ambas de costas as roupas vivas e cheias de cores dela me chamam atenção. Na foto abaixo, os três estão juntos, com Rosita no meio, e cada um de um lado, ambos em frente à igreja, parecem agradecer por algo, sinto-me vazio, se há um Deus que ela acredita, por que ele permitiu a pequena ser assim? Por que ele permitiu a morte de um homem, que parecia amá-las, venerá-las e protegê-las? Onde estava esse Deus que ela parece acreditar, quando elas estavam em um caminhão de imigrantes ilegais?

Afasto-me da estante como se tivesse levado um soco no estômago, volto a me sentar no sofá colorido, sem respostas e com uma maldita sensação de sufoco, esfrego meu rosto entre minhas mãos e tento tirar a maldita vontade de saber mais sobre elas.

O que diabos estou fazendo? Por que diabos essas duas parecem importar mais que qualquer coisa que tive nos últimos meses, por que elas fazem com que me sinta vivo? Sem respostas e frustrado, vejo-as descenderem, Solange usa um vestido todo florido, e um turbante do mesmo tom do vestido nos cabelos. Linda. Muito linda.

— Vamos fazer pizza, Ivan! — Rosita exclama, animada, um pouco alto demais sem notar.

Ela corre em direção a cozinha.

— Obrigado — agradeço. Sentindo-me um maldito egoísta. — Por ter me deixado entrar. — Olhando para a estante, sorrio.

— Como se eu tivesse outra opção. — Ela ri, um leve deboche ondula em seus lábios atrevidos, os olhos dela brilham, sorrio de lado me virando, cruzo meus braços em frente ao corpo, o que não passa despercebido por ela.

Minha razão me manda ir para longe, elas não são meu objetivo. Mas meu maldito tesão por essa mulher me diz o contrário, minha mente está implorando para ficar e desvendar o mistério nos olhos brilhantes e está implorando por mais sorrisos da pequena Rosita.

Porra, jamais vou admitir em voz alta e muito menos para o maldito Passarinho, mas ele tem razão, meu coração bate forte me fazendo sorrir

mais e mudar de posição, fazendo-a debochar ainda mais.

E pela primeira vez em anos, ouço meu coração. Provocar essa mulher será meu remédio diário e tornará minha estadia nessa cidade ainda mais interessante.

— Por que está me olhando assim, Russo?

— Você não vai querer saber, Raio de Sol. — Sorrio de lado, faceiro, irritando-a ainda mais. — E pare de me chamar de Russo.

— Certo, Russo.

Por que tenho a impressão que ela também vai me deixar louco nesse maldito processo de diversão?

Capítulo 8

“Mentiras.”

*“E se o Sol está chateado e o céu fica frio
Então, se as nuvens ficam pesadas e começam a cair
Eu realmente preciso de alguém para chamar de meu
Eu quero ser alguém para alguém
Alguém para você
Alguém para você
Alguém para você
Alguém para você”*

Someone To You

Banners



IVAN

Sento-me na banqueta me inclinado sobre o balcão, elas falam rápido e em espanhol, fico um pouco confuso mesmo dominando a língua delas, a rapidez e a forma fluida que elas se comunicam me deixa maravilhado, pois noventa por cento da conversa é na língua dos sinais. Solange fala com ela de forma doce e mansa. Pego-me sorrindo e me sentindo um maldito folgado, mas não dou a mínima, Solange me olha e sorri de lado, piscando para ela que revira os olhos.

— Síndrome de Maldonado — Solange diz, tendo minha atenção apenas para ela e seu rostinho diabólico de anjo caído.

— Como? — pergunto, a forma audaciosa dela me faz sorrir.

— Essa sua cara de Deus inabalável e inconveniente, síndrome de Maldonado. Passo a mão em meu rosto e sorrio de canto. — Deus no céu e você na terra.

— Não acredito no seu Deus. — Ela me olha desconfiada, sorrindo de forma sensual e descrente.

— Pessoas como *tú*, vão duvidar até precisar dele — rebate, decidida.

— Só não vai escutar o que eu tenho a dizer por causa da pequena. — Sorrio para Rosita que corta o brócolis em pequenos galhinhos com os dedinhos.

— E disse alguma mentira, homem arrogante? Lave as mãos e pare de colocar conotação sexual em tudo que digo, por favor. — Ela aponta para a pia.

— Para quê? — questiono, dobrando as mangas da minha camisa. Ela vai até à geladeira e a abre, quando se inclina consigo vislumbrar a popa da sua bunda redonda, no caralho, essa mulher deliciosa deve ser por inteira macia e cheia de fogo, porra.

Ela se vira, soltando uma peça enorme de queijo na bancada e aponta a faca em minha direção.

— Vai cortar o queijo — manda, indiferente. Arqueio a sobrancelha para ela. — O que, vai dizer que não sabe cortar queijo? — debocha.

Onde diabos está a mulher tímida que cora quando fica perto de várias pessoas?

— Eu sei cortar muitas coisas, Raio de Sol. — Olho-a de cima a baixo, fazendo-a me olhar desafiante e revirar os olhos. — E sei acender o fogo caso precise.

— Claro que sabe. — Ela faz uma falsa cara de nojo, mas vejo o brilho intenso no olhar dela, estendendo-me um avental de flores. Encaro o negócio.

— Eu não vou colocar isso. — Aponto para o avental. Ela coloca a mão na cintura e bate o pé no chão.

— Minha cozinha, minhas regras.

— Nossa cozinha, Raio de Sol. — Pisco, fazendo-a balançar a cabeça de um lado para o outro.

— Síndrome de Maldonado. — Ignorando a comparação ridícula, olho em direção a Florzinha.

— Ei, Florzinha, quer ajuda? — Ofereço-me depois de cortar o queijo. Ela nem olha para mim, chego perto dela com cuidado e toco em seu rosto, ela dá um pulo. — Desculpe-me, Florzinha — digo, mexendo os lábios devagar.

— Experimente, Ivan. — Ela me oferece um galhinho, pego provando-o.

— Cozidos no vapor? — questiono Solange, que passa molho em uma enorme massa de pizza.

— Sim. — Ela sorri e morde os lábios carnudos, constrangida. É fascinante como ela pode oscilar entre uma mulher tímida e uma cheia de fogo no olhar.

Eu me sentei novamente, presenciando-as montarem a pizza juntas, parece um ritual, brócolis e muito, mais muito queijo. Elas terminam a pizza e Rosita pula do branquinho.

— *Posso ir assistir Ladybug?* — Ela aponta para a TV e bate a uma mão na outra para a mãe. Sol responde o que parece ser um sim, e ela vem até mim e cutuca meu joelho.

Levanto-me e abaixo à sua altura. Ela bate as mãos, olho confuso para Sol.

— Diga a ela que você ainda não sabe a língua dos sinais — Sol comenta, e sorri de forma compreensiva.

— Eu ainda não aprendi a falar com as mãos, Florzinha. — Balanço minhas mãos no ar falando devagar fazendo com que ela me olhe e se vire para mãe. Ela bate as mãos e a mãe fez o mesmo de forma lenta para ela. Mantenho-me em silêncio, mesmo curioso querendo saber o teor da conversa.

— Pergunte a ele, querida — Sol diz, devagar, e sorri, meneando a cabeça em minha direção. Rosita, balança os pés e coloca as mãos atrás das costas, chutando o chão e com o rosto todo vermelho, ela se enrola no idioma dela e diz quase inaudível.

— *Yo* posso... Posso te... — Espero pacientemente que ela tome coragem. — Eu sei formar palavras e posso *te* ensinar — ela fala toda fofa, arrastando e misturando as palavras, tentando não olhar para mim.

Chamo sua atenção e ela me olha, quando toco em seu pequeno nariz.

— Vai ser minha professora? — pergunto, ela afirma.

— Vou adorar ter aulas com você, Florzinha — digo devagar. Ela arregala os olhos e se vira para a mãe. Meu peito se aquece, sinto-me estranho e incomodado. Respiro devagar tentando compreender as sensações

que estão me dominando, devagar sorrio sem jeito e passo a mão nos cabelos.

— Vou te ensinar — comenta, e bate palminhas. Ela se vira para mim e pergunta, acanhada: — Quer um abraço de urso, Ivan? — Abro a boca para responder, mas um corpinho pequeno bate no meu e me aperta com força.

Meu coração dispara e o cheiro de flores e de criança me invade por inteiro.

"Venha me achar, papa" A voz doce de Dora me domina, fazendo com que eu corresponda o abraço dela, arrancaram minha filha de mim e tiraram o pai da pequena. Quando me afasto dela, alheia a tudo, ela me dá um beijo estalado na bochecha e sai correndo indo em direção à sala, ouço a TV ser ligada, e percebo que ainda estou de cócoras no chão com a mão no local que ela beijou. Outra sensação transpassa por meu peito, respiro devagar.

— Perdoe-me, senhor Sarnov, Rosita é amorosa de mais e não sabe...

— *Ne.* — Vejo-me embolando minha língua com os idiomas, sem perceber.

— Não tem o que ser desculpar. — Vólto a me sentar na bancada, a pizza começa a cheirar. — Onde está o pai dela? — pergunto, cruzando os braços sobre o peito.

— Meu esposo...

— É casada? — A constatação me bate com força, fazendo algo se agitar dentro de mim.

— Meu esposo faleceu há quase sete meses — esclarece, sem olhar em meus olhos. Sinto a mentira ondular dela e me bater. Ela me olha e desvia o olhar. — Ele foi assassinado em um assalto à mão armada — diz, olhando para fora.

Solto um riso pelo nariz.

— É por isso que fugiu do seu país? Você viu o rosto dos assaltantes? — Ela sequer me olha e afirma em silêncio.

Mentirosa. Vejo a mentira em seu olhar, ela sabe disfarçar, mas não o suficiente.

— A polícia do seu país nunca fez nada? — sondo, cauteloso, ela me olha e a mentira está nítida em seu olhar assustado e temeroso, ela volta a olhar para fora, como se estivesse procurando algo ou alguém.

— Eles não podem fazer nada e nem querem. — Desconfortável ela se afasta da janela e se encosta no balcão à minha frente, fazendo o perfume dela me preencher.

— Qual é o nome da pequena? — Vejo-a ficar ainda mais desconfortável, ela me olha com medo e respira fundo.

— Rosa — responde baixo, e se vira em direção a geladeira, abrindo-a tira uma garrafa de Coca-Cola e coloca no balcão. — E o senhor, o que faz aqui? — questiona, tirando o foco dela.

Mantenho-me na mesma posição.

— Negócios — respondo, ela me olha curiosa.

— Negócios? — encaro-a de forma que possa desviar o olhar, Solange umedece os lábios e a respiração dela fica irregular.

Rio, meus olhos se fixam para o braço dela, arrepiada acompanha meu olhar e esfrega a mão sobre a pele eriçada.

— Maldonado tem negócios que despertaram meu interesse. — Ela dá um passo para trás, quando me levanto e me coloco à sua frente, ela bate contra a pia, afasto minhas pernas, o suficiente para ficar mais baixo, inclino minha cabeça e olho em seus olhos chocolate.

Ela ofega, travo uma mão na pia e com a mão livre, toco seu queixo fazendo-a levantar os olhos e me encarar.

— Mas os negócios não são os únicos motivos que estão querendo me fazer ficar. Talvez eu resolva ficar por um tempo — digo, tocando seus lábios com meu polegar. Úmidos e macios.

— No acho que tem motivos para ficar. — Sorrio abaixando meus lábios, na altura dos seus.

— Você achar e eu ter, são coisas totalmente diferentes, Raio de Sol. — Pisco, fazendo-a ofegar mais, sua respiração quente bate contra meu dedo.

Afasto-me dela quebrando o contato, ela respira fundo e olha para mim sem entender.

— Você quer ser beijada, meu Sol? — pergunto, cruzando os braços. Solange morde os lábios. — Terá que pedir, Raio de Sol. Sou um homem aberto ao diálogo e pretendo fazer você ser aberta a muitas conversas também.

SOLANGE

Engulo em seco, meus lábios, instantaneamente, secam. Depois de ajudar Rosita com o queijo, ele abre os dois botões da camisa social preta.

Nunca vi um motoqueiro vestindo roupa social. O peito dele é largo e a pele parece bronzeada do sol escaldante de Vegas, os pelos estão aparados mostrando algumas tatuagens e algumas cicatrizes.

— Yò... Yò não quero que me beije — gaguejo, engolindo em seco, ele me encara, debochado, com um olhar superior Ivan estala a língua e sorri de canto, fazendo a covinha em seu rosto aparecer, os lábios dele tremem quando ele ri de forma lenta.

Maldito homem dissimulado!

Maldita síndrome de Maldonado, o maldito é arrogante e prepotente igual.

Ele se aproxima novamente de mim e sorri.

— Mulher, mulher... Você não quer que eu *te* beije? Mas deseja que eu *te* deixe nua? — Sorri, ordinário.

— Quem disse? — Enfrento-o, fazendo os olhos dele brilharem de maneira perigosa. O cheio de canela e colônia me invade em cheio, fazendo-me morder os lábios.

— A umidade entre as suas pernas, meu Sol — sussurra, como se fosse um comando cruzo as pernas, minha intimidade pulsa.

— Yò no estou úmida. — Ergo meus olhos e antes consiga dizer mais alguma coisa, meu corpo é chocado contra a pia, e a boca dele bate firme na minha. É como uma explosão de sensações.

Gemo quando sinto sua mão segurar, possessivamente, minha nuca, e a outra mão ele desliza em cima da minha bunda, de maneira firme e pesada, fazendo-me suspirar.

Minhas mãos pousam sobre o peito duro, é como se tivesse tomado uma carga elétrica, meus dedos tremem contra a pele quente, ofego, lânguida, ainda mais quando ele empurra a língua com força, o beijo parece ter saído de uma cena de filme, meu corpo estremece e as ondas de prazer fazem com que me sinta viva.

Meu coração pula no meu peito e o ar fica rarefeito, quando ele se afasta mordendo meus lábios, sinto meus lábios arderem. Afasto-me levemente e ofegante, levo minhas mãos aos lábios e eles estão inchados. Ele continua me mantendo cativa e me segurando contra ele. O olhar prepotente e quente dele faz um arrepio percorrer minha espinha.

— Se você não estava úmida, Raio de Sol... Garanto-lhe que agora você está pingando.

IVAN

Os pelos do braço dela se arrepiam, deixando-me mais duro ainda por ela, oh, foda-se que ela acabou de perder o marido, e estou agindo como um maldito cretino, mas foda-se, ela me deseja. E isso nem que ela queira, consegue negar.

E que o Deus que ela acredita, tenha o marido dela em um bom lugar, estou vivo e ela também.

Ela se afasta sem dizer nada, e vai olhar a pizza. Quando abre o forno, o delicioso cheiro me atinge em cheio.

Solange retira a forma com cuidado.

Quando coloca a pizza no balcão o telefone toca. Antes mesmo que ela fale algo, tiro o telefone do gancho e levo a orelha.

— Alô? — Ouço um ruído e um barulho do outro lado. — Alô?

Ela me olha, passando a mão sobre o pano de prato se aproximando. Uma risada ecoa na linha, bato a mão no telefone encerrando a chamada, puxo o telefone do gancho com força, arrancando o cabo da parede fazendo um estalo ecoar na cozinha.

Ela me olha assustada e dá um passo para trás.

— Vai precisar de um telefone novo, Raio de Sol — digo, jogando o telefone em cima da bancada. — Vai me dizer a merda que você está tentando esconder sozinha ou terei que descobrir do meu jeito?

Capítulo 9

*“Você sente o mesmo quando estou longe de você?
Você sabe a linha que eu andaria por você?
Poderíamos dar meia volta, ou poderíamos desistir
Mas vamos enfrentar o que vier, enfrentar o que vier
Oh, a tempestade está furiosa contra nós agora
Se você tem medo de cair, então não olhe para baixo
Mas nós demos o passo, e nós demos o salto
E vamos enfrentar o que vier, enfrentar o que vier”*

Walking The Wire

Imagine Dragons



SOLANGE

Era garçoneiro, em um bar na beira da estrada de Latrell, uma pequena vila, a quase quinze minutos da minha cidade, todos os dias fazia o caminho a pé. Os noticiários estavam anunciando que o cartel de drogas Veranoza, invadiu a vila e fixou um ponto de drogas entre Latrell e a vila de Guadalupe, armados, eles estavam em guerra declarada com os *Los Hermanos*.

Passei a andar mais rápido, com medo, todos os dias, senhor Carlos passou a me mandar mais cedo para casa. Tentava a todo custo passar despercebida pelos homens que iam à lanchonete todos os dias. Mas um dia ele falou comigo, Steban Navarro.

Vi suas fotos no noticiário, era procurado por narcotráfico e assalto à mão armada, as armas que vi em cima da mesa fazia uma ânsia de vômito subir em minha garganta, o medo me deixava atordoada. Nunca levantei o olhar para ele e nenhum de seus homens, só o vi pela TV. Na semana que se seguiu, tive com uma sensação que estava sendo seguida, mas conforme os dias passaram, a sensação foi sumindo, e os traficantes também, o

movimento na vila parou, os traficantes sumiram depois de uma rebelião no centro do México, os noticiários era puro terror, a guerra nas ruas do México tomaram proporções gigantes, e a polícia sequer fazia algo.

Vi Pablo García subir no púlpito da polícia do Novo México e exaltar a ação do cartel Veranoza, como se eles fossem justiceiros, a polícia deu perdão ao cartel Veranoza pela morte de Sánchez Chinchurreta, líder do cartel *Los Hermanos*.

De repente uma paz reinou sobre as vilas que antes eram dominadas pelos Veranoza, agora eram patrulhadas pela polícia, dia e noite. Por algum motivo me senti aliviada pelo sumiço de Steban Navarro. Nada era noticiado, os noticiários do Novo México, já não eram mais sobre a onda de crimes e da rede do narcotráfico. Até que seis anos depois, uma TV local noticiou a morte de um feirante.

Juan, o rosto do meu Juan virou notícia, as acusações de que ele devia ao cartel Veranoza surgiram, e que a volta deles era real, os noticiários falavam de um possível assalto, uma semana após a morte de Juan, o inquérito foi concluído, descartando seu envolvimento com o cartel Veranoza, o inquérito dizia que Juan foi morto em decorrência de um assalto à mão armada.

Foi ele, Steban. Depois da morte de Juan, via ele em todos os lugares, do outro lado da rua, as flores que chegavam em casa, os convites, os presentes, as pedras preciosas, os pingentes de ouro. Apenas um buquê tinha um cartão, as palavras do maldito cartão estavam entalhadas em mim como ferro quente.

"Eres libre, mi amor.

Libre de estar conmigo, por toda la eternidad.

*Amor, tu novio, Steban."*¹[\[24\]](#)

Minhas mãos tremeram, o grito mudo que saiu dos meus lábios, doeu em toda a minha alma. Foi como se Juan fosse tirado de mim, uma segunda vez. Na semana seguinte, o cartel Veranoza invadiu minha casa. Consegui trancar Rosita em segurança no armário do seu quarto.

Ainda posso me lembrar das mãos sujas de Steban em meu corpo, rasgando minha roupa. Não fui capaz de derramar uma lágrima, Nossa Senhora de Guadalupe estava lá comigo, todo o tempo.

Enquanto ele segurava firme meu pescoço, não gritei quando ele colocou a faca sobre meus seios e a carne se rasgou. Não gritei quando ele desfivelou sua calça, apenas fiquei lá. Mas algo o impediu.

Minha santinha, minha Nossa Senhora de Guadalupe me protegeu.

Quando ele olhou em meus olhos, ele simplesmente me largou no chão nua, ele beijou minha testa prometendo voltar. E saiu me deixando nua e sangrando no chão, levantei-me com cuidado, fui até o quarto e coloquei um vestido, amarrando um pano sobre meus seios. Quando cheguei no armário, Rosita dormia no chão, tranquila em cima de um amontoado de mantas. Ele ia voltar, quando ele voltasse nós não estaríamos mais lá.

— Mamãe? Você viu? — A voz de Rosita me traz de volta à realidade, balanço minha cabeça. Olho para Rosita. — Ivan não sabe comer pizza com a mão.

Fito Ivan e ele me olha atentamente, ele corta um pedaço de pizza e leva a boca, arqueio a sobrancelha. Pego meu pedaço de pizza e mordo um pedaço com gosto.

— Viu só, é assim que faz, Ivan. — Rosita aponta para mim. Ele sorri de lado de forma sensual e despreziosa.

— Use as mãos, senhor Sarnov — digo, olhando para a mão dele, ele batuca os dedos longos sobre a mesa.

— Claro, Raio de Sol. Vou usar os dedos. — Engulo em seco e abaixo a cabeça.

Esse homem será minha perdição.

IVAN

— Obrigada por vir, Ivan. — Rosita abraça meu pescoço e fala abrindo a boca de sono. Retribuo o abraço, ela se afasta beijando meu rosto e mexe as mãos, rapidamente. — Pode vir amanhã comer guacamole. — Olho para a mãe dela sem entender nada do que ela disse sua língua.

— Ela está te oferecendo guacamole, é um molho de abacate — Solange explica, pegando a filha dos meus braços. A pequena tomba de imediato em seus braços. — Yo já volto.

Viro o vidro de palitos e tiro um levando no canto da boca, pego as louças da bancada, e coloco todas na lavas-louças, abro o armário e acho um pote de vidro, viro o que sobrou da pizza no pote e me recosto na bancada, olhando em direção ao final da cidade, a casa de Solange fica na periferia de Parnoveil, na última rua, digamos que seu quintal é o começo do deserto de Vegas.

Há uns vaga-lumes brilhando lá fora, caminho em direção à porta dos fundos e abro, encosto-me no deck de madeira apoiando meus ombros na viga da pequena área coberta. Vejo quando um vaga-lume se senta em meu ombro e pisca. Ouço um uivo alto e solitário que ecoa longe, provavelmente em alguma montanha, e o vento traz o uivo até mim. O vaga-lume voa do meu ombro e pisca em direção ao escuro.

— Vai ficar aí parada, Raio de Sol? — pergunto, ouço um suspiro e passos mais barulhentos.

— Como você sabia? — A voz dela soa baixa, ela não usa mais o vestido, e sim um robe preto e grosso, ela abraça a si mesma e esfrega as mãos nos braços quando o vento frio nos atinge.

— Embora seus passos sejam silenciosos, ouvi sua respiração mudar. — Olho para ela apenas com o canto dos olhos sem me mexer. — Minha visão periférica também é ótima, está com frio? — sondo, fazendo-a se aproximar um pouco mais de mim. Não de frio, mas de medo. Mantenho-me na mesma posição. Olhando para o escuro, vejo seu rosto se arrepiar. — Medo de fantasmas, Raio de Sol? — digo, estalando a língua, ela fica tensa, soltando um riso anasalado, ela balança a cabeça de um lado para o outro e fecha os olhos.

— *Tengo* medo de pessoas vivas, senhor Sarnov. — Dou de ombros minimamente.

— E o que *te* faz ter medo dos vivos? — especulo.

— Pessoas do mundo que tu vive — comenta, virando-se de costas para o escuro, apoiando-se no deck.

Respiro fundo, sim ela sabe o que eu sou, talvez não o que realmente sou e minha linhagem, mas ela tem uma ideia. Sorrio.

— Não tem medo de mim? — pergunto, colocando-me em sua frente, afasto um pouco minhas pernas para ficar um pouco mais baixo e poder olhar

em seus olhos.

— Deveria? — afronta, cruzando os braços com força.

— Não, Raio de Sol. Mas o que *te* faz imaginar que não sou do mesmo mundo que você? — questiono, ela arqueia a sobrancelha bem-feita.

— A arma em suas costas. — Por puro reflexo, levo a mão a Glock presa no coldre em minhas costas.

— Como sabe? — pergunto, curioso e fascinado.

— Ou você tem uma postura muito boa, ou você tem uma arma nas costas, e um homem como você não se senta daquele jeito — explica em um sussurro, deixando-me mais encantado. — Você é folgado e espaçoso, tem uma péssima postura e quando se sentou na confeitaria, não ficou parecendo uma tábua, pois tinha uma arma menor do que a carrega hoje. Estou errada?

— Andou reparando em mim, Raio de Sol? — gracejo, tocando seu rosto. — Não entrarei mais armado em sua casa — digo, ela me olha irônica.

— Tenho uma pistola em cima da minha estante e um rifle em cima do meu armário — ela confia, solto seu rosto quando, e ela dá de ombros.

— Você tem armas? Sabe atirar? — as perguntas escapam com uma facilidade absurda dos meus lábios.

— Tive que aprender, sou capaz de sobreviver se precisar.

— Por quê?

— Precisei.

— Pare com as malditas respostas vagas — rosno.

— Não existem contos de fadas, senhor Sarnov, de onde venho os príncipes têm um furo na testa antes de se tornarem encantados.

— E de onde você vem? — inquiri, começando a me irritar com as suas respostas vagas.

— Vila Lustrera, no Novo México — responde, baixo. — E o senhor?

— Moscou, Rússia.

— É da máfia, não é? — pergunta em um tom praticamente inaudível, sustentando o olhar, admiro sua coragem, ela não tem medo de mim, tem medo de algo que está lá fora e que deseja pegá-la. — Tem uma revoada de pássaros no pescoço e uma tatuagem coberta no peito.

— O que sabe sobre a máfia?

— Sei o suficiente para ficar longe. — Suspira.

— Sabe o que é um Pakhan? — Ela balança a cabeça em uma negativa, terei o maior prazer de lhe mostrar, o tipo de Don que me tornei.

— *Yo no* sei sobre sua máfia, sei um pouco sobre a de onde eu vim — comenta, desviando o olhar.

— Seu marido não foi morto em um assalto — afirmo. — E ele não me pareceu membro de um cartel, Raio de Sol. Quem mandou matar seu marido? — pergunto, à queima-roupa, fazendo os olhos dela marejarem. Antes de pensar em qualquer coisa, meus braços envolvem seu corpo pequeno, o soluço baixo dela bate quente em meu peito, fazendo um arrepio percorrer meu corpo, medo. Por algum motivo compartilho o medo dela. Ela estremece em meus braços.

— Eu sinto-o m-muito, mas não posso dizer — diz entre soluços, sinto as lágrimas contra minha camisa, meu corpo retesa, percebo o maldito monstro dentro de mim me levar à borda, a raiva ondulando na minha pele me fazendo tremer levemente, como um maldito gatilho, chuto a merda para dentro de mim. — *No* posso machucar mais ninguém, senhor Sarnov.

Rápido demais, rápido demais. E mesmo curioso, retrocedo. E em silêncio prometo a mim mesmo, que ela jamais verá o maldito monstro que existe dentro de mim, mas o maldito que fez isso a ela terá o prazer de conhecer.

— Quem é ele, Raio de Sol? Eu só preciso de um maldito nome — peço. Ela estremece mais ainda. Afasto-me dela, minimamente.

— No posso dizer? — ela se pergunta, ao mesmo tempo que ela parece querer gritar por socorro, recua amedrontada.

— Não pode dizer ou não quer? — A ideia dela querer proteger alguém me faz soltá-la.

Ela me olha assustada e se encolhe.

— No pode se machucar por minha causa — comenta, chorosa. — No vê? A culpa é minha! Minha! *Yo* estou assinando seu atestado de óbito. — Ela se afasta de mim, andando de um lado para o outro.

— Dê-me o nome do maldito que causou a cicatriz em seu peito, Solange. — Ela arregala os olhos. — E vou fazer a mesma na cara dele.

Mais cedo quando ela se curvou enquanto pegava Rosita no colo, vi a cicatriz esbranquiçada em seu seio cheio, parece recente, mas cicatrizada. Meu sangue ferveu.

— Ele no vai parar até me encontrar, ele é o diabo — sussurra, segurando o escapulário com força.

— Meu Sol? Se ele é o diabo, eu sou o inferno.

Capítulo 10

“Segredos mal contidos”

“Não faz diferença se conseguiremos ou não

Nós temos um ao outro e isso já é muito

Por amor, vamos dar uma chance

Oh, estamos quase lá

Oh-oh, vivendo de oração

Segure a minha mão, nós vamos conseguir, eu juro

Oh-oh, vivendo de oração”

Livin' On a Prayer

Bon Jovi



IVAN

Os olhos amedrontados dela me fazem dar um passo à frente, ela balança a cabeça levemente e suspira.

— Fique fora disso. — A voz dela soa tão fraca e sem qualquer segurança, que antes que possa evitar, a minha risada seca e sem emoção, faz ela me olhar.

— Acha mesmo que um maldito traficante de cartel pode me machucar, Raio de Sol? — Toco seu rosto. Ela fecha os olhos por um instante e quando os abre me dá uma certeza.

Que ela me afastará.

— Eu escolho onde quero estar e a merda que eu vou me sujar, Raio de Sol. — Suspira, derrotada

— É arrogante assim em tempo integral? — Sorrio de canto, ela olhou para os meus lábios.

— Eu não sou arrogante, sou realista. — Coloco a mão em meus bolsos.

— Você se acha um Deus. — Ela sorri e desvia o olhar.

— Seu Deus é incansável, já eu sou de carne e osso.

— Acho que está na hora de você ir. — Ela inclina a cabeça em direção à porta.

— Está me dispensando, meu Sol? — Apoio-me no deck, impedindo-a de fugir. — Mulher nenhuma me dispensou antes — comento, arrependo-me no segundo em que a merda sai da minha boca.

— Para tudo se tem uma primeira vez. E tenho certeza que a minha dispensa não *te* abala, afinal eu sou novidade para homens como tu.

— Homens como eu? Por que me julga assim? — Ela dá de ombros, cruzando os braços.

— Eu sou negra e *usted es* branco. De onde eu venho homens da sua cor se interessam por mulheres como eu, quando querem apenas uma coisa, sexo — diz, decidida, e sorri, a voz suave e calma me faz ficar afastado.

— Está me dando uma lição de moral ou compartilhando uma informação? — Solange me olha com diversão.

— Informações, *Yo no* sou tão ingênua e pura quanto você acha, senhor Sarnov.

— E eu não sou tão depravado e filho da puta quanto você acha e pare de me chamar de senhor Sarnov. Eu tive alguém que me ensinou sobre respeito e lealdade, se conta a título de informação, alguém que me ensinou a respeitar as mulheres — protesto, fazendo-a me olhar surpresa. — Quem você acha que eu sou, Raio de Sol? Eu tive uma fodida vida antes de vocês, mas ainda tenho valores.

— *Yo* não disse que não tinha. Seja sincero, quantas negras o senhor já se deitou? — Surpreso com a pergunta, sorrio.

— Solange, eu não sou esse maldito vagabundo que a sua cabeça pensa. — Gargalha e me olha com olhar desdenhoso.

— Vagabundo? No, essa nomenclatura se encaixa melhor ao seu chefe.

— É qual é a nomenclatura que você me deu em sua cabecinha?

— Além de arrogante e folgado? — Rio, fazendo-a me olhar. — No sei — diz, sincera, fazendo-me rir. — Insuportável e intragável?

— Eu não sou tão ruim, sou? — sondo, inclinando-me um pouco mais perto dela.

— Tu...

— ¿Mamá? — A voz chorosa e alta soa dentro da casa. — ¿Mamá?

Afasto-me de Solange e ela entra na casa, apressada, sigo-a até à sala, Rosita chora e soluça, e cobre os ouvidos e balança o corpinho.

Solange se abaixa à frente dela, e começa a beijar seu rosto, ela começa a se acalmar devagar, Sol se levanta com ela no colo, abaixo-me pegando a manta no chão.

— Pesadelo? — Solange questiona, devagar, sílaba por sílaba para ela.

— Ele-e veio me-e pe-egar no arm-mário. — Ela chora mais e Sol afaga as costas da filha, os olhos de Solange marejam, ela não me olha, mantém a cabeça abaixada consolando a pequena, meu Raio de Sol começa a cantar uma música baixa e suave em espanhol para a pequena.

A voz suave me bate forte, doce e muito melo *Diosa*, o espanhol puxado me força a prestar mais atenção nas doces palavras quase que incompreensíveis.

“Fontezinha que corre, clara e sonora, rouxinol que na selva cantando chora.

Fica quietinha enquanto o berço se balança.

Nana neném, neném dorme.”

A pequena volta a dormir nos braços da mãe. Levanto-me e pego o celular dela. Ela me olha quando ligo o aparelho simples e antigo. Deslizo o dedo pelo visor e a tela de desbloquear aparece, disco meu número e faço uma lição, meu celular vibra em meu bolso, jogo o celular no sofá ao seu lado.

— Ligue-me, se precisar — digo, mesmo sabendo que ela morre, mas não me liga. Em pouco tempo, percebi que essa mulher machucada é independente o suficiente para não pedir ajuda a um homem como eu.

Quando chego à porta, viro-me.

— Boa noite, Raio de Sol.

Ela nada responde de imediato, fazendo-me concordar, os olhos dela brilham por algo, que eu não sou capaz de decifrar o que é.

— Boa noite, senhor Sarnov.

Com uma maldita dor de cabeça, abro a porta do meu quarto, mas volto a porta para conferir o caralho do número. 73, é o que indica o caralho da porta. A porra do meu quarto, os fodidos estão no meu quarto.

— Mas que porra? — resmungo, tirando meus sapatos.

Pego meus sapatos do chão, miro de forma silenciosa e jogo na cara do filho da puta, e faço o mesmo com o outro pé, mirando no outro filho da puta.

— Mas que merda? — Corvo reclama.

— Porra? — Carniça dá um pulo.

O corpo do maldito passarinho cai da minha cama, mas antes que caia no chão ele leva consigo Carniça.

— A porra sou eu que pergunto, o que diabos vocês estão fazendo dormindo no caralho da minha cama e de sapatos? — Corvo está deitado na cabeceira e Carniça nos pés. Ambos sem camisa e usando as malditas botas sujas, arranco minha camiseta.

— Fiu-fiu, vadia. — Corvo joga o sapato de volta, pego e jogo no chão.

— Você usa lentes? Não me diga que tem aqueles óculos de ator pornô gostoso do Only[25]. — Carniça se levanta, vendo-me tirar as lentes de contato dos olhos, o maldito calor dessa cidade deixa tudo pior, incluindo meus olhos, que parecem ter areia em tempo integral neles.

— Maldita dor de cabeça. — Guardo as lentes de contato nos potinhos com cuidado, minha visão embarça na hora e coloco os óculos.

— Homem, se eu não gostasse de uma bocetinha. Ui, ui, ui. — Corvo se abana.

— Os russos são sempre um tesão? — Carniça abre a boca, jogando-se novamente em minha cama.

— O que fazem aqui? — Ignoro os dois.

— Eu moro aqui. — Corvo debocha.

— E eu também. — Carniça balança a mão em desdém.

— Você mora do outro lado do corredor, quarto 72, babaca, e você... Aliás, como é a porra do seu nome?

— O meu?

— Não, o meu idiota. — Corvo pega o meu travesseiro e joga na cara dele.

— Porra, você baba? — Jogo meu travesseiro no chão com nojo. — Zander, Zander Dwyer — responde como se não fosse importante.

— Certo, Azaleia e perequitinho de beira de rodovia, tirem a porra das bundas de vocês da minha cama — ordeno, tirando a calça, pego o short que estava na cadeira no canto do quarto e coloco.

Sento-me na mesa e abro meu notebook.

— Mas que inferno. — O maldito plano de fundo piscou, a cara dos dois malditos apareceu na minha tela, Corvo mordendo a orelha do filho da puta do Carniça e ele com o dedo na boca. — Como vocês acessaram meu notebook, porra?

— Eu vi você digitando o código Morse lá na confeitaria — Carniça ironiza.

Respiro fundo, e abro meu navegador.

— Que cara do caralho é essa? — Corvo me questiona, tiro meus olhos da tela do notebook e os encarro.

— Vocês ainda estão aqui?

— Qual é o seu problema? — Corvo puxa meu cabelo com força de forma infantil. — Por que você precisa olhar por baixo dos cílios, levantar as sobrancelhas e abrir esse nariz de barco quando respira?

Digito o nome da cidade no buscador do Google e o nome da cidade abre na guia de notícias.

— Caralho, é a Solzita ali? — Corvo tira meu computador da mesa e anda com ele pelo quarto, lendo a notícia. Respiro fundo quando os dois praticamente sobem em cima de mim. — Homem é assassinado em Vila no Novo México, investigações apontam assalto à mão armada, o envolvimento da vítima com cartéis de droga foi descartado, possível reação da vítima pode ter causado o assassinato.

— Cacetada, eu não sabia disso não. — Carniça passa a mão pelo rosto dizendo de forma interessada no assunto. Tento me concentrar e ignorar Corvo e Carniça.

— Tem outra: Polícia de Lustrera encerra as investigações sobre o caso de Juan Pérez, que a linha de investigação foi confirmada, caso foi considerado ação velada já que a vítima provavelmente reagiu.

— Ela não usa o nome do marido?

Mantenho-me quieto enquanto os dois falam como se eu não estivesse aqui.

— Aqui não menciona nada sobre a Solzita, desde quando a polícia usa a palavra possivelmente, esses incompetentes não viram CSI não? — Ele coloca o computador em minha frente. — Aqui diz que ele deixa uma esposa e filha, mas não cita o nome da Sol e nem da coisinha bonitinha. Ivan? Que caralho de cara é essa?

Balanço minha cabeça.

— Não foi assalto — elucido.

— Como sabe? — Corvo questiona.

— Olhe para isso, você acha que se fosse assalto os assaltantes amedrontados não iam enfiar uma bala na cara da Sol? — Carniça continua lendo a matéria em silêncio. — Aqui diz que foi um único tiro, certo e que a única testemunha foi a esposa da vítima, caralho, ela viu alguém plantar uma bala no meio da testa do marido dela e está viva?

— Não vai falar nada, Russo? Russo? Russo? — Meu sangue ferve, as informações se ligam rapidamente em minha mente, a raiva faz meu pomo de Adão pulsar, minha garganta seca e nem percebo que preendi a respiração.

— Que merda de cara é essa, Russo? — Sinto a água gelada bater em meu rosto, passo a mão pelo meu rosto sentindo escorrer. — Eu estou nervoso, homem, fale alguma coisa. — Corvo termina de beber o resto da água do copo.

— Cara? Que viagem foi essa? Você ficou vermelho parecia que ia explodir. — O que vai fazer? — Ajeito-me na cadeira, ignorando as perguntas de Carniça e puxo o computador, abro o fórum do notebook. — Que parada é essa aí? No Google que eu uso não tem essas paradas aí não.

— Mil e uma utilidades, gosto assim, Russinho. — Corvo se apoia em cima de mim.

Com dois cliques estou de frente a foto do homem que matou o marido de Solange e quer pegá-la.

— Steban Navarro, príncipe do cartel de Veranoza. Espera, volta, volta. Santa Mãe fodida de Deus.

— O que foi? — Carniça olha o fórum. — Aquele ali não é o *Handball fodido abutre loco*? — Assim que ele termina de falar, conecto o nome do traficante de crianças ao maldito Navarro.

— Que merda. — Corvo passa a mão no rosto, nervoso. — O Novo México fica na fronteira, como não descobrimos isso antes? O Maldonado vai comer o cu desses traficantes de merda e de quebra a gente roda junto, por não ter notado essa merda toda antes, caralho. Estamos fodidos.

E eu vou ter o prazer de arrebentar os miolos de Steban Navarro.

SOLANGE

Minha semana *no* foi das melhores, eu tive uma Rosita perguntando um por maldito russo tratante a semana toda, sim ele provavelmente percebeu o que estava fazendo e desistiu.

Sabia que assim que ele descobrisse pelo menos um pouco da minha vida ele iria para o mais longe possível, mesmo deixando o seu número de telefone. Tinha certeza que ele não pretendia voltar, não mais.

Rosita parou de perguntar dele conforme os dias se passaram, na sexta-feira ela o esperou com guacamole na varanda, na terça ela se sentou na janela e na quarta ela simplesmente depois do seu banho foi assistir.

Ele não apareceu na confeitaria e não o vi no clube. E não um homem como ele não tem motivos para ficar em uma cidade como essa.

A chuva lá fora cai tão forte, que nem parece que começou, há apenas alguns minutos.

Termo de mexer o chocolate na caneca quando um raio corta o céu, mordo meus lábios, essa é a primeira vez ela dorme longe de mim, ela e Nina, neta do Senhor Freeman e de dona Abi, combinaram um acampamento na garagem. Rosita saiu munida de cobertores, travesseiros, salgadinhos e balas finis. O estrondo do trovão me fez tremer de medo, olho para o celular.

Não, já são duas da manhã, elas estão bem, seguras e dormindo. Rosita está bem. Caminho em direção à sala, deixo a xícara na mesa de centro e

ligo a TV, jogo-me no sofá, desanimada, sem um pinga de sono, sentindo-me sozinha. Rio, minha bebê está ficando uma mocinha e está feliz, é isso que importa.

De repente o barulho alto soa na porta. Sem pensar em mais nada, alcanço minha arma, afasto-me da porta empunhando a arma, tento respirar, afasto-me lentamente e choco meu corpo na ilha da cozinha. Dou um pulo quando meu telefone começou a tocar. O nome “Ivan Socorro 24 h” pisca na tela.

Apontando a arma para a porta, mais que depressa, atendo ao telefone.

— Alô-ô? — Minha voz treme, mas mantenho minha mão firme, se essa merda abrir, eu atiro em quem quer que seja.

Preciso de trancas e cadeados.

— Raio de Sol? Abaixe o caralho dessa arma e abra a porta, mulher.

IVAN

Respiro devagar, evitando que minha respiração faça barulho. Corvo respira de forma ruidosa no ponto eletrônico enquanto Carniça abre a maldita caixa de informações do cofre.

— Se essa merda apitar, o rabo de vocês voarão pelos ares. — A voz do passarinho soa no ponto eletrônico. — Abra e faça o trabalho, Bill Russo Gates.

— Quer calar a boca? Tenho quinze segundos antes que essa merda ative o alarme central da placa interna, Las Vegas toda vai escutar o barulho desta merda. — Tento conectar os fios, um a um. — Não respire, Azaleia, um suspiro e o fio escapa. — De ponta cabeça ele está segurando a maldita tampa da rede de segurança do cofre, quem diria que o sistema interno de segurança de um cofre fica debaixo de toda a merda que passa em Vegas.

Cofres como esses usam o sistema da Velha Vegas, passei a última semana enfurnado no quarto da pensão tentando resolver a maldita equação que não liberava o acesso ao cofre, o subsolo de um banco em Vegas não é nada comprado a um dos padrões dos EUA, os malditos cofres em Vegas são criados para agirem em conjunto com uma rede de segurança que se ligam aos cassinos.

Cada segundo conta, inclusive o encaixe perfeito dos fios no sistema interno do banco, Maldonado conseguiu clonar três cartões de acesso, para que o maldito cofre abra preciso sincronizar cada fio na placa do sistema de segurança dessa merda, a cada fio conectado a uma nova rede de horários é recriada, destravando as alavancas, o sistema dos cofres são capazes de identificar um usuário interno do banco, mas caso o horário não esteja registrado como a horário mãe da rede, essa merda continuará fechada. Cada chave libera o acesso apenas por quinze segundos apenas para que eu possa manipular os dados o suficiente para cruzar com os horários da rede e liberar as alavancas.

Se eu ou Carniça respirar, provavelmente toda a maldita Vegas saberá que estamos roubando um banqueiro safado devedor, Dominic e a sua maldita ideia de bancar o agiota salvador de filho da puta, acaba de colocar nosso rabo na mira dos malditos velhos que comandam essa merda de cidade.

Embora Maldonado mande na porra do buraco que é Parnoveil, esse desgraçado usa sua influência nessa cidade para sair ileso das merdas que ele faz.

— Se afaste devagar. — Carniça desliza as pernas pelo duto de ferro, tentando não puxar o ar para os meus pulmões, endireito meu corpo e fico em pé.

— Porra. — Ele ofega.

Fecho a caixa devagar, tomando todo o cuidado para não balançar os cabos do meu computador.

— Quem diria, de menino da máfia a ladrão de banco na surdina, você está saindo melhor que a encomenda. — A voz do passarinho ressoa no ponto eletrônico. — Quanta grana, caralho.

— Estamos subindo. — Conecto o ponto eletrônico de volta à rede. — Chaminé encoste o caminhão na lateral do banco, vamos passar as bolsas pela saída de emergência.

— Certo.

— Camaleão? — Chamo no ponto. — É hora do bang-bang.

— Tapem os ouvidos, parceiros. — Os barulhos de tiro acima de nós começam a soar. O alarme externo do banco reverbera. Olho para trás, o

alarme independente do cofre continua intacto.

— Não sejam pegos, irmãos — Barão diz no ponto. — Polícia armada até os dentes na rua de trás.

— Fogo neles — Corvo grita.

— Precisamos sair daqui, Carniça. Carniça? — Ele faz o sinal da cruz no peito e beija os dedos.

— Qual é? Eu sou bandido, mas já estou pedindo perdão. — Ele sorri.
— Amém? Amém!

Capítulo 11

*“Nunca pensei que ela podia dançar assim
Ela faz um homem querer falar espanhol
Como se chama, (sim!) bonita, (sim!), minha casa, sua casa”*

Hips Don't Lie
Wyclef Jean feat. Shakira



SOLANGE

Minhas mãos tremem e suam, com cuidado coloco a arma sobre a mesa e caminho em direção à porta, eu devia fazer isso. Não conheço esse homem direito, não sei nada sobre ele, a não ser a atração que ele desperta em mim.

Giro a maçaneta devagar, com cuidado, abro a porta no exato momento em que um clarão corta o céu.

— Sabia que estava louca para se jogar em meus braços, Raio de Sol.
— A voz rouca e debochada me desperta do transe, afasto-me dele, apenas o suficiente para ver seu rosto molhado.

— O que faz aqui, senhor Sarnov? — pergunto, mantendo uma certa distância parada na porta, cruzo meus braços.

— Olá, Raio de Sol, sim eu estou bem e vou adorar ent... — Antes mesmo de terminar de falar, ele se inclina para frente fazendo alguns respingos de água gelada me molhar, apoiando a mão no batente da porta.

— Senhor Sarnov? — Chamo, ele se inclina mais, por puro reflexo levo a mão em seu peito, apoiando-o, sinto algo quente contra minha mão. — Ivan?

Ele abre os olhos e fala algo em sua língua, o russo carregado parece um palavrão. Ele levanta os olhos e me encara.

— Porra. Acho que minha pressão baixou, porra já fui mais forte que isso. — Ele se afasta de mim com se meu toque o queimasse, estremeço-me inteira, dos pés à cabeça, quando percebo o sangue em minha mão. É como se algo entrasse em alerta dentro de mim, como se fosse puxada para Juan.

Puxo-o para dentro com toda força que tenho, fazendo-o se assustar desprevenido, ele entra cambaleando e geme. — Porra, mulher, vai devagar.

A porta bate e o barulho do trovão repercute pela casa, ele me olha sem entender. Aproximo-me dele.

— Você está bem? — Sem esperar sua resposta, abro o moletom preto que ele usa, ele desce os olhos acompanhando meu movimento. A camisa branca embaixo do moletom está carmesim. — ¡*Dios mío!* — exclamo, ele se afasta.

— Eu estou bem, Raio de Sol. — Ele está pálido, a pele bronzeada do seu rosto começa a ficar branca.

— *No! No está!* — Ivan se senta no sofá e fecha os olhos. — Está ferido — digo o óbvio, antes que dele se encoste no sofá, impeço me sentando ao seu lado. — O que aconteceu?

— Levei um tiro? — Ele sorri rouco se perguntado de forma delirante. Tiro com todo cuidado seu moletom, há um enorme rasgo na manga da blusa e em seu braço musculoso, que escorre sangue, a pele está machucada, a ferida é profunda. — Porra.

— Tú vai precisar de ponto — comento. — Vem? — Levanto-me.

— Vai cuidar de mim, Raio de Sol? — Mesmo ferido esboça seu maldito sorriso de lado, fazendo sua covinha aparecer. Engulo em seco. De repente sua expressão muda. — Obrigado, querida — agradece, manso, levantando-se.

— Vai precisar de um banho — comento, sentindo meu rosto corar e queimar, ele me olha estreitando os olhos e balança a cabeça. — Pode pegar um resfriado.

Ele nada diz e novamente balança a cabeça.

Engulo em seco.

¡*Dios mío!* O que eu estou fazendo?

IVAN

Enquanto espero Solange de sei lá onde que ela foi, olho o quarto em volta, há uma cama de casal antiga no centro do quarto, um roupeiro caindo aos pedaços e uma mesa velha, com algumas cadeiras. O local está limpo,

sem qualquer poeira no lugar. Porra de mulher caprichosa, o quarto cheira a flores doces, como o resto da casa, mesmo tudo sendo tão simples, essa mulher tem a incrível capacidade de transformar qualquer muquifo em lar.

Olho para meu braço. Ele está com um fodido rasgo. Arde como o inferno, mesmo eu tendo piores, esse maldito ferimento não era para mim.

Respiro fundo, vi-me entrando na frente de uma maldita que atingiria o meio da testa de Carniça. Os noticiários de Vegas já estão alarmados com o assalto à mão armada no banco. Enquanto vinha para cá, gargalhei ao ouvir a polícia dizer no rádio que nenhum caixa eletrônico foi danificado, que nada foi levado.

O recado no cofre que ficou para o banqueiro é o suficiente para mantê-lo de boca fechada. Eles jamais desconfiarão que um bando de motoqueiros se vestiram como assaltantes e invadiram um banco.

Maldonado é inteligente, sabe o que faz, o maldito orquestrou um maldito esquema que fez com que a atenção em mim, Elijah e Zander fosse dispersada. Mas em algum momento um dos seguranças acordou, Maldonado não queria que saíssemos metendo bala na cabeça dos seguranças do banco, por isso o Boa Noite Cinderela [26] foi útil, um dos seguranças acordou, no exato momento em que eu e Zander estávamos saindo por um dos dutos de ar. O maldito do Carniça não viu o segurança se mexer no chão, o desgraçado não tem um pinga de concentração e não leva nada a sério. Quando a porra da bala me atingiu por puro reflexo, revidei o maldito tiro.

Foi como se algo dentro de mim, estivesse pronto para dar a vida ao palhaço do Zander. *Família*, a voz do passarinho ecoou na minha cabeça. Porra, menos de um mês eu me vi querendo proteger pessoas que provavelmente dariam a vida por mim. Fechei meus olhos por um instante e percebi que nunca senti esse sentimento antes. Aquecendo meu coração.

Carniça saiu de lá quase beijando minha boca, não disse nada sobre o maldito rasgo em meu braço, ele gritou aos quatro cantos que sou seu vilão favorito.

Abro meus olhos quando ouço duas batidinhas na porta e o barulho dela sendo empurrada. Solange entra com uma enorme caixa de primeiros socorros, e com algumas roupas no ombro.

— Com licença, senhor Sarnov. — Ela pede se aproximando de mim.
— Yo tenho algumas roupas que vão lhe servir, são minhas, mas provavelmente vão caber. Isso está feio. — Solange toca meu braço, a mão quente dela encosta com delicadeza o ferimento.

— Precisa de um banho e eu vou lhe dar alguns pontos.

— Vai me costurar? — Olho para ela com surpresa. — Você é uma caixinha de surpresas, Raio de Sol. — Toco seu rosto. — Por que está fazendo isso? — Ela me olha confusa. — Por que está me ajudando?

— De verdade? *No sei*, Ivan — Solange responde, chamando-me pelo nome, isso faz algo dentro de mim se agitar, ela desvia os olhos dos meus, respiro fundo, ela não consegue sustentar seu olhar no meu por mais de cinco segundos, ela só consegue me encarar de igual para igual quando quer me afrontar, sendo a verdadeira Solange.

Essa porra de mulher submissa me irrita profundamente, sei que dentro dessa mulher tem algo lutando para sair. É essa mulher que quero, principalmente na minha cama. A mulher que me peita, faz meu peito vibrar e meu pau latejar. Não quero a porra de uma submissa que se esconde, que empurra para dentro uma mulher forte e cheia de si. Há algo nela, que vem antes do maldito perseguidor. Eu posso estar sendo um filho da puta, mas há algo que o falecido marido fazia com ela que empurra uma mulher incrivelmente forte e determinada para dentro, deixando uma mulher submissa e amedrontada.

A mulher que desvia o olhar do meu e faz essa maldita posse de submissa, não é a mesma que atravessou a fronteira em um caminhão de imigrantes ilegais. Não é a mulher que empunhou uma arma em minha direção. Que provavelmente não vai hesitar em atirar para proteger a filha.

Essa maldita submissão foi imposta a ela antes mesmo de qualquer merda que tenha acontecido há sete meses.

E porra, isso me irrita. Porra, quem é essa mulher de verdade?

Ela se levanta e indica o banheiro com a cabeça.

— Vou *te* ajudar. — Dou um sorriso de lado.

— Não foi assim que imaginei nosso primeiro banho juntos, Raio de Sol — gracejo, fazendo-a sorrir cortando a esfera fria. Mesmo perto, ela parece longe e distante, com a maldita posse de submissão.

— Não vai dizer nada, querida? — provoco, ela balança a cabeça e prende seus cabelos no alto da cabeça, deixando o lindo pescoço à mostra, a marca em seu seio aparece de longe.

— E aumentar seu ego de Everest¹? — Sorrio, entro no banheiro pequeno e organizado, parece que alguém realmente mora nesse quarto no segundo andar.

— Não. — Quando ergo o braço para tentar tirar a calça, ela me impede. — Está sangrando mais.

Encosto-me na pia e a deixo abrir minha calça, não esboço qualquer movimento, olhando para ela em silêncio.

— Sua cara de paisagem é pior do que tivesse falado algo constrangedor — murmura baixo, enquanto puxa minha calça.

Se eu disser que eu fiquei dois dias com uma bala cravada no peito e quase contrai uma infecção ela mudará de ideia? Porra é só um maldito corte de nada. Pelo menos ele não fodeu com a minha tatuagem.

— Estou tentando não ser um bastardo sem-vergonha, mas se quiser, tenho uma lista do que poderíamos estar fazendo agora ao invés de você querer meter uma agulha em mim e me costurar, estaria metendo outra coisa. — Vejo o rosto dela ficar levemente avermelhado.

Tiro os tênis com os meus pés, continuo parado. Ela olha para mim, descendo o olhar e para diretamente no meu pau. Ela desvia os olhos rapidamente, fazendo-me rir.

— Posso não dizer nada, Raio de Sol. Mas não posso fazer o mesmo com o meu pau. — Ela me ignora e abre o chuveiro.

— Entra no chuveiro. — Rio, entrando embaixo da água.

— Sabe que está ajudando um desconhecido, não sabe? — brinco, sentindo a água quente relaxar meus músculos.

— Eu sei atirar e se você tentar algo, seu chefe vai receber você pelado amarrado com fitilho vermelho. — Gargalho.

— Você não seria capaz seria? — questiono, mas o olhar dela me traz uma certeza.

Sim, ela seria capaz e porra é essa mulher que faz algo dentro de mim se agitar.

Essa mulher, deliciosamente, atrevida.

SOLANGE

Minha preocupação por ele já está indo embora. Homem irritante.

— Quer parar? — pergunto. — Você não é um falador insuportável quando está com *está con sus amigos*.

— Existe uma teoria interessante sobre tirar sua calma e paz de espírito, é revigorante — debocha, e volta a assobiar uma música irritante. — Você estreita seus olhos fazendo com que pareça uma coisinha perigosa. — Ele sorri, com cuidado coloco a gaze sobre o ferimento. Ele está gelado.

— Não vai morar comigo. — Vólto a frisar.

— Por que não? Olhe para nós dois, somos perfeitos juntos, querida. E estou ferido não vou saber me cuidar sozinho. — Ivan murcha o olhar e faz uma cara de piedade, os lábios dele tremem. Desde que o coloquei na cama, ele insiste que será meu inquilino.

— Há espaço de sobra em sua casa, nem vai notar minha presença, serei um silêncio.

Por que eu não acredito nisso?

Ele me olha de forma firme, a arrogância em seu olhar não deixa dúvida que esse homem, nem mesmo sangrando deixa de ser arrogante e cheio de si.

— Dois mil dólares e o quarto é seu — digo, enquanto termino de enfaixar seu braço musculoso, ele não demonstrou um pinga de dor enquanto limpava o ferimento, e muito menos fez caretas, ele se manteve inabalável e sereno, como se não fosse nada. O ferimento ainda jorra sangue, tento deixar os pontos mais firmes o possível.

— Por mês, Raio de Sol? — Ele me olha de forma debochada, mexendo minimamente a sobrancelhas, a arrogância dele está me fazendo ponderar se dei pontos o suficiente em seu braço. Ele sorri de canto, o maldito sorriso de caráter duvidoso, a covinha aparece, os lábios tremem levemente, irritando-me ainda mais, maldito *hombre bonito*.

— Por semana, senhor Sarnov. — Ivan continua inabalável, mas seus olhos caramelos se transformam de firmes e arrogantes para divertidos e,

talvez, surpresos.

— Certo, eu me mudo amanhã — informa, colocando o braço bom atrás da cabeça e relaxa mais ainda. — Pode me arrumar alguns cobertores, Raio de Sol? E ficarei grato, se me preparar um caldo de legumes, estou me sentindo fraco.

Maldito homem arrogante e inconveniente.

— Vou lhe dar água da chuva se não tirar esse maldito olhar soberbo do rosto — protesto, levantando-me. — Vou *te* dar um remédio para dor, mas me prometa que amanhã você vai ao médico verificar seu braço, por favor.

— Claro, querida — diz em um tom firme, olhando-me de forma estranha e sorri. — Ninguém nunca fez isso por mim — comenta, sustentando um olhar cheio de sentimentos e contradições.

Volto a me sentar na cama.

— O que faz em Las Vegas? — pergunto, curiosa, e me arrependo no mesmo minuto — *Perdón, no quis... Eu vou trazer algo para você comer, Ivan.*

— Quer mesmo saber, por que estou aqui? — especula, relaxando o corpo nos travesseiros fofos. — Se lhe contar o que eu sou, não vai me jogar aos coiotes?

— Eu abri minha porta de madrugada a você, acho que já passamos dessa fase — digo em um tom praticamente inaudível.

— Mas me apontou uma arma. — Finge estar ofendido.

— Eu não sabia que era você — comento.

— Por que confia em mim? — pergunta, olhando-me firmemente.

— Não sei, sua segurança e arrogância me incomodam mais que o medo que eu deveria ter de um homem perigoso como você — uso de toda franqueza, fazendo-o estalar os lábios e pronunciar algo em russo. — Vou pegar algo para você comer — digo, levantando-me. — Não saia daí e não faça movimentos bruscos.

— Como se pudesse. Eu estou ficando tonto — reclama, balançando a cabeça.

— Admite finalmente que não é um Deus inabalável? — Sorrio, abrindo a porta do quarto.

— Continuo sendo um Deus inabalável, tonto, mas continuo um Deus, Raio de Sol. — Pisca todo cretino.

— Homem insuportável. — Tento não rir, mas é impossível, diante da cara que ele faz, Ivan estufa o peito e faz uma cara de esnobe, que nunca vi antes.

— Vamos torcer para que a sua convivência comigo não torne a recíproca verdadeira — rebate, fazendo-me rir. — A mulher do Maldonado tem o mesmo olhar de sabe tudo dele.

— Não posso discordar, mas *Yô* não sou sua mulher, e você é meu inquilino e se atrasar um dia o aluguel vai ser despejado. — Esforço-me para soar firme, mas pela cara de deboche dele não parece funcionar.

— Claro, querida. Existe algo chamado de débito automático, não se preocupe, serei seu melhor inquilino. — Ele pisca e fecha os olhos. — Se puder me trazer uma água. Minha médica disse que preciso ficar de repouso, sem movimentos bruscos, palavras dela.

¡*Dios* mío! Que homem insuportável.

Capítulo 12

*“Querido, eu tenho tido sonhos sombrios
Eles voltam para casa para me assombrar
Eu não consigo deixar eles irem
Querido, tenho tido sonhos tristes
Não sei onde estive
Mas eu sei para o que eu vim”*

Bad Dreams

Faouzia



IVAN

Ouço a porta do quarto abrir novamente, fico parado deitado, com o braço sobre os olhos. Com uma dor do caralho no braço, aguda e insistente.

— Senhor Sarnov? — fico quieto. — Ivan?

— Hm? — Senti a cama afundar.

— O senhor está pálido. — Sinto a mão quente em minha testa. — E está esquentando. — Dou um sorriso. — *No* se atreva a fazer qualquer piada suja.

Senti ela colocar um pano úmido em minha testa.

— Já me conhece tão bem assim, amor? — questiono, fazendo-a bufar. — Não sou capaz de elaborar nada sujo e depravado o suficiente, Raio de Sol.

Porra, não estou conseguindo pensar em algo muito coerente, que porra tinha naquela merda de bala? Talvez meu corpo finalmente tenha entendido que ele é somente carne e osso e tenha resolvido me derrubar de uma única vez.

— No? — Sinto o divertimento em sua voz. Abro meus olhos. — Coma. — Antes mesmo de responder, ela enfia uma colher com um delicioso caldo em meus lábios. — Caldo de legumes e frango.

— Quanto tempo você demorou? — pergunto, olhando em seus olhos.

— Talvez uns quarenta minutos. — Tento me sentar, mas acabo gemendo no processo. — Pare, por favor. — Ela coloca a mão sobre meu peito e suspira.

— Você sempre usa a palavra, por favor, Raio de Sol — afirmo, ela desvia os olhos. Você não tem medo de mim, levando em consideração que me ameaçou. — Solange começa a enfiar uma colherada atrás da outra em meus lábios, acredito que numa tentativa de me fazer ficar em silêncio. — Obrigado, ninguém nunca fez isso por mim — agradeço, sincero.

— Sem piadas ou comentários chulos? — O sotaque gostoso e baixo envia choques pelo meu corpo.

— Só agradecimentos, querida — sussurro, tocando seu rosto. Ela desvia os olhos novamente. — Você pesquisou meu nome na Internet, não é? — Sorrio, percebo suas bochechas mudarem de tom mesmo tendo a pele negra, vejo o leve rubor na pele macia e quente. Balanço a cabeça, rindo. — Ainda assim, vai me manter aqui em sua casa? — questiono. Ela suspira.

— *Yo* no colocaria você na rua, salvei um gato quando era mais nova, tenho esse instinto de proteção sobre animais indefesos e inconsequentes, como você.

Gargalho, fazendo-a rir.

— E que tipo de animal indefeso eu sou? Leão? Um gato? — Ela morde os lábios, ponderando algo e ri, fazendo-me estreitar os olhos. — Não vai me dizer, não é? — Ela nega. — O que leu sobre mim?

— Algo que confirmou minha teoria sobre a máfia russa e talvez com dinheiro sujo. — Solange continua a me dar o caldo de frango.

— Se quiser que eu saia... — Pela primeira vez na porra da minha vida, invadir o espaço de alguém me incomodou a ponto de me fazer ponderar em que merda do caralho estou me metendo. Engulo o delicioso caldo, ela estende um copo de suco e os olhos dela brilham, negros e brilhantes como uma noite estrelada.

— Você viu sobre minha filha, não é? — especulo, sentindo o nó em minha garganta.

— *Yo...* Sinto muito Ivan, muito... — Os olhos dela marejam. — *Yo no quis bisbilhotar sobre usted.*

Os olhos dela brilham pelas lágrimas não derramadas, como se ela estivesse arrependida. Ela morde os lábios.

— *Yô* julguei você — sussurra. Solange segura minha mão com força e se inclina um pouco. — Perdoe-me — diz, apertando minha mão suavemente. — *Yô* *no* sou capaz de imaginar a dor que você tem dentro de t*ú*.

— Eu não parei para pensar sobre a dor — minto, algo dentro de mim martela todos os momentos. — Não importa.

— *No* mente muito bem — sussurra, que até duvido que ela disse algo.

— Não? — pergunto. — Quer saber quem eu sou, Solange? — ela levanta o olhar e me olha um pouco desconfiada.

SOLANGE

Mordo meus lábios. Ivan termina o caldo em silêncio, com a minha ajuda ele se senta, coloco mais algumas mantas em suas pernas.

Eu *no* devia ter jogado seu nome no Google, mas algo me fez pesquisar sobre ele.

Ivan Nicolai Adamovick Sarnov, o nome dele e de sua família estão estampados em várias matérias relacionadas ao tráfico e a crimes envolvendo fóruns da Internet, as matérias relacionam sua família com a prostituição internacional e a movimentação de armamento pesado, mas nada confirma, são apenas matérias especulativas sobre eles.

Mas uma me chamou a atenção, sua foto, em frente a um cemitério, não muito nítida, parece ter sido tirada por alguém que tentava se esconder. A matéria dizia que a família dele havia enterrado a filha dele, mesmo procurando a pequena menininha.

Meu corpo tremeu de medo, ela devia ter a idade da minha Rosa, linda. Cabelinhos negros e olhos caramelos esverdeados como os de Ivan. Lindos. Havia vários tipos de cartazes na internet com o rosto dela, e muitas outras matérias.

— Eu sou filho da máfia — ele começa falando baixo, olhando-me firmemente. Seu sotaque muda, carregado e sem qualquer motivo aparente de que ele faria algum comentário sujo.

— Por que está me contando? — sentada no pé cama, fico longe o suficiente dele.

— Para que saiba onde está se enfiando. Você pode me achar um porco, mas se depois dessa merda, você não me permitir ficar... Eu vou ficar do mesmo jeito. — Dá de ombros, arrogante. — E provar a você que sou digno da sua confiança. — Os olhos dele parecem pegar fogo, brilhantes e perigosos. Não consigo sustentar seu olhar.

Sinto-me suja e miserável, *Yo no* posso fazer isso com ele.

— Ivan... — Sinto uma agonia em meu peito.

Mentirosa! Minha mente me acusa, respiro fundo.

Conte toda a verdade a ele!

IVAN

Ela mantém os olhos em suas mãos delicadas, parecendo brigar consigo mesma, talvez ponderando me jogar na chuva.

— Eu sou filho único — digo, conseguindo sua atenção. — Filho de um casamento que foi arranjado antes mesmo de meus pais nascerem. Eu fui o maldito selo que daria continuidade à máfia. Mas cometi erros que fizeram de mim, indigno de me sentar no trono da Bratva. — Sei que essa é a porra de um resumo, e que se provavelmente contar a ela toda a história, provavelmente sentirá nojo de mim. — Ganhei essas cicatrizes — balanço minhas mãos. — Tentando sobreviver.

— *¿Y tus padres?*

— Meus pais? — Solange afirma. — Fizeram de mim o que eu sou hoje. Vazio e sem nada, mas sou culpado da metade da merda que aconteceu na porra minha vida. Entretanto, jamais tive o direito de escolha.

— Mas escolheu errar — ela diz baixo, não há julgamento em sua voz, apenas doçura e curiosidade.

— Meus erros me deram minha filha e eles a levaram de mim, na mesma medida que eu ganhei, eu perdi... — Sinto minha garganta doer.

— Às vezes, Ivan, você precisa chorar, *no* precisa ser assim o tempo todo, forte — Solange diz, com tanta sinceridade, que não sem capaz nem de rebater.

Queria dizer a ela que estou aqui apenas por um motivo. Matar. Mas vi algo em seus olhos que me fez frear minha boca.

Mesmo escondendo algo... O desespero em seu olhar, me dá a certeza que ela quer apenas uma coisa, liberdade...

Solange suspira e se levanta, caminha até umas caixas empilhadas no canto e abre uma delas, tirando uma pequena caixa de dentro e volta, e se senta ao meu lado.

— Eu sei o que você é — comenta — E que vai matar quem fez isso. Já vi homens com o monstro que tem dentro de você. Mas não deixe isso *te* destruir, por favor. Seja alguém que sua *hija* fosse se orgulhar — acrescenta, abrindo a pequena caixa e tira de lá uma correntinha. — Sei que no acredita, mas... São Jerônimo é justiça e no final toda força do bem há de vencer, pois a quem tem fé, Deus há de fazer justiça, na hora certa.

Meu corpo se arrepia, pego a correntinha entre meus dedos, ela parece queimar em meus dedos, o santinho brilha.

— Ouro? — pergunto ao ver o Santo entalhado na medalha, desenhado e adornado, e brilhoso.

— *Mi abuelo* a fez. Ele era ourives. — Arqueio a sobrancelha, sem entender o que ela quis dizer. — Meu avô era ourives e devoto a minha santinha e a São Jerônimo — explica, ao pegar a correntinha entre os seios cheios. A prata brilha. — Minha mãezinha, Nossa Senhora de Guadalupe.

— Por quê? Por que está ajudando um assassino? — Solange treme. — Sabe o que sou, mas por quê?

— Além de *Yô no* ter outra opção? — Os olhos dela pegam fogo, e de repente vejo uma mulher que queria trazer a borda. Fazê-la florescer. — *Eres bom* demais para matar alguém que não mereça morrer, senhor Sarnov, boa noite.

Ela se levanta e sai praticamente correndo do quarto, fechando a porta com um clique.

Passo a correntinha comprida pelo meu pescoço. Ela brilha, levanto-me e vou até à luz, apagando-a. Caminho até à janela. A chuva está tão forte, que toda a rua está cheia de água, o bueiro joga água, encosto-me na janela e a correntinha reflete contra o vidro.

SOLANGE

Recosto-me na porta, sentindo meu coração disparar. Yô sei do que ele é capaz.

Assassino. Fecho meus olhos com força, engolindo em seco.

— São Jerônimo faz justiça. E eu faço vingança. — A voz dele reverbera pelas paredes finas, um arrepio percorre todo meu corpo. O barulho do trovão me faz correr em direção ao meu quarto. Desço as escadas o mais depressa que consigo, e quando chego ao meu quarto, fecho a porta e passo a chave.

Dios! Chave alguma impedirá ele de entrar. Meu corpo treme de medo. Engulo em seco, sentando-me na cama. Tento respirar devagar

¡*Dios* mío!

Acordo me sentindo dolorida, deitei no meio da cama sem pegar um cobertor, apenas me cobri com o edredom. Revirei-me a noite toda, ou o que restou dela, com tudo aquilo martelando em meus pensamentos e com ele andando no andar de cima, mesmo ele sendo silencioso, o assoalho velho faz barulho, com o mínimo de movimento, meu quarto fica embaixo do que agora será seu quarto.

Levanto-me devagar, sentindo minha consciência me acusar, mas meu coração acredita que ele jamais nos machucará, não fisicamente. Mas minha mente já tem outras ideias sobre ferimentos. Meu coração dispara levemente ao lembrar dos seus olhos caramelo, a covinha que se esconde em sua barba bem-feita.

¡*Dios!* Não. Balanço a cabeça e me levanto. Não posso deixar que ele entre em meu coração, ele não está aqui para ficar.

Mesmo ele dizendo que é um assassino, não consigo acreditar que um homem como ele consiga ferir alguém que não merece.

Vovô costumava me dizer quando eu era menina, que ninguém é merecedor de ser abraçado pela morte, já que depois dela, não há mais do que festa e a eternidade do que fomos e do que seremos depois. Ele costumava dizer que não somos os juízes para tirar a vida de alguém, apenas devemos festejar quando *La Caveirinha*, vier nos recolher para o cortejo de festa e passagem.

Mas algo dentro de mim, mudou, algo dentro de mim, deseja ferir Steban Navarro como ele me feriu um dia, mas há algo em mim que me faz não querer isso. Proporcionar a sua morte seria dar a ele o maior presente que pode ser concebido. É dar a ele a alegria de atravessar sua caminhada em festa.

Quero feri-lo. Mas pensar que Ivan, é como um ceifador, tirando a dádiva da vida, faz-me tremer de medo. Ele tem o poder de ferir e ceifar vidas, mesmo que sejam vidas que não mereçam viver.

Não merecem ser agraciadas com festa. Não merecem nada além do esquecimento no vale dos ossos

Nada.

Levanto-me e pego uma roupa, hoje a confeitaria abrirá mais tarde. Mas mesmo assim, quando dá sete e meia da manhã, caminho em direção ao banheiro, tomo um banho quente e coloco um jeans e uma camiseta preta. Amarro meu cabelo no topo da cabeça. Sentindo falta das minhas tranças, para deixar mais bonito coloco um laço laranja em meus cabelos. Depois de escovar os dentes e secar o banheiro, borrifo meu perfume e saio do banheiro.

Sigo em direção à cozinha e estaco ao ver Ivan sentado na banquetta, apoiado na ilha, digitando algo no computador.

— Bom dia, querida. — Quase não o compreendo, sua voz está baixa, rouca e em seu idioma de origem.

— Buenos *días*. — Ele nem se vira em minha direção.

— Eu fiz café, e pedi algumas coisas ao mercado — diz, apontando para a pia cheia de sacolas. — Não sei como você as guarda, Raio de Sol.

— Como está seu braço? — Aproximo-me dele. — A gaze está suja de sangue — digo, tocando o curativo. Ele me olha de cima a baixo, e sorri ao olhar o topo da minha cabeça.

— Deveria usar mais roupas coloridas — comenta, virando-se completamente. — Eu estou bem, já passei por coisa pior.

— Mas eu não estava lá para cuidar de você e não quero que tenha uma infecção embaixo do meu teto. — Ivan me olha com deboche.

— Achei que ia me despejar. — Respiro fundo, abrindo a bandagem.

— Se eu não fiz isso ontem, vou fazer isso hoje? Aliás, se despejar você pela porta, você entra pela janela. — Sorri. — Você mexeu aqui?

— Só quis ver se estava uma merda.

— Você deixou uma merda, você cutucou os pontos? — Ivan dá de ombros. — Mas o que você tem na cabeça?

— Eu não cutuquei nada, mulher. — Ele ri, provocando-me.

— Imagina se tivesse cutucado.

— Se tivesse cutucado, você estaria nua, suada e...

— Chega, Sarnov.

— Eu realmente aprecio quando me chama de Sarnov, querida. — Puxo o esparadrapo com força, fazendo-o dar um grito fino. — Porra, você me arrancou pelos.

— Depilação, grátis. — Viro-me jogando o curativo velho no lixo.

— Não quer depilar meu saco também, caralho? — pergunta, olhando ultrajado.

— Às vezes você é tão infantil. — Abro o armário tirando outra caixa de primeiros socorros.

— Quantas dessa você tem, porra? — Ivan diz, rindo, e encara bravo para o braço arrebitado.

— Vários, Rosita é aventureira demais para o próprio bem, é bom ter algumas dessas espalhadas pela casa. Por que esse olhar?

— Você tem algum defeito? — sonda, dou algumas gazes para ele segurar e coloco álcool 70% no ferimento. Seu ferimento ainda sangra.

— Alguns — digo, analisando o ferimento, em cima há uma tatuagem, com algo escrito.

— *Que não provoca minha morte faz com que eu fique mais forte, Friedrich Nietzsche.* — Traduz e recita a escrita de forma firme, o sotaque russo se acentua.

— Considera a morte algo ruim? — pergunta, olhando-me sério e as suas palavras me fazem estremecer, e com medo cruzo os dedos dos pés dentro da pantufa.

— A morte lenta e dolorosa é o pior castigo para o causador da dor.

Capítulo 13

*“Asas cortadas, eu era algo quebrado
Eu tinha voz, tinha uma voz, mas eu não conseguia cantar
Você me deprimia
Eu lutava e agonizava no chão, oh
Tão perdida, cheguei no meu limite
Eu tinha voz, tinha uma voz, mas eu não conseguia falar
Você me colocou pra baixo
Eu luto para voar agora, oh”*

Bird Set Free

Sia



IVAN

Enquanto Solange termina de arrumar meu braço, olho mais atentamente para ela. A pele negra e resplandecente, deixam-me cativo, ela parece uma Deusa de ébano, que foi esculpida, seu rosto tem uma inocência linda, uma doçura que casa com o fogo no fundo do olhar escuro, seus olhos são castanhos, de um chocolate que porra é muito doce. O olhar dela doce e gentil, faz dela única, e esculpida pelos céus.

Oh! Porra, devia me manter longe dela, mas seu corpo me chama, não é algo carnal, é muito mais que isso. Nunca acreditei na porra do destino, apenas que nós mesmo fazemos nossas escolhas. Não escolhi conhecer essa linda mulher, mas, porra, o fato de ela me peitar de igual para igual, desperta um animal dentro de mim, que deseja lutar com ela e cuidar dela.

Porra, mesmo não merecendo, não quero apenas foder Solange, quero isso também, mas anseio que ela confie em mim, por quê? Não faço ideia, quando estou com ela consigo esquecer a porra de quem eu sou. Em seu olhar não há julgamentos. Olho para o escapulário em meu pescoço, porra.

— Pronto. Precisa procurar um médico — Solange diz, sorrindo. — O que eu fiz aqui não é garantia de que você não vá ter problemas.

— Obrigado, Raio de Sol. — Antes que qualquer movimento da parte dela, agarro seu braço suavemente. Puxo-a contra mim. Escorrego meu corpo para o chão, curvo meu corpo, fazendo com que minha perna direita fique entre seus pés.

— Ivan...

— O que, linda? — Olho dentro dos seus olhos, toco seu rosto de forma suave, fazendo-a fechar os olhos. Trilho meus dedos por seu queixo, subindo para seus lábios cheios e macios, ela os umedece e suspira, fazendo sua respiração quente bater contra meus dedos.

— *Tú faz cosas conmigo* — sussurra, fazendo estragos com meu pau. *Porra, pequeno Raio de Sol.*

Ela morde o lábio inferior com meu dedo ainda sobre seus lábios, prende a respiração. Ela ofega baixinho, soltando a respiração.

— Que coisas, querida? — Oh, porra eu sei que ela gosta disso. Pressiono meu joelho levemente dentre suas pernas torneadas, ela suspira novamente. Solange abre os olhos e o fogo neles, faz um arrepio percorrer minha espinha.

Ela tenta se afastar, mas travo meus dedos em sua cintura cheia e macia. Ela arqueja devagar, respirando com dificuldade.

— Isso... *No* é certo — protesta, ofegante, sorrio. Fazendo-a fechar os olhos, a pele se arrepia.

— Muitas coisas não são certas, Raio de Sol, e você vai deixar de fazê-las apenas por não ser certo? Nunca ouviu dizer que o proibido é mais gostoso? Proibir-me de tocá-la apenas me fará querer ainda mais você.

— *¿Me quieres a mí?* — O sotaque gostoso golpeia em cheio meu pau, puxo-a contra mim, fazendo-a suspirar.

— Por que eu iria negar, Solange? Não sou um adolescente e nem um homem burro.

S O LANGE

Mordo meus lábios, os olhos caramelos dele não me dão tempo para pensar direito, nem sei ao certo como estou em seus braços, mesmo algo

dentro de mim, pedindo-me para e manter afastada, só consigo gemer quando os dedos dele deslizam sobre meus seios.

Mas eu, por quê? Tento raciocinar.

— Eu quero provar seus lábios, Solange, mas só farei se você permitir. — Respiro com dificuldades.

— No...

— Não pode ou não quer? Olhe para mim. — Meu corpo obedece prontamente a ele, meus olhos ficam presos nos seus.

— Querer não é poder — lamento, baixinho.

— É o que *te* impede? Eu é que não sou. Estou aqui, Solange, é só você esticar sua mão e me pegar para si. Não vou a lugar algum. — O medo de repente me faz tremer, volto a fechar meus olhos novamente. Eu não posso machucá-lo. Não posso.

— Ivan...

— Sem medos, Solange, só eu e você. Sem sentimentos, amor ou qualquer merda do tipo, eu, você e esse maldito tesão que está me fazendo desejar você a cada minuto. Sem sentimentos, flores ou qualquer merda, apenas eu e você, suados. Apenas.

Olho para ele sem saber o que dizer. O que posso esperar? Seu rosto está completamente inabalável, como se ele só tivesse pedindo uma xícara de café na confeitaria, mas ele está me oferecendo sexo sujo e sem volta, sem volta para o meu coração. Eu não sei como, mas me perdi nele, e a minha noite maldormida confirmou isso.

Ele quer apenas prazer e me dar prazer, nada mais. Além de que, provavelmente, ele arrancará algumas cabeças no processo. Eu não consigo sequer ter medo dele, quero ter sua coragem, mas só consigo ficar quieta.

Isso é tão sujo e tão errado, mas não consigo frear o desejo que sinto por ele, Ivan exala perigo e segurança em cada poro do seu corpo, os olhos tempestuosos, a barba bem-feita, o rosto anguloso e a pele bronzeada, fazem-me cogitar se ele é real.

— E então, amor? — minha garganta sufoca, é como se uma onda de calor e coragem passasse por meu corpo.

— Sexo? — meu sotaque se arrasta, fazendo-me morder a língua, fraca. Sequer consigo fazer com que eles não me veja como uma tola que

está caindo em sua graça.

Ivan deixa um sorriso cretino cair em seu rosto, sinto seu joelho pressionar o meio das minhas pernas, deixando-me mais molhada e necessitada. A covinha dança em seu rosto, os olhos maliciosos dele, fazem-me engolir em seco.

— Prazer, Raio de Sol. Apenas prazer.

— Yo quero que me beije...— Tentei soar firme.

Minha mãezinha, Nossa Senhora de Guadalupe, se tiver cometendo um erro me mande um sinal. Não há nenhum raio ou trovão, apenas o silêncio que é quebrado, quando os lábios dele se chocam contra os meus, é como se tivesse sido tirada da órbita da terra e lançada para uma brasa quente, a boca exigente dele domina a minha em segundos, a mão trava em minha cintura e outra em minha nuca, prendo meus dedos na camisa preta que marca seu corpo, mesmo não sendo musculoso como os demais membros do clube, Ivan, é todo definido, é tudo feito pedra, definido nos lugares certo. Quero sentir a pele dele contra meus dedos, com uma mão levanto a camisa apenas para poder tocar a pele quente e macia, corro meus dedos pelos gominhos em sua barriga, meus dedos sobem sem permissão alguma, sinto os pelos bem aparados contra meus dedos, seu torço tem algumas elevações. Cicatrizes.

Um gemido escapa dos meus lábios quando ele pressiona seu membro duro contra mim, ofegante tento respirar, mas ele permite, beijando meu pescoço, deixando-me mais ofegante, meus pés quase não tocam o chão, estou presa a ele, e ele me mantém contra ele firmemente não me permitindo raciocinar.

— Doce, como imaginei, Raio de Sol. Uma deliciosa bocetinha doce..
— Quase não o compreendo, ele se embola nos idiomas, estou perdida, sentindo-o contra mim, Ivan mantém a mão firme em minha cintura e outra no meio das minhas costas, apoiando-as abertas na base do meu pescoço. Mordo meus lábios gemendo, porém, quando sinto seus lábios sobre ao meu colo, Ivan ri contra minha pele e de repente ele se afasta, minimamente, mas o suficiente para me olhar nos olhos, os olhos dele estão negros, dilatados causando um arrepio em minha espinha, que envia choques diretos para o meio das minhas pernas.

— Está molhada, Raio de Sol?

Oh, *Dios*! Eu não consegui frear meus lábios.

— Sí. — A pequena palavra voa dos meus lábios, meu rosto queima como brasa quente, muito quente. Tento desviar meus olhos, mas ele não permite, segura meu queixo com o indicador e o polegar.

— Vamos parar. Ou você vai ter um problema maior, quente e grosso entre suas pernas. — Mordo os lábios. E ele traça o desenho dos meus lábios e sorri, lento e cretino. — Quer levar esse problema maior, querida?

— Por favor? — Não sei o que exatamente pedi, mas quando ele beija meus lábios novamente, de forma doce e ele olha em meus olhos.

Tive, por ele e por mim, pelo meu coração, que sei que ele vai quebrá-lo. Fecho meus olhos sem ser capaz de sustentar a doçura em seu olhar. Sinto borboletas em meu estômago.

— Você não precisa ter medo do perigo, o perigo precisa ter medo de você, Solange, o perigo só é perigoso quando você o teme.

— Talvez por isso, se chame perigo.

— Renomeio, adrenalina.

Nessa manhã saio de casa sentindo-me leve, mesmo temendo algo, quando passo pela casa de dona Abi e do senhor Freeman, deixar algumas coisas para Rosita, quando chego ela está sentada na mesa de piquenique com a pequena Nina.

Nina me vê e diz alguma coisa apontando para mim, Rosita se vira e vem correndo em minha direção.

— ¡Mamá! — Pendurando-se em meu pescoço ela me abraça, Nina corre em minha direção, abaixo-me pegando-a também.

— Olá, meninas — digo devagar.

— Oi, tia Sol.

A porta se abre, e dona Abi sai com uma bandeja de suco e biscoitos. Hoje é o passeio do museu na escola de Nina, mas o programa não permitiu que Rosita fosse, nem permitiram que ela tivesse uma chance em uma nova escola, isso me dilacera cada dia que passa, o fato dela sequer poder frequentar uma sala de aula normal.

Ela entende, e isso só deixa as coisas piores e como dona Abi sabe do Programa de Proteção à Testemunhas, ela concordou em ficar com Rosita desde que Sebastian disse a verdade a ela, mas a atitude de Nina encheu meu coração de amor por ela. Ela desistiu da viagem na escola, embora tenha dito que odeia museus, sei que ela mentiu por Rosita.

— Eu trouxe presentes. — Coloco ambas no chão e deposito as sacolas que tenho nos braços em cima da mesa, onde elas fazem atividades que substituem a falta no museu. — Que tal?

Tiro de dentro da sacola duas bonecas, uma igual a Rosita e outra igual a Nina, ambas feitas de pano, consegui elas em uma venda no bairro Arts District em Vegas, estava com elas há uns dias, peguei-as quando fui com abuela Carmen pegar uma remessa de chocolates. Os melhores estão no bairro Arts District, depois de uma pesquisa consegui descobrir que há uma loja com os melhores chocolates de toda Vegas. Não vamos mais precisar encomendar de fora. Pois os melhores estão aqui.

— Somos nós, Rosinha. — Nina abraça Rosita, que ri animada, elas trocam as bonecas, olho sem entender.

— Eu fico com você e você fica comigo — Nina diz, e Rosita olha para ela com amor. — Para sempre?

— Para sempre.

Dona Abi pisca e sibila um "obrigada, querida." Dou um tchau e saio fechando o portão de madeira, caminho em direção à confeitaria, desanimada. Boo não está mais vindo a confeitaria com tanta frequência.

Abro a loja, e vou direto para cozinha, visto-me e no banheiro verifico meu cabelo, se está tudo no lugar.

Abro a geladeira e pego alguns donuts e coloco para assar, tiro algumas massas da geladeira que ficaram prensadas com os recheios no dia anterior e antes que possa verificá-las, a sineta toca, abro a porta e aproveito para ligar o som da loja, deixando minha playlist latina tocar.

— Bom dia, Solzinha. — Corvo assovia alegre como sempre.

— Sol, o que manda minha braba? — Carniça diz, debruçando-se sobre o balcão.

— *Hola, meninos.*

— *Hola* a essas horas, mulher? Cadê o seu senso de purificação? — Corvo ri, escandaloso.

— É oi em espanhol, babaca. — Carniça se senta. — O de sempre, querida.

— O mesmo pra mim, Solzinha. O movimento anda fraco? — Corvo se senta e se inclina em minha direção, pega um palito de dente e leva aos lábios.

— Ela acabou de abrir, animal. — Carniça bate na cabeça de Corvo, fazendo-o balançar rapidamente e devolve o tapa, fazendo-me rir.

— Mas homem? Pra que essa secura toda? Só por que Ivan deixou o fort? Guerreiro! Honrou o clube, orgulho aquele gostoso, ele me enche de orgulho.

A sineta volta a tocar, e quando olho Ivan está parado na porta, usando uma camisa, calça social preta e de óculos escuros.

Os meninos se viram.

— Caralho, gozei — Corvo comenta, assoviando em seguida.

— Aonde se pensa que vai, vadia? — Carniça bate os dedos nos lábios, tentando soar sexy.

— *Bom dia, Raio de Sol.* — Ivan se senta, ignorando os amigos.

— Bom dia pra quê? Se você já molhou o bigode no mel, Ursão? — Carniça empurra Ivan.

— Olha lá, a safada, abriu o favo de mel. Quem fica vermelha é porque deve viu, Solzinha. — Engasgo-me com as palavras de Corvo.

Dios!

— *Yo no* fico vermelha. — Tento soar, firme. — Eu ainda faço o café de vocês — ameaço.

Ivan sorri de lado passando a língua pelos lábios. Mordo os lábios.

— Ela já está nos ameaçando, o que você fez com o nosso Astro Brilhoso, homem? — Corvo fez um muxoxo de ultraje.

— Só fiz a Sol brilhar um pouco mais — Ivan comenta, baixo e rouco.

— A autoestima desse homem é nojenta. — Carniça faz uma cara de desdém.

— E sua é linda, não é? — Corvo rebate. — Querida? Quer largar esses dois insuportáveis aí e *montar* na minha Harley?

— Montar, babaca. — Carniça corrige ele, mal-humorado.

— Aconteceu algo, senhor Carniça? — Ignoro Corvo, e ele me olha surpreso.

— Não se preocupe, gracinha. — Carniça pisca.

— Fale logo, homem. — Corvo dá uma cotovelada na costela dele, atraindo a atenção de Ivan, que até então os ignorava. — *Ele descobriu que a neném não é um neném.*

— Que porra, quer deixar de ser a porra de um fofoqueiro.

— Fofoqueiro, não caralho, informante não remunerado e ocioso. Já que é pra me tratar feito uma cadela sem valor, a mulher que dá *siricutico* nas entranhas do nosso amigo, está balançando outras entranhas.

— Porra. — Ivan ri.

Mordo os lábios para não rir da sua explicação.

— Ela faz o quê?

— A filha do pastor? Dança no pole e faz nosso amigo Carniça blasfemar.

— Certa ela, burra é quem dá de graça, ela pelo menos não dá e ainda faz dinheiro — Ivan comenta. Corvo ergue a mão e Ivan bate na dele por trás das costas de Carniça, eles dão um grito ridículo.

— Ela é dançarina... — Corvo confidencia como quem não quer nada.

— Nas horas vagas — diz com desgosto. — E me odeia...

— Por quê? — Ivan pergunta.

— Eu era imaturo, jovem demais, estávamos juntos quando seu pai descobriu, o maldito é pastor, e não queria um delinquente sujando a imagem da filha e da igreja com pecados, tatuagens, bebidas e palavrões. Ele me ofereceu uma grana para sair da cidade, precisava do dinheiro, aceitei e saí.

— Caralho — Ivan xinga.

Corvo fica quieto, parece já saber da história.

— *¿Te arrepientes?* — Carniça me olha confuso. — Se arrependeu?

— Todos os dias da minha maldita fodida vida. — Pela primeira vez vejo o trio juntos, sérios. Ivan olha para ele, vejo apoio em seu olhar, mesmo

que por poucos segundos.

Corvo permanece de cabeça baixa, em silêncio.

— Você a ama?

— Tanto que dói. — Ele desvia o olhar do meu. Meu forno apita, avisando que nossos donuts estão prontos.

— Ei, meninos? — Os três me olham juntos, sorrindo. — Aceitam donuts, fresquinhos?

— Claro, se o álcool não curou essa fossa, suas delícias vão, Solzinha. — Corvo pisca.

— Um chocolate quente com creme e nozes, Raio de Sol. — Ivan tira os óculos e piscou pedindo algo que jamais imaginei que ele pediria.

— Vamos homem, ânimo. — Corvo bate nas costas de Carniça. — Se até o nosso Ivanzinho metido a Zorro trocou seu pedido por algo docinho, por que vai ficar aí azedo feito limão?

— Ei? — Chamo Carniça. — Sentir-se magoada não significa que ela *te* odeia, às vezes você só precisa tentar ao invés de ver a vida passar. — Pisco, dando apoio a ele.

Deixo-os sozinhos, e entro na cozinha.

Ouçó a voz de Corvo.

— Emocionei, aqueceu me coração, eu sou fã dessa mulher.

Capítulo 14

*“Estou subindo a colina para os dois lados, dói
Eu enterro meu coração aqui nesta sujeira
Eu espero que seja uma semente, espero que funcione
Eu preciso crescer, aqui eu poderia estar
Mais perto da luz, mais perto de mim
Eu não tenho que fazer isso perfeitamente, sim
Chuva, derrama, chuva, derrama
Está derramando em mim
A chuva, cai, chove, cai
Semeando as sementes do amor e da esperança, amor e esperança
Nós não temos que ficar, presos no caminho
Eu tenho coragem de mudar?”*

Courage

P!nk



SOLANGE

Quando volto para o balcão, eles estão sérios, e conversando baixo.

Os três me olham, apenas Corvo sorri de forma brilhante, Carniça dá um sorriso faceiro, e Ivan permanece em silêncio, olhando-me de forma firme.

Engulo em seco.

— Senhores.

— Você tem mãos de fadas, Solzinha, olha essa magnitude. — Ele pega um donut de chocolate com nozes e morde, gemendo. — Diga-me Sol, do que são feitos os biscoitinhos de rola? — Arregalo meus olhos.

— Porra, cara. — Carniça se afoga rindo, Ivan revira os olhos.

— *Son* feitos de chocolate belga com farinha de cacau.

— Espere, não me diga que a velha inventou os biscoitinhos inspirados no pau do velho? Porra, a velha é uma marqueteira de primeira caralho. Não tem mais daqueles? — Corvo pergunta.

— Porra, são bons mesmo embora o formato não ajude — Carniça comenta.

— Ela não está fazendo nada aqui na loja — digo sem jeito, desviando o olhar. — Se os senhores me derem licença, preciso verificar algumas tortas.

— Claro, Solzinha. — Corvo pisca.

Ivan jogou uma nota de cem dólares no balcão.

— Achei que íamos colocar na conta do clube — Carniça diz, olhando de canto para Ivan.

— Fique com o troco. — Mordo meus lábios. Abro o caixa, tirando os setenta e cinco dólares de troco, e empurro sobre a mesa.

— Se precisar, é só gritar. — Pisco para eles. Os três sorriem, cada um à sua maneira.

Volto para a cozinha, e confiro todos os pedidos da lista.

Envio uma mensagem a dona Carmen pedindo que ela feche a loja para o almoço, prometi a minha Rosita que eu e ela iremos almoçar em um restaurante, nunca tive a oportunidade de ir a um e levá-la para comer, eu e Juan sempre economizamos cada centavo.

Ouço a sineta da porta, espio pelo vidro e vejo eles saindo da confeitaria.

Ivan, está estranho, mesmo seu olhar sempre sendo frio e um pouco distante, estão piores, sombrios. Diferentes de quando saiu de casa, *Dios!*

Se eu fechar meus olhos, posso ouvir ele se aproximando de mim. Sua voz rouca, baixa e aveludada. *Dios!*

Balanço minha cabeça espantando a névoa de pensamentos que pairou em cima de mim, e de repente todo parece que tenho o peso do mundo sobre minhas costas.

Não sei o que pensar, sei que Ivan não está aqui para brincar de casinha, mesmo vendo sua afeição por Rosita, e o desejo que ele sente por mim, no fundo dos olhos perigosos posso ver algo adormecido, algo

trancado a sete chaves, que às vezes ondula na borda e serpenteia pelo seu olhar perigoso. Sei que ele não vai sair da minha casa, e que também não vai nos ferir, nem a mim e, nem a Rosita, pelo menos não fisicamente.

Saber um pouco mais dele, fez um desconforto enorme em meu peito, jamais imaginei que ele é pai, e que cuidou de alguém, posso entender agora o porquê de seus olhos brilharem quando ele olha para Rosita, e dá a ela toda a atenção do mundo, mesmo com suas limitações e problemas com o idioma. Ele olha para ela, com admiração.

Fecho meus olhos. Quem é Don Sarnov? O medo ondula em minha pele, um arrepio percorre por todo meu corpo. Dando-me conta que o homem que está enfiado em minha casa é Ivan, um dos homens trambiqueiro de Dominic, e não o Don, que deixou a máfia para trás.

A palavra bate duro em mim, mafioso. Ivan não foi criado para ser doce, mas alguém foi capaz de moldar amor e afeição dentro dele. A forma cortês que ela fala, devagar, e educado. Mesmo que noventa por cento das suas palavras que são direcionadas a mim, sejam, extremamente, sexualizadas. Ivan mesmo sendo um homem forjado para ser duro, um assassino, foi moldado, por alguém com amor e classe.

Ele não tem o olhar sujo de Steban, mesmo sendo de um mundo quase parecido. Um arrepio percorre minha espinha. Nos últimos dias, não consigo pensar em Juan, sem ver os olhos perigosos e brilhantes de Ivan.

Juan, nunca me disse coisas sujas, ou me fez pensar em querer quebrar barreiras, *¡Oh, por el amor de Dios! Yo* quase ataquei Ivan, sinto meu rosto pegar fogo mesmo sozinha. *¡Dios!* Como pude dizer a ele que estava molhada? Quase suplicando seu toque? Mordo meus lábios. Os olhos de Ivan tinham promessas, que meu corpo ansiava em descobrir, jamais me senti assim, como se algo queimasse dentro de mim, uma sensação de angústia dançou por meu estômago, mas *no* foi uma sensação ruim, foi como estivesse esperando por algo.

Quero tirar a sensação de anseio de dentro de mim. Respiro fundo, olho para os pedidos feitos por dona Carmen na vitrine. *Tengo* uma vida aqui agora, e *Yo* preciso mantê-la enquanto *Yo* puder, enquanto estiver segura e minha filha puder ser uma criança normal.

E Yo não quero que nada tire isso de nós, enquanto for possível quero desfrutar da segurança dessa cidade, da amizade dos meninos do clube, da companhia de Boo e dona Carmen, de suas loucuras e conversas sem sentido.

Sinto meus olhos marejarem, tenho medo, por um minuto, de perder tudo isso, mesmo amando Juan, jamais senti isso, a sensação de pertencer a algum lugar, de ter pessoas que se importam comigo e me fazem sorrir. Juan sempre me dizia para ser cortês, mas nunca doce ou solícita demais, afinal os clientes podiam entender errado, Yo no podia cantar, ou usar roupas coloridas demais. Para não chamar atenção errada. Mesmo não entendendo como isso prejudicaria a loja. Agora posso ouvir as músicas do meu país, cantar e dançar. Rio sozinha. Espanto as grossas lágrimas e sensação ruim em meu peito. Não consigo me compreender muito bem, estou confusa, sinto coisas que jamais fui capaz de sentir, a risada de Ivan, Corvo e Carniça, invade minha mente, o jeito que ele se completam mesmo sendo diferentes, mesmo vendo Ivan lutar contra a amizade deles, percebo que ele é grato pelos meninos, sei que eles são bandidos, mas não consigo vê-los como tais. Que machucam pessoas e fazem coisas ilegais. Eles parecem ser mais do que um título de um clube, ou um nome, vejo a bondade, a lealdade e a parceria deles.

¡Dios! Eu sei o quão errado é o que eles fazem, mas não sou capaz de sentir medo deles ou repulsa. A alegria deles, é algo contagiante. Vejo-me apertando meu escapulário, pedindo a minha Nossa Senhora de Guadalupe, que os guarde, todos eles, até Maldonado, burro feito uma porta, mesmo ele ferindo a única amiga que tenho, em silêncio peço a minha mãezinha para protegê-los, todos.

Sem exceção.

IVAN

Meu peito queima, a dor dá um nó em minha garganta que me faz sentir como se tivesse levado um soco no estômago. Depois que Solange saiu, apressada, como o diabo foge da cruz. Sentei-me na banqueta. Meu celular tocou.

"Precisamos que libere o corpo em vinte minutos." Foi apenas o que eles disseram, corpo, minha filha não significa nada para eles, nada. Ela saindo, liberaria mais espaço, já que ela ficou alguns meses ali, esperando-me. Eles não tiveram a humanidade de chamá-la pelo nome. Apenas desligo depois que libero minha filha, seu pequeno corpinho será pego pela funerária e levado ao cemitério em Vegas, com algumas centenas de dólares a mais, minha menina estará pronta em menos de uma hora.

Mas eu não estou, nos últimos dias, apenas autorizei uma autópsia atrás da outra, foram três ao total. Quando o laboratório forense decidiu que era o suficiente, eles apenas liberaram o "corpo".

— Cara? — A voz de Carniça me chama, sinto sua mão em meu ombro.

— Vocês não precisam fazer isso. — É só o que digo, sinto Corvo tocar meu outro ombro.

— Você não está sozinho. — Corvo aperta meu ombro.

— Somos irmãos, cara. Escute-me você faz parte do clube, do bar, é nosso irmão não vai levar nenhuma merda sozinho sem ter um de nós em seu encalço? — Carniça faz o mesmo. Sinto um nó em minha garganta apertar. Fecho meus olhos e olho para o céu. Olho para meu pulso onde seu pequeno colar descansa, a pequena pedrinha brilha.

— Não está mais sozinho, cara. — Não sou capaz de dizer nada. — Não, mais.

Não fui capaz de dizer nada a Maldonado, ele já tem seus demônios o suficiente, para se preocupar com os meus. Mas não pude impedir ambos de entrar em meu carro, quando saí da confeitaria.

— Cara? — Carniça me chama, antes de entrarmos no cemitério privado, olho para ele. — Ela está em paz agora, você a achou.

Mas não há tempo o suficiente.

— Irmão? — Corvo aperta meu ombro. — Você a achou, ela está em paz agora. Olha, eu não sei nada sobre isso, mas segundo a Sol ela está feliz. Sol me disse um dia, que de onde ela veio, há um dia especial, feito para celebrar as vidas que se foram, pois elas podem voltar, e a morte é como um descanso, posso estar falando muita merda agora. — Ele parece nervoso, e me olha constrangido. — Mas sua menina está melhor agora, e está em paz.

— Sem esperar, ele me abraça com força, não consigo retribuir seu abraço, pois a porra do meu coração rompe em um maldito soluço, sinto os braços dele me apertando, Carniça faz o mesmo.

— Porra, cara.

Eles me soltam e ambos estão chorando. É como se uma faca estivesse sendo enfiada em uma ferida aberta, não sei se vou ser capaz de ser grato, por dois malditos inconvenientes.

— Vamos? — Carniça me chama, quando entro no cemitério, vejo uma senhora com um olhar distante parada na porta da capela, lá no fundo da pequena igreja vejo o pequeno caixão branco. Aproximo-me, sentindo meu coração se quebrar mais, meus joelhos vacilam, sinto a paz do lugar, mas eu não estou em paz. Quando minha mão toca o tampo do pequeno caixão, meus joelhos cedem, e me quebro.

Não tenho mais forças para controlar minhas emoções, parece que eu sou capaz de sentir tudo, tudo. Toda maldita dor quando fui afastado dela, a dor de não poder acompanhar seu crescimento. Não consigo cessar o soluço e esconder a dor em meu peito, não consigo respirar ou parar de sentir meu peito queimar em desespero.

Sinto mãos em meus ombros, sei que eles estão abaixados do meu lado, olho para a cruz e minha voz reverbera dentro da capela.

— POR QUÊ? POR QUE, ELA? — Soco o chão, respeitadas vezes, sentindo uma raiva que não sou capaz de controlar dentro do meu corpo. Sinto os nós dos meus dedos queimarem, e sangue manchar o mármore branco do chão da capela. Percebo eles me puxando. Sinto Carniça prender minhas mãos.

— Pare, Ivan. — Corvo me puxa, abraçando-me com força.

Meu pulmão dói, minha garganta se fecha, busco ar, sentindo o pânico me invadir. Sinto-me sufocado. Como se mãos estivessem apertando minha garganta. Meu corpo treme.

Choro como um maldito garotinho, choro como o pequeno Ivan de Svetlana, que chorou em seu colo depois da primeira surra de Ivo, choro como eu nunca imaginei que fosse capaz.

Eu vou te levar pra casa, querida. O papai vai te levar para casa.

A voz dela enche minha mente, doce e amorosa.

"Papai? Vamos? Promete que não vai me deixar?" Vejo-me abaixando à sua frente, o parque estava lotado, segurei seu algodão-doce, e sorri, coloquei o urso no chão, toquei seu rosto com a mão livre, ela pulou em meu pescoço, abraçou-me apertado. "Mamãe disse que o senhor não ia voltar mais, mas o senhor voltou, eu te amo, papai."

"Eu te amo, papai... "

Capítulo 15

*“Você tem o diabo em seus olhos
Você chegou e me pegou de surpresa
Fale o que você quiser, eu não vou voltar
Se você quer pegar a estrada, então vamos lá
Apenas vamos embora, ver o mundo e o mostrar pros outros
O que realmente significa viver uma vida de ouro”*

Devil Eyes

Hippie Sabotage



SOLANGE

Tranco a porta da confeitaria equilibrando a caixa de doces nas mãos. Os meninos sempre vêm aqui depois do almoço procurando gostosuras açucaradas, todos os dias alguém vem buscar uma enorme caixa. Mas hoje não apareceu ninguém.

Atravesso a rua com pressa, o sol está escaldante, paro em frente ao clube, vejo Corvo sentado de cócoras na escada, ele olha para mim por cima dos cílios, fazendo um arrepio percorrer minha espinha. Dou um passo para atrás, ele balança a cabeça e ri.

— Perdão, Solzinha. Não quis lhe assustar. — Ele se levanta, e olha para mim. — Vai sair?

— Yo vou levar Rosita para conhecer Vegas — digo, sentindo minhas bochechas pegarem fogo.

— É para nós? — pergunta, estendo a caixa para ele, ele esfrega uma mão na outra e pega a caixa, abrindo-a. — São cupcakes de caramelo salgado? Caralho. — Ele tira um e dá uma mordida e fechou os olhos.

— É por conta da casa. — Pisco. Ele sorri de orelha a orelha e enfia o doce na boca, coloca a mão no bolso da calça e tira a carteira de documentos dele. Ele ri e coloca a caixa de doces nas grades de madeira que sustentam a varanda do clube.

— Se precisar... — Ele me estende um cartão preto, com um número simples em prata no rodapé, escrito apenas Corvo. — Pode me ligar Sol, a qualquer hora. — Pisca. — Não hesite em nos chamar, certo? Mesmo que seja para trocar uma lâmpada ou matar uma barata. — Sorrio.

Seguro firme o cartão e sorrio agradecida.

— Obrigada.

Viro-me e saio andando em direção ao carro de entregas da confeitaria.

— Sol? — Dou meia-volta. — Obrigado. — Os olhos dele brilham.

— Pelos bolinhos? Não precisa agradecer.

— Não... — Ri pegando a caixa, ele sorri. — Você vai descobrir.

Paro o carro de entregas em frente à casa de Abi. Rosita está sentada na escada rindo com Nina segurando sua boneca, quando ela me vê se levanta, olho dos lados e ela corre em minha direção, dona Abi ouvindo o grito das meninas, sai de trás da casa usando uma jardineira suja, luvas e botas de borrachas, com um chapéu gigante e segurando algumas mudas de flores.

— *Mama*. — Rosita pula no meu colo e sorri. — Na próxima vamos levar Nina? — Concorde, rindo.

— Se a Abi deixar, podemos levá-la conosco para casa hoje.

— Jura, tia Sol? Vovó? — Nina pula.

— Não será incômodo, menina? — Dona Abi sorri.

— Nenhum, Abi, assim que voltar com Rosita, ela ajuda você a escolher seu pijama, certo, Nina? — Ela abraça minhas pernas com força e Rosita meu pescoço.

— Ah! *Mama*... — Sorrio para ela beijando seu rostinho.

— Vamos então, querida? — Ela se despede animada de Nina.

Rosita olha tudo abobalhada, encantada ela gira em seus calcanhares, fazendo-me rir.

— Tudo é tão grande, *mama* — comenta, esticando os bracinhos.

Voltamos a andar, Rosita fala em espanhol rápido demais, cheia de vida. Avisto um restaurante do outro lado da rua, quando faço menção de irmos em direção a ele, Rosita puxa minha calça.

— Olhe, *mama*, Ivan — ela diz, e se esconde atrás de minhas pernas. O inconveniente está parado encostado em um carro caro, usando uma calça jeans e uma camisa preta, com óculos de sol. Como um Deus inabalável, ele não sorri, apenas balança a cabeça.

— Olá — ele diz, e sem me olhar, abaixa-se. — Como vai Florzinha?

Rosita se esconde mais e aperta o rosto na parte de trás do meu joelho.

— Ela *te* esperou — digo, baixinho.

— O quê? — Ele tira os óculos escuros e me encara, arregalo os olhos ao perceber seus olhos inchados, vermelhos e tristes. Ele não é capaz de esconder a dor em seu olhar.

— Querida? — Ivan chama, toco em Rosita. Ela sai de seu esconderijo e chuta o chão, colocando as mãos atrás das costas.

— ¡Hola! — ela diz tímida. — *Podemos ir, mama?* — ela bate as mãozinhas na língua dos sinais, confundido algumas vezes os sinais, deixando a frase sem sentido.

— O que ela disse? Não foi algo bom, não né? Porra, desculpe-me.

— Ela apenas quer ir. Vamos almoçar juntas — digo, pegando Rosita no colo. — Pela primeira vez.

Ela volta a fazer os sinais rapidamente e me olha triste.

Ivan, não gosta de mim e nem é meu amigo. Ela tenta me dizer confusa.

— Não entendo. — Ivan me olha.

— Ela disse que você não gosta mais dela. — Ele para à minha frente, aproximando-se e olha para ela.

— Querida? Eu estava trabalhando — explica devagar, mexendo os lábios.

— Estava? — Ela olha para mim, esperando uma confirmação.

— Sim, querida.

— Você ainda gosta de mim, Ivan? — Os olhos dele brilham, a expressão dura em seu rosto se suaviza e dá um leve sorriso que não chega

aos olhos.

— Nunca deixei de gostar, querida. — Tento segurar Rosita, mas ela se joga no colo dele, fazendo-o agarrar ela com força. Ela abraça o pescoço dele com mais força ainda.

E eu? Quero cavar um buraco e enfiar minha cabeça.

— Vem almoçar com a gente, Ivan? — ela diz rapidamente na língua dos sinais, mas arregala os olhos e dá um tapinha na testa. — Ivan não fala... Vem comer a comida diferente, Ivan.

Estreito os olhos para ele.

Sim, ele vai aceitar.

IVAN

Se algum dia estive vivo, não fui capaz de sentir a dor que está me dilacerando. Meu peito parece aberto, mas a dor não sou capaz de fazê-la parar.

— Ivan? — A voz me chama.

— Cara?

Nem sei quanto tempo estou sentado no banco do bar depois de voltar da capela, apenas vi o pequeno caixão entrar no cremador. Meus olhos queimaram, meu peito doeu como o inferno, ofeguei. Senti um vazio enorme.

Fiquei parado, apenas parado.

— O que vai fazer agora, amigo? — Carniça se senta ao meu lado, de frente para as mesas, apoiando os cotovelos no balcão.

— Maldonado, prometeu-me algumas cabeças, e vou buscá-las. — Ele suspira.

— Sabe que não está sozinho, não é? — Afirmo. — Cara? Eu sinto muito pela *miudinha*. — Sorrio sem humor.

— Se vocês pudessem conhecê-la, ela amava Aladdin e borboletas, estava aprendendo a ler, queria ser historiadora e viajar num veleiro. — O nó sobe em minha garganta.

— Porra. Por quê? Esses traficantes não se interessam por crianças russas.

— Calina vendeu minha filha.

— Porra! Desgraçada — Carniça rosna.

— Quando não quis mais ficar com ela, ela não tinha motivos para manter a minha pequena.

— Você a matou?

— Tentei. Ela fugiu, conseguiu asilo em uma organização de narcotráfico e tráfico de pessoas.

— Precisamos achar essa fodida, quero enfiar uma agulha em cada unha dessa maldita. — Ele suspira pesado.

Antes e respondê-lo, Corvo entra no bar com uma enorme caixa do La Carmen.

— O que tem aí? — Carniça questiona.

— Sol trouxe umas delícias, porra, eu amo caramelo salgado. — Ele estende a caixa, nego. — Pegue porra, vamos lá, Russinho, ela fez com tanto amor.

Pego o doce e levo aos lábios sem a menor vontade, ele desce seco, mesmo delicioso, desce como pedra.

— Solzinha fechou. — Olho para ele, esperando a explicação. — Foi a Vegas, coisas de garotas entre ela e a pequena mocinha. — Pisca.

— Sabe onde elas foram? — questiono.

— Não sei, mas não é difícil localizar um furgão de uma confeitaria, não é, Ivanzito? — Piscou. — Cara, o que vai fazer com sua filhinha? — pergunta, cauteloso.

— Vou levá-la pra casa — digo, fazendo ambos me olharem com pena.

— Cara, você não precisa ter vergonha do que rolou. Nós somos irmãos — Carniça afirma, batendo em meu ombro.

— Qual é, nós estamos juntos, na alegria e na tristeza, só não direi para admirar a beleza da Sol, porque eu definitivamente não quero morrer. Sou *mucho* jovem.

— Idiota — retruco.

— Ivan? — Corvo me chama. — Diga a Sol, que os cupcakes estavam uma delícia.

— Quem disse que eu vou atrás dela?

— Essa sua cara de cachorro filho da puta — Carniça zomba. —
Ande, me dê mais um bolinho — Carniça debocha, puxando a caixa de
doces.

Idiotas.

Capítulo 16

*Alguém me disse
Que eu iria querer mais
Que eu me sentiria meio vazia
Partida e despedaçada
Eles disseram que haveriam muitas
Outras mãos para me segurar
Agora eu queria que eles tivessem me dito
Há muito tempo
Oh, eu não quero que isso te machuque
Oh, mas eu não tenho mais ninguém com quem conversar*

Deep End

Birdy



SOLANGE

Respiro fundo, tentando me concentrar em outra coisa que não seja esse Russo mal-encarado e sexy ao meu lado. ¡Dios!

Ofego, e olho ao redor, prestando atenção o pequeno e simples restaurante. O lugar pode ser simples, mas parece ter saído direto de um túnel do tempo, é idêntico aos restaurantes dos filmes dos anos 2.000.

— Algum problema, Raio de Sol? — A voz rouca dele me faz suspirar. Engulo em seco e dou um passo à frente. A recepcionista confere meu nome e me lança um sorriso. Ela indica a entrada do restaurante.

Rosita brinca com o óculos de sol de Ivan.

— Por que teria algum problema? — questiono, fazendo-o dar um sorriso de lado. Sem mostrar os dentes.

— Diga-me você, querida. — Reviro os olhos.

— Vá à merda antes que eu me esqueça — resmungo, ele esboça um sorriso debochado.

— Temos um começo com garras. — Pisca, sentando-se na cadeira e coloca Rosita em seu colo. — É válido ressaltar que russos adoram um desafio.

— *Yó no* sou um desafio.

— Claro que não, querida. É apenas algo que eu quero trazer para fora o suficiente para me arranhar — comenta, e pisca.

— Não há nada para você trazer para fora de mim, Russo. — Ele dá de ombros.

— Se você diz. Florzinha? Como foi seu dia? — Ele me ignora trazendo a atenção de Rosita pra si. Reviro os olhos, nem ao menos me sento.

— Vou fazer nossos pedidos. — Ele mantém o olhar em Rosita. — Quer algo?

— O que você preferir, Raio de Sol.

— Insuportável.

IVAN

— Do que está rindo, Florzinha? — questiono, ela coloca a mãozinha sobre os lábios e ri, aponta para a mãe que está fazendo o pedido no balcão do restaurante.

— Essa cara de bicho-papão assusta todo mundo, menos a mamãe — ela diz, fazendo-me abaixar a cabeça e sorrir. Ela ri mais, abraça-a com força.

— Tenho cara de bicho-papão? — pergunto, pegando um pequeno cachinho macio entre os dedos. Ela presta atenção em meus lábios, em pouco tempo com elas já estou me acostumando a falar devagar e com isso o espanhol está fluindo com mais facilidade, inclusive sei quando sua mãe me xinga e me amaldiçoa em espanhol.

— Você é um bicho-papão bonzinho, Ivan. — O beijo estalado que ela dá em minha bochecha me faz sorrir. Ela coloca os dedinhos no canto dos meus lábios e mantém meu sorriso esticado, forçando-me a sorrir. Fico vesgo e enfio o rosto em seu ombro, fazendo-a gritar alto demais e gargalhar. Os olhares sobre nós dois são repressivos. — Você faz essa cara, Ivan. —

Fecho mais ainda a cara, fazendo-me de bicho-papão, e ela ri. — Precisa apertar o nariz assim e falar diferente. — Ela aperta meu nariz.

— Eu aperto o nariz? — pergunto a ela, porra, ela tem mesmo cinco anos?

De costas para a mãe, Rosita está com os joelhos apoiados na minha barriga, enquanto apoio suas costinhas com as duas mãos, mantendo-a firme para não cair. Vejo a Sol se aproximar devagar desfilando, como uma Deusa, pelo seu olhar ela não está nada feliz por eu estar de penetra em seu almoço, com a Florzinha.

— Sí. — A voz quente de Solange me provoca.

Respiro fundo, tentando não olhar nos olhos dela, mas é impossível. Ela me olha com olhos brilhando, como se pudesse ver minha alma, desvio o olhar.

— É verdade que o Ivan vai morar com *a gente, mama?* — Rosita se vira para a mãe.

— Você disse a ela? — Ela crispa os olhos.

Sorrio.

— Não podia? — pergunto, matreiro, fazendo-a bufar. — Expliquei a ela que sou um amigo e que eu vou pagar para ficar em sua casa. Digamos que depois da aula de finanças e banco imobiliário, ela já pode virar corretora de imóveis.

Ela me ignora, pega Rosita do meu colo, ela se senta e coloca Rosita em uma cadeira ao seu lado, e começa a fazer sinais. Sorrio. Rosita olha para mim e balança a cabeça concordando.

— Eu perguntei a Rosita se você pode ficar na língua dos sinais, ela ainda tem muita dificuldade em ler nossos lábios e compreender frases muito complexas. — Concordo, percebendo que ela está priorizando a vontade da filha. Não tenho um plano B caso ela negue, afinal ela já me aceitou. Então não tenho com o que me preocupar.

— Podemos assistir Ladybug, eu, você e Nina. — Ela ri, começo a prestar atenção no tal desenho, sem realmente entender, ela tem um leve atraso na fala, um uma leve entonação anasalada e arrastada o que provavelmente é comum com pessoas surdas, mas sua voz infantil continua fofa e doce, mesmo com a dificuldade dela, ela para algumas vezes

colocando as mãos na garganta, e me explica sobre o tremor dos sinos, fazendo-me colocar a mão em sua garganta, ela riu e eu senti o leve vibrar, ela continuou falando sobre o desenho misturando os assuntos, me fazendo rir.

— Cat no... O quê? — questiono, tentando pronunciar o nome do desenho.

— C-a-t N-o-i-r — soletra bem arrastando, sua voz trava levemente e ela ri limpando a garganta com uma pequena tosse, ela fala demais em pouco tempo, a mãe lhe oferece uma garrafa de água e ela aceita bebendo metade.

— *Het*. — Solto a palavra em meu idioma, ela observa meus lábios com atenção e repete errado de forma engraçada, me fazendo rir.

— *Ieti*.

— Querida? Não pode repetir sem saber o que significa, lembre-se? — ela arregala os olhos tapando a boca, olho para mãe.

— Não se preocupe, Raio de Sol. Não é nenhuma blasfêmia. É apenas não. — Justifico-me.

— Não? — Ela nos olha atentamente.

— *Da...* — Volto a misturar os idiomas. — Sim.

— Então, eu posso falar? — Rosita pergunta baixinho, cutucando o braço da mãe, olhou buscando uma resposta.

— Sim, querida. — Toco seu cabelinho, fazendo-a rir.

Quando nossa comida chega, olho para o prato sem entender, Rosita esfrega uma mãozinha na outra e ri.

— Chilli com carne — Sol fala, o cheiro da comida faz meu estômago roncar de fome.

— Pode mama? — Rosita aponta para seu prato infantil, a mãe a ajuda e começa a comer.

— Tem uma pimenta inteira aqui. — Pego a pimenta e a levanto, mostrando para ela, que sorri de lado fazendo me olhar desconfiado.

— É uma pimenta doce, não há nada de picante aí. — Pisca. Levo uma colherada à boca provando. — É delicioso.

Deliciosa é você, meu amor.

Mantenho meu olhar sobre as duas o tempo todo, elas caminham à minha frente. Depois do almoço, Solange prometeu a Rosita um picolé de mirtilo. E elas foram atrás do picolé, Rosita está com o rosto todo melecado de picolé e sua roupa suja. Solange tem um sorriso sincero no rosto e parece alheia à minha presença, o que é bom, afinal posso avaliá-la com mais atenção sem que ela desvie o olhar. Ela sorri e está o tempo todo focada na filha.

Elas não percebem meu olhar quando param em frente à capela do Elvis e começam a olhar tudo.

Solange sequer percebe que ela não consegue ficar longe da filha, sempre tocando a pequena, verificando se ela está bem. E por um momento, desejo ter tido isso com Dora, mas Dora sempre tinha alguém por ela, cuidando dela, e esse alguém não era eu e muito menos Calina, mas sim babushka. Sei que meu sumiço fará ela me odiar por semanas e me ignorar.

— Olha o tamanho do castelo, Ivan. — Rosita vem em minha direção apontando para o cassino de Dominic. Parece que há uma leoa enjaulada dentro de Solange, disposta a sair se algo ameaçar sua filha.

— Não é um castelo, Florzinha — explico a ela. É um lugar onde as pessoas vão para jogar.

— Jogar o quê? — Rosita questiona, colocando a mão na cintura, pensativa.

— Jogos com dados — digo, olho para Solange e ela me dá um olhar de, você que entrou nessa, saia agora.

— Posso jogar? Eu gosto de dados.

— Não, não pode, querida. Pois são coisas de adultos. — Solange se apressa em dizer. Certo, não direi a ela que posso levar sua filha em um cassino.

— Quando eu crescer podemos ir? — pergunta, devagar.

Abaixo-me ficando à sua altura.

— Quem sabe se sua mãe deixar, um dia eu não lhe mostre como é? — digo, pisando em ovos, sei que a porra dos jogos de azar pode destruir um ser humano. Então jamais farei algo para prejudicar Rosita. Porra, ela me olha com os olhos brilhantes, em expectativa.

Ela se joga em meu pescoço. Abraço-a apertado, sentindo meu sangue correr mais rápido. Respiro fundo.

— Que tal voltarmos agora? Você precisa ajudar Nina com seu pijama.

Solto-a. Dou um passo para trás, fazendo Solange me olhar com calma e serenidade porra, por que caralho essa mulher parece ver minha alma?

— Despeço-me das senhoritas aqui — digo, Rosita me olha sem entender. — Já vou, querida, *te vejo à noite certo?*

Ela concorda, rindo.

— Abaixa. — Faço o que ela pediu e ganho um beijo estalado na minha bochecha.

— Ivan? — Solange me chama, quando viro de costas. — Você está bem?

Dou meia-volta e volta a andar. Que porra estou fazendo?

— Sabe que é um caminho sem volta, não é? — Corvo pergunta, tirando a minha atenção da janela onde posso ver a confeitaria.

Depois que cheguei, tentei me concentrar na porra dos documentos que Maldonado deixou. Porra, odeio charutos cubanos.

— Olha, cara, não seja burro. Vamos lá, Ivan. Diga-me o que aconteceu, nesse almoço, eu sou curioso, porra.

— Não aconteceu nada.

— Qual é? — Ele bate a caneta na mesa do bar. — Eu odeio a porra da papelada, então deixe o meu dia menos chato e me diga o que rolou, você voltou pior do que estava.

— Não sei, porra.

— Você tem sentimentos por elas — pondera, pensativo. — Não adianta negar. Diga-me o que é. Eu não sou especialista em negócios do coração, mas posso ajudar.

— Eu quero cuidar delas, ajudar. Quero que Solange confie em mim o suficiente para me dizer que merda ela está tentando levar sozinha.

— Você está apaixonado — comenta, pensativo. — Porra, você está apaixonado. O que sentiu quando viu ela pela primeira vez, sem ser tesão? Foi amor à primeira vista tenho certeza.

— Não sei, porra, meu coração disparou, minha boca secou, e juro que os olhos dela parecem ser os mais lindos que já vi, ela não parece real, o sorriso dela mexeu comigo.

— Porra, apaixonado à primeira vista. Caralho. E agora? O que você sente.

— Medo — digo, sincero.

— Medo? Medo de quê?

— De não ser o suficiente. De qualquer forma, não ser o que ela precisa, Solange leva com ela um maldito inferno, e não quero ser mais um diabo na história dela.

— Porra, que tal começarmos com flores? — comenta. — Doces ela não precisa, você precisa descobrir do que ela gosta, então, você pode mimá-la até ela *te* amar.

— Fala como se fosse fácil — resmungo.

— E não é? Seja o cara que ela precisa e o resto damos um jeito, qual é. Pare que complicar as coisas do coração, para se ser feliz não precisa se complicar nada.

— E se ela não gosta de mim?

— Porra, homem, seja inteligente! Vocês estão debaixo do mesmo teto, ela *te* costurou. Você é um bandido, e ainda assim confia em você, ela tem armas, você acha mesmo que se não confiasse, ou se você representasse alguma ameaça, ela não tinha lhe pregado bala e dado no pé para a próxima cidade? Solange está fugindo de um maldito perseguidor. Agora resta a você vestir a armadura de herói e dar um jeito nessa sua vida de merda, você acha mesmo que se eu tivesse uma abelhinha para chamar de melzinho eu estava aqui? Pensando no quão errado poderia dar? Estaria enfiando o pau no mel, se der errado você conserta depois, mas por ora, largue esses papéis, vá lá e pergunte a ela se ela gosta de Romeu e Julieta ou de Harry Potter.

— Quero ver se quando for sua vez, você vai ser tão descomplicado assim.

— Tiro com a cara dele, fazendo-o revirar os olhos.

— Cara, pensa que lindo ela toda latina e quente e você todo fogo? Já imagino os moleques, porra eu sempre quis saber como é ser padrinho.

Arqueio a sobancelha.

— E quem disse que você vai ser padrinho?

— Não me dê o moleque para batizar pra você ver. Eu lhe desço o pau, caralho, sou eu que tô tentando juntar vocês dois. Vá lá, busque para mim uma torta de morango.

— Quê? — Abusado do caralho.

— Vá, porra, e coloca na conta do clube.

Quando me levanto, ela sai na porta da confeitaria com um borrifador de água e começa a molhar as rosas.

— Vá, e de boca fechada para não babar.

Saio do clube e atravesso a rua.

Quando ela me vê, sorri.

— Aceita um chocolate quente, Ivan? — Oferece, rindo.

— Sim. Corvo quer uma torta de morango. — Ela sorri e acena, viro-me e vejo Corvo sondando da janela. Filho da puta.

— Vem, vamos entrar.

Sigo Solange, ela entra atrás do balcão, cantarolando.

— Posso lhe contar algo? — pergunta, colocando a mão nos lábios e dá um pulinho.

Involuntariamente, sorrio.

— Claro, Raio de Sol.

— Consegui, Yô consegui o visto permanente. — Sem que ela perceba, pega em minhas mãos e aperta.

Maldonado, porra. Foi o Maldonado.

— Nós podíamos ser deportadas a qualquer momento. — Solto sua mão, abruptamente, e dou a volta no balcão. — Yô ainda não tinha com quem dividir a notícia.

Puxo-a para um abraço, ela suspira e soluça.

— ¡Dios! — Ela ri entre lágrimas.

— Pode me contar coisas boas e ruins sempre que quiser, Raio de Sol.

— ¡Perdón! Molhei sua blusa. — Ela se afasta, e sorri tímida.

— Fico feliz por você, mais do que pode imaginar. — Toco seu rosto, inclino-me, fazendo seus olhos ficarem na altura dos meus.

— O-obrigada — agradece, tímida.

Com a minha mão livre agarro sua cintura e aperto sua bunda, ela engasga, minha boca bate na dela e sinto que fui ao inferno de tão quente, ela treme contra minha boca, fazendo-me diminuir o espaço entre nós dois.

Mergulho minha língua em sua boca, saboreando-a. Aperto sua bunda e a puxo para mais perto, sentindo toda sua suavidade contra meu corpo áspero, porra. Que mulher gostosa.

Porra, ela tem um gosto doce e parece como um maldito pecado, estou disposto a pecar. Meu pau está tão duro, meu corpo encontra ainda mais o dela, fazendo-a sentir minha dureza.

Minha mão segura firmemente a parte de trás do seu pescoço. Ela ofega quando me afasto dela. Os olhos dela brilham feito duas esferas negras, brilhantes, ansiosas. Meus lábios ardem, passo a língua e ela acompanha o movimento, e suspira.

— Ivan? — sussurra, tão afetada quanto eu.

— Precisamos parar, Raio de Sol, ou você terá uma parabenização VIP, entre suas pernas. — Meu polegar toca seus lábios inchados. Ela respira com dificuldade, com os olhos brilhantes e perigosos demais até para ela.

— Por que eu me sinto assim? — pergunta baixinho.

— Assim como, Raio de Sol? — Meu polegar dança sobre seus lábios, as palavras dela batem quentes contra meu dedo e vão direto para o meu pau.

— Quente. — As bochechas dela ficam rubras.

— Você me deseja, Raio de Sol. — Ela arregala os olhos. — Nunca sentiu isso antes?

Quando ela nega, o maldito monstro dentro de mim, urra apenas uma coisa.

Minha. Essa mulher será minha. Apenas minha.

Capítulo 17

*“E mais um vai ao chão
Oh, por que não posso conquistar o amor?
E eu devo ter pensado que éramos um só
Queria lutar sem armas nessa guerra
E eu queria isso, queria tanto isso
Mas haviam tantas bandeiras vermelhas
Agora mais um vai ao chão
E, pra deixar claro, não confiarei em ninguém”*

Elastic Heart

Sia



IVAN

Ela sorri de forma doce, meu coração dispara.

— Você é linda. — Ela desvia o olhar quando toco em seu rosto — Sabe disso, não é, Raio de Sol? — Solange morde os lábios e suspira pesado, afasta-se e balança a cabeça como se quisesse afastar pensamentos ruins.

— Por que, Raio de Sol? — questiona, e sorrio.

— Seu sorriso brilha, amor. — Pisco, ela sorri, tímida. — É capaz de me queimar.

— Queimar? — Confusa, olha-me com seu olhar de gatinha matreira, que porra, estou aprendendo a adorar.

— Você não tem noção, não é? Do que faz comigo? Meus planos não envolvem você, mas você me envolve, Solange, como uma feiticeira. — Ela nega.

— No, eu jamais quis *te* atrapalhar e... — Rapidamente, faço-a me olhar e a calo.

— Você não atrapalha, nem você e nem a Florzinha, vocês não sabem o poder que tem. — Solange desvia o olhar — E se eu quiser ficar? Ficar em

sua vida? Vai ter espaço? — Arregala os olhos, afastando-se. — Eu estou fodido, Solange, e não tenho mais nada, nada.

— Yo sinto... Sinto tanto, Ivan — Ela se perde nas palavras, fazendo-me estalar a língua.

— Você tem um passado e eu também. Pratos limpos o que acha? Eu lhe digo o que vim fazer aqui, e você me diz o que veio fazer aqui. — Dou de ombros.

— Não me olhe com esse olhar, sei que não é uma troca justa, mas é melhor implorar por migalhas do seu passado do que invadir sua vida e levar comigo o diabo que você carrega.

Sei que eu já invadi a porra da vida dela, mas porra não vou dizer isso.

— Você não vai se livrar de mim, Solange. Entenda uma coisa, mulher. Tudo que quis até agora eu tive, e no inferno você é a coisa que eu mais quero em toda a porra da minha vida, e um não dos seus lábios não vão me parar, enquanto eles dizem não, seus olhos dizem sim, e me imploram para ficar.

— Por quê? Não é apenas sexo, não é? — Ela se esquivava na defensiva, olhando-me com um olhar superior de mistério, dou de ombros rindo devagar.

— Entenda uma coisa, mulher. Se fosse apenas sexo eu já teria ido, você nega, mas me quer. Eu não quero descobrir coisas por terceiros, mas por você, quero que confie em mim e me dê apenas uma chance.

— Pra quê?

— Quer sinceridade? — questiono, ela assente. — Não sei, Solange, mas estou disposto a descobrir o porquê sua vida agora importa mais que meu passado.

Sou sincero, fazendo-a suspirar. Meus olhos são constantemente atraídos para ela. Ela é pequena, comparada a mim. Mas se encaixa perfeitamente comigo. Mas que porra? Não posso evitar quando ela suspira, morde os lábios e se afasta.

Os cílios grossos e pretos desenhados com uma suave maquiagem piscam, fazendo de mim um idiota, mas diabos? Eu não posso evitar, engulo

em seco, que porra estou fazendo? Solange cheira a problemas, mas ela parece ser a porra da solução dos meus.

Houve muitos dias em que me perguntei por qual motivo continuo a lutar, apenas por lutar, tentando colocar fim no vazio. Tentei impedir que elas entrassem em meu coração, porra, eu não tentei merda nenhuma. E seria um fodido hipócrita. Eu sei que estou jogando muito sujo, Solange sequer sabe quais são os meus verdadeiros motivos por estar aqui.

Jamais faria isso apenas por sexo, tem algo ali, e porra minha maldita curiosidade é maior que o bom senso que nunca tive.

Quando criança sempre fui a porra de um moleque endiabrado que vivia metendo o bedelho onde não era chamado, e com Solange não é diferente. E porra parece ser diferente e valer muito a pena. Eu não sei que porra estou querendo ou fazendo. Mas parece muito certo.

— Você andou chorando mais cedo — comenta doce, mas cautelosa, e não sou capaz de negar. Ela toca meu rosto. — Você foi buscar sua filha? — questiona, abro os olhos e nem me dei conta que eles estavam fechados.

— Corvo está esperando a torta dele... — Desconverso. — Nós nos falamos à noite o que acha, Raio de Sol?

— Certo, inquieto. — Ela não me parece nenhum pouco convencida, suspiro.

— Justo, não é? — pergunto, ela ri. — Eu me meto em sua vida, nada mais justo não é, linda? — Seu rosto ganha uma linda tonalidade de vermelho, ela leva as mãos ao rosto, pego suas mãos antes que ela possa reagir, avalio as mãos macias e feridas, há pequenos cortes na ponta dos dedos e uma pequena queimadura em um dos dedos, as unhas estão cortadas e bem-feitas, mesmo simples, as mãos dela são delicadas e macias, como se não lidasse com painéis e formas quentes. — Linda...

— Ah! O amor... — A voz do passarinho atravessa junto a sineta, viro-me dando de cara com Corvo e Carniça abraçados, Corvo abraça o dorso de Carniça e ele o envolve com os braços.

— Veja, meu amigo, mais um membro abatido — Carniça zomba.

— Quando será nossa vez? — Corvo finge descrença. — Vamos, urso, temos trabalho a fazer.

Olho sem entender, tiro meu celular do bolso e não vejo nada nem mensagens ou ligações.

— Problemas no paraíso? — questiono.

— Dom está com o diabo no couro. Puta merda. — Corvo ri.

— Vamos, Matrioshka. — Carniça pisca de forma cretina, fazendo-me arquear a sobrancelhas.

— Te vejo a noite, linda? — pergunto, ela afirma. — Posso cozinhar... — Pisco.

— Ah! O amor, sente a diabetes, meu amigo? — Carniça ri abraçando Corvo. — Pode fazer um saquinho para viagem, Sol?

— Vão sair da cidade? — ela questiona, falando pela primeira vez desde que eles entraram. Meus olhos se voltam para ela.

— Vamos visitar nossos conterrâneos no Novo México — Corvo comenta fazendo Solange ficar tensa, pálida, nitidamente nervosa, ela umedece os lábios, fazendo-me olhar para os dois panacas e menear a cabeça, eles olham para ela e a diversão nos olhos deles foi embora. — Não vamos matar ninguém, Solzinha. — Ela solta o ar devagar e suspira de forma aliviada.

— Três cafés grandes para viagem, Sol, e uma caixa de donuts — peço, e ambos concordam, ela dá meia-volta e entra na cozinha. — Que porra vocês têm na cabeça?

— Foi mal, porra. Escapou. — Corvo levanta as mãos para o alto em rendição.

— Dobre a língua, babaca. — Carniça dá um tapa na cabeça dele. — Ela ficou com medo.

— Nós nunca vamos machucar a Sol — Corvo diz o óbvio.

— Mas pela cara, ela não tem tanta certeza. — Cuspo de volta.

E a maldita constatação me incomoda mais do que deveria.

— Nós somos um poço de paciência, *compadre*... Mas veja bem... o cara grande de cócoras ali. — Carniça aponta em minha direção, volto a

fazer pequenos cortes no pneu da van sentindo minha cabeça latejar de forma insuportavelmente chata. — Vamos lá, *Carluxo*...

— *No vi nada, lo juro ...*[\[27\]](#) — O deserto de Mojave queima como o inferno, depois de algumas horas de estrada com duas gralhas cantado Elvis Presley, estamos enfim em frente a Carlos Ramirez.

— Você tem olhos e ouvidos em todos os ligares, Carlos, vamos lá, homem. — Corvo o empurra contra o capô do meu carro. — Escute... — Corvo passa o canivete sobre o pescoço de Ramirez. O suor escorre pelo pescoço do maldito rato. — Meu amigo ali, trouxe três litros de gasolina e não foi para abastecermos.

— *On pribyvayet...*[\[28\]](#) — Levanto-me e tiro a maldita poeira do meu casaco. Ambos se afastam do rato e antes que ele possa reagir. — A cada resposta insatisfatória um dedo a menos. — Estico sua mão em cima do da lataria quente e inclino meu corpo em cima do dele, fazendo-o gritar. — Sem gritos. Não sou surdo.

— No sairei vivo daqui, por que devo... — Antes que ele pudesse terminar a sentença o canivete é tingido de carmesim, respigando em meu relógio, fazendo-me respirar mais devagar, sinto minhas narinas dilatando e meu coração acelerar, sinto meu corpo suar ainda mais e todo meu corpo estremecer levemente.

— Não me faça mudar de ideia... — Corvo e Carniça se afastam quando o corpo dele atinge o chão, ele se encolhe abraçando o próprio corpo, o cheiro forte de urina invade o ar e uma poça se forma à sua volta molhando a terra seca do deserto. — Amarre-o.

— Russo? — Quando me viro minha camisa branca está manchada de vermelho, coloco o canivete no capo do carro, e dobro as mangas da minha camisa calmamente e fico de cócoras ao lado do corpo dele.

— Lustrera... Eles estão na vila... — A voz chorosa de Carlos começo a dar com a língua nos dentes... — Não me mate. — Os malditos gemidos dele estão começando a me irritar.

— Dom não gosta de pontas soltas... consegue me entender, Carlos? Queimem a van. — Minha voz corta o silêncio de Corvo e Carniça.

— O que vai fazer com ele? Droga, precisamos dar um fim nesse idiota — Corvo questiona. — Porra, eu não vim preparado para me sujar.

— O que vão fazer comigo? — Ele praticamente berra, minha cabeça lateja ainda mais.

— Eu ainda tenho algumas perguntas. — Ambos sorriem de forma fria, Corvo gargalha fazendo Carlos tremer. — E nosso amigo Carlos irá respondê-las, não é?

— *NO, NO, NO... Mata-me. Te ruego que me no mates*[\[29\]](#)... — Ele berra feito uma maldita vaca, conseqüentemente, minha dor de cabeça piora.

Sorri para os dois à minha frente, vamos matar esse maldito informante de merda. Passo a mão em minha barba e estalo os lábios em escárnio.

— Acha que vai sair daqui vivo? — A voz calma de Carniça faz Carlos parar de gritar. Afasto-me encostando meu corpo no capô do carro. — Você tem uma passagem de ida para o outro lado, mas antes vai me responder algumas perguntas.

— Ótimo. — Levanto-me e devagar começo a andar em volta de Carlos, sorrio ao ver alguns abutres sobrevoarem e depois pousarem a algumas pedras de nós. — Vê? Poderíamos fazer uma boa ação e alimentar nossos amigos, mas eu tenho outra ideia.

— Você está bem? — Levanto-me do chão sentindo o sangue quente escorrer entre meus dedos, meu relógio está manchado de vermelho, balanço meu pulso, e arranco o relógio. Consigo sentir o sangue em meu rosto. Sorrio. Arrancando minha camisa.

— Coloque-o nas malas e a cabeça dentro da mochila — digo, passando o pano sujo em meu rosto.

— Cara, ficou pior. — Corvo ri.

— Vamos, babaca, o cheiro do sangue pode atrair animais, e sou contra o massacre de bichinhos inocentes — Carniça comenta de forma solene e humanitária, reviro meus olhos.

— Podemos deixar um pouco em cada canto de cidade. Doente e extremamente excitante. — Corvo termina de jogar as bolsas no porta-malas, mexendo o corpo de forma estranha idêntica à de Maldonado.

— Vamos lá, hora do fogo. — Pego um dos galões de gasolina e começo a espalhar na van, Corvo e Carniça fazem o mesmo. Fazendo com que o cheiro forte suba, quando jogo o isqueiro contra a van as labaredas aumentam de forma instantânea.

— Lindo — Corvo comenta, acende um charuto e estende para mim, trago a fumaça e observo o fogo contrastar com o pôr do sol no deserto, a temperatura começa a cair, e logo escurecerá e o fogo chamará a atenção dos animais.

— Missão cumprida. Eu dirijo. — Carniça nos chama, jogo o charuto na direção da van que queima.

— Vamos deixar um presentinho aos nossos conterrâneos *locos*. — Ignoro os dois me jogando no banco traseiro, deito sentindo a adrenalina descer, cubro meus olhos com o braço sentindo o cheiro de sangue e fumaça. — Você é bom, Ivanzinho, meio Jack o estripador, mas um homem bom.

— E tem todo aquele complexo de, faço porque fui criado para fazer, vamos lá, cara, veja pelo lado bom, menos um verme das entranhas da sua linha de vingança. — E ele é, Russo. — Carniça coloca o carro em movimento.

— E não me orgulho disso. — Minhas palavras os mantêm em silêncio o resto da viagem.

— Cara? — Olho para Corvo assim que desço em frente à casa de Solange. — Não quer mesmo falar sobre o que rolou? — Arqueio a sobrancelhas para ambos, sem entender onde eles querem chegar.

— O lance, de agir como um açougueiro carnicheiro — Carniça emenda. — Você parece outra pessoa cara. Está realmente bem? Fazemos o que fazemos, mas temos sentimentos, eu estava brincando quando mencionei seu país, foi mal.

— Não se preocupe, cara. — Bato em seu ombro de leve pela janela. — Ele está morto, serviço feito. Boa noite. — Empurro o portão de madeira e entro, fazendo-os balançarem a cabeça. Reviro os olhos, a essa altura do campeonato eu já não me importo mais. Malditos bons amigos.

Rio descrente batendo na porta, escuto gritos e gargalhadas. Ouço vozes e uma me chamou atenção. Quando a porta é aberta, meu corpo retesa.

Odeio italianos.

— Boa noite — cumprimento, Matarazzo, instantaneamente, me olha.

— O que faz aqui? — ele pergunta, levantando-se do chão onde estava sentado com as duas garotinhas. Rosita se levanta e dá um grito e se joga em minhas pernas. — Minhas mãos coçam para pegá-la em meu colo, mas mantenho ela no chão, mesmo tomando um banho no clube, preciso de outro para me sentir apresentável.

— Eu? Moro aqui e você a que devo a honra da visita? — Arqueio a sobrancelhas quando vejo Sol descer as escadas, linda em um top floral e uma saia jeans curta, linda demais. Ao perceber minha presença ela sorri tímida. — Vejo que temos visitas, Raio de Sol.

A amiga de Rosita me olha roendo a unha de forma engraçada, seu rosto está cheio de dúvidas, ela tomba a cabeça para o lado e simplesmente faz uma carinha de interrogação, Rosita vai para perto da amiga e fala algo a ela com certa dificuldade.

— Olá, pequena. Como vai, senhorita? — Estendo minha mão, e ela sorri e se endireita de forma engraçada.

— Olá, senhor. — Minha risada a faz com mostrar os dentes, vejo a janela de alguns dentinhos faltantes.

— Pode me chamar de Ivan, pequena. — Pisco, ela concorda.

— Ivan? — Rosita puxa minha calça, ela acena as mãos de forma rápida fico confuso. — Vem brincar.

Olho para Solange que me fita de forma engraçada e sorrindo, a cara de bosta do italiano continua me encarrando com se quisesse me matar com o olhar. Filho da puta.

— Preciso de um banho, garotas, e depois faremos o que as damas desejarem? — Elas concordam e se jogam no sofá. — Preciso de uma toalha, Raio de Sol. — Pisco, pedindo algo que tenho em minha mala.

— Seb? — Sebo? Que poético.

— Te espero aqui, Sol. — Claro que espera, babaca.

— Quer parar com isso? — Assim que passamos pela porta do quarto dela, ela esbraveja.

— Com o que exatamente, querida? — questiono, jogando-me em sua cama, ela abre o armário dela, bufando, em busca de uma toalha.

— De provocá-lo? — Ela atira a toalha em minha direção.

— Falta divertimento na vida daquele homem — provoco.

— E desde quando você é divertido, Sarnov?

— Temos um ponto, querida. Não suporto italianos. — Estalo a língua, ela ri da minha cara de desgosto.

— Ele também não *te* suporta. — Ela sorri, levanto-me e me aproximo dela, Solange se afasta.

— Posso saber o motivo da felicidade e dos sorrisos? — questiono fazendo o lindo sorriso morrer. — Parece que você gosta de italianos — instigo.

— É, parece que *Yo* gosto mesmo. — Ela sai, deixando-me sozinho. Porra, viro-me para sair do quarto, mas vejo um envelope pardo em cima da mesa de descanso.

Recolho-me a minha curiosidade, porra. Odeio italianos.

Capítulo 18

“Me apaixonei, me apaixonei

Eu dei meu coração para el diablo, el diablo

Desisti, desisti

Porque ele me diz que sou seu anjo, sou seu anjo”

El Diablo

Elena Tsagrinou



SOLANGE

Ver Ivan tira um peso dos meus ombros que nem eu mesma sabia que carregava. Volto a mexer a salada com frango. As meninas riem na sala enquanto dançam algumas músicas infantis, Sebastian me olha sem expressão alguma.

— Não confio nele — Sebastian volta a sentenciar, fazendo-me rir. A carranca de nojo dele me faz revirar os olhos, coloco a salada na ilha da cozinha e me inclino, fazendo-o bufar.

— Você não confia em ninguém, Seb. Seu chefe e Ivan são amigos e se ele não for quem eu realmente acho que seja, ele leva um tiro. — Ele gargalha, balanço a cabeça descrente.

— Você atiraria nele? Às vezes esqueço que eu te dei armas. — Ele ri. — Dom é maluco, mas não se engana sobre ninguém. — Arqueio a sobrançelas. — Certo, sem deboche, talvez sobre a moça dos doces. Mas de resto, ele nunca erra. — Olha para mim com os olhos brilhando.

— Não, seu chefe não erra, pelo menos não na maior parte do tempo, mas se eu precisar, não há nada que me impeça de dar uma cicatriz a mais ao Ivan.

— Fico feliz em saber que não hesitaria em atirar em mim, Raio de Sol. Um bom começo. — Ivan entra na cozinha apenas de calça de moletom com uma camiseta no ombro secando o cabelo com a toalha que eu lhe dei.

— A conversa está agradável, mas meu turno se inicia em meia hora.

— Não vai ficar para o jantar? — pergunto, ao me virar e ir em direção ao armário para pegar mais alguns pratos. Quando dou meia-volta ambos se encaram de forma cortante, pigarreio chamando a atenção dos dois.

— Leve-me na porta, Sarna? — O quê?

— À seu dispor, Sebo. — Ivan indica o caminho e ele passa por Ivan, indo em direção as meninas e se despede.

Quando volta, com um maldito sorriso presunçoso, tenho vontade de socá-lo, quando ele para e pega uma ervilha da sala, jogando-a na boca, reviro os olhos.

— O quê? — Cínico, ele puxa a banqueta e coloca a camisa, seu braço já está quase cicatrizado. Ele passa a mão na barba e dá um leve puxão, sorrindo de lado de forma perigosa, uma linda covinha solitária se projeta no rosto másculo dele. — Senti sua falta, Raio de Sol. — Ele estala os lábios e inclina o corpo em minha direção. — Um beijo por seus pensamentos.

— Como se eu fosse beijá-lo e quisesse que você tivesse algum pensamento meu. — Ele sorri e forma leve e devagar, prendo o riso entre os lábios, viro-me de costas.

Quando dou por mim, ele está colado ao meu corpo, de forma firme e possessiva, respira fundo como se tivesse absorvendo meu perfume.

— Delicioso cheiro de frutas. — Sinto meu rosto queimar quando ele se aproxima ainda mais, meus cabelos presos não ajudam, apenas dão a ele livre acesso ao meu pescoço, os lábios quentes tocam minha pele de forma suave, fazendo um arrepio subir por todo meu corpo. — Quando vai admitir que eu tenho cada pensamento seu? E que nós dois já perdemos essa batalha?

— Perdemos? — ironizo, trêmula, quando a risada baixa toca a pele do meu pescoço?

— Você se tornou dona de cada pensamento meu. — A voz dele bate em cheio em mim, percebo um leve divertimento em sua voz.

— No pode dizer essas coisas.

— Dizer que eu me apaixonei por você? Sem sequer lhe conhecer direito... Alguém me disse uma vez que a vida é curta demais para não se voar na primeira oportunidade. Esqueça o maldito lance sem sentimentos, amor ou qualquer merda do tipo, estou envolvido com você como o diabo

envolve o inferno, você me faz querer ser o cara das malditas flores, do chocolate, o cara que vai *te* foder com força e *te* estragar para porra de qualquer outro maldito homem. Quero ser parte dos seus pens...

— Você *no* pode. — Afasto-me dele interrompendo qualquer coisa que ele possa dizer, sinto-me tonta, sem ar ofego, fecho meus olhos e vejo ele machucado, sem que possa fazer nada, engulo em seco. É como se a realidade me batesse como um furacão. Podem matá-lo.

— *Mama?* Estamos com fome.

— Venham lav-var a-as mãos... — gaguejo. — Vou servi-las.

— Não terminamos essa conversa, Raio de Sol.

— Sim, terminamos.

Bom, realmente terminamos, Ivan não diz nada pelo resto da noite, pelo menos não pra mim, ele engata uma conversa animada com as meninas sobre dança e desenhos, e me mantenho em silêncio, ele está sentado no chão com cada uma das meninas sentada em uma perna, elas falam animadas sobre os passos de dança na Tv e ele faz algo no tablet de última geração alheio as duas meninas, ele bufa e aperta o aparelho e resmunga algo como “*Porra, Maldonado*”. Suspiro cansada, sentindo meus pés doerem, caminho em direção às escadas, louca por um banho, desde que peguei as meninas, não parei um instante.

— Não se preocupe, eu estou de olho nelas. — É a única coisa que ele diz sem sequer olhar para mim, ainda digitando no seu tablet.

Subo as escadas em silêncio, incapaz de dizer algo a ele.

Eu me apaixonei por você, quando encosto minha cabeça no azulejo frio do box, sinto as lágrimas se misturarem com a água fria. Inferno, ele usou meu banheiro e mudou a temperatura da água. Droga, nem chorar em paz eu posso mais, meu corpo estremece de frio, trêmula, mudei a temperatura da água e respiro aliviada ao sentir o jato quente em meu corpo.

IVAN

Fecho meus olhos e massageio minhas têmporas, sentindo meu corpo todo doer, Rosita está deitada em uma das minhas pernas, babando. E a outra menininha, Nina, baba no travesseiro no chão, ambas suspiram no sono

tranquilo, em um minuto elas gritam animadas e no outro babam de tanto dormir. Mexo-me sentindo minha panturrilha queimar, porra. Ela agarra minha perna e se ajeita, fazendo-me prender o riso e passar a mão no cabelo.

Ouçõ passos leves na escada e um leve bufo, *chuveiro frio*... mantenho minha cara de paisagem, de olhos fechados tentando não transparecer que a água gelada foi de propósito, e eu sequer tomo banho gelado.

— Sarnov? — A voz irritada de Solange chama minha atenção, porém, continuo no mesmo lugar, apenas esperando suas considerações. Ela parece desistir de qualquer coisa que iria me dizer e apenas suspiro. Abro meus olhos e ela tinha dois colchões de ar e uma bomba nas mãos.

— Quer ajuda, Raio de Sol? — Levanto-me devagar tomando cuidado com as duas menininhas no chão. Ela nega e silenciosa enche os dois colchões com uma facilidade enorme. Com cuidado tiro as meninas do chão colocando uma em cada sofá, antes que ela empurre a pequena mesa, levo-a até à frente da televisão.

Ela termina de arrumar a cama das meninas no chão, com cuidado coloco a Florzinha no colchão e depois a pequena Nina, ela as cobre.

Ela me ignora de propósito, assovio baixo e ela me olha com aquele delicioso fogo nos olhos, fazendo meu corpo tremer levemente em antecipação.

— No se atreva a mexer novamente em meu chuveiro — ela rosna tão baixo que mal consigo ouvir, contenho meu riso.

— Não curte banho gelado, querida? — Pisco, provocando, Solange revira os olhos.

— Vá se fo... — Olho para ela de cima a baixo, irritando-a ainda mais. — Vá à merda, Sarnov.

— Pare de me chamar de Sarnov — digo, puxando minha barba.

Ela segue em direção às escadas, acompanho-a, ela bufa novamente. O balançar da deliciosa bunda doce na camisola preta faz minhas mãos formigarem de vontade de tocá-la, o andar altamente sexual me faz olhar para meu moletom, porra. Essa mulher será a minha destruição.

SOLANGE

Sinto-o caminhar atrás de mim, *no*, *Yo no* estou irritada pela água, mas sim pelas reações que ele conseguia despertar em mim, *Dios*. Eu mal consigo respirar, ou sequer sustentar o olhar dele, quando paro no corredor, antes de chegar ao meu quarto, sinto os dedos quentes rodearem meu pulso.

— Fugindo, Raio de Sol? — A provocação me incomoda, fazendo-me virar, dou de cara com o peito largo dele, ergo meus olhos o encarrando, o olhar dele fiscaliza todo meu rosto, a mão dele abandona meu pulso e pega meu queixo de forma suave.

— No estou fugindo.

— Sim, está. — O polegar dele passa suavemente sobre meus lábios secos, involuntariamente passo a língua por eles, seu polegar roça suavemente a ponta da minha língua, fecho meus olhos.

— Ainda sabe como respirar, amor? — Respiro fundo, tentando voltar da órbita sexual que ele é capaz de me envolver apenas abrindo a boca. Maldito homem desejável. Sinto um arrepio ao sentir seu corpo a centímetros dos meus, sem me tocar, ele ri baixo e rouco, quando abro meus olhos, dou de cara com ele, olhando-me de uma forma que eu nunca vi antes, seus olhos estão mais escuros que o normal, brilhantes e ele parece respirar com dificuldade também, seu rosto está tenso. Passo a língua pelos lábios, mas os prendo entre os dentes ao perceber que seus olhos acompanham o movimento, ele escova o polegar novamente em meus lábios, um arrepio percorre todo meu corpo. Afasto-me tentando raciocinar, mas se torna impossível.

A cada passo que dou para trás ele me acompanha, quando minhas costas batem na porta do meu quarto, suspiro levemente.

A risada baixa e rouca dele faz toda minha pele se arrepiar. Suas mãos afastam minhas pernas, Ivan se inclina, sinto meu corpo tremular quando sua língua úmida e macia arrasta levemente sobre meus lábios, antes que possa protestar, ele puxa meu corpo me afastando minimamente da parede, quando seu hálito bate em meu pescoço, é como se minha alma levasse, meu corpo todo estremece e ele ri suavemente, sinto a unidade quente entre minhas coxas.

— Deixe-me adivinhar, molhada? — protesto, ele sorri de forma rouca, sua voz está uma oitava mais baixa dançando em meu ouvido, a língua quente desliza pela minha pele, sinto-me ainda mais fraca em suas mãos,

ofego quando seus dedos deslizam pelas minhas coxas, subindo minha camisola e brincam contra a borda da minha calcinha, meu rosto cora, mordo meus lábios, Ivan suspira suspirar pesadamente, de forma rude. Ele arrasta um dedo sobre ela, traçando com seu dedo grosso em minha calcinha e fazendo minha respiração parar, ele rosna: — Fodidamente, quente e molhada.

— Ivan... — Quando seus dedos afastam minha calcinha, minhas pernas falham.

— Silêncio, querida, ou essa linda bocetinha não vai ganhar o que tanto deseja. — Seus dedos sobem pela borda da minha calcinha, seus dedos serpenteiam por dentro da minha camisola, seus dedos enroscam em minha calcinha, arquejo quando o material desliza para baixo. A mão de Ivan desliza no meu cabelo, enrolando-o e puxa minha cabeça para trás, o suficiente para me fazer suspirar de prazer, fecho meus olhos e forço minha cabeça contra a porta. Seus lábios encontram meu pescoço exposto, gemo quando ele chupa e mordisca minha pele, quando sua mão resvala de volta entre as minhas pernas para me encontrar pingando, meu rosto esquenta, fazendo-me ainda mais ansiosa.

— Tão molhada — ele rosna no meu pescoço. — E mesmo assim deliciosamente tímida.

— Não... — Nem sei ao certo o que estou negando.

— Seus lábios me negam algo que essa linda bocetinha quente e pegajosa confirma de forma deliciosamente quente. — A arrogância na voz dele me faz castigar meus lábios, russo maldito.

Ele se move contra mim, seus olhos selvagens, sua mandíbula cerrada e seus músculos tensos, deixam-me ansiosa por algo que nem sei o que é. Sei o que senti quando ele pressionou seu corpo contra mim, simplesmente consigo acreditar, o quão duro ele estava.

— Terá que pedir, querida. — Arregalo meus olhos, levemente surpresa.

— No...

— Sim, vamos lá seja uma garota suja ao menos uma vez na vida, que tal, Ivan toque minha pequena e doce boceta? — Suspiro quando seus dedos tocam meu clitóris.

Engulo em seco, fechando meus olhos.

— M-e... me toque...

— Não é o que eu queria ouvir, mas já é um começo. — Antes que meu raciocínio funcione e o mande à merda, seu corpo bate contra o chão de forma pesada.

— O suficiente para me fazer satisfazer essa doce boceta, Raio de Sol. — Suas palavras soam quentes e sujas, muito sujas, como jamais ouvi, meu corpo não treme de medo, mas sim de prazer, algo que nunca senti antes, e ele apenas está me tocando, bruto ou suave, é o suficiente para me tirar de órbita e me levar à borda.

Minha cabeça pende para trás quando seus lábios tocam minhas coxas de forma totalmente indecente, molhado e quente... Muito quente... Ele rosna, ele brinca com minha calcinha embolada em meus joelhos, empurrando para baixo, ela toca meus pés, suspiro e mordo meus lábios para conter o gemido, enquanto seus dedos provocam minha pele nua. Choramigo enquanto ele me acaricia, um dedo provocando meu clitóris enquanto resvala outro para dentro levemente. Ofego assustada, sentindo a leve ardência se misturado com a sensação de prazer, já faz meses que não penso em sexo, tocar-me é algo que sempre tive medo, meu rosto queima e minha respiração fica errática, só de me imaginar fazendo algo assim, um leve gemido sai dos meus lábios quando sinto seu hálito quente contra minha pele. Sua mão puxa minha coxa com força, minhas mãos de forma involuntária grudam em seus cabelos, Ivan grunhe, posso sentir seu sorriso contra minha pele, quero dizer a ele o quão pesada eu sou, porém, só sou capaz de jogar minha cabeça para trás e gemer, levo minha mão livre aos meus lábios impedindo o grito de sair. Sua língua úmida e macia se arrasta levemente sobre mim, provocando meus lábios, até que, a ponta dela bate no meu clitóris. Abafo meu grito, meus olhos se arregalam e todo o meu corpo estremece como se ele tivesse acabado de me atingir com um raio. A mão firme em minha coxa faz com pareçamos um só.

Ivan ruge e diminui um pouco o ritmo e deixando apenas a ponta da sua língua, malvadamente provocando sobre o meu clitóris, mantendo-me arranhando na borda de um prazer que nunca senti, incapaz de chegar lá, sinto a maldita provocação. Borboletas se refestelam em meu estômago, meu

baixo-ventre pulsa, puxo seus cabelos com força e orgasmo se aproxima mais, como nunca senti isso antes. *Dios!*

Meu corpo todo treme, estou suada, meus cabelos grudam em torno do meu pescoço, mal me lembro como respira. O grito enjaulado dentro de mim, é abafado pela minha mão, quando o orgasmo explode através de mim, as mãos de Ivan me prendem contra a parede. Sinto a sua língua invasora, ele sorri empurrando sua língua profundamente, provando tudo quando os tremores explodem através de mim, é como se meu corpo flutuasse, leve.

Lentamente, ele se afasta, seus lábios percorrem minha coxa enquanto todo o meu mundo gira embaixo de mim. Percebo o maldito sorriso cretino contra a pele das minhas coxas.

— Porra, você é doce, Raio de Sol. Tem o inferno de uma boceta doce. — Meu rosto queima quando ele se afasta, minhas pernas estão bambas, involuntariamente, seguro em seu braço, meus dedos formigam, e não consigo respirar.

Quando seu rosto fica na altura do meu, entendo, realmente, o que fizemos, o rosto másculo, brilha, os lábios dele inchados, vejo uma fina camada de suor em seu rosto, e seus olhos negros, dilatados brilham perigosos, quando seu corpo cola no meu, sinto sua dureza contra mim, mordo meus lábios. Seus lábios tocam os meus, seus dentes puxam meus lábios. Sujo e cru, sinto meu gosto agri-doce em seus lábios inchados, ele sorri contra meus lábios de forma suja.

— Sente? — sussurra grosso e rouco, colando seu corpo ainda mais no meu. O sorriso cretino que se forma em seu rosto faz minha intimidade pulsar. Seus joelhos afastam minhas pernas, fecho os olhos ao sentir seus dedos tocarem meu clitóris. — O quão má essa bocetinha molhada pode ser, Raio de Sol?

— Yo no...

— Molhada e deliciosamente doce. — Ele me ignora e desliza o dedo levemente pra dentro de mim, e estoca, minhas mãos vão automaticamente para sua nuca e minhas unhas enfincam em sua pele. Ele estala sua língua. — Imagine meu pau, querida. Cheio, esticando e preenchendo essa linda bocetinha má. Agora me diga, algo que eu já sei... Nunca foi chupada, não é, querida.

Minha cabeça pende para trás, mastigo meus lábios quando ele aumenta o ritmo de seus dedos, quando os retira, sinto o leve vazio que foi substituído pela ardência, ao sentir o segundo dedo.

— Se sabe por que pergunta? — digo tão baixo, que duvido que ele tenha ouvido.

— Garrinhas para fora, Raio de Sol? Temos aqui uma menina atrevida com uma deliciosa bocetinha má. Gosto de como isso soa. — Ele lambe meu pescoço de forma suja, e arfo, lânguida. — Quer gritar, não é, querida? O quanto quer meu pau socando fundo, não é?

— Pare de dizer essas coisas... — seguro seu pulso. — Russo... — Ressoa mais como um gemido sujo do que uma maldita advertência.

— Regra um, querida, só pode me chamar de Russo, quando meus dedos, boca ou pau estiverem fodendo esse corpo delicioso, caso contrário eu não vou gostar muito.

— Russo... — Meus lábios quase tocam seu ouvido, fazendo-o rosar.

— Isso... — Meu baixo-ventre treme, meu corpo anseia por mais, mas quando seus dedos me deixam, amoleço, sentindo meu baixo-ventre doer. Ele leva seus dedos a própria boca e chupa de forma suja. — Uma deliciosa bocetinha má, e talvez um pouco gulosa, não é, querida? Muito gulosa. — Eu não deveria gostar disso, e muito menos achar totalmente depravado e sensual, mas meu corpo treme, seus lábios tocam os meus. E ele sorri.

— Vá limpar essa deliciosa bagunça, Raio de Sol que eu ficarei no pé da escada de olho nelas. — Abro meus olhos, sequer percebi que os fechei, ele já está descendo as escadas, empurro a porta do meu quarto e levo meus dedos aos meus lábios, dando-me realmente conta do que aconteceu.

Quando paro em frente ao meu espelho, meu corpo todo treme, meu cabelo está um emaranhado embolado, suada minha camisola está grudada no meu corpo, meus seios estão pesados e sensíveis, quando olho entre minhas pernas arregalo meus olhos, minha camisola está melada e esbranquiçada, suspiro levando meus dedos ao tecido, mas paro na metade do caminho sentindo meu rosto queimar em vergonha. Criando coragem, tiro a camisola pelas alças, fazendo-a cair em meus pés. Meu corpo parece diferente, mordo meus lábios, meu rosto queima ao notar as áreas escuras entre minhas coxas, ele deixou alguns chupões. Meu rosto queima e minha

intimidade pulsa, fecho meus olhos e me inclino para o espelho, ainda sentindo desejo por ele, pelos seus toques, mesmo sendo tudo tão sujo e cru, não sou capaz de negar quanto o desejo mesmo sentindo medo e vendo o quão errado é envolvê-lo em meus problemas.

Quando a água quente toca minha pele, meu corpo relaxa, suspiro, o banho rápido não serviu para tirar as sensações do meu corpo, enquanto me seco e coloco um pijama, consigo pensar em algo que não seja os olhos negros brilhantes e perigosos.

Capítulo 19

*É perigoso se apaixonar
Mas quero queimar com você esta noite
Me machuque
Há dois de nós
Temos a certeza do desejo
O prazer que há na dor e no fogo
Me queime
Então vamos lá
Eu vou levá-lo, vou levá-lo
Eu sofro por amor, sofro por nós
Por que não se aproxima?
Não se aproxima mais um pouco?*

Fire Meet Gasoline

Sia



IVAN

Quando ela desce as escadas, meu pau ainda lateja pesado, posso sentir o gosto dela em meus lábios, agridoce e porra, o caralho da boceta mais doce que já provei em toda a porra da minha vida fodida, daria qualquer coisa para fazê-la acreditar em mim, sei que minhas palavras têm peso, mas sinto a dúvida no olhar dela, porra, que se foda.

Eu assumo qualquer risco. Qualquer caralho de risco, ela me tira dos prumos, colocou qualquer maldita ideia que eu tinha sobre Las Vegas no meu rabo. Qualquer maldito pensamento que tive antes dela está indo para porra do ralo. Estou dividido entre a maldita dor do em meu peito e meu desejo de um futuro mesmo que incerto com elas.

Ela passa por mim, tirando-me dos meus malditos pensamentos, como se há minutos não estivesse entre suas pernas, fazendo-a gozar.

Ela se enrola em um grosso cobertor e porra nem frio está, e se senta no sofá, com um livro. Ela começa a ler o livro e me ignora categoricamente. Aproximo-me do sofá.

— Acho que ler de ponta cabeça torna a leitura mais agradável, não é, Raio de Sol? — Inclinado a cabeça, digo mais grosso do que queria. Ela vira o livro como se não se importasse em ter sido pega e simplesmente continua a me ignorar. Tiro o livro das mãos dela, fechando-o e coloco no braço do sofá, inclino meu corpo ainda mais e seguro seu queixo.

— Não vá por esse caminho, porque se eu for também vou levar comigo tudo que encontrar pela frente. — Solto seu queixo e saio da sala, subo as escadas meu sangue ferve de ódio, que porra estou fazendo?

Quando abro a porta do quarto, jogo-me na cama velha, fazendo um maldito barulho, praguejo, porra, vou acordar as meninas.

Merda. Porra o maldito sentimento de rejeição dança em meu peito, arremesso o travesseiro contra a parede, incomodado, levanto e pego o travesseiro do chão, a arrumação simples, o cheiro doce de limpeza e capricho me faz querer gritar de ódio, tudo ao redor dela, me faz querê-la. Meu peito queima, irritado, rolo de um lado para o outro, porra.

— Sou fodido demais para querer flores, babushka, do meu velório talvez? — Repito como um louco para o quarto, consigo ouvir a risada debochada de Svetlana Sarnov, como uma verdadeira rainha da máfia. — Eu quero as malditas flores. Quero Solange, quero ser alguém para filha dela. Quero ao menos poder me sentir vivo de novo.

Fecho meus olhos, e minha pequena Dora dança em meus pensamentos, a dor, o medo me batem com força, fazendo o ódio ondular em meu peito, o ar me falta e puxo com força, sentando-me na cama.

Porra.

Por que diabos as coisas precisam ser assim?

Olho as duas pestinhas correrem pela grama, minha noite foi infernal, na verdade, os meus últimos meses foram infernais, Maldonado enfiando a cabeça no rabo e agindo de forma inconsequente está sendo uma dor na bunda.

Ele tem não aparecido há algumas lutas, provavelmente envolvido com alguma puta, deixando-me com a porra do trabalho sujo. Meu celular vibra.

— Diga.

— Dormi com a sua Raio de Sol, porra? Temos problemas, uma das cargas de charutos foi interceptada pelos federais. Que diabos eu faço? — Carniça pergunta, consigo ouvir a voz Corvo e Marreta no fundo. — Eles querem seiscentos mil dólares para liberar a carga sem qualquer impedimento, Dom sumiu.

— Não podemos matá-los? — questiono. — Mata, pega a carga de volta e pronto. — Dou de ombros, voltando a desenhar as meninas que correm na grama.

— Que porra, e você fala isso com naturalidade? — Corvo protesta do outro lado da linha. — São os federais do Matarazzo.

— Sou lutador, não CEO de charutos — digo o óbvio. — Escutem, vou resolver isso, mas me devem uma troca de pneus.

Desligo antes que eles falem algo, coloco o fone no ouvido e respiro fundo.

— A que devo a honra, Don Sarnov? — a voz debochada do outro lado da linha me irrita a alma, respiro fundo, vou socar o Maldonado.

— Escute, Matarazzo, Maldonado enfiou a cara bunda e estamos com problemas.

— Quando vocês não estão, Russo? — A voz puxada me enfurece inda mais. Odeio esse maldito.

— Escute, seus amigos querem que molhemos as mãos deles em alguns milhares de dólares para que liberem nosso produto, e eu sou mais prático, ou eles liberam, ou sua equipe ficará com um desfalque de funcionários.

— Que porra você está dizendo? — A voz dele parece bem confusa.

— Seu pessoal mantém segredos de você, Sebo, mais do que você tem para com eles, então libere essa merda, exploda miolos se precisar, coloque a culpa nos mexicanos, mas dê um jeito nesses malditos, Dom comerá nosso rabo se pagarmos seiscentos mil dólares por uma carga que vale cinquenta. — Desligo o telefone, tiro os fones de ouvido, Nina, a diabinha tenta ensinar a Rosita sobre algumas coisas na pequena horta de Solange, vejo quando elas cavam e tiram uma cenoura da terra.

— Oh! Vocês duas? — Chamo, Nina me olha e toca Rosita, que se vira para mim, erguendo uma cenoura. — Se pensam em comer essa coisa, precisam lavar — digo e mexo minhas mãos com dificuldade, a língua dos sinais não é difícil, mas não é tão fácil como pensei, minhas madrugadas de insônia, resumem-se em querer espancar a deliciosa bunda de Solange e estudar sobre ASL, tem sido interessante, notei que várias coisas nas últimas semanas, uma delas é que Rosita é capaz de ouvir ruídos e sons abafados, mesmo com apenas cinco anos, ela já domina a língua dos sinais, mesmo se atrapalhando na maior parte do tempo, já que boa parte de sua vivência é mexicana e seu espanhol é muito enraizado, as poucas palavras que ela pronuncia em inglês geralmente é sem muito contexto. O mais engraçado é que ambas as meninas se comunicam muito bem, e por incrível que pareça, Nina compreende a maior parte das falas espanholas de Rosita.

Ouçõ a porta ser aberta, meu domingo é baseado em ser ignorado por Solange e olhar as duas pequenas.

Perdi as contas de quantas vezes fui ignorado por Solange desde nosso encontro na escada, sim ignorado. Ela age como se eu não existisse, mas deixa um prato que alimentaria um batalhão dentro do micro-ondas, deixa as panquecas e o mel sobre a mesa, já que ela foge mesmo antes do horário que geralmente saio do quarto. Ela saía às 07h, passei a ir até à cozinha às 06h45, ela começou a sair às 6h30, passei a ir às 06h. Quando notei que provavelmente ela sairia de madrugada para me evitar, decidi que porra, ela não quer me encontrar. Então decidi esperá-la no trabalho, ela simplesmente corria, trocava de caminho.

Minha paciência estava por um fio, e esse fio arrebentou quando vi a maldita caixa na nossa porta em uma dessas manhãs infernais.

Minha vontade era espancar sua maldita bunda deliciosa, e fazê-la gozar, mas me mantive distante. Ter Maldonado com a cara enfiada na bunda, malditos traficantes de merda escapando pela fronteira, Handball e Tamara, em tempo integral no meu sistema está fodendo comigo.

Dominic está passando dos limites com toda a porra. A confeitadeira deveria enfiar a porra da mão na cara dele, ter Vallen e Cobra fora, está piorando ainda mais meu sistema. Porra, a merda do hacker, é o Vallen, eu quebro a porra de um galho, dei meu cu e Maldonado ainda o quer raspado.

Fecho meus olhos os forçando com a ponta dos dedos. Porra, Maldonado realmente fodeu com tudo. Ele apareceu, fodido pelo pai da confeitadeira, mesmo sabendo de toda a merda, a ordem foi para não nos envolvermos e deixar a batata dele assar.

Ouçõ o barulho da bandeja ao meu lado, abro meus olhos, há três copos de suco, e biscoitos com gota de chocolate, as meninas vieram correndo.

— Precisam lavar as mãos. — A voz dela bate direto no meu pau. Respiro fundo.

— Uma hora ou outra terá que falar comigo, linda. Por bem ou por mal. — Dou de ombros, levanto-me e pego o copo de suco, virando em um gole, alcanço um biscoito e sigo em direção ao carro. Sem me virar, de costas pra ela eu continuo. — Posso ter a paciência de um monge e nada do que eu disse sobre nós mudou.

Só não disse a ela que não sou a porra de um monge.

SOLANGE

— Vamos, menina, pare com isso. — Abuelita toma meu telefone das minhas mãos, fico trêmula toda ao ouvir a notificação de finalização da compra.

— Olhe esses produtos, compre o kit e leve grátis o e-book e um workshop sobre massagem tântrica, com 15% off, *Dios* as promoções são orgâsmicas. — Ela estremece de forma dramática, sorrio nervosa.

— *¿Qué voy a hacer con esto*[\[30\]](#)? — Apreensiva, olho a compra de quase duzentos dólares.

— Usar, menina, o que você faz com um vibrador? Enfia na menina e viaja até os campos do Senhor. — Gargalho, horrorizada, colocando as mãos sobre os lábios. — Olhe o macho que você tem embaixo do seu teto, já que não a coragem suficiente para usar aquele homem, você vai precisar de arsenais armamentísticos quando for imaginar aquele homem possuindo você. Diga-me, querida, já tem meses que aquele russo gostoso habita seu lar, confesse, nenhuma casquinha? — Nego, mentindo. — Nada? Oh! Deixe de ser egoísta, sei que há uma devassa dentro desse lindo corpinho, pronta para fazer daquele homem puro bagaço.

Gargalho sentindo minha barriga doer, abraço-a pelos ombros e beijo seu rosto.

— Pode ao menos me dizer se viu a arca da aliança? — olho para ela, confusa. — Indiana Jones, menina, em que mundo você vive? Certo, você viu o pau dele? — meu rosto queima como fogo, é como se eu tivesse mordido todas as pimentas disponíveis em um raio de cinco quilômetros. — Droga? É pequeno? Deduzi mal? Como errei o tamanho do pau dele? Olhe aquelas mãos, olhe o tamanho daquele pé.

— Como? — questiono.

— Quer saber o tamanho de um pau de um homem, olhe em suas mãos e pés, mãos grandes e másculas, pau suculento e saboroso — abuelita afirma, cheia de si, fazendo-me rir, morta de vergonha, minha barriga dói, apoio-me no balcão. — Você aprenderá as coisas boas da vida, querida. Não se preocupe — comenta, maliciosa.

— No vi, de ver, mas já senti — confidencia, baixinho. — Ela dá um grito e começa a dançar ao ritmo da música que toca na confeitaria.

— Isso, eu sabia. Aqueles dedos, aposto com você que ele não tem apenas as veias das mãos grossas. Deus, garota de sorte. Bate aqui, querida. — Ela me faz bater em suas mãos de forma infantil, sorrio, saio de trás do balcão, viro a placa de fechado e encerro meu dia.

Ouçõ os uivos lá fora, miro na direção do alvo, e pela sétima vez erro, ao tremer, a bala bate na parede revestida de espuma, improvisei alguns alvos, com alguns colchões velhos e revesti a parede, não está bom, mas é o suficiente para me manter longe de sofrer algum ricocheteio de bala, com algumas tábuas velhas, fiz uma espécie de escudo. Minhas mãos tremem, a ânsia de vômito me bate, mas jamais Steban colocará as mãos em mim, poderei morrer tentando, porém, ele nunca mais me tocará novamente. Em algum momento ele chegará a Vegas, colocarei em perigo o clube, os meninos, Boo, Abuelita, seu McCartney e a família de Nina. Abi e o senhor Freeman não merecem isso, na verdade, ninguém merece. Nenhum dos meus amigos merece.

E nas últimas semanas, todas as sextas-feiras enquanto Rosita e Nina, iam para Abi, e Ivan faz algo sujo em Vegas, tenho ficado aqui embaixo, sei

que Ivan forçou a porta e descobriu meu problema, com os alvos, mas ele não disse nada.

De repente, fecho meus olhos, quando os abro, Steban está sorrindo à minha frente, o dente de ouro me dá náuseas.

Quando levanto a arma em direção a ele, a mão tatuada pousa em cima do tambor do revólver. Dou um pulo, antes que a arma caia no chão, Ivan a pega, girando-a nas mãos.

— Jamais deve olhar com raiva absoluta ou medo exacerbado ao seu alvo, Raio de Sol. — Ele vira e mal olha no alvo, o tiro acerta em cheio o alvo, no meio, nem mais, nem mesmo, no centro, fazendo-me abrir a boca e dar um passo para trás. — Espero que eu não seja o motivo de toda a raiva que eu vi.

— No, no. — Levanto minhas mãos, nervosa, com medo. — Yo jamais lhe machucaria. — Quando me dou conta do que disse, pronuncio um palavrão, o sorriso pequeno, porém, soberbo e intragável dança nos lábios dele

— Diga-me em quem quer atirar e lhe direi como. — A voz dele é categórica, fazendo-me tremer.

— Em ninguém, Yo realmente espero não precisar atirar em alguém — digo, baixo, indo em direção à escada, sento-me e limpo o suor da minha testa. Ele se senta ao meu lado, seu lábio está inchado, seu supercílio tem um curativo recente, pequeno manchado de sangue.

— Sei que não estamos nos melhores dos termos, mas pode confiar em mim, Raio de Sol — comenta, fazendo o mesmo e coloca a arma descarregada sobre seu joelho.

— Queria poder contar, no entanto, quanto mais pessoas souberem mais pessoas vão se machucar por minha causa, ele toca meu resto, olho para ele, que parece pensar em me dizer algo, mas muda de ideia e sorri.

— Eu te ensino a usar uma arma. — A voz dele sai carregada.

— A que preço? — pergunto, receosa, sentindo meu corpo esquentar, o sorriso presunçoso dele me faz fechar as pernas de forma lenta.

— Terá que esperar para ver — diz, safado, ele se levanta e simplesmente me estende a mão. — Vamos, querida, eu não tenho a noite toda.

— Jamais deve atirar em alguém sem saber onde quer acertar. — Ele está a centímetros de mim, mas sem me tocar, meu corpo fica vacila, ele se abaixa colocando os lábios ainda mais perto do meu ouvido. — Mesmo no desespero deve saber se deseja matar ou imobilizar.

— Usted quando atira-a... — gaguejo.

— Atiro para a matar, se é isso que deseja saber. Sempre para matar, se eu errar é porque provavelmente não foi um erro e sim uns minutos de vida a mais ao alvo. — A voz dele sai grosseira, sem qualquer sentimento. Deveria ter medo, sentir nojo, mas a única coisa que sou capaz de sentir é um maldito tremor que percorre minhas pernas, com isso roço uma perna na outra, estremeço quando seu joelho força minhas coxas. — Pernas abertas, retas, você precisa aprender a atirar em alvos primeiro antes de atirar em cabeças. — Engulo em seco. Esse é o Ivan, Russo. Mafioso de seja lá qual máfia ele pertence.

— Por que está me dizendo essas coisas? — espelho, segurando firme a arma.

— Não sou um herói, Solange. — A mão dele cobre a minha. — Agora preste atenção, mesmo que sua vida dependa disso, jamais feche os olhos, quando atirar jamais faça como fez antes. Você tem feito assim todas as vezes que mira no maldito alvo. Existem pessoas loucas o suficiente esperando uma distração sua para lhe pregar uma bala na cabeça. — Por algum motivo, isso não me parece uma ameaça, mas sim um conselho.

— Jamais feche os olhos, vire o rosto ou grite. Sua vida pode depender da arma em suas mãos. Quem lhe deu essa cicatriz, se tentar outra vez a bala estará na testa dele não na sua.

Afasto-me, sinto como se tivesse levado um tapa em minha cara, meu corpo todo vacila em repulsa, a náusea vem forte, a maldita imagem de Steban se projeta em minha mente, cambaleio em direção ao pé da escada.

— Não menti, não é? — A voz de Ivan é cruel. — Volte na posição.

— No.

— Não? Espera que o príncipe apareça e salve sua pele? Ele já não veio uma vez e... — Antes que ele termine a sentença, meu corpo parece

criar vida própria, quando meu punho atinge seu nariz, minha mão dói, minha cabeça gira, tudo fica escuro e só vejo uma pessoa à minha frente.

Sinto tudo, raiva, nojo, ódio, ódio de mim por ser fraca, ter me deixado levar, por ter permitido que ele me quebrasse, que destruísse minha vida. Choro por tudo, como nunca chorei antes, choro por tudo que minha mãe foi capaz de fazer, por tudo que fui capaz de fazer por Rosita, pela dor que a morte de Juan me trouxe. Meus joelhos cedem, mas eles não tocam o chão, sinto os braços fortes me envolvem, é como se sentisse a força do mundo, nunca senti algo assim. Não tenho medo. Agarro-me a ele como uma tábua de salvação, sinto os dedos em minhas costas, subindo e descendo.

— Sinto muito. — Não queria que a voz dele não me confortasse, que não me trouxesse paz, que não fosse capaz de me tirar do inferno. — Pessoas fodidas como eu não deveriam tentar consertar pessoas boas como você. — Ouço arrependimento na voz dele. Não digo nada. Sinto meu corpo ser erguido, soluço, nem consigo dizer sou pesada demais para que ele me carregue. Apenas me aninho a ele.

Sinto o cheiro forte de cigarro Marlboro e o perfume amadeirado.

IVAN

Minha boca lateja, meu maxilar dói e agora meu nariz sangra, porra, não imaginei que ela fosse me socar e Deus ter uma fodida a crise de pânico, ela abraça meu pescoço, com força e suspira, meu corpo se arrepia. Porra, não é a maldita hora de sentir tesão por ela caralho.

Subo as escadas do porão, sigo em direção às escadas do segundo andar, quando abro a porta do quarto dela, o cheiro dela me bate forte entrando no meu sistema, respiro fundo e coloco-a ela na cama devagar.

Porra, que diabos fui fazer?

— Já volto, Raio de Sol. — Ela não parece me ouvir, saio do quarto descendo as escadas rápido, volto ao porão, ela realmente improvisou um stand de tiro, balanço a cabeça, pego o revólver, tiro as balas do pente e caminho em direção ao armário de parede, abro e o coloco na caixa de metal, como já a vi fazer algumas vezes, escondido do lado de fora, depois

de várias lutas fiquei a observando atirar sem muito sucesso no alvo, ela acertava, mas não o suficiente para ser bom para ela.

Fecho o armário e subo as escadas, apago a luz e tranco a porta com a chave, quando começo a seguir para a escada, ouço passos no andar de cima e o barulho do encanamento, ela provavelmente está tomando banho, decido fazer o mesmo e rumo para o banheiro no corredor.

A ducha rápida alivia minha tensão. Coloco uma bermuda, e saio secando meu cabelo, joguei minha toalha no sofá, sei que ela ficará puta ao vê-la molhada ali, sigo em direção a cozinha, abro a geladeira e pego algumas coisas, e subo as escadas.

Quando abro a porta do quarto, ela está sentada no meio da cama, os cabelos estão secos no topo da cabeça, a pele úmida, sinal que ela nem se secou. Sento-me na cama e estendo a garrafa para ela.

— Cerveja? — questiona, tão baixo que quase não ouço.

— Quando eu estou na merda e preciso esfriar a cabeça uma garrafa gelada resolve. Abre.

— Yo... Nunca... — comenta, desviando os olhos do meu.

— Nunca tomou uma gota de álcool? Não estou surpreso, vamos beba, eu vim para corromper você, é um pedido de desculpas, pela merda que disse lá embaixo, só queria ajudar. — Coço minha cabeça, porra estou sendo sincero. — E fodi tudo.

— Seu nariz está inchado. — Ela fica sobre as pernas na cama, o short sobe, e toca meu nariz. — Seus machucados precisam de cuidados.

— Vamos, beba um gole e sou todo seu para fazer de mim seu paciente particular, pelo soco.

— Você mereceu — ela sorve o primeiro gole e fez uma linda carreta. — É amargo. — Concordo, ela voltou a beber outro gole e, dessa vez, vira tudo. Ela coloca a garrafa de cerveja no móvel ao lado da cama. — Você foi um babaca, mas me perdoe pelo soco.

Pego sua mão inchada, beijo os nós dos dedos, percebo sua pele se arrepiar. Meu corpo se arrepia, porra de mulher eletrizante. Meus lábios se chocam com os dela, minha mão trava em sua nuca, trazendo seu corpo junto ao meu.

Uma perna em cada lado do meu corpo, fazendo-a gemer, o fino short de seda sobe, meu pau lateja como o inferno.

— É melhor para por aqui — digo contra seus lábios, afasto-me dela e desço meus olhos pelo corpo volumoso, cheio de curvas delicioso. Os seios pesados marcam a blusa curta, que mostra a pele da barriga macia.

Sem me conter toco os montes.

— No, no quero que vá. — Ela pediu, o fogo nos olhos dela fez meu pau latejar.

— Sabe se eu ficar...

— Me tocará, *Yo* quero que me toque. — Isso é como o maldito paraíso, as coxas grossas embolaram o minúsculo short, que virou uma maldita calcinha, marcando a deliciosa boceta dela.

— Porra. — Ela está sem calcinha e molhada, molhada o suficiente para marcar a porra do short, deslizo meus dedos sobre o pano, fazendo-a gemer, antes que diga algo, solto seu cabelo, e porra é a visão do paraíso. — Eu não vou *te* foder. — Solange me olha confusa. — Mas quero lhe mostrar algumas coisas que você precisa conhecer. — Toco seu rosto. — Eu não sou um fodedor, aprecio o sexo, e você não se conhece o suficiente para ser fodida com força e sentir cada porra de poro do seu corpo dilatar. Quero enterrar meu pau fundo dentro dessa deliciosa boceta, mas quero que antes você saiba que isso, é sobre nós dois. Houve outros antes de mim. — Dizer isso me incomoda como o inferno. — Mas o que vem depois, não será fácil de descartar.

— Sí — Assente.

— Toque-se — digo sentindo o maldito tesão correr minhas veias de forma alucinante.

— *Yo* no... — Antes que ela desista, coloco-a na cama. Meu short está caindo, puxo-o e ela suspira, afasto-me pegando a cadeira no canto do quarto e me sento nela. Ela arregala os olhos.

— *Yo* no sei o que fazer. — Meu sorriso sai mais cretino do que gostaria. A tensão no quarto, o ar pesado dá a impressão que ela flutua diante dos meus olhos.

— Tire, tudo. — Balanço minha mão em direção a ela, cruzo meus braços, ela engole em seco, olha entre minhas pernas, meu pau dói pesado,

empurrando o short. Ela faz o que pedi de forma tímida, mantenho-me na mesma posição, quando ela se senta e tira o short, juntando os seios minha garganta seca, ela empurra o short com a perna. Ela tem medo de alguém, e esse alguém não sou eu. — Raio de Sol, deite e abra as pernas.

E assim o faz, sou incapaz de conter a porra do gemido, ela timidamente abre as pernas, sua boceta brilha, as coxas grossas estão meladas, brilhosas em contraste com a pele negra, macia e deliciosa, o rosto dela está sutilmente vermelho, sorrio.

— Feche os olhos, Raio de Sol. Eu não estou mais aqui, imagine-me. Faça o que gostaria que eu fizesse — ela timidamente leva a mão ao pescoço e desce, devagar, mas antes de chegar aos seios ela sobe e fecha levemente as pernas. — Não. — Ela abre as pernas totalmente, e curva levemente o corpo. Ela desce as mãos pelos seios e os acaricia levemente, explorando a pele, vejo-a morder os lábios.

Sorri ao vê-la descer uma das mãos entre as pernas, ela toca as coxas explorando, enquanto acaricia os seios. Percebo o receio, as mãos trêmulas descendo até à boceta molhada, explorando-a devagar, ela tenta fechar as pernas, mas cessa o movimento ao ouvir meu leve estalar de língua.

— Faça o que gostaria que eu fizesse. — Os dedos exploram o clitóris, devagar, ela estremece e geme levemente, puxo meu short e meu pau salta para fora pesado, babando porra, pronto para foder a deliciosa bocetinha dela, acaricio meu pau, minha boca se enche de água, daqui sinto o cheiro dela. Os dedos dela já brilham, e ela suspira e geme suavemente, fazendo-me querer jogar a porra do plano, que nem faço ideia de que plano seja e chupar sua doce boceta até ela estremecer e gozar no meu pau.

Ela desliza os dedos sobre sua fenda, gemo rouco e acaricio meu pau, ela brinca com ambos os montes, cheios, minha boca saliva para chupá-los, dar a cada um a devida atenção que merecem, enquanto minha mão desliza em sua doce boceta, não sou capaz de imaginar a sensação de socar fundo em sua doce fenda, a doce boceta perfeita, que parece ainda mais brilhosa e deliciosa, os lábios grandes deslizam em seus dedos, e porra quando ela empurra levemente um dedo para dentro, cravo meus pés no chão me impedindo de sair da cadeira, deslizo minhas mãos pelo pau, e quando volto meus olhos para ela, ela está os olhos abertos e aperta os seios, o dedo some em sua deliciosa bocetinha gulosa, olhando em seus olhos, deixo meu cuspe

cair sobre meus dedos, deixando meu pau melado, ela geme alto e faz um delicioso vai e vem com o dedo. Morde os lábios e aperta os seios se curvando suavemente contra os próprios dedos.

Minha pele formiga, parece que estou vendo uma maldita miragem, ela volta a fechar os olhos, e rola os dedos pelo clitóris estremecendo, levanto-me e caminho até o pé da cama dela, coloco um joelho no colchão, grunho rouco, ao notar o lençol todo melado. Ela abre os lábios e choraminga, desce os olhos pelo meu pau e morde os lábios.

— Precisa de ajuda, amor? — Minha voz rouca ecoa grossa. Ela suspira e afirma fechando os olhos, seu rosto vermelho está suado, os cabelos grudados em seu pescoço, deixando-a uma deliciosa bagunça. Inclino meu corpo em sua direção, colocando-me entre suas pernas. Inclino meu corpo no dela, sem tocá-la, ela suspira.

Não sei o que isso significa para ela, mas para mim, é mais do que senti por qualquer outra mulher. Inclino meu corpo sobre o dela e beijo seus lábios, desço minha boca por seu pescoço de forma lenta, fazendo-a suspirar, quando minha mão toca sua boceta macia, ela suspira e morde os lábios, deslizo meus dedos, Solange segura meu pulso. Sorrio me afastando, ela morde os lábios e desce os olhos dela pelo meu corpo, solto meu pulso devagar, deslizo meus dedos sobre ela, meu Raio de Sol ofega quando meus dedos deslizam para dentro dela, no mesmo vai e vem. Minha boca desce em seus seios fartos, pele macia me faz gemer rouco, ela desliza as mãos pelas minhas costas de forma lenta, fecho os olhos, meu corpo suado se arrepia quando ela desce as unhas, cravando-as em minha pele, meus dedos continuam dentro dela, que se inclina contra minha mão, ofegante, a visão do paraíso, um delicioso paraíso.

Sinto os dedos descerem pelo meu abdômen, quando desliza os dedos em meu pau, sorrio surpreso. Meus dedos continuam o trabalho, enquanto ela explora meu pau com as pequenas mãos.

Porra, ela me fará gozar, mal me tocando.

— Raio de Sol... — Ela geme quando o orgasmo chega, minhas bolas pesam, antes que consiga impedi-la, desliza os dedos por mim e gozo, melando sua boceta e suas coxas grossas. Meu corpo cede e antes que desmorone em cima dela, deixo meu corpo cair ao seu lado na cama pequena. Viro-me, ofegante, ela morde os lábios e encara o teto, com as

pernas levemente abertas, seu peito sobe e desce de forma rápida, assim como o meu, parece que partilhamos a mesma respiração.

— No vai dizer nada sujo? — ela se vira, puxando o lençol sobre os seios.

— E estragar sua deliciosa carinha de satisfação? — Toco seu rosto e ela desvia o olhar. — Não pode mudar o que aconteceu, Raio de Sol.

— Pelo tempo que durar, isso será certo — diz de forma gélida e distante. Minha risada anasalada faz uma sombra correr por seus olhos, mantenho-me quieto, apenas a observo, o arrependimento em seus olhos, é visível, mas ela não diz nada. Solange fecha os olhos e aos poucos sua respiração fica calma, sorrio ao perceber que ela inclina o corpo em minha direção. Rolando sobre meu braço, porra. A luz da lua bate no rosto dela, fazendo a pele brilhante resplandecer.

Meu peito dói e a desconfiança me bate, pela primeira vez na vida desejo estar errado sobre algo... *Talvez ela não esteja disposta a fazer durar.*

Capítulo 20

*“Você me deu algo que eu não posso viver sem
Você não deve subestimar isso quando você está em dúvida
Mas eu não quero continuar como se tudo estivesse bem
Quanto mais ignorarmos isso, mais lutaremos
Por favor, não desmorone
Eu não posso encarar seu coração partido
Estou tentando ser corajoso
Pare de me pedir para ficar
Eu não posso te amar no escuro
Parece que somos oceanos separados
Há muito espaço entre nós
Talvez já tenhamos sido derrotados
Sim-sim-sim-sim-sim-sim-sim-sim
Tudo me mudou”*

Love In The Dark

Leroy Sanchez



IVAN

Quando me levanto na manhã seguinte, sorrio como um cretino vencedor. Não fiquei na cama dela até o amanhecer, embora fosse minha vontade, isso vai ultrapassar uma barreira bem provável ela ainda não está pronta, depois de uma ducha fria, visto meus jeans e uma camiseta branca, desço as escadas descalço e a encontro na cozinha. O cheiro delicioso me faz gemer.

— *Buenos días*, Ivan. — A voz tímida me surpreende, sorrio, ela revira os olhos.

— Dei o oDioso sorriso cretino, não é? — Aproximo-me, ela se vira tirando um pequeno bolo do forno. — Bom dia, meu Sol. — Pisco. — Como foi sua noite, linda? — Paro ao seu lado. — Dormiu bem?

— *Muy bien.* — Ela sorri, inclino-me em sua direção, faço um perigoso teste. Porra, ela se vira esperando meu beijo? Que porra deu nela?

— Se eu estiver sonhando não me acorde — rosno, pegando firme em sua cintura e escovo meus lábios nos seus, meus lábios se encontram nos dela, em um beijo lento e molhado, meu corpo se arrepia com o sorriso que ela dá entre nosso beijo, meu coração bate mais rápido, afasto-me dela, pego um cabelo que cai em seus olhos, sorrio.

— Não vai falar nada? — Solange ri, e revira olhos, olho-a confuso, bobo demais com a atenção que ela está me dando. Que diabos rolou?

— E... — Meus olhos encontram os seus e eles brilham para mim, parecem vivos. — Porra, nem consigo pensar em algo sacana o suficiente para lhe irritar.

— Idiota. — Ela sorri. — Aceita uma fatia de torta de maçã? — Aceito e antes de soltá-la, beijo seus lábios devagar.

— Vou engordar tudo que não pude nos últimos anos — brinco, fazendo-a me olhar com um olhar curioso. Ela respira fundo. — Vamos, pergunte, eu não sou tão canalha e cretino a ponto de soltar os meus demônios indomados em você. — Pisco.

— Sua vida... Não foi fácil, não é? — Nego.

— Não posso pensar em pisar na Rússia para ficar, morro e mato quem tentar me colocar em alguma cova. — Tento não soar tão desgraçado, mas acho que pela cara dela não funcionou muito bem.

— Por que é tão importante assim? Todos pensam que é apenas um lutador — comenta, servindo-me uma fatia de torta e um pouco de suco.

— Mas eu sou, linda. Não se sai gritando aos quatro cantos que você é parte de uma irmandade — digo, dando de ombros.

— Você sente falta? Da sua vida? Sua vida nessa tal irmandade? — Sorrio para ela, deveria me incomodar sua curiosidade, mas, na verdade, ela apenas me faz sorrir.

— Lá, nunca foi meu lugar. — Sou sincero e ela concorda.

— E aqui é? — especula, cautelosa.

— Talvez nosso lugar no mundo, não seja realmente um espaço físico, mas sim ao lado de determinadas pessoas, que nos façam realmente ter

vontade de pertencer a algum lugar. — Pisco, ela suspira. — E você? Seu lugar é aqui?

Ela sorri e os olhos dela brilham, egoísta desejo ouvir algo que possa ao menos me dar esperanças.

— Achei que não era merecedora de nenhum lugar no mundo, mas depois de lhe conhecer. — Gargalho, incrédulo.

— Está sendo sarcástica, meu amor? — Puxo sua banqueta com o pé, fazendo-a rir, toco seu rosto e crispo os olhos. — Eu não mereço nada, mas sou egoísta demais e realmente quero tudo que puder pegar. — Eu digo e ela dá um gritinho quando meus lábios se chocam com os dela, ela sorri de forma doce, retribuindo o beijo.

— Certo, Ursão.

— Meu novo apelido? — questiono, ela fica vermelha e arregala os olhos.

— Yo no... Des... — Interrompo-a com um beijo.

— Gostei do codinome, querida — digo, matreiro, afastando-me dela. — Ursão... — Testo o apelido ridículo.

— *Dios!* Prometi a Rosita que iremos a Vegas e já estou atrasada para abrir a loja — Solange diz, tirando o foco da conversa e do meu recém-ganhado apelido.

— Aceita uma carona? — ofereço, enfiando o último pedaço de torta na boca.

— Está oferecendo algo? Sem ordens? *Dios*, só pode estar doente — debocha, rindo.

— Foda-se, vamos logo. — Suspira, falsamente. — Engraçado, Raio de Sol. Muito engraçado.

— Credo, que *hombre* sem senso de humor. — Dou um sorriso de lado e o dela morre, fazendo-me rir.

— Não comece algo que não vai poder levar, amor — provoco, sabendo que se ela começar não vai me aguentar depois.

— Cretino. — Arqueio a sobrancelhas.

— Linda. — Ela sorri e desvia os olhos.

Depois de pegarmos Rosita, ela me conta sobre as comidas diferentes que provou, andamos por algumas lojas no centro, Sol, entra em uma casa mística. Desde que Maldonado levou a merda fora da confeitaria, Solange tem levado a confeitaria sozinha, apenas por alguns dias, dona Carmen aparece. Posso notar seu cansaço e sua tristeza, mas ela se mantém firme fazendo o melhor café da cidade. Vejo-a pegando algumas ervas e meus olhos se fixam para as imagens nas prateleiras, os santos adornados chamam a minha atenção, ando pelos corredores, os amuletos pendurados na parede brilham, a dona, uma senhora de idade avançada, olha-me e sorri estendendo um pequeno índio de madeira.

— Não acreditas em nada do que vê aqui, mas ele lhe pertence agora.

— Eu n...

— Ele lhe pertencia mesmo antes de vir aqui.

Coloco o índio de madeira no bolso e me afasto quando Sol se aproxima, falando com ela em uma língua estranha, espanhol, mas não é nada que já tenha ouvido antes.

Saio da loja e fico a espera delas, do outro lado da rua, atento aos olhos de águia da velha senhora.

— Está tudo bem? — pergunta, baixinho em meu ouvido. Depois de sairmos da loja e irmos em direção ao hotel do Maldonado, entramos no hotel com uma Solange tímida e uma Rosita curiosa, Rosita segura um urso marrom com força.

Há dois homens à nossa direta que olham para Solange como se ela fosse um maldito prêmio.

— Desculpe, Raio de Sol. Força do hábito.

— A cara de ceifador? — ela me desafia, engulo em seco, a maldita besteira que eu pensei. Pretendo ceifar sua boceta mais tarde. Seu rosto ficou vermelho e pelo meu sorriso ela deve ter deduzido o que pensei.

— Está ficando astuta, Raio de Sol.

— Aqui no é... — Solange cessa a frase antes mesmo de terminar, e arregala os olhos. — Aquilo é uma miniatura do Taj Mahal?

— Dominic tem complexo de grandeza.

— Mas por que ele anda como...

— Um mendigo? — Rio, coloco Rosita sentada na cadeira de criança e ela olha tudo, curiosa.

Sol acena com as mãos de forma lenta.

— Algo de errado, querida?

— É grande e brilhoso — responde, e larga o urso que lhe dei, com dificuldade trocando alguns sinais, mas nada que me impeça de compreendê-la.

— Estão prontas para pedir? — Sol arregala os olhos ao notar os valores no cardápio tenha a impressão que ela vai pegar a Rosita e sair correndo, antes que isso aconteça, chamo sua atenção. — Fique à vontade, digamos que você está olhando para um dos sócios de Dominic. — Ela semicerra os olhos. — Tenho dinheiro e Dominic sabe como usá-lo... — dou de ombros.

— Isso soou mesquinho. Por que tem folhas de ouro no bife? — Rio, tirando o índio do meu bolso, mostro a ela, que sorri, seus olhos brilham e ela pega a pequena peça — *San Juan Diego Cuauhtlatotzin*. [31]

Rosita tira a minha atenção de sua mãe, ao me mostrar as cascatas que dançam à nossa frente.

— Como vão as coisas com Maldonado? — Sol questiona, trazendo-me de volta. Ela me estende o índio, pego-o e coloco no bolso.

— Uma porra. — Ela estala a língua diante do meu palavrão.

— Sabe que o menino é dele, não é? — pergunta, cautelosa, sondando uma possível reação de dúvida sobre mim.

— Ele é o único que acredita que não, ele está bebendo de um veneno achando que matará alguém, além dele mesmo. — Solange fica em silêncio, pensativa por longo tempo, depois disso ela apenas me olha e sorri balançando a cabeça.

Que porra deu nessa mulher?

SOLANGE

Quando Ivan me deixa na porta da confeitaria, prometendo deixar Rosita em segurança com Abi, aceno, sentindo meu coração se apertar. Tem algo nele, no que ele faz, que deveria me assustar, causar repulsa, mas não

consigo nem pensar que ele seja capaz de matar alguém, as palavras dele no meu porão ainda ecoam na minha cabeça, fecho meus olhos, posso ver nos olhos dele que ele é incapaz de machucar alguém bom. Mesmo tendo consciência que mal o conheço, entreguei-me a ele da forma mais crua que pude, como nunca fiz antes, como nunca pensei ser possível, o olhar dele vagando entre o doce e o sujo, cheio de promessas, faz meu coração disparar.

Mas isso quando isso acabar? E se precisar fugir de novo, e de novo e de novo. *Dios*, eu não quero magoá-lo, por trás de tudo, ainda existe um homem que já viu demais, e que não merece sofrer de novo. Não merece chorar de novo, a morte da filha dele fez algo nele que jamais imaginei, perder minha razão de viver, o motivo do ar que respiro, meu motivo de felicidade, a única coisa capaz de não me fazer desistir de tudo. Apoio-me no balcão, sinto as lágrimas descenderem, a dor em meu peito quer me sufocar, a morte de Juan vai estar para sempre em minhas mãos, eu não puxei o gatinho, mas é como se fosse. Sou o motivo, do maldito inferno em nossas vidas. Quando levanto minha cabeça, dou de cara com Corvo, que me olha em silêncio, o rosto impassível, viro meu rosto rapidamente afastando as lágrimas.

— Sabe que nós não deixaremos nada acontecer a vocês, não é. — Quando ele coloca a mão sobre o balcão.

— Foi *tú*... — Afasto-me do balcão. — Foi *tú*, que parou o caminhão...

— Vocês iam morrer, Sol. Aquele caminhão não ia dar uma segunda chance a vocês, ia tirar, como tirou a vida da filhinha do Ivan, as mulheres seriam vendidas como prostitutas e pets de luxo. Sua filha provavelmente acabaria como a de Ivan, violentada e morta em alguma vala. — Viro-me, vomitando em meus próprios pés. — Porra, desculpe-me. Droga, eu não devia ter falado dessa forma.

Sinto as mãos trêmulas dele me tocarem.

— Droga eu sinto muito, Sol.

— *Yo no*... O que *tú* sabe? — questiono, afastando-me dele.

— Eu... Eu... Eu... você apenas não está sozinha. — Ele se afasta e literalmente corre para fora, deixando-me aqui, tonta me abaixo e tiro meus

sapatos com cuidado, meus dedos tremem.

Aquele caminhão... Não... Estávamos sendo traficadas, por quê? Estou enjoada e não consigo tirar minhas meias, vou até o balde de água na cozinha e pego um pano, limpo o chão, trêmula, sem acreditar nas palavras dele, o que mais eles sabem? O que Ivan sabe e finge que não? *Dios*, meu estômago revira, minha cabeça está sob um turbilhão de emoções. Emoções essas que talvez não saiba esconder. Sou tirada do meu estado de choque pela sineta na porta que volta a tocar.

— Boa tarde, senhorita Solange.

— Senhor Salazar? — Limpo meu rosto com o dorso da mão. — Boo e abuelita não vieram hoje. — Apresso-me em dizer.

— Gostaria de falar com a senhorita? — Ele se aproxima e se senta. — Algum problema, senhorita?

— Nenhum, senhor, me chame de Sol por favor.

— Certo, e eu sou apenas o Salazar.

— Aceita algo, Salazar? — ofereço, respirando fundo.

— Seu chocolate quente e sua ajuda, filha. — Depois de lhe servir o chocolate quente, ele começa a falar, percebo seu receio, o sorriso brilhante e claro a admiração em sua voz ao falar da festa que deseja oferecer para Boo e Leon.

— Posso falar com abuela, vou precisar de ajuda. — Concordo.

— Não poupe gastos, Vallen e Cobra também estão nessa. — Engulo em seco.

— Bonnie, jamais aceitará se souber que me ofereci para dar a festa ao Leon. Ela é orgulhosa.

— Como o senhor, arrisco-me a dizer? — Ele ri, concordando, Boo tem muito dele, inclusive o coração enorme e a bondade.

— Está tudo bem, Raio de Sol? — Passo a última volta da chave na porta e puxo, verificando se ela realmente está fechada. Rosita acena as mãozinhas me chamando.

— Tem alguém querendo falar com você — comenta, fazendo-me olhar para ele pela primeira vez ele me olhou curioso e dá um sorriso, não

consigo retribuir. — O pai da confeitadeira quer sua ajuda e pediu para você ligar nesse número. — Ele estende um cartão, pego-o de sua mão, meus dedos tocam suavemente os dele, fazendo um arrepio percorrer pelo meu corpo, ele parece sentir o mesmo. — Somos eletrizantes juntos, querida. — Pisca, sorrindo de forma cretina. Ele abre a porta do Mustang, sento-me no banco do carona, virando-me para trás.

— Ele já me achou, não se preocupe. — Ignoro sua gracinha.

— Mamãe. — Rosita sorri.

— Como foi seu dia, querida? — pergunto, devagar, gesticulando com as mãos, ela acompanha e sorri.

— Abi me deu algo... — Ela ergue uma caixa de tabuleiro de xadrez, as peças fazem um barulho ao rolares pela caixa, ela aproxima a caixa do ouvido e balança.

— Não dá pra ouvir. — Ela se embola nas palavras e vira a caixa. — Mas ela treme, como Ivan ensinou. — Ivan se virou.

— Vou lhe ensinar a jogar, Florzinha. — Ele pisca e se vira, ela dá um enorme sorriso e abraça a caixa.

— Obrigada, por tudo. — Coloco minha mão sobre a dele por impulso, Ivan apenas me olha de canto, e não sorriu, mas seus olhos brilham. Viro-me para ela.

— Macarrão com queijo? — pergunto, ela dá um gritinho ardido.

— Você não tem noção, não? — A voz dele chama minha atenção, baixa, rouca e distante... — Eu deveria ser um cretino sujo, mas eu... — Ele se cala, deixando-me confusa, sem entender.

Passo pelo portão e Rosita sai em disparada em direção à porta, Ivan está parado encostado no carro.

— Eu não bisbilhotei sua vida o suficiente para descobrir a merda que você está levando. Eu disse, quero ouvir de você a verdade, e se você não confia o suficiente em mim, eu sinto muito.

— São palavras suas, não minhas. Jamais disse que não confio em você. Você é um mafioso russo.

Capítulo 21

*“Me deixe cantar uma canção de ninar
Prometo que não vou ficar para a noite
Eu só quero fazer você sentir algo, algo
Me deixe cantar uma canção de ninar
Prometo que não vou ficar para a noite
Eu só quero fazer você sentir algo, algo
Me deixe cantar uma canção de ninar
Prometo que não vou ficar para a noite
Eu só quero fazer você sentir algo, algo”*

Lullaby

Niykee Heaton



SOLANGE

A risada rouca dele me arrepiava todo meu corpo.

— Fico lisonjeado. — O escárnio em sua voz me faz revirar os olhos.

— As coisas não são tão simples, Ivan — digo, triste. — Podemos entrar? — peço, e sigo em direção à porta.

— São difíceis ou você que as complica? — Abro a porta e Rosita passa indo direto para sala a fim de abrir seu novo jogo, antes que Ivan entre, impeço-o e seguro em seu pulso, ele para e se vira em minha direção, todo mundo parece sair de órbita por um único momento, mesmo sendo confusa e incerta, confiar nele nunca me pareceu tão certo como agora, tenho medo de perdê-lo, mas como se perde uma coisa que nem é seu.

E quando eu tiver que partir? E quando ele tiver que ir?

— Você pensa demais sobre coisas que ainda não aconteceram, Raio de Sol, eu já te disse uma vez, nós somos bons juntos, como fogo e gasolina, queira você ou não. Meus sentimentos não mudaram e nem vão. Ou acha que

estava brincando quando disse que estou apaixonado por você? — A intensidade das palavras dele me faz recuar.

— Vou subir, estou sem fome, *te* espero no porão mais tarde. Afasto-me fechando a porta, ouço-o falar com Rosita e subir as escadas. Sinto-me derrotada, após colocar Rosita no banho e conversar com ela, seco-a, coloco seu pijama favorito e desço para ligar a tv para ela, subo e tomo meu banho, quando saio do banheiro vejo uma caixa em cima da cama. É uma embalagem da Best Buy, uma da Amazon e um papel dobrado em cima da embalagem.

A letra elegante me chama a atenção, sorrio ao perceber que o bilhete está escrito em espanhol.

"Rosita me dijo que odia los cumpleaños, ¡feliz mañana!" [32]

Trêmula, abro o pacote, a caixinha azul desliza da embalagem, ainda surpresa abro a outra embalagem e dentro tem uma capinha preta com pequenos desenhos de sol. Com todo cuidado do mundo rompo o lacre e as lágrimas começam a descer pelas minhas bochechas.

Quando a tela do e-reader kindle acende, sorrio. Vi na vitrine da loja, mas eu jamais ia gastar com algo sendo que poderia usar o dinheiro com a Rosita. Coloco o aparelhinho preto na capinha e sorrio afastando as lágrimas, deixo no centro da cama, sem conectar minha conta no aparelho.

Desço as escadas, descalça, depois de vestir uma camisola e um robe preto, pronta para fazer o jantar, mas Rosita já está dormindo, com cuidado a levo para cima e a coloco na cama, desço, faço um leite quentinho e mesmo sonolenta ela toma tudo, beijo sua testa e saio de seu quarto deixando a porta entreaberta, quando desço para o porão, Ivan está sentado no pé da escada sem camisa. As tatuagens malfeitas em suas costas parecem esconder algo.

Quando eu me sento ao seu lado ele apenas se inclina e pega o saco de papel à sua frente.

— São... — Ivan olha no relógio de pulso dele e me lança um pequeno sorriso convencido. — Feliz dia, querida. — Ele tira um cupcake do saquinho e uma vela colorida e pequena. — Vamos lá, querida... — A voz rouca e carregada do sotaque russo em meu idioma, faz meu coração acelerar.

— Feliz cumpleaños a ti, feliz cumpleaños a ti, feliz cumpleaños, querida Raio de Sol, feliz cumpleaños a ti[33]. — Quando ele termina, toca meu rosto, tira a velinha e me entrega, ela crepita e estala forte.

— Faça um pedido, só não peça por mim nu, não será um pedido justo, afinal se me pe... — Antes que ele termine a gracinha meus lábios se chocam com os dele. Minhas mãos seguram firme em sua nuca, e a sua mão livre se apoia no degrau de cima.

— Entusiasmo maior que esse por mim, eu desconheço. — Abro a boca para retrucar, mas ele enfia o cupcake em meus lábios, fazendo-me dar uma mordida.

— Você não soprou a velinha. — Sorrio, ele leva o cupcake a boca e dá uma mordida gemendo.

— Porra, melhor cupcake que eu já comi.

— Você pediu para o menino ir até à loja hoje comprar, não é? — Lembro do menino, mais cedo, que pediu um cupcake, dois donuts e diversas balinhas de frutas vermelhas.

— Culpado — ele debocha, e limpa os lábios com a língua.

— Gostou do presente?

— Obrigada — digo, emocionada.

— As coisas são como são, queria você ou não. Eu sou egoísta demais para meter o pé na estrada e deixar para trás a vida que eu sempre quis, que ela sempre quis pra mim — Ivan comenta, pensativo, o sorriso triste e cheio de mistérios dele me deixa curiosa.

— Como? — questiono, dando mais uma mordida no cupcake.

— Ela ia adorar *te* conhecer, iria endeusar cada passo que você desse para ela. Ela ia amar você — ele acrescenta, seu sotaque russo puxa e ele limpa a garganta, mas não parece realmente falar comigo. — Quando eu tinha oito anos, ela me ensinou a dançar tango e valsa, segundo ela, a dança é a maior arma que um homem tem a seu favor, quando quer conquistar uma mulher. Aceita dançar? — ele se levanta, entendendo-me a mão.

— O quê?

— Tango, amor. — Levanto-me e tiro uma poeira imaginaria da minha camisola. — A dança do sexo. — Pisca e tira o celular do bolso. Ele desliza

o dedo pela tela rapidamente e de repente a música quente chega aos meus ouvidos.

— No... — Ele me puxa, fazendo meu corpo bater no dele, ele sorri.

— Raio de Sol... — Fecho meus olhos e deixo ele me levar, as mãos dele passam pelo meu corpo de forma sensual, a respiração colada na minha. Travo, envergonhada.

Ele se afasta, abro meus olhos, ele está com um olhar soberbo e debochado, ele cruza os braços devagar apenas para me irritar.

— Não me diga, que eu um russo... Domina a arte do tango melhor que você, amor?

Meu rosto queima, crispo meus olhos.

— Ofendeu? — Ele me provocou.

— Ivan...

— Ótimo, agora arraste essa bunda deliciosa até aqui e me mostre o que uma trintona é capaz de fazer. — Caminho em direção ao celular na escada, deslizo o dedo na tela e ele destrava, abro o aplicativo e olho a seleção de músicas, quando acho, aperto play colocando o celular de volta no degrau e me afasto dele, mesmo o espaço sendo apertado giro levemente e puxo minha perna, trazendo a camisola comigo.

— Porra... — ele sussurra, começo a me movimentar, o corpo dele acompanha meus movimentos, aproximo-me dele com um giro, ele agarra minha cintura e traz sua mão a minha coxa, levantando a camisola.

Dios, sinto meu corpo esquentar, engulo em seco e deslizo meus dedos por seu rosto. Ele me leva no ritmo da música, apoiando minhas mãos em seu ombro ele me desliza, parece que estamos voando, juntos e sincronizados, nossos passos lentos tornam tudo ainda mais sensual e lento, quando nossos passos se separam, ele me puxou de volta colando meu corpo no seu, posso sentir o quão duro ele está, meus seios sensíveis tocam seu peito másculo, um arrepio percorre todo meu corpo, fecho os olhos, apenas a camisola fina, separa nos dois, o suor escorre pelo rosto másculo, deslizo minhas mãos pelo cabelo dele, ele fecha os olhos e me inclina.

Os lábios dele deslizam pelo meu pescoço, fazendo-me suspirar, ele me traz de volta e me gira, colando minhas costas em seu peito, Ivan desliza nossos corpos juntos, minha mão erguida trava em sua nuca, enquanto uma de

suas mãos desliza entre minhas coxas a outra desliza sobre meus seios, suspiro fazendo ele ofegar lânguido contra a pele do meu pescoço, ele nos vira, no exato momento em que a música acaba nossos lábios se encontram, ele me prende em seus braços, estou, fodidamente, derretida e sem nenhuma possibilidade de recusa, os lábios duros e exigentes pedem mais do que posso dar, quando o ar nos falta, ele se afasta minimamente e morde meus lábios levemente.

— Jamais vou duvidar dos seus dotes de dançarina de novo, amor. — A voz rouca, uma oitava mais baixa me faz suspirar e sorrir. — É hora dessa exímia dançarina descansar.

Em silêncio e trêmula, subo as escadas.

— Adoro quando não usa calcinha. É uma visão e tanto. — Meu rosto queima, mordo os lábios. — Admita, faz de propósito, não é? — Ele ri, fechando a porta do porão.

— Insuportável — resmungo baixo.

— Vou entregar a dama em segurança. — Pisca. — Na porta do seu quarto — afirma, e sorri de lado.

Suspiro quando paramos em frente ao meu quarto.

— Tirando o fato que invadi sua casa baleado e me mudei contra sua vontade e você cobra um aluguel caríssimo, e que eu sou um bandido e você uma fugitiva, parecemos um casal prestes a pular todas as etapas de um relacionamento e pular para o sexo sujo e porra está tudo certo. — Ele se apoia na minha porta cruzando os braços fortes e cheio de tatuagens e cicatrizes, pendendo o corpo para o lado de forma folgada e faceira. Incerta, apenas sorrio, preciso me permitir, mesmo que amá-lo vá me quebrar em pequenos cacos e talvez eu não seja capaz de consertar.

Desde nossa dança, Ivan tem estado distante. Eu mal o vejo, e quando o vejo, sempre tem uma gracinha suja ou um sorriso doce para Rosita, totalmente diferente do cara fechado e rabugento do clube.

Ivan sabe cozinhar, é inconveniente, ama doces, principalmente chocolate. Odeia aspargos, é alérgico a frutos do mar e a gatos. Ontem quando Rosita resgatou o gato do vizinho da outra rua de um arbusto, Ivan

ficou vermelho e inchado, espirrou tanto que seu nariz chegou a sangrar, amaldiçoando até a oitava geração do gato.

Mesmo sabendo que ele sai porta afora para fazer algo sujo, não consigo ver nele algo ruim, não quando ele me olha com os olhos brilhantes como um grande urso, ou da forma atrevida me beija escondido. Eu sei que esse é um caminho sem volta, que ele está entrando em meu coração. E isso me assusta. Trocar farpas com ele é como ele diz, seu bálsamo diário.

Fiquei ansiosa, quando ele levou alguns sacos e caixas ao porão e fez barulhos lá durante a semana, ele pegou a chave e apenas disse um: nos vemos na sexta-feira à noite.

As coisas na confeitaria vão de mal a pior, sinto-me esgotada e sem forças para tocar tudo, Boo está cansada e magoada, seu foco em Leon agora é o que importa. Tenho trabalhado dobrado, e as encomendas crescem a cada dia, fui aconselhada por Abuelita a deixar o telefone fora do gancho pelo menos para poder finalizar as encomendas, mesmo Boo ajudando, ela não pode fazer muita coisa. Meu ódio por Dominic triplicou nos últimos dias, seu desfile com mulheres pelo clube me irrita ao extremo, eu sei que Boo chora escondida e isso acaba comigo.

Sorrio quando Ivan passa pelo corredor assobiando de forma irritante, estou tentando finalizar a decoração do chá de Leon. Sinto o leve puxão em minha perna, e Rosita sinaliza silêncio e dá um risinho.

— Onde Ivan está? — Rosita pergunta, gesticulando com as mãos, de forma lenta. Pisco para ela e riu sapeca.

— Foi por ali — respondo, sinalizando para o corredor, ela vai pé por pé de forma engraçada, fazendo-me rir. Vejo quando Ivan passa pela janela de fora com algo nas mãos. Aponto para Rosita e ele ri.

— O que estão fazendo? — Questiono e ele para em frente à janela da cozinha.

— Segundo o que eu li, esconde-esconde estimula os sentidos de crianças com problemas auditivos. Ela precisa de diversos fatores para me encontrar, a audição é menos importante. — Pisca e balança um enorme saco de salgadinho. — Precisamos estimular o os sentidos dela.

— Ela já *te* encontrou quantas vezes?

— 12 das 13 que me escondi. — Ele dá de ombros como se não fosse nada. E volta a caminhar, vejo-o ir até à horta e entrar, ele se abaixa e consigo enxergar o topo da sua cabeça pela cerca. Observo de longe Rosita vir pé por pé, e fazer uma dancinha fofa e esfregar as mãos uma na outra em uma tentativa de soar maquiavélica. Gargalho quando ela grita alto, Ivan se dá por rendido e sai da horta, de forma divertida eles se sentam na grama, ele estende o pacote de salgadinho a ela e ela nega, encostando sua cabeça no ombro dele.

Ela sinaliza a e ele responde.

— Amigos para sempre? — ela questiona trocando um dos sinais.

Nossos diálogos agora, são quase oitenta por cento na língua dos sinais. A facilidade com que Ivan aprendeu a língua dos sinais me impressionou.

— Para sempre — ele responde.

Meu peito aperta, afinal para sempre é muito tempo, e talvez ele não esteja disposto a ser para sempre conosco quando descobrir a verdade. Quando descobrir quem eu sou.

IVAN

Ela me olha com os olhos brilhantes.

— Podemos? Sim? Sim? — pergunta baixinho, ela murcha os olhos e me olha entre os cílios.

— Não — uso a língua dos sinais para soar mais claro. — Odeio gatos.

Ela fez um bico gigantesco, os olhos se enchem de água. Gargalho, fazendo-a rir.

— Não ia chorar? — questiono, ela se joga em cima de mim.

— Você vai amá-lo um tantão que nem vai ligar — diz de forma abusada. Confesso que nossa comunicação por sinais melhorou muito nos últimos tempos. Ela tem estado mais confiante e atenta aos movimentos, como suspeitava ela não é capaz de ouvir algo longe, abafado e sem clareza, mas mesmo assim, a pequena florzinha é capaz de ser independente para

pouca idade que tem, desde o aniversário de Solange tenho me mantido distante, mas não o suficiente para que ela pense que desisti.

Dominic tem feito dos nossos dias um inferno, decidi por mim mesmo investigar a porra que estava acontecendo, imagina a minha surpresa ao descobrir uma maldita rede de tráfico humano, Dom é mais odiado que eu pensava, ele destruiu toda a hierarquia dos Anjos, não há mais um Press[34], com algumas pesquisas descobri que ele assassinou os caras que mataram seu pai e o antigo Press. Maldonado combate a rede de tráfico humano desde que assumiu o bar. Não existe mais um clube, uma hierarquia, apenas um bar que ele comanda e caras que o respeitam e seguem suas ordens, Dom tem negócios sujos em todo o EUA, ele é um maldito trambiqueiro de merda mais liso que sabão, desde uma rede de hotéis a bares de stripper, embora sua mão esteja metida no tráfico de armamento pesado, e dos charutos, ele não financia e nem favorece o tráfico de drogas, ao que parece foi assim que ele conheceu Corvo há alguns anos.

Dom luta contra a maldita rede de tráfico de mulheres e crianças desde que voltou da Líbia, ele intercepta caminhões de tráfico, manda os imigrantes para casa, boa parte vem do México e Brasil, mulheres usadas para prostituição e crianças para o tráfico de órgãos, era num desses caminhões que Solange estava, com a proposta de uma vida melhor nos EUA, os traficados chegam aqui e são divididos. Mulher com características frágeis, como bonecas são mandadas para países do Oriente Médio, lá elas são conhecidas como pets de luxo, mulheres que são tratadas como animais, submetidas a uma maldita posição de animais, Corvo e eu nos últimos dias conversamos com alguns informantes na rede, geralmente essas mulheres são vendidas em fóruns da web, depois de alguns contatos do passarinho pagarem alguns favores a eles, meu computador agora tem acesso à diversos níveis de compartilhamento de dados, meu computador foi substituído por um maior e pesado com o inferno. O rastreamento dos nossos dados se tornou impossível, já que agora o pedido passa por vários servidores, criando uma grande teia de IPs, tornei-me um maldito rato, segundo eles, Vallen conseguia acessar alguns dados, mas não de forma profunda, mesmo meu antigo computador tendo acesso aos fóruns, nunca pude chegar tão longe.

Corvo literalmente vomitou na mesa quando mostrei o que eles realmente fazem com mulheres, os malditos fazem atrocidades, as mulheres são drogadas, as “propagandas” vão desde objetos enfiados nas genitálias até zoofilia, crianças são vendidas exclusivamente para pedófilos, fotos e vídeos que incluem bebês, vendas de órgãos e diversas outras merdas.

— Ivan? — Rosita coloca as mãos, olho para seu rostinho, a pele negra como a da mãe, os olhos brilhantes, o cabelinho macio preso no topo da cabeça, deixa-a mais linda ainda, como uma pequena flor, delicada.

— Diga, minha *malen'kiy tsvetok*. — Ela sorri e me olha confusa. — Significa Florzinha... — digo pausadamente, ela sorri achando graça.

— Você sente falta do seu papa? — pergunta, o nó em minha garganta me faz ponderar a resposta.

— Eu não tive um papa, Florzinha. — Rosita crispa os olhos, ergue seu corpinho, colocando-a em minhas pernas esticadas, ela se senta em posição de índio e coloca os cotovelos nas pernas e apoia o rosto nas mãos. Solange abre a porta e sai com uma jarra de suco e uma bandeja nas mãos.

— Que tal um lanchinho?

— Entre e lave as mãos, querida. — Sol coloca o lanche na mesinha velha do lado e empurra a porta, Solange comprou duas escadas de criança, uma para o banheiro e outra para cozinha, assim ela consegue lavar as mãos e escovar os dentes com mais facilidade, Solange fica da porta olhando ela da pia da cozinha, levanto-me do chão, ela me dá um tchauzinho com mãozinha cheia de sabão.

— Eu realmente gostaria de saber para aonde vai tudo que você come.

— Sou um cara grande, amor. — Ela revira os olhos. Inclino-me em sua direção. — E grosso. — Antes que ela possa responder, a Florzinha volta correndo e agarra minhas pernas.

— Que tal um lanche? — Sol oferece com o rosto vermelho, olhando-me de canto.

Eu e a Rosita nos sentamos no chão e ela no banquinho velho de madeira, ela me estende um copo de suco e alguns bolinhos de chocolate. Rosita pega dois bolinhos e se senta nas minhas pernas colocando os bolinhos em minhas mãos, fazendo Sol rir, ela se ajeita com dificuldade, abro minha perna e ela coloca a cabeça em um dos meus joelhos e a outra

perna no outro joelho. Com o bumbum no chão ela se remexe e pega o copo de suco, estendo os bolinhos, folgada ela suspira e suga o canudinho, prendo o riso e olho para Solange, que morde os lábios querendo rir, Rosita degusta o lanche deitada de forma preguiçosa em minhas pernas.

— Ela está ficando folgada e espaçosa como você — Sol comenta, depois que Rosita entra, alegando que iria mexer em seu jogo. A afirmação dela faz meu peito apertar, a comparação mesmo que boba faz algo no meu peito esquentar, sorrio de forma presunçosa.

— Corvo prometeu a ela, que ele vai ensiná-la, se você deixar. Ele quer se redimir pelas coisas que ele disse — digo, olhando na direção de Rosita.

— Se redimir por dizer a verdade? — Sol questiona, suspirando. Meu celular toca, fazendo-me tirar minha atenção delas.

— Me dê um bom motivo para estar atrapalhando minha folga, passarinho.

— Problemas, porra.

— Que tipo de problemas?

— Do tipo que precisaremos usar balas.

— Vou me trocar, me pege... — Antes mesmo de terminar de falar, ouço o barulho da buzina do carro dele.

— Ande logo, Ivanzinho, não temos o dia todo. — Ele desliga, vejo Sol ir até à geladeira.

— Te vejo a noite no porão? — Ela revira os olhos e sorri.

Porra, de mulher bonita.

— Por que diabos estamos fazendo o trabalho do Maldonado? — Carniça pergunta, puto e ofegante. Desconecto as cordas de rapel do meu corpo e me afasto da beira do penhasco.

— Tem medo de altura, Ivanzinho? — Limito-me a ir até às pedras no outro lado do penhasco e me sentar. Porra.

— Essa porra pesa quantos quilos? — Subir a porra de um rato de quase cento e cinquenta quilos, desmaiado por uma espécie de elevador de

cordas não foi fácil. Enquanto Corvo nos esperava no topo, eu e o Carniça subimos o maldito rato pelas cordas. Porra, precisamos de um furgão novo.

— O que diabos vocês pensaram quando enfiaram esse maldito em um caminhão de sorvete, com um urso figurante segurando uma casquinha de sorvete maior ainda? — Olho para baixo, e o furgão cor-de-rosa grotesco aparece de longe.

— Porra, é assim que nos agradece, fomos a todos os ferros-velhos de Vegas em busca dessa relíquia em sua homenagem. — Carniça se senta ao meu lado e empurra meu ombro.

— O que vai fazer com ele? — Corvo pergunta, ao chutar o cara desmaiado e ele sequer se mexe, a surra que eles deram nele foi suficiente para mantê-lo desacordado.

— Depois que ele acordar? Vamos ter nossas respostas e ele fará um voo tranquilo e rápido até o chão e vocês dois vão se livrar do furgão.

— Nem fodendo, Bear Russinho, será nosso meio de locomoção... Vai matá-lo e jogá-lo daqui de cima? — Carniça questiona dando um sorriso de lado, uma sombra perigosa passa por seus olhos, estico minhas pernas e tiro o índio do meu bolso, giro-o nos dedos e sorrio olhando para os corvos que começam a dançar no céu em cima de nossas cabeças.

— E qual seria a graça se não testássemos a gravidade. — Os dois filhos da puta gargalham.

— Aceitam cerveja, meus compadres? — Corvo me estende uma garrafa.

— À nossa amizade — Corvo diz, sorrindo e mostrando os dentes.

— À nossa amizade — Carniça reitera, força a garrafa nos dentes e se levanta. Mantenho-me em silêncio e apenas abro a garrafa forçando a tampa. Ambos me olham, respiro fundo e reviro os olhos.

— À nossa amizade. — Os babacas gargalham e assoviam de forma infantil e simplesmente urram, batem no peito um do outro e gritam como se fosse uma vitória.

Idiotas.

Sentado de cócoras em cima de uma das pedras, continuo em silêncio enquanto os dois, se divertem com o filho da puta amarrado.

— Você realmente tem a língua mais lisa que seu amigo, Carluxo, agora vai ou não dizer o que o Steban têm a ver com essa merda toda de tráfico? — Corvo pisa na mão dele, fazendo-o gemer, devo admitir, ele realmente é resistente, levou três surras, embora tenha uma língua lisa, ele geme pouco e para o homem com algumas costelas quebradas e o nariz partido, ele é realmente resistente.

— Eu não sei. — Ele tosse. — Steban me pediu para ficar de olho nele. — Olha em minha direção, eu sou ladrão e não estuprador, muito menos pedófilo. Tenho princípios. — Algo sobre ele ter pegado a mulher dele, porra, eu não sei.

Na última semana, notei que meus pneus apareceram mais murchos que o comum, e a sensação de ser seguido começou a me incomodar, a princípio, pensei que fosse os homens de Ivo, mas ele não viria tão longe, foi quando o passarinho e a carne podre resolveram seguir meu perseguidor. O maldito Navarro realmente não coloca os pés para fora da maldita vila, mas ao que parece agora ele tem mais alguns olhos em Vegas, olhos esses que vou fazer questão de furar um a um.

Corvo e Carniça gargalham. Um ladrão com princípios, que ótimo.

— Sei que vão me matar, mas porra eu não sei nada sobre isso, roubei heroína do Navarro, e ele prometeu me manter vivo se descobrisse quem era você.

Pulo da pedra e caminho em sua direção, ele se encolhe no chão, afastando-se cada vez mais.

— Agora me diga, contou a eles que eu sou? — Abaixo-me ficando de cócoras ao lado dele.

— Co-como? Se-se vocês me-e pegaram antes? — E pela primeira vez, vejo a voz dele falhar.

— Ótimo. — Levanto-me. — Vou *te* dar duas opções, meu amigo de princípios. — Levo a mão até minhas costas, destravo a arma e estalo a língua. — Uma bala na testa ou um voo em queda livre. — Quanto mais eu me aproximo dele, mais ele se arrasta até à beira.

— Esper-re... Eu posso ser útil e... — Antes que ele termine, Carniça perde a paciência e mete uma bicuda no rosto dele, o barulho do osso quebrando ecoa e o corpo dele cai. Nós nos aproximamos da beira do penhasco e quando o corpo atinge o chão o estalo ressoa pelo deserto e o sangue mancha o chão. Olho para Corvo e gargalho.

— O quê? Meu time vai jogar a final de basquete hoje, porra. — Justifica, nos fazendo rir.

— Porra, espatifou igual bosta. — Corvo olha descrente para o chão.

— Esperava algo mais violento, meninos, vocês estão ficando moles. — Balanço a cabeça. Olho para a cerveja e os salgadinhos que Carniça trouxe.

— Que tal um lanche antes de irmos, seus porras? — Pego três garrafas, jogo uma para o Corvo e outro para o Carniça.

— Nosso xadrez com a pestinha amanhã está de pé? — Arqueio uma sobrancelha.

— Não a chame de pestinha, babaca. — Chuto seu pé. — Prontos para descer?

— Quem chegar por último completa o tanque do Bear Russinho.

— Você vão se livrar desse furgão, porra. — Sorvo o último gole de cerveja e vou em direção às minhas cordas.

— Não vamos não — Corvo berra, depois de se afivelar e se jogar do penhasco.

— Ele quer morrer? — questiono, a carne podre gargalha.

— Adrenalina, algo parecido com o pó que ele cheirava...

Idiotas.

Entramos no maldito furgão ridículo, ciente de que a natureza fará seu trabalho pelos coiotes que começam a aparecer ao longe.

— Eu dirijo. — Carniça pega a chave da minha mão, jogo-me no banco do passageiro e Corvo se senta no chão do furgão entre nós, dois, mexendo na mochila de Carniça.

— Alguém aceita bombons de licor? Porra, são os que a Solzita fez ontem?

— Foi, ela usou licor de cereja. — Carniça acelera o furgão, ele balança.

— Porra, tem algum de damasco? — pergunto, minha boca se enche de água.

— O quê? Quando cheguei alguém já tinha levado todos os bombons. — Pego dois bombons e coloco meus pés no painel.

— Como vão as coisas com a Sol? Ela disse algo que possa nos levar ao filho da puta que a machucou? — Corvo pergunta, ele ficou sem jeito depois do que falou na confeitaria, mesmo sendo verdade ele se culpa por ter sido tão explícito.

— Não, ela anda ocupada com a festa do pequeno Maldonado — comento.

— Ah! Eu daria a vida para ter alguém — Corvo diz, pensativo. — A solidão, dói mais do que deveria — ele acrescenta.

— Já se apaixonou? — pergunto, curioso, sentindo-me uma velha fofqueira.

— Não, a vida não foi muito gentil comigo, dizem que você é capaz de sentir borboletas na barriga, já sentiu isso com a Sol? — Olho para ele. Não há tom de brincadeira, apenas tristeza e expectativa em seu olhar. Quando afirmo os olhos dele brilham, ele é apenas um cara velho com alma de garoto.

— Sempre que ela sorri. — Admito, noto o sorriso de Carniça. — Sem piadas? — pergunto.

— Podemos ser padrinhos? — Corvo questiona, estendendo-me a caixa de bombons.

— Se isso acontecer, vocês dois sem dúvidas serão a primeira opção — revelo para alegria de ambos que gritam, fecho meus olhos.

— Somos, bandidos? Somos, mas temos corações — Carniça brinca, assoviando de forma ardida em meu ouvido.

— Deus eu me sinto em um filme dos anos 60, El Capone estaria orgulhoso, fico até emocionado. — Rio descrente, do quão infantil esses idiotas podem ser.

— Estou orgulhoso do homem que você está se tornando, Ivanzinho, um sádico sociável e amável, louvável, meus amigos... Louvável!

— Nós nos vemos amanhã, Russinho? — Carniça pergunta, enquanto Corvo se ajeita no banco da frente.

— Podemos vir tomar café da manhã aqui? — Corvo sonda, mas provavelmente eles vão vir mesmo que eu negue, e diga que não temos comida o suficiente para esses idiotas.

A porta da frente abre e Sol sorri, de longe ela acena um tchau aos meninos, caminho em sua direção, eles apertam a porra da buzina do furgão. Eles saem gargalhando, quando chego à porta, Sol ri, incrédula.

— Aquilo é o que eu penso que é? — Ela gargalha, as bochechas coradas, e lá está o brilho, o meu brilho do sol. Puxo-a para mim, agarrando sua cintura, surpreendendo-a.

— Nenhuma palavra — rosno, mas acabo rindo. — Porra eles são malucos. — Ela cruza os braços, seus seios fartos roçam no meu peito.

— E você os adora. — Não sou capaz de negar.

— Eu ganhei em meses com eles o que eu não tive por uma vida — confidencia, sentindo o nó em minha garganta. Ela sorri e morde os lábios. — Ganho um beijo molhado de consolo pela vergonha? — Sol revira os olhos.

— Teremos hambúrguer para o jantar. — Ela se desvencilha dos meus braços.

Entro e sigo em direção à sala, procurando pela Florzinha.

— Onde está a Florzinha? — Encosto-me no sofá e cruzo os braços, ela ri e aponta com a cabeça para o relógio na parede.

Já são quase onze da noite.

— Ela me esperou, não é? — Coço a barba.

— Sí, mas o sono foi mais forte que ela.

— Teremos visita para o café da manhã — aviso, a contragosto. — Se você reclama de quanto eu como, bem... os babacas são piores que eu.

— Sempre tem lugar para mais gente. — Pisca e vai em direção à cozinha.

Derrotado, subo para tomar um banho e me trocar, quando desço o cheiro de queijo paira no ar, automaticamente, meu estômago ronca.

— Sabe o que dizem sobre o homem ser conquistado pelo estômago, não é? — Ela dá um pulo e solta um palavrão.

— Vocês são todos iguais — reclama, colocando um pano no ombro.

— Vocês? — Puxo uma banquetta e me sento apoiando meus cotovelos na bancada, interessado em sua analogia.

— Vocês todos são exatamente iguais ao Maldonado, inconvenientes, espaçosos, folgados e sem perspectiva de bom senso. Achei que ele compartilhava com vocês os dotes dele, mas notei que ele apenas aprimora o maldito ego de vocês. — Roubo uma batata, passando-a no molho.

— Você provavelmente descreveu metade da raça masculina, amor — ela grunhe.

— Mas me diga, quando você vai encaixar em sua lista que eu sou o homem mais gostoso que você já viu e o único capaz de lhe deixar pernas bambas apenas com um sorriso? — Sorrio de lado e ela bufa, as bochechas coradas e o brilho no olhar acompanhado da leve mordida que ela dá nos lábios prova meu ponto.

— *Dios, tu ego é intragável.* — Ela me estende um prato com uns dez hambúrgueres, olho para o meu prato e para o dela, dois hambúrgueres apenas, dou de ombros e viro os vidros de mostarda e ketchup de uma única vez.

— Sua opinião da categoria masculina, beira o ofensivo — provoco.

— Provavelmente, você não vai querer descobrir o que eu penso. — Ela devolve de forma afiada dando uma mordida no hambúrguer.

— Está ficando abusada, Raio de Sol. — Ela arqueia a sobrancelha, um sorriso de canto nasce, devagar e presunçoso.

— Está me imitando? — questiono, e os olhos dela brilham. Ela ri e se levanta, pisca e sai, deixando-me sozinho.

— Te vejo no porão, Russo.

Capítulo 22

“Estou tentando

Estou tentando não esquecer minhas palavras

*Porque quando estou ao seu redor, eu costumo continuar mudando
de ideia*

Eu prometo

Eu prometo a mim mesmo não voltar aos velhos hábitos

Porque a decepção amorosa está clara e o amor é uma vadia.”

Love Is A Bitch

Two Feet



SOLANGE

Coloco a camiseta larga e prendo meus cabelos de forma firme, verifico Rosita antes de descer e as suas janelas, deixo a porta aberta e a luz do corredor acesa e desço, nervosa minhas mãos suam frio, a porta do porão está aberta e escuto a música que está tocando lá embaixo. Rock antigo.

— Você não me parece alguém que curte The Rolling Stones. — Leio com dificuldades o nome da banda que toca em seu computador, ele apaga o cigarro e o joga pela janela do porão fazendo uma carreta.

— Algo sobre conviver com motoqueiros encenqueiros. — Ri rouco.

— O... que é isso? — Aponto para os diversos equipamentos espalhados pelo porão, ele desmontou meus alvos improvisados, tirou todas as minhas tralhas, e substituiu por equipamentos de academia, no centro do porão ele colocou um enorme tapete de luta.

— Quando for voltar a pegar em uma arma, não será aqui. — Ele vai até o centro, tira a camisa ficando somente de bermuda e descalço.

— Precisa aprender que nem sempre terá uma arma, e que o perigo está em todo o lugar.

— Vai me deixar socá-lo? — Sorrio, ele devolve de forma presunçosa.

— Quase isso, vou *te* ensinar, como nós, russos, fazemos as coisas. —
Pisca.

Suada e irritada, eu me levanto do chão, ele desvia diversas vezes, rindo. Fazendo-me gruir.

Respiro devagar e me afasto, andando em círculos ele dá alguns pulinhos irritantes, resolvo fazer as coisas do meu jeito, aproximo-me dele devagar, e como o esperado ele me passa uma rasteira, acabo caindo, mas sem ele espere, agarro seu braço, fazendo-o cair comigo, o corpo dele cai em cima do meu, fazendo-me gemer.

— Porra... — antes que possa responder as mãos dele estão em meu pescoço. Protesto de raiva, meu corpo transpira suor, quando meus olhos encontram os dele, meu corpo todo se arrepia, ele passa a língua nos lábios, afrouxa o aperto em meu pescoço o suficiente, fecho meus olhos e como toda a força que tenho bato nele.

— Inferno, mulher. — Ele se joga ao meu lado e leva a mão no rosto.

— *Dios*. — Arregalo meus olhos, quando ele tira as mãos do rosto, seu nariz está sangrando, encolho-me. — Per... — A gargalhada dele me corta, fazendo-me soltar o ar que nem sabia que prendia.

— Porra, você é boa. — Levanto-me apressada, pego uma das toalhas em cima do banco, que ele colocou no canto, sento-me ao seu lado limpo seu nariz.

— Onde aprendeu isso?

— Vi em um filme. — Tento conter meu riso. — Seja a distração do seu atacante. — Contenho meu riso. — Você mereceu, é um cretino liso demais e debochou da minha cara nas últimas duas horas.

— Porra, justo. — Quando seu nariz para de sangrar, ele se joga no chão, fazendo um barulho enorme. Deito-me ao seu lado. — Todos os dias às cinco da manhã, aqui embaixo.

Faço uma careta e olho para os equipamentos.

— Você precisa de resistência.

— Odeio dietas — resmungo um tanto magoada.

— Eu falei em dietas? — Ele se senta e inclina em minha direção. — Vou *te* ensinar a se defender não a perder peso. Quantos quilos acha que eu peso? Não é sobre perder peso, é sobre você ser forte o suficiente para matar alguém com uma testada. — Gargalho, ele toca meu rosto.

— Amo quando sorri, você realmente brilha como o sol. — Pisca.

— Sabe que eu posso usar tudo que me ensinar contra você, não é? — Ele dá o maldito sorriso sujo e ri de forma sensual.

— Estou contando com isso, linda — protesto, ele estala a língua, inclinando-se mais em minha direção. — Conto com isso.

IVAN

Meus lábios se chocaram contra os dela, Deus quero beijá-la desde que saí mais cedo, um lado meu quer que ela precise de mim, mas o outro deseja que ela seja capaz de se proteger, hipócrita seria se dissesse que sempre poderei protegê-la, já falhei tantas vezes, já feri as pessoas que mais amei, e as perdi, se eu não for suficiente para protegê-las, que seja capaz de ensiná-la a ser forte o suficiente para jamais ser machucada novamente.

— Sabe que eu posso lhe bater agora, não é? — ela diz, baixinho e trêmula.

Ela e Rosita mudaram todos os meus planos, deixando-me à mercê delas. E talvez quando chegar o momento eu não saiba como voltar para elas.

Não sou capaz de dizer nada, apenas me levanto e a ajudo, ela sorri e morde os lábios.

— Sabe que eu posso bater de volta, não é? Duro e forte. — Ela cora mordendo os lábios. — Acho melhor você ir, Raio de Sol. — Inclino minha cabeça na direção da escada, e sem que eu precise falar novamente, ela sobe escada acima, olho para o meu celular, e por incrível que pareça não tem nada, nenhuma notificação. Limpo o tatame e descarto a toalha com meu sangue.

Subo desligando tudo, verifico as portas e janelas, ouço o chuveiro ser desligado e os passos dela. Espero ela apagar suas luzes e vou tomar meu banho, saio do banheiro e coloco apenas uma bermuda e faço algo que tenho feito nos últimos dias, passo meu corpo pela janela do quarto, agarrando-me

no parapeito da janela e impulsiono meu corpo, com cuidado me sento na beira do telhado, o tempo parece estar parado, não faz calor e muito menos frio, fico aqui, vejo os animais ao longe, ouço uivos e vejo o nascer do sol. O céu sendo pintado aos poucos. É como se eu pudesse vê-las no horizonte, caminhando de mãos dadas, juntas e sorrindo, ela com seu sorriso elegante e minha pequena cheia de vida, vida essa que nem tive tempo de ser presente, os pesadelos com ela se intensificaram na última semana, sou capaz de sentir cada gama de dor que senti ao longo dos anos, minhas cicatrizes parecem pegar fogo e o sono se tornou meu maior inimigo. Ao longe vejo Vegas se apagar e céu se acender, em tons de laranja.

Divido-me entre a dor e elas. Solange e Rosita são capazes de adormecer tudo que traz à tona minha dor, mas quando a noite vem, meus demônios me instigam a deixá-las serem felizes sem mim, incentivam-me a fazer o que vim fazer aqui. Calina entrou no Novo México há duas semanas, imaginar seu sangue em minhas mãos, é a única coisa que tenho feito nos últimos dias. E sei como trazê-la até aqui.

— Posso ao menos respirar? — Sol pede, largo o saco, ela tira as luvas. — Yô preciso de um banho.

— Já vai desistir? — Faltava dois minutos para às cinco da manhã quando ela saiu do quarto e me encontrou, esperando-a no corredor, ela não estava em seu melhor humor, reclamou de dor na bunda e me deu o dedo do meio quando disse algo sujo demais para o horário.

— Certo, nós nos vemos amanhã?

— Sí, parece que um caminhão passou por cima de mim. — Sorrio de lado quando ela se joga no chão suada e cansada, sento-me ao lado dela e abraço meus joelhos. Já vai dar seis e meia da manhã. — Por que está fazendo isso? — Sol pergunta.

— Já lhe disse, nem sempre você terá uma arma. — Tento soar indiferente.

— Tem algo de errado? — especula, sentando-se ao meu lado.

— Você se importa? — questiono, ela fecha os olhos e suspira.

— Mais do que eu deveria — diz, baixinho, os dedos frios dela tocam a pele quente do meu braço.

— Já sentiu como se você não tivesse nada? Não pertencesse a lugar nenhum? — questiono, meu sotaque se sobressai.

— Há algum lugar sim, mas sempre existe sempre algo para se lutar — ela diz. — *Yô* sinto tanto, tanto... Por sua *hija*. — Os olhos dela marejam. — *Yô* não me imagino em um mundo que minha pequena não viva. Ela me deu motivos para imaginar o futuro. Permitiu-me um lugar no mundo, me ensina coisas todos os dias. — A cada palavra me dói mais do que imaginei, quando comecei essa conversa, despretensiosamente.

— Imagina um futuro?

— *Sí*, vê-la formada com honra na faculdade, estarei na primeira fila, fila que ninguém sentou por mim. A vida lhe tirou algo, Ivan, mas não mate esse homem dentro de você. Não deixe esse Ivan que conheço morrer. Eu não posso prever o futuro, mas não mate esse Ivan. — Quero dizer a ela o quão morto eu já sou por dentro, mas não consigo. Engulo o nó em minha garganta.

— Não me importo.

— *Sí*, se importa. — Ela se levanta. — Se importa com a Rosita como nunca ninguém fez — Sol admite. — Se importa comigo, uma desconhecida. Você se importa com Corvo e Carniça, o tiro de raspão no seu braço há meses não era para você, e aposto que aquela bala era para a testa de um deles. Você se importa com o Maldonado, se importa com a Boo. Você se importa. Você pode não admitir, mas aí dentro bate um coração que mesmo falho, é bom o suficiente para se importar e querer proteger todos.

Ela não diz mais nada, apenas me deixa sentado no chão, sozinho, sobe as escadas e quando chega ao topo, olha para trás e sorri.

Não sei quanto tempo fico aqui, sentado apenas, mas me levanto quando ouço vozes e risos. Subo as escadas, quando chego à cozinha Rosita está sentada no pescoço de Carniça e Corvo descasca uma maçã para ela. Sol tira algo do forno e conversam animados, quando percebem minha presença.

— ¡Buenos días! — Corvo brinca.

— Ivanzinho, meu amigo — Carniça me provoca com um sorriso gigante.

— Vocês não se livraram do furgão, não é? — questiono, indo em direção às escadas.

— Prometemos a nossa mascote que levaremos ela para dar uma volta no Bear Russinho, não é? — Rosita morde a maçã e concorda.

— Buenos días — a Florzinha sinaliza com as mãos e me manda um beijo, devolvo com uma piscadinha e ela ri. Sol prende o riso.

— Vocês vieram no furgão? — pergunto já no pé da escada.

— Sol e Vallen nos designaram para ajudá-los com a festinha do Maldonadinho, vamos a Vegas em troca de uns donuts grátis. Vallen descolou para ela uns bichos gigantes, e nós vamos buscar alguns menores, ele conseguiu também um letreiro para a decoração.

— Achei que estava fazendo tudo, Raio de Sol. — Ela ri.

— Na verdade, Vallen e Cobra estão, só vou pegar algumas coisas por minha conta, o resto é com eles, eu apenas ajudei com a lista e Vallen está pegando tudo, vamos apenas buscar algumas pelúcias em uma loja que vi em Vegas. — Ela pisca, balanço a cabeça e subo, enquanto tomo banho, ouço as risadas e gritos.

Quando desço, Sol já está no jardim molhando a horta com Rosita carregando uma cesta com cenouras.

— Você tá bem, cara? — Corvo pergunta, assim que me sento na banqueta. Carniça me estende uma xícara.

— Por que não estaria? — questiono pegando um pedaço de torta de maçã.

— Cara, é pelo furgão? Nós devolvemos e... — Interrompo-o.

— Não. Não é não, apenas não acordei em um bom dia.

Enquanto tomamos café, eles conversam e só ouço.

— Sebastian ligou, parece Handball e Tamara se estabeleceram na vila do Navarro. Pelo que os cara do Sebastian disseram ele não está diretamente envolvido no tráfico, apenas facilita a entrada e saída, em troca de favores e de grana — Corvo explica. — Mas o negócio é mais sujo do que pensávamos, a merda está toda embaixo do tapete.

— Há quantos anos? — pergunto.

— Há quase dez anos, o pai dele troca favores e isso continuou quando o pai dele morreu. Essa maldita rede está ligada no mundo todo. Eles não são apenas marionetes bem pagas. Malditos — Carniça completa. — Segundo pesquisas do Sebastian, eles lucram milhares de dólares todos os meses, as latinas são as que mais se encaixam, mulheres mexicanas e brasileiras são as que mais movimentam o esquema de Handball e Tamara, eles viajam oferecendo mulheres a todos os tipos de homens que você pode imaginar. As mexicanas e brasileiras são em sua maioria mandadas para Turquia. Mas as mulheres selecionadas que são vendidas à parte, não apenas como prostitutas, mas sim como objetos de luxo. Algumas para hospitais em Nova Iorque e outras para esquemas de prostitutas e pets de luxo, como você já havia descoberto.

— Nada diferente do que já sabemos — eles concordam.

— Mas uma coisa me chamou a atenção? — Corvo empurra uma pasta em minha direção.

— Essa mulher, Tamara...

Tamara, enfermeira, 56 anos, folheio os papéis, morou em Londres até 2018, viúva, com um filho fruto de um romance com um mexicano que ela conheceu quando trabalhou no México como voluntária após um surto de febre hemorrágica, mas especificamente na Vila Lustrera...

Corvo empurra duas fotos de Steban Navarro em minha direção.

— Esse é Steban Martinez Navarro e esse é Giuliano Martinez Navarro. Filhos gêmeos de Tamara Thompson enfermeira infectologista e de Alejandro Navarro, morto em 2015 em um confronto com narcotraficantes do Rio de Janeiro no Brasil.

— Steban foi criado no novo México, em Lustrera pelo pai, Alejandro era conhecido como El Navarro, enquanto Giuliano foi criado pela mãe em Londres. Conheceu o irmão há alguns anos, e se envolveu com o mundo do tráfico. Pelos registros e fontes do nosso amigo do FBI, Steban deixou o comando dos negócios em Londres nas mãos do irmão Giuliano, mas ele não conseguiu manter o cargo ao que consta Giuliano tem uma ex-noiva e uma filha de cinco anos, Annie Lavelly e Holly Lavelly[35], elas sumiram do mapa. Não há registro delas nos últimos anos. Matarazzo não encontrou nada

até agora, mas ele continua na pesquisa — Corvo esclarece, mordendo um bolinho de chocolate.

— E onde Handball entra nisso? — indago. Gêmeos, a maldita não bastava colocar um maldito rato no mundo, colocou logo dois.

— Ele é um dos rivais de Dom, o tio dele assinou o pai do Dom e o antigo Press, por isso Dom destruiu essa merda de hierarquia do clube. Já Tamara, é investigada por tráfico de órgãos há anos, mas nunca se teve uma prova concreta sobre ela e seus negócios sujos, ao que parece os alvos dela são travestis que a procuram para implantes de silicone, mas elas nunca saíam da sala. Ela conheceu Handball há alguns anos. Quando viajou de volta para o México. Não existe nada que comprove sua ligação com Steban, apenas essa foto que os homens do Matarazzo tiraram deles em um jantar — Carniça comenta, folheando alguns papéis e me passando.

— E como sabem que é o Steban e não o Giuliano? — pergunto, pois ambos são idênticos.

— As tatuagens, eles são iguais, mas Steban é coberto de tatuagens. Depois disso eles não foram mais vistos juntos — Carniça acrescenta, comparando as duas fotos.

— O esquema de tráfico não era a praia dos Navarro até Tamara ir ao México em 1986, ela e El Navarro desenvolveram um esquema de tráfico há anos. Ele não apresentava falhas o suficiente para ser descoberto. Não até Steban entregar Londres a Giuliano e sua filha cruzar o caminho deles. Sebastian acha que não estava nos planos ela ser assassinada. Ela era morena dos olhos azuis, branca. Diferente das crianças mexicanas ou brasileiras envolvidas no tráfico. Matarazzo nos disse que diferente das mexicanas as crianças brasileiras geralmente são sequestradas, e desde que eles começaram a atuar mais firmemente nos últimos seis anos, o índice de crianças traficadas no Brasil triplicou, existem diversas reportagens de diversas crianças geralmente meninas que somem na porta de casa e são mandadas provavelmente ao México e só depois cruzam a fronteira.

— A profissão de enfermeira é apenas fachada? — pergunto, olhando a foto da mulher. A cara de puta velha e burra, é apenas uma boa fachada.

— Sim e não, ela realmente é enfermeira, mas levantaram algumas suspeitas sobre o hospital de Londres, então ela se demitiu.

— Ela pode parecer uma puta burra, mas é uma maldita desgraçada inteligente, esse tempo todo achamos que era Handball quem comanda o esquema mas, na verdade, é ela. E há anos, ela só usa Handball e os Abutres Locos para ter acesso às fronteiras que não conseguimos cobrir.

— E o Sebo descobriu isso do nada? — questiono, desconfiado.

— Há meses ele luta por informações, ele cobrou um favor de um velho conhecido dele no México, ele é confiável. No máximo quer seu lugar nos lençóis da Sol — Carniça provoca.

— Dominic sabe disso tudo? — negam em uníssono.

— Ele está cagando para toda essa merda. Até tentamos mostrar a ele mais cedo, porém, ele nos ignorou, e mandou mostrar a você — Carniça comenta.

— O que faremos? — Corvo pergunta, juntando os papéis.

— Cortar o mal pela raiz, achar Tamara e mandá-la para o inferno somente com passagem de ida, mandar os filhinhos dela para lá também e queimar tudo que pudermos pelo caminho.

Está na hora de Tamara Thompson se aposentar!

Capítulo 23

*“Conte-me todos os seus segredos
Diga-me o que devo fazer
Os dias estão ficando mais longos, oh
Noites estão ficando dolorosas também
Eu tenho me sentido inquieto, oh
Sentindo que eu simplesmente não consigo dormir
Então, me conte todos os seus segredos
Porque você já sabe sobre mim
Eu tenho anjos chamando meu nome
Eles dizem que tudo vai ficar bem
Eu sei que não deveria me preocupar com sua dor
Mas é apenas quem eu sou”*

Secrets

Faouzia



SOLANGE

Já é noite quando os meninos me deixam em casa com Rosita. Yo prendi o riso, ao notar o quão escandaloso é o meio de transporte dos meninos, e pela cara de Ivan ele não curtiu muito andar no furgão de sorvete. Rosita ficou encantada, ainda mais quando descobriu que o furgão ainda toca a música original. Terminei de enviar tudo por e-mail para Vallen e finalmente nós conseguimos terminar a decoração, ele conseguiu arrumar boa parte dos animais em pelúcia e comprou tudo que faltava. Salazar deu a ele passe livre, e como Vallen é melhor nisso do que eu, apenas lhe disse do que precisávamos e ele deu um jeito.

— Obrigada, meninos, Yo no sei como agradecer. — Rosita dorme em meus braços e suspira, eles conseguiram me levar a todos os lugares e pegar algumas coisas para o chá de Leon.

— De nada, Solzinha. — Corvo pisca.

— Ligue para nós se precisar — Carniça pede, e sai com o furgão. A porta não está fechada. Quando entro ouço o fone de ouvido de Ivan de longe, sentado no chão ele está apenas de bermuda. Ele olha em minha direção e dá aceno de cabeça, subo com Rosita e a troco, colocando-a na cama. Enquanto eu e Carniça pegávamos algumas pelúcias, ela e Corvo esperavam no furgão, qual foi minha surpresa ao voltar e encontrar os dois sentados no chão do furgão comendo uma pizza de pepperoni. Os dois me olharam com aqueles olhos culpados e só pude rir, Carniça se juntou a eles comendo a pizza.

Depois de banhar uma Rosita sonolenta e colocá-la na cama com uma roupinha fresca, tomo um banho e visto meu pijama de ursinhos e desço, Ivan continua na mesma posição, mas, dessa vez, xingando o computador.

Aproximo-me dele, e ele grunhe, ele está em um site de bebês.

— Rosita prometeu me ajudar a escolher, olho essa porra amanhã. Como foi seu dia com os dois idiotas?

— No fale assim deles. — Reviro os olhos. Sigo em direção à cozinha, ele pula do chão e me acompanha. Tiro algumas coisas da geladeira e começo a fazer alguns sanduíches enquanto ele me olha.

— O que foi? — pergunto quando termino o sanduíche, coloco um prato com quatro sanduíches para ele e um pra mim.

Comemos em silêncio.

— ¿Estás bien? — questiono colocando meu copo e o prato na pia. Ele mal tocou no lanche.

— O que sabe sobre Steban Navarro? — Ivan especula, meu coração dispara, dou um passo para trás. Ele arqueia a sobrancelha.

— *No sei de qué estás hablando.* — Quando chego à porta da cozinha, ele segura meu braço.

— Sabe.

— No, No sé... Solte-me. — Ele dá uma risada rouca.

— Era ele ao telefone não era? No dia que eu vim aqui, pela primeira vez. Você achou que era ele no carro quando eu lhe ofereci uma carona, não é?

— No se meta no que no lhe diz respeito. — Tento soar firme.

— Vou me meter até você me dizer por qual motivo a porra um dos malditos assassinos da minha filha quer com você e com Rosita! — Ele solta meu braço e começa a andar de um lado para o outro, como um leão enjaulado, passando a mão no cabelo, diversas vezes.

— Por que ele matou seu marido?

— Co-omo *tú* sabe? — pergunto sentindo meu peito ficar angustiado, a raiva nos olhos dele faz com que me afaste mais e mais.

— Como eu sei que ele estourou os miolos do seu marido? Como eu sei que ele lhe deu a maldita cicatriz em seu peito quando quase lhe estuprou? Esse maldito é um dos responsáveis pela morte da minha filha e matará a sua se você continuar de boca fechada achando que pode proteger o caralho do mundo com uma maldita arma velha.

Ele passa por mim, sobe as escadas, ouço a porta dele ser aberta devagar, o ranger da janela, ouço o telhado ranger, assim como nas últimas semanas.

As lágrimas descem silenciosas, *Dios*, como fui burra ao achar que ele no sabia de nada?

Subo as escadas, quando chego perto do quarto, fecho a porta devagar e meu corpo desce lentamente até o chão. Cubro meus lábios para abafar o soluço que escapa.

Dios, ele... ele matou a filhinha de Ivan, a angústia toma conta do meu peito, estou desolada. Não sei quanto tempo fico aqui, sentada no chão. Deixando as lágrimas escorrerem por meu rosto, mas é o suficiente para ouvi-lo descer do telhado e um tempo depois, ouço a porta da frente ser aberta e seu carro funcionar, arrasto-me até à cama, encolho-me sem saber o que fazer, as lágrimas descem silenciosas sem minha permissão. Vejo o sol nascer, arrasto-me até o banheiro, a água quente me incomoda e viro o registro deixando a água fria, encosto minha cabeça no azulejo frio e deixo a água bater em minhas costas, como facas.

Coloco uma roupa e desço, ele não está no porão. Tiro o tênis e coloco as luvas, a raiva, a dor em meu peito me faz socar o saco de box com mais e mais força, quando meu corpo já não aguenta mais, vou até os equipamentos e faço todas as coisas que ele me ensinou, troco os pesos, pulo corda e quando eu já não aguento mais, sento-me no tatame improvisado, coloco

minhas mãos nos olhos e choro. Meus olhos ardem pelas lágrimas e pelo suor, sinto-me enjoada. Meu estômago revira. Quando foi? Quando foi que eu me apaixonei por ele e não notei? Quando foi que a paixão por Ivan Sarnov, virou amor e eu não notei?

Dios, quando foi que passei a amá-lo como nunca fui capaz de fazer? O furacão de sentimentos confusos e conflitantes em meu peito está me dilacerando, nesse momento me dou conta que meu maior medo não é amá-lo e sim perdê-lo, deixo meu coração se aliviar em um choro doloroso.

— Algum problema, Astro Brilhoso? — Abuelita me para, termino de colocar os doces na mesa e suspiro. — Russos dão trabalho, não é, querida? *Dios*, que homem quente.

— *Yo* e ele não temos nada — digo, mentindo descaradamente.

— Isso não é o que acha, ele está lhe comendo com olhos de águia, *Dios*, como eu amo um romance proibido. — Ela se abana.

Desde o começo da festa, ele não desgruda de Rosita, ele nos ajudou, na verdade, todos os meninos do clube nos ajudaram, todos, Salazar sorri para mim. Judie, amiga de Boo, crispa os olhos em minha direção e acena a cabeça na direção de Ivan, mesmo eu não contando tudo, ela cria mil e uma teorias sobre Ivan, inclusive que ele está seriamente apaixonado por mim. Troco apenas algumas palavras com ele, apenas para avisar que seu chefe babaca está sentado em um toco entre as árvores, vejo Ivan falar com ele por um tempo e depois voltar para festa.

— Ele já está de saída, não se preocupe — diz apenas, muito sucinto.

Mesmo eu me divertindo, meus olhos sempre se fixam nele, que desvia dos meus, já é tarde, ele não fala comigo, apenas com Rosita, enquanto vemos os presentes de Leon.

E quando chegamos em casa não é diferente, ele me ajuda a levar Rosita para cima, sem dizer uma palavra, dá um beijo na testa dela e sai, sem sequer olhar para mim, enquanto troco ela ouço o chuveiro, sento-me perto da cama dela e espero ouvir o ritual de sempre, a porta do quarto ranger, depois a janela e por fim o telhado.

E assim acontece pelas próximas semanas, silêncio. Todos os dias quando desço, ele me ensina tudo, sem dizer uma palavra, essa atitude dele está começando a me irritar profundamente, ele se alimenta em silêncio, nada, por diversos dias chego a duvidar que ele está realmente respirando, quando termino de pular corda, apoio minhas mãos nos joelhos e respiro fundo, trezentos pulos, sem pausa, minhas coxas estão latejando e a maldita cara de paisagem me faz grunhir de raiva.

Endireito-me e ando em sua direção, paro à sua frente e ele arqueia minimamente a sobrancelhas. Isso me irrita tanto, mas tanto que antes de pensar com clareza, fecho minha mão e meu punho atinge em cheio seu rosto, pegando-o de surpresa, Ivan chega até a cambalear para trás.

— *Dios...* — Pressiono minha mão e balanço os nós dos meus dedos que estão latejando, fecho meus olhos, respiro fundo e o encaro. — Seu babaca! — resmungo, ele massageia o queixo.

— Sua direita melhorou — diz baixo, sem emoção.

— Depois de semanas me ignorando é apenas isso que tem a dizer? — questiono, incrédula. — Idiota.

Viro-me para subir de volta, mas ele me puxa pelo braço, e por puro reflexo, pelo maldito reflexo que ele me ensinou a ter na marra nas últimas semanas que foram um inferno, foram inúmeras vezes que ele me derrubou, passando-me rasteiras, imobilizando-me e desviando dos meus golpes, que por muito pouco não acerto uma cotovelada, ele desvia e sorri, puxando-me contra ele, meu corpo suado bate no dele.

— Pare de me bater, porra. — Rio, empurro ele, que não se mexe um milímetro.

— Pare de ser um idiota.

— Você me tratou assim várias vezes, isso faz de você uma grande idiota também, não é? — Suspiro e me sinto envergonhada.

— Sim, uma tremenda idiota. — Afasto-me dele sentindo meu rosto corar.

— Gostaria que as coisas não fossem como são. *Perdóname* por todas as vezes que eu fui uma idiota.

Subo as escadas o mais rápido que posso e vou direto para o quarto.

Faço tudo no automático, sentindo-me uma idiota, quando deixo Rosita com Abi, a sensação estranha em meu peito me faz ficar mal por todo o dia, mesmo rindo com Abuela e Boo, o final da gestação está chegando e ela está tão linda e radiante, mesmo que muitas vezes o brilho dos seus olhos se vá, eles logo voltam quando ela fala de Leon.

Hoje é um daqueles dias que todos resolveram sair de suas casas para vir à confeitaria tomar um café, minhas pernas doem e já perdi as contas de quantas vezes tive cãibra.

— Preciso respirar. — Tento equilibrar a bandeja em meus braços.

— De onde saiu tanta gente? — pergunto, incrédula.

— Você precisa de férias. — Boo sorri, fazendo-me suspirar.

— *Yo no, tú sí.* Está quase explodindo — constato o óbvio, apontando para sua linda barriga.

— Eu fico a maior parte do tempo sentada, vocês não me deixam fazer nada! Voltar troco não é trabalhar. Esse projeto é meu! — ela reclama, indignada, e aponta para o caderno de projetos.

— Casamento estilo barroco? Realmente gosto *no* se discute — digo, olhando para as diversas texturas no projeto do bolo.

— O que não se discute? — Abuelita coloca a cabeça no ombro de Boo, cansada demais para admitir também.

— Casamento barroco.

— O bolo que a noiva quer tem mais cores do que meus olhos podem absorver. Dá conta, senhora safada?

— Perfeito! Ou não me chamo Carmenzita! — diz, toda convencida

— Seu nome não é Carmenzita! — comento, e saio rindo quando um cliente me chama.

— Querida...

— Você e o velho precisam de privacidade, e eu terminar esse projeto, vou para casa assim que finalizar sem contar que o Cobra[\[36\]](#) está lá nos fundos, sentado na caçamba de lixo. — Boo tenta convencer Abulita a deixá-la um pouco só, a sensação estranha volta a me incomodar.

— Tranque as portas — aconselho.

— Eu vou ficar bem. Assim que eu terminar peço ao Cobra para me levar em casa. — Cansada e chateada quando vejo Ivan do outro lado da rua suspiro, *sí* posso estar sendo uma cadela por me sentir magoada por ser ignorada, como *Yo* fiz com ele, mas se para mantê-lo seguro preciso ser uma cadela, eu serei.

— Tudo bem?

— Eu quero que ele exploda — digo mais para mim do que para ela, uma mentira tão fantasiosa que provavelmente vou me arrepender quando chegar à esquina, por ter dito isso.

— Ele fez algo? — ela pergunta, curiosa.

— Nasceu. — *E me fez amá-lo com cada batida no meu coração...*

Despeço-me dela com o coração apertado e saio em direção à casa da Abi, ouço a moto de longe me acompanhando. Maldito *hombre* apaixonante.

— Está tudo bem, filha? — Senhor Freeman pergunta enquanto espero Rosita, ele larga suas flores e se levanta tirando as luvas de jardinagem e me cumprimenta com um aperto de mão.

— Apenas cansada, trabalho demais.

— *Mamá...* — Pego Rosita no colo.

— Prontas para irmos, amor? — Ela desce do meu colo, pega sua mochila e me dá a mão, ela vai o caminho todo cantando e pulando na minha frente. Quando chegamos, abro a porta e ela corre escada acima, e antes que eu feche, Ivan entra silencioso como um gato me assustando, fazendo-me pular de susto.

— Anda devendo, Raio de Sol? — Dou espaço para ele passar.

— Vá à merda — reclamo, rindo, cansada demais para insultá-lo. Caminho em direção à escada e subo, quando chego ao topo, olho para trás e ele está encostado na escada de braços cruzados.

— Sua deliciosa bunda me deve algumas coisas. Inclusive... — Antes que ele termine de dizer, deixo-o falando sozinho, Rosita já me espera sem suas roupas tremendo de frio, sorrio e a pego no colo, sentindo todo meu corpo doer.

Dou banho nela, e depois comemos salada e macarrão com queijo, esperamos por Ivan e ele não desce, ela dorme em frente à televisão, quando me preparo para pegá-la no colo, Ivan desce falando no telefone e vem em minha direção pegando Rosita do sofá.

— Siga-me. — Faço o que ele pede, quando chegamos ao quarto de Rosita, ele a coloca na cama e a cobre, fecha a janela e puxa a cortina, leva as mãos nas costas e tira um revólver, o medo passa por todo meu corpo.

— Quando eu sair, trancará essa maldita porta, e vai me prometer que meterá bala em qualquer um que tentar derrubá-la, se eu não voltar um dos caras virá. Depois eu prometo que vou responder todas as suas perguntas. — Ele segura meu queixo e por impulso me jogo em seus braços, nossos lábios se chocam e todo meu corpo se acende, o medo me faz estremecer em seus braços, ofego, um gemido suave escapa dos meus lábios, os lábios dele queimam nos meus, sua mão desliza pelo meu quadril. — Eu vou voltar, Raio de Sol, seu russo irritante e intragável vai voltar — ele rosna, contra os meus lábios, e segura meu queixo. — Prometa que vai atirar em qualquer coisa que tente atravessar a porta sem ser um dos nossos?

— Prometo.

IVAN

O fogo está consumindo tudo, nada pode ser feito, alguns caras foram para casa da Solange e outros para casa de dona Carmen. A confeitaria não passa de pó.

□ Saia da minha frente, porra! □ Ouço a voz de Maldonado e sigo em sua direção. Mas não é suficiente para impedi-lo de socar um dos nossos homens.

□ Você só vai piorar as coisas, chefe.

□ Me soltem, porra, ela é a minha mulher □ ele berra, chamando ainda mais atenção.

— Tem um homem ferido. — Ele começa uma maldita confusão empurrando os nossos homens.

— Michael? Porra, é o Cobra!

— Ele foi baleado, está perdendo sangue! Ele não está respirando.

— Dom? Pare, porra. — Tusso, a fumaça está começando a irritar minha garganta.

— Como isso foi acontecer? — Quase lhe dou um soco pela porra da audácia da pergunta, mas apenas viro meu rosto, quando uma rajada de fumaça preta vem em nossa direção.

— Os homens de Salazar estão mortos, quatro deles os que faziam escolta na casa da velha, tiro certeiro na cabeça. Cobra estava aqui sozinho... — explico, sentindo meu sangue gelar.

— Não. Não. Não.

— Eu mandei os rapazes, até à casa da velha. — Porra, dona Carmen não merece nada disso, a neta e o bisneto entre a vida e morto. Porra.

— Ela está bem, não está? — Sou sincero. — Porra, Ivan.

— Eles invadiram a casa. Ela e o velho se esconderam no porão, mas estão bem — respondo.

— Eu preciso... Hospital. — Ele começa a gritar e dar ordens confusas ao vento.

— Fique aqui, porra, mate todos que não forem nossos, Russo — ordena para mim.

— Tem um presente pra você. — Os próximos dias vão nos tirar do tédio do último mês.

— Che-ega-a — O cara gemeu, cuspiendo sangue no chão, Corvo arrasta o taco de beisebol de ferro pelo chão.

— Sabe que ele é apenas o nosso aquecimento, não é? — questiono, fazendo Corvo rir, ele está cheio de sangue.

— Esse maldito vai se arrepender por ter tocado no nosso irmão. — Ele quase estourou os miolos de Cobra, um dos antigos membros, que saiu após Maldonado jogar toda a merda no ventilador e fazer voar.

A porta da frente é aberta, Carneira entra e joga um saco no chão.

— Eu sou apaixonado pela arquitetura das igrejas da Velha Vegas. Enrolei ele num lençol, porra, não tem nada aí embaixo, o maldito estava em uma banheira de hidromassagem pelado, desde quando igrejas tem hidro, porra?

— Que porra é essa? — Carniça ri.

— Você roubou um rosário da igreja? — pergunto, levanto-me e chuto o saco e o maldito velho geme.

— Porra, eu dei um pau nesse velho safado, era pra ele sequer gemer. — Ele gira o rosário nos dedos. — O quê? Eu pedi nos pés da santa, porra, leve o velho lá para baixo, Ivan, e faça suas perguntas.

Pego o velho e abro uma das portas que dá acesso ao porão.

— Vai matar o velho, porra. — Eles gargalham quando chuto o velho escada abaixo, até as janelas da cabana tremem.

— Mate esse verme, Corvo, e se livre do corpo, Carniça, nada de colocar esse porra ensanguentado na porra do furgão. Não colocarão Rosita lá de novo se botarem esse merda lá.

— Certo, Ivanzinho.

Desço as escadas, tiro o maldito velho do saco.

— Sua bênção padre. — Jogo o lençol em cima dele, porra que diabos o maldito Carniça tinha que trazer o velho pelado?

Já faz boas duas horas que ele acordou, o cheiro de urina e fezes dele está começando a me irritar, ele se encolhe no chão. Pego a cadeira e me sento à sua frente, cruzando as pernas.

— *Não tomarás em vão o nome do Senhor, o teu Deus, pois o Senhor não deixará impune quem tomar o seu nome em vão. Êxodo 20:7, conhece homem de Deus?* — Ele não esboça nenhuma palavra. Mas agora vejo seus olhos mudarem, todas as mulheres, sem exceção, que o Cookie interceptava, passavam pela paróquia e faziam uma visita ao padre.

— Que tal esse? *Se o teu olho direito te escandalizar, arranca-o e atira-o para longe de ti; pois é melhor que se perca um dos teus membros do que seja todo o teu corpo lançado no inferno. E, se a tua mão direita te escandalizar, corta-a e atira-a para longe de ti, porque é melhor que um dos teus membros se perca do que seja todo o teu corpo lançado no inferno. Mateus 5:29,30, me corrija se eu estiver errado.* — Ele arregala os olhos, antes que consiga me aproximar dele, a porta é aberta e mais um

corpo rola pela escada. — Parece que o senhor tem companhia, homem de Deus.

Puxo o lençol e sorriu.

— Terá companhia, que tal tentar convencê-la a aceitar seu Deus e largar o pó antes que eu lhes mande para o inferno? — Chuto Amber Portman, ela geme delirando. — Tenham uma boa estadia.

Capítulo 24

*“Estou esperando, guardando meu tempo precioso
Perdendo a luz, sinto falta de como éramos
Antes de descobrirmos nossa verdade tarde demais
Resignados ao destino, desaparecendo
Então me diga, você pode voltar?
Preciso de alguém pra me destruir
Ah, me diga, você pode voltar?
Mas de qualquer forma”*

Hold Me While You Wait

Lewis Capaldi



IVAN

— Eu sempre quis usar essa chave. — Corvo beija o molho de chaves e abre a porta da delegacia.

— E como diabos vocês conseguiram a chave? — pergunto, seguindo-os.

— Dom tem uma cópia até da chave da prefeita. — Carniça ri.

Sento-me na cadeira e jogo meus pés sobre a mesa. Corvo se joga num sofá e Carniça em outro.

— Esse lugar fede a gente velha e bunda de dias sem lavar. — Corvo analisa o cheiro do lugar.

— Bhur... — Carniça coloca o dedo na boca e finge vomitar.

Levanto-me e apago as luzes que eles acenderam, volto para a cadeira e me sento, não demora muito e começamos a ouvir um assobio. Quando a porta abre, mantenho-me no mesmo lugar.

— Olá, Taylor — digo. — Se não for atirar, aconselho que não puxe a arma.

Arqueio minha sobancelha quando Corvo pega um dos troféus na prateleira e bate na nuca dele. Ele não percebeu Corvo caminhar em sua direção, Taylor chegou a perder a cor quando me viu.

— É quase sete da manhã, meu lugar preferido no mundo pegou fogo e até agora não preguei meus olhos. — Se justifica tirando a fita do bolso, passa na boca do maldito biscoito e nas mãos dele. — Eu não tenho mais onde tomar café.

— Tenho certeza que Sol, ficará feliz em nos servir algo para comer — digo, chutando o maldito xerife de merda, ele sequer geme, o sangue da sua nuca mancha o carpete. Enquanto os dois amarram passando a corda por cima da fita e amordaçam sua boca com mais fita, pego o notebook dele. Puxo a última gaveta da mesa e ela não abre.

— Vejam se ele tem alguma chave nos bolsos. — Carniça joga em minha direção um molho de chaves, testo todas as pequenas e a última abre, pego as pastas, os Cd's.

— Porra, eu esperava um pouco mais de ação — Carniça admite, rindo quando bate o porta-malas do meu carro. — O quê? É só isso? Cadê os socos, os chutes?

Eles me deixam em frente à casa de Sol, e seguem em direção ao deserto para hospedar nosso novo hóspede. Abro a porta da frente e caminho em direção à escada. Sentindo o peso do mundo em minhas costas. Bato na porta e ouço os cliques da chave, os olhos amedrontados e assustados, me batem como um soco, olho por cima de seu ombro e Rosita ainda dorme enrolada nos lençóis.

Ela me olha dos pés à cabeça e sem que eu espere ela me abraça. Solange treme, devolvo o abraço me sentindo esgotado.

— Eu sinto muito. — Ainda abraçado a ela, começo a contar, e quando ela fraqueja soluçando e tremendo, tiro-a do quarto e a puxo comigo, sinto-me em sua cama e ela faz o mesmo, colocando as mãos sobre os olhos, o choro abafado pelas mãos trêmulas faz meu corpo tencionar de raiva e o desespero quer me tomar, mas me mantenho rijo, apenas afagando suas costas, e quando o choro cessa, ela me olha, o rosto manchado pelas lágrimas.

— Ela vai ficar bem, Raio de Sol. Ela e o moleque vão ficar bem. — Ela nega.

— *Yô* devia ter ficado com ela. Devia. — O desespero em sua voz, o medo, a angústia, faz-me fraquejar, o amor e amizade pela confeitadeira são admiráveis. A dor em seus olhos, dói a alma, a amizade das duas é mais que imaginei.

— Algumas coisas em nossas vidas infelizmente precisam acontecer — digo, sem saber ao certo o que dizer.

— *Dios*, abuelita... *Dios*... — Ela volta a chorar, balançando a cabeça, desacreditada.

— Preciso me escute e se souber de algo, diga. Você não vai proteger ninguém se não me disser o que se sabe sobre Steban. — Ela arregala os olhos e morde os lábios com tanta força, fechando os olhos.

— *No*, me escute... — Ela me olha, desesperada.

— Respire, amor...

— *Yô* no sabia quem era Steban, não até ele e seus homens frequentarem o restaurante em que *Yô* trabalhava. Ele me olhava apenas, mas de repente ele sumiu, ele e os Navarros, quando *Yô* me casei, o inferno começou, recebia ligações, mas convenci Juan a trocar nossa linha. Ele nunca desconfiou, de repente ele sumiu, por anos, nada se ouvia dele na vila, *Yô* tive Rosita... — Ela mal respira e despeja tudo misturando os idiomas.

— Vivemos nuestra vida, mas meses antes de Juan ser morto as ligações começaram, sempre tinha alguém do cartel na nossa venda, comprando coisas de forma exagerada e pagando mais do que deveria por uma única maçã. Quando Juan foi morto eu soube que era ele, o inferno começou, flores, mais flores, presentes caros, coisas de luxo. *Yô* devolvia tudo, quando ele invadiu meu apartamento. Eu o vi pela primeira vez, depois de mais de sete anos. Sete anos — ela diz, desesperada, e pelas minhas contas ele sumiu na época que pai foi morto, quando assumiu o cartel. — Ele disse que me amava que fomos destinados a ficar juntos, e quando *Yô* desviei dele, ele me jogou no chão. — Ela puxa a blusa, revelando o seio marcado. — Ele me cortava enquanto dizia coisas nojentas. Ele parecia estar drogado, gritava. E pensei o quanto eu teria que aguentar, ele prometeu se livrar de Rosita, e que sem ela iríamos recomeçar, Ivan. Que seríamos felizes — Sol

soluça, e em um impulso a pego no colo, abraçando-a, ela treme, sem conseguir respirar de desespero, os olhos apertados, trêmula. Isso me desmonta, ela não é capaz de retribuir o abraço e desesperada continua falando. — *Yo* me desesperarei, *Yo*... Por meses tentei sair no país, mas sempre, sempre era mandada de volta.

— Amor? Porra, respire...

— *No... No... No* que mais ninguém machucado por minha culpa.

— Não foi sua culpa, Raio de Sol...

— *Yo* no sou o que você pensa que *Yo* sou... — Ela se levanta e começa a andar de um lado para o outro, deixando-me ainda mais nervoso.

— Yolanda González, *mi nombre es Yolanda*.

Yolanda González, jamais existiu Solange Esposito, um maldito nome italiano, que porra eu tinha na maldita cabeça que eu não percebi? Um maldito nome italiano.

A porra da boceta dela tirou qualquer possibilidade de clareza que eu poderia ter, sobre quem ela realmente era, ou é. A maldita mentira dela é só a ponta do abismo, ela sequer cogitou a porra da possibilidade de me contar.

Maldonado e o maldito italiano sabem disso desde sempre. Maldonado jamais dá ponto sem nó, ele sabe da maldita história. Tudo. Inclusive do maldito nome falso.

— Foi Matarazzo quem lhe deu esse nome? — Ela concorda. — Você não ia me contar, não é, se não houvesse o fogo. — O silêncio dela dói, machuca mais do que imaginei, não pela porra de uma mentira, mas pelos seus olhos ela jamais cogitou me contar.

— Yolanda González, ela ficou no México. Morreu lá. — Solto um riso pelo nariz. De repente seu olhar mudou. E ela ri em escárnio. — *Tu mirada de desprecio*[\[37\]](#)... *Tu* assim como *Yo*, já perdeu muitas coisas na vida, pessoas que amava e ama, eu perdi alguém que amei a cada batida do meu coração, em meu luto, na minha dor, Steban quase me tirou tudo, quase levou o restava de minha fé. *No*, ele *no* me estuprou, mas quase quebrou minha fé, por uma gama de segundo, *Yo* duvidei de *mi* Santa, de *mi Dios* ... — Ela prende o escapulário entre os dedos. — *Yo* não puxei o gatilho, mas sou responsável pela morte de Juan, de todas as outras mulheres que eram encontradas mortas toda semana, todas com as minhas características, toda

semana *Yô* recebia foto delas mortas, vídeos... Ele dizia que eu era responsável por cada uma delas, enquanto eu não fosse pra ele e lhe amasse como ele merecia. *Yô* não lhe contei e nem pretendia, a morte delas estão em minhas costas, e não suportaria enterrá-lo também, quando Juan se foi meu coração deixou de bater por ele e passou a bater por Rosita, ainda mais forte do que já batia, você não só fez meu coração bater, mas você o faz palpitar a cada batida. E queria lhe odiar por isso, porque um dia você perceberá que há mais no mundo do que ficar com duas imigrantes que no podem fornecer nada além de um teto velho. *Yô* no contei, porque sua vida vale mais, e *Yô* sei que *tu* não vai apenas matar quem fez aquilo com *tu hija*, *tu* vai se destruir no processo, e *Yô* desejo que Dora veja apenas o Ivan que está cuidando da minha filha. *Tu podes* me odiar agora, mas *no* entende que *Yô* fiz isso, escondi isso, por medo de amar a todos, *Yô* fui acolhida por desconhecidos, sou amada por eles. E se mais algum deles se ferir, *Yô no* vou suportar, foram dezenove mulheres, mães, prostitutas, mulheres que tinham uma vida pela frente, *Yô* vou levar as almas sem descanso delas para o túmulo.

Um tapa teria doido menos, quando dou por mim, estou sozinho no quarto, minha repulsa por Navarro me faz odiá-lo ainda mais, o desespero nos olhos dela, faz a vergonha me atingir em cheio, desço e ela já estava na cozinha, Rosita com a carinha cheia de sono está enrolada em sua coberta, ela me vê e boceja esticando os bracinhos para que eu a pegue, Solange me olha, mas desvia os olhos amedrontados, antes que eu possa dizer algo, a campainha toca.

— Eu atendo. — Rosita ainda sonolenta coloca a cabecinha em meus ombros e boceja, e fecha os olhos. Quando abro a porta, Corvo e Carniça ameaçam gritar, mas param no seco ao ver que Rosita voltou a cochilar em meu ombro.

— Bom... Dia. — Ambos sussurram e lhes dou passagem, eles entram tirando os sapatos e deixando do lado de fora.

— Solzinha? — Corvo chama. — Diga que tem um pão seco para esses reles mortos de fome. — Ele para ao lado de Sol e a abraça, ela devolve o abraço fechando os olhos, os ciúmes me corrói, mordendo-me, mas me mantenho impassível.

— Sua expressão de merda é um acalento ao caos, meu amigo — Corvo fala em tom de escárnio.

— Como *mi* amiga está?

— Sabemos tanto quanto você, Sol, a coisa está feia — Carniça responde, fazendo os olhos dela marejarem e respira fundo.

— Escute, não chore. Vamos dar um jeito nessa merda e tudo ficará bem. — Ela serve o café da manhã, mas não toca em nada. Pego algumas fatias de abacaxi, enquanto Corvo e Carniça devoram tudo que tem chocolate

— *Yo* quero vê-la.

— Por hoje ficará com Rosita, até conseguirmos tirar todas as ameaças da cidade — digo, ela me olha e concorda, levantando-se, Rosita ainda dorme em meus braços.

— Ela não está bem, não é? — Corvo pergunta.

— Não, e tenho medo que não fique.

Capítulo 25

“Eu tenho algumas más intenções

Eu tenho algumas más intenções

Eu tenho alguns segredos que eu esqueci de mencionar

Não aprendi a lição

Estou amando todas as imperfeições

Estou amando todas as imperfeições

Eu tenho más intenções, não preste atenção”

Bad Intentions

Niykee Heaton



SOLANGE

Enquanto subo as escadas com minha filha no colo, meu mundo desmorona um pouco mais. Foi lá que passei os meus melhores momentos, foi lá que descobri o quão feliz eu posso ser, passando apenas um café, um simples café me deu os dias mais felizes da minha vida. Quando coloco Rosita em sua cama, caminho para o meu quarto, sentindo como se tudo fosse terminar de ruir a qualquer momento.

Sento-me na poltrona perto da minha janela. E como um filme minha vida passa diante dos meus olhos. A primeira vez que dona Carmen me abraçou, às vezes que ela me fez rir, em dias que achei ser incapaz de sorrir, os abraços inesperados, as ideias de Boo, sua garra, ela jamais me tratou diferente, mesmo em seus piores momentos de angústia, a bondade e o amor imperam em seu coração. Mesmo a tristeza transparecendo em seu olhar, ela é capaz de sorrir e seguir em frente, quando Maldonado a humilhou e na mesma intensidade ela se levantou.

Levanto-me, faço tudo no automático.

— Já é a terceira vez que faz isso em menos de duas horas. — A voz de Ivan me tira do meu estado de torpor, tiro as luvas de limpeza e suspiro.

Não sou capaz de dizer nada a ele, apenas pego os produtos de limpeza e sigo em direção as escadas. — Sabe que precisará colocar essa dor para fora, não é? E não é lavando a privada, diversas vezes, que isso vai acontecer. Eu estarei lá embaixo, no porão, se precisar.

Meu dia passa em câmera lenta, sem uma notícia sequer de Boo. Rosita fica a maior parte do tempo colada em Ivan. Quando o fim do dia chega, entro no banheiro com Rosita.

— *¿Está todo bien, mamá?* — Rosita pergunta, ainda trocando alguns sinais nos dedos, e a abraço.

— *Sí* — respondo, sucinta.

— Vamos fugir de novo? — ela questiona em voz alta, surpreendendo-me. — No podemos abandonar nosso Ivan.

— Querida...

— Podemos levá-lo, longe do homem ruim. Ivan vai gostar de ir. — Junto seu pequeno rosto em minhas mãos. — *Es nuestro amigo, no podemos dejarlo atrás...* — Meu coração fica ainda menor, a angústia em meu peito se faz presente, ainda mais forte.

Ele é nosso amigo, não podemos deixá-lo para trás... Por um segundo, desejo estar vivendo um pesadelo, mas, na verdade, tudo aquilo é tão real quanto o corte em meu dedo.

— Vamos ficar aqui pelo tempo que for necessário. — Tento soar segura, tentando convencer a mim mesma.

Com seus muitos questionamentos, consigo dar banho ela, mal desligo o chuveiro e Rosita já está sonolenta depois de muito brincar, cubro-a e canto baixinho uma de nossas cantigas.

Ela pega no sono e quando desço todas as luzes estão apagadas. Bato a mão na tomada e estremeço ao notar Ivan sentado de cócoras na janela da sala, ele gira a cabeça lentamente. *Dios*. Balanço a cabeça e ele se levanta com uma facilidade impressionante.

— Não vi você comer nada hoje. — Fico em silêncio. — Greve de palavras? Achei que já tínhamos passado dessa fase.

— Apenas *no* estou com fome e *no* há nada para se dizer — digo, abrindo a geladeira e tirando um dos garrafões de suco de laranja. Sirvo-me e devolvo o garrafão a geladeira.

— Vá se trocar.

— *No*.

— Vá colocar a porra da roupa e desça. Antes que eu leve você nos ombros, e garanto que não vai gostar nenhum pouco da forma que eu farei.

— Vejam só, o russo está de volta — mordo minha língua. — Vá à merda. — Quando dou por mim, sou tirada do chão, ele me joga em seus ombros.

— Que porra você está fazendo?

— Veja só, ela conhece alguns palavrões sujos.

— Coloque-me no chão.

— Claro que vou. — Soco suas costas com força e ele sequer reclama. Ele desce os degraus da escada de forma rápida, tento me soltar, mas ele me joga como um saco de batatas no chão. Enfurecida, meu pé atinge em cheio sua virilha e ele me olha com raiva, antes que ele coloque o corpo sobre o meu, rolo pelo tatame e impulsiono meu corpo, colocando-me em pé. Ele se curva, empurro-o e ele geme em protesto.

— Durante semanas levei diversas rasteiras de você, em algum momento eu teria que aprender, não é? — Soberba, dou a volta em torno dele e chuto suas costas com força, devolvendo cada rasteira que ele me deu, nos últimos tempos. Foram semanas e semanas levando rasteiras.

— Porra.

— Não me diga que perdeu o jeito, Russo? — Ofegante, sorrio, fazendo-o rosnar entredentes. O olhar dele sobe por meu corpo parando entre minhas pernas. Mordo os lábios, é a distração suficiente para ele bater o braço de forma certa em minha coxa, fazendo-me gemer, meus joelhos vacilam e meu corpo pende para frente, ele me derruba, mas, antes que possa rolar, ele coloca o corpo em cima do meu.

Sua boca atinge a minha em cheio, a raiva me faz cravar as unhas em suas costas, suspiro.

Todo meu corpo parece pedir por ele.

E por *Dios*, sou incapaz de negar.

IVAN

Suporto a porra da melancolia dela durante todo o dia, o silêncio é diferente dos que ganhei das outras vezes.

O shortinho dela se embola marcando a porra da boceta molhada, ela crava as unhas em minhas costas, afasto a porra do shortinho e meus dedos encontram o paraíso melado, meu pau baba em minha bermuda, latejando.

— *Dios*. — Meus dedos deslizam, os lábios dela se abrem, em um convite, a porra do shortinho, fica ainda mais úmido. Insano demais para pensar sobre algo que não seja o gosto da boceta dela, afundo meus dedos, em um vai e vem, fazendo-a arquear o corpo contra o tatame. Ela geme, os cabelos soltam grudando no corpo.

Meu pau dói, pelo chute e pelo tesão. Eu nunca desejei uma mulher como a desejo.

Ela ofega, afasto-me tirando a porra do minúsculo short, a boceta dela brilha, minha boca saliva, ela abre as pernas em um convite silencioso. Quando meus dedos voltam para sua boceta, ela geme e rebola em minha mão, tentando levar meus dedos mais fundo, imagino meu pau babado e a enchendo de porra. Somente a ideia me faz gemer. Sem a porra de qualquer vergonha, quanto mais eu levo meus dedos em sua carne molhada mais ela geme, meus lábios molham o tecido fino da camiseta, os seios sensíveis contra o tecido molhado ficam ainda mais bonitos. Quero apenas afundar meu pau, mas a merda da última semana foi demais para levá-la como um animal aqui. Tenho a porra de várias cartas na manga, quero lhe ensinar tudo, para que ela possa ser feliz.

Deixar Yolanda no passado, não existe uma Yolanda, nunca existiu e nem vai, ela é minha. Meu Sol. Meus lábios se chocam com dela, a intensidade dela sobre mim, seu poder, me dá a certeza que nunca erreí sobre ela. Forte, determinada, apenas adormecida, e não vou deixar a porra da Yolanda enterrar a Sol, a minha Sol.

Se eu tive dúvidas, elas foram sanadas hoje. Essa mulher nasceu para ser minha. Seja qual foi o meio que o destino achou. Elas me acharam para me fazer sentir vivo de novo.

Vivo.

Meus lábios descem pelo corpo dela, ela leva a mão em meus cabelos, passa as unhas de forma suave, sua boceta brilhante implora para ser chupada, como nunca foi. Minha língua desce sobre ela e ela larga meu cabelo, levanto meus olhos entre os cílios e ela leva a mão aos lábios, abafando um gemido, ela se contorce. Sorrio, quando ela geme, o vai e vem dos meus dedos em sua boceta a faz choramingar de prazer, passo meus dentes sobre seu clitóris e ela grunhe ainda mais alto, sua excitação escorre entre meus dedos, ela estremece e se desmancha. Eu não deixo nada, faço-a suspirar, enquanto minha língua dança em sua boceta.

Meus lábios tocam os dela, que suspira contra os meus. Quando ela abre os olhos, a tempestade que estava neles não se faz mais presente, toco seu rosto.

— *Yo* te odeio — ela diz, sorrindo, devagar, os olhos dela marejam. — Sinto muito por ter lhe batido. Isso nunca dará certo, *tu no* entende? *Yo e tu*. Apenas vamos nos ferir. — Ela fecha os olhos.

— Esqueça por um momento toda essa merda, e foque em nós dois. Em sua filha e eu. Viva o agora. Eu dou um jeito no depois.

Ela suspira e toca meu rosto.

— Você vai me destruir... — ela geme baixinho, aproveitando sua distração e dedilho meus dedos em sua boceta melada.

Inclino-me mordendo o lóbulo de sua orelha.

— Enquanto não admitir que me quer o suficiente, não vai gozar de novo.

Levanto-me e ela continua no chão, ofegante, estendo a mão e ela me dá o dedo do meio, fazendo-me rir.

— Qual é sua intenção, *Dios*? — ela questiona, ofegante.

— Minhas intenções são as piores possíveis, amor. As piores, Raio de Sol.

Capítulo 26

*Quer caminhar até a borda da terra
Gritar o seu nome até que os fogos passem pela minha perda
Quero beber até a profundidade do desejo
Para correr de volta para você e deitar, me faça sua
Eu ainda posso sentir sua respiração sobre mim me sentindo
Eu poderia transar com você por toda a eternidade, infinitamente*

Infinity

Niykee Heaton



SOLANGE

Devia me sentir culpada, cansada. Mas na manhã seguinte, acordo mais cedo que o normal e desço, faço todos os exercícios, pulo corda até suar, quando tiro as luvas e me preparo para retirar as fitas, Ivan abre a porta do porão e desce as escadas.

— Vejo que foi mais rápida hoje. — Dá um sorriso de lado. O interior das minhas coxas lateja. Depois de *no* conseguir falar com abuelita decidi que vou ao hospital, queira Ivan ou não.

— Você voltou a ser insuportável e intragável.

— E você sentiu falta — comenta, regulando os pesos.

— Se continuar socado o saco assim vai acabar destruindo — ele comenta, e vem em minha direção, e antes que ele me agarre, dou a volta no saco de box e sigo em direção à escada, mas ele é mais rápido e me puxa fazendo meu corpo bater no seu. Meus lábios tocam os deles em um beijo quente e molhando. — Bom dia, amor. — Ele pisca.

Maldito russo insuportável. Depois de nosso encontro no tatame, ele sai e eu permaneço deitada.

— Continuar negando, que é minha, só torna tudo mais gostoso. — Pisca passando por mim e apalpando minha bunda.

— Insuportável. — Ele tira a camisa, mordo os lábios, *Dios*, ele substitui meus pesos e estica os braços, ele puxa a bermuda nas cochas, e marcando o volume cheio entre suas pernas. Passo a língua pelos lábios e ele balança a cabeça.

Dios!

Minhas pernas estão bambas. Imagino minhas mãos deslizando pelo corpo do russo!

No! No, se atreva! Tento ler algo para tirar pensamentos ruins que rondam minha cabeça. Mas não está funcionando.

Boo... Ah! Deus por quê? E se eu tivesse ficado com ela? Poderia ter ajudado e... Minha cabeça está uma confusão.

— Pensando na confeitadeira, Raio de Sol? — Dou um pulo na cadeira da cozinha.

— Já *no* disse para *no* chegar de surpresa? — Ele abre a geladeira. Odeio-me, ele tem uma toalha amarrada na cintura, cheira a sabonete e canela. Ele me provoca quando passa pela cozinha, suado e perigosamente sexy.

Fecho minhas pernas, sentindo-me molhada. *No! Dios*, ele tem um maldito poder sobre mim, que *Yo no* sou capaz de impedir, e nem sei se quero impedir.

— A água estava fria — Ivan comenta, ao pegar uma garrafa de leite e tomar.

Santa Maria mãe de Deus. Tome seu fodido! *Yo* desliguei o registro do lado de fora.

Uma gota de leite escorre pelos seus lábios e ele passa a língua.

— *Mas* pessoas vão beber desse leite.

A única pessoa que vai beber o leite serei eu, já que Rosita tem seu próprio leite em pó e ele sabe muito bem disso, já que sua cara de deboche, faz-me revirar os olhos.

— Mais, Raio de Sol. Mais — ele arrasta a palavra, corrigindo-me. Olho as suas mãos quando ele encosta no balcão, vejo os nós dos dedos machucados. Involuntariamente toco. Ele retira a mão por instinto, respiro

fundo, ele coloca a mão novamente, mas me afasto. — Toque — o Russo manda.

Dios! Sotaque russo dos mais perversos demônios! Desde nosso encontro ontem à noite, tudo que tentei deixar adormecido voltou, os sentimentos confusos e o desejo por ele.

— *No.* — Levanto-me, vou até à geladeira e pego a garrafa de água. — Precisa ser mais silencioso. Ouvi você subindo as escadas às duas da manhã, Russo. — Eu sei que ele e os meninos devem estar fazendo algo com as pessoas que fizeram aquilo com a Boo, isso *no* me assusta, pois sei que eles têm suas regras, mas imaginar que ele pode ser alguém diferente do russo inconveniente que conheço me assusta.

— Acordada pensando no meu pau? — engasgo com a água.

— Você não vai para esse seminário de massagem tântrica. — Engulo a água e olho para ele.

— *De qué estás hablando?* — Tento parecer séria, mas meu corpo estremece.

— Não vai tocar em outro homem, Solange. — Olho indignada para ele. — Vai tocar em mim.

— *No! No! No!*

Ele se aproxima de forma lenta e sensual, a toalha cai um pouco revelando seus pelos aparados abaixo do umbigo. Instintivamente, passo a língua nos meus lábios.

— Sim. Sim. Sim. — Ele me encurrala entre a geladeira e ele.

— *No* vou tocar em seu... Seu...

— Meu pau? — responde, lambendo os lábios, rindo de forma lenta. A dureza em seus olhos estão lá, mas ainda assim há uma sensualidade e determinação inquestionável.

— Sim — respondo, convicta.

— Vai — retruca, firme e pronuncia um palavrão em russo.

— *No* fale palavrão — ele ri, baixo, fazendo seu peito vibrar de forma gostosa e animalesca.

— Está molhada, bunda doce. Muito molhada. — Ele se curva, dizendo um apelido que há muito tempo ele não usa, mantendo seus braços

para cima e olha para curva dos meus seios. — Serei sua cobaia. Adorei os óleos que comprou.

— Você abriu minha encomenda, seu Russo ordinário! — Soco seu peito. Ele pega meu pulso de forma sensual, lambe meus dedos e os beija.

— Sim, abri. Você não precisa de um pau de borracha quando tem a mim, Raio de Sol. Pareço minúscula perto dele.

— No tinha esse direito. — Sinto-me como uma geleia mole.

— Não, eu não tinha, mas abri. — Ele lambe os lábios de forma descarada e sensual.

Olho dentro dos seus olhos, cor de mel.

— Aceito que seja minha cobaia, mas com uma condição.

— E qual é, meu Sol? — Ele se abaixa e passa a língua sobre meus lábios.

— Que faça aquilo *con tu* boca. — Minhas bochechas queimam, ele ri sensualmente.

— O que com a minha boca, meu Sol? — Ivan beija o canto da minha boca com malícia, fazendo ondas de prazer e antecipação percorrerem meu corpo.

— *Tu sabes!* — Ele ri, fazendo-me gemer. Ivan se afasta com os olhos cheios de dureza. Estremeço me afastando.

— Fale, quero ouvir você dizer. — Umedeço meus lábios, respirado fundo e tomo coragem, trêmula sem ter ideia do que estou fazendo, puxo o nó da toalha. Ele ri antes que eu faça algo, sua mão calejada e gélida agarra a minha que transpira, levando até ele. Ele pulsa sobre minha mão, fazendo-me gemer. Fecho meus olhos e passo a língua pelos meus lábios. — Abra os olhos e diga, mulher!

Segurando firme minha mão, ele simplesmente me faz descer e subir, engulo em seco. Grande, grosso e pesado. Abro meus olhos e fico na ponta dos pés, o máximo que consigo e alcanço seus lábios carnudos e vermelhos como cerejas. Indo contra seu ritmo, travo minha mão, passando o dedo do líquido pegajoso da ponta, ele faz uma careta e balança a cabeça.

Nu em minha cozinha, sozinha com um assassino, fazendo algo que por Deus os céus reprovam.

Afasto minha mão, levando os dedos aos lábios. Sinto o gosto cítrico.

— O abacaxi de ontem *te deixo uma* delícia... — Mordo a ponta do meu dedo e ele fecha os olhos, mordendo os lábios com força.

— Traduz, Raio de Sol — é mais como um gemido rouco em tom de ordem.

— Você ficou uma delícia. — Ele abre os lábios, e solta um riso sexy. Ele aperta os olhos com força.

Ri escapando do seu aperto, ele permanece de costas e percebo seu corpo tencionar.

— Quero que me faça ver estrelas, Russo. — O corpo dele parece estar em ebulição. Magro e esbelto. Passo a língua nos lábios.

— A palavra, mulher quente, e pare de me chamar de Russo — resmunga algo em sua língua.

— Quero que me faça gozar, Ivan. — Ele se vira. Engulo em seco fechando os olhos.

Ouçoo andar, aproximando-se.

— Serei todo seu essa noite, mulher quente, mas retire seu nome do maldito seminário. Ou eu vou retirar e você não vai gozar. — Ele ri. — Vá ao meu quarto, suas coisas estão lá.

Abro meus olhos.

— *Usted... Usted.*

— Sim, levei tudo pra lá, inclusive as malditas algemas e a fantasia de coelho. — Minhas bochechas pegam fogo, ele toca meu rosto de forma suave.

— Se pensou em usar com outro. Tire essa maldita ideia da cabeça, Raio de Sol.

Engulo em seco. Eu *no* comprei pensando em usar, nada daquilo, mas o preço dos produtos estava pela metade e dona Carmen me garantiu que o frete era grátis. Eu apenas li os e-books e assisti as aulas, mas não havia nada de sexual.

— Sou seu hoje, e amanhã antes de acordar você goza, mas dorme comigo, na minha cama.

— *Yo* no posso deixar Rosita! — exclamo, constrangida.

— Ela não acorda pra nada, Raio de Sol! Inclusive se ela acordar, eu verei.

Olho para ele sem entender.

— Câmeras, Raio de Sol. Inclusive na sua gaveta de calcinhas. Use aquela com tiras vermelhas. — Ivan passa a língua nos lábios.

— E não se depile, Raio de Sol. Gosto de você assim — diz, ao passar os dedos pelo meio das minhas pernas de forma faceira. — Cheia de cachinhos.

— *Yo no vou transar com Usted.* — Tomo coragem, meu corpo parece que vai pegar fogo.

— Achei que ia dizer que faremos fazer amor. — Ele ri. — Quer que eu faça amor com você, Raio de Sol? — Ele tenta se aproximar, mas a bancada impede. — Lento e gostoso? Como sonhou?

— Você não faz amor, Don Sarnov. — Ele fecha os olhos como se o apelido incomodasse.

Mesmo por cima da bancada, ele conseguiu segurar meu queixo.

— Ivan, o Ivan faz. — Gargalho. De repente a esfera de calor se desfaz. Dou de ombros. E ele fica rígido.

— Se quiser a massagem, ainda vou ao seu quarto. — Engulo em seco. Viro-me para sair da cozinha. — Aliás, estenda a toalha no varal. Se deixá-la molhada no sofá de novo, eu mesma te penduro para secar no sol, Russo.

Trêmula, bato na porta de forma leve. Ouço um entre leve e sensual arrastado.

Entro no quarto dele, ele está sentado na cama vestindo uma calça de moletom, de óculos olhando para o computador de forma estranha. Ivan acabou de tomar outro banho, ele está molhado, com os cabelos pingando, com o peito todo com algumas gotas, a pele bronzeada reluzente e convidativa.

Dios!

— Vai entrar, Raio de Sol? — resmunga, sem tirar os olhos do computador. Entro, fecho a porta e passo a chave na porta, ele ri de forma baixa.

Engulo em seco, aproximo-me da mesa onde meus óleos de massagens estão.

— Sabe que não vamos apenas fazer massagem, não é, Raio de Sol?

Engulo em seco, ele me olha de cima a baixo. Colocando o notebook do lado, ele levanta o quadril e desce a calça.

Dios, fecho meus olhos, ouço a risada sexy e rouca dele.

— Abra os olhos, Raio de Sol. — Faço o que pede, devagar, ele está com os braços atrás da cabeça e com uma toalha de rosto pequena sobre... Sobre seus documentos.

A toalha está em pé, como uma cabana, mordo os lábios.

— Mostre-me o que aprendeu, Raio de Sol...

— Amo sua capacidade de oscilar entre a Sol inocente e tímida, e a Solange que me come com fogo nos olhos.

— Como sabe do seminário? — Ele ri, apontando com a cabeça em direção a caixa.

— Havia um convite na caixa, e amor? Eu não coloquei uma câmera em sua gaveta de calcinhas.

— Irritá-la e excitá-la é um bom passatempo. — Pisca, levantando-se e vindo em minha direção.

— *Yô* sei. *Yô* revirei cada canto do meu quarto. — Ivan vem em minha direção, quando minhas costas encostam suavemente contra a porta, suspiro, sôfrega. Não sei quando, mas ele se tornou o perigo que quero provar, as barreiras que eu quero quebrar, *Yô* nunca fui capaz de sentir borboletas assim, jamais me imaginei sendo assim.

Ele escova seus lábios nos meus, a sensualidade do beijo molhado e forte me faz gemer, ele sorri contra os meus lábios.

— Ivan... — Arregalo meus olhos quando ele se afasta e me pega nos braços, passando as mãos pelas minhas costas e o braço em meus joelhos. — A massagem... — Tento dizer a ele que eu sequer sei usar aquelas coisas, pelo menos não, na prática.

— Temos a noite toda, Raio de Sol... A noite toda. — Ele cola meu corpo contra o colchão. — Foram alguns meses lhe desejando, querendo cada centímetro do seu corpo, imaginando como seria tê-la somente para

mim. — Passo meus braços por seu pescoço, meu corpo treme em antecipação. — Não existe qualquer chance de isso entre nós ser passageiro.

Ele me beija, os lábios molhados e macios, mas firmes, provando o quão real é sua afirmação, sobre nós dois. Só consigo gemer, os lábios dele descem tocando minha pele, fazendo-me suspirar, ele sorri descendo a alça da minha camisola com os dentes. De maneira automática afasto minhas pernas, ele sorri contra pele quando seu corpo roça contra o meu. Ele se move contra mim, seus olhos brilham perigosos. Os dedos dele deslizam contra minhas pernas, quando ele toca entre minhas coxas, meu corpo vai ao encontro dos seus dedos e ele ri de forma rouca e arrastada.

— Sempre pronta para mim, amor? — Não consigo esboçar qualquer resposta. Os dedos deslizam sobre minha pele úmida e molhada, engasgo quando sinto ele se afastar, ele tira o short, jogando-o para longe. — Eu sou limpo, Raio de Sol.

Mordo meus lábios e fecho meus olhos.

— *No* se preocupe, não vamos ter surpresas — digo, sentindo-me amarga a esfera de prazer se desfaz e ele me olha. — *Yo* *no* posso ser mais mãe...

IVAN

A afirmação dela e a tristeza em seus olhos me quebram ao meio, pego-a e a trago para o meu colo, ela desvia os olhos, porra. A camisola embola em sua cintura, passo uma mão por suas costas e levo a outra para seu rosto e a faço olhar para mim.

— *No* importa. — Ela tenta me beijar, mas a paro.

— Importa — digo, e acaricio seu rosto.

— Mas o que mais importa agora é *lhe* fazer bem. — Meus lábios se chocam com os dela, se conversarmos sobre esse assunto agora perderei a porra da oportunidade de quebrar essa barreira que ela colocou entre nós dois, meus dedos tocam cada centímetro de pele disponível, ela suspira quando tiro a camisola revelando seu corpo, voluptuoso, cheio de curvas, seios fartos, a cintura delgada, seu rosto fica vermelho e ela fecha os olhos, já os meus descem pela pele, a cicatriz em seu seio quase tira meu foco,

traço meus dedos por ela, Steban terá uma igual, que vai até o osso e vou garantir isso.

A barriga saliente cheia de dobrinhas ostenta a cicatriz da vida, a vida de Rosita, ela suspira inclinando para trás apoiando as mãos no colchão, fazendo os seios ficarem ainda mais deliciosos, a boceta molhada brilha, passo minha mão por sua cintura e elevo meu corpo, devolvendo-a ao colchão. Meus dedos mergulham em sua boceta doce, fazendo-a suspirar e morder os lábios. Desço meus lábios pelo corpo delicioso sentido meu pau latejar, quando beijo seus seios ela geme, e isso me agrada, repito o movimento. Circulo seu seio com a língua, mordo levemente, ouço-a suspirar.

Meus dedos mergulham na boceta olhada.

— Inferno... — Ela solta, mordendo os lábios sem sequer se dar conta do palavrão. Sorrio contra sua pele, desço meus lábios por seu corpo, beijando e mordendo cada parte, até as mais escondidas, eu não sou a porra do seu falecido marido, há coisas sobre ele que agora faziam sentido, o brilho que ele tirou dela, farei questão de devolver e mostrar a mulher que ela é. Subo os beijos, frustrando lhe.

— Gosto de como soa, sua deliciosa boca suja e sua linda bocetinha molhada, são a combinação perfeita de menina má, amor — digo em seu ouvido, devagar, no ritmo dos meus dedos, no ritmo do vai e vem deliciosamente melado.

— Mas terá que me dizer mais que alguns palavrões, para ter minha boca lhe chupando.

— No vou dizer... — protesta, manhosa, cravando as unhas em minhas costas, quando levo meus dedos mais fundo.

— Tem certeza? — Mordo o lóbulo de sua orelha devagar, desço minha língua por seu pescoço passeando entre o vale dos seus seios.

— *Chupe minha bocetinha molhada, Russo?* Não soa nada mal, não é amor? — Passo meu polegar sobre seu clitóris, fazendo-a suspirar e desço devagar, torturando sua pele com deliciosas mordidas, o corpo cheiroso, macio e receptivo ao meu toque me faz cada vez mais duro, desejando-a.

— Por favor... — Ela arqueia o corpo em minha direção, abrindo mais as pernas.

— Me chupe, Russo. — Sinto o corpo dela trêmulo quando mordo sua coxa e chupo, deixando minha marca. Passo minha língua sobre a marca, ela estremece, minha língua varre cada centímetro, fazendo seus dedos traçarem meu cabelo, tê-la me chamando de Russo, é a porra de um gatilho dentro de mim, todo meu corpo pensa em apenas uma coisa, fodê-la, até que, fique satisfeita o suficiente para sequer cogitar a ideia de que ficarei fora de sua vida. Ela é minha, e no inferno não vou permitir que ela negue mais, que é minha, toda minha.

Porra de boceta doce, quero fazê-la gozar, mas não. Ela só vai chegar lá quando meu pau bater fundo dentro dela, tomando cada centímetro. O corpo dela reage de uma forma única. Minha língua desce mais uma vez meu dedo desliza por seu clitóris e ela geme, extremamente molhada. Minha língua substitui meu dedo e ela choraminga, segurando os lençóis de forma firme, seus dedos ficam brancos quando chupo o pequeno ponto de prazer. Meus dedos deslizam para dentro dela novamente, apertando-me e ansiosa pelo meu pau. Deliciosamente apertada e pronta para ser fodida.

Com um sorriso sujo e canalha, afasto-me dela. Meus lábios sobem por seu corpo e quando meus lábios tocam os dela em um beijo sujo e molhado, tenho certeza que ela pode sentir seu próprio gosto em minha língua, deslizo entre suas pernas, meu Raio de Sol ofega, sôfrega, quando meu pau desliza pelas dobras molhadas, cravando as unhas em meus braços, meus olhos encontram os seus e não precisa da porra de uma palavra, ela geme travando uma das pernas em minhas coxas, ficando ainda mais aberta.

Meu pau desliza em sua entrada. Alcançando sua cintura, ela choraminga passando suas pernas em mim, fazendo-me ir mais fundo e porra a sensação de estar dentro dela é melhor do que qualquer porra de sonho, mantenho-me parado e quando os olhos dela se encontram com os meus, ela balança o corpo em um convite silencioso me fazendo deslizar mais, e porra é o céu, empurro nela cada vez mais, ela se derrete, agarrando os lençóis, não há palavras sujas, apenas os sentimentos e nossos gemidos, meus dentes cerrados, controlo-me para não fodê-la como sempre quis, desde a primeira vez que a vi. Deus, se esse for o fogo no inferno, ele é deliciosamente quente. A cada investida minha, o corpo dela parece se encaixar cada vez mais ao meu.

Como um animal, estoco contra ela sentindo as unhas em minhas costas,afiadas me marcando, meus lábios descem contra os seios doces. Ela geme.

— Russo... — A cama batendo contra a parede a cada investida. Solange geme mais alto, arqueado as costas e prendendo minha cintura contra suas pernas, fazendo-me ir ainda mais fundo, minha mão desce entre nós dois, meus dedos encontram seu clitóris e ela choraminga de prazer, a cada estocada meus dedos batem mais e mais fortes, não consigo esboçar nada, só rosno tamanho é o prazer. Meus dedos deslizam por seu pescoço prendendo nele, ela segura meu pulso, gemendo, travando seus dedos, contra meu pulso, sua boceta apertada, jogo a cabeça para trás e chio rouco, minhas bolas apertam e soco fundo quando explodo, enchendo-a com minha porra, fazendo-a me apertar, cravando as unhas em meu pulso, minha mão alivia o aperto em seu pescoço, deslizo meus dedos pelo seu rosto, ofegante, puxo o ar com força e balanço contra ela devagar, fazendo de nós dois mais melados ainda, ela geme mordendo os lábios, meus lábios encontram com os dela.

— Minha... — sussurro contra sua boca gostosa, ela ri ofegante. Saio de dentro dela, jogando-me ao seu lado, fazendo a cama ranger. — Se negar, minha porra vai escorrer ainda mais, fazendo você sentir a veracidade dessa palavra. — Para minha surpresa ela rola, deitando a cabeça em meu ombro, olhando em meus olhos.

— *Tu* será minha ruína. — Ela morde os lábios, levo minha mão e belisco seus seios de forma suave, fazendo-a gemer. — Então essa é sua ideia de massagem tântrica?

— Não, essa é minha ideia de como sua bocetinha fica ainda mais deliciosa cheia da minha porra — digo, fazendo-a tocar meu peito. Ela fecha os olhos, apertada as pernas, juntas, sem que ela espere agarro sua coxa e a jogo sobre minha perna trazendo sua boceta melada e quente contra mim.

— *Dios*, você é detestável e convencido. — Ela passa a mão por meu peito, fecho os olhos ao sentir as cicatrizes.

— *Yo* não tenho ideia das coisas que *tu* passou.

— Mas o que importa é que eu estou aqui, e pronto para *te* foder de novo, até o dia amanhecer...

Capítulo 27

*E eu quero beijar você, fazer você se sentir bem
Estou tão cansado de dividir minhas noites
Eu quero chorar e eu quero amar
Mas todas as minhas lágrimas foram desperdiçadas
Em outro amor, outro amor
Todas as minhas lágrimas foram desperdiçadas
Em outro amor, outro amor
Todas as minhas lágrimas foram desperdiçadas
Em outro amor, outro amor
Todas as minhas lágrimas foram desperdiçadas
E se alguém machucar você, eu quero brigar
Mas minhas mãos foram quebradas muitas vezes
Então eu usarei minha voz, serei rude pra caralho
Palavras, elas sempre ganham, mas eu sei que vou perder*

Another Love

Tom Odell



SOLANGE

Seu punho enrola em meu cabelo, e a cada investida, posso senti-lo ir mais fundo me levando à borda, sua mão estala em minha bunda, fazendo-me sentir cada vez mais suja e excitada, querendo mais e mais, mais dele. Sua mão desliza pelo meu cabelo novamente, enrolando e puxando minha cabeça, ofego de prazer. Seus lábios encontram meu pescoço exposto, quase atinjo meu limite quando ele chupa e morde levemente minha pele, ele me puxa, fazendo meu corpo bater conta seu peito duro, nunca me senti tão preenchida, cheia, as estocadas fortes me faz chegar à borda, mas me traz de volta quando ele sai vagaroso e volta forte, levando tudo de mim.

— Nunca vou me cansar dessa bocetinha — ele rosna, contra o meu pescoço. — Vai lembrar do meu pau *te* esticando a cada passo que der amanhã, querendo-me dentro de você, fodendo-a novamente. — A cada palavra suja e ofegante sua, minha bunda bate contra ele, sua mão desliza novamente pelo meu pescoço, travando-o, fazendo-me ofegar a cada investida, seu aperto em meu pescoço me faz ainda mais ansiosa, sua outra mão desliza entre nós dois e eu me quebro, tremendo, estamos uma verdadeira bagunça, quando ele bate fundo apertando meu corpo contra o dele, desmancho-me contra ele, sentindo cada estocada funda, e quando ele atinge o ápice, Ivan morde meu ombro e em resposta mordo meus lábios, fortemente, tentando conter o grito de prazer que quase escapa pelos meus lábios.

— Minha — Ivan balbucia, amoleço e ele me ampara, saindo de mim, suavemente, automaticamente me sinto vazia, mordo meus lábios ao sentir nossa bagunça escorrer entre minhas pernas. — Gosta de ter minha porra escorrendo por essa deliciosa bocetinha, não é? — Assinto, tendo a certeza que eu jamais admitiria isso olhando em seus olhos, sua risada suja e crua me faz pulsar desejosa. Ele me soltou e eu me joguei contra a cama fazendo um barulho enorme.

— *Dios*. — Rio, ele se deita ao meu lado.

— Da próxima foderemos no chão — ele diz, tocando-me, tamborilando os dedos por meus lábios, paro sua mão.

— *Yo* estou ardida pelos próximos dias — digo, sentindo meu rosto corar, ele ri, colocando o corpo em cima do meu.

— Sinal de uma linda bocetinha bem fodida, amor.

— *No* vai parar de dizer essas coisas? — pergunto, bocejando.

— Posso dizer o quão pronto estou para foder sua deliciosa bunda. — Pisca, empurro-o de leve, ele se afasta e deita, puxando-me contra o seu peito, ajeito-me e coloco minha coxa sobre sua perna.

— *No* vai foder minha bunda.

— Ah! Vou sim, vou encher cada centímetro desse rabo gostoso com meu pau e você vai gostar, princesa. — Ele aperta minha bunda, acabo gemendo dolorida. — E pedir por mais. — Não sou capaz de retrucar, mas sinto o beijo em meus cabelos quando o sono me leva.

Os beijos molhados sobem por minhas costas.

— Acorde, Raio de Sol... São quase cinco da manhã. — Coloco o travesseiro sobre meu rosto.

— Vá à merda. — Ele ri, rouco, e cola seu corpo no meu, posso senti-lo duro, como rocha contra minhas coxas, abro minhas pernas de forma sutil, Ivan ri mais.

— Não quer me enfrentar no tatame, mas sua bocetinha safada quer ser fodida? — Ele beija meu pescoço, ele desliza entre meus lábios, fazendo-me gemer contra o travesseiro. Rebolo contra ele, fazendo-o deslizar em minha abertura, quente e duro. Meu coração pula em meu peito quando entra em mim em um único golpe, estou ardida pela noite, mas incapaz de negá-lo, tê-lo dentro de mim, é como colocar fogo em gasolina, desperta-me o que há de melhor e mais sujo, algo que jamais provei, ele junta minhas pernas, inclinando-se, apertado e fundo. *Dios*, grande e grosso, capaz de preencher tudo, sinto que estou completamente preenchida. Minha cabeça gira, meus dedos afundam em seus travesseiros a cada investida. Quando ele rosna contra meu pescoço mordendo, deixando-me ciente de todas as marcas que ele me deixou, abafa um gemido alto.

— Russo... *Dios*...

— Seu — estocada — diabo — estocada — particular — estocada — e Deus — estocada — na mesma frase não combinam, amor. — Ele agarra minha cintura e me levanta levemente, entendo o recado e desço meus dedos trêmulos até meu clitóris, ele me solta em cima do meu braço, o choque corre por todo meu corpo, suspiro ansiosa, deslizo meus dedos, fazendo-o rosnar, estremeço quando seus dedos descem sobre minha bunda, ele passa o dedo suavemente sobre meu buraco intocado, ofego e aumento a pressão em meu clitóris. — Minha garota má quer ter o rabo fodido? — Gemo, ele estoca com força, mordo o travesseiro abafando meu grito. O rosnado baixo, é como um gatilho, atinjo meu prazer, relaxando contra o colchão, suada, trêmula, o orgasmo me deixa mole, suspiro quando ele afunda e se derrama dentro de mim. Estremeço quando o sinto deslizar pelo meu buraco intocado, melado de nossos orgasmos, ainda duro forçando minha entrada levemente, involuntariamente empino minha bunda em sua direção de forma suja, ele ri rouco e desce os lábios sobre minhas costas.

— Em breve me terá fodendo esse delicioso rabo. — Ele se joga ao meu lado. — Agora descanse, seu treino já foi cumprido, linda.

Acordo tateando a cama, sobressalto-me, mas resmungo ao sentir a ardência entre minhas pernas. *Dios!* Reclamo tirando o cabelo do meu rosto, ouço vozes e gritos no andar inferior. Levanto-me pegando um lençol e ando devagar até à porta, com as pernas levemente abertas, visualizo o sorriso arrogante no rosto dele ao perceber o estado que ele me deixou, sorrio mordendo os lábios, abro a porta olho dos lados, sorrindo como uma menina jovem e travessa, corro até o banheiro, arrependo-me ao fechar a porta, o lençol cai no chão. Desço minha mão até minha intimidade e a sinto inchada e ardida, a maratona de sexo mesmo me deixando ardida foi capaz de relaxar cada poro do meu corpo.

Quando a água bate em meu corpo, choramingo, meus seios marcados, minha barriga, os sinais das mãos dele em minhas coxas, traço os dedos sobre o círculo roxo em minha virilha. Esse homem será minha ruína, minha deliciosa ruína. *Dios!* Tomo meu banho e quando saio, coloco com um vestido leve, de verão, certificando-me de usar calcinha.

Quando chego à cozinha paro em choque, Ivan está usando uma bermuda e uma regata branca, lisa. Com a barba feita, mas o que me chama a atenção, é Rosita sentada de pijama no balcão com a cabeça quase enfiada dentro de uma tigela de massa.

— Estamos fazendo cookies, *mamá.* — Aproximo-me e beijo sua cabecinha, sorrio desconcertada para Ivan, sei o que ele quer, mas não sei como fazê-lo.

— Bom dia, Raio de Sol. — As palavras batem direito em meu ventre, fazendo-me fechar levemente as pernas e sentir a ardência.

— *Buenos días.* Isso parece bom. — Olho para o forno e os cookies cheios de M&M crescem, deixando um delicioso cheirinho na cozinha. Sento-me ao lado de Rosita, ela me estende a colher suja de massa.

— Querida? — chamo, sinalizando.

— Ivan e você vão casar? — pergunta, e sorri com o rosto coradinho.

— Ivan lhe disse algo? — ela ri e afirma.

— Ele gosta de *tu mamá*, mas não quer o lugar de meu *papá*, ele pode ser outro *papá*, pode ser meu Ivan. — Ela se enrola nas palavras, fazendo-me olhar para Ivan, ele se aproxima.

— Somos mais que amigos, só serei namorado de sua mãe se ela quiser. — Ele joga baixo, sujo, beijando meu rosto. Ela esfrega uma mãozinha na outra, animada.

— *Yo deixo, Yo deixo.* — Ela se joga contra mim, Ivan nos abraça.

— O que eu vou fazer com vocês? — Beijo o rostinho dela, e sorrio para Ivan.

— Nos amar? — ele fala de forma atrevida, olho para ele e suspiro. Como se eu já não o fizesse.

IVAN

Ela se despede de dona Carmen com os olhos marejados, de longe, fico com Rosita no carro, assistindo desenho enquanto ela entra no hospital, enrolei Solange o suficiente, mas ao que parece a situação da confeitadeira não é das melhores. Ela vem até o carro e suspira firme, mas suas mãos trêmulas denunciam seu nervosismo, ela sorri fraco pra mim quando abre a porta.

— Amor? Raio de Sol. — Ela morde os lábios e os olhos marejam, acho melhor me manter calado.

— Podemos passar lá? — Respiro firme, sabendo aonde ela quer ir, viro o carro no estacionamento.

Sigo em direção ao terreno, paro em frente e ela apenas desce o vidro, Solange olha de forma rápida e seu corpo bate contra banco, vejo-a fechar os olhos com força, seguro sua mão e ela me olha, prestes a se quebrar, ela olha pelo retrovisor alheia a tudo, o brilho foi embora.

Sigo em direção à nossa casa, ela mantém a mão em minha coxa, olhando para fora, quando chegamos, quando desço e abro a porta para Rosita que vai em direção ao quintal.

— Está tudo bem, amor? — questiono, abraçando seu corpo.

— Pela primeira vez na vida, *Yo* senti que pertencia a algum lugar, que pertença. — Ela relaxa contra meus braços, apoio-me contra o carro.

— Vamos dar um jeito nessa merda, as coisas com ela estão ruins?

— As mãos... — Ela abafa o choro contra minha camisa, afago suas costas. — Eles destruíram tudo...

A dor em sua voz, por sua amiga, e por tudo que foi perdido, termina de me desmontar. Beijo seus cabelos. Não vai restar um maldito vivo, um maldito rato seja Navarro ou não, respirando.

Já são quase oito e meia da noite quando ela sobe com a Rosita, ouço os risos delas, e depois a história em espanhol, com todas as encenações possíveis, mesmo eu querendo subir, concentro-me nos documentos à minha frente, deixo ambas terem seu momento, apenas as duas. Quando Sol desce, ela está com os cabelos presos no topo da cabeça e usando apenas uma camisola de bichinhos, ela sorri e vai em direção à cozinha e volta um tempo depois com duas xícaras de chocolate quente, ela me estende uma e liga no canal de séries, sem malícia alguma ou com o caralho de toda malícia que ela tem, ela se senta com as pernas levemente abertas, antes de juntá-las e se acomodar no sofá, mas antes tenho um vislumbre de sua deliciosa boceta nua.

— Porra. — Largo toda a merda de trabalho que Dominic deveria fazer quando meu telefone toca. As últimas semanas eu mal tive tempo de fodê-la direito, apenas rapidinhas no tatame ou contra alguma parede, ela vai todos os dias verificar Boo, Rosita sente falta de Abi e de Nina, mas eu prefiro ficar de olho nela. Pelo menos enquanto não tirarmos toda essa merda do caminho.

— Venha calar a boca desse maldito biscoito antes que eu faça — Corvo resmunga. — Carniça está com problemas e dos grandes.

— Já estou indo. — Desligo, Sol desvia os olhos da televisão e me olha. — Problemas no paraíso, amor. — Pego seu queixo e beijo seus lábios de forma suave.

— Vai bater em alguém?

— Se eu negar, vou estar mentindo. — Pisco, indo em direção à porta e pego minha jaqueta.

Quando chego à casa velha, Corvo sentado do lado de fora de cócoras, fumando um cigarro.

— Como vão as coisas? — pergunto.

— Na merda. Carniça e Bear Russinho estão indo em direção ao Alabama — explica.

— Porra, ele me ligou, mas eu estava ajudando Rosita com alguns desenhos e não vi a chamada — digo.

— Prudence, a stripper filha de pastor, foi presa. Sim, eu fiz essa mesma cara quando ele me disse. — Ele joga a bituca.

— E por que diabos?

— Ela já está presa há quase seis meses, à espera de julgamento. — Sento-me ao lado dele. — Ela espancou o pastor até a morte.

— Ela matou o pai? — questiono.

— Ele abusou da irmã dela, e suspeito que ele fez o mesmo com a garota do Carniça, ele está destruído. Algo me diz que a merda vai feder entre eles e que ele deixou mais do que uma filha de pastor quando veio embora.

— Porra. — É a única coisa que consigo dizer.

— Vá lá e faça seu trabalho. — Sigo até meu carro tirando alguns litros de gasolina do porta-malas.

É hora do fogo.

Os gritos dele começam a me irritar, meu punho volta a tingir seu rosto. Corvo me olha de soslaio e respira, quando o corpo do Biscoito vai para trás e se choca contra a parede.

— Cara? Você deveria ao menos expressar algo, mas eu não consigo ver nada, além de um monte de merda, seus olhos me assustam. — Caminho até à lata em chamas e quando o ferro fica vermelho, desço sobre o peito do Biscoito, ele acorda e berra o suficiente para ser ouvido a uns bons quilômetros, meus tímpanos chegam até a arder.

— Me tire daqui seu fodido — Taylor Cookie vocifera, quando passo o ferro quente sobre as feridas abertas em seu peito, subindo e descendo cauterizando-as, ele berra e se contorce. Puxo o corpo dele para frente,

fazendo-o descer um pouco, mas Corvo puxa a corda, inclino o rosto dele sobre a lata, mesmo o fogo me incomodado, causando ardência em minhas mãos, não consigo sentir nada mais que não seja o vazio. Os ferros no teto, garantem que ele não vá despencar.

— Biscoitinho assado? Porra, Russo, está assando ele há quantos dias? — A voz de Maldonado me traz de volta. Vejo que está se divertindo, Russo. Fez um bom trabalho.

— Se eu deixo essa porra já tinha assado as tirinhas da filha da puta aí. Temos cerveja, chefe. — A pele do maldito está esticada em tiras sobre o plástico no chão.

— Não vai falar nada, xerife? — Dominic pergunta, afasto-me e levanto.

— Vá à merda — ele diz, fraco, empurro seu rosto contra o fogo.

— Desça ele, Corvo. Tenho perguntas, e antes que o Russo aqui arranque suas tripas e eu tenha que descer lá embaixo e buscar as duas florezinhas e fazê-las falar, eu quero respostas. — O corpo dele despenca, batendo no assoalho de madeira.

— Vá se foder.

— Ah! Eu vou... Vou foder você com todo prazer. Já escolheu a vala que vai deixá-lo, Russo? A cada resposta errada ou malcriada o Russo aqui quebra um osso. — Pego a barra de ferro no canto e a arrasto no chão.

— Onde está Handball Martinez e Tamara Thompson?

— Eu não sei, seu vagabundo. — Mantenho-me quieto.

— Resposta errada, Russo. — Dom meneia a cabeça em minha direção.

— AH! — O ferro bate em seu rosto, tremendo em minhas mãos, sinto os respingos de sangue bater em meu corpo, o rosto começa a inchar novamente, é satisfatório vê-lo perder a maldita pose de fodão.

— Acho que quebrou. — A risada nojenta de Dominic ecoa, apenas balanço a cabeça.

— Seu...

— Que tal um braço, Russo? — Impulsiono o taco de ferro, fazendo-o urrar, quando a barra atinge seu braço, o estalo do osso sendo partido me faz

sorrir.

— Corvo, cale eles antes que eu resolva usar cola.

— Não, melhor, traga o padre. Você acha mesmo que eu não sei que o pedófilo do padre *te* deu uma mãozinha e lavou a mão na grana que você conseguiu, ou você acha que engoli a maldita doação de trinta mil dólares que você fez a paróquia? — Ele começa a tossir sangue.

— Foi...i h...herança da min...nha mãe... e.. — A cada mentira dele, meu sangue parece ficar ainda mais frio, a raiva bate em meu peito como faca, mas continuo em silêncio.

— Embora eu prefira pastores, esse fodido não vai desonrar a batina, anda velho. — Corvo empurra o velho nu, fazendo-o cair de joelhos à minha frente.

— Amém?

— Meu filho, o que você está fazendo? Deus... — A voz dele, faz-me tremer, o ódio e a dor ronda meu peito como um leão enjaulado, a raiva me bate, como ferro quente.

— Sem colocar Deus no meio. Vamos nos ver no inferno, mas não use o nome de Deus em vão. Coloque o padre sentadinho aqui, Corvo. Agora a cada pergunta que você responder errado homem do Diabo, vou arrancar uma unha sua e faço nosso xerife, defensor da lei, engolir.

— Seu lunático fodido. Agora? Você abusou ou não da filha do Russo? — Quando a pergunta me bate, sinto a porra do inferno se abrir, a dor perpassa em meu peito, dou um passo na direção do padre.

— Não sei do que está falando. Pai perdoa eles não sabem... — A sentença bíblica me faz inclinar a cabeça levemente para o lado.

— Ela queria. — O vazio é preenchido por lembranças dolorosas, o corpinho sem vida.

— Não o mate, Russo. Mas boa diversão.

— Vamos rezar, padre.

A cada gota de sangue que respinga em mim, sou capaz de ouvir Dora, a faca abre um buraco em seu peito, não o suficiente para aparecer os ossos, tiro suas unhas uma a uma, vejo Corvo fechar os olhos quando pego algo que trouxe comigo da Rússia, ele grita quando vê a pera da angústia [38] em minhas mãos. Afinal foi algo que sua igreja usou por anos para

violentar principalmente mulheres e homossexuais, quanto mais ele grita mais eu canto uma canção baixa, quando ele cai desfalecido em posição fetal, dou-me por satisfeito chutando sua boca, fazendo os dentes dele se quebrarem.

— Fraco. O padre vai viver. Mas não muito — digo, o nó em minha garganta, as gotas de sangue em minha pele secando cada vez mais, marcando-me.

— Não vai fazer nada, chefe? — Corvo me olha, duvidoso.

— Eu quero o Giuliano Martinez. Vou deixá-los viver até que o Russo decida que é o suficiente. Presente atrasado de boas-vindas. Agora, chega acordem essa borboleta de água e sal.

— Maçã? — Dom questiona, Corvo e sua mania de colocar vinagre em todos os malditos ratos que passam por nós.

— Para acentuar o sabor, biscoito temperadinho, chefe, uma delícia.

— Nojo, Passarinho. — Uma náusea me atinge.

— Linguça com vinagre. — Com nojo ele joga o vinagre contra Taylor, quando ele se dá conta do colar que coloquei em seu pescoço, ele urra.

Mal consigo de ouvir o que Dom fala, meu peito dói, mesmo me concentrando para não ter emoções, sinto falta de ar.

— Por hoje o padre é seu, Russo. Deixe a bolacha viva, faça-o falar onde eles estão.

— O que eu faço com a puta lá embaixo? A vadia da Amber grita como o inferno — Corvo questiona, puto.

— Corte a língua dela — Dom ordena com desdém. O cheiro de urina e sangue fica mais forte quando chuto o velho.

Ainda tenho mais algumas coisas para lhe mostrar.

Os dias passam e nesse ínterim mato o padre. De forma lenta, feri-lo por dias a fio não me incomoda, mas me deixa inerte, mas continuo levando a vida normal, vigiando Rosita e escapando para os lençóis de Sol. Chego da rua e verifico a Rosita, confiro sua janela, deixando a porta do quarto dela entreaberta e vou tomar um banho, visto uma cueca, enrolando uma

toalha em minha cintura, pego a sacola que trouxe de Vegas e sigo em direção ao seu quarto. Abro a porta do quarto e entro, fecho a porta e passo a chave, deixo a sacola em cima da mesa dela. Ela tira os olhos do aparelho de leitura que eu lhe dei, caminho em direção à sua cama e me jogo sobre suas pernas e beijo suas coxas grossas.

— Vai me dizer o que está acontecendo? O que diabos aconteceu com *tú*? O que diabos houve no dia em que o Corvo ligou? — Mesmo doce, ela soa indignada, e cora ao notar o palavrão, fazendo-me rir rouco e puxá-la contra mim.

— Quer mesmo saber? — questiono, ela me olha de forma terna, perturbando-me ainda mais.

— Que matou os homens que feriram sua filha, e que não vai parar até que não mate o último, disse *Yō* sei. E sei muito bem. — Não há julgamento em sua voz. Apenas tristeza.

— E isso não lhe causa nojo? Saber que se deita com um homem sujo como eu? — Ela balança a cabeça.

— Assusta-me, mas me assusta ainda mais saber que você não sente nada, se não sente nada por que o faz?

— Talvez esse seja o sentido da vingança, o sentimento de justiça. — Ela toca meu rosto, fecho meus olhos por um segundo.

— Eu sinto muito, mas não vou ter paz.

— E eu sinto muito por isso, Ivan. — Ela coloca o aparelho em cima da mesa. E me puxa levemente, coloco meu corpo entre suas pernas e descanso minha cabeça em cima de seus seios fartos, a ideia de ter bebês com ela me perturba, o desejo de vê-la cheia com meus filhos me dói ainda mais, freando-me em dizer qualquer coisa que possa deixá-la triste. Beijo seus lábios e toda a merda que levei durante o dia passa em segundos.

Como um bálsamo doce. Como o sol, aquecendo-me em um dia frio de merda.

Capítulo 28

*“O Monte Everest não chega aos meus pés
O Monte Everest não chega aos meus pés
Porque eu estou no topo do mundo
Estou no topo do mundo, sim
O Burj Khalifa não chega aos meus pés
Você poderia tocar o céu, mas você não chegaria aos meus pés
Porque eu estou no topo do mundo
Estou no topo do mundo, eh”*

Mount Everest

Labrinth



SOLANGE

— Quero lhe mostrar algo, Raio de Sol. — Trêmula, ofego quando sinto os dedos deslizando pela minha calcinha, ele afasta o pano tocando meus lábios molhados, os dedos dele resvalam por meu clitóris e ele massageia suavemente, fazendo-me gemer. — Mas... não farei nada sem seu consentimento, não é sobre lhe dominar, é sobre como fazer você sentir tudo que merece. — Ele beija minha clavícula. — Shibari[\[39\]](#)[\[40\]](#) é confundido com dominação, com bondage, o que desejo lhe dar é apenas prazer.

Ofego, quando os dedos dele entram em mim, de forma lenta, movo meu quadril em direção à sua mão. Ele me olha, o rosto másculo, tenso, sobre o meu corpo me faz tremer, tê-lo perto é sempre demais.

— Faça — digo, baixinho, ele sorri e se afasta indo até à mesa, ele vira uma sacola preta sobre ela e dispôs as cordas, uma a uma. Suspiro ao vê-lo excitado, a boxer marcando sua excitação. Sem vergonha ou receio, deslizo meus dedos sobre meus seios, minha respiração está entrecortada. Ele sorri levemente quando me vê deslizar meus dedos em minha carne úmida.

— Haverá termos... — Conforme ele passa as cordas, movo meus dedos sobre meu clitóris. — Se você se sentir desconfortável, com medo ou qualquer coisa que incomode basta dizer Sarnov e paramos. Não vai gozar amarrada, pelo menos não enquanto eu não lhe mostrar tudo que precisa. Isso não é sobre domínio, é sobre sensações. — Ele gira a corda, vem em minha direção, ajoelho-me na cama, trêmula e nervosa, ele dá a volta por meu corpo, ficando atrás de mim e beija meu pescoço, antes deslizar as cordas sobre meus seios ele tira a camisola pelos meus braços, fazendo-a cair em meu quadril, ele puxa as cordas apertando e dando nós, suaves, porém, firmes.

— De pé — ele manda, em um tom de comando, mas que soa sexy.

Saio da cama trêmula, fico nua à sua frente, ele desce minha calcinha, passando os dedos pelos meus lábios de forma sensual e crua, pressionando meu clitóris.

Ele se coloca em minha frente, fazendo nó por nó de forma suave, apertei minhas coxas. Ofego, sinto uma pressão em minhas coxas por conta dos nós, meu rosto pende pra frente, ele separa minhas pernas de forma suave e passa as cordas por elas, fazendo-as roçarem em meus lábios molhados e sensíveis, trêmula, meu corpo foi para frente, ele sorri e me apoia. Sinto os dedos quentes em meu queixo, abro meus olhos e percebo que estou vendada, vejo apenas sua silhueta deixando tudo ainda mais sensual e muito quente, ofegante demais para sequer conseguir respirar. Cada movimento dele, sensual, calmo, os olhos negros, quentes e perigosos, *Dios!*

— Ajoelhe-se, por favor, amor. — Gemo, ao sentir a pressão das cordas entre minhas coxas. Sinto ele se abaixar à minha frente.

Ele se apoia em seu joelho, o sorriso sombrio e sensual dele me faz estremecer, ele tenciona as cordas levemente, fazendo-as roçarem ainda mais em meu sexo. Mordo os lábios, meu ventre se contrai com a pressão das cordas contra meus seios doloridos, a cada puxão, a corda roça suavemente em meu clitóris e tenciona os meus seios, fazendo-me ofegar.

— Vê? — deslizo meus olhos sobre as cordas, em meu corpo, gemo ao perceber que meus seios estão ainda mais juntos. Ele projeta o corpo para frente, fecho meus olhos com força, quando seus lábios deslizam sobre meus seios, a língua faz pressão sobre a pele, com um chicote, minha cabeça pende para trás, sinto o gosto de ferro em meus lábios, ouço um rosnando.

Sinto o polegar pressionar meus lábios, a pressão das cordas me faz gemer, mais alto do que eu deveria. Quando seu polegar resvala sobre meu clitóris, estremeço.

— Regras, Raio de Sol. Qual é a porra da regra?

— *No puedo* gozar amarrada. — Eu mal consigo pronunciar a última palavra quando seu dedo brinca com meu clitóris.

— Muito bem, amor. — A voz arrastada dele me deixa ainda mais molhada, ele ri sensual em meu ouvido.

— Em breve vou *te* foder amarrada, enquanto eu não lhe soltar não gozará. Vai sentir meu pau fundo, e não vai poder se libertar, enquanto não desatar o último nó, não vai poder gozar.

Arquejo mais quando os lábios dele passam em meu pescoço.

— Ivan, por favor...

Os nós de Ivan são capazes de me libertar de um forma que jamais imaginei possível. A risada sensual dele, faz-me estremecer. Ele nota e estala a língua. Sem me soltar das cordas, Ivan me vira fazendo meu corpo encontrar o chão de madeira levemente, suspiro.

— Chupe-me — peço, baixinho, fazendo-o rosnar. Quando sinto o material do plug anal deslizar sobre as bandas da minha bunda, sinto os beijos molhados no interior das minhas coxas, quando a respiração de Ivan atinge meu sexo, seus dedos firmes me abrem, fazendo a joia deslizar sobre meu anel intocado. — I-Ivan...

— Relaxe, Raio de Sol — Ivan sussurra, rouco, quase não consigo ouvir. A língua desliza sobre meu sexo molhado — Encharcada, deliciosamente encharcada. Sabe o que fazer quando eu lhe soltar, não é?

— Por favor... — impeço, empinando minha bunda em sua direção.

Como um chicote, sua língua desliza por meus lábios, os nós deixam tudo mais sensível, mais cru, *Dios!* Ao mesmo tempo que me sinto à sua mercê, algo dentro de mim me faz querer mais e mais, quer tudo que ele pode me oferecer.

— Russo...

— Ah, minha linda... — Ele se afasta no exato momento em que sinto meu corpo tremer, frustrada contraio meu corpo e a situação simplesmente piora. Senti-o deslizar seu membro por meus lábios melados, o corpo dele

desce sobre o meu, em um golpe sinto ele me encher, a pressão das cordas faz um gemido alto sair dos meus lábios. Ivan passa seus dedos nas cordas em minhas costas, ele me puxa, meu corpo se levanta, minhas costas batem em seu peito, seu membro vai tão fundo que o ar me falta, o nó dos meus seios se solta, e em um passe de mágica as cordas presas em meu sexo caem, fazendo-me ofegar, ele estoca fundo, prendendo meu corpo no seu, a mão sobe pelos meus seios, pousando-a em meu pescoço, dando-me firmeza, meus dedos seguram em seu antebraço de forma firme, a cada estocada dele, nossos corpos batem, crus, nossos cheiros misturados com o barulho e nossos gemidos, quando ele se choca fundo, eu me derreto, meu corpo treme e ele me ampara, recebo ele quente a cada estocada, quando ele se liberta, ofegante sai de dentro de mim.

Ele me pega no colo e me leva até à cama.

— Será sempre assim? — pergunto, quando ele coloca o corpo sobre o meu, o plug em minha bunda me faz gemer, ele esboça um sorriso canalha.

— Sempre. — Ele me beija. — Vire-se amor.

Faço o que ele pede, sentindo o meu rosto esquentar, fico de quatro, trêmula e suada. Ele ri subindo os dedos por minha coluna, de forma lenta, os lábios substituem os dedos e ele se inclina, fazendo-me empinar mais, sinto os dedos em minha bunda, ele retira o plug de forma lenta, arquejo, sôfrega. Sinto-o investir contra mim, devagar.

— Relaxe, amor... — Respiro fundo.

— Russo. — O vai e vem me faz tremer, devagar. Meu corpo vai ao encontro do dele, ele rosna, cravando a mão em minha cintura de forma firme, sinto-o ir fundo, *Dios*.

Meu corpo parece pegar fogo, os dedos dele deslizam entre nós, batendo de forma firme em meu clitóris, choramingo sentindo meu baixo-ventre se contrair, *Dios*.

— Deixe vir... — Quando ele bate fundo, eu me desmancho, caio contra a cama arrepiada, ele sai de dentro de mim, sinto-o se derramar em minha bunda. Balbucio coisas desconexas.

— *Dios*... — ele cai ao meu lado, minha cama faz um barulho enorme.

— Você ainda vai quebrar minha cama. — Ele gargalha, beijando meu ombro, viro-me dolorida.

— Não vou andar amanhã.

— Está reclamando, princesa? — Ele estreita os olhos em minha direção. Meu rosto cora, mordo meus lábios.

— Sabe que Boo, vai sair amanhã, não é? — Mudo de assunto.

— Sim e, nós, estaremos lá, linda. — Ele beija meus ombros, puxando-me para ele.

— Vamos estar lá para ela e para o Maldonadinho.

— Yô vou poder conhecê-lo, mamá? — Rosita esfrega uma mão na outra após gesticulá-las empolgadas, fazendo Ivan segurar seus pezinhos com mais força, sentada em seu pescoço ela desfila conosco por algumas lojas, Ivan já chama a atenção, por ser grande, esguio e musculoso com uma cara de poucos amigos, o ar perigoso acaba ao ter Rosita no pescoço, ela pega os óculos de sol dele e coloca no próprio rosto, fazendo-me rir, ele balança a cabeça, e um grupo de mulheres suspira, prendo o riso.

O moço traz nosso sorvete e Ivan desce Rosita, ela olha o sorvete de menta de Ivan, ele oferece e ela dá uma lambida, sujando toda a boca, ela estremece de forma engraçada, pela primeira vez o vejo rir em público,

— Refrescante... — Ela treme novamente e nega quando ele oferece mais, dou uma mordida no meu picolé de morango e ela nos faz provar uma colherada do seu sorvete de algodão, Ivan faz uma careta, o sorvete é doce demais, rio da expressão dele. Uma mistura de algodão-doce, com calda de caramelo, abarrotado de confeitos coloridos.

— Seria melhor comer açúcar congelado. — Chuto seu pé, ele ri.

— Você tem um humor coletivo péssimo — reclamo, ele sorri.

— Odeio que fiquem me olhando. — Rio ainda mais quando Rosita volta enfiar mais sorvete na boca dele, contra sua vontade.

— Você é um cara grande, tatuado com cara de exterminador, esperava o quê? — provoco, ele me olha, arqueando a sobrancelha, as mulheres suspiram na mesa ao lado, sem que eu esperasse, ele puxa minha cadeira e me coloca a centímetros dele, Ivan deixa um selinho no canto dos meus lábios e sorri, meu rosto cora, Rosita começa a falar com ele com as mãos, e o ele responde com maestria, olho para as mulheres, que olham para os dois.

— Deixe que olhem. — Ele pisca. Mordo meu picolé.

Ivan se recusa a me deixar pagar, toda e qualquer conta, quando paramos em frente a Abi, Rosita sequer se despede, apenas pega sua mochila e sai correndo, antes que ela vá ao chão, Ivan é mais rápido e a pega.

— Devagar, Florzinha, não pegará o trem, bebê. — Ela ri, e faz exatamente o que Ivan disse para não fazer, correr, ela se joga contra Abi e ri quando senhor Freeman lhe aperta as bochechas. Rosita vai em direção à horta com senhor Freeman e Abi vem em nossa direção.

— Nina não está? — questiono, retribuindo o abraço acalorado, a porta é aberta e uma Nina arrastando um enorme saco sai resmungando.

— Ela não conseguiu vender todos os biscoitos, e não poderá ir à viagem da escola, ela não quis que nós comprássemos nenhuma caixa, vendeu apenas duas caixas das oitenta que a escola entregou. — Vejo de soslaio Ivan digitar algo no celular e sorrir, ele se encosta no carro, fico uns dez minutos com a Abi e quando me viro para me despedir um barulho alto vem do final da rua, uma fila gigantesca de Harley-Davidson lideradas por Corvo dobra a esquina, *Dios*. Nina arrasta Rosita até à rua e elas pulam animadas.

— É aqui a venda de biscoitos? — Nina grita, e se joga nas pernas de Ivan, ela começa a soluçar.

— Ei? Você e Rosita tem alguns fregueses. — Ele descruza os braços e pega Nina no colo.

— Obrigada, cara. — Ela soluça. E abraça o pescoço dele aperto.

— Senhores? — Chamo os rapazes. — Fila indiana, que as senhoritas aqui, vão lhes atender. — Pisco para Rosita, que puxa o Corvo pela mão, colocando-o como primeiro da fila. E empurra o Marreta para que ele vá atrás do Corvo.

Capítulo 29

*“Velha alma, suas feridas estão à mostra
Eu sei que você nunca se sentiu tão sozinha
Mas aguente, levante a cabeça, seja forte
Oh, aguente, aguente até que os ouça chegar
Aí vêm eles, oh
Pegue um anjo pelas asas
Implore-a por qualquer coisa agora
Implore-a agora por mais um dia
Pegue um anjo pelas asas
É hora de contá-la tudo
Peça-a pela força para ficar”*

Angel By The Wings

Sia



SOLANGE

— Tu no existe — digo a ele quando paramos no hospital.

— Vale um jantar comigo hoje à noite? — ele questiona, dando um sorriso torto.

— Está me chamando para sair? Um encontro? — Meu rosto cora, ele arqueia levemente a sobrancelhas.

— Não... — Olho para ele confusa, ele pega meu queixo com os dedos e sorri. — Para seu primeiro encontro de verdade. — Pisca.

— Como sabe que Yô nunca...? — Ele sorri, não consigo terminar a frase, pois os lábios dele calam os meus.

Saímos do carro e ele passa o braço por meus ombros, colocando a caixa embaixo do braço, atraindo atenção demais para nos dois. Nós nos identificamos, ele mantém o sorriso presunçoso.

— Quem morreu? — Prendo o riso, ao ver Ivan soltar a pérola para Lin[41], enquanto esperamos Boo voltar. Lin lhe mostra o dedo do meio, antes que Ivan o responda, piso em seu pé.

— Não resisti. — Dou o ursinho a Boo e um abraço, *Dios*, como eu senti falta do seu sorriso.

— É pra quando o menino sair do hospital — Ivan comenta, sem jeito, passando a mão pelo cabelo, nervoso.

— Solange me ajudou com o tamanho.

— Ele queria comprar algo, que caberiam três do Leon dentro. — Boo abraça Ivan e ele surpreso, responde sem jeito, olhando-me sem entender, apenas sorri e relaxa.

— O Russo virou tomatinho. — Ivan fulmina com os olhos Lin, mas passa e dá um leve sorriso sem graça.

— Obrigada, Ivan. — Como sempre, ele se afasta e se encosta na parede.

— Como está? — Judie[42] pergunta, grudando em meu braço, ansiosa como eu.

— Ansiosa, ele ficará comigo hoje. Ele atingiu dois quilos e duzentos e...

Nesse momento que o mundo para, ele é perfeito, o pequeno Leon é a cópia do pai, todos nós babamos nele, inclusive Ivan, os olhos dele brilham, ele sorri para mim.

— Dominic tem uma sorte imensa — Corvo comenta, coloco a jarra de suco em sua frente. Ele não está lidando muito bem com a ausência de Carniça e com o fato da confeitaria ter pegado fogo, ele anda atrás de Ivan como um rabo, a amizade dos três me surpreendeu.

— Certo, pare de me olhar com esse olhar. Você anda passado tempo demais com esse russo descompensado.

— Vai me dizer o que houve com Carniça? — questiono. — A dupla Marlboro e Hollywood, virou um trio e acrescentou um Camel. — Ivan apenas sorri, colocando alguns docinhos na boca e dá uma piscadinha cretina em minha direção.

— Conhece muitos cigarros, Solzita. — Ele desvia do assunto.

— Eu já trabalhei em lugares decadentes também, e não mude de assunto, Marlboro. — Ivan faz uma careta.

— Certo, mulher teimosa. Olhe, só não digam nada quando ele voltar, se é que ele voltará de lá vivo. — Ele começa a falar, sinto uma angústia enorme sem nem mesmo conhecer a moça. No final, ele dá um suspiro. — Ao que parece a comunidade em peso está atacando as moças, o julgamento rola essa semana, eles estão pedindo pena de morte, alegando que a menina está mentindo. É um caralho, Solzinha.

— Como ele descobriu? — pergunto, Ivan suspira.

— Noticiário de TV, estávamos em um bar em Vegas e o rosto dela passou na TV, os fiéis do pastor estavam em frente ao fórum fazendo protestos e pedindo pena de morte a ela. Ele prometeu atear fogo no maldito se ele estivesse vivo.

— *Dios* — comento, Ivan passa os braços por trás do meu pescoço, abraçando-me.

— Porra, eu estava lá... — Ele olha para nós dois, feito um idiota.

— Lá onde, babaca? — Ivan questiona, passando a mão pelo meu cabelo.

— Lá, quando você caiu de quatro por essa Deusa. — Manda um beijo em minha direção.

— Deus, eu serei padrinho dos minirrussinhos. — Engulo em seco e sorrio polidamente.

— Meninos? Fiquem à vontade, eu vou subir. — Subo em direção ao meu quarto, tomo um banho demorado, quando saio Ivan está na porta me olhando, o sorriso dele pende para o lado e retribuo o sorriso. Rosita ficou mais que feliz em passar a noite com Abi e Nina. Conhecer o pequeno Leon e a conversa com Corvo me deixou sem graça e sentida o suficiente para me fazer chorar. Eu não tinha ideia que desejaria ser mãe novamente, mas imaginar uma pequena cópia de Ivan me faz com que me sinta incapaz e frustrada. *Dios*, eu não faço ideia do que temos e quero ser a mãe dos filhos dele.

— Eu vi que escolheu uma roupa, mas mudou de ideia. — Dou um pulo, Ivan se estica em minha cama.

— Já *no* disse, para com essa mania de ser silencioso como um ladrão? — Ele gargalha e balança a cabeça. — Qualquer dia desse vou lhe acertar a cabeça com algo. — Ele sorri, malicioso.

— Adoro quando acerta minha cabeça. — Pisca, esboçando um sorriso sujo. — Pode me dizer por que trocou a roupa?

— No fico bem de colorido — revelo.

— Não concordo. — Ele levanta pegando o top rosa e coloca na frente do próprio corpo. — Eu não fico bem de colorido, amor. Já você é outra história. — Pisca, jogando o top de cetim rosa em minha direção.

— Meus seios são grandes demais.

— Eles são perfeitos.

— Vai mostrar minhas estrias.

— Pelo que vi a saia é alta o suficiente para cobrir, já que elas lhe incomodam tanto, linda. — Ele vem em minha direção e pega o tecido das minhas mãos, puxa o nó da toalha, fazendo-a cair nos meus pés.

— Eu conheço cada parte desse corpo, e posso lhe garantir que não há nada de imperfeito aqui. — Ele passa o top por meus seios de forma descarada apalpando tudo que pode.

— *Yo* vou ficar exposta demais — reclamo, quando ele aperta o top.

— Vai e provavelmente vai me custar a sanidade. — Ele beija meu pescoço. — A calcinha fica em casa essa noite. — *Dios*, as palavras me batem em cheio, aperto minhas coxas e ele ri, jogando a saia em minha direção

— *No* vou sair sem calcinha — protesto, mesmo indignada, sinto o olhar quente dele em mim. — Certo, sem calcinha — digo, receosa, passando a saia por minha perna.

— Eu estarei lá embaixo, linda — diz, e sai do quarto, lançando-me uma piscadela safada.

IVAN

Eu declino entre a vontade de esconder Sol do mundo, e de mostrar a porra da mulher gostosa que ela é, que tira meu ar, desconserta meu rumo e que fodeu com todos os meus planos, ela arranca de mim uma bondade que

jamais imaginei capaz de ter, ela tira o meu melhor, ela desce as escadas, levanto-me do sofá e porra, se o diabo for uma mulher, ele com certeza é a mulher que está descendo as escadas. O top de cetim molda seus seios fatos, a saia desce desenhando cada curva, os saltos com tiras causam a porra de um arrepio em meu corpo. Duro feito rocha, ponderei seriamente apenas inclinar seu corpo e fodê-la.

— Considero seriamente verificar se realmente está sem calcinha. — Pisco, ela cora, é quase imperceptível, mas ainda assim, consigo notar o leve tom rubro em suas bochechas.

— No me lembre disso. — Ela morde os lábios.

Estendo o braço me certificando que toda casa está fechada. Ela passa todo o caminho nervosa, com as mãos trêmulas, quando chegamos ao cassino de Dominic em Vegas, os olhos dela se arregalam, diferente de Vegas que ela está acostumada, a noturna pode ser bem mais interessante. Seguimos direto para o restaurante, o maître sorri ao me reconhecer.

— Senhor Sarnov. — Ele indica a mesa mais afastada para nós dois. Sol sorri agradecida, puxo a cadeira para ela, que agradece baixinho e se senta, e esboça um sorriso, a droga do sorriso, mais forte que o sol, capaz de me aquecer nos piores dias.

— *Yo... Dios*, esse lugar é incrível, é de Dominic também? — Ela olha para o teto adornado em tinta dourada.

— Ele sabe como fazer dinheiro — digo. — Só não sabe administrar.

— Se ele não administra nada, como que ele...

— Terceirização, amor, ou você acha que eu só luto, aliás, nem lembro qual foi a última vez que lutei, aprendi desde a hackear um banco a administrar charutos cubanos e impedir a prostituição nas boates. — Ela ri, arregalando os olhos.

— Está falando sério? — questiona, e para por um segundo. — No... No... O assalto ao banco... há alguns meses... No...

— Sim, linda... — Rio da sua cara de espanto. — Vale ressaltar que o centro de acolhimento de jovens da periferia de Vegas tem novas instalações e novas formas de ajudar meninas e meninos em situação de pobreza. — Ela não responde, pois o garçom chega com uma garrafa de água com limão, ele

serve a Sol, que de forma delicada sorve um gole e suspira, olhando o cardápio.

— *Yo no sei o que pedir...* — Ela me olha e morde os lábios.

— Posso escolher? — Sol acena positivamente. Corro meus olhos pelo cardápio e faço nosso pedido. Quando o garçom se afasta, levo minha mão ao bolso e tiro o saquinho de veludo que peguei em sua caixa, coloco-o em cima da mesa e rolo ele em sua direção, Sol arregala os olhos suavemente, e porra tenho certeza que ela está juntando as coxas deliciosas embaixo da mesa.

— *No vai fazer isso aqui... Vai?* — Dou meu melhor sorriso. — Ivan...

— Vá até o banheiro, amor. — Os dedos trêmulos pegam o saquinho, ela suspira e se levanta, afastando-se olhando em meus olhos. Ela para um garçom e ele indica o banheiro, apoio-me na cadeira, ficando apenas apoiado nos pés de trás.

Os minutos começam a passar, e nossa comida chega, quando decido ir atrás dela, levanto-me, mas paro ao sentir meu celular vibrar em meu bolso. Tiro o aparelho do meu bolso e ligo, o aplicativo abre e sorrio. Vejo-a vir em minha direção, deslizo meu dedo pela tela e no meio do caminho até mim, ela ofega e olha em minha direção, quando se senta, elevo a vibração e ela fecha os olhos e suspira.

Solange anda entre a linha tênue de menina má deliciosamente pronta para tudo e a mulher forte como uma rocha, que me dará um soco sem pensar duas vezes.

— Coma amor antes que a comida esfrie. — Ela relaxa quando solto o telefone em cima da mesa, ela prova os camarões e suspira. Dou um sorriso e deslizo meu indicador no aplicativo, e ela se inclina para frente.

— *Dios...* — reclama, suas pernas roçam nas minhas.

— Calor, amor? — Ela me olha entre os cílios e meu pau lateja. Ela toma um gole de água. Deslizo meus dedos novamente e ela segura firmemente a borda da mesa, nossa mesa é afastada e como ela está sentada de costas para um lindo arranjo de flores, não dá para ver o que nós dois estamos fazendo, sorrio deixando o celular em cima da mesa.

Quando a sobremesa chega, ciente de seu suor, ela seca a testa, disfarçadamente, suspira pesadamente quando eu volto a controlar o

aparelho, ela geme e o sorvete escorre pelo canto dos lábios, meu pau pesado pede para fodê-la, não é uma má ideia levá-la ao banheiro e lhe dar uma deliciosa rapidinha sacana, mas tenho outros planos. Dou sossego falando de outros assuntos e por ora deixo a bocetinha dela descansar.

Saímos do restaurante e vamos em direção à saída, ela pressiona as coxas levemente, quando meus dedos deslizam de forma suave pelo aplicativo.

— Tu não paga? — questiona enquanto o manobrista pega meu Mustang.

— Temos passe livre. — Pisco passando o braço por seu ombro, um grupo de homens, provavelmente, empresários comem minha mulher com os olhos, abro minhas pernas um pouco e a coloco em minha frente, fazendo seu corpo se encaixar no meu. Ela suspira e olha na direção em que meus olhos estão. — Existe uma linha tênue entre querer que o mundo veja o quão linda você é, e a minha vontade de arrancar cada olho desses malditos que lhe desejam — digo, baixo, em seu ouvido, e ela arfa.

— *Dios?* São eles que estão fazendo isso comigo? *No*, então cale a boca e me tire daqui — ela rosna, beijo seu pescoço, jogo umas notas ao manobrista, abro a porta para ela. Ela entra e recosta a cabeça contra o banco, sorrio, até o amanhecer ela ainda vai ter o melhor e o pior de mim.

— *Are harder to hide than I thought* — canto devagar acompanhando o som do meu Mustang, subindo meus dedos pela saia dela, ela geme lento e gostoso. — *Maybe I just wanna be Yours* — Minha voz sai rouca de desejo por ela, os nós dos meus dedos ficam brancos contra o volante. — *I wanna be Yours, I wanna be Yours.*

— *Dios*, no faça isso... — Ela morde os lábios com força quando sinto suas coxas meladas, porra.

— Levante a saia — mando, ansioso para sentir sua umidade. — *I wanna be Yours...* — Ela se inclina para frente e levou a mão as costas, abrindo o zíper e erguendo o corpo, ela desliza a saia e abre as pernas fechando os olhos, tê-la aqui no banco do meu carro, apenas com um pedaços de pano cobrindo os seios me faz gemer, subo meus dedos, molhada, pronta, porra.

— Para aonde vamos? — ela questiona, passando a língua pelos lábios, quando me vê entrar em uma estrada de terra.

— Quero lhe mostrar algo.

Algo que brilha, mas não como ela.

Capítulo 30

*“O fogo em chamas normalmente nos mataria
Mas com todo esse desejo, juntos, somos vencedores
Eles dizem que estamos fora de controle e alguns dizem que somos
pecadores
Mas não os deixe estragar nossos belos ritmos
Porque quando você me desdobra e diz que me ama
E olha nos meus olhos
Você é a perfeição, minha única direção
É fogo em chamas
É fogo em chamas”*

Fire On Fire

Sam Smith



IVAN

Meus dedos tocam os lábios molhados, ela geme. Giro o vibrador, sem poder olhá-la, meus dedos deslizam mais tirando o pequeno brinquedo. Ela geme, cravando as unhas em minhas coxas, Porra. Subo a porra da estrada de terra, e quando chegamos, ela suspira quando o clarão bate no carro.

— *Dios* — Sol choraminga, rolo meus dedos por seu clitóris. Afasto-me dela, por alguns segundos apenas para estacionar o carro, inclino o banco e o levo para trás. Levo as mãos ao cinto e ela me para.

— Posso?

Desloco-me, ela sorri mordendo os lábios, a maldita mania fode comigo, desde a primeira vez que eu a vi fazer isso. Ela puxa meu cinto abrindo meu zíper, levanto meu quadril e puxo minha calça, quando os dedos dela me tocam, porra, meu sangue ferve, os lábios macios e quentes deslizam em mim, fazendo-me rosar, junto os cachos em minhas mãos, ela me olha, os olhos escuros, como a noite, brilhantes como eu jamais vi antes, sexy e

cheio de desejo por mim. O jeito que está me olhando quando desliza a língua pelos lábios fode comigo, fazendo-me pulsar entre seus dedos.

— *Yó...* Nunca fiz isso antes — ela confessa, e porra a afirmação me deixa ainda mais duro, a ideia de ter sua boquinha em mim, faz-me pulsar.

— Sou seu doce preferido, linda. — Ela assente enquanto lambe os lábios e desliza os dedos pelo meu pau, espalhando meu pré-goço com os dedos, ela desliza a língua macia e molhada ao redor da ponta do meu pau. — Me terá em sua boca se continuar assim — ela geme e começa a me chupar, como se eu fosse a porra de um sorvete, seu sorvete favorito. Sua língua traiçoeira sobe e desce pela minha extensão, ela volta traçando a língua tomando cada gota, ansiosa. Ela suspira, deslizo minhas mãos por suas costas soltando o nós do pequeno pedaço de pano que protege seus seios, desço alcançando sua bunda, ela se inclina mais sobre mim, levando-me mais em sua boca, com isso prego a cabeça contra o banco. O vidro do carro embaça, tê-la completamente nua em um espaço apertado me faz gemer ainda mais. Sorrio quando ela me chupa com vontade. Um gemido rouco e profundo sai de mim quando ela desliza a língua sobre minha cabeça. Deslizo minhas mãos por seus fios sedosos, ela suspira quando eu a afasto.

— *Yó...* — Com cuidado eu me ajesto e a puxo, ela passa as pernas por cima da marcha do Mustang e sua boceta brilha. Dobrando os joelhos ela se abre em meu colo, meu pau duro desliza nos lábios dela, ela se inclina se apoiando em mim, teremos dores amanhã, e porra, nunca foi tão bom tê-la assim, meu pau lateja deslizando pelos lábios melados. Porra. Deslizo dois dedos pela fenda desejosa, ela arqueia as costas com um suspiro, apoiando-se contra o volante me dando acesso livre aos seus seios.

Ela geme quando puxo sua cintura estremecendo quando eu bati meus dedos dentro dela, ela sempre está pronta e me aperta, me fazendo puxá-la com força para baixo, me levanto todo. Ela balança o quadril rebolando, fazendo-me bater fundo. Ela puxa minha camisa, forçando os botões, abrindo-os e cravando as unhas em meu peito, encho meus lábios com seus seios, sugando e mordendo a cada cavalgada dela, minha mão estala em sua bunda e ela geme alto.

Minha mão crava em sua cintura, ela desce e sobe com mais força, empurro contra ela, a tensão dos meus músculos aumenta a cada subida e descida.

— Russo... — Ela geme, envolvo meus braços em sua cintura e estoco com força, ela se desmancha quando a encho, nossos corpos tremem, gozo forte dentro dela, ela treme em meu colo, ela me abraça deitando seu rosto em meu peito, pulsando dentro dela, empurro suavemente e ela me aperta, levanto seu corpo suavemente e ela suspira quando saio de dentro dela, deixando-a uma bagunça. Meus dedos se afundam em seus cabelos revoltos e úmidos de suor, colo sua boca deliciosa até a minha. Porra.

— Isso não vai caber em mim, não vai fechar — ela reclama, mas para quando percebe que minha camisa social fica parecendo um enorme vestido para ela.

— Tem razão, ainda posso ver sua boceta. — Ela soca meu peito.

— *Dios*. — Solange boceja de sono, inclino-me pegando a manta no banco de trás, ela boceja outra vez e se ajeita no banco do passageiro, jogo meus pés em cima do volante. — Me conte sobre tu... — Ela pede, olhando-me.

— Tinha alguém, lá na Rússia que amararia lhe conhecer. — Ela se mantém em silêncio. — Svetlana Sarnov.

— Sua mãe?

— Babushka, minha avó — digo, e os olhos dela brilham em interesse. — Ela foi modelo.

— Ela morreu há muito tempo? — questiona com a voz terna.

— Foi enterrada dois dias antes de Las Vegas se tornar meu lar. — Ouço seu ofego de olhos fechados, sinto seus dedos frios.

— Não há mais ninguém? — Nego, falando sobre cada feito da mulher mais incrível que esse mundo já teve, era como tê-la em minha frente, o sorriso soberbo, quando eu ganhava algo, quando era o primeiro em algo, o sorriso orgulhoso dela.

— *Tu pareces* admirá-la. Ela segura minha mão. Tomando coragem, olho para ela.

— Eu desliguei os aparelhos dele, e vi o morrer sufocado. Eu matei Serguei Sarnov, ele destruiu minha avó quando se casou com ela. — Solange arregala os olhos, ao contrário do que eu imaginei ela não tira sua mão da

minha, mas intensifica o aperto. Soltando um riso pelo nariz, eu retribuo o aperto. — Essa é a hora que você grita e corre para as montanhas.

— Eu sempre soube o que *tu* é. A vida que leva. Você acha que seu pai...

— Mandou matarem minha babushka? Sim, ela sabia de algo e ele quis garantir que ela não fosse me dizer.

— *Dios*, a própria mãe... — Sol suspira, fechando os olhos. — *Dios*, você acha que ele a deixou saber que foi ele?

— Me arrisco em dizer que ele é sádico o suficiente para sentir prazer com isso — digo, sentindo o ódio em minha garganta.

— E *tu*? O que sente? — pergunta sincera, sua voz terna é capaz de aquecer o que tem mais frio em mim.

— Vazio, há quem diga, pessoas que eu conheci, que me colocarem nesse maldito mundo, que a morte o sangue é doce como mel, e outras que é amarga como fel — comento, jamais me imaginei em um carro depois de uma maratona de sexo sujo conversando, e isso é mais que certo, não há nada mais que ternura em sua voz. Isso me dilacera, o medo de falhar e tirar o brilho de seus olhos, a doçura de sua voz. Ela não é mais a mulher cautelosa e desconfiada, ela se entregou a mim sem reserva, contando-me todos os seus segredos, e talvez se eu contar todos os que me cerquem, eu vá quebrar essa doçura.

— Mas eu não sinto nada, é frio ver a morte tão de perto. Sempre a carga de adrenalina, de ódio, mas nada mais que isso, é tudo um emaranhado de frieza e inconstância, eu não sou capaz de me arrepender de nada.

— Você lutou por quantos anos? — Solange questiona.

— Por tempo o suficiente para ter algumas cicatrizes e alguns ferimentos que doem a alma quando penso. Descobri com o passar dos anos que nunca lutei por prazer, pela adrenalina, apenas...

— Sobreviver... — ela completa. — Mas e agora?

— Você tem sido minha adversária nos últimos meses — admito. — De lutador a faz tudo para Dominic. Não luto já tem meses.

— E você ama isso. — Rio, levo a mão ao meu bolso, e ouço o bater das plaquinhas.

— Quero que fique com isso. — Os olhos dela brilham. — Dominic, literalmente, fodeu com todas as tradições do clube, mandou tudo à merda, mas ele manteve as dog's.

— O que isso significa? — sonda, ao me olhar, desconfiada, mas inclina em minha direção, as dog's se acomodam entre seus seios fartos e a ideia de fodê-la no capô do carro usando só a porra das dog's, parece a ideia mais suja e deliciosa, sinto meu pau latejar.

— Que você é minha mulher, você e a Florzinha são minhas responsabilidades e se algo acontecer comigo, eles vão dar a vida deles por vocês, mais do que já fazem, e que se a magoar, provavelmente, terei minha alma arrancada do corpo, se é que ainda existe uma. Quero voltar à Rússia e quero que vá comigo, nós três escondidos.

— Sabe que *no* posso — comenta, suspirando.

— Sei, e isso é um caralho, amor.

— Não vamos adotar a porra de um gato — digo, Sol me olha, Rosita me ignora o dia todo, noto que a guerra de silêncio não é uma coisa só de Sol, ela ri. Animada ela se arruma, desde nossa transa no penhasco, os dias passaram rápidos levando com ele mais um mês ao lado delas, peguei Sol pesquisando clínicas na internet, e ela animada me contou sobre a consulta de Rosita. Agora tendo o visto permanente ela pode obter um convênio decente, mexi uns pauzinhos e a convenci de pode usar o plano que Dominic paga a todos os membros do clube.

— Sabe que ela vencerá, não é?

— O que vamos fazer com a porra de um gato, eu odeio gatos. — Porra meu nariz coça só de pensar.

— Corvo me disse que ele já agendou uma visita ao abrigo para mais tarde. — Ela ri. — Logo Leon fará um mês, *Dios* estou animada.

— Claro que está, minha linda. — Pego-a pela cintura beijando seu ombro nu. Odeio aquele maldito passarinho.

— Vocês realmente vão ficar bem? — pergunta, viro-a de frente para mim e a envolvo em meus braços.

— Corvo passará a noite conosco, não se preocupe. — Pisco, ela ri.

— Isso é para me reconfortar? — Gargalho, beijando seus lábios.

SOLANGE

Yo coloco mais alguns pacotes de doce dentro do carrinho, tentando entender seu plano, ela ri.

— *Usted* o quê? — Ri, ela mandará Leon à casa do pai, mas sua presença não está no pacote, *Dios*, daria tudo para ser um mosquitinho e ver a cara de Dominic. — Eles vão se matar. *Yo no* imaginei que usted pudesse ser vingativa.

— Não é vingança, ele deixou claro que gostaria que Leon conhecesse a sua casa. — Ela sorri, pegando mais alguns pacotes de salgadinho.

— Você é terrível. Rosita convenceu Ivan a levar ela para o abrigo, vão adotar um gato. Ivan é alérgico. — Sorrio, fazendo-a me olhar incrédula.

— Quero que ele fique sem nariz de tanto espirrar, Russo teimoso e mandão.

— E você está caidinha por ele — Boo zomba, mal tenho tempo de responder, pois Boo esbarra em alguém. — e pelo pa... Oh! Desculpe.

— Droga, me desculpe... Doutor? — *Dios*, esse homem é estranho, passa uma sensação de traiçoeiro.

— Olá! Paciente fujona. — Ele sequer se dirige a mim, nem mesmo me olha.

— É... Foi bom te ver, doutor — Boo comenta, desconfortável.

— O que foi isso? — pergunto, olhando para trás, ele ainda está olhando para Boo, parado no corredor como um lunático.

— Não sei, não confio nele. A insistência dele em querer que eu converse com o psicólogo que ele indicou beira o antiético. — O temor dela me faz olhar novamente na direção do doutor, que disfarça fingindo pegar algo na prateleira de remédios.

— *No* sei, mas ele não me pareceu preocupado com o seu bem-estar. — Ela me passa os potes de doces, procuro pelo médico e ele está do lado de fora, sem sacola alguma. O homem me olha e dá um sorriso nojento e faz um “boom!” com os lábios, um arrepio percorre minha espinha.

Enquanto Boo passa as nossas coisas no caixa, mantenho meus olhos nele enquanto ele se afasta do mercado, entrando em um carro vermelho do outro lado da rua, o vidro escuro não me permite ver mais ele.

— Ei. — Boo chama o segurança que nos ajuda com a sacola.

Entramos no carro e Boo suspira, após a ligação de Vallen mais cedo, ela ficou desanimada.

— Cobra vai ficar bem. — Tento confortá-la. — Se você quiser, podemos ir visitá-lo amanhã — comento, amanhã será a primeira consulta de Rosita.

— Eu sinto falta da sombra silenciosa dele. E talvez ele nunca se lembre de nós novamente. Segundo Vallen o médico disse que a perda da memória está ligado ao fato de o cérebro estar bloqueando o evento traumático, porém, o cérebro acabou se desligando de tudo que possa lembrar o trauma

— Ele vai se lembrar. Tenho fé em *Dios*... — digo, segurando meu escapulário, minha mãezinha está com ele.

— Senhoritas? Coloquem os cintos, preciso fazer uma ligação. — Afivelo o cinto e olho para trás, o carro preto em alta velocidade está sendo seguido pelo... pelo carro vermelho?

— Durango vermelho, porra! Não! Não tem! — Os carros se dividem e nos emparelham, o segurança acelera.

— Esse barulho, foi um tiro? — *Dios, no*. Mãezinha, estenda sua mão sobre nós, nos protegendo, *Dios*, eu não consigo fechar os olhos, sentindo cada bala batendo contra o carro.

— Por favor — Boo chora.

— Fiquem abaixadas, senhoritas. — O carro dá uma freada brusca, fazendo o cinto forçar meu ombro.

— Abram os olhos, senhoritas.

— O que foi isso? — Minha voz sai fraca.

— Alguém tentando nos matar. — A realidade me bate dura, não é Steban, ou algum homem dele, é o médico da Boo no volante.

— Boo. — Respiro devagar sentindo uma tontura, a adrenalina me causando voltas no estômago.

— *Usted* está pálida. — Tiro o pequeno Leon da cadeirinha e ele continua tranquilo, seu cheirinho de bebê me acalma.

— Não diga nada a abuela — ela implora, com os olhos marejados.

— Puta merda, tem alguém tentando me matar.

— Tem. Desculpem vir em um momento inoportuno para as senhoritas, mas...

— Sebastian? — Chamo-o e seus olhos alarmados me preocupam.

— M...me desculpe? — Boo me olha sem jeito, abalada e sem rumo.

— Eu é quem devo pedir desculpas, muito prazer, Sebastian Matarazzo, agente especial do FBI de Las Vegas. Como estão, pedacinho do céu? — ele pergunta, doce.

— Estamos bien. — *Dios!* Quase fomos mortas! — Quase mortas, mas estamos bem, Seb.

— Atrapalho? Atchim! Atchim! — A voz rouca que eu sou capaz de reconhecer até no inferno chama minha atenção. Olho para Ivan e vejo o ódio em seu olhar.

— TIO SEB. — Rosita corre em sua direção, fazendo Ivan bufar.

— Olá, Rosinha — ele diz, devagar. — Sei que tiveram esse pequeno problema. Quando estiver tudo tranquilo me ligue, precisamos conversar sobre quem está tentando matar você.

— Sebo. — A voz cortante de Ivan me dá calafrios, *Dios* e não é de medo, sua voz sensual e irritada me faz morder os lábios, movimentos que não passam despercebidos.

— Sarna. Já está na minha hora. Entro no meu turno em... Em vinte minutos, passei aqui apenas para me certificar que vocês estão bem.

— Dom sabe do ocorrido? — A voz de Ivan não deixa brechas para o ciúme da voz dele.

— Não, fui informado pela equipe do Andrews, estamos trabalhando em conjunto.

— Estão? — Boo questiona.

— Sim, estamos, senhorita. — Seb se despede, beijando meu rosto.

— Vocês... atchim, quase, atchim morreram e ainda conversam com um estranho... Atchim!? Vou te deixar sem um mísero pelo, atchim... Bola de

pelo asquerosa.

— Seb não é estranho, Ivan, quer que eu e Boo façamos o quê? Ah! Estava esperando que nós nos jogássemos em seus braços como se você fosse um herói, salvador da pátria? — questiono, sua voz acusadora me irrita.

— Certo, vamos entrar, quase acabamos de morrer e... — Boo começa a andar desnorreada em direção a casa.

— Está tudo bem, Bonnie? — Ivan questiona.

— Tent...taram...m m...me matar! — ela divaga, nervosa. Ivan entrega o gato a Rosita e ela corre em direção ao Mustang. Não sem antes correr até mim e me abraçar.

— Você está bem, amor? — pergunta, preocupado.

— Estou. — respiro fundo. — No era apenas um carro... eram dois, um deles era vermelho, e *Yo* juro por *Dios* que eu vi o médico da Boo entrando nele e nos perseguindo. *Yo no* estou louca. — Ele me olha, sério.

— Acredito em você, linda. — Ela se aproxima parando em minha frente. — Contou isso ao Sebo?

— *Dios, no!* Preciso dizer e...

— Vou dizer ao babaca. — Olho para ele sem entender. — Não vou pedir para que fique longe dele, mas se ele lhe olhar daquela forma novamente, terá motivos para pedir licença do trabalho por algumas semanas. — Ele pega minha cintura, aproximando-se. — Vou arrancar aquele sorriso dele. E fazê-lo engolir cada tufo de pelo do vira-lata do Osório.

— *Dios?* Tu ficou louco? — espelho, minha respiração falha, meu corpo treme e *Dios*, aquilo não devia ter me excitado, mas o faz.

— Sou louco, amor — diz, o cheiro de canela e cigarro me invade, respiro devagar, mordendo os lábios, ele crispa os olhos e me dá o sorriso torto já tão conhecido. — Ele não vai querer lutar por algo que sabemos quem é o vencedor, não é, Raio de Sol? Você é minha e esse é um caminho que ele não vai querer ir. — Ele me solta e espirra. — Maldito gato. — Ele vai até o carro a passos largos, Rosita me acena um tchau, retribuo trêmula, com meu corpo em chamas, *Dios* deveria lhe dar um soco e não querer que ele me leve em seus braços. *Dios*, o que há de errado comigo?

— Yô ainda arranco o pau deste Russo maldito! — Yô entro na casa de dona Carmen ofegando, sentindo o desejo passar e uma raiva por esse idiota vir à tona, maldito Russo arrogante e prepotente.

Na força do ódio, coloco as sacolas para dentro.

— Sabe que não precisa, não é? — Boo faz uma careta de dor, seus dedos estão feridos ainda e sua teimosia só complica tudo.

— *Sí*, precisa! Somos amigas. Yô nunca disse isto, mas és minha família. Yô preciso que me prometa que nunca, nunca mesmo se esquecerá de mim, mesmo que eu não esteja aqui. Me prometa que se algo acontecer, vocês cuidarão da Rosita e do Osório. — Abraço-a, sentindo meu peito doer, a sensação de medo me bate.

— Osório? O gato? Não acontecerá nada a nenhuma de nós, amiga.

— Me prometa! — imploro, sentindo necessidade de que ela saiba quem eu realmente sou.

— Eu prometo.

— Yô era uma imigrante ilegal, quando Yô estava prestes a ser deportada, conheci Sebastian e ele me ajudou... Yô sinto muito, Yô menti, no me chamo Solange, Yolanda é meu nome de batismo. Yô virei alvo do cartel, Yô dei a eles informações e eu e Rosita entramos no Programa de Proteção à Testemunhas. Minha mãe nunca se importou, Yô tenho medo que ela dê minha localização. Yô vivo num inferno — confidencia, sentindo minhas lágrimas descenderem com um soluço, ela me ampara e abuela me abraça, firme, segurando-me, Yô nunca me senti tão acolhida, meu coração parece que sairá pela boca de desespero, Yô tremo.

— E foi só o começo, quando cheguei a este país ele tentou vir atrás de mim, mas foi parado na fronteira. Ele se acha um Deus, mas é o demônio, Yô não posso voltar ao nosso país e muito menos contar com... Minha mãe. — A angústia em meu peito dói, mas parece que saiu um peso do mundo de meus ombros.

— Estamos protegidas pelo Programa de Proteção à Testemunhas — reitero, sentindo meu coração bater mais devagar.

— Ele não vai achar vocês. Vamos confiar em Deus e no Astro Brilhante e se ele tentar algo, paulada nele! O Russo tem que prestar para

algo. Ele sabe? — nego, meu peito dói pela mentira, se eu confirmar elas vão questionar sobre coisas que o envolvem, envolvem sua *hija*.

— *No* e nem pode saber. — Meu coração dói pela mentira, mesmo querendo dizer a elas, *Yô* me mantenho firme, o sentimento de mentira de ser uma péssima amiga me acomete. — *No* quero Ivan metido em mais problemas, abuela. Prometam-me que *no* contarão nada a ninguém.

— Tem nossa palavra, Sol. — Devolvo o abraço, sentindo uma angústia em meu peito.

Dios, que essa sensação ruim seja apenas, uma sensação.

Capítulo 31

*“Você sabe exatamente o que dizer
Coisas que me assustam
Eu deveria simplesmente ir embora
Mas eu não posso mover meus pés
Quanto mais eu te conheço
Mas eu te quero
Algo dentro de mim mudou
Eu estava muito mais jovem ontem”*

Starving

Hailee Steinfeld feat. Zedd & Grey



IVAN

Disfarço um sorriso, Rosita ainda me ignora, Corvo divide com ela um saco de pipoca, ele parece alheio a algo, pensativo.

— Que nome dará ao gatinho? — pergunto em voz alta e, ao mesmo tempo, gesticulo. — Te amo — ela mexe os dedos e dá um gritinho se jogando em meus braços. Abraço seu corpinho e ela retribui o abraço.

□ Você é uma cópia terrível da sua mãe. □ Ela ri, cheiro seus cabelinhos lindos.

— Osório — ela diz, chuto o pé do Corvo. Ele me olha e balança a cabeça.

— Que porra você tem? — Ele me olhou.

— Eu vi, os olhos de mel... — divaga.

— Que porra você está falando? — pergunto, colocando Rosita na cadeirinha.

— Os olhos de mel existem porra, doces, quentes e porra eles me perturbaram a alma a noite toda. — Entramos no carro e saímos em direção ao abrigo. Ele começa a falar, presto atenção, e sorri, os olhos dele brilham.

— E você sequer perguntou o nome do favo de mel? — sondo, rindo, manobrando o carro no estacionamento do abrigo.

— Ela fugiu — Corvo responde, desanimado, bato em seu ombro.

— Se ela realmente for o *seu mel*, ela vai aparecer quando você menos esperar — digo, ele suspira tirando dois pirulitos do bolso. Tira a embalagem de um e dá para Rosita e faz o mesmo com outro pra ele.

— O quê? Você odeia pirulito de tutti-fruti. — Reviro os olhos, os latidos começaram, o enorme abrigo foi reformado recentemente após uma generosa doação.

— Você realmente é voluntário? — questiono.

— Sim, desde que Dom... você sabe me bateu... Já faz alguns anos. Todos os sábados eu fico até o meio-dia, e aos domingos eu vou à feira ajudar com o transporte para doação dos animais — comenta, como se não fosse nada, mas noto o brilho de admiração nos olhos dele, a enorme parede do abrigo está pintada com diversos cães e gatos, cada um diferente do outro, mas o que me chama a atenção é a escrita no rodapé, Elijah...

— Você fez isso? — pergunto, admirado, pegando Rosita no colo, ela ansiosa abraça meu pescoço.

— Demorei três meses, para que eu conseguisse finalmente pintar. — Dá de ombros. Ele empurra a porta de metal e assobia. Ouço um assobio de volta. Um senhor já de idade sai de uma das instalações e vem em nossa direção.

— Garoto? Chica macho é oficialmente mãe. — Olho sem entender, Corvo pula e esfrega as mãos. — Jordana fez um ótimo trabalho, Deus aquela menina tirou todos os seis gatinhos vivos.

— A nova veterinária já chegou? — ele questiona.

— Sim, Chica macho entrou em trabalho de parto enquanto estávamos na entrevista, Danny entrou em desespero e a doutora assumiu tudo. A menina realmente sabe o que faz. — Corvo sorri.

— Por que Chica macho? — O senhor eufórico se vira para mim.

— Deus, que falta de respeito, sejam bem-vindos ao abrigo Falls, sou Joseph e você deve ser Ivan e essa linda menina só pode ser a Rosita. — Rosita ri.

— Olá — ela gesticula, e o senhor sorri, surpreso.

— É um prazer, conhecê-la, querida. — Ela pisca e dá um giro mostrando as mãos, e vem em nossa direção, passa a mão pelo cabelinho dela e tira uma flor, sorrio, vejo-o deslizar a flor pela manga da blusa e passar pelos dedos. Um truque velho, mas que a faz dar um gritinho, bater palmas e sorrir.

— Chica macho chegou para nós como um macho, arrisco sem qualquer possibilidade de verificarmos se ele realmente era macho. Mas Eli conseguiu amansá-lo. Nós a chamávamos de macho, e Eli apelidou de Chica, mas como ela só respondia pelo apelido de macho, ficou Chica macho. — Ao que parece meu amigo não é conhecido aqui pelo apelido de Corvo.

Nós andamos pelas instalações, enquanto Corvo fica com o rapaz jovem chamado Danny na entrada, combinando algo sobre um evento para expor os novos filhotes que parecem ter saído da quarentena hoje. Uma moça com cabelos marrons como chocolate e olhos escuros vem em nossa direção, ela me olha de forma firme, mas sorri ao notar Rosita em meu colo.

— Sou Jordana, vocês devem ser Ivan e Rosita. — Meu nariz começa a coçar. Porra, o espirro veio e assusta Rosita.

— Perdão, meu amor — desculpo-me, ela ri. — Muito prazer.

— Olá, você é bonita — Florzinha gesticula o elogio, e antes mesmo que eu responda, a veterinária responde devagar na língua dos sinais.

— Olá, você é mais ainda, princesa. — A veterinária que me olhava na defensiva, lança-me um olhar compreensivo.

— Posso? — pede para carregar Rosita que vai de bom grado, elas começam a andar em direção aos gatos, tem diversas plaquinhas espalhadas, diz quem é dócil, quem não é. Corvo para ao meu lado. Coço meu nariz.

— Ela deve ser a Jordana... — Ele para e analisa a moça. — Não... Porra... Não... Sim... — Quando a moça se vira, ele estaca em meu lado e a moça apenas anda em nossa direção. — Porra é ela, Russinho. Os meus...

— Você disse que ela tinha um olho mel e outro esverdeado. Os olhos dela são pretos, cara — digo, dou uma cotovelada nele.

— Você tem razão. — Mas vejo a dúvida em seus olhos.

— Acho que temos um escolhido, pai — a veterinária avisa para mim, não a corrijo, de forma egoísta meu peito se aquece.

— Yo o amo... — Ela bate palmas, espirro. Porra.

— Você deve ser Elijah. — Ela olha para o Corvo, sem sorrir, ele balança a cabeça.

— Sou Jordana.

— É, eu sei... Agora eu sei. Vou sondar Chica macho enquanto vocês formalizam a adoção. — Ele vira, nos deixando sozinhos.

Adotamos a porra do gato, e quando saímos Corvo puxa uma bala comprida, seu vício foi substituído por outro, o açúcar.

— Você vai ter diabetes — reclamo, coçando meu nariz.

Ao contrário do que penso o gato não precisa de gaiola, doce e manso o bicho quer tudo menos fugir, pequeno e cheio de pelos, o gato carente está entrando na adolescência. Rosita beija o focinho dele, antes de sairmos com ele, Danny deu-lhe um banho e colocou uma gravata no bicho e ele todo cheio de carência passou para o colo da Florzinha de bom grado.

Coço meu nariz.

— Atchim!

Porra, eu odeio gatos.

— Não quer mesmo ficar? Vou fazer pizza — digo, olhando as compras nas sacolas em cima do balcão. — Não me diga que vai perseguir a veterinária. — Ele chegou comigo, soltando fogo, algo me diz que ele voltou ao abrigo e a conversa com a olhos de mel não foi nada amigável, afinal, ele tem cinco dedos desenhados em seu rosto, e pelos vergões e pela cor vermelho-vivo, ele deve ter dito algo bem ofensivo o suficiente para ganhar um carimbo na cara.

— Eu sei o que vi. E os olhos dela não são marrons — resmunga.

Rosita passa correndo com o gato atrás, ela me fez comprar algumas coisas na loja do abrigo, incluindo uma vareta com algumas penas na ponta, o ciúme ainda está em minha garganta, vê-la sorrindo para o maldito Sebo fez meu sangue ferver, meu punho formigou, eu queria tingir a cara do maldito. Ainda é sobre o lance de não poder assumi-la, mesmo sendo arriscado eu quero levar elas à Rússia, desde o lance do quarto do mini Maldonado, os dias passam e a sensação de que tudo está prestes a ruir fica

cada vez mais próxima. O medo de que talvez Matarazzo seja seu verdadeiro apoio está me corroendo.

— Então quer dizer que Solzinha é amiga do Matarazzo? Certo... Certo, sem rosnar, Fido. — Ele gargalha. — Parece que Osório errou o alvo. — Olho para lavanderia e o gato está cagando ao contrário. Ao invés de virar a porra da bunda peluda para a caixa de areia ele vira para o meu lado. Rosita ri e pula animada, ao pegar a pazinha de plástico e me entregar.

Porra, eu odeio gatos.

Eu e Rosita sentados lado a lado ouvindo a bronca da Sol, meus lábios ardem e meus olhos coçam, porra usar a maquiagem de Sol foi o caralho de uma ideia ruim, minha noite foi sensacional, depois de assistir um filme chamado Moana e ter uma Rosita me pedindo um galo, porra, onde eu vou arrumar um galo? Ela decidiu me maquiar, e me deixar lindo com sua mãe. As maquiagens infantis dela não pegavam em meu rosto, foi quando tive a ideia de xeretar o banheiro e descobri a bolsinha com maquiagens, fitas de depilação e algumas coisas para cabelo. Ela chegou contando da serenata de Dominic. Eu seguro o gato, meu nariz coça, a maquiagem não saiu completamente, o que me rendeu a porra de uma noite de sono ruim e claro que meus olhos quase não abriram quando me levantei, o que tinha naquela porra? Chumbo? Faço cara de piedade e cutuco Rosita, ela dá seu olhar de cachorro pidão, fazendo Sol estreitar os olhos.

— Vocês não estão fazendo olhinhos para mim, *no?* *Dios!* Olhe seu rosto, está inchando. — Ela jogou as mãos para o alto, linda e irritada ela pegou o gato do meu colo. — Pare de usá-lo de muleta, Ivan. *Dios?* O que eu faço com essas duas crianças? — reclama beijando o fucinho do bichano, deixando-me com ciúmes.

— Nos ame? — digo.

— E dá beijinho! — Rosita completa se jogando contra a mãe. Levanto-me e abraço as duas, porra eu jamais imaginei ter isso. Dou a ela meu melhor sorriso e beijo seu rosto, ela bufa.

— Sim e dá beijinho! — Beijo seus lábios suavemente e ela suspira.

Observo as duas durante todo o dia, por algum milagre meu telefone não toca exceto pela ligação de Dominic, a caça pelo doutorzinho começou,

ele acha que é bom em se esconder, o que está irritando ainda mais o Dominic. Aos poucos Dominic está assumindo controle de volta, o que dá a mim e Corvo paz. Carniça me liga e pede para falar com Sol, ambos já estão há meia hora no telefone. Nós jantamos a deliciosa sopa de legumes de Sol. Rosita puxa minha orelha, coloco-a em meu colo e subo as escadas, assim como a mãe, ele pede uma história, deito-a na cama, cubro seu pequeno corpo e me sento no chão, ela segura meu dedo, firmemente.

— Vou lhe contar uma história que alguém muito especial me contou... Era uma vez, um rico fazendeiro. Ele vivia num pequeno vilarejo com seus três filhos e uma filha. Simon, o mais velho, era um soldado. Taras, o do meio, era um comerciante e Ivan, o mais novo, era fazendeiro como o pai dele, e não era muito inteligente. — Ela suspira e devagar começa a fechar os olhos, continuo tocando meu cabelinho, devagar, fazendo-a suspirar, o amor dentro de mim por ela trasborda. — Mas Ivan não respondeu aos truques dos demo... dos duendes. Eles tornaram o campo dele duro como uma rocha e deram a ele uma dor forte de estômago. Mas ele não desistiu e continuou trabalhando duro... — O suspiro chama minha atenção, Rosita dorme tranquila, paro a história e me levanto, Sol parada na porta sorria de forma doce. Vou em sua direção, mal consegui ficar a sós com ela. Saímos do quarto em silêncio, deixando a porta entreaberta.

Há algumas semanas minhas roupas já estão em seu guarda-roupas, só vamos até à maldita cama barulhenta quando usamos cordas. Pego-a pela cintura. Ela morde os lábios.

— Yô andei pensando quando me deixará mostrar o que realmente aprendi no curso de massagem tântrica? — pergunta com um sorriso travesso.

— Sou todo seu, linda...

Capítulo 32

*“Você sabe que eu te quero
Não é um segredo que tento esconder
Você sabe que me quer
Então não continue dizendo que nossas mãos estão atadas
Você diz que não está nas cartas de tarô
E que o destino está te levando para muito longe
E pra fora do meu alcance
Mas você está aqui no meu coração
Então, quem pode me parar se eu decidir
Que você é meu destino?
E se nós reescrevermos as estrelas?
Diga que você foi feita pra ser minha
Nada poderia nos manter separados
Você será aquela que eu deveria encontrar
Você que decide, e eu que decido
Ninguém pode dizer o que nós podemos ser
Então, por que não reescrevemos as estrelas?
E talvez o mundo possa ser nosso hoje à noite”*

Rewrite The Stars

James Arthur feat. Anne-Marie



SOLANGE

Nervosa, encosto a porta do quarto, passo a chave e suspiro. Ivan desabotoa a camisa, botão por botão. Seu estilo é diferente dos outros meninos do clube, ele segue a coisa do preto, mas as camisas sociais em conjunto com a calça jeans faz dele perigoso e sensual.

Tiro minha camisa, nervosa, desço o short, ele tira a calça, ele e sua mania de não usar cueca, quando ele se vira, passo a língua pelos lábios, excitado ele vem em minha direção.

— Vai me obedecer? — pergunto, ele sorri passando os dedos sobre meus seios nus, estremecendo, morde os lábios.

— Vou tentar, linda. — Beija meus lábios de forma molhada e sorri, ele anda até à cama, a bunda durinha e sexy pende no andar, *Dios*.

— De bruços. — Ivan faz o que peço, ajeitando os travesseiros, ele relaxa sobre minha cama, caminho até à cama, puxo a caixa que coloquei mais cedo embaixo dela, alcanço alguns óleos, pego a venda, e toco seu rosto, ele sorri de forma lasciva e sem questionar me deixa vendá-lo.

Ajoelho-me ao seu lado na cama e devagar coloco os óleos em sua pele, os ombros tensos, relaxam a cada movimento dos meus dedos, ele respira devagar, desço meus dedos por sua coluna, em círculos lentos e compassados, colocando uma leve pressão em cada área tensa que sinto, desço mais, tocando levemente sua bunda durinha, ele estremece e força levemente o corpo contra o colchão. Suas pernas longas e tensas começam a relaxar devagar. Ele tem uma pequena tatuagem russa na panturrilha, quando chego aos seus pés, ele relaxa.

Afasto-me apenas o suficiente para derramar um pouco de óleo em meus seios, minha intimidade apertada, molhada. Coloco meu corpo em cima do dele, tomando cuidado com meu peso, meus seios duros e sensíveis deslizam por sua pele, beijo seu pescoço tirando uma casquinha, ele geme.

— Porra... — Movimentando meu corpo liso de óleo pelas suas costas, coloco meus lábios perto do seu ouvido.

— Vire-se, Russo. — Quando ele faz menção de tirar a venda, paro-o. — A venda fica. — ele protesta, tiro meu corpo do dele e me levanto devagar, ele se vira, afundando contra o travesseiro. — Prometa-me que *no* vai me tocar — peço, passando a língua por seus lábios.

— Tentarei — geme de forma grossa, Ivan se vira, colo nossos corpos sem dar tempo de ele protestar, meus seios deslizam pelo seu corpo.

Levanto suas pernas, colocando-as em minhas coxas, inclino meu corpo deslizando minhas mãos por seu tórax, os gominhos definidos ficam tensos, quando meus seios tocam seu membro duro.

— Me deixe tirar a venda, e não lhe tocarei.

IVAN

Eu estou tão duro, que a única coisa que quero fazer, é tirar a porra da venda, colocá-la de quatro e dar a ela toda minha porra. Mas faço o que ela pede, mantendo-me quieto.

Meu sangue está fervendo, quando ela retira a venda porra, meu pai lateja, ela está entre minhas pernas, melados de óleo, ela se inclina, nunca tocando meu pau.

Ela desce as mãos devagar, meu pau duro baba querendo atenção. Ela o pega entre os dedos pequenos, porra. Eu quase... Quase fecho os olhos.

A calcinha preta brilha encharcada. Ela continua a porra da tortura, os dedos deslizando pelo meu pau, os olhos dela brilham como o sol.

A porra do meu sol, ela se afasta e desliza a calcinha pelas pernas me dando a porra da melhor visão, a porra da melhor visão.

Ela se inclina passando a língua por toda a extensão do meu pau, nunca tirando os olhos dos meus. Porra.

Ela sobe, esfregando o corpo no meu, é isso, ela é minha muito minha. Sinto os dedos dela em meu pau, seus seios contra meu peito, ela lambe meu pescoço, meu pau desliza entre seus lábios molhados, sua boceta desliza por meu pau, minha cabeça inchada brinca em seus lábios novamente, meu pau escorrega em seu clitóris, fazendo-a suspirar. Ela olha entre nós e geme. Puxo-a para mim, passando cada centímetro do meu pau em seu clitóris, rosno, apertando seus seios e com um impulso do meu quadril, enterro cada centímetro do meu pênis profundamente dentro de sua boceta. Ela choraminga e rebola, colocando os joelhos no colchão, tomando impulso enfincando as unhas em meu peito, meus dedos vão ao encontro do clitóris dela, ela geme, quando meus dedos apertam em sua cintura, Solange ofega cavalgando com vontade, inclinando para frente tomo seus seios em minhas mãos, juntando-os e lambendo, ela bate fundo cravando as unhas em minhas costas, minha bolas apertam, puxo-a. Pego em sua cintura a coloco de quatro e me enterro dentro dela batendo em sua bunda. Meus dedos deslizam pela bunda gostosa. Meus impulsos fazem ela cravar as unhas no lençol. Rosno mordendo seu ombro, ao me debruçar sobre ela. Meus dedos resvalam por seu clitóris, ela suspira, sôfrega. A bunda bate contra meu quadril e ela

rebola ofegante, suando, os cabelos revoltos grudando em nós dois, uma bagunça. A porra da bagunça que eu passarei a vida desejando que não seja arrumada.

□ Russo... Eu... □ Sol choraminga, e rebola me apertando, ordenhando meu pau. Porra.

□ Goze, linda, deixe vir □ peço, sentindo a carne apertar em torno de mim, estremece, gemendo ela joga a cabeça para trás, derretendo em mim, dando-me livre acesso ao seu pescoço, ela treme me apertando, estoco uma última vez fundo, gozando com ela. Minha mão aperta seu pescoço suavemente e a outra puxa ela mais perto contra mim pelo quadril, ela treme e respira com dificuldade, saio de dentro dela, Solange cai na cama com as pernas ligeiramente abertas, nosso prazer escorre melando suas coxas e o lençol, o gemido sai da minha garganta.

Eu nunca vou me cansar disso.

Beijo o rosto, depois da nossa bagunça tomamos um banho, fodê-la contra a porta do banheiro não estava em meus planos, e nem ter meu pau gozando em sua boca quando chegamos ao quarto, ela tira os lençóis da cama, vai ao armário e pega outros limpos. Coloco uma boxer e uma camisa, ela veste um conjunto de flanela, o frio bate nela e em mim, pego mais alguns cobertores. Ela reclama sobre estar ardida, aninhando-se em meu peito. Ouço batidinhas na porta, pulo da cama e vejo a Florzinha sonolenta segurando o gato mais sonolento ainda no colo.

□ *Mal sueño. Temor* □ ela reclama, baixinho, sonolenta tropeçando com o gato, pego-a no colo, Sol se sobressalta na cama meio trôpega de sono. Meu nariz coça.

Coloco-a na cama e ela se ajeita, soltando o gato. O bicho serpenteia até os meus pés, ajeitando-se. Porra, é só o que me faltava. O bicho gostar de mim. Rosita se agarra na mãe e joga uma perninha em meu ombro. Bocejo.

□ Boa noite, linda. □ Sol suspirou baixinho.

□ Buenas noches, amor □ ela responde, baixinho, dormindo nem se dando conta que me chamou de amor.

Acordo com o sol entrando pela janela, Rosita está a cabecinha no peito na mãe e as pernas em meu troco, Sol com as pernas em cima das minhas e o gato filho da puta está deitado de barriga para cima, com o focinho gelado contra a minha axila. Movo-me, ele acorda, espreguiçando-se e se levanta, com cuidado faço o mesmo. Vou até à janela e a fecho, deixo o quarto escuro. Sigo até o banheiro na companhia do gato e tomo um banho gelado, coloco uma bermuda, um tênis e enrolo a camisa na mão.

□ Vólte lá em cima e vigie nossas garotas. □ Ele mia e sobe as escadas pulando de dois em dois degraus.

Saio porta afora, certificando-me de fechar a porta.

O sol das seis da manhã de Vegas sabe ser escaldante. Coloco meus fones e vou em direção ao deserto.

Tomorrow's getting harder make no mistake

Luck ain't even lucky, got to make Your owns breaks

It's my life, it's now or never

I ain't gonna live forever

A música bate forte, fazendo-me parar, depois de quase uma hora correndo, ao longe vejo a cidade, e logo atrás da cidade, Las Vegas. O que haverá depois que um a um se for? O medo me bate, ser sujo demais para elas, mas sou incapaz de soltá-las, elas são minhas, minha mulher, minha... filha. Eu jamais vou tomar o lugar do pai dela, mas ela me deu um pedacinho do seu coração e nem dele eu sou digno, ter Solange em meus braços e desencadear um monstro que só ela é capaz de controlar. Predestinado a amá-la? Eu não sei que porra o destino quis em juntar duas pessoas quebradas, mas ela se encaixa.

Ela cura cada ferida aberta em meu peito, Rosita é capaz de me fazer amá-la, eu sempre achei que para ser amado precisava ser merecedor, mas o que diabos eu mereço delas? Um assassino que foi condenado a porra de um inferno na terra, a porra de um inferno.

Meu amor por Rosita, é o igual ao que sinto por Dora, mas um amor que foi capaz de me curar, não me arrependo de nada que fiz, mas ao olhar para ela eu realmente desejo não precisar mais de porra nenhuma, a amizade de Corvo e Carniça me mostra que posso ser leal a eles sem medo, não por

obrigação, mas por amor. A lealdade que ambos me deram foi maior do que ganhei em toda minha vida.

Volto, quando viro a esquina meu corpo se arrepia de ódio, Sebo toca o rosto do meu sol, e ela sorri, afastando-se.

— Atrapalho? — questiono, Sol me olha de cima a baixo, puxo a camisa, apertando-a em meu punho, ela suspira.

— Estava esperando por você, Russo. — A voz dele me irrita, apoio-me na cerca.

— Sou todo ouvidos.

— Com licença — Sol pede.

O carro de Corvo para na rua, e ele desce.

— Fala aí? Qual a boa, cara? — Corvo cumprimenta.

— Bom dia — Sebastian responde, formalmente. — Vou ser direto, o doutorzinho sumiu, e espero que você não esteja envolvido nessa merda. — Cruzo meus braços.

— Eu lhe digo que ele era um dos atacantes o carro da senhorita Portman e você ainda é hostil? — Sorrio, Corvo me olha de forma maldosa e pela cara dele, ele tem o doutorzinho, se ainda não tem, vai pegar, com certeza.

— Vou ser direto, se eu descobrir que vocês foderam outra investigação com essa síndrome de justiceiros... Eu não vou ser tão gentil. — Ele late, bravinho.

— Minha vez de ser direto — digo, aproximando-me dele. — Se tocar na minha mulher novamente, arrancarei seus dedos e você os sentirá no rabo. Você protege Solange, mas é só! Se tocá-la novamente eu é quem não serei tão gentil.

— Que porra foi essa? — Corvo ri. — Marcando território, Fido?

— Vá à merda, o que quer?

— Vamos lá, minhas fontes me disseram que o doc bandido está escondido em Chloride, que tal darmos um pulinho na cidade fantasma?

— Vou me trocar.

Vou me direção às escadas, ouço ele conversando animado com Rosita e com o saco de pulgas peludo.

— Algum problema? — Sol questiona da porta, olhando-me de cima a baixo.

— Talvez devesse perguntar ao seu amigo. — Dou de ombros. Ela vem em minha direção, pegando no nó da toalha, parei sua mão. — Se ele lhe tocar de novo, ele vai ficar sem os dedos.

— Ele é meu amigo. — Ela ri, e tenta tocar meu rosto.

— Amigo é o caralho, ele vai ser amigo na porra do inferno se lhe tocar de novo. — Afasto-me.

— Não vai me deixar tocá-lo? — questiona, irritando-me ainda mais quando ela esboça um sorriso presunçoso. — Talvez eu possa querer to... — Antes que ela termine a frase, empurro-a contra a porta, ela gargalha. — Fica lindo com ciúmes, amor. — Ela vem beijar meus lábios, mas a solto, desviando. — Greve amor?

— Entenda como quiser. — Bufo, afastando-me dela.

— *Dios!* — Ela ri, deixando-me ainda mais puto me visto rápido sentindo meu pau latejar. A vontade de espalmar minhas mãos em sua bunda e socar fundo faz minha boca secar.

— Faça uma boa viagem. — Solange se inclina e tira a calcinha, vindo em minha direção, ela coloca a peça no bolso traseiro do meu jeans, e aperta minha bunda.

— Caso sinta saudades e decida que essa sua greve é uma coisa boba.

Dois dias, dois malditos dias. O maldito médico é liso e minha paciência é escassa, nossa última tentativa é a porra desse velho galpão. Corvo com seu maldito pirulito de pata de bicho.

— Nós nos inspiramos no Patolé, de Zootopia, esses pirulitos de mirtilo são um sucesso nas feiras de adoção. — Ele assovia, pega distância e mete o pé na porta. Tiro a arma das costas.

— Olá, doc! — O doutor que está sentado em uma poltrona em frente a uma televisão velha, ao nos ver tenta correr.

Pow! Ele cai quando meu tiro atinge sua perna. A porra da minha paciência ficou enfiada no rabo quando saí de Parnoveil.

— Porra, cara. — Corvo gargalha, indo na direção dele e mete o pé na cabeça o nosso ilustre doc, fazendo-o urrar antes de desmaiar. — Isso é pelo Maldonadinho, seu filho da puta.

Corvo o amarra e amordaça, enquanto vasculho o lugar, algumas armas, mas o que me chama a atenção é a porra das pastas em cima da mesa, recolho todas.

— Nós nos vemos amanhã, jogue vinagre e sal na perna dele e o amarre de ponta cabeça — ordeno.

Corvo boceja, meneando a cabeça. Sigo em direção à porta de Sol, o banho no clube tirou o meu mau cheiro, mas porra ainda estou fedendo a lacticínios.

— Ivan. — Rosita se joga contra minhas pernas e ri animada, o gato vem correndo, jogando-se no chão.

— Olá, Florzinha. — Beijo seu rostinho, pego-a no colo.

— Senti saudades — ela gesticula.

— Eu também, minha Florzinha. — Beijo seu nariz e ela ri. O gato se embola em minhas pernas. — Senti sua falta também bola de pelo. — Ele mia alto. Sol vem da cozinha com seu pano no ombro, ela me olha e sorri, e toda ideia de ignorá-la e fazer greve de sexo cai por terra.

Capítulo 33

*Porque eu quero te tocar, amor
E quero te sentir também
Eu quero ver o Sol nascer
Sobre seus pecados, só eu e você
Esquente as coisas, estamos em fuga
Vamos fazer amor esta noite
Nos aproximar, nos apaixonar
Tentar
(Amor, eu estou bem aqui)
Mas você nunca ficará sozinha
Eu estarei com você do crepúsculo ao amanhecer
Eu estarei com você do crepúsculo ao amanhecer
Amor, eu estou bem aqui
Eu vou te apoiar quando as coisas derem errado
Eu estarei com você do crepúsculo ao amanhecer
Eu estarei com você do crepúsculo ao amanhecer
Amor, eu estou bem aqui”*

Dusk Till Dawn

ZAYN feat. Sia



SOLANGE

Encosto a porta, Rosita dorme e Osório mais que contente se coloca nos pés de sua caminha, Ivan chega fedendo a leite podre, e depois de quase uma hora no banheiro ele desce, usando bermuda e uma regata branca, ele se senta no chão e ajuda Rosita com as atividades de alfabetização.

Ele come sete hambúrgueres e cinco porções de salada de tomates com queijo, parecendo cansado, mal aguenta assistir Moana com Rosita, quando a levo para cima ele sobe logo atrás bocejando, vejo-o ir em direção ao meu quarto. Mordo os lábios e sorrio.

Entro no quarto devagar, ele está apenas de cueca e regata, deitado de bruços, roncando, deixo uma fresta na porta e me deito, ele sentindo meu peso, joga a perna em cima de mim e me abraça, colocando a cabeça em meus seios, sonolento ele beija a pele dos meus seios.

— Senti sua falta, porra — resmunga, apertando-me.

Dios, que homem manhoso.

Desperto e ainda é madrugada, o relógio marca quatro e meia, levanto-me, Ivan resmunga, passa as mãos pela cama, mas se contenta com meu travesseiro. Funga e volta a roncar de cansaço.

Coloco uma legging branca, um top e desço, pego uma maçã e uma garrafa de água, caminhando em direção ao porão. Mordo a maçã e bebo um gole de água, pego uma das cordas e no ritmo da música começo a pular. No começo, mal conseguia pular cinco vezes sem cansar ou quase cair, mas agora é como se corpo sentisse falta disso. Ivan me fez amar, amar o cansaço, minhas coxas queimam, jogo-me no chão e rolo ficando de bruços. Respiro devagar, sentindo o ar me fugir.

□ Fica linda nessa posição. □ A voz provocativa me faz suspirar.

□ *Buenos días.* □ Ignoro sua provocação e me sento no chão. Mordo os lábios, tentando não rir. — Ainda sobre a greve? — Levanto-me e seco meu rosto com a toalha.

— Senti sua falta na cama. — Ele reclama.

— Você precisava descansar, resolvi não incomodar seu sono. — Dou de ombros. Crispo meus olhos para ele.

— Sua calcinha ainda está no bolso da minha calça. — Meu rosto queima de vergonha, ele gargalha.

— Idiota.

Quando tento passar, ele segura meu braço e me puxa em sua direção, minhas costas batem na parede, ele abaixa os olhos, encarando-me.

— Você me leva ao inferno, mulher — resmunga, descendo o rosto pelo meu de forma sensual, *Dios!* Ele desce a mão pelo meu corpo, apalpando, fazendo-me morder os lábios. Ele desce os dedos pelo meu quadril.

Ofego quando seus dedos resvalam entre as minhas pernas, o material da legging roça contra mim, ele sorri, com os olhos nos meus, e desce a legging embolando o material em minhas coxas, encontrando minha pele quente e úmida, pronta para ele. Ivan sorri arrogante, dedilhando meus lábios molhados, afasto minhas pernas levemente e ele geme, seguro-me contra seus ombros quando seus dedos encontram meu clitóris. Ele me puxa em sua direção, os lábios dele se chocam com os meus. Arquejo contra sua boca, ele sorri mordendo meus lábios. Deslizando os dois dedos, minhas unhas enfincam em suas costas ao sentir o vai e vem intenso.

— Sempre pronta... Adoro a mulher que me enfrenta, mas a menina má que se derrete em meus braços me faz duro, pronto para fodê-la em qualquer lugar.

— A-achei que... — Suspiro, quando empurra os dedos com mais força. — Ainda estava de mau humor. Ahhh... — Gemo, ao sentir a pressão em meu clitóris.

Ele se afasta, puxando-me em direção a escada. Apoio-me nos degraus e ofego ao sentir ele se posicionar atrás de mim, ele ri beijando minhas costas. Quando os dedos dele rolam por meus lábios, não consigo evitar passar a língua pela minha boca. Meu corpo se arrepia, sinto seu hálito quente contra minhas coxas, quando sua língua desliza pela minha carne ansiosa meu corpo se inclina contra a escada, sua língua se arrasta devagar de forma preguiçosa, meu corpo se inclina contra ele, a forma intensa me faz gemer, meus dedos ficam brancos contra a escada, *Dios!* Sua língua desliza, ele chupa meu clitóris, quando seu dedo força meu buraco, involuntariamente, meu corpo se rende a ele, Ivan balbucia coisas desconexas, enquanto rebolo em seu rosto, o orgasmo se começa a se construir em meu ventre... *Dios.* Seu polegar provoca meu clitóris. Seguro com força o degrau da escada quando o prazer me atravessa, quebro-me trêmula, gozando em sua língua, ele geme me mantendo no lugar, meu corpo ainda sofre com os espasmos.

Puxando-me, ele inverte as posições, sentando-se na escada me mantendo contra ele, Ivan me puxa para seu colo, sinto-o duro contra mim, desço devagar, sentindo cada centímetro dele dentro, cada polegada, ele puxa meus joelhos, travando-me pressionando minhas pernas juntas, arquejo ao senti-lo tão fundo, apoiando minhas mãos nas paredes da escada, subo e desço de forma dura, pesada, meu corpo está instável do recente orgasmo, minha bagunça facilita meus movimentos, ele puxa meu top, minhas coxas batem contra as suas, ele morde meu ombro. Sua mão desliza e toca meu clitóris enviando choques por todos os meus porros, *Dios!* Ele empurra os quadris me travando no lugar, a cada investida meu corpo oscila, Ivan me puxa fazendo minhas costas baterem em seu peito, a cada estocada um novo orgasmo se constrói, *Dios* o quão sujo e errado é? Mordendo os lábios minha cabeça pende para trás, ele aproveita e saqueia meu pescoço mordendo e chupando. Meu corpo todo se arrepia.

— Goze, meu Raio de Sol, me dê a porra do seu mel. — Como um gatilho ele bate fundo, quebrando-me, sinto-o se derramar dentro de mim, juntos, suspiro, ele me puxa me beijando com fome, percebo que sua extensão ainda vibra dentro de mim, choramingo amolecendo em seus braços, ele me pega e me abraça virando meu rosto em sua direção, ainda de costas beijando meus lábios de forma gentil, dessa vez, fazendo-me suspirar.

— Você é minha ruína, mulher. E amo me perder em cada curva dessas ruínas.

Amor...

A palavra me agita, fecho os olhos. *Dios*, por que estou indo por esse caminho e não quero mudar de direção?

IVAN

Com meu humor genuíno, encosto meu carro em frente do casebre, sorrio, Corvo sentado em uma posição de *Yōga*, abre apenas um olho e bufa.

— Namastê, passarinho — brinco.

— Namastê, vá se foder. — Gargalho. — Vejo que a greve já acabou. — Bufo puto.

— Não me diga que esse mau humor do cão tem a ver com uma certa doutora? — Ele se levanta e vai até o carro dele.

— Nem fodendo.

— Fodendo. — Ele joga a roupa em minha direção.

Ando em círculos, Corvo abre a janela.

— Vamos lá, doutor Frankenstein, conte comigo. Um carneirinho... Dois carneirinhos... Três carneirinhos... — Dominic abre a porta, no exato momento que coloco o braço do doutorzinho mais próximo do fogo.

— Churrasco, Russo? — Nem me dou ao trabalho de olhar.

— Você sabia que eu cantava essa música para minha filha? A menininha que você avaliou ser saudável para ser morta e acabar em uma vala? — Volto a cantar, sentindo meu sangue gelar e adrenalina começar a se elevar.

— Perdeu a língua? — Dom questiona.

— Esse lunático arrancou. — Na verdade, apenas cortei um pedaço, e no caminho ele perdeu dois dentes,

— Alguma informação, Russo? — Dominic pergunta.

— Handball está no México. O Dr. tem a língua lisa, feito óleo. — Em apenas dois minutos ele abriu a boca, o que tornou tudo um tanto teDioso, afinal ele abriu a boca na esperança de sair vivo.

— Que *caraio* é esse na sua cabeça? — Dom pergunta, enquanto ajeito a porra da touca de açougueiro.

— Ele me fez usar. Perdi uma aposta. — O passarinho sorri, presunçoso.

— Que aposta? — Maldito curioso.

— Eu apostei que ele não aguentaria a greve de sexo que ele estava fazendo com a Solzinha, olhe as costas desse fodido. — Ele aponta em minha direção.

— Você precisa parar com essa mania de acender fogo aqui — concordo.

— Churrasco à moda russa. — Passo o saco preto na cabeça dele e ele grita, meu punho atinge seu rosto, o doutor arqueja, desmaiando em seguida.

— Como vai a missão de honrar o clube, chefe? — Viro-me interessado no assunto.

— Não vai — Dominic responde, puto.

— Está tão difícil assim? Achei que Solange era a difícil. — Ela foi difícil como o inferno, mas nada como tirar a paz de espírito de Dominic.

— Me expliquem, porra, eu sou curioso. — Corvo se mete, jogando água na minha fogueira improvisada.

— Arrume uma mulher pra você e entre no time — digo, Corvo me dá o dedo do meio. — Vou ficar com Rosita, vamos fazer a noite do salão. As maquiagens que compramos na internet chegarão hoje, Solange ameaçou cortar meu pau se eu deixar Rosita tocar em seus batons ou sombras de novo. O último batom que deixei Rosita usar em mim, quase me rendeu bolas roxas — resmungo, gastei quase cem dólares em uma loja on-line.

— Você vai deixar a menina te maquiar de novo? Olhou se a maquiagem é permanente, seu animal? — dessa vez, fui criterioso em olhar a descrição das maquiagens.

— Poderia fazer a noite do SPA e deixar Rosita depilar essa sua perna peluda do inferno — Corvo debocha, ele está putinho pelo lance da doutora.

— O que vai fazer com ele? — Dominic questiona, ele já não é mais útil, e nem foi tanto assim.

— Cova rasa. Mas ele ainda será útil e, além do mais, você não me arruma um serviço que preste há dias, vamos nos divertir com ele. Não é, passarinho? — Corvo revira os olhos, puxo o saco da cabeça dele, Corvo pega o taco no canto e arrasta pelo chão..

— Precisamos achar outro lugar — Corvo comenta, concordo imediatamente. — O que você vai fazer com a vadia lá embaixo?

— Ela comeu?

— Um pão e meia garrafa de água há três dias. Não quer que eu tire sua sogra para tomar um sol? — questiono.

— Apague essa fogueira, Russo, e pare de assar esse cara — Dom manda, ao ver a fogueira voltar a acender, estraga-prazeres.

— Eu que o diga, não vou conseguir ver um bife na minha frente pelas próximas semanas. — Corvo faz cara de nojo e simula um vômito.

— Diga a Amber que eu volto para fazer uma visitinha a ela. — Dominic sai, nos deixando sozinhos, puxo o doc da cadeira e ele cai no chão.

— Eu amo bife malpassado — provoco Corvo, ele viro em direção a janela e vomita, ficando vermelho, ofegante ele olha em minha direção, respirando com dificuldades.

— Porra, deixe de ser doente, seu filho da puta — reclama, chuto o doutorzinho e ele geme.

— Hora de acordar, Cindi. — Chamo, chutando sua costela.

— Cinderela. E os anões lá. — Dou de ombros.

— Quem dorme é a Bela Adormecida, animal! Espera, quem tem anões não é a Branca de Neve? — Corvo tenta rir, mas engasga.

— Olá? — o doutor acorda aos berros. — Bem-vindo ao meu conto de fadas favorito, doc.

Capítulo 34

*Debaixo do nosso sangue ruim
Nós ainda temos um santuário
Lar, ainda é um lar, ainda é um lar aqui
Não é tarde demais para reconstruir ela
Porque uma chance em um milhão
Ainda é uma chance, ainda é uma chance
E eu prefiro apostar nessa chance
Remendar o que foi quebrado
Desdizer estas palavras lançadas
Encontrar esperança na falta de esperança
Me tirar desse desastre
Desfazer as cinzas
Desencadear as reações
Eu não estou pronto para morrer, ainda não*

Train Wreck

James Arthur



SOLANGE

Tento não me apavorar, minha risada de desespero deixa tudo pior, Ivan fecha os olhos, Rosita cobre a boca com a mãozinha. Ele chegou estranho da rua, os olhos dele estavam diferentes, tristes. Mas ele deixou isso de lado e foi para sala abrir as maquiagens com Rosita. É sempre assim, ele parece chegar com o peso do mundo, mas deixa tudo porta afora.

— No três... — digo, Ivan treme e agarra minha cintura enterrando seu rosto em minha barriga. Osório, nos olha com cara de desconfiança.

— Não, caralho, espera... — Ele treme, e se mexe, fazendo a fita grudar ainda mais.

— Um... Dois...

— Porra! — Ivan grita tão alto que eu não aguento, caio na gargalhada, maquiado, cheio de batom vermelho, agora sem um pedaço do cabelo, meu *Dios!* Ela deve ter pego uma das minhas fitas de depilação e nem em outro universo, imaginei que ela colocaria na cabeça de Ivan com a intenção de lhe dar um novo penteado.

— Está muito ruim?

Quando ele olha no espelho, juro que vejo lágrimas em seus olhos, sorrio com a cena. Rosita me entrega a máquina de cortar cabelo e sobe na cadeira, ela passa a máquina devagar fazendo um caminho de rato no topo da cabeça de Ivan e dá um gritinho, animada, ele me olha pelo espelho e ri descrente.

— Ela me deixou mesmo careca? — afirmo, rindo da sua cara de desespero, ela me entrega a máquina e sai correndo, em direção à sala. Ela volta com uma caixa de lençinhos, pede colo a Ivan e ele a pega, ela fica em pé e começa a tirar a maquiagem do rosto dele.

— Não fica triste, *Yo* amo você sem cabelo. — Ela beija o rosto dele, e ele ri. — *Yo* no sabia que ia doer.

— Eu sei que sim, lindinha. — A cada passada de máquina nasce um novo Ivan, deixo o topo mais alto e infelizmente passo a zero nas laterais já que onde ela colocou a fita ficou totalmente sem cabelo, pego a navalha e passo espuma de barbear pelo rosto dele e faço os detalhes do cabelo com cuidado, quando finalizo, aproveito e troco os pentes da máquina e passo em sua barba, deixando-a bem aparada. Ele passa a mão pelo rosto e me olhou. — Obrigado, meu Sol. Porra, eu estou careca.

Eu ri e ele se levantou tirando a camisa.

— Você vai precisar de um banho — digo, passando as mãos pelas costas dele. Tirando os fios de cabelo. — Precisa parar de fazer as vontades dela. — Rio, e ele bufa.

— Admita, fiquei gostoso com a porra do cabelo assim. — Beijo seus lábios, ele ri safado.

— Ficou, agora vá tomar um banho. Que eu vou tentar desligar a pilha da sua Florzinha arteira. — Pisco e saio, deixando-o no banheiro.

Rosita está jogada no chão, suspirando cansada e sonolenta, pego-a no colo e a levo direto para cama, apenas troco sua roupa por um vestidinho

fresco e uma calcinha de algodão larguinha. Ela suspira e Osório entra no quarto atrás de nós.

Ela pega no sono profundo, assim que saio, sigo direto para o banheiro, Ivan já está se trocando, tomo um banho rápido, a noite já começa a esfriar, assim que eu saio, entro no quarto e ele está com alguns Cd's nas mãos.

— Eu... Eu não queria fazer isso sozinho — ele diz, em um tom sofrido. Sento-me ao lado dele na cama, ele coloca o CD com o nome da filha dele.

Meu corpo todo treme, arregalo meus olhos. São fotos da filhinha dele, nua... *Dios*, por *Dios*! Quando olho para ele meu coração se quebra, as lágrimas descem silenciosas pelo rosto dele, fecho o notebook, tiro-o das mãos dele e o abraço, ele se quebra em meus braços, os soluços baixos, tornam-se altos e doloridos, minhas lágrimas descem como as dele, o homem que não sente nada e não demonstram nada em relação ao seu passado se quebra, ele chora me abraçando, o choro compulsivo e dolorido me doeu a alma, ver a pequena tão exposta e violada me faz pensar, será que Rosita teria acabado assim? *Dios*, o medo, a dor, que a pequena deve ter passado me faz apertá-lo e afago suas costas.

Quando o choro dele finalmente cessa, ele funga, olhando-me nos olhos, vermelho, consigo ver sua alma, os olhos dele trasbordam uma tristeza que jamais imaginei que poderia ver, uma dor que me causa medo, consigo ver o ódio, o nojo em seu olhar, sua feição está diferente, a máscara fria desce em seu rosto e ele apenas me abraça, descansando a cabeça em meu peito.

— Eles me tiraram tudo. — A voz rouca e sem emoção me arrepia. — Um dia eu duvidei que poderia ter uma alma.

Ivan fica aqui, em silêncio, e acabo pegando no sono, quando ouço a janela do quarto ser aberta, acordo em um sobressalto. Ele passa o corpo pela janela e o ouço subir no telhado, enrolo-me no robe e faço o mesmo, com dificuldade passo pela janela e me equilibro, o medo de faz presente, mas ele segura minha mão, apoio-me e me sento ao seu lado, encostando a cabeça em seu ombro.

— Se um dia, *tu* se perder na dor que agora trasborda por seu olhar, saiba que eu vou estar aqui. — Meu corpo vacila com a força das palavras das minhas palavras. Algo me diz que ele vai partir, e não serei capaz de competir com a dor em seus olhos.

Não consigo encará-lo nos dias seguintes, é como se um muro tivesse sido levantado novamente entre nós dois, os olhos ficaram frios, distantes, perdidos e cruéis, ele está mais silencioso e de vez em quando eu o pego vagando no nada, o olhar frio me dá medo, meu coração vibra ao ver Boo e Dom felizes, juntos mesmo que da maneira deles, Dominic amadureceu de uma forma incrível, mesmo mantendo a pose de idiota malvado.

O afastamento de Ivan me dá a certeza que jamais vou ser capaz de disputar espaço com a dor em seu peito, o Ivan que eu conheci morreu com o passar dos dias, não ouço mais piadas, olhares quentes ou abraços inesperados, apenas o silêncio e o afastamento dele, vejo-o chegar cada dia mais tarde, se afastar, sempre dando desculpas e isso me dá apenas uma certeza.

Ele vai partir, assim como imaginei desde o início, mas não tinha ciência que doeria tanto, que me causaria tanta dor. E isso se confirma quando vejo os ferimentos em seu rosto.

IVAN

"Traficantes do mundo continuam mirando mulheres e meninas, disse o superintendente Fedotov no relatório da ONU, ele ainda destacou que a vasta maioria das vítimas detectadas do tráfico são para exploração sexual e 35% das traficadas para o trabalho forçado são do sexo feminino incluindo crianças. Graças à ação conjunta da ONU com o FBI, foi realizada uma nova operação denominada "Espelho, espelho meu", tendo como responsável o Sebastian Matarazzo. Foram encontrados dois corpos já em estado de decomposição, pelos agentes do FBI, ambos os corpos foram identificados como Taylor Cookie, xerife de polícia da cidade vizinha, Parnoveil, e o outro homem foi identificado como sendo o padre Francisco Xavier que desapareceu há cerca de três meses, ambos os corpos foram encontrados com sinais de tortura que provavelmente foram realizadas por algum cartel que abomina tais atitudes, já que ao que tudo indica, eles são suspeitos de

tráfico de mulheres e crianças, facilitando a entrada das vítimas em nosso país pela fronteira norte. Segundo Sebastian Matarazzo, será iniciado um esquema de barricadas de vigilância em pontos estratégicos que não foram divulgados. A equipe forense esteve no local de desova e encontrou arquivos de crianças e mulheres, crianças desaparecidas que foram relacionadas ao banco de dados da Interpol, das oito vítimas identificadas, sete eram brasileiras e uma russa."

A notícia não significa nada, apenas me mantenho em silêncio, as imagens da minha filha, atormentam-me dia e noite. Meus últimos dias foram os mais infernais, a imagem dela como uma maldita mercadoria, dilacera-me. O corpinho inocente, ela deve ter chamado por mim, imaginando que eu a salvaria. Porra. E eu sequer pude fazer algo

— Bom trabalho, Russo. — A voz do Maldonado me tira do meu torpor. Nada parece tirar a dor em meu peito, nada é capaz de levar a angústia em mim. Nada parece ter muito sentindo agora, eu olho para Sol e Rosita e meu coração dói, elas não merecem isso, esse maldito inferno que está queimando dentro de mim. Elas merecem algo puro, limpo, cheio de amor e que não vá feri-las.

— Por que diabos o Gael ficou com a suíte VIP do seu hotel? — A voz irritante de um dos amigos de Dominic invade a sala.

— Olá, Gustave, é bom vê-lo, estou ótimo. Simples, porque seu irmão vai casar. E como diabos você entrou? — O loiro excêntrico faz cara de nojo, continuo em silêncio, de braços cruzados.

— O esquisito lá embaixo me mandou subir, eu sou seu sócio, ué. — Dominic arqueia a sobrancelhas quando o cara loiro entra dizendo.

— Conheçam, Gustave Mitchell. Gustave, Russo e Corvo. O Lincoln você já conhece. — Dominic o apresentou.

— Senhores — o tal Gustave diz, de forma debochada.

— E aí, cara. — Corvo entra na dele. Balanço a cabeça, ele me lança um sorriso grande.

— Por que vocês estão com cara que vão matar alguém? — Gustave pergunta, jogando-se no sofá ele ri.

— Posso começar com você, folgado, tire os pés imundos da minha mesa.

— Esses são sapatos D&G feitos sob medida para que não sejam desconfortáveis. — Que porra de cara fresco.

— Você tem sérios problemas, cara — Dominic comenta o óbvio.

— E esse lugar fede a gente velha e tabaco, nunca ouviu falar em aromatizador? — Além de irritante ele é um bom observador.

Ele é extremamente irritante, em trinta minutos com ele, eu já quero socá-lo. Babaca. Sento-me no banco de trás, mas se soubesse que ele é tão insuportável, teria vindo dirigindo. O mais rápido que a porra do carro permite.

— Podemos deixá-lo aqui, ninguém vai sentir falta dele — digo, apertando meus olhos, a voz dele é irritante, ele é fresco e parece um maldito manequim de loja de um dólar.

— Fale por você, galo de rinha. — Ele faz Dom abrir a boca sobre mim e em menos de cinco minutos ele quase descobre meu tipo sanguíneo.

— Enfie no rabo e cheire, Taz-Mania — digo, ao cabeçudo, quando ele me mostra o dedo do meio em uma provocação totalmente infantil.

— Minha cabeça não é grande, seu carnicheiro de... — Ele fica abismado com o que Dominic disse, o engraçado é que ele não me olha com medo e sim admiração.

— Calem o caraio da boca vocês dois. Estamos chegando. — Dominic manobra o carro.

— Foi ele quem começou — ele diz de forma infantil.

— Foi ele quem começou, *dah!* — Minha voz sai idêntica a dele, fresca e chata.

— Eu vou jogar os dois para fora. — Dom nos olha puto, porra eu quem vou socar esse maldito por me fazer andar com esse riquinho fresco com nojinho de poeira.

— Quer me dizer o que estamos fazendo no meio do nada? — Ele abre a janela, tira a cabeça para fora da janela e tosse de forma dramática e escandalosa, que cara fresco, porra! — Caralho, tem um homem pendurado lá em cima. — Ele aponta para o Cânion, abismado.

— Se você não calar a boca, loirona, você será o próximo — digo, em um tom de ameaça, e ele estremece de forma dramática. Desço do carro e consigo ouvi-lo resmungar algo. Pego minha mochila no porta-malas.

— Ele tem probleminha na cabeça, né? — ele pergunta baixo.

— Você também. Feche a porra dessa janela — Dominic respondeu.
— Russo? — Tiro a camisa, amarrando-a na mão.

— Não o asse e nem o mate. Você quer as suas respostas sobre Esteban Navarro e eu sobre Handball, ele sabe onde eles estão, Corvo virá buscá-lo. — A coisa toda de Dominic é com Handball, Tamara é só uma puta maluca, traficante de merda.

— Escute, vários amigos seus já passaram por aqui e eu estou sendo bem paciente — digo, ele cospe sangue. — Então se quer sair daqui vivo, me diga algo que possa ser útil.

— Maverick Maxwell, a Velha Vegas, cara, eles sabem onde está a mãe da sua filha e querem um favor seu.

Capítulo 35

“Selvagem e correndo

O destemor está queimando intensamente

*Não sabíamos de nada porque o que está fora de vista está fora da
mente*

Antes de aprendermos o medo de ser ousados

Antes de termos medo do desconhecido

Quando as luzes se acendem

Acho que eu não te contei

Acho que eu não te contei

Que me sinto deslocado”

Anywhere Away From Here

Rag'n'Bone Man feat. P!nk



IVAN

Giro o uísque no copo, o gelo bate contra o vidro. O barman do cassino me olha e depois corre os olhos para algo em minhas costas. Viro-me na banqueta, o homem de idade me olha e dá um sorriso, os dentes amarelos me enjoam. Os dois caras atrás dele afastam o terno em sincronia, mostrando-me a Taurus 66. A Velha Vegas jamais vai mudar.

Em 2009 houve uma operação do FBI que combateu os cassinos que tinham ligação com a máfia e isso fez com que a Velha Vegas caísse. Composta por vários mafiosos a Velha Vegas hoje é apenas uma organização de herdeiros das irmandades, que foram financiados ou refinanciados com milhões de dólares, na tentativa de obterem o controle total do crime, mas Dominic fez algo que os irritou o comprou o Desert Inn e vários outros cassinos dos proprietários ligados à máfia.

Dominic entrou em Las Vegas levou a um impulso corporativo no que se refere à gerência da indústria do cassino tudo de forma terceirizada, sem colocar a mão em nada, ele bate de frente com os mafiosos da Velha Vegas e

ainda faz dinheiro com isso, o que desperta ainda mais ódio deles. Dominic se recusa a fazer parte da Velha Vegas mais conhecida mundialmente como Cosa Nostra, os malditos se dividiram, deixando Chicago e vindo criar sede aqui. Há alguns anos, Dominic bate de frente com o homem à minha frente, dono do famoso cassino Las Vegas Strip, os malditos WhiteClass,[\[43\]](#) são a porra de um bando de suprematistas brancos que brigam pelo domínio de coca no território de Vegas.

E pelo que parece Dominic domina toda a porra que eles querem.

A vontade de enfiar uma bala nesse racista de merda é grande, mas ele tem algo que eu quero.

— Ivan Sarnov? — a voz me chama, levanto-me.

— Sou todo ouvidos, senhor Maxwell.

Ele me mostra sua mesa, olho os seguranças de Dom atentos. Ele pede uma bebida, e eu nego.

— Tenho algo que talvez lhe interesse. — Maxwell começa a falar. Ele pode achar que eu sou burro, mas teremos termos. Depois de quase meia hora já tive vontade de matá-lo de diversas maneiras.

— Temos um acordo? Você é o melhor pelo que eu fiquei sabendo, não perde uma, o que é uma troca justa.

Uma disputa de ego por uma vadia, temos mais que um acordo.

— Terá sua glória, senhor Maxwell, mas se trapacear... — Tiro a arma da minha cintura e coloco o cano virado em sua direção. Os capangas dele ficam em alerta. Fazendo-me sorrir de lado. — Eu já matei por muito menos e seus meninos dourados não me assustam. — Vejo o medo dançar em seu olhar, mas ele logo se recompõe, o olhar ganancioso e de merda volta ao seu rosto velho.

— Seu pai deve se orgulhar. — A menção de Ivo me faz ficar em alerta. — Seríamos rivais à altura se você tivesse assumido o lugar de seu pai. — Levanto-me, e ele me estende a mão, devolvo o aperto. — Eu tenho negócios pelo mundo todo e como você sabe, seu pai gosta de uma bela disputa e vejo que você, jovem rapaz, não é diferente.

— Leve-me como um bom conhecido e não terá problemas comigo como seu inimigo.

Desde meu acordo com Maxwell, tomo uma decisão, alugo um quarto em uma pensão em Vegas, apenas por tempo o suficiente que eu tenha coragem de dizer adeus. O quanto mais vai demorar para que eu as magoe? Para que eu as machuque? Eu quero ficar, quero amá-las, mas esse amor tem um preço, e não estou disposto a pagar. Sujá-las assim, magoá-las, e como se o que resta de mim, terminasse de sujar, mas manchando elas juntos, o amor a bondade. O que haverá depois? Nada, eu já não sou capaz de dar nada a elas agora. Os ciúmes me corrói, mas a verdade é que eu apenas quero o que Matarazzo pode dar a elas, a paz, o amor. Tudo, ele pode dar tudo o que eu não posso. Ficar com elas, é arrastá-las ao maldito inferno em que vivo. Levanto-me meu rosto lateja, o soco que o maldito acertou na minha cara provavelmente me dará um olho roxo.

Continuo a procura de Tamara, Handball e nosso amigo Shishureta tem me sido útil, trazendo-me informações, onde quer que Tamara esteja Navarro está com ela. Coloco o telefone no ouvido.

— Fala. — A voz de Maldonado soa irritada.

— Problemas à vista. — Aperto o vinco entre minhas sobrancelhas, sentindo meu olho latejar.

— Mas que merda — Dom protesta.

— Eu ainda vou fazer sabão do seu amiguinho, Sebastião — O maldito tem barrado minhas pesquisas no banco de dados do FBI, ele sabe que sou eu que estou interceptando seus relatórios e novas provas e está fazendo questão de deixar isso bem claro. — Mas vamos ao problema, no México existem alguns boatos de um cara que sabe onde Handball e Tamara estão. Entretanto, ele quer te ver pessoalmente.

— E quem seria esse ilustre cidadão? — A voz irritada, deixa claro que o problema dele é comigo.

— Cabelo, o nome dele é Cabelo. Segundo informações ele quer sua ajuda para atravessar a fronteira em segurança e em troca, fornecerá a localização exata dos dois. — Ele bufa.

— Por acaso tenho cara de guarda-costas de imigrante ilegal? Descubra quem é esse Cabelo e me traga ele. Já estou cansado dessa maldita brincadeira de gato e rato.

— Certo. Agora me diga por que diabos você tirou o localizador que coloquei no seu carro? — questiono, já que a porra do sinal falhou.

— Eu sei cuidar do meu próprio rabo, Russo, não se preocupe, aliás, se preocupe com o seu, que por sinal já está quase explodindo, inferno, já falei que não é para lutar sem meu conhecimento.

— Foda — O maldito sabe de tudo.

— Achou que eu não saberia, mas que caraio? Qual é a porra do seu problema, entenda que aqui não é o seu país, se você perder a maldita luta ou você morre, ou você vai lutar pra um maldito qualquer, até o final da sua vida ou até você morrer. Você não pensa na Solange, na menina? Qual é a porra do seu problema. Se você me desobedecer de novo e lutar sem o meu aval, você está fora! Entendeu? Você está fora! — Levanto-me, mas não o retruco.

— Dah — apenas balbucio, sentindo meu peito doer.

— Você quer lutar, Ivan? Vai lutar comigo, se eu ganhar você nunca mais vai se meter com a maldita Velha Vegas, se você ganhar você faz o que quiser do *caraio* da sua vida! Mas saiba que vou estourar seus miolos, se arriscar a vida e a maldita identidade de Solange novamente! — Hoje será a última luta, às três da manhã.

A dor em meu peito está cada vez mais angustiante, o medo de perdê-las agora é real, e o mais engraçado é que não estou as perdendo, estou deixando-as. E isso está me destruindo, ficar significa destruir as duas. E eu não vou suportar isso. A dor que eu vi nos olhos dela, as lágrimas que ela derramou por minha filha, foi demais, até nisso eu sou capaz de feri-la, fui egoísta ao pedir que ela fizesse aquilo comigo, visse todas aquelas fotos, eu não consegui sentir nada além de vazio, foi como se aquelas fotos tivessem terminado de tirar tudo que me restou. Elas merecem alguém que não esteja quebrado e vá feri-las.

Volto para casa, Sol e Rosita estão dormindo no sofá, desligo a televisão, ela suspira em seu sono, pego a pequena e a levo para o quarto dela, o gato me olha e ronrona devagar. Deixo a porta entreaberta, pego a Sol no colo e subo as escadas, ela se aninha contra meu peito.

— Russo? — ela geme e suspira, cheirando minha camisa e se agarrando a mim.

“Amar é para os tolos, então ame intensamente como um tolo que carrega a felicidade no brilho do olhar, que você seja forte o suficiente para amar com um tolo.”

A voz da minha babushka me bate, no fundo da alma.

Uma última vez, eu vou amá-la uma última vez.

Coloco-a na cama, devagar. Afasto-me, a luz da lua reflete em seu corpo, a pele negra brilha. Tiro minha camisa, meu corpo cobre e dela, meus lábios descem pelo pescoço dela e ela suspira esfregando o corpo no meu de forma inconsciente.

— Acorde, minha linda... — Ela abre os olhos devagar, quando meus lábios tocam os dela.

— Ivan? — Ela me chama baixinho, passo meus dedos por seu rosto.

Meus lábios tocam seu pescoço de forma suave, ela leva a mão ao meu rosto. Meus lábios tocam os dela e ela suspira contra os meus, meu coração está em suas mãos e quando eu sair por aquela porta, ele ficará aqui. De tudo que já perdi, tudo que se foi, perdê-las é o que mais me dilacera, elas estão vivas e merecem algo melhor, merecem algo que nunca serei capaz de ser, um homem inteiro, um homem que seja apenas delas e que não lute contra demônios e fantasmas tentando permanecer firme.

Eu a beijo, os lábios molhados e macios, ela suspira quando meus lábios descem por sua pele, ela se agarra a mim, ela afasta as pernas, acomodo-me entre elas, sentindo-me no paraíso. Ela arqueja, meus dedos sobem por sua camisola, e ela geme quando meus dedos dedilham sua calcinha de renda.

Minha, mas não para ser minha. Minha mente me acusa, ela ofega quando meus dedos afastam sua calcinha e tocam sua boceta molhada, ela treme e se arqueia contra minha mão. Meus dedos mergulham em sua boceta doce, fazendo-a suspirar e morder os lábios. Desço meus lábios pela pele dela sentido meu pau latejar contra o jeans apertado, quando desço as alças da camisola e beijo seus seios chupando sua pele, ela geme se esfregando contra minha mão, circulando seu seio com língua, mordo levemente, fazendo-a suspirar e tremer, meus dedos deslizam pelo clitóris dela e ela geme, quando meus dedos resvalam para dentro dela, ela ofega e morde os lábios, meus dedos mergulham fundo na boceta molhada.

Desço meus lábios por seu corpo, beijando e mordendo cada parte, uma última vez, deixando minha mente gravar cada detalhe, cada parte dela. Solange está com a respiração entrecortada, balbuciando meu nome, enquanto mordo o interior da sua coxa, deixando minha marca no mesmo lugar de sempre. Passo minha língua varrendo cada centímetro, ela suspira repetindo meu nome, a cada toque da minha língua ela treme, dou-me ao luxo de uma última imagem dela, do meu paraíso cravada em minha mente como ferro quente.

Os cabelos grudados contra o pescoço molhado pelo suor, os dedos apertando os lençóis, o corpo curvado à minha mercê, a lua batendo na pele fazendo dela meu sonho, minha miragem no paraíso. Quando ela explode contra meus lábios, é a porra do céu. Ela estremece, ofegando, e gemendo meu nome.

Meus olhos encontram os dela, puxo minha calça, jogando-a fora, ela geme travando uma das pernas em minhas coxas me puxando para ela, como da primeira vez. Meu pau desliza em sua entrada. Alcançando sua cintura, juntar-me a ela é como ter algo além da culpa, invisto fundo nela uma e outra vez, ela se derrete, cravando as unhas em meus ombros, como um animal enjaulado, estoco contra ela sentindo as suas unhas afiadas me marcando, meus lábios descem contra os seios fatos, ela geme agarrando meu pescoço, puxando-me contra ela, meus lábios beijam seu pescoço e a cada investida minha ela se derrete ainda mais. Sua boceta me aperta e ela ofega.

— Me dê isso linda... — Ela joga a cabeça para trás, quando passo meus braços pela sua cintura e puxo seu corpo batendo fundo. — Goze, Raio de Sol. Goze para mim. — Soco fundo quando explodo com ela, a enchendo com a minha porra, fazendo-a ela me apertar ofegante e trêmula, o ar me falta, invisto nela devagarinho melando nós dois.

Saio de dentro devagar, aninhando-a em meu peito quando deito, ela boceja fechando os olhos, e por um segundo meu mundo sai de órbita e pela porra de um minuto eu desejo não ser capaz de retribuir o sentimento, não doeria e poderia seguir, mas a partir do momento que eu sair por essa porta, sei que meu coração ficará aqui.

— *Yo te amo tanto, mi amor...* — Ela disse e pegou no sono.

— Eu também, meu Sol. Eu te amo, linda. Amo como nunca achei que fosse capaz.

Hoje meu maior desejo, é que ela seja capaz de me ouvir e um dia quem sabe me perdoar.

Capítulo 36

*Eu gostaria que pudéssemos cortar todos os laços com a luz da
manhã*

Porque o nosso segredo está no escuro

E embora eu não leve isso a sério

Eu só preciso de mais tempo

Para apreciar o que vamos deixar para trás

*Como o sentimento quando você está me segurando ainda com seus
olhos*

É tão real quanto as estrelas que sardas no céu

Mas quanto tempo vamos cair

Por quanto tempo vamos cair

Antes de podermos escalar?

E isso vai ficar muito difícil

Será que vamos chegar longe

Nossas palavras serão suficientes?

We'll be fine

Luz



IVAN

O relógio bate uma da manhã em ponto, afasto-me dela, deixando um beijo em sua testa. Caminho em direção ao banheiro.

As palavras *Yô te amo tanto, mi amor...* martelam em minha mente enquanto a água fria cai em meu corpo. Apoio-me contra a parede fria do chuveiro me sentindo morto. Vazio, sem nada. Meu punho acerta em cheio o azulejo frio, algo quente escorre por meu rosto, as grossas lágrimas caem e são levadas pela água.

Quando saio do banho, a realidade me assola. Ela me ama. E eu a amo. A amo verdadeiramente. Visto a roupa e vou em direção ao quartinho cheio

de brinquedos cor-de-rosa, aproximo-me da pequena cama e suspirei.

kazhduyu noch vy budete slyshat svoy kron

russkaya kolybelnaya

prosto nemnogo melancholic melody

kogda malysh nachinaet plakat

pokazy do mudai, moi rebenok

gde-to tam moget byt

zemlya, kotoraya besplatna dla nas s toboy

yi russkaya kolybelnaya [\[44\]](#)

Termino a canção de ninar, as lágrimas descem por meu rosto.

— Isso não é um adeus, Florzinha, eu sempre serei o seu Ivan. Você vai brilhar e eu vou estar lá, nem que seja em seu coração. — Beijo seus cabelos e sua testa, Osório me olha com seus grandes olhos e mansos. — Cuide delas. Elas são suas para proteger. — Afofo seu pelo e ele mia, como se me entendesse, quando faço menção de me afastar, ele gruda na manga da minha camisa e me olha desesperado.

— Cuide delas, Osi. E eu não lhe odeio, meu amigo.

Ele mia quando encosto a porta.

Colocando as roupas na mala, silencioso eu me levanto depois de fechar o zíper, quando me viro Solange está parada com os olhos marejados.

— Está na minha hora. — É a única coisa que consigo dizer.

— No vai se despedir dela? — Solange pergunta, a voz de magoada e amargurada me corta a alma, fazendo-me desviar os olhos dos dela.

— É melhor, Raio de Sol.

— Melhor para quem? Para *tu* e seu espírito covarde ou para tua vingança? *Yô* te amo com cada batida do meu coração e *tu* não pensou duas vezes em fazê-lo parar de bater. Sua vingança no vai te matar, Ivan, você já está morto — Solange vocifera, e pego a minha mala.

— *Yô* errei não em ter deixado você entrar em minha casa, mas em meu coração. *Tu* foi o primeiro a falar sobre paixão e será o último. *Yô* o amo demais para implorar que fique, não quero disputar espaço com seus

demônios, não mais, não quero os olhares assombrados, os olhares frios dispostos a fazer de tudo e não sentir nada.

— Não há nada que diga que me fará ficar.

— *Yô* nem quero que fique. — Vejo a mentira em seu olhar magoado, ela acaba de erguer a barreira que eu mesmo derrubei.

— Sinto muito.

— Eu sei que sente — ela diz, com a voz carregada de tristeza e dor. Não tem deboche ou escárnio em sua voz. — Eu achei que poderia sonhar conosco, na verdade, até sonhei. Mas eu acordei, eu ainda sou uma imigrante jurada a um traficante, eu achei que seria capaz de te tirar dessa escuridão. E sinto muito, desculpe-me se falhei. Sua *hija* vai continuar em meu coração e a cada pedido de paz que eu puder fazer a sua pequena, obrigada por tudo que me ensinou. — Ela ri, fazendo com que as lágrimas caiam. — Por tudo que me fez sentir. Perdoe-me, *tu* não é covarde. — *Sim, eu sou amor*, penso sentindo meu peito apertar. — Tu não precisa ficar, nunca precisou, eu acreditei que poderia ficar, mas cometi um erro.

— Ele jamais vai lhe encontrar. — Prometo. A decepção em seu olhar teria doído menos se fosse um soco.

— Vai e *Yô* sei que vão ter pessoas aqui por *mi hija*. Que darão a vida por ela. — Ela vai até à cabeceira da cama, pega as *dog's* que eu dei e vem em minha direção.

— *Yô* espero que encontre alguém, que seja digna de amá-lo, amá-lo como eu amei e até mais, capaz de amar o verdadeiro Ivan, o meu Ivan, o que eu conheci, talvez em outra vida *Yô* seja o suficiente.

Tenho vontade de abraçá-la dizer que ela é mais que suficiente, que ela tirou minha alma da escuridão, mas fico em silêncio. Vendo-a se quebrar em minha frente, com um cristal...

Vendo meu sol deixar de brilhar.

4 meses depois

SOLANGE

Yô só quero que a dor em meu peito pare, mas ela só piora ao ver o Mustang preto se afastar. Vê-lo partir da minha janela e sinto que meu

coração foi com ele. Sem querer ponderar entre ficar ou olhar para trás.

E o que mais me dói é que nada foi suficiente para fazê-lo ficar. Não foi sobre a vingança, mas sim o preço dela. O preço da vingança, esse era o preço... tirar dele o resto de esperança que havia em seu coração. Tirar o que restou dele, arrancar dele sem piedade a esperança dele ser digno.

A primeira semana chega, e com ela as perguntas de Rosita. Ela parece entender quando explico que talvez ele não volte.

Quando a segunda semana chega, ela espera todos os dias com Osi ao seu lado. A chuva começa a ficar forte, ela ajeita a capa de chuva de Osi e a dela. Meu coração se comprime, mantenho-me firme e vou até ela.

— Ele *no* vem, não é? — desde que ele se foi ela quase não fala mais, ela só usa os sinais para se comunicar.

— Não, querida, ele *no* vem — explico, ela me olha e afirma com a cabeça, levantando-se, abaixo-me e tiro as gotas de chuva em seu rostinho, ela pega o Osi.

— Yo pedi um novo papai, ao meu papai do céu, mas um que não fosse embora igual meu papai Juan. — Ela entra e deixo as lágrimas escorrerem, apoio-me no pilar que sustenta a varanda, as gotas de chuvas caem em meu rosto. A dor em meu peito me dilacera, o desespero, a mágoa, a dor. *Dios*, por quê?

Quando a terceira semana chega, ela mal come, mas com a ajuda de Nina ela volta a sorrir e comer suas comidas preferidas. Ela não quis fazer pizza de brócolis com queijo. Ela não quis mais brincar lá fora. A tristeza dela começa a me consumir.

Eu esperei ele voltar. E ele não voltou.

Soco o saco de boxe com toda força. Sinto-me exausta.

Tudo passou muito rápido, Leon faz um mês e eu sequer consigo olhar para Corvo, depois de ajudar na festa, apenas volto para casa, a alegria momentânea que eles me deram, fica da porta para fora. Mesmo conhecendo a família Mitchell, com eles, foi mais que meros sorrisos, eu me senti acolhida, viva, me senti feliz, mas tristeza em meu peito parece que transbordar meu olhar.

Boo e Dom se acertaram, quando ele levou o tiro, Yo pedi fervorosamente aos céus que lhe dessem uma chance de ser feliz, de ser o

Dom o pai do Leon e o melhor cara que Boo merece.

Tenho me mantido afastada, evito o Corvo e todas as suas tentativas de se aproximar, tenho levado minha vida no automático e com isso os números foram caindo em quatro meses as coisas ficaram insuportáveis.

18, 16, 14, 12 ... [45]E nada mais me serve, tudo largo demais, as olheiras embaixo dos meus olhos estão cada vez mais evidentes, meus cabelos estão caindo, e nesse momento eu percebo que virei o fantasma da mulher que eu fui um dia.

Ele deve ter encontrado outro alguém, e eu fiquei, a dor foi substituída por raiva.

Eu posso não ter sido suficiente para ele, mas eu preciso ser suficiente para mim e para minha filha. Vê-la se formar em honras na faculdade. Eu preciso ser forte o suficiente para estar na primeira fila, aplaudindo-a de pé.

Meu coração pede para que eu fique aqui dia após dia parada, esperando a vida passar. Mas não. Largo as luvas de boxe, subindo as escadas suada e dolorida, passo pela cozinha, beberico um iogurte com mirtilos e subo, já vai dar sete da manhã, tomo um banho e me visto com um vestido colorido. Sigo em direção ao quarto de Rosita.

— Chagaram cedo hoje, meninas. — Passo pela porta da casa mística.

— Que os ancestrais trovejem os céus. — Ela me olha e deixa a cumbuca que está segurando cair e se espatifar em vários cacos no chão.

Tenho recusado todos os pagamentos que Ivan continua fazendo, durante esses quatro meses. Aquele dinheiro em minha conta me faz ter ainda mais ódio dele, todo o dinheiro, todo o “aluguel” que o banco manda, eu devolvo para sua conta, *Dios*, ele quer que eu continue vivendo do seu dinheiro? Do seu “aluguel”? Preciso de um emprego, e quando a realidade me bate, saio em busca de algo para mim, mas antes resolvo passar na loja de Ximena, e quando passei pela porta confidencio a ela toda a merda que eu me envolvi.

A loja de Ximena tinha um anúncio, e quando eu entrei ela me abraçou e me deu a vaga. Sua neta que ajudava na loja foi para a Universidade de Yale. Ela passa boa parte do dia mexendo com suas ervas, e eu e Rosita ficamos aqui na frente.

Mesmo o pagamento não sendo muito, é o suficiente para que Rosita tenha tudo que precisa. Continuarei juntado tudo puder para pagar o implante e os aparelhos auditivos, não é certeza de que vá conseguir ouvir, mas há uma esperança.

Rosita está com o Osi em sua mochila de plástico, a mochila foi um presente de Corvo. A minha menina terrível o solta na loja e ele vai correndo em direção a Ximena.

— *Dios*, você está bem? — pergunto, ela ri com os olhos marejados.

— *Dios*. Venha menina! Venha, como eu não vi. — Sorrio, desvio dos cacos me sentando na cadeira, ela pega os amuletos e me entrega um, fecho a minha mão. — Feche os olhos, querida.

Ela começa a recitar cânticos quando fecho meus olhos. Quando os abro ela me olha, os olhos brilhantes cheios de lágrimas.

— Há vida em ti! A vida cresce eu teu ventre! Tu gera a vida, minha criança! Ah! Menina! Que os ancestrais e o nosso Senhor dos céus lhe concedam força, porque você gera vida, menina! Gera a luz, que vai tirar o menino da escuridão, você gera vida daquele cuja alma foi quebrada. Você gera a luz daquele que acha não ser digno de ser feliz, você carrega o fruto do seu amor com aquele que faz seu coração transbordar de sentimentos.

Minha vista escurece.

O cheiro forte de ervas me desperta, quando eu abro meus olhos Rosita está segurando o paninho com ervas mais próximo do meu rosto. Ximena para de abanar o leque.

— *No, no, no*. Eu *no* posso...

— Ser mãe novamente? Querida, há algo sobre os desígnios *Dele* — Ela aponta para os céus. — Que jamais vamos compreender. A semente em ti fecundada dará frutos.

— Ele *no* vai voltar — digo, convicta levando a mão em meu ventre sentindo o ar me faltar.

— Vai e *Yo* espero que não seja tarde quando ele decidir o que fazer. — Os olhos dela ficam tempestuosos.

Capítulo 37

*Você quase me deu um ataque cardíaco
Quando você disse que estava indo bem
É óbvio que você é tudo que me resta?
E o ano passado foi como um inferno
Acho que estou me sentindo solitária achando que você não seguiu
em frente
E me desculpe se estou exagerando
Nunca pensei que veria a forma de dor
Parado na luz da varanda da frente
É óbvio que não estou nada bem?
Nunca quis começar uma briga
Acho que estou nesse exato momento vivendo no seu passado
Mas eu nunca pensei que você me esqueceria tão rápido*

Good Without

Mimi Webb



IVAN

— Bom trabalho, rapaz. — Maxwell me lança um sorriso nojento, as vozes gritam, urrando. Dei a eles minha última luta, o sangue do meu adversário brilha no tatame. As vozes em minha cabeça, berram com isso a minha têmpora dói, minhas costelas latejam como se elas estivessem pegando fogo, mas não chega perto da dor em meu coração.

Eles jogam o plástico sobre o corpo no tatame e todo meu corpo fica tenso, matar ou morrer, esse é o preço. Quando meu braço tencionou o pescoço dele, ele devolveu cravando os dentes em meu antebraço, naquele momento eu gelei, ele entrou ali sabendo que ia morrer, assim como eu. Mas eu nunca perco, meu nariz sangra gotejando sangue no chão, eles me puxam até à mesa, abrem a mala e os maços de dólares caem

— Setecentos mil dólares. — Maxwell gargalha. — Fique garoto, seu lugar é aqui. Deixaremos seu pai saber que você fez a escolha certa. — Eles gargalham iguais hienas. — Não precisa rosnar, menino, vadia é toda sua. Os meninos vão limpar sua bagunça.

Dou a costas a eles, meu sangue corre mais rápido, mesmo com meu corpo latejando caminho em direção ao banheiro improvisado do galpão. Quando arranco o short e entro no chuveiro água quente bate em meu corpo que reclama, minhas costelas doem e o corte em meu supercílio lateja...

— *Você sente falta? Da sua vida? Sua vida nessa tal irmandade?* — A lembrança me bate viva, me queimando. O sorriso, o brilho no olhar, a alegria, a alma boa, a vontade de ser feliz. E eu tirei isso dela.

— *Lá, nunca foi meu lugar.*

— *E aqui é?*

— *Talvez nosso lugar no mundo, não seja realmente um espaço físico, mas sim ao lado de determinadas pessoas, que nos façam realmente ter vontade de pertencer a algum lugar.*

Achei que podia sair e lá e não sentiria nada, minha alma queima, o cheiro dela está em mim, o sorriso dela cravado no meu peito como uma tatuagem, a pequena Rosita, minha Florzinha, ela me ensinou tanto. Sinto que minha vida vai junto a cada lágrima que se mistura com a água quente e desce pelo ralo, eu posso ouvir a risada dela, sentir seu pequeno corpinho no meu, em um abraço de urso, em um abraço de pai. Meu coração queima, soco a parede do box, os ferimentos da luta nos nós dos meus dedos voltam a sangrar e latejar, fazendo-me urrar de raiva. Meu peito dói, a dor da perda se torna física.

A dor de não ser o suficiente para elas, não ser completo, não ser limpo. O que um homem que mata outro semelhante tem a oferecer, talvez nem o próprio diabo queira o que restou da minha alma, e isso me dói, me castiga e me consome. Como um filme todas as vidas que já passaram pelas minhas mãos e eu as ceifei rolam em meus pensamentos me assombrando, não sinto nada, não há arrependimento. Eu faria tudo de novo se precisasse sobreviver, mas qual o preço disso?

Minha casa não era aquele lugar, minha casa era ela. Era Solange, seu sorriso, seu amor... sua resistência em me amar, meu lar se tornou ela quando

se derreteu em meus braços e confiou em mim. Ela enterrou Yolanda em seu passado, e confiou em mim quando precisou trazê-lo à tona, ela confiou em mim.

E o que eu posso oferecer a elas?

Nada.

Maxwell puxa a porta do galpão vazio, ele quis vir pessoalmente entregar meu prêmio.

— Divirta-se, rapaz. Angus e Alex vão estar à sua disposição, meu jovem, eu estarei lá em cima apreciando o show.

Jogo minha mochila no chão, vê-la ali, à minha mercê faz minha adrenalina subir, meu sangue ferve, ela se debate na cadeira.

— Q-quem está aí? — A voz dela me bate, trazendo-me lembranças, trazendo-me dor. Caminho em sua direção, em passo silenciosos, ela ofega quando puxo a venda.

— Olá, Calina. — Ela arregala os olhos e começa a se debater, tentando se soltar.

— Ivan? Meu amor? Você veio... Tire-me daqui, leve-me para casa... — Gargalho. Caminho ao redor da sua cadeira de ferro enferrujada e paro atrás dela. Ela treme, o medo a invadindo. Ela sabe que não vai sair viva.

— As histórias sobre mim são reais, Calina. Eu mato e não sinto nada — digo, baixinho em seu ouvido, ela arqueja, meus olhos vão para o segundo andar, a admiração e a cobiça cresceram nos olhos de Maxwell. — Eu sou o que você disse que eu era, um monstro sem alma. A cópia do Ivo. Havia marcas roxas no corpinho dela, marcas de socos. — Meu punho atinge o rosto dela, e ela grita ofegando, Calina tomba, fazendo o barulho da cadeira ecoar junto ao seu grito. Os homens de Maxwell levantam a cadeira, a enorme marca roxa se forma em seu rosto, ela soluça se debatendo.

Vou até minha mochila e a abro, tiro de lá a máquina de cortar cabelo. Ela berra.

— Sabia que picotaram o cabelo dela? E descoloriram? — A cada mecha que cai ela grita mais, a máquina enferrujada faz um corte novo em sua cabeça a cada vez que passo, ela se debate e o um dos homens de

Maxwell a mantém para no lugar. Vou até à mochila e pego o frasco e vinagre e uma tesoura de jardinagem. Ela urra quando viro o vidro em sua cabeça, um dos cortes jorra sangue, ela berra e se desespera.

— Queimaram os dedos da minha filha, tiraram todas as digitais. O que acha deu lhe arrancar os dedos, Calina.

— N-não, por fav-vor — ela implora, fracamente, quando vê a tesoura de jardinagem em minhas mãos.

O sofrimento dela me faz sorrir, ela berra mais, chorando. A mão banhada em sangue não me faz sentir nada.

Eu me afasto dela sentindo o suor cair pelo meu rosto.

— E-ela-a nã-ão era sua filha, aquela bastardinha era do seu pai, você registrou sua irmãzinha — Calina revela em balbucios, fazendo-me dar um passo para trás, a vitória em seu olhar brilha, mesmo estando ensanguentada. — Ivo-o jama-ais deixaria eu me livrar dela, se ela fosse sua herdeira, mas não, aquela ratinha era dele. Eu tentei tirá-la, mandá-la para o inferno para onde ela foi, mas não obtive sucesso. Deus, eu amei gastar o dinheiro, sabe quando ela me rendeu? Duzentos mil rublos.[\[46\]](#)

— Tirem ela da cadeira. — O olhar malicioso dos dois me dá nojo. Eu não vou estuprar essa vadia e nem permitir que eles o façam, mas vou fazê-la implorar para morrer.

Ela se debate no chão e grita, ela não vai viver muito no máximo cinco minutos. O sangue escorre pela boca dela, jorrando do peito aberto, os órgãos expostos, ela grita mais e se contorce fazendo os caras ao meu lado virarem o rosto quando tudo que está exposto cai ao chão, misturando-se a poça de sangue, levo minhas mãos ao coldre e alcanço o revólver, destravo-o, ela me olha cuspiendo sangue.

— Ainda merece o tiro de misericórdia por me dizer a verdade e me fazer amar ainda mais *minha* filha. — Desengatilho a arma. — Diga ao diabo, que lhe mandei lembranças.

Pow! Pow! Pow!

Dois tiros na testa e um no peito aberto, ela se debate uma última vez, se ela for bem-vinda ao inferno fará ótima companhia a Ivo quando mandá-lo para lá.

— Foi um prazer fazer negócio com você — digo em tom audível olhando para Maxwell, ele apoia o queixo na mão e me olha sem qualquer expressão, apenas balança a cabeça.

Fui forjado para ser o Don Sarnov III, seu herdeiro e ele fez isso muito bem e ele vai se arrepender por ter me deixado vivo.

Lustrera, Novo México.

Quatro meses depois.

Ela não era sua filha... Ela foi minha filha desde que me amou, ela foi minha filha desde que me chamou de *papa*, Dorotéia Sarnov é minha filha e não há nada que mude isso. Sequer prestei atenção nos documentos do IML quando forneci meu DNA a eles, eu apenas assinei os papéis e os guardei. Nós não compartilhamos os mesmos alelos[47], mas compartilhamos o alelo de um terceiro, não identificado nos exames, Ivo Sarnov, eles sequer se importaram com isso quando liberaram minha filha.

— *Algo mais senhor?* — a voz da mexicana chama minha atenção, nego jogando as notas no balcão, enfio a mão no bolso e tiro os pesos mexicanos e os jogo sobre o balcão. Saio da lanchonete, quando passo em frente a quitanda, eu a reconheço, está parada no tempo, com os vidros quebrados, tudo vandalizado.

Caminho em direção ao furgão, abro a porta e entro, disco o número por mim, conhecido.

— Passarinho?

— Porra, Ivan? Onde você se enfiou? Que diabos você tinha na cabeça de se envolver com o carniceiro do Maxwell? Porra, cara a Velha Vegas? Não somos mais sua família?

— Já acabou? Preciso que me escute...

— Você mentiu, magoou a Sol — Corvo protesta. — E pra quê? Pra nada? Olhe para você, um caco. — Mantenho-me em silêncio, eles repassam os planos para a invasão do cartel. Conto a eles tudo que eles precisam para não sair metendo bala ao vento, analisei por dias a fio o cartel, a troca de turnos, as armas, as ruas que Navarro costuma usar, ele está sempre com

Tamara, provavelmente Handball deve estar louco de pó em algum lugar. — Cara...

— Eu não vou voltar, quanto isso acabar. Vou devolver minha filha à Rússia.

— E depois? Quer saber? Não volte, Sol está melhor sozinha. Ela não precisa de um babaca como você. Você falou tanto do Dom, mas na primeira oportunidade fez igual, a abandonou, ficou cego. Eu sinto muito pelo que aconteceu com sua menina, todos nós sentimos, mas e aí? Você pensou na Rosita? Ela deixou de falar e comer por sua causa, Sol emagreceu tanto que não parece a nossa Sol, você fez um bom trabalho, levou elas até seu inferno e as deixou lá. Pra você foi fácil, você só saiu. As deixou lá, elas não precisam de você, você precisa delas. Se for voltar e agir como um babaca novamente, não volte, acabe com isso e suma. Elas não merecem isso. Ninguém merece. Você partiu, mentiu, e as deixou à mercê de um assassino estuprador de merda. Cadê o cara que falou que ia protegê-las? Não me diga que é quebrado demais, pois todos aqui somos, mas nem por isso fazemos isso, mentimos e traímos a confiança uns dos outros, você pediu um tempo, recusou minhas ligações disse que ia à Rússia, mas mentiu, se envolveu com a Velha Vegas por uma vadia que você poderia ter achado com a nossa ajuda, se você pedisse, Calina mereceu morrer, mas nós não merecíamos sua mentira e a sua traição.

Os caras de Maldonado ficam em silêncio e a verdade me bate, como uma maldita faca.

— E-elas... estão bem? — Corvo ri em escárnio com a minha pergunta, minha voz travou em minha garganta.

— Quer saber por quê? Para saber se fez o trabalho de foder com os sentimentos delas direito? — Dou um passo em sua direção. — Quer me bater para melhorar a porra do seu ego de merda? Achei que era meu irmão. Mas eu me enganei.

— Calleb? — Chamo-o quando ele me dá as costas.

— Vamos fazer o que viemos fazer aqui e voltar para casa, não matem Handball e nem Tamara — ele diz, engasgado.

Fecho meus olhos, que porra eu fiz?

Somos uma família cara, seus inimigos não somos nós, mas seus inimigos são nossos inimigos também. As palavras que ele me disse há meses me bate como um chicote.

Isso, deixa de ser seu quando você arruma alguém entende? Nós ainda seguimos as tradições, então se um dia você der as suas a Sol, não tem mais volta entende? Se um dia ela socar o pé na sua bunda por alguma deslealdade sua, ela fica e você vai, é assim, essas são as regras. Dom mandou muita regra pro espaço inclusive a maioria das sujeiras nojentas do clube. Somos uma família e quando você decidiu ficar, você ganhou irmãos e uns velhos aí que podem ser chamados de pais. Família, cara, guarde a palavra, família.

Que porra eu fiz?

Capítulo 38

*E mais um vai ao chão
Oh, por que não posso conquistar o amor?
E eu devo ter pensado que éramos um só
Queria lutar sem armas nessa guerra
E eu queria isso, queria tanto isso
Mas haviam tantas bandeiras vermelhas
Agora mais um vai ao chão
E, pra deixar claro, não confiarei em ninguém
Você não me destruiu
Ainda estou lutando por paz*

Elastic Heart

Sia



SOLANGE

Marco a consulta depois de doze testes de farmácia positivos, e duas semanas depois cá estamos eu e Rosita. Trêmula, seguro os documentos em minhas mãos, Rosita olha o consultório abobalhada, sentadinha como uma princesa, ela passa a mão em seu vestido florido, a recepcionista olha para ela sorrindo, o cabelinho agora quase bate no meio das costas, solto e cheio de presilhas, deixando-a mais linda, como uma verdadeira princesa.

— Solange Esposito. — A médica abre a porta do consultório, chamando meu nome.

— Eu sabia que você não me era estranha, amiga da Bonnie, acertei? — Ela ri quando confirmo, e quem é essa linda moça? — Como Rosita não olha para ela fixamente, não sabe que estamos falando dela.

— Querida? — Chamo-a, a doutora se mostra surpresa pela nossa interação.

— A doutora quer saber seu nome, amor — digo, gesticulando.

— *Me lhamo* Rosita. — Ela ri, animada. — *Yo* no escuto. — Ela mostra a orelha, fazendo a doutora suspirar. A doutora me olha, compreensiva. Sorrio de volta.

Dios, nervosa, saio banheiro depois de colocar o avental para o exame.

Quando saio do banheiro, vejo a doutora dar a Rosita um pirulito.

— Estou pronta — digo, nervosa.

— Então deite-se aqui e vamos começar. — O gel frio desliza por minha pele, tremo ansiosa, minha filha se mexe na cadeira e sorri animada esfregando uma mãozinha outra. A doutora passa o aparelho, e volta sua atenção para mim.

— Meu bebê está bem? — O medo me assola, ela fica surpresa ao ouvir meus relatos da gravidez de Rosita.

— Bebês, querida, há duas vidinhas aqui. — Ofego, sentindo meus olhos marejarem.

— *Dios?* Como? — A doutora me olha, sorrindo.

— Milagres existem, querida. — Trêmula e ofegante, sentindo o nó na minha garganta. *Dios*, dois bebês. Em choque, ouço-a explicar e mostrar os bebês a Rosita. Pego os papéis, e quando saio com Rosita do consultório, puxo o ar por meus pulmões com força.

— Nino 1 e nino 2 — Rosita agarra minha cintura e dou um beijo estalado em minha barriga fazendo a moça da recepção suspirar e sorrir, ela dá um tchauzinho a Rosita, que retribui e sai saltitando à minha frente.

Nunca mais ficaremos sozinhas.

Rosita se estica ficando na pontinha dos pés e pega a casquinha de sorvete colorida, dando uma lambida generosa, pego a minha e caminho com ela pela rua, ela corre na direção dos pombos na praça e ri alto, chamando atenção para ela, algumas pessoas olharam para ela, rindo. Coloco a sacola da farmácia no banco, ela sobe na fonte e começou a se balançar com a casquinha, ela vê algo atrás de mim e pula da fonte, Rosita sai correndo e gritando.

— CORVO! — Ela se agarra nas pernas dele, sujando seu jeans de sorvete.

Ele vem em minha direção a carregando nos pés como Ivan fazia, ela o larga e corre na direção de outro grupo de pombos, eles não param e de cócoras ela se abaixa e começa e chamá-los com os dedinhos.

Olho para ele e lhe dou espaço no banco, ele olha para sacola da farmácia e suspira.

— *Usted* me seguiu, não é? — comento o óbvio quando os olhos dele para no meu ventre.

— Culpado. Não ia nós dizer que espera um mascotinho? — Suspiro e chupo boa parte do meu sorvete, limpado a boca, olho para ele.

— São dois — confesso, os olhos dele brilham e um lindo sorriso lindo se forma em seu rosto. — Uma para mim e outro para o Carniça batizar, Solzinha. — Rio, olhando incrédula pra ele. — O quê? Sou um bandido, mas ainda acredito em Deus. Você não está sozinha, Sol — Corvo diz e pisca em minha direção.

— Eu sei que *no*, e obrigada por isso.

— Ele não voltou, não é? — Nego, ele olha para Rosita.

— Eu sinto muito, Sol. Você o ama?

— Com todo meu coração, e agora com quatro. — Passo a mão sobre meu ventre.

— *Yô no* pude evitar, ele me dobrou e eu me apaixonei, mas no posso disputar espaço com uma vingança, *Yô no* tenho o direito de dizer o que é certo ou errado, ele tem todo direito de fazer o que faz, ele é isso, impiedoso, cruel e vingativo, não sente nada ao fazer e meu maior medo é que um dia isso o consuma tanto que não tenha mais espaço para mais nada, além de escuridão, e não quero mais competir com isso. *No* posso, eu vi as fitas da filhinha dele, foi demais para mim, sempre vai ter um espaço entre ele e o seu coração que eu não vou poder alcançar.

— Vai dizer a ele? Que está grávida? — Aceno em negativo.

— Ele não vai voltar e se ele o fizer, ele vai saber. *Yô no* tenho direito de esconder nada dele. Ele é o pai dos meus bebês, mas apenas isso. Não passa disso — digo, sentindo meu peito doer. — Mas e você, por que está com essa cara?

— Eu conheci alguém, e ela não quer nada comigo e provavelmente nem com o resto dos homens disponíveis na terra. — Olho para ele, noto o leve roxo em seu lábio.

— E eu fui grosso com ela, a acusei de coisas que ela não era.

— Qual é o problema de vocês homens? — empurro o braço dele.

— Somos homens, Sol, esse é o problema. — Ri sem graça.

— O que vai fazer agora?

— Tentar ser uma grávida normal. — Sorrio, e ele me abraça pelos ombros.

— Você vai ficar em Parnoveil quando tudo isso acabar? — questiona.

— Não há lugar melhor no mundo do que esse. — Pisco.

Esse lugar me deu uma família e não vou me afastar dela.

Corvo nos dá uma carona, quando abro o portão meu coração gela, o buquê de flores na varanda faz minha alma sair do corpo, Rosita alheia as flores entra e vai direto falar com o Osi sobre os irmãos. Engulo em seco. O bilhete em branco possui apenas suas iniciais.

S. N.

Vou até à lixeira da rua e jogo o buquê, olho dos lados e não há nada de diferente. Quando entro, sinto uma náusea enorme.

— Querida, que tal tu e Osi, ir lá para cima comigo, enquanto você brinca na banheira eu tomo um banho? — Ela grita, animada, pegando Osi no colo e corre em direção às escadas.

Verifico as portas, vou até minha estante, a pistola está carregada. Confiro as janelas e subo as escadas. Entro no banheiro, Rosita rebola alheia ao meu medo, Osi tenta pular e pegar a sombra de Rosita.

Encho a banheira e coloco bastante espuma e antes que eu consiga impedir, Osi pula na banheira fazendo a espuma voar, Rosita grita e entra na água, Osi tira a cabeça para fora do monte de espuma, sorrio assistindo a cena, dou banho nela e aproveito para tomar. Saio e me seco, enrolando-me na toalha eu a pego e a seco, colocando-a sentada no vaso, pego Osi e passo a toalha nele e depois o secador, ele ronrona todo preguiçoso.

Peço uma pizza e com medo pego meu pedido, nós comemos na sala, sentadas no chão, mas a todo momento meus olhos vão para janela.

— Que tal essa linda princesa e o cavaleiro Osi, dormirem comigo essa noite?

E todas as outras.

E assim acontece, ela dorme comigo todos os dias, as flores estão na varanda, todos os dias, com o mesmo bilhete.

IVAN

Puxo a máscara sobre meu rosto, dou sinal aos caras do FBI. Eles vão na frente, meu corpo aqui, mas minha mente está em um só lugar. Nelas. Elas merecem mais, mas a que preço? Minha florzinha parou de comer... Porra, eu causei mal a elas mesmo estando longe.

“Escute rapaz, se um dia você se apaixonar, seja egoísta e ame como um tolo, se todos podem por que você não? Seja egoísta e ame intensamente, até que não haja mais nada a não ser amor. Somos sujos, somos Sarnov’s, mas se puder ame por mim. Eu vi o único homem que eu amei ser morto, eu não amei Serguei, mas amo seu pai. Mesmo Serguei tendo feito dele um monstro, eu amo seu pai e amo você. Então seja um tolo egoísta e ame.” A lembrança de ouvir minha babushka falando isso, faz-me lembrar de tudo ... O sorriso de Sol... O meu Sol. Ela me amou, confiou em mim, e me deixou ir mesmo quando isso a feriu.

O estrondo da porta da mansão sendo estourada me tira dos meus devaneios, os gritos das prostitutas começam, sinto o baque do tiro em meu peito sendo parado pelo colete.

— Eles são bons. — Corvo ri, derrubando dois, miro em suas costas acertando no meio da testa do maldito que mirou na direção da cabeça dele.

— Pare de brincar e preste mais atenção — rosno, quando ele cola suas costas na minha, descarrego a arma contra os filhos da puta, sentindo a adrenalina me bater, meu sangue corre mais rápido. Tamara está em um dos corredores com Handball, meu corpo de projeta na direção deles, sinto o baque em meu peito. — Porra... — Apoio-me na pilastra, os caras de Dom se dividem com o FBI e nisso meu corpo vira, empurrando Matarazzo com toda minha força, ele rola pelo chão e vou junto.

— Obrigado. — Ele agradece.

— Se mantenha vivo, Sebo. — Levanto-me e vou em direção ao corredor que eles foram, recarrego a arma, sentindo meu peito doer.

— Vão para algum lugar? — Viro-me jogando meus ombros no pilar. Handball descarrega a arma, dou meia-volta e miro em sua coxa, ele berra caindo no chão, Tamara tenta correr, chuto a arma dele, puxando-a pelo cabelo.

— Desgraçado. — Jogo-a no chão e piso em seu ombro, quando ela tenta rolar na direção da arma.

— Estão todos mortos. Steban escapou, todos estão mortos.

— Meu filho já deve ter feito picadinho daquela neguinha suja. — Ela ri.

— Navarro foi atrás da Sol. Ligue para Dom, porra! — Ela ri, histérica. Meu pé atinge seu rosto, ela tomba a boca e o nariz sangram. — Ele foi atrás da Sol.

— Ninguém do clube atende. Porra. — Sigo em direção à saída.

— O que vai fazer? — Matarazzo pergunta, desvio dos corpos no chão.

— Vou atrás da minha mulher — digo o óbvio. Disco o número dela.

— Vamos linda, me atenda. — O desespero começa a crescer em meu peito. — Ele pegou minha mulher, porra!

— Ivan? — Corvo me chama.

Sinto como se minha vida tivesse passando diante dos meus olhos. A dor em meu peito me faz socar o capô do carro, ofego tentando respirar.

— Ivan? Respira, porra, você está entrando em pânico. — O ar me falta, engasgo, os braços de Corvo me apertam.

— Ele pegou minha mulher.

O desespero me bate cada vez mais, os minutos passam e a distância parece aumentar. Quando o jatinho pousa, ignoro qualquer ordem dada por Dominic. Apenas preciso chegar até elas.

Pulo do carro, já passa das seis, o sol já está indo embora, a porta escancarada faz a adrenalina correr mais rápido em minhas veias. Corro em

direção a varanda sentindo o desespero me dominar.

Está tudo revirado, não sobrou nada. Meu corpo está parado na porta da casa, está tudo destruído, quebrado, os porta-retratos estão moídos no chão, as cortinas rasgadas.

— Está vazio, Dom. — Ouço de longe uma maldita voz me trazer a realidade, olho para o maldito Passarinho — Porra, aquele é o Osi?

Osi está caído perto do sofá, o pelo branco manchado de carmesim, está miando, de dor. Ajoelho-me ao seu lado e ele levanta a cabeça devagar.

— Eu cuido dele. — Corvo o pega devagar, ele mia lânguido.

— Você vai ficar bem, meu amigo — digo, quando Corvo sai apressado com ele em direção ao meu carro.

— Verifique as vielas e ruas, Chaminé.

Meu corpo volta o desespero me bate mais forte que nunca. Olho para o Maldonado, desviando dos móveis quebrados. Subo as escadas pulando de dois em dois degraus.

— Não. Não. — O quarto da Rosita está revirado, as roupinhas rasgadas. Meus dedos vão até a maldita mancha de sangue na parede pequena, mas está lá. O Maldito S.N. feito em sangue. — ELAS TÊM QUE ESTAR AQUI, PORRA.

Meu grito ecoa pela casa.

— Amor? Rosita? Me responda? Sou eu, Ivan. — Ela não vai ouvir, porra. Ela não vai me ouvir, eu preciso achá-la

— Ivan, está vazio. — Dom segura meu ombro. Afasto-me do maldito sem esperar.

Começo a abrir as gavetas, jogando no chão o que restou. Abro a porta do armário, vazio.

— Pare, Ivan. Vou em direção ao quarto de Solange.

— Ela está aqui, porra. — O baú entreaberto chama a minha atenção, ouço um choro baixo. Jogo-me de joelhos ao lado do baú. Abro-o com força, pegando o pequeno corpinho, ela treme violentamente, debatendo-se, com os olhos fechados. Ela se debate, abraço-a ela me arranha e começa a gritar, cobrindo os ouvidos e grita o mais alto que pode.

— Abra os olhos, Tsvetok... Vamos, Florzinha... — Ela se debate mais. *Abra os olhos*. Peço silenciosamente. — Ela está aqui, Dom?

Faço algo que sei que ela vai reconhecer, beijo seu pequeno nariz. Ela para de se debater e abre um olho e depois o outro. Eu rio, desesperado, ela está bem. Mexo meus lábios devagar.

— Ivan. Sou eu... seu Ivan. — Ela me abraça.

— Meu Ivan voltou — ela diz baixo. Apertando meu pescoço e tremendo, suas lágrimas molham meu pescoço. — *Mamá*.

Afasto seu corpinho suavemente, ela precisa olhar nos meus lábios.

— Sim, voltei! Sua mamãe? Onde está? — Toco seu rostinho com um pequeno corte, imagino a maldita faca, rasgando o rosto do maldito de cima a baixo, Steban. É minha culpa, minha maldita culpa, eu as deixei. Foda, maldita alma boa, maldita alma doce, meu sol. Por que diabos eu lhe não fiquei. Por quê?

" No quero outra morte em tu costas, Ivan. No por minha causa."

Os beijos dela em meu rosto me deixa desesperado, eu as perdi.

Não... Admita, seu filho da puta. Elas se tornaram meu motivo de vida, Sol... Meu sol. nada sobre ela, sua maldita alma boa, boa demais pra mim. A risada dela reverbera em meu peito como um maldito fantasma.

Meu sol.

Meu sangue ferveu.

— *Mamá*. Ele levou minha *mamá*. — Meu corpo treme de raiva.

— Vamos achá-la, Ivan. — Rosita se encolhe ao perceber Dominic. Ela não ouviu o que ele disse.

— Vou matá-lo — rosno.

Ele se abaixa. Rosita se encolhe, olhando pra mim.

— Dom.. — ela olha, mexendo somente os lábios devagar, sem deixar o som sair. Ele segura sua mão, e ela me olha novamente. — Tio Dom.

— Sou eu, lindinha, o tio Dom. Amigo do meu Ivan e sua mamãe. — Ela estende os bracinhos pra ele, e ele a pega. — Vamos achar sua mamãe. — Prometo. Palavra do tio Dom. — Ele de forma estranha estende o dedo mindinho e cruza o pequeno dedinho dela.

Ela olha pra mim, e esconde o rostinho no pescoço dele, ela funga e começa a chorar. Pego Rosita do colo dele, e a aninho em meu peito, sentindo meu coração doer, meus olhos marejam, minha garganta tranca e meu peito dói.

— Levaram minha mulher. — Meu corpo retesa de raiva, fecho os olhos. — Vou matar esse desgraçado.

— Sei que vai, Sarnov. Vamos trazê-la de volta. — Minha maldita culpa. Minha maldita culpa. Eu as deixei. Fui eu que as abandonei.

Ter os dois ali é apenas uma maldita distração, Steban vai implorar, vai implorar pra morrer. Ter Tamara e Handball não faz porra de diferença nenhuma. Não vale de nada. Vou matar os dois, acabar com essa merda.

Os olhos tristes e decepcionados de Sol me vem à mente. Não vale de nada.

"Sua vingança no vai te matar Ivan, já está morto." Os olhos dela, a mágoa ao me ver partir, castiga-me.

— Sarnov? — Olho para Dominic.

Sinto as lágrimas escorrendo pelos meus olhos sem a porra de permissão nenhuma.

— Este sou eu. Eu as amo. — Aperto Rosita, que chora baixinho, agarrando minha camisa. O ferimento no meu ombro protestou. — Ela nunca vai perdoar. Eu as deixei, eu as deixei, ele a levou porque eu não estava aqui para protegê-las. — Tentei manter o maldito idioma dele. Mas minha voz está grossa e quebrada. — Eu as deixei — lamento.

— Vamos sair daqui, Ivan. Lamentar agora não vai dar em nada, precisamos é achar a Sol e mantê-la viva e salvar o gato, isso é o que importa agora. Vamos para minha casa, Boo vai saber o que fazer com ela. — Seguro Rosita, beijando os cabelinhos cacheados. — Eu não tenho um pinga de moral pra lhe dizer que vai ficar tudo bem, mas vai. Eu vou fazer ficar.

Esse é a porra do Dominic, mesmo eu não querendo, ele me acolhe. Esse é o que ele é. A porra de um coração mole. Mesmo eu não sendo merecedor da sua confiança, ele está aqui. Como a porra de uma família. Por mim, por elas.

Ele tinha um papel pardo nas mãos.

Ele abriu.

— Elas estavam sendo observadas nas últimas duas semanas. Ela foi ameaçada, Ivan. E não disse nada. Nada. Sua mulher é uma maldita teimosa. Steban esteve aqui Ivan. — Olho para nossa casa destruída, o enorme símbolo mexicano feito com sangue na parede. Faz meu corpo ficar rígido. — Tinha algumas malas ali, elas pretendiam fugir, provavelmente nem Sebastian sabe dessa merda.

— E se ela não estiver viva? — aperto Rosita impedindo que ela veja a maldita sujeira, eu preciso delas como o maldito ar pra respirar.

— Está. Ele não a matará, Ivan... Esse sangue é o de Osi. — Olho para ele, que balança a cabeça. Porra, Osi ficou com elas, protegendo-as. Porra, as lágrimas se intensificam, e não tenho vergonha delas. Osi vai ficar bem. Eu sei que vai.

— Ela deixou isso — Dominic diz, pego o papel. Meu coração erra uma batida.

Abraço o pequeno corpinho.

Vamos trazer sua mamãe de volta. Nem que eu tenha que morrer pra isso. Mas meu sol vai brilhar de novo.

Capítulo 39

*Não sou o único viajante
Que não pagou sua dívida
Estive buscando um caminho para seguir novamente
Me leve de volta para a noite em que nos conhecemos
E então eu posso dizer a mim mesmo
Que diabos devo fazer
E então eu posso dizer a mim mesmo
Para não andar ao seu lado*

The Night We Met

Lord Huron



SOLANGE

Levanto cedo, sentindo-me enjoada, olho para as malas no canto do quarto. Engulo em seco. Olho para a carta no móvel ao lado da minha cama, sei que eles não merecem isso, mas são meus problemas e Steban não vai parar, não até me encontrar e me matar, e não posso deixar isso acontecer.

Rosita e Osi dormem em minha cama, sentindo-me tonta vou até minha mesa e pego meu caderno. Sento-me sentindo meu mundo ruir.

“Eu não sei como começar, mas eu queria começar agradecendo, a todos vocês. Boo, Abuela, Dominic, Corvo, Carniça, Vallen, Cobra e Ivan. Obrigada por tudo. Mas eu não posso mais ficar, ficar significa colocá-los em risco.”

Minhas lágrimas mancham o papel.

“Significa correr o risco de perder tudo eu um dia me fez feliz, se acharem isso, quando acharem eu já estarei longe, estou levando comigo só coisas boas. Digam a Ivan que eu o amo, e estaria mentindo se dissesse que não é verdade, ele me ensinou muito, inclusive a ser mais forte, ele foi o homem que fez meu coração morto e sem esperanças bater novamente.

Ele me amou pelo tempo que pôde e fez com que me sentisse amada. Digam a ele que ele estava certo, quando disse que nosso lar são pessoas. Ele foi meu lar e vocês também, e agora é hora de ir. Não se preocupem, Sebastian sabe para onde eu vou, e eu vou ficar bem. Eu os amo.

Corvo... Diga a Carniça que eu sinto falta dele e que ele ainda vai ser feliz. O cargo ainda é seu e de Carniça.

Boo e Dom... Sejam felizes.

Abuela obrigada por ter me ensinado tanto, eu lhe amo.

Digam a Vallen e Cobra que eu os amo também e que eu serei sempre a fã número um dos dois.

Digam a Ivan eu espero que ele seja feliz, pois ele me fez feliz, como eu nunca fui.

Yo no sou boa em despedidas, mas amo todos.

E eu espero os ver um dia novamente.

Com amor, Sol.”

Yo não vou ter coragem de partir de olhar nos olhos deles. Minhas lágrimas marcham o papel. Levanto-me dobrando a folha e a deixando em meu móvel, desço as escadas seguida por Osi, e um arrepio percorre minha espinha. Um cheiro de charuto nojento invade meu nariz.

— Achei que nunca ia descer, meu amor. — O nojo e o medo me invadem. *Dios. No.* — Está na hora de irmos para casa. Desça ou eu vou aí lhe buscar. — Osi se arrepia e faz um barulho estranho, ando na direção dele e olho para estante.

— Nem pense nisso, eu mesmo já tirei todas as armas da casa, afinal não quero que *tu* se machuque, meu amor.

— *No* vou a lugar nenhum — cuspo as palavras, sentindo a raiva me atingir. Ao ver os homens dele sorrindo em minha direção, os mesmos homens que mataram Juan. Ele se levanta e vem em minha direção, pegando meu braço.

— Vai e eu vou acabar com essa ratinha antes de irmos. — Sou pega de surpresa ao ver o Osi pula em Steban, ferindo seu rosto dele, dele joga Osi longe, empurro-o e os capangas dele me seguram.

— *NO!* — grito e fecho os olhos quando ele atira em Osi.

— Mamá? — Rosita me chama das escadas.

— Peguem a ratinha.

— *NO!* Corra! — berro, dando uma cotovelada no estômago de um dos homens dele, meu punho atinge seu rosto, ele puxa meu cabelo, mas me viro acertando sua virilha com o joelho.

— Vejam, a vadia aprendeu a bater. — Um deles rosna em minha direção, vejo Rosita olhar para Osi no chão, e correr.

— Vou te matar — Steban brada quando meu punho atinge seu rosto, minha mão lateja, tento me livrar e ir em direção a arma no chão, mas o capanga puxa minha perna fazendo meu rosto bater contra a mesa, meu cotovelo atinge seu rosto e ele urra, antes que possa me defender, a coronha do revólver atinge meu rosto, levando todos os meus sentidos.

Dios!

Abro meus olhos sentindo minha cabeça doer, meu corpo todo dói, presa a uma cadeira, suspiro, *Dios*, ele amarrou? Tento soltar as amarras da cadeira.

— Te dolerá[48] amor. — A voz faz um arrepio correr por minha espinha. Ele está sentado do outro lado da mesa, meu pijama foi substituído por uma camisola horrível e transparente.

Paro de me mexer na amarra que eu consegui soltar, no instante que sinto o cheiro de charuto cubano misturado ao cheiro forte de maconha. Meu estômago começa a embrulhar. Minha vontade é de vomitar no rosto dele, vamos lá crianças fiquem quietinhos, aí. Peço. Minha barriga já está começando a ficar redondinha. *Dios*, que ele não perceba.

Dios. Eles vão achá-la e vão cuidar dela. Não deixe que nada aconteça a minha bebê, ela precisa de mim. Ivan não vai, mas eu sei que alguém vai achá-la. Não tinha nada que o prendesse a nós duas nem mesmo o nosso amor. As lembranças em minha cabeça se confundem com a realidade.

— *No vai se despedir dela?* — Aquilo me doeu, saber que ele nem mesmo tinha a intenção de dizer adeus a ela.

— *É melhor, Raio de Sol.* — Melhor para quem? Meu coração errou a batida,

— *Melhor para quem? Para tu e seu espirito covarde ou para tua vingança? Yo te amo com cada batida do meu coração e tu não pensou duas vezes em fazê-lo parar de bater. Sua vingança no vai te matar Ivan, já está morto* — Eu quis magoá-lo para ver se ele sentia algo, mas eu não vi nada além de uma máscara fria e vingativa, foi sempre sobre isso a vingança.. — *Yo errei não em ter deixado você entrar em minha casa, mas em meu coração. Tu foi o primeiro a falar sobre paixão e será o último. Yo o amo demais para implorar que fique, não quero disputar espaço com seus demônios, não mais, não quero os olhares assombrados, os olhares frios dispostos a fazer de tudo e não sentir nada.* — Dizer aquilo me doeu a alma, e doeu ainda mais quando ele não demonstrou reação nenhuma.

— *Não há nada que me faça ficar.* — Eu queria ir na direção dele e socar seu rosto bonito, mas não. Eu travei no lugar quando percebi nem que se eu arrancasse meu coração do peito ele ia ficar.

— *Yo nem quero que fique.* — Aquilo me doeu, foi a maior mentira que eu contei, queria que ele me amasse, queria que ele ficasse e nos amasse.

— *Sinto muito.* — Pela primeira vez eu vi a verdade e dor em seu olhar, mas foi apenas um lampejo de dor. Um lampejo que levou todas as minhas esperanças.

— *Eu sei que sente.* — Mas jamais foi o suficiente para fazê-lo ficar.

A voz enjoada que eu tanto odeio me traz de volta à realidade. Preciso sair daqui, ele se levanta e vai até um carrinho de comida, ele coloca algo no copo, vejo pelo reflexo da mesa de vidro ele colocando um pó branco em meu suco. Antes que ele vire em minha direção, puxo a faca do jogo de talhares e enfio entre minhas pernas.

— *És uma boa menina, meu amor.* — Ele toca meu rosto. Travo. Colocando o copo de suco em minha frente — Podemos ter filhos. Posso lhe dar quantos quiser. Não precisa da ratinha imunda.

— *Vá para o inferno, Steban.* — Cuspo em seu rosto, minha cabeça atinge com força o encosto da cadeira, sinto o gosto de ferro em meus lábios. Esse maldito não vai falar da minha bebê.

— *Coma. Você precisa se alimentar, está magra demais.* — Ele leva a colher aos meus lábios. — Precisa estar saudável para quando for gerar

meus filhos. Seja uma boa mulher, se comporte e será a rainha do meu império.

— *Yô* vou te matar na primeira oportunidade que eu tiver, nunca mais vai encostar um dedo em mim. — Ele gargalha e tira a arma do terno, colocando-a virada em minha direção.

— Acho melhor medir suas palavras com seu futuro marido, meu anjo. — Respiro devagar sem demonstrar medo.

— Acha mesmo que *Yô* tenho medo de morrer? — Estalo a língua. — Mate-me, torture-me, mas *Yô* jamais serei tua.

— E será de quem? Juan está no inferno e aquele russo que a abandonou? Se cruzar meu caminho eu vou mandá-lo para lá.

Meu sangue ferve.

— *Tu no é hombre* o suficiente para puxar o gatilho e necessita que outros o façam por ti. — Sinto o metal em minha coxa. — Ivan é mais *hombre* em todos os sentidos.

— *Es* minha, *Yolanda* e me ama, pode negar o quanto quiser, e vai me amar ainda mais quando eu a fizer minha, queira tu ou não. — Ele sorri, aquilo deveria me ferir, mas apenas mantenho meu queixo erguido. Ele aperta a arma com força.

— Você matou a *Yolanda*, matou ela e diversas mulheres e eu apenas tenho nojo de tu. — Olho entre o tecido danojenta camisola que estou vestindo. Vendo a faca brilhar.

Tenha coragem, Sol, tenha coragem.

Seguro a faca firme, empurro a mesa, com toda força, fazendo-a virar, ele urra e tenta se levantar, mas empurro a mesa novamente. Eu desvio dele como fiz diversas vezes com Ivan. Meu punho atinge o nariz dele, Steban grita tentando me acertar, meu joelho se choca com o seu estômago, ele tenta me puxar, mas rolo sentindo os cacos de vidro em meus joelhos.

— VADIA! — Sem que ele espere, cravo a faca em seu peito, de novo e de novo, sinto o sangue em meu rosto e braços, ele berra e eu me afasto, a bandeja se prata brilha, pego-a atingindo seu rosto, ele cai sobre os cacos, levanto-me, sentindo meu corpo pesado.

— Eu vou te matar. — Pego a arma e descarrego ela contra ele, um dos tiros atinge seu joelho e outro sua barriga, ele grita de dor no chão,

tentando se levantar em vir em minha direção, trêmula os outros tiros atingem o chão e parede. Viro-me assustada ao ouvir gritos e latidos de cachorros.

Você precisa sair daqui, vamos.

— Eles vão te achar e vão te matar. E *Yô* vou agradecer todos os dias aos céus quando isso acontecer, vou agradecer e rezar por cada que tu levou, por cada mulher que você levou, *Yô* me culpei, mas o único culpado *es tu*, seu porco nojento. *Bastardo!* — Cuspo, ele geme. — Sua sorte são que as balas acabaram.

— *Yô* te odeio.

Vamos, corra!

Minha mente trabalha rápido, empurro a porta e jogo a arma na grama e corro, quando ele geme e grita me xingando. Corro o mais rápido que posso, atravesso o jardim, tropeçando na grama. Levanto-me, e só consigo correr. Forço o portão da frente da mansão, mas ele não abre. Corro na direção dos arbustos, começo a puxar os galhos, forço meu corpo pela cerca-viva, senti meus braços e pernas sendo cortados, ofego de dor em meu baixo-ventre.

Vejo os seguranças correndo em direção à casa, forço meu corpo, e quando passo do outro lado, mordo os lábios ao ver o galho enfiado em minha coxa, fecho meus olhos e puxo, com toda minha força, pela pressão os meus dentes em meus lábios, sinto o gosto ferroso na boca. Sangue jorra da minha coxa, arrastando minha perna eu tento correr, *não desista agora, Sol*. Os espinhos em minha coxa doem a cada passado que dou, o sangue escorre do enorme corte em minha perna. Arquejo sentindo a dor enorme.

Nesse momento uma poeira se levanta em minha direção. Ouço de longe carros, vários carros pretos. Tento sinalizar. Mas não sou forte o suficiente, vejo Sebastian e juro ter visto Ivan.

Meu baixo-ventre dói como uma pontada, sinto o líquido escorrer por minha perna, minhas pernas fraquejam e tudo ficou escuro. *Meus bebês. Meus filhos. Dios*, não me deixe perdê-los, eles são tudo o que me restou de Ivan.

E lá no fundo eu desejei ter visto Ivan. Mas não foi real. Foi só minha mente me pregando uma peça.

Capítulo 40

*Te encontrei quando seu coração estava quebrado
Eu enchi seu copo até transbordar
Fui tão longe para mantê-lo perto (mantê-lo perto)
Eu estava com medo de deixá-lo sozinho
Eu disse que te pegaria se você caísse
E se eles rirem, que se danem
E então eu te levantei
Te coloquei de pé novamente
Só pra você tirar vantagem de mim
Diga-me como é a sensação de estar aí em cima
Sentindo-se tão alto, mas longe demais para me abraçar
Você sabe que fui eu quem te colocou aí em cima
Com seu nome no céu, alguma vez se sente sozinho?
Pensando que você poderia viver sem mim*

Without Me

Halsey



IVAN

Amasso o papel, minha garganta se fecha. Bonnie com os olhos marejados nina Rosita em seus braços, a enorme sala do Maldonado parece pequena e isso me sufoca. Sento-me no sofá e apoio meu rosto, o soluço baixo sai da minha garganta Bonnie se levanta.

— Eu cuido dela, já está na hora da mamada de Leon, estarei lá em cima se precisar, amor. — Ela beija Dom e se afasta com a minha pequena em seus braços. A inveja me bate, Deus o que eu fiz?

— Cara? — Corvo me chama. — Eu preciso te dizer algo, eu não devia, mas você precisa saber.

Mantenho-me em silêncio.

— Ela está grávida, grávida de gêmeos. — O ar me falta, meu corpo todo reseta.

— Ela... Eu... — Eu me vejo na merda quando o desespero me assola.

O desespero cresce dentro de mim, *meus filhos*... Ela esteve esse tempo todo sozinha? Porra, a culpa me corrói, a dor em meu peito faz com que eu me curve, encosto meu rosto em meus braços.

— Se... se algo...

— Nada vai acontecer com ela. — A voz dura de Dominic me tira do meu torpor.

— Você as deixou e essa é sua responsabilidade, ela, Rosita e os gêmeos são sua responsabilidade. Isso parece uma merda agora, a culpa. Mas eu preciso que se concentre, já faz mais de vinte quatro horas que ele está com ela, quanto mais demorarmos mais a possibilidade dele levá-la para qualquer lugar do mundo se torna maior, Tamara deve saber onde ele está. Boo ficará de olho na sua filha. — A verdade me golpeia. Eu jamais vou tomar o lugar do seu pai, mas ela me deu um lugar em seu pequeno coração e isso é mais que suficiente para que eu possa ser seu pai e amá-la em quanto eu viver.

— Vamos trazer sua mulher de volta. E você vai consertar esse caralho que você se meteu e depois disso eu vou lhe quebrar, sorte a sua que você já fez dois filhos. Somos uma família e você nos traiu e eu vou bater a merda fora de você, até que você entenda que somos uma família e que família não se trai e que somos irmãos.

— Eu havia arrumado uma casa para ela em Milford, Connecticut. Ela já estava pronta, mas devia ter sido mais rápido, ela me ligou contou da gravidez, ponderei realmente em matá-lo, mas, cara, ela ama você. — A voz de Sebo me tira do meu estado vegetativo.

— Nós vamos achá-la e acabar com essa merda. Eu trouxe algo que talvez ajude vocês a falarem. Guiliano... O maldito gêmeo de Navarro, Sebo tirou o saco da cabeça, e Dominic fez um estrago considerável nele, ele tem queimaduras nos braços e no rosto, a cara está fodida e pelo que parece ele está cego. Ele parece uma aberração comparado ao outro gêmeo, quem sabe

eu não os deixe igual. — Dominic prometeu dar a ele aos federais e eu sou federal... Então...

— O gato comeu sua língua? — questiono, e ele não diz nada.

O barulho do galpão sendo aberto me faz virar a cabeça e olhar, o Corvo está arrastando Tamara e Chaminé o Handball.

— Há quanto tempo, Giuliano? — Dom debocha, sentando-se na cadeira e se inclina, apoiando-se na porta. — Boa diversão, Russo, seja rápido e não os mate, eu tenho algumas experiências para fazer com eles, quanto tempo o ser humano aguenta sem comer? Até morrer? Sempre quis saber — Dom diz, fingindo um falso pensamento.

— Ótima hora de fazer o teste.

Tamara se debate no chão e grita histérica, Handball apenas fica quieto.

— Diga onde ele levou Solange e nós tiraremos seu filhinho daqui vivo — Sebastian avisa.

— Meu filho, seus desgraçados. — Aproximo-me dela e a pego pelo pescoço.

— Sem gritos, não somos surdos, onde está minha mulher?

— Aquela macaca merece morrer, e quando eu achar aquela ratinha eu mesma tirarei os órgãos dela e venderei, com ela viva. — Meu punho atinge o rosto dela, Corvo a sustenta.

— Se falar da minha mulher de novo ou da minha filha eu mesmo vou arrancar seus órgãos com você viva e vender. Onde está minha mulher, PORRA? — Vou até o filho dela, Sebastian o empurra e ele cai de joelhos, coloco a arma na testa dele, as lágrimas escorrem pelo rosto dele.

— Eu não sei, eu não sei. Ele disse algo sobre levá-la a uma mansão que foi do seu pai aqui em Vegas, antes da Velha Vegas assumir o controle do território.

— Corvo? — Corvo digita furiosamente em meu computador, e o vira em minha direção. Fica na terceira entrada da rota 66.

— Faça uma boa viagem, Giuliano. — POW! O corpo dele tomba e Matarazzo desvia.

— Não! Desgraçado! — Ela grita chorando e se debatendo, tentando arrancar dois agentes do Matarazzo.

— Eu não disse nada que seu filhinho incendiário sairia daqui com vida, Dominic foi bondoso com ele. Mas eu nunca disse que seria, se gritar novamente eu vou abri-la viva e você vai implorar para que o diabo venha lhe buscar. — Coloco a arma na testa dela. — Reze para que minha mulher e meus filhos estejam sem qualquer aranhão, pois a cada ferimento que ela tiver, vai ser um órgão do seu querido filhinho, Steban, que eu vou arrancar. — Ela chora, a coronha da minha arma se choca com o seu rosto, e ela cai desmaiada na poça de sangue do filho, Handball me olha com ódio.

— Se você se comportar eu posso ser generoso, abra a porra da sua boca seu drogado de merda ou vou arrancar sua língua e a farei engolir, vocês não curtem fazer malditas experiências vou lhe mostrar que o diabo também pode ser o Frankenstein. — Ele abaixa a cabeça.

Eu vou trazer minha mulher de volta.

A maldita rota 66 nunca pareceu tão longe, tudo acontece em câmera lenta, a maldita mansão não é longe da rota. Meus olhos se fixam em uma única coisa, em minha mulher, acelero o carro, ela acena e meu peito dói as lágrimas nublam minha mente, e quando o corpo dela bate contra o chão, vejo meu inferno se abrir, o grito de raiva, medo e ódio sai da minha garganta, abro a porta do carro, os demais carros continuam em direção a mansão, o carro de Corvo arrebenta o portão de ferro.

— Linda? — Meu corpo escorrega na poeira, vou até ela, pegando-a em meus braços, o corpo cheio de sangue, a camisolanojenta transparente está banhada de carmesim, ela tem sangue nos cabelos e por todos rosto e colo, pego-a no colo e me levanto, ouço tiros vindos da porra da casa. — Amor? Abra os olhos, linda.

— Leve-a ao hospital, eu assumo daqui. — Matarazzo sequer desce da moto, somente acelera em direção a casa. Entro no carro, coloco-a no banco de trás um dos homens de Matarazzo assume o volante, dando o balão.

— Vá, porra! — Coloco sua cabeça em meu colo, ela está cada vez mais fria. — Não faz assim, linda, aguenta firme, porra. Aguentem firme, amor. Vamos meu Sol, porra, não se atrevam a me deixar, porra!

É tudo como um flash, vejo mais dois carros nos seguindo, ele acelera. Fecho os olhos.

— Se você existe não a leve não me tire mais nada, não tire minha luz. Não a leve! Eu não vou suportar. Se existe a porra de um Deus aí em cima não a deixe morrer e não leve meus filhos, não me tire eles. NÃO OS LEVE! — A dor em meu peito, é algo que eu jamais imaginei sentir, mal sei como respirar meu corpo treme segurando o seu gelado.

— Senhor? Chegamos!

Saio do carro com ela nos braços, uma maca nos espera na porta, coloco-a sobre os lençóis.

— Ela está grávida de gêmeos, cuidem dos meus filhos. — Tento segurar sua mão.

— O senhor não pode passar daqui. — Eles a levam e todo meu mundo desaba aos meus pés meus, meus joelhos vacilam, meus olhos batem no chão, meu choro é a única coisa que pode ser ouvida na porra da recepção, como um garotinho eu choro, deixando sair tudo que esteve preso durante anos. Sinto braços em minha volta e abro meus olhos.

— Amigo. — Os braços de Zander me prendem. — Vamos se levante, Ivan. — Carniça me levanta e me leva até uma cadeira. Uma moça morena de cabelos curtos cheia de tatuagens, magrinha se aproxima e me oferece um copo de água. — Essa é a Prudence.

— Muito prazer. — Ela se abaixa à minha frente e toca meus joelhos.

— Pode me achar de Prudy, Zan me falou e vocês, eu sinto muito. De verdade. — Agradeço em silêncio e ela se levanta, só consigo tomar a água.

— O-o que faz aqui? — questiono.

— Pegamos a estrada assim que Corvo me ligou e disse o que aconteceu com a Sol. Anastácia irmã de Prudy está dormindo no BearRussinho. — Ele pegou minha mão.

— Somos irmãos, e ela e os meninos vão ficar bem. Tire esse colete e essa camisa suja, Prudy vai pegar algo meu no BearRussinho para você vestir.

Eu não sei quanto tempo demorou, mas a garota dele toca minha mão e me dá uma roupa, um moletom e uma camisa e um par de chinelos. Vou em direção ao banheiro e me troco, lavo meus braços tirando o sangue, jogo a

roupa suja e as botas no lixo do hospital e volto para o banco, sento-me e ao lado de Zander. A mulher dele se senta ao meu lado.

— Sei que não acredita em Deus, mas eu ainda acredito que alguém lá em cima, que atende a mais simples prece e clamor. — Ela fecha os olhos, Zander faz o mesmo. Ela começa a pedir por Sol baixinho. Faço o mesmo, pedindo a Deus que ele me ouça pelo menos uma vez em minha vida e não a tire de mim.

Peço uma última chance de provar a elas que eu sou digno do amor delas.

— Familiares de Solange Esposito? — Todos da recepção se levantam. — Fico feliz em saber que a moça tem tantos entes queridos, bom o quadro dela não é grave, mas é. Ela sofreu algumas escoriações leves, apenas um corte na perna que precisou de pontos e uma concussão na testa. Infelizmente ela teve um descolamento de placenta, em comum acordo com sua médica ela me deu algumas informações, ela está entrando na vigésima semana de uma gestação gemelar. As próximas sessenta e duas horas serão decisivas para a vida de ambos os bebês, pois eles são univitelinos e dividem a mesma placenta.

— Meus filhos são idênticos. — O médico sorri, triste. — E saudáveis, desenvolvendo-se de forma saudável. — Ele olha nos meus olhos e suspira triste.

— Meu rapaz, se você acredita em alguma crença, qualquer uma que seja, agora é a hora de se agarrar a ela.

— Posso vê-la? — peço, ansioso.

— Sim, mas por apenas alguns minutos, ela precisa descansar.

Aflito, caminho em direção ao quarto dela, uma enfermeira está dentro do outro lado do quarto, monitorando-a, quando entro meu coração é cortado em pedaços, mais magra e pálida, Sol não se parece nada com o meu sol, o rosto inchado com uma enorme concussão, a bochecha provavelmente está assim por conta de um soco. A coxa dela tem uma enorme bandagem e vários cortes menores presos com pequenos curativos, aproximo-me dela, e puxo a cadeira ao lado dela.

— Oi, linda? — Chamo, o rosto sereno e tranquilo me causa ainda mais culpa. Levo minha mão ao seu ventre. — Você é perfeita, Raio de Sol. — Mesmo não podendo ela me deu filhos, dois. — Eu te amo, linda, eu te amo, perdoe-me amor, perdoe-me eu jamais vou *te* deixar sozinha de novo, burro cego demais eu quase deixei minha *redenção* escapar por entre meus dedos. Eu te amo, linda, e eu vou passar o resto dos meus dias tentando lhe mostrar o quão suficiente você é.

— Senhor? — a enfermeira me chama. — Sinto muito, mas está na hora de ir.

Saio do quarto, e sigo em direção a recepção.

Vejo o sol nascer e ir embora, esperando poder vê-la, Dom ligou, mas eu não consegui sustentar uma conversa. Fico aqui sentado, vegetando na cadeira esperando por mais notícias dela ou por mais cinco minutos com ela.

— Senhor? Vá para casa, ela não vai acordar tão cedo. — A moça da recepção me olha com pena, levanto meus olhos. Levanto-me sentindo meu corpo doer, provavelmente as balas que foram repelidas pelo colete devem ter me deixado todo roxo.

Assinto, deixando meu coração com ela. Quando saio, Corvo e Carniça vêm em minha direção. Eles me puxam e me abraçam. Sem forças, retribuo sem vergonha alguma.

— Viemos te buscar, ver se está bem — Carniça diz.

— Sol fez um estrago em Navarro. — Corvo ri, orgulhoso, com um sorriso maldoso, ele se afasta e soca meu ombro.

— Como? — questiono, confuso.

— Além de socar a cara dele, ela deu duas facadas nele, uma no peito e outra no pescoço e ainda deu dois tiros um certeiro na coxa e um de raspão no quadril. — Meu peito se enche de orgulho, ela lutou e se defendeu até o final, como eu ensinei. A mulher de Carniça vem em nossa direção, girando as chaves do furgão.

— E ele está vivo? — pergunto, dando um leve sorriso, Carniça ri.

— O que diabos você ensinou a nossa Sol enquanto eu estive fora? — Carniça especula, rindo, e abraça a garota pequena que sorri.

— Ensinei ela a colocar a merda pra fora de qualquer idiota que tente feri-la — digo, orgulhoso.

— Inclusive você? — Prudence questiona, Corvo e Carniça me lançam um olhar desafiador, a mulher tem a mesma petulância de Carniça.

— Inclusive eu — afirmo, sentindo meu peito doer.

— É bom ter o Russinho de quatro pela Sol de volta. — Sorrio ante a provocação de Corvo. — Cara, você está fedendo, precisa de um banho, como vai impressionar a Sol quando ela acorda?

— É bom estar de volta, e eu não vou a lugar nenhum sem a minha família.

— É assim que se fala, irmão. — Corvo soca meu ombro.

— Porra, vamos ser tios e padrinhos, cara. — Ambos me olham assustados com afirmação de Carniça.

— Foram vocês que pediram — digo, olhando na direção do hospital.

— Osi vai ficar bem. — Olho para ele. — A doc cuidou bem dele, ele já está estável, precisou tomar sangue, a doc acha que ele terá alta nas próximas semanas. — Meu peito se aperta, porra estou amando um bicho que um dia odiei, Osi é mais que um gato é parte da família e tentou salvá-las.

— Que tal me darem uma carona na porra do furgão.

Capítulo 41

Eu sei que você está em algum lugar lá fora

Em algum lugar longe

Eu quero você de volta

Eu quero você de volta

Meus vizinhos pensam que eu sou louco

Mas eles não entendem

Você é tudo que eu tive

Você é tudo que eu tive

Talking To The Moon

Bruno Mars



IVAN

Quando chego à casa de Dom, o dia já está amanhecendo, ele abre a porta e me abraça, ele ficou com Bonnie e as crianças. Ele me leva até o sofá.

— Está acordado até agora? — Com olheiras e cansado ele se senta ao meu lado, no sofá.

— Não consegui pregar os olhos — responde. — Rosita dormiu agarrada ao meu bombom, Leon sequer acordou, apenas quando eu o peguei para mamar. Eles passaram o dia juntos hoje, sua filha não fala nada, droga. Me partiu o coração, ela me pediu colo, me abraçou como se eu fosse uma tábua de salvação e chorou chamando a mãe — Dom explica.

Digo a ele tudo desde o maldito CD, Calina até situação do meu sol e ele apenas me ouve atento, e no final ele apenas se levanta.

— Solange vai precisar de uma casa nova, ela não pode voltar para aquele inferno, você vai consertar a merda que fez com ela e depois você vai conversar com meu punho, por ora vá tomar um banho e descansar. E deixe a porra do passado no passado. Você vai conversar com o pequeno Padawan

assim que essa merda se acalmar, você vai fazer terapia, seu fodido de merda — concordo, sentindo-me envergonhado pela primeira vez na minha vida.

Faço conforme ele ordenou, Dom me cedeu um quarto, tomo um banho, as lágrimas caem sobre meu rosto se misturando com a água, saio do banheiro e visto uma cueca e uma calça, Dominic deixou minha mochila na porta.

Jogo-me na cama deixando o sono pesado me levar, acordo sentindo mãozinhas em meu rosto, abro meus olhos e minha Florzinha se joga em cima de mim, enfiando o rosto no meu pescoço. Beijo seus cabelinhos e me levanto.

Ela se senta em meu colo e me olha com um olhar triste e distante.

— Papais de verdade não vão embora sem se despedir. — Olho abismado, ela já domina a língua dos sinais de forma impressionante, claro imbecil, você passou meses longe queria o quê? Os cabelos dela estão maiores e ela também parece ter esticado.

— Quem lhe disse isso? — pergunto devagar, sentindo meu sangue gelar.

— O homem mal! — Minha respiração falha, ficando presa em minha garganta.

— Ele te machucou? — sondo, sentindo meu corpo tenso, o medo passa por mim.

— *No*, *Yo* me escondi, corri e ele *no* me achou.

— Eu sinto muito, meu anjo, me perdoe. Nunca mais vou embora. Prometo que vou ficar para sempre. E serei o que você quiser, seu papai, seu Ivan, o que você quiser, Florzinha — afirmo, gesticulando, sentindo minha garganta se fechar e as lágrimas grossas se formam em meus olhos.

Ela não diz nada, apenas se joga contra o meu pescoço e soluça, fazendo-me chorar junto, um dia chorar para mim, foi motivo de vergonha, hoje significa alívio por senti-la aqui, mas também por medo de perdê-la.

— *No* vai mais embora — ela diz baixo, com a voz triste e chorosa molhando meu ombro, abraço seu corpinho quente. Deus me deu uma terceira chance, mesmo eu não merecendo, ele me deu uma mulher e três filhos, uma família e não vou abrir mão deles.

Eles significam minha vida, o que eu fui, e o que eu vou ser pra eles, eu vou ser o melhor mesmo que eu falhe, vou estar lá por eles, para eles e com eles.

Entro no quarto do hospital com uma mochila, ela ainda não acordou, mas foi transferida para um quarto normal e não vou mais vou sair daqui.

Aproximo-me dela e toco seu rosto morno, abro a bolsa e tiro de lá um hidratante labial de morango, passe devagar em seus lábios e beijo sua testa. Vou até poltrona e me sento, pego meu tablet e abro o link que Dominic me enviou.

É hora de dar a minha família um lar seguro.

Fico aqui não sei por quantas horas, uma casa me chama a atenção. Na frente dela tem um enorme jardim de pedras, a casa de cor clara no mesmo condomínio de Dominic, rolo as fotos e o jardim na parte de trás da casa, o gramado verde, a enorme piscina de borda infinita me parece a porra do melhor lugar do mundo para ensinar meus filhos a nadar.

Fecho meus olhos e me imagino ali com eles. Abro meus olhos e olho para ela, a barriguinha já marcando a bata do hospital, o corpo frágil precisando de cuidados, é hora de ter um lar, e ser vizinho de Dominic agora me parece uma ótima ideia. Sorrio e disco o número da corretora, conforme vou falando com ela no telefone, e ela me explica, meu sorriso se alarga.

Quando encerro a ligação, fecho meus olhos, ela vai fugir e negar, ficar arredia, mas eu vou ter o resto dos meus dias para amá-la e provar a ela que o único que precisa ser suficiente sou eu.

Pego o controle, passo canal por canal da TV e quando uma notícia me chama atenção.

— *Caiu o avião que trazia o empresário russo milionário Ivo Sarnov no oceano pacífico, conforme foi noticiado pela companhia aérea o avião tinha como destino aos EUA, ainda se sabe quais as causas da queda, infelizmente os doze ocupantes foram dados como mortos pela guarda-costeira, dentre eles estavam Ivo Sarnov e um de seus sócios que ainda não foi identificado, a KTNV-TV [\[49\]](#) aguarda mais informações sobre a queda. Pego o telefone da pequena mesa e disco o número de telefone e no segundo toque o assobio soa, filho da puta.*

— Você o matou — brado.

— Mande matar é diferente, se eu não fizesse, você ia fazer, aliás, até que se prove o contrário foi uma falha nos motores, a tecnologia se tornou uma forte aliada no quesito de forjar informações. Sorria, Russo, seu pai ainda foi útil servindo de petisco aos tubarões, que eles não fiquem doentes. Eu ainda sou seu chefe e Ivo ia ser uma mosca-varejeira quando chegasse a Vegas, evitei a fadiga e ainda lhe tirei um motivo de preocupação.

— Filho da p....

— Minha mãe foi uma mulher digna de orgulho, pense antes de ofendê-la, seu pai morreu, Russo, vamos homem, comemore! Uma morte a menos para o diabo lhe acusar, espetadas a menos. — Antes que consiga responder, uma tosse fraca chama a minha atenção, largo o celular.

Ela acordou porra, meu Sol acordou.

SOLANGE

Minha cabeça dói, quando abro meus olhos devagar, a claridade me impede de abri-los, minha garganta seca me faz respirar com dificuldade, o ar me falta e a tosse faz toda minha perna latejar, suspiro e me encolho contra a cama. *Dios!* Meu braço dói quando tento levantá-lo, levo a mão em algo e tento puxar, mas a voz rouca, baixa que eu conheceria a quilômetros de distância me faz parar, todo meu corpo tremula, e eu desejo voltar a dormir, sonolenta demais, abro meus olhos.

— Não linda, vai se machucar. — A voz se torna uma presença, ofego. O medo me bate quando pouso a mão em meu ventre, sinto minha barriga e abro meus olhos devagar, os olhos cor de âmbar me fitam brilhantes e cheios de lágrimas. Ele se aproxima devagar e pega minha mão.

— Oi, meu Sol.

Não consigo responder, quando tento falar algo, a tosse seca me invade, fazendo-me ofegar minha perna dói tanto que eu choramingo alto pela dor. Fecho meus olhos com força sentindo as lágrimas de dor caindo, *Dios*, ele já sabe dos bebês, ouço um click em questão de segundos a porta é aberta por uma enfermeira, e sequer consigo abrir meus olhos.

— Senhora? — A voz doce da enfermeira vem seguida de mais passos. Quando abro meus olhos, minha visão nubla pelas lágrimas de dor e

acabo impedida de enxergar, vejo apenas três vultos à minha frente. — Respire devagar, eu sei que dói infelizmente a senhorita se feriu em um arbusto de espinhos venenosos.

— Solange, sou doutor Willian Brook, como se sente?

— Á-água... — peço em meio a tosse, a enfermeira me oferece um copo com água e um canudinho, bebo devagar, mas mesmo assim consigo me afogar. — Minha-a filh-ha — gaguejo.

— Ela está bem, meu Sol, pare de fazer força, minha linda.

Sinto uma mão trêmula e quente na minha, fecho meus olhos com força, sem ter muita força, tento me manter firme.

— B-bem... — Ofego, olhando para o doutor.

— Ela não mente muito bem, doutor. — A voz rouca e baixa de Ivan me faz suspirar, *Dios!* Ele está mesmo aqui.

— Percebi, com toda licença. Vou te examinar, ok? Apenas me diga ou sinalize se algo for demais e depois você vai descansar. — Tento balançar a cabeça, mas o simples movimento faz meu corpo todo doer. — Você passou por grandes emoções nos últimos dias, é normal que seu corpo não esteja trabalhando de forma normal. Você teve uma concussão na cabeça, forte e uma lesão na bochecha é normal que sinta sua cabeça doer nos próximos dias.

Ele toca minha perna e abre a bandagem, Ivan me dá a mão e ofego, apertando-a com força, ele coloca a outra em cima da minha e faz círculos nela. Ofego e contorço meus pés de dor.

Fico em silêncio e mal me dou conta do que ele falou, apenas abro meus olhos quando sinto a mão enluvada tocar minha barriga puxando a camisola do hospital, o doutor puxa um banco e o monitor de ultrassom 3D que está no canto do quarto, o gel gelado toca minha pele e viro minha cabeça, esforçando-me para olhar o monitor. O barulho alto e descompassado enche o quarto e um enorme peso sai das minhas costas. O rostinho dos dois brilha na tela perfeitos, Ivan aperta minha mão e retribuo por reflexo.

— Ambos os bebês estão saudáveis, sua obstetra lhe fará uma visita, assim que ela sair da sala de parto, os bebês continuam bem apesar do susto, mas todo cuidado será pouco, nas próximas semanas seus movimentos

serão limitados e você vai descansar, sem preocupações ou fortes emoções, você vai precisar de repouso absoluto, até que todos os riscos sejam sanados e você possa voltar a ter uma gestação normal e tranquila, mas sem fazer nada mirabolante demais. E tenho certeza que a doutora vai reforçar toda a bíblia sagrada que acabei de recitar, você vai descansar. — Ele termina de dizer e conversa com o Ivan, sinto um líquido ser administrado em minha veia, sem forças para responder, deixo o sono me levar.

Dessa vez, é sem pesadelos e dores.

Abro meus olhos devagar, meu corpo dói, porém, não tanto, ouço um suspirar ao meu lado e noto Ivan debruçado sobre os lençóis, não consigo ver seu rosto, mas está escuro lá fora, ele respira fundo de novo. Fecho meus olhos e o sono me leva, acordo e sinto algo gelado em meu braço, abro meus olhos e a enfermeira está terminando a medicação, ela sai e olho para Ivan, na mesma posição.

O sol já está alto. Mesmo com dor, levanto minha mão e levo até os cabelos macios dele, ele suspira e empurra a cabeça contra minha mão, volto a traçar os dedos em seus cabelos e ele se afasta, dando um pulo, e me assustando, afasto-me dele e gemo de dor.

— Porra, me perdoe, meu Sol — ele diz, rouco de sono, as olheiras em seus olhos estão mais escuras e ele parece abatido. — Como se sente? — Ele boceja e volta a colocar o rosto sobre o braço, mas, dessa vez, virado em minha direção, ele coça os olhos de forma fofa e me olha como se estivesse esgotado.

— Com um pouco de d-dor e com fome — admito, cansada, ele sorri e pega o telefone do quarto, ele fala de forma rápida com a enfermeira e dois minutos depois, ela entra no quarto, empurrando um carrinho de comida.

— Que tal se a senhora tomar um banho primeiro e depois de trocarmos esses curativos você alimentar esses lindos bebês com um delicioso café da manhã? — concordo, e tento me levantar, porém, não consigo.

Senti braços fortes me levantarem, suspiro.

— No...

- Você realmente vai querer discutir se é forte o suficiente para isso?
- *Dios*, o Russo mandão está de volta. Bufo.
- Voltei e não vou a lugar nenhum sem vocês.

Capítulo 42

*Eu era a June e você era meu Johnny Cash
Nunca um sem o outro, nós fizemos um pacto
Às vezes, quando eu sinto sua falta, eu escuto aquelas músicas, uou
Alguém disse que você removeu sua tatuagem
Te viram no centro da cidade, cantando blues
É hora de encarar os fatos, eu não sou mais a sua musa
Em uma outra vida, eu seria sua garota
Nós manteríamos todas as nossas promessas, seríamos nós contra o
mundo
Em uma outra vida, eu faria você ficar
Assim eu não teria que dizer que você foi aquele que foi embora
Aquele que foi embora*

The One That Got Away

Katy Perry



SOLANGE

— Eu assumo daqui moça — ele fala, quando a enfermeira começa a pentear meus cabelos. Com a cama elevada, ele com todo cuidado desembaraça os fios úmidos. Tomo o suco de laranja, mas o gosto amargo sobe em minha boca e sinto ânsia ao olhar para os biscoitos e frutas na bandeja com cuidado, empurro a mesa de alimentação.

— Eu sinto muito. — É a primeira coisa que ele diz. — Eu não protegi vocês e...

— *Tu* escolheu partir — digo, à queima-roupa. — Não precisa cuidar de mim ou dos meus filhos por pena. De todos os sentimentos do mundo, o único deles que *Yo no* necessito é sua pena, pode guardá-la para tu e sair pela porta que entrou, eu já estive sozinha uma vez e no me importo de estar

só novamente. O que faz aqui? — pergunto tão ríspida, que ele se afasta e suspira, ele me olha com os olhos marejados.

— Você precisa ficar calma, amor. — Solto um riso pelo nariz.

— Isso de impor presença funcionou com a Boo, mas comigo não, me dê um bom motivo para que eu não aperte a porra do botão e os faça tirá-lo daqui? — Uma raiva descomunal me sobe, *Yô* realmente *no* quis dizer aquilo, sinto uma vontade imensa de chorar, mas fico firme, o menor movimento faz minha perna latejar, quando a água morna toca minha perna, grito de dor. O corte é pior que imaginava. É como se tudo que eu passei nos últimos meses caísse sobre mim. — Pode me deixar sozinha? — peço, sentindo o nó em minha garganta, mesmo a contragosto ele sai, e eu me quebro.

Tudo cai de uma única vez, ele indo embora, o inferno que foi conseguir me manter firme, Steban, minha filha... *Dios*, Osi, ele matou Osi... *Dios*, soluço desesperada, coloco as mãos em meu ventre, meus batimentos cardíacos aumentam disparando o monitor, sem conseguir cessar meu choro, vejo a enfermeira entrar no quarto e tentar falar comigo,

Não consigo ouvi-la, é como se tudo tivesse sido arrancado de mim de uma vez só e isso acaba comigo. *Dios*, eu quero sair daqui, tento puxar o acesso em meu braço, mas minha visão turva me impede, percebo a enfermeira falar comigo, mas apenas choro. Ela me abraça, trêmula só consigo soluçar sem parar.

Vejo a outra enfermeira aplicar algo em meu acesso, depois disso só sinto meu corpo amolece e tudo fica escuro.

— Ela teve uma forte crise de ansiedade e pânico, infelizmente isso é comum após eventos traumáticos. Cada um reage de uma maneira, primeiro é a dor física, onde o corpo intensifica todas as dores do evento, e depois ocorre o que chamamos de QVPT, quebra de evento pós-traumático, como vocês mesmo disseram, ela passou por um ano difícil, e o último evento pode ter desencadeado tudo que estava acumulado, o excesso de raiva que ela teve, foi apenas um reflexo do corpo, a mente sabe que o evento já se findou, porém, ele vai insistir, pois ele entende que a qualquer momento ele pode se repetir e ele apenas quer prepará-la para o pior, tudo isso associado

a uma gestação gemelar, ela está uma confusão de homônimos e eventos acumulados, ela vai precisar de tempo. — A voz baixa informa, fico olhando para parede, em silêncio, minha coxa lateja, é quando um pequeno homem dá a volta na cama e para à minha frente, ele coloca os braços nas costas e me olha, lançando-me um pequeno sorriso.

— Olá, querida, que bom que acordou, como se sente?

— Deus você nos assustou. — A voz de Boo me faz virar, ela e Dominic estão parados ao pé da cama, Dominic me olha sério com os olhos verdes brilhantes, calmo, mas vejo algo lá dentro que faz um jeito ruim passar por mim, fecho meus olhos.

— Olá, Sol. — Dominic pisca. Boo coloca a mão na minha perna de forma suave.

— Como *mi hija* está? — pergunto baixinho, Boo me dá água e ajeita minha cama, para que eu possa ficar inclinada.

— Ela está bem, já sabe que você está bem e está ansiosa. — Boo sorri. Olho para o pequeno homem, ele puxa uma cadeira e se senta ao meu lado.

— Sou Kiozy Tamakaru, minha filha e gostaria de falar com você, se você permitir. — Ele sorri, retribuo de forma fraca. — Vejo que mal tocou na comida. — Olhei para a bandeja que eu tomei apenas o suco cedo.

— Nós estaremos lá fora, Sol. — Boo vem até meu lado e beija meu rosto, Dominic faz o mesmo e de uma forma inesperada beija minha testa, constrangido ele dá um tchau e sai com Boo.

— *Holla* — digo ao doutor, sentindo meu rosto queimar de vergonha. — Ouvi falar do senhor — confesso, Boo falou dele e de tudo que ele fez a Dom.

— Sei que sim, sabe, minha filha. Eu sei um pouco sobre você. Dom e Bonnie se importam com você e o rapaz cansado lá fora também. Você precisa descansar e se cuidar, dê uma chance ao rapaz lá fora, mas primeiro dê uma chance para mulher que está aí dentro.

— *Yo* estou *bien* — afirmo, desviando os olhos, ele solta um riso cansado e engraçado, ele se levanta.

— Às vezes ser fraco ao menos uma vez, minha filha, é o maior ato de força que podemos ter! Descanse, falarei novamente com seus médicos, e

juntos vamos cuidar de vocês três e do rapaz durão lá fora. Você não é obrigada a aceitar, enquanto não estiver pronta, eu sei que você está passando por um turbilhão de emoções, mas, minha querida, há um mundo lá fora que precisa vê-la brilhar. Seu nome não é Sol à toa. — Quando penso em dizer a ele sobre o nome falso, ele ri e me para. — Você pode enterrar Yolanda ou a fazer brilhar com Solange, minha menina, a escolha é sua, descanse, durma e lhe garanto que mesmo com dores vai acordar melhor.

Quietinha, fecho meus olhos e faço o que ele pediu, durmo. É a única coisa capaz de tirar a dor no meio, eu o quero longe, mas o quero o mais perto possível... O mais perto possível.

IVAN

Ouçõ o choro dela do outro lado da porta, o desespero dela me faz chorar junto. O desespero dela me corta a alma. Meu coração se aperta. Meu coração bate freneticamente, minha vontade é de entrar lá pegá-la em meus braços e a ninar, fazer a dor passar, mas a porra da culpa me bate, eu a fiz passar por isso, fui eu que a deixei. As lágrimas se acumulam em meus olhos, e não as deixo cair, engulo o choro, meu peito dói. A merda do sentimento de desespero me sufoca, tiro o telefone do bolso.

— Russo?

— Eu preciso de vocês, porra. — Eu não sei quanto tempo fico aqui sentado no chão, o olhar de pena das enfermeiras não me causa nada, elas apenas me deixam aqui.

Quando a mão firme toca meu braço, levanto minha cabeça.

— Eu não sei o que fazer — revelo, desesperado, sentindo o medo em meu peito voltar com tudo. — Ela me quer fora e eu...

— Ela precisa de um tempo, Ivan. Dê isso a ela. — A voz de Bonnie me tira da linha de Dominic. Vejo Dom se afastar e pegar o celular. — Vamos, vamos tomar um café. Há quanto tempo não come?

Levanto-me trôpego e a sigo até à lanchonete do hospital, sento-me e coloco meu rosto entre as mãos, ela vai até o caixa e faz o pedido, mantenho-me aqui inerte sem saber o que fazer, para que ela me perdoe.

Ela coloca o café fumegante e um donut de chocolate à minha frente, os olhos tristes dela me doem a alma.

— As coisas nos últimos tempos foi difícil para minha amiga, ela mentiu para mim e para abuela, sobre você saber a verdade sobre ela, você estava envolvido nisso e ela não quis nos dizer para não nos envolver em sua vida caótica por medo, ela foi de um extremo ao outro em pouco tempo, ela sequer nos contou que está grávida, ela e sua mania de achar que estava protegendo a todos, enquanto ninguém a protegia, eu estou me sentindo uma péssima amiga, e ainda tem pior se você quer saber, eu não notei nada, ela não deixou que nós notássemos, o único que insistiu foi Corvo, e eu me culpo por isso, ela disse que você voltou a Rússia e aceitei isso como verdade absoluta. Eu fui relapsa e só o tempo vai permitir que eu conserte o que eu fiz, e mesmo que eu diga a ela o que eu estou te dizendo, ela apenas vai dizer que eu estava curtindo minha família, tendo que eu não tive antes com Dom, aproveitando Leon e que eu não tenho culpa de nada. Quando ela me contou a verdade sobre ser a Yolanda, ela quebrou uma barreira enorme, ela confiou em nós e todos nós falhamos com ela e com Rosita, não vimos o que aconteceu. Nós poderíamos ter evitado, mas não, estávamos ocupados demais. E isso me dói, saber que eu só foquei em Dom e Leon esquecendo de olhar para ela, sempre com um sorriso no rosto, sempre com uma justificativa, sempre prestativa, sempre lá para todo mundo e quando ela mais precisou não tinha ninguém lá. Senti na pele o que ela passou e mesmo assim fiquei cega, mas agora ela precisa de um tempo e apoio. Prometa-me que não vai deixá-la de novo — Bonnie termina de falar, e as grossas lágrimas escorrem por seu rosto.

Vejo Dominic entrar na lanchonete.

— Não sei o que fazer — admito, sem vergonha, o medo dela me afastar e se isolar é real agora, antes eu derrubei um murro que Navarro levantou, mas agora eu estou lutando contra uma barreira de pedra que eu mesmo levantei e construí, e admitir isso para mim mesmo é uma merda.

— Eu chamei o Padawan, ele já está conversando com os médicos dela, nós vamos lá dar uma olhada nela e você vai comer e ir para casa — Dominic ordena.

— Eu vou ficar com ela um tempo, enquanto as crianças ficam com abuela e depois abuela vai vir ficar com ela, antes que ela entre em parafusos de tanta preocupação com Sol. E você vai para nossa casa descansar, há quantos dias não dorme direito? — Bonnie pergunta.

— Há mais de uma semana — revelo, eu já não dormia antes, e desde que Sol chegou aqui há quase quatro dias, eu não tive um minuto de sono decente.

— Sol precisa de uma rede de apoio, não de um zumbi ambulante que está vivendo a base de cafeína. Nós vamos ver a Sol e voltamos, você fica aqui e come — Bonnie manda, obedeço ficando aqui, o café desce contragosto, o donut seco e sem doce desce como fel. O sabor do doce dela invade minha mente, trazendo-me lembranças dolorosas demais.

Eu fiz isso, ela jamais vai se sentir suficiente para mim, a desesperança começa a me bater. Eu fodi minha vida, por minha escolha, eu sabia que a minha maldita vingança ia me custar um preço, eu sempre soube, mas eu não imaginei que seria um preço tão alto.

SOLANGE

Boo se despede de mim, prometendo voltar, ela apenas fica aqui comigo, mesmo eu não sendo capaz de manter um diálogo, ela simplesmente sorri. Quando ela sai, promete ligar mais tarde e me mostrar Rosita, *Dios!* Osi está vivo e vai ter alta amanhã do veterinário.

— *Dios*, eu daria uma enfermeira sexy dos filmes de Sylvester Stallone. — Quando a porta é aberta, sorrio ao ver abuela entrar toda espalhafatosa. — *Dios, tu* está péssima, menina. — Ela vem até mim e me abraça. — Como se sente?

— Melhor, mas meu corpo ainda dói — digo, e ela concorda. — Ele está lá fora? — pergunto, sentindo meu peito apertar.

— Oh! Querida, ele foi para casa, mas esteve ciscando por aqui durante todo o tempo, Deus por que homens arrependidos ficam ainda mais suculentos? — Rio, ela me aperta de leve. — Senti falta de você, querida, *no* faça mais assim, meu Astro Brilhante, somos uma família. Por que mentiu? *Dios*, Ivan sabia de tudo o tempo todo. Ele podia ter lhes protegido, *Dios!*

— *Yo* sinto muito, mas *Yo no* queria lhes colocar em risco — confidencio, sentindo meus olhos marejarem. — *Yo* apenas não queria dar a ele uma responsabilidade que no era dele.

— Oh! Meu bem, venha aqui. *Dios*, essas minhas crianças crescidas ainda vão me enlouquecer. — Ela me abraça e se senta ao meu lado.

— Ele errou, deveria ter lhe protegido, ele jogou em você a merda dele e saiu sem recolhê-la e ainda a deixou à mercê daquele psicopata. Querida, eu sei o que esses meninos fazem, mas eu não me meto. Ivan poderia ter feito mais. Sabe, querida, *Yo* não devia lhe dizer isso, mas vou. Aquele homem, o seu Russo. — Tento protestar. — Sim, ele é seu, não vamos negar e evitar a fadiga, precisa de um bom chá. Seja dura com ele mas nem tanto, vocês vão ficar juntos. — Tento negar outra vez. — Não negue o óbvio. — Pisca. — Dê uma dura nele, coloque-o na linha é hora de você me colocar ele na linha, ele não gosta de cordas? Então o amarre! E prometa que jamais vai mentir de novo para aliviar a barra dele, ele sabia dos seus problemas e a partir do momento que ele entrou em sua vida, invadindo-a e balançando suas estruturas ele devia ter feito o máximo para proteger vocês, e não enfiar a cabeça na bunda e fugir.

— *Dios*, quem lhe disse sobre as cordas? — Meu rosto queima. — *Yo* prometo, no vou esconder mais nada daqui em diante!

— Eu tenho meus contatos — revela, matreira, sorrio. — Querida, eu sei que precisa de um tempo para assimilar tudo, concordo com o doutor, mas que tal vocês apenas tentarem se falar sem se ferir, ele está lá fora e só vai entrar se você permitir, ele é um bom homem, esquisito e gostoso, mas é um bom homem. Vou buscar um café. Cinco minutos.

— Apenas cinco minutos.

Ela me dá um beijo na testa e vai em direção à porta, ela a encosta, fecho meus olhos e recosto a cabeça no travesseiro, eu quero tanto ir para casa, mas como? Eu sequer sei o que eles fizeram em minha casa.

Ouçõ o barulho da porta, abro meus olhos, e Ivan está parado aos meus pés, com o semblante abatido, o cabelo que estava grande, agora está aparado e a barba feita, as olheiras parecem ter diminuído um pouco.

— Olá, Raio de Sol — diz baixo, rouco, a voz dele treme receosa no final, deixando-me ansiosa.

— O-oi... — balbucio, ele se aproxima com as mãos nos bolsos, ereto, respirando de forma ruidosa, nervoso.

— Como está se sentindo? Posso me sentar? — Olho para ele surpresa, diferente do Ivan de impositivo, ele está pedindo, aceno que sim e ele puxa a cadeira, sentando-se ao meu lado.

— Eu sinto muito, me des-sculpe — ele gagueja. — Por tudo.

— *Yo* quero ir para casa e talvez nem uma casa *Yo* tenha mais. Eu sinto muito por tudo também. *Yo* entrei em sua vida e só lhe dei mais problemas para lidar, além dos quais você já tinha. *Tu* nunca garantiu que ficaria, e *Yo* me iludi, criei um castelo de cristal à minha volta e quando tu se foi, juntei caco por caco e me reergui quando achei que *no* ia ser possível. *Yo no* vou aguentar ser quebrada de novo. *Yo no* posso brigar por um espaço em seu coração, *no* posso. *Yo* o quero por inteiro, não aceito uma metade que pode decidir que *no* pode mais ficar. *Tu é o padre de mi hijos...* Mas no posso colocar meu coração em risco novamente.

— E não vai, eu estou aqui. Esse sou eu inteiro, o homem quebrado, eles se foram e a dor não foi embora, ela só triplicou quando eu me vi lhe perdendo, achei que podia lutar contra isso em meu peito, essa chama. Que me faz amá-la, mas eu não pude e nem quero, Raio de Sol, eu te amo, e nada me vale a vida se você não estiver aqui para dividi-la comigo. Eu sei que está magoada e que não confia em mim, mas ao menos me deixe cuidar de vocês quatro, deixe-me protegê-los como eu devia ter feito. — Os olhos marejados dele, machucam-me a alma, quando a mão quente dele toca a minha trêmula, suspiro, sentindo o bolo se formar em minha garganta. — Você lutou, defendeu-se. Você se salvou, minha linda, e estou orgulhoso, mas me deixe cuidar de vocês quatro, me deixe pelo menos tentar, e se eu falhar, sairei do caminho e te deixo livre, mas me permita ao menos tentar. — As lágrimas escorrem por meu rosto sem permissão, ofego quando ele se levanta e cola a testa na minha. Sua respiração bate na minha, o cheiro dele faz as lembranças dançarem em minha mente, nossos momentos juntos, seu jeito, seu sorriso, suas malditas falas cretinas que faziam meu coração disparar.

— Eu senti sua falta, a cada maldito dia que eu estive longe, a cada batida que meu coração deu, eu senti sua falta. Você pode não acreditar em mim, mas é o meu sol, vocês são as únicas coisas capazes de trazer luz e calor a minha vida fria, pode não acreditar em mim, mas você me tirou da escuridão, e mesmo quando eu voltei para lá vocês ainda eram as únicas

coisas capazes de me manter são, eu sou um monstro, Solange. É isso que eu sou, mas você trouxe algo para mim que eu jamais achei ser merecedor, você trouxe vida... Você trouxe luz. E mesmo que eu não seja capaz de fazê-la me amar novamente, saiba que você me salvou. Que você e Rosita deram um significado a minha vida, me deram uma direção quando achei que poderia não existir mais nada além de vazio e sede de vingança.

Capítulo 43

*“Porque eu não quero perder você agora
Estou olhando bem para a minha outra metade
O vazio que se instalou em meu coração
É um espaço que agora você ocupa
Mostre-me como lutar
E eu vou lhe dizer, amor, foi fácil
Voltar para você uma vez que entendi
Que você estava aqui o tempo todo”*

Mirrors

Justin Timberlake



IVAN

Afasto-me dela com minha garganta seca, nunca fui tão sincero em toda minha vida, em toda a porra da minha vida. Eu não vou poder fazer nada se ela não me deixar ficar, sua saúde e a dos meus filhos vêm em primeiro lugar, quando eu me viro para deixar o quarto, uma lágrima teimosa escapa, escorrendo em meu rosto, abuela me deu apenas cinco minutos, e respeito isso, não posso exigir mais nada do que me oferecerem, esse é o preço, aceitar o que me derem, vai me matar se ela me afastar, se eu não puder estar com ela em todos os momentos da vida de nossos filhos, vai me matar saber que eu não vou estar ao seu lado na primeira cadeira na formatura de Rosita.

É uma escolha dela... Os dedos frios, suados e trêmulos puxam meu pulso com força, quando me viro o rosto dela está banhado em lágrimas e aquilo me destrói um pouco mais, quando ela me puxa fazendo força e geme de dor, vou em sua direção, ela puxa minha camisa com força, fazendo meu corpo ir contra o seu na cama, apoio uma das minhas mãos na cama e com a outra a puxo contra minha, ela chora contra meu peito. Minha intenção não é

lhe causar dor, mas precisei dizer tudo aquilo e eu nunca fui tão verdadeiro em minha vida.

— Não vai existir lar no mundo para mim, se vocês não estiverem lá.
— Acaricio seus cabelos.

— Yô que-eria-a n-no te amar — ela murmura e ofega, soluçando, contra meu peito.

— Eu sei linda. Me perdoe. — Beijo seus cabelos macios e levo a mão a sua barriguinha linda, meus filhos já começam a dar sinais de que estão aqui.

— Eu vou estar aqui, sempre.

Afasto-me dela deixando um beijo em sua testa, ela fecha os olhos e se recosta contra o travesseiro, ela ofega de dor levando a mão na perna, ela precisa descansar.

Vou em direção a porta e saio, sem olhar para trás.

Eu não consigo encarar abuela quando passo no corredor, ando sem rumo, viro no primeiro corredor. Quando o ar quente do jardim bate em meu rosto, me dou conta que nunca fui capaz de sentir tantos sentimentos juntos e isso me assusta, como no inferno me assusta.

Duas semanas depois.

— É hora de levar sua mamãe para casa, meu amor. — Abaixo-me à sua altura, e ela pula animada balançando o picolé. Corvo ri e esfrega uma mão na outra, nervoso, nessas duas semanas eu não tive coragem de voltar ao quarto, fiquei sempre do lado de fora, quando não estava com Rosita, eu estava do lado de fora. As enfermeiras me olhavam com pena, já que como um maldito rato eu não tive coragem de voltar lá. Ela melhorou, os pontos foram tirados depois da primeira semana, mas doutora achou melhor ela ficar uns dias a mais até que os meninos estivessem realmente bem. Porra, eu falo filhos, mas nem sabemos ainda se teremos dois meninos ou duas meninas, eu imagino duas meninas, iguais a Rosita ou dois meninos lindos iguais à mãe. Porra, o que Deus me der eu aceitarei de bom grado. Nas últimas semanas, Deus deve ter ficado de saco cheio de tanto ouvir a porra das minhas lamúrias.

— Aceita? — A voz doce da pequena arteira chama minha atenção. Ela oferece seu picolé azul ao Corvo que aceita feliz, dando uma mordida.

— Não vai me oferecer, Florzinha? — pergunto, devagar, acompanhado da linguagem de sinais. Ela fixa sua atenção nos meus lábios e ri.

— Poderia me dar um pouquinho?

— Você não gosta de mirtilos. — Ela dá de ombros.

— Essa é dura na queda, meu chapa — Corvo debocha. — Igualzinha à mãe. Você acabou de ameaçar a vida de um senador e está implorando por um picolé, que dia memorável, meus amigos, que dia memorável. — Dominic nos últimos dois dias devolveu meu serviço, meu, de Corvo e Carniça, e um deles foi deixar um recado amigável ao senador, ele e sua equipe começaram a chegar perto demais do Matarazzo e da equipe dele. Handball, Tamara e o maldito Steban estão vivos, Dominic me proibiu de chegar perto deles, pelo menos por enquanto, o que agradeço, meu ódio por Steban bateu duro em minha mente nos últimos dias e isso foi a porra de um caralho, mas Dominic me proibiu de chegar perto dele, até eu me entender com a Solange.

— Se abrir a boca de novo, vai ficar sem penas, Passarinho. — Ele sorri.

— Certo, então não direi que a mãe dela está vindo ali e não parece nenhum pouco feliz. — Eu me viro e a Sol vem em nossa direção, em uma cadeira de rodas empurrada por dona Carmen. Boo diz algo, ela ri e olha em minha direção.

— *MAMÁ!* — Rosita grita tão alto que algumas pessoas que estão longe param para olhar, ela corre na direção da mãe, mas quase cai ao parar no seco à sua frente, ela se mexe ansiosa, mas não pula na mãe.

— *Ven aquí mi anjo.* — Rosita grita e se joga contra a mãe, dona Carmen abraça a Bonnie.

— Essas coisas acabam comigo... — Corvo diz, olho de soslaio, e ele limpa os olhos com as costas da mão. Aproximo-me delas e Rosita se ajeitou no colo da mãe.

— Teremos uma casa gigante, *mamá.* — Ela me delata, olho para Bonnie e dona Carmen, que me olham cúmplices.

— Olá, Raio de Sol — digo, passando a mão por meu cabelo, nervoso, na última semana eu estive empenhado em deixar a nova casa, como a antiga, colorida e viva.

— Oi — ela responde, e beija os cabelos da filha.

— A partir daqui é com você, querido, seja um bom menino. — Abuela ri, Corvo abre o porta-malas e guarda as bolsas, abuela me entrega a pasta de receitas e exames. Rosita desce do colo da mãe e pula em sua frente eufórica.

— Yo posso andar — Solange reclama, quando a levanto da cadeira.

— Sei que pode, linda, mas que tal me deixar ajudá-la? — Ela faz um beijo enorme e bufa manhosa, quando a coloco no banco do carona e afivelo o cinto, Corvo abre a porta de trás e coloca Rosita na cadeirinha.

— Bom, crianças, divirtam-se e não se matem. — Corvo se despede e vai em direção ao seu carro.

Respiro fundo e entro, ela desvia os olhos dos meus e suspira, olhando para fora.

Porra, isso vai ser difícil.

SOLANGE

Duas semanas aqui foram as mais difíceis, Ivan não apareceu, mas as enfermeiras me disseram que ele passou boa parte do tempo aqui comigo, mas do lado de fora. Fiquei ansiosa para vê-lo, durante esse tempo fiquei acompanhada de abuela e Boo. Corvo e Carniça passaram aqui. Carniça veio com um sorriso de orelha a orelha me contar sobre Prudence e como ela é uma mulher perigosamente apaixonante.

Todos os dias Rosita me ligou e agora sendo empurrada para fora, contra minha vontade já que eu quis ir andando, simplesmente mal consigo crer, acabou. Todo inferno que Steban fez chegou ao fim. Livre, eu posso respirar sem medo, posso acreditar que realmente estamos seguras.

— MAMÁ! — Yo não vejo mais nada a não ser meu pequeno anjo corajoso, tento forçar meu corpo a levantar, mas minha perna dói, Boo aperta meu ombro.

— Sem esforços, teimosa — Boo resmunga, teimosa.

— *Ven aquí mi anjo.* — Eu a chamo, ela vem se jogando contra mim, minha perna dói tanto, mesmo sem os pontos a ferida ainda queima e os demais cortes latejam, mas eu não reclamo, com os olhos marejados, abraço seu corpinho pequeno. Cheiro seus cabelinhos lindos, macios e tão meus... Meu anjo. Meu pequeno anjo corajoso, *Yô* jamais poderei apagar a violência que ela viveu nesses últimos anos, mas *Yô* vou fazer novas memórias com ela, memórias que vão enterrar qualquer medo, qualquer dor que ela sentiu, novas memórias com nossa família, com Ivan...

— Teremos uma casa gigante, *mamá.* — Abuela como uma boa fofoqueira me contou, o que ela e Ivan fizeram na última semana, eu não sou capaz de negar, meu coração bate ansioso.

— Olá, Raio de Sol. — Ele está tão lindo, mesmo com os ombros tensos, ele parece mais magro, mas mesmo assim ele não perde o ar misterioso e perigoso, quando ele desce os óculos de sol e os joga no banco de trás, suspiro.

— Oi — meu murmuro sai trêmulo e envergonhado.

— A partir daqui é com você, querido, seja um bom menino. — Abuela bate nele, Ivan sorri de canto, fazendo meu coração disparar. Quando a pele dele toca na minha uma corrente elétrica passa por nos dois, arrepiando minha pele, prendo a respiração, quando o cheiro forte de perfume me bate, *Dios.*

— Sei que pode, linda, mas que tal me deixar ajudá-la? — Meu corpo se arrepia, olho para fora, por algum motivo que eu desconheço meu corpo reage ao dele, de uma forma que não devia, a imagem de nós dois nesse carro me bate tão forte, fecho as pernas e fico tensa, meus seios doem, respiro fundo.

Fecho meus olhos e encosto minha cabeça contra o banco, meus dedos deslizam por minha barriga, pulo no banco ao sentir ele fazer o mesmo, os dedos dele resvalam por minha barriga, abro os olhos e o fito, com os olhos fixos na estrada ele me olha de soslaio e sorri, fico rígida.

— Devendo linda? — Ele ri, ao notar que me assustei. — Vou ser mais cuidadoso com meus movimentos quando não estiver atenta, meu Sol. — Ele deixa a mão parada. Minha barriga ondula de forma intensa, como se os dois mexessem ao mesmo tempo, e ele tira os olhos da estrada.

— *Dios!* — Eu ainda não os tinha sentido tão forte assim, apenas ondulações fracas.

— Eles me-exeram? — Ele questiona, afagando minha barriga de forma protetora.

— Porra eles sabem quem eu sou?

— *Yô* falei de tu a eles... — admito, sentindo meu rosto corar. — Que eu lhe odeio e queria lhe socar, mas que *Yô* o queria de volta, queria que *tu* voltasse e... — Paro de falar ao sentir minha voz embargar, ele intensifica o carinho em minha barriga.

— Meu amor... — ele diz, sua voz soa reconfortante. Antes que ele possa dizer algo, entramos em um condomínio de luxo... O condomínio de Boo e Dom.

— Bem-vinda ao lar, meu Sol.

— Ali! Ali! — Rosita aponta para uma enorme mansão, *Dios!* Suspiro, isso no pode ser uma casa! Ele sorri ao notar minha reação, a casa de cor bege parece ter saído de um filme, a frente aberta com um enorme canteiro de pedras e grama, várias árvores enormes com um balanço nela, faz-me sorrir.

Quando ele para o Mustang na garagem, ele se apressa em descer, Rosita sai correndo em direção ao balanço. Ele me pega nos braços e sorri. Quando ele chega em frente à grande porta, ela vem correndo, abre e como um foguete grita um nome.

— Nany! A mamá! — Ivan me coloca no sofá e uma senhora pequena vem correndo de um corredor com um pano na mão, o meu pano vermelho. Rio, mas meus olhos se fixam em algo branco que serpenteia sem jeito atrás dela. Osi.

Dios! Ele vem correndo em minha direção e antes de chegar até mim, cai, *Dios!* Está faltando uma pata.

— Devagar, cara. — Ivan o pega e o coloca em meu colo, ele se mexe, desesperado, jogando-se contra mim, ronronando, beijo seu pelo e olho para Ivan, meus olhos se enchem de lágrimas. — Não deu para fazer mais que isso, seu herói agora tem apenas três patas. — Ele pisca, a pata dianteira de Osi não existe mais e no lugar há apenas uma atadura. — Quero que conheça alguém...

— Olá. — digo, tento me levantar, mas não consigo.

— Vejo que precisarei amarrar essa moça. — A pequena senhora brinca, Ivan me olha, os olhos dele brilham, e *Dios!* Ele não pensou no mesmo que a senhora, ele pensou... Ele pigarreia. A senhora me abraça.

— Sou a Sol.

— Já sei muito de você, minha filha, esse rapaz e essa mocinha me deram sua ficha completa, não é, querida, que tal você levar essa moça para cima e lhe ajudar com o banho? O almoço será reforçado e com algumas coisas que descobri que a senhora gosta, mas adaptamos as suas restrições médicas.

— *Dios*, sem o senhora, por favor, Apenas Sol.

— Certo, certo, Sol. — Ela se anima. — Ande menino, vamos... — Rosita vai atrás dela levando Osi em seu colo, elas riem de algo.

— Pronta para subir? — Ofego, quando ele se inclina em minha direção e me pega no colo, *Dios!* Será mais difícil do que eu imaginei.

Dios me ajude!

Ele me leva para cima com cuidado. E abre uma porta enorme.

— Esse é seu quarto — Ivan informa, ficando atrás de mim e suspira contra meu pescoço. — O meu fica no fim do corredor. — A surpresa me bate, ele não vai dormir comigo? *Ele só irá até onde você permitir.* A voz de abuela me vem à mente, suspiro cansada. — Posso lhe ajudar com o banho?

— *Sí* — Minha perna fisga quando vou até à cama.

— Não poderia ter arrancado o pau daquele jeito, você fodeu com sua perna — Ivan diz, mesmo a voz sendo de acusação é cheia de preocupação e baixa. Por isso fico em silêncio, ele tira o vestido do meu corpo, a cicatriz mesmo já fechada e sem pontos, está vermelha e dói, e segundo o médico pode doer pelos próximos dias.

— Era sair da cerca ou ficar lá e morrer. — Ele estremece, sorrio. Ele me ajuda a levantar, ando até o banheiro sem calcinha, quando chego à porta uma tontura me acomete, escorrego e ele me ampara.

— Quer parar de mentir que está bem e me falar a verdade, porra? — *Yo* bufo quando ele me carrega. Eu sequer tenho tempo de me sentir envergonhada, *Dios!*

— Yo estava um há um segundo antes de ficar tonta — resmungo, irritada, quando ele me coloca dentro da banheira. Resmungo ao sentir ela fria, ele ri.

— Eu não convivi com grávidas além da mulher do Maldonado para ter algo mais que o medo de fazer alguma merda. — Balanço a cabeça, abro os olhos e sorrio, ele me olha assustado. — Pode me avisar quando for mudar de humor assim tão rápido?

Mordo os lábios quando a água morna toca meu corpo, relaxo contra água. Ele se senta na borda da banheira.

— Seus seios estão maiores — Ivan comenta. Meu rosto cora. — Não tem...

— Nada aqui que já no tenha visto, Yo sei. — Rio, cansada. — Pode me responder algo? — pergunto, ele joga alguns sais de banho na água, relaxo.

— Se estiver ao meu alcance... — Ele deixa no ar.

— O que aconteceu com o Steban? Yo o matei? — Um arrepio de medo corre por meu corpo, um jeito ruim passa por mim, suspiro aflita.

Sinto a mão sente contra meu rosto.

— Você deu a ele alguns motivos para querer morrer — ele diz, frio e calmo, a voz dele soa tão calma e macabra que faz um arrepio correr por meu corpo. O olhar dele me gela a alma, mas volta ao normal em questão de segundos. — Ele está vivo, mas por pouco tempo.

— *Dios, Yo no o matei.* — Respiro, aliviada.

— Mas fez um belo estrago, minha linda. — Pisca. — Vou separar uma roupa, promete me chamar assim que quiser ir para ducha?

— *Sí.*

Afundo-me na água e meu corpo relaxa, as ondas da banheira me fazem suspirar, levanto meu quadril e tiro a calcinha, descanso meu corpo contra a banheira e não sei quanto tempo fico aqui.

Mordo meus lábios quando sinto a presença dele no banheiro, mas a água está tão boa que não sou capaz de abrir os olhos, minha alma parece estar mais leve.

Parece que um peso foi tirado dos meus ombros. E por *Dios*, eu nunca me senti tão leve.

Capítulo 44

É arrepiante

Te ter de frente

Te fazer sorrir

Daria qualquer coisa

Por tal alegria

Por estar sempre aqui

E entre todas essas coisas

Me deixe te querer

Se entregue para mim

Disfruto

Carla Morrison



IVAN

Aproximo-me da banheira, o corpo dela já está diferente. A culpa me corrói, perdi todo o começo, mas não vou perder mais nada, coloco a toalha na pia e sigo em sua direção com cuidado, mesmo brincando sei que movimentos inesperados a assustam, e preciso ser o mais cuidadoso o possível, ela merece isso, mesmo querendo provar seus lábios, querendo matar a porra da saudade dela, o mais importante é ela e nossos três filhos, ela ainda não sabe, mas eu quero dizer a porra da verdade. Quero revelar a ela o que aconteceu nos meses que estive fora, quero dizer a ela a verdade. Ela mentiu para me proteger, e eu menti para machucá-la, mesmo de forma inconsciente, minha mentira a feriu, as coxas grossas estão mais finas, o rosto abatido, a pele brilhante agora é sem vida, e o olhar dela... Sem luz, ela está tão leve, tão sem vida e isso me fode.

Mesmo meus filhos estando bem, ela teve um começo de anemia já tratada logo no início da gestação, quero poder dar a ela tudo, tudo que tirei, egoísta demais, eu pensei apenas na minha dor, na minha sede de vingança e a feri, não terá borracha que apague isso da nossa história. Isso está

martelando em meu peito, a culpa. Ela me deu a mão quando não havia mais nada para que eu me agarrasse. E mesmo assim, soltei sua mão e não dei nem chance de me agarrar, mesmo quando eu parti ela deixou que eu fosse, isso lhe custou muito, e só vejo isso agora, a coxa está com uma cicatriz enorme, o corpo mais magro, as olheiras e... a falta de brilho. A falta de luz.

Ajeito as roupas sobre a cama, com medo de assustá-la, entro no banheiro assoviando, ela abre os olhos devagar e boceja, a barriguinha redonda brilha cheia de espuma. Eu inclino meu corpo e a ajudo a levantar, ela ri nervosa quando os seios cheios tocam contra meu tórax, com cuidado eu a levo até o chuveiro e ela suspira quando a água quente bate em seu corpo, ela sorri e balança os cabelos, fazendo-me rir. Tiro meu short, ficando apenas de cueca, pego o shampoo e fico atrás dela, lavando seus cabelos.

— Pode pegar... — Antes que ela tente alcançar o vidro de creme para cabelo, o faço. Não entendi porra nenhuma de nada que a mulher do Maldonado colocou na lista de compras, apenas pedi para Nany comprar, achá-la na empresa de serviços privados, realmente foi a melhor coisa que eu poderia ter encontrado, ela está ciente do que eu e o clube fazemos, e me entendeu prometendo a mim, lealdade acima de tudo, há meses sem emprego a velha senhora passou a vida morando nas casas dos patrões e dar a ela a casa dos empregados, me pareceu mais que justo, com alguns clicks descobri que ela é como ela mesmo diz, apenas a tia solteirona, nunca se casou ou teve filhos.

E a admiração que eu nos vi olhos dela ao conhecer a Rosita me fez ter a certeza que eu não errei na escolha.

Com cuidado, passo o creme em seus cabelos e os escovo com meus dedos, imitando o movimento que eu a vi fazendo muitas vezes, enquanto o creme age no cabelo dela, desço por seu corpo com a bucha e com o sabonete de frutas, o cheiro gostoso invade o banheiro e quando passo as mãos suavemente por sua barriga, sinto o leve tremor, e mesmo com a pele cheia de sabão, pouso um beijo em sua pele. Quando minhas mãos passam entre sua virilha, ela abre as pernas suavemente com vergonha e apoia a mão em meu ombro, ofegando. Lavo-a com cuidado e com a ciência de que ela está excitada, eu conheço esse corpo com a palma da minha mão, a pele arrepia, os seios pesados e rígidos, os olhos brilhantes e dilatados, cobrindo

toda a cor de chocolate, os lábios entreabertos, o corpo curvado, quando eu me levanto, ciente que meu pau está duro como pedra, afasto-me dela.

Porra, eu não posso simplesmente empurrá-la contra a parede e fodê-la como um animal, preciso me controlar, ela não precisa da porra desse Ivan agora.

Eu não olho em seus olhos, afasto-me dela e ligo o chuveiro, deixo a água cair no corpo dela e ela me dá as costas, a bunda grande e deliciosa balança em minha direção quando ela tira o creme do cabelo, ajeito meu pau na cueca e me coloco atrás dela, ela pega outro vidro de creme e antes que eu alcance ela passa no cabelo, e dá um passo para frente.

— *Yó* no precioso de uma babá ou de uma cuidadora de idosos. — Ela ofega, brava, afasto-me saindo do chuveiro, fico aqui vendo-a terminar de se lavar, ela quer espaço e eu vou lhe dar.

Quando termina com cuidado, ela sai e se seca, mantendo-se longe de mim, vejo-a vestir a roupa com dificuldade e arrumar os cachos sem me olhar. Paciente, espero ela fazer tudo quer, inclusive verificar o enorme closet cheio de novas roupas, ela não diz nada, mas minha paciência que está por um maldito fio se arrebenta quando ela vai em direção à porta do quarto e tenta descer as escadas. Troco a cueca e visto uma bermuda fresca, jogo a camisa no ombro e vou atrás

— Sem esforços, porra. — Pego-a no colo e ela fica tensa, respiro devagar, tentando controlar minha raiva e meu desejo por essa teimosa. Quando chego ao último degrau desço ela com todo cuidado do mundo, ela manca levemente, mas ergue a cabeça.

— Linda? A cozinha fica naquela direção. — Ela bufa e muda a direção dos passos.

— Calado — ela resmunga.

— Eu não ia dizer nada, meu amor. — Sorrio, ela fecha os punhos, talvez disposta a me socar com toda a porra da força que ela tem, eu teria rido se aquilo não tivesse me deixado ainda mais excitado. Visto a camisa e a sigo.

— Porra, ela vai me deixar maluco — reclamo, sentando-me ao lado de Rosita na mesa, ela segue até à geladeira. De repente ela para e me olha.

— Com licença *Yó* vou...

— Pegar água. A casa continua sendo sua, amor, pelo eu sei. E não faz sentido você pedir por algo que é seu. — Pisco, e ela abre a geladeira. Ela pega uma garrafinha de água e limão. Ela caminha até Nany que lhe dá uma xícara. Sol observa os temperos distribuídos na prateleira um pouco acima da pia e pega um frasco.

— Isso pode lhe fazer mal?

— No, *Yo* tomo desde que descobri que esses dois podem mandar e desmandar em meu estômago e posso driblá-los com essa misturinha. — Ela ri, mudando de humor novamente, arqueio uma sobrancelha, ela fecha a cara voltando a sua pose de menina má.

Quando nos sentamos para comer, ela se esforça, percebo o quanto a comida lhe incomoda e talvez esse seja o motivo do seu corpo estar mais magro, ela come os dois bifes e a salada, sorve o suco e me olha. Ela se apoia.

— *Yo* vou descansar. — Rosita termina de comer e como um foguete sai correndo com um Osi caindo e levantando logo atrás dela.

Ela sai e espero alguns minutos antes de subir, mas apresso meu passo ao notar que ela corre em direção ao banheiro e se joga na frente do vaso, gemendo de dor. Não consigo pegá-la a tempo, pego seus cabelos e me coloco ao seu lado. Ela joga todo almoço fora, talvez até um pouco mais, e mole ela cai em meus braços, tremendo e soluçando pelo choro.

— Calma, meu amor... — Levanto-me e a trago comigo, assim que a aninho em meus braços, ela aponta para a pia, cambaleante ela vai até à pia apoiada em mim, ela escova os dentes, soluçando.

Quando ela se deita na cama, dou-lhe um beijo na testa e quando faço menção de me afastar, ela segura minhas mãos, e percebo que ela está trêmula de gelada.

— *Fiq-qu-ue...* — Ela soluça e ofega, tiro a camisa e me deito, ela se aninha em meu peito, afago suas costas quando sinto as lágrimas silenciosas baterem em meu peito.

— *Yo no* queria me sentir assim. — Ela funga, acaricio seus cabelos sem poder dizer nada, sentindo a culpa voltar a me invadir.

O choro dela cessa, fico aqui com ela, por um tempo antes de me levantar. Arrumo os travesseiros para ela e deixo o ar-condicionado ligado,

deixando o quarto fresco o suficiente para ela não sentir calor.

Desço as escadas e vou em direção ao meu escritório alguns papéis do cassino me esperam, Dominic está tentando me tirar de circulação me dando serviços limpos os suficientes para manter minha cabeça no lugar longe de qualquer merda.

Paro em frente à parede de vidro, ao ver Rosita surgir dos arbustos de flores com Osi ao seu enlaço, cheios de folhas e flores, Osi pula serpenteando na direção de uma borboleta, pela falta da perna para ele cai e rola pela grama.

— As coisas vão se ajeitar menino. — Nany coloca a mão em meu ombro.

— Talvez eu tenha perdido tempo demais... — digo mais para mim do que para ela — E eu jamais consiga...

— Entenda, menino, o tempo perdido já se foi. Viva o hoje, um dia de cada vez — Nany aconselha, ao pegar minha mão, colocando-se ao meu lado. — Se arrependa do passado, mas por favor não deixe o amanhã fazer você se arrepender do hoje. A vida é uma só para você apenas viver de culpa, arrependimentos e descrenças.

— Sabe que não vai poder andar demais nesse sol, não é? — questionei colocando Rosita na cadeirinha, prendo a mochila de Osi com o cinto de segurança e ele vira dentro dela ficando de forma engraçada, fazendo-me rir.

— Sí. — Nossas duas últimas semanas se tornaram insuportáveis, ela mal fala comigo. Na verdade, quando ela não está conversando com Nany ou com sua atenção em Rosita, ela permanece calada olhando para o nada, pensativa. Ela assustou o inferno fora de mim e dos seguranças quando ela teve um pesadelo, ela precisou de uma nova porta e eu fiquei os dois dias que se seguiram sem conseguir dormir.

Ela passa a maior parte do tempo ajudando na alfabetização de Rosita, segundo Matarazzo, após a finalização da investigação, ela vai poder ser matriculada em uma escola de Vegas, eu já vi tudo e selecionei três escolas para que Sol escolha. Na nossa última consulta, a doutora riu e sem que eu nem Sol esperássemos ela tocou no maldito assunto que está martelando na

minha cabeça, no próximo mês estaremos liberados para fazer sexo, Solange ficou vermelha e depois roxa, tossiu e simplesmente não olhou nos meus olhos.

— Já decidiu o tema do quarto dos gêmeos? — Nossos filhos insistem em manter as pernas fechadas, mas não há ninguém que não desconfiem que ambos são meninos.

— *Yô* pensei que gostaria de me ajuda? — ela diz baixo, e isso me irrita, como tem feito, a voz baixa, perdida e sem muito a oferecer. Manobro o carro na rua e ela retira o iPad da bolsa, fazê-la aceitar os novos eletrônicos foi a porra de um inferno. Ela desliza os dedos pela tela e vira em minha direção, mesmo com os olhos na rua do condomínio, olho para os temas, algo como astronautas e ela desliza a tela e aparece o tema de gatinhos. — *Yô* estou em dúvida, no sei o que fazer.

— Gatos e astronautas? — sugiro, ela me olha surpresa. — Já que os dois são bons o suficiente, junte-os. — Pisco e pela primeira vez ela me dá um sorrisinho em dias, os olhos brilham e ela suspira, mordendo os lábios.

Ela volta a mexer no aparelho e fica em silêncio, quando paramos em frente à loja Rosita boceja, apenas o sacolejar do carro lhe dá sono.

Desço-a e entrego Osi em suas mãos.

Ela vai em direção a loja como um foguete. Sol sai e antes que ela passe a bolsa pelo corpo, pego-a colocando em meu ombro, travo o carro e lhe dou passagem. Quando entramos na loja, Osi já está no colo de Ximena e ela vem em nossa direção.

— Olá, *hija*. — Ela abraça Sol e me olha crispando os olhos. — Venha...

Elas vão para os fundos, sento-me em uma cadeira perto da porta, cruzo meus braços e fico aqui, depois de meia hora elas voltam, Ximena me mede de cima a baixo, Sol sai pela loja mística, a velha veio em minha direção e se sentou ao meu lado.

— É bom te ver de novo rapaz — comenta e suspira.

— Digo o mesmo.

— Sabe, você precisa ver além desse medo de errar novamente. Ou vai perder aquela mulher. Você vai tê-la todos os dias ao seu lado, mas o coração dela deixará de bater por ti. Quando a paixão esfria, amor nenhum é

capaz de sustentar dois pilares, pois um deles cede e se quebra. E depois que isso acontece nada é como antes. O medo nos faz cautelosos, mas também nos torna refém dele e nos aprisiona, e quando ele cede nada é capaz de ser como antes. Você é quem é. E sabe disso, você não foi forjado, você é a forja, faça algo por você uma única vez na vida e seja dono do seu próprio destino, há destinos traçados, o seu e o dela estão enlaçados há muitas vidas, mas você vai precisar escrevê-lo com ela nessa vida, rapaz. Eu os vi, vidas após vidas sendo separados. — Quando a olho um maldito arrepio percorre minha espinha. — De ciganos a realeza, não deixe a história se repetir.

Ela se levanta e se afasta, mas antes ela se vira e sorri de forma sombria.

— É hora de você ser o sol, *hijo*.

Porra!

Capítulo 45

“Hmm

*Estou uma bagunça e ainda estou quebrada
Mas estou encontrando o meu caminho de volta (hmm)
E sinto como se alguém tivesse roubado
Toda a luz que eu já tive (hmm)”*

Still Have Me

Demi Lovato



SOLANGE

Yo mordo os lábios, vendo Ivan tencionar o corpo másculo no aparelho da academia, trêmula eu me afasto, nos últimos dias apenas olhá-lo é como uma tortura, ele mal olha para mim e isso está acabando comigo aos poucos, ele sequer consegue ficar em um ambiente fechado comigo sem ter alguém por perto. Se eu entro ele apenas beija minha testa afagando minha barriga e sai.

Frio, ele mal me olha, enquanto meu corpo queima pelo dele e meu coração bate descompassado por ele, com o passar dos dias eu finalmente me dei conta que o amor dele não passa de culpa. Apenas isso, culpa por ter me deixado grávida.

Termino de ajeitar minha bolsa e Rosita ri sapeca empurrando o rabo de Osi para dentro da sua mochila. Quando Ivan sai da academia, ele passa por um foguete por nós duas, e volta cinco minutos depois com os cabelos molhados e com uma roupa social.

— Prontas? — Ele sorri, afirmo, nervosa.

— Promete que no vai soltar minha mão? — Rosita pergunta baixo e sinaliza com a língua de sinais em minha direção, tento pegá-la no colo, mas notando minha dificuldade ela simplesmente pula no sofá ficando da minha altura e me abraça, afago seus cabelos. Essa é nossa primeira consulta com um otorrinolaringologista. Pego seu rostinho entre minhas mãos.

— Yo prometo — digo devagar. Ivan a pega no colo junto a Osi com uma facilidade enorme.

— Vamos lá, linda? — Olho para ele e ele me olha de forma intensa, retribuo o olhar, Nany vem até nós e nos abraça, desejando boas energias.

Quando entramos no carro, Ivan aperta minha coxa de forma suave,

— Charley Younan é o melhor médico da região — ele diz, quebrando o silêncio constrangedor.

— Só espero que *no* seja decepcionante — comento, sentindo o nó em minha garganta.

— Porra! Olhe o eu você fez! Além de ensiná-la a língua dos sinais, ensinou também a falar e a compreender o que falamos, e ela tem apenas cinco anos! — diz, indignado. Minha bochecha queima pelo elogio dele.

— E, porra, está alfabetizando-a aos poucos em meio a toda essa porra de caos.

— Mas ela ama quando *tu* a ajuda com o alfabeto e os numerais.

— Nossos dias não têm sido fáceis, ela tem suas dificuldades, mas ela já consegue escrever o próprio nome, todo tortinho e sem ajuda, Ivan não admite, mas eu vi lágrimas em seus olhos quando ela mostrou a ele as letras de nossos nomes e o de Osi, com a letrinha dela.

Sorrio nervosa, quando chegamos à clínica de luxo meu corpo todo treme de nervoso, e pela primeira vez em dias, Ivan segura minha mão. Ele pega Rosita no colo e coloca Osi em suas costas. Ele verificou com a clínica se poderíamos trazer Osi e para nossa surpresa o médico achou essencial já que ele passa confiança a Rosita.

Ofegante, sento-me na cadeira da recepção enquanto Ivan entrega os documentos a moça, ela sorri e sai de trás do balcão para cumprimentar Rosita e Osi, ela usa a ASL [\[50\]](#) para cumprimentar minha filha que responde com um sorriso e um olá fraco junto dos sinais. A moça mexe com Osi, levanto-me e assino os documentos junto ao Ivan, já que estamos inclusas em seu plano de saúde. Quando tentei negar, o olhar que ele me deu não deu brechas para que eu negasse. Apenas concordar com ele.

— Dr. Younan já está aguardando vocês. — Trêmula, entro na sala seguida por Ivan, Rosita fica em alerta.

— Boa tarde — O médico diz, levantando-se.

— Olá. — Ele nos cumprimenta e usa a língua dos sinais com Rosita que responde tímida. — Vejo que temos uma donzela e seu fiel escudeiro.

Ele nos indica um sofá, sento-me ao lado de Ivan, Ivan senta Rosita em seu colo e lhe dá a mochila de Osi. Ela quase some atrás da mochila cor-de-rosa. Osi mia procurando Rosita e ela enfia a mãozinha pela lateral da mochila, ele se joga contra sua mãozinha.

— Olá — digo.

— Boa tarde, Younan. — Ivan estende a mão como se o conhecesse.

— Bom te ver, cara.

— Digo o mesmo. — Olho para eles sem entender. — Eu sou voluntário em um centro em que Ivan e Dominic são colaboradores mensais. Que tal você me dizer o que lhes trazem aqui?

Nervosa, conto tudo, desde o início, minha dificuldade na gravidez, a falta de dinheiro para consultas, remédios e um plano médico. Revelo da dívida com o hospital no parto de Rosita, e que eles não se importaram quando notaram a surdez dela.

— Fico feliz que tenha feito tanto com ela com tão pouco à sua disposição — continuo a explicar a ele sobre a dificuldade dela, quando ela começa a falar com Osi baixinho. — Ela tem um atraso na fala, característico de crianças que já nascem com problema de perda auditiva bilateral. [51] Com alguns exames, vou poder dizer a vocês, qual é o grau e que medidas poderemos tomar. Mas eu já tenho uma ideia do que fazer.

Ele se levanta e vai até o telefone, Ivan aperta minha mão com força, respiro fundo e olho para Rosita que está alheia a tudo.

— Jessy vai preparar minha sala de exames, podem me acompanhar. — Seguimos o doutor, para uma porta em seu próprio consultório, ele me indica um outro sofá, Ivan coloca Osi ao meu lado.

— Vou pedir que fique com ela em seu colo, Ivan, já que a mamãe ali não pode carregar peso.

Fico aqui, observando-os, ele a levando de aparelho em aparelho, quando o choro dela enche a sala meu coração se aperta e Osi se agita na mochila, tento acalmá-lo.

Quando ele termina ele nos leva de volta à sua sala, pego-a no colo e afago suas costas.

— Essa princesa é corajosa. — Ele tira um chocolate de sua gaveta e entrega a ela, que funga em meus braços.

Ivan entrega a ela seu celular e ela se atrapalha tentando segurar a mochila, o chocolate e o celular. O doutor indica sua mesa, levanto-me e Ivan puxa a cadeira para mim.

— Tenho notícias boas e ruins, ela tem 89% por cento do ouvido direto comprometido e 94% do esquerdo, o que indica que está estabilizado, o teste de audiometria mostrou que ela tem o que chamamos de auditiva severa, em que os limiares entre 71 e 90 dB, o que é compatível já que ela não identifica nenhum som de fala ao nível de conversação normal, apenas possíveis gritos altos, em um dos testes pude notar que seu ouvido ainda é sensível a sons como latidos e miados, sons de instrumentos musicais causaram uma leve alteração, mas nada que seja compreensível o suficiente para ela. Infelizmente, não teremos sucesso com um simples aparelho auditivo. — Ele liga o monitor atrás dele e começa a mostrar as condições do ouvido dela. — O que me surpreende é ela se comunicar tão bem, mesmo com a sua condição, embora haja o atraso na fala e a atenção extrema dela nos lábios de quem fala com ela, Rosita tira tudo de letra com tão pouca idade, mas antes de qualquer coisa, teremos que iniciar um tratamento com uma fonoaudióloga, pois ela pode ter dificuldades na alfabetização, Ivan me contou a situação de vocês, fico feliz que a partir de agora vão estar seguras o suficiente para que a pequena tenha a vida normal. Minha esposa vai estar à disposição de vocês, como fonoaudióloga. Infelizmente um aparelho auditivo nessas condições apenas vai nos tirar tempo. — Nervosa, tremo e Ivan segura minhas mãos.

— Ela é o que chamamos de paciente pré-auditiva, pois ela não teve contato com nenhuma memória auditiva. Onde eu quero chegar com tudo isso? Nossa melhor opção é o Implante Coclear, os resultados seriam melhores se a cirurgia fosse feita com ela ainda entre os dois e três anos, mas como não foi possível nossos resultados ainda vão ser satisfatórios, pois ela já se comunica com uma facilidade estrondosa.

Olho para Ivan e ele aperta minhas mãos com mais força, sabia que ela poderia ouvir, mas ter a confirmação faz as lágrimas brotarem em meus olhos.

— Mesmo ela estando em uma fase que chamamos de crítica que vai dos três anos aos sete, vamos torcer para adaptação dela ser satisfatória, o que vai variar de trinta a quarenta dias após a colocação do implante. Fico feliz que com todas as adversidades, tenha conseguido implantar na vida dela a leitura orofacial e linguagem de sinais. O que é muito difícil de se ocorrer.

— Yô fiz o que pude, mesmo não tendo sido o suficiente, Yô sinto tanto podia feito mais, assim ela poderia levar uma vida diferente agora — lamento, Ivan me consola, passado os braços por meus ombros.

— Você fez mais do que pensa, mãe, e em conjunto vamos dar a ela uma vida satisfatória. Eu estou autorizado a planejar a cirurgia em conjunto com a minha equipe.

— Sim — Ivan responde, categórico.

— Ela vai passar por um pequeno processo com alguns profissionais, Ivan já manifestou a vontade de ter doutor KYozy como psicólogo dela — concordo. — Eu os vejo em breve, com boas notícias.

Levanto-me, tudo será diferente de agora em diante.

IVAN

Saímos do consultório do médico, ele nos pediu para deixar KYozy explicar a ela o que vai acontecer com ela.

— Ivan? — Rosita puxa minha calça, colocando a mochila de Osi, ela pula no lugar e junta as mãozinhas.

— Vamos ao moço dos *desenho*? — ela pergunta, atrapalhando-se com as palavras.

— Vamos? — Rio, pego-a no colo.

— O que estão cochichando aí? — Sol sorri e entra no carro, afivelando o cinto. Ajeito Rosita no banco e afivelado Osi.

Entro no carro e sorrio.

— Vai descobrir.

Quando paramos em frente à loja, desço Rosita e pego Osi. Ela me olha sem entender, empurro a porta e deixo passagem a elas, Sol me olhou em dúvida quando paro no balcão e tiro o desenho do meu bolso.

— Tenho um horário com a Flora — aviso a recepcionista. Ela sorri e me indica o espaço de Flora.

— Flora? — Chamo.

— Um bom *angel* a casa torna. Dom me falou de você cara. — Pisca.

— Porra, sua mulher é linda. Está solteira?

— *Sí*. — Olho para Sol, ao vê-la entrar na onda da tatuadora que sorri.

— Sou Sol.

— Você, Bonnie e Jordana são pautas nas sessões aqui do estúdio. O que manda hoje?

Rosita aparece com um enorme picolé, azul e rosa e se senta na cadeira, abrindo uma abertura da mochila para dividir o sorvete com Osi.

— Cara, não era você que odiava gatos? — Flora tira com a minha cara, vestindo uma roupa descartável para começar a tatuagem.

— Osi não é um gato — reclamo, tirando a camisa.

— Ele é o quê? — Sol pergunta, pegando minha camisa, sentando-se quando a assistente de Flora puxa uma poltrona confortável para ela.

— Ele é o Osi, porra. — Sol ri e seus olhos brilham, meu coração bate mais rápido, Rosita se levanta e vem até Flora.

— Posso soltar Osi? — Ela sinaliza, fazendo Flora a olhar surpresa.

— É só falar devagar e olhar nos olhos dela — digo, antes de Sol.

— Claro, se ele não for sair correndo. — Rosita solta Osi, e entrego meu celular, ela e Osi se sentam no sofá e dividem o picolé.

— Porra, o gato é adestrado.

— Na verdade, não — Sol comenta, e confia a Flora sobre a pata dele.

— Caralho, o bichano é dos bons. — Flora ri e me manda deitar na maca, colando o decalque em meu peito.

— Porra, isso vai ficar foda. — Olho para Rosita, Osi deita entre suas pernas ficando de barriga para cima. Quando ela tira o decalque, levanto-me e olho no espelho.

Meu Sol abre a boca em um O perfeito, fazendo-me dar um sorriso, o sorriso dela. E ela percebe, ficando vermelha. Quando a agulha toca minha pele, fecho meus olhos e deixo a sensação me levar, é como um flash, nossas lembranças, tudo. Cada sorriso, cada toque, cada brincadeira ou provocação, o sorriso de Rosita, da minha Florzinha, cada coisa que ela me ensinou, cada nova experiência e sensação, porra. Foi a melhor coisa do mundo.

— Porra, ficou sensacional. — Flora chama minha atenção e eu me levanto, Rosita dorme com Osi enrolado nela, eu nem vi Sol se sentar no sofá e colocar a cabecinha de Rosita em seu colo.

— Porra, ficou do caralho. — Aproximo-me do espelho, a tatuagem no lado livre do meu peito pareceu completar tudo que faltava. Tudo.

A letrinha dela em meu peito, significa o início de algo que eu jamais imaginei ter. Nunca foi sobre não querer um futuro, mas sim por achar que eu não era merecedor de um.

IVAN OSI
MAYA

Capítulo 46

*Agora, isso pode ser um erro
Que estou te ligando tão tarde
Mas esses sonhos que tenho com você não são reais o suficiente
Comecei a trazer o passado à tona
Como as coisas que você ama não duram
Mesmo que isso não seja justo para nós dois
Talvez, eu seja apenas um tolo
Eu ainda pertenço a você
Em qualquer lugar que você estiver
Esses campos minados pelos quais eu caminho
O que eu arrisco estar perto de você
Esses campos minados me afastando de você
O que eu arrisco estar perto de você
Perto de você*

Minefields

Faouzia feat. John Legend



IVAN

— Porra? Que cara é essa? A médica não liberou o paraíso? — Dominic me provoca. Mantenho-me em silêncio.

— Quero voltar a lutar — digo, colocando os papéis em cima de sua mesa, ele me olha com deboche.

— Você querer e eu deixar são coisas totalmente diferentes. Eu deveria lhe amarrar e lhe quebrar, mas como agora eu sou um homem justo, hone... — Ele para, honesto esse filho da puta nunca vai ser. — Pai de família, lutará comigo, se vencer... Volta para as lutas, mas se eu ganhar vai voltar apenas quando eu decidir.

Dou um sorriso de lado, a porra do meu dia hoje não foi fácil,

Na verdade, o último mês foi infernal, desde a ida ao estúdio, eu me mantive ainda mais distante dela. Ela está mais irritada, e porra eu já estou quase subindo pela porra das paredes, vê-la cada dia mais gostosa tem acabado comigo, já perdi as contas de quantas punhetas eu bati, em uma maldita noite que fiquei até mais tarde olhando os papéis de Dom, subi e passei pelo quarto dela, fui ao inferno ao entrar no quarto e não encontrá-la, mas o gemido baixo vindo do chuveiro me gelou a alma, a porta entreaberta, o barulho da água.

Eu voltei pro inferno e fiquei lá ao vê-la descer a mão entre as pernas e se tocar, ela gemeu a porra do meu nome e aquilo foi suficiente para me deixar de pau duro no mesmo instante, fiquei ali parado, vendo-a se tocar, meu corpo ficou tenso, minha respiração travou, meu sangue correu mais rápido em minhas veias, e quanto mais ela chamava meu nome entre ofegos e gemidos, mais duro eu fiquei. Arranquei meu pau da bermuda e porra gozei em minhas mãos, chamando o nome dela em um sussurro, olhando para ela, o corpo envolto na água, tremia e pedia para ser tocado por mim, pedia para ser fodido.

E desde então tenho evitado ela, é eu olhá-la e meu corpo parece criar vida própria, meu pau dói, a cada maldito dia ela está mais linda, sensual e gostosa, não foi minha intenção ontem enquanto ela fazia os exercícios que a médica indicou junto ao personal, vê-la praticamente nua, usando uma cueca branca minha e um top transparente, a cada movimento ela suava, minha cueca já está apertada, pois até a porra do rabo gostoso dela ficou maior, na última consulta quase soltei foguetes ao ver e ouvir da médica que ela engordou quase três quilos e os meninos também, porra, são dois garotos eu tenho certeza.

As coisas do quarto deles começaram a chegar, passei a madrugada com Corvo e Carniça pintando as paredes e distribuindo os papéis de parede nas paredes necessárias e no teto. Minha cabeça está latejando, e mais cedo quando saí ela simplesmente me mandou à merda em espanhol porque a proibi de sair sem mim. Não, se ela quer sair com a mulher do Maldonado, ou ir em qualquer porra de lugar eu vou junto, eu, Rosita e Osi em sua mochila, não vou facilitar para ela.

Rosita tem passado com a fonoaudióloga e com KYozy, mesmo Dominic insistindo que eu lhe devo uma visita, o que importa para mim agora é minha pequena.

— O que foi? — pergunto quando Maldonado ficou quieto demais.

— Você está prestes a explodir — Maldonado comenta, pontuando algo que está escrito em minha testa.

— Jura? Quem lhe contou? — Ele ri, joga-me no joguei no sofá. — Não suporto mais a porra dessa distância, ora dela, ora minha.

— Sabe que não vai encontrar nem Navarro e nem Tamara enquanto não resolver sua vida. — Maldonado está levando a sério a porra do negócio de quanto tempo um ser humano sobrevive com apenas uma garrafa de água e um pão por semana.

— Eu não sei o que fazer.

— Reciclarei algo que me disseram, peça perdão e implore, arraste-se se for necessário, agora chega de moleza. — Ele se levanta. — Achou mesmo que minha ideia de lhe dar um pau, não ia para o sentido literal da palavra?

Os caras gritam, Dominic cospe sangue e vem em minha direção, o punho dele atinge meu queixo, meu corpo pende para trás, o filho da puta mete o pé em minha costela. Urro de dor, rolo meu corpo e ele continua me chutando, sem ar, tento revidar, mas o pé dele acerta minha cara.

— Porra — reclamo, colocando os braços na frente do meu rosto, ele gargalha. Dando-me tempo o suficiente para levantar, viro meu corpo, meu pé se choca em cheio com o seu ombro e ele ri, balançando o corpo. — Isso não é uma luta, porra.

— Não, é a surra pelo que fez a Solange e pela sua traição, eu estou sendo bonzinho, deveria te amarar e te quebrar, aliás, já foi um dos meus melhores, Ivan. — O deboche dele fez a raiva dentro de mim, balançar.

— Aliás, Sol estava magnífica essa manhã. — Meu punho acerta o rosto dele, e antes que ele possa revidar, dou-lhe uma rasteira, ele impulsiona o corpo e se levanta, apoiando-se na mão direta, sou mais rápido que ele e o derrubo de novo devolvendo o chute na costela.

— Pare de reparar na minha mulher, porra. — Ofego, chutando com força sua perna, ele geme e ri, rolando pelo tatame.

— Ela não é sua mulher. No máximo sua protegida e mãe dos seus filhos, mas sua mulher? Não aqui foras... — Meu corpo voa na direção do dele, a cada soco que acerta seu rosto ele ri mais e mais, ele desvia, fazendo meu punho atingir em cheio o tatame. Grito de ódio, ele me empurra com pé. Minhas costas batem com força no tatame e ele devolve cada soco que eu dei.

— Chega de brincar, o único que vai apanhar aqui é você!

Socos e mais socos, porra! Quando ele prende minha garganta e rolamos juntos, tento desviar do mata-leão, mas ele é mais rápido.

— Somos irmãos, uma família. — Ele me tira o ar. — Aprenda que se estamos na merda, faremos esterco juntos, se vacilar novamente está fora! — Bato em seu braço, em um claro sinal de rendição. Ele joga meu corpo no tatame em um baque mudo. E se levanta, rolo ficando de costas, todos os caras estão em silêncio.

— Se algum dia não formos o suficiente para levar suas merdas conosco já não seremos mais uma família. Não há mais a porra de um MC Club. Não há porra de uma hierarquia, se for preciso morremos todos por um e matamos também. Aqui não é a porra da Bratva e nem a porra dos antigos Hells Angels MC. Somos uma família. Sua sorte é que eu não faço mais isso, mas eu deveria deixá-lo uns bons dez dias sem andar. Somos uma família e decidi que isso vai ser justo. Vocês podem sair, mas se traírem a família, eu mesmo os tiro! Isso serve para todos vocês, me ouviram, porra? — Ele berra, dando um giro de trezentos e sessenta graus, todos nós respondemos.

— Sim, Dom! — Ele se vira e dá a mão, ele me puxa, bate em minhas costas em um abraço apertado.

— Eu aprendi a te amar, como amo todos eles. Não está mais sozinho, Ivan. — Isso me dói a alma, o bolo se forma em minha garganta. —

Se eu dia esteve, hoje não está mais. Saia daqui e pegue sua mulher, seja feliz. Você merece! Mas antes tome a porra de um banho. Aliás, adorei a tatuagem nova.

Os caras gritam e me abraçam, e empurram minha mochila. Olho no relógio, quase oito da noite. Pego meu celular e vou em direção ao chuveiro,

jogo-o no banco e entro na ducha, tirando o short e a cueca. A ducha fria, tira rapidamente toda a dor do meu corpo. Saio secando meu cabelo.

Dezenove ligações pedidas de *Nany*...

O medo me corrói.

— Atende, porra!

— Menino? Por Deus? Me diga que está com a Sol? — A voz chorosa de Nany me bate como um soco do outro lado da linha, fazendo o desespero crescer em meu peito.

— A menina Sol sumiu!

Capítulo 47

O coração bate acelerado

Cores e promessas

Como ser corajosa?

Como posso amar quando tenho medo de me apaixonar?

Mas ao ver você se erguer sozinho

De algum jeito, toda a minha dúvida some de repente

Um pouco mais perto

Eu morri todos os dias esperando você

Querido, não tenha medo, eu te amei

Por mil anos

Eu te amarei por mais mil

A Thousand Years

Christina Perri



SOLANGE

As lágrimas escorrem por meu rosto, *Yo* estou me sentindo sufocada, mesmo tendo ele tão perto, ele está tão longe, meu corpo não entende e insiste em me castigar, desejando-o, querendo-o.

— Sinto muito, menina. — Soco com força a bancada.

— Ivan me pediu para não deixar você sair, apenas se Rosita ligar querendo voltar para casa.

Rosita e Osi foram passar o dia com Nina, ela estava com muita saudades da amiga, os últimos meses cheios de consultas e preparos para a cirurgia não tem sido fáceis, vamos entrar no sétimo mês de gestação, e o médico decidiu realizar o implante o quanto antes.

Dios, limpo o suor da minha testa, ofegante, fecho os olhos, mesmo longe Ivan me faz odiá-lo e desejá-lo. Minha raiva a sua indiferença tem crescido a cada dia que passa, *Dios!* *Yo* me sinto tão rejeitada, olhar para

meu corpo torna a insegurança ainda maior, a ciência de que ele está conosco apenas por pena torna tudo ainda pior, sequer sou capaz de fazê-lo me desejar.

— Querida?

— Yo entendo, Nany, e odeio Ivan ainda mais por lhe fazer passar por isso.

Quando ela se vira, meus olhos se fixam no porta-chaves, a chave da minha antiga casa brilha na parede. Passo a mão sobre ela e vou em direção à porta.

— Que tal um bolo de chocolate? Para melhorar seu dia?

— Yo vou adorar.

Pego minha bolsa no sofá e vou em direção às escadas, sentindo os olhos dela em minhas costas. Quando chego ao topo, volto descendo tudo às pressas, ofegante, abro a porta da frente e saio o mais rápido que minha barriga permite. Quando chego à calçada, caminho em direção à saída do condomínio, rapidamente, quando chego à guarita, abaixo-me ao notar que o vigia se vira, passo e sigo em direção à rua, olho para trás e paro na rua, encostando-me no primeiro poste que vejo, sorrio sentindo uma mistura de raiva, divertimento e vontade de chorar, aceno para o táxi que vem devagar, abro a porta e me jogo no banco de trás. Minha barriga pesa e *Dios*, por um minuto sinto o ar me faltar.

— *Gracias!* — Agradeço ao taxista, empurro o portão, a casa continua intacta, respiro fundo e quando chego à porta, passo a chave, sentindo todo meu mundo rodar. Quando abro a porta me sinto como se enfim estivesse em casa, entro e vejo algumas coisas pelo chão, a mancha de sangue na parede faz um arrepio percorrer minha espinha, dou um giro pela sala e me sento no sofá, as lembranças me atingem, tudo volta à minha mente como um filme.

Vou em direção às escadas, mas paro e dou meia-volta indo em direção ao porão, empurro a porta e acendo a luz, desço as escadas com cuidado, com a mão em minha barriga, ao chegar lá embaixo tudo me faz lembrar de nós dois, eu e ele ali, quando fecho meus olhos consigo ouvir a risada provocativa dele, nós dois aqui no tatame, meu corpo se arrepia, engulo em seco, ando até nosso antigo tatame improvisado, aqui eu conheci

um Ivan que talvez eu nunca mais vou ter, o meu Ivan, afasto as lágrimas com as costas das mãos e balanço a cabeça, subo de volta me sentindo incapaz, a cada cômodo que passo eu me dou conta que foi aqui que construí as melhores recordações, em cada canto as memórias dele e da minha filha, as lembranças de um conto de fadas que eu sonhei sem perceber, *Dios!* Como eu gostaria de poder ter mais apenas mais uma oportunidade.

Quando dou por mim, estou empurrando a porta, como da primeira vez, mas, dessa vez, sozinha, a cama velha, ainda há algumas cordas nossas na mesa, passo as mãos por elas, deixando minha bolsa em cima da mesa, vou em direção à cama, e me deito. *Dios!* Eu no suporto mais isso! Meu coração dói. As lágrimas caem no travesseiro e um soluço escapa dos meus lábios.

Quando sono me leva, tenho a certeza que já passou da hora de acordar do meu conto de fadas.

Eu me sobressalto no escuro com gritos, quando a porta do quarto se abre, levanto-me rápido demais.

— Que porra você tem na cabeça? — Ivan grita, deixando-me mais tonta ainda, antes que eu possa raciocinar, ele está em cima de mim me apertando e gritando ainda mais.

— Pare de gritar — peço baixo, afastando-me das mãos dele.

— Tem noção do que me fez passar, porra? O que diabos você tem na cabeça de sair quando mandei você ficar em casa, porra? O que diabos você tem na cabeça? — Ele volta a repetir, sinto como se tivesse levado um tapa, sorrio e me levanto da cama.

— O que tenho na cabeça? Eu tenho você e sua maldita pena de mim e dos meus filhos na cabeça, é isso que eu tenho! — protesto, cansada.

— Vamos para casa! — Ivan rosna.

— *Yô* no vou! Aliás, *Yô* no vou em lugar mais nenhum com *tu!* *Yô* no quero mais seu desprezo e nada que venha de você! *Yô* aceitei ficar em *sú* casa! Mas acabou! *Yô* estou indo embora! — Quando olho para ele, ele está desesperado.

— *Yô* quero alguém que uma vez na vida fique porque me ama! *No* porque se sente culpado e com pena, *Yô* queria seu amor, não sua pena!

Aliás, *Yô* no quero mais nada! *Yô* vou voltar para o México — digo, exasperada, o suor escorre por meu rosto.

— *Yô* quero alguém que me deseje, que me queira. *Yô* mereço isso, me chame de egoísta, mas eu estou cansada de *no* ter nada e *Yô* pouco que tenho ser me tirado, a vida toda foi assim, com Rúbia, com Juan, com Steban e com *tu* no foi diferente! *Tu* no é diferente deles! *Yô* te odeio! — Ofego, entre as lágrimas. Indo em direção à porta, pego minha bolsa, mas ele é mais rápido.

— Ficou maluca? Porra? — Ele passa a mão pelo rosto e tenta vir em minha direção, mas desvio, ele me puxa contra ele.

Os lábios dele batem nos meus, desesperada tento me afastar, mas *no* consigo, a saudade e o desejo me pegam, quebro-me em seus braços, a boca dele saqueia a minha em um beijo sôfrego, minhas mãos vão para a camisa dele, puxando-o, ele se afasta e tira a camisa, antes que possa responder a boca dele volta para minha afoita, tirando-me o ar, ele me ergue em seus braços, suspiro, meus sentidos sumindo, o desejo assumindo. Meus braços envolvem seu pescoço, correspondendo a tudo.

Eu queria ter forças, mas o desejo por ele, a saudade, a raiva me faz apenas me entregar, sinto o colchão macio.

— Acha mesmo que eu não desejo você? Acha mesmo que eu não quis invadir aquela porra de banheiro enquanto você tocava essa boceta deliciosa e meter fundo em você até você entender o quão minha é, o quanto me pertence, eu sou seu porra, eu te amo a cada batida do meu coração e nada vai te tirar de mim, nada nessa porra de vida. — As lágrimas escorrem por meu rosto, ele as limpa.

— Eu fui um idiota, a porra de um idiota, mas eu não perder vocês. Eu parti uma vez, Raio de Sol, e não há inferno nesse mundo que me faça deixar vocês de novo, quer ir embora? Sempre quis conhecer o México. Você me odeia e inferno eu sinto muito, Raio de Sol, mas você não vai a lugar nenhum com meus filhos! Não sem mim, porra.

A boca dele esmaga minha, ofego entre as lágrimas, puxo-o para mim, minhas unhas enfincam em sua nuca e ele roça o corpo no meu.

— Acha mesmo que eu não lhe desejo, eu passo madrugadas tomando banhos frios. Porra, eu quero você, eu vivi um inferno por minha culpa, mas não há nada capaz de tirar o que eu sinto por você de meu peito. — Suspiro,

ele puxa minha cintura, seu membro duro roça minha coxa. Ivan puxa meu vestido, deixando-me seminua, e eu estremeço, ele desliza os olhos por meu corpo e beija meus lábios, descendo dando suaves mordidas, fazendo-me ofegar e arquear o corpo em sua direção. Ele morde minha pele suavemente. Ele sorri conta minha barriga e a beija.

— Ivan... — Chamo-o, engasgando, quando seus lábios deslizam sobre minha calcinha.

— Ainda sou o seu Russo, amor... — ele diz, puxando minha calcinha, fazendo-a se embolar em meus pés, chuto-a, ele ri de forma sensual e gostosa, sua respiração provocando minha coxa.

— Eu terei todo tempo do mundo para chupar essa bocetinha doce. — Ele dedilha pelos meus lábios melados, vou contra sua mão, o dedo dele resvala por meu clitóris e ele ri. — Sempre ansiosa, sempre minha, não é, linda?

O gemido sai dos meus lábios quando ele me puxa contra, virando-me. Passo uma perna por cada lado do seu corpo e ele me devora com o olhar. Ele geme quando eu deslizo sobre ele, rosnando-o me puxa, minha barriga atrapalha um pouco e ele riu e me beija, quando ele move seu quadril ao encontro do meu, seu membro duro desliza entre meus lábios roçando meu clitóris.

— Essa bocetinha vai precisar me montar enquanto esses moleques estiverem aí, leve-me pra dentro, linda, deixe-me matar a saudade de você, quero sentir você me apertar. — Arquejo, lânguida, respiro fundo, seguro-o entre meus dedos e o levo para dentro de mim, *Dios!* Como eu senti falta disso. Choramingo. O desejo cru rasga meu corpo, rebolo, cravando unhas em seu peito sentindo-o tão fundo, que esqueço como respirar, ele rosna e trava a mão na minha cintura, meus pés apoiados no chão me dão impulso para subir, suspiro rolando meus olhos, gemo alto como nunca tinha feito.

— Me deixe ouvir, porra, o quanto me quer, porra você não tem ideia do quando eu quis foder essa bocetinha linda, Porra que saudade. — Sinto minhas coxas tremerem, empurro para baixo e solto um gemido de prazer quando ele volta para dentro de mim, remexo-me contra ele. Ele me estica, joga minha cabeça para trás, cavalcando contra ele, ele entra e sai de mim no meu ritmo, Deus é como controlar um Deus, olho para ele e meu ventre

treme de prazer, os lábios entreabertos, olhos fechados, a mão em minha cintura firme, como posse.

Não consigo controlar o desejo, cresce a vontade de tê-lo, só consigo gemer o orgasmo começa a se construir em meu ventre, rebolo e chamo por ele, Dio! Quando eu empurro meu corpo contra o dele, o orgasmo explode dentro de mim, ele geme e bate o quadril contra o meu, sinto-o quente e fundo, o grito escapa dos meus lábios quando ele me mantém no lugar e estoca com força, fazendo-me amolecer em seus abraços.

— Eu te amo, meu Sol — ele diz, rouco, sem ar contra meus cabelos, ofego quando ele sai de dentro de mim, fazendo nossos prazeres escorrem.

— Porra, eu não sou ninguém, mas não me deixe porra. Não me deixe. — Quando me inclino e olho para seus olhos quentes e perigosos, vejo medo neles.

— Eu não posso te impedir de me deixar, mas me dê a porra de uma chance, apenas uma.

Olho para ele e suspiro, sentindo meu coração acelerar, meus olhos marejam.

— Yo quero acreditar... — balbucio.

— Me deixe te mostrar que eu posso fazer valer a pena, seja minha mulher, minha amiga, minha companheira, minha esposa. — Arregalo meus olhos.

— Casa comigo, porra.

— O-o q-quê? — gaguejo, trêmula.

— Case comigo agora, case comigo, porra. — Ele se levanta, ligeiro, e vai em direção as roupas dele.

— Vem, porra, case comigo.

Capítulo 48

“Lá vem o Sol

Lá vem o Sol

E eu digo

Está tudo bem

Queridinha

Tem sido um inverno longo, frio e solitário

Queridinha

Parece que faz anos desde que ele esteve aqui”

Here Comes The Sun

The Beatles



IVAN

— Isso é loucura, Por *Dios!* — Ela suspira quando a tiro do carro, beijo seus lábios desesperado — Me deixe respirar. — Antes que ela mude de ideia, pego-a no colo e empurro a porta com força, o cheiro de maconha entra no meu nariz, Sol tosse rindo passando os braços por meu ombro, Corvo e Carniça que estão no maior papo com o Elvis maconheiro sorriem e assoviam, o Elvis começa acenar animado, coloco a Sol no chão. Porra, nossa transa ainda está rugindo no meu sistema, o cheiro dela está impregnado em mim.

— *Dios!* São nove da noite e eu sequer tenho um vestido. — Nesse momento que me dou conta que é verdade, a moça da capela ri e puxa Sol dos meus braços.

— Aqui nós temos tudo — a moça comenta, eufórica.

— Porra aguenta, cara, o pessoal tá chegando — Corvo comenta, ao bater nas minhas costas. Enquanto eu dirigia feito um louco até à capela, eu liguei para eles, a mulher do Maldonado faltou me comer vivo pelo telefone.

— Cara, você precisa de um banho, precisa casar sem essa cara de que acabou de atolar o pau no mel. — Antes que eu possa xingá-lo, a moça volta e me puxa pelo braço.

Sigo-a por outro corredor. Ela indica as escadas e me entrega um saco e uma chave.

— É só tomar uma ducha e se vestir. — Subo as escadas, nervoso, porra o Elvis ainda é dono da porra da pensão? — Vamos, cara! Sua mulher vai desistir. — Pulo de dois em dois degraus e abro a porta.

Tomo uma ducha gelada, passo a mão pelo meu cabelo, seco-me o mais rápido que consigo, tiro o terno preto do saco e visto apressado. Desço rápido as escadas terminando de dar o nó na gravata. Quando saio na capela, respiro tentando não explodir. Eu não consigo reparar em mais nada, meus pensamentos estão apenas nela.

Antes que eu seja até o meu no lugar no altar, minha filha e Osi em sua mochila entram correndo na igreja, pego-a no colo, Nany acena esbaforida, a moça da capela chama Bonnie e dona Carmen. Todos do clube se ajeitam nos bancos e Maldonado vem em minha direção segurando o filho nos braços.

— Porra, eu falei para dar um jeito nessa merda, mas não tão rápido assim, porra, eu ainda estou me recuperando da porra do tiro — Dominic fala, ao se colocar ao meu lado e me estende a mão me dando a minha dog's tag. Dom, Corvo e Carniça ao meu lado. Quando o Elvis maconheiro dá uma última tragada no cigarro e começa a cantar, todo meu corpo treme.

A porta volta a abrir, é ela porra! É ela. O vestido branco solto, marcando apenas a barriga saliente o suficiente para me fazer esquecer de respirar. Porra, isso não é certo, ela merecia mais, uma grande festa, o vestido dos sonhos, mas porra nada é mais certo que ela aqui, na igreja da porra do Elvis, nossa filha com cara de sono, Osi em sua mochila, nossos amigos, abuela Carmen, a mulher do Maldonado, apoiando-a. Quando ela chega à minha frente, ofegante com os olhos brilhantes, porra, tenho a certeza que esse é o momento.

— Geralmente eu começo com o discurso de quão errado isso é, mas porra os padrinhos me disseram que você já meteu logo dois moleques nela,

então não há nada de errado, aqui perante a guitarra sagrada como não existe nada a ser negado e ninguém para impedir manda o discurso bravo aí?

— *Sí, Yô aceito. Dios!* Isso é loucura, mas Yô nunca esperei tanto para cometer uma loucura assim, quando nossos destinos se cruzaram eu tentei lutar contra tudo, *Dios* é testemunha do quão irritante e folgado você é, mas Yô me vi apaixonada por *tu*, por cada sorriso, cada inconveniência sua, por cada espaço que você preencheu.

— E como ele preencheu. — Alguém gritou, fazendo todos rirem.

— Yô odiei te amar, mas amei te odiar na mesma medida, *Dios!* Eu te amo tanto. — As mãos dela seguram as minhas.

— Yô jamais acreditei em amor à primeira vista, mas quando te vi meu coração bateu, *tu* o faz palpar em cada sorriso, *tu* o faz ansiar a cada batida, *tu* achas que Yô te salvei, mas, na verdade, *tu* que fez com que meu coração se abrisse para o amor.

— Eu devo ter te amado em outras vidas — comento lembrando do que a Ximena me disse. — E ter falhado nelas, mas, dessa vez, se eu errar, falhar eu vou continuar sendo seu. Foi com você que eu encontrei minha redenção, foi aqui nessa lugar que aprendi que família é mais que apenas um laço de sangue, é amor, é lealdade, e sempre será acima de tudo lealdade, eu jamais tive alguém que matasse ou morresse por mim, vocês me deram uma família. E você me deu três filhos. Me deu motivos para querer ser alguém melhor. E eu te amo por isso, eu amo cada sorriso, cada olhar quente que aquece meu coração, Solange significa mais que somente o meu Sol, significa a chama que acendeu minha redenção, significa a chama que faz tudo fazer sentido, foi você, meu amor, que aqueceu meus dias mais frios, quando eu te vi pela primeira vez jamais imaginei que você realmente ia ser meu Sol, Porra, isso é loucura? Casar assim? Pode até ser, mas eu vou cometer quantas loucuras forem necessárias para provar que eu te amo!

— Beije a noiva, porra! — O Elvis grita, puxo-a contra mim, ela suspira contra meus lábios, meus filhos chutam, sorrio contra os lábios dela.

— Isso é real, não é? — ela questiona, rindo com os olhos marejados.

— Mas é claro, minha senhora, assine isso aqui e no divórcio terá o poder de levar até as cuecas desse homem! — O Elvis estende a caneta.

— Essa mulher jamais vai me escapar. — Pisco, tomando os lábios dela mais uma vez nos meus.

— Você fugiu e vai voltar casada. — Nany abraça o meu Sol, Rosita se joga em meus braços, Osi anda tranquilo nas costas de Carniça, a música do clube está alta, os caras bebendo e comendo, faz-me ter a certeza que eu nunca errei.

Sol me abraça e boceja.

— Talvez seja hora de irmos para casa, não é, minha linda esposa? — Ela beija meus lábios e sorri. Maldonado vem em minha direção e abraça meus ombros.

— Tem um quarto no cassino esperando vocês. A princesa e o fiel escudeiro estão por nossa conta hoje. — Ele ri, ao puxar a mulher dele e sorri, girando-a pelo salão do clube.

— Que tal irmos só eu e você, linda?

— Só eu e *tu*? — Ela me olha e olhos brilham, o sono do bocejo anterior passou. Ela me olha com os olhos quentes de desejo.

Nós nos despedimos de Rosita e Osi, Corvo promete deixar Nany em casa, agradeço a todos por toparem essa loucura e Sol cora diante das felicitações de todos.

Porra, é hora de fazer dela oficialmente minha esposa.

SOLANGE

Ele beija meu pescoço e suspiro, sua mão desliza pela minha coxa de forma suave, afastando minhas pernas e tentando me tocar.

— Estamos no elevador — digo, suspirando quando os lábios dele tocam os meus.

Dios! Yo realmente me casei em uma capela que cheira a maconha com toda minha família lá, *Dios*, meu coração bate forte, ainda sem acreditar, abraço Ivan.

— Se for um sonho, *no* me acorde. — Meus olhos marejam, emotiva, olho em seus olhos, e pela primeira vez vejo ver paz neles, *Dios*, a imagem me faz ofegar, o rosto tranquilo, trasbordando amor, paz e... Redenção,

suspiro sem acreditar. É como se eu estivesse encarando um anjo caído, antes sombrio, o olhar calmo, transparente, sem dor, sem perigo, sem culpa.

Dios, o meu Ivan! Beijo seus lábios, e meus filhos chutam com força, com todo o amor, que nos sentimos por ele, *Dios*! Ele me ama.

— Eu te amo, minha linda! — Ele me ergue nos braços, passo meus braços por seu pescoço, quando ele sai do elevador e me olha de forma terna, a chama do desejo se acendendo. — Estamos dividindo o mesmo sonho.

Tudo que passamos nas últimas semanas, as inseguranças, o medo, sumiu. Beijo seu rosto de forma carinhosa, ele sorri. Ele abre a porta do quarto, comigo no colo com uma facilidade enorme. Quando ele me desce, suspiro, ele anda à em minha volta, parando em minhas costas, e começa a soltar os botões do vestido.

— Vou fazer amor com você... — Ele afasta meus cabelos e beija meu pescoço — depois vou te foder com amor. — Viro-me e o vestido cai, fico apenas de calcinha branca de renda, meu rosto fica rubro quando os olhos dele percorrem meu corpo, sua mão para em minha bunda, ele sorri.

— Porra, esse pedaço de pano mal cobre sua boceta, porra — Ivan reclama, ao puxar a calcinha apertada, fazendo-a estalar contra minha pele, minha barriga me impede de roçar nele. Ele ri e toca meu rosto.

— Logo vai poder esfregar essa linda bocetinha em meu rosto.

— Podemos ter as cordas de volta? — Peço, mordendo os lábios e gemendo ao sentir sua mão forte entre minhas pernas, ele ri de forma lenta e sensual. Tiro o paletó dele e abro botão por botão, suspiro ao sentir a pele quente contra meus dedos trêmulos.

— Eu te amo, linda, e nunca vou me cansar disso. Vamos ter cordas e você vai me receber muito entre suas pernas.

— *DIOS*! — Dou um gritinho quando ele me leva em seus braços até à cama, colocando-me suavemente sobre os lençóis brancos.

— Ah! Eu te amo tanto, porra. — Suspiro, puxando-o para um beijo, ele morde meus lábios e desce por meu pescoço. Quando os lábios dele tocam meus seios, arqueio meu corpo em sua direção.

— Porra, eles estão tão grandes. — Ofego quando ele chupa meu seio de forma lenta, tocando o outro de forma suave.

— Te quero tanto, linda.

Os beijos dele descem por meu corpo, mordo os lábios e o ar me falta.

— Porra, eu posso não ser o melhor pai do mundo, mas eu vou dar meu melhor — ele diz, os meninos se mexem com força.

— Devagar, eu sei que estão aí, mas que tal não machucarem a mamãe? — Mordo meus lábios, eles mexem mais devagar, ele esboça um sorriso cretino, olhando-me pelos cílios. — Eles sabem quem eu sou. — Deixa um beijo molhado em minha barriga.

— *Dios!* Quer me enlouquecer? — questiono, sentindo-me mais molhada, ele ri e passa o dedo entre minhas pernas, espalhando a umidade.

— Apenas senti o gosto dessa bocetinha, minha linda. — Ele sorri, ao se levantar a fim de pegar uma das várias almofadas da cama.

— Vamos fazer isso confortável para você, minha linda. — Ele levanta meus quadris, relaxo contra o travesseiro. Deslizando minha perna por seu ombro, ele beija o interior da minha coxa, suspiro, lânguida. Ivan desliza sua língua entre minhas pernas, espalhando meus lábios molhados e prontos para ele com os dedos, meu corpo estremece quando sua língua dança por todo meu sexo molhado, ele desliza os dedos por meu clitóris dolorido. Eu arqueio minhas costas, forçando-me contra o travesseiro.

— Russo... — Sem conseguir raciocinar, balbucio seu nome quando a língua dele desliza sobre meu clitóris, ele chupa de forma intensa, fazendo-me agarrar os lenços. Mordo meus lábios com força quando sinto os dedos dele deslizando em minha abertura, arquejo, chamando seu nome quando sinto aquela língua quente e úmida deslizar de forma preguiçosa e provocativa contra a minha bunda. As lembranças dele lá me fazem tremer em expectativa, meu ventre se contrai, quando ele começa a empurrar seus dedos em minha entrada em um ritmo lento e firme, fazendo-me ir contra ele querendo mais e mais.

— Porra, tão molhada, tão pronta, tão minha. — Meu sangue corre mais rápido por minhas veias, grito quando o orgasmo explode, rápido, forte. *Dios!*

O orgasmo vem me levando com força. Eu me desfago gozando contra sua língua, meu corpo não para de tremer, ele me chupa de forma intensa, levando-me de forma que ele jamais fez, tremores explodem através de mim,

enfino minhas unhas contra o lençol e ele rosna chupando meu clitóris. Ele se afasta devagar seus lábios percorrem a minha coxa, enquanto todo o meu mundo gira, suada e ofegante mordo os lábios, entre minhas pernas ele lambe os lábios, passo minha mão sobre o peito definido respirando rápido, tremendo, ele se inclina tirando os cabelos que grudam em meu rosto.

— Doce como eu me lembrava, meu Sol. — Ele se inclina, apoiando-se em seus braços, toco os músculos duros, suados e definidos, ele sorri e me beija lentamente, deixando-me sentir meu gosto em seus lábios, choramingo, ele chupa meus lábios de forma sensual, exatamente como fez quando estava entre minhas pernas.

— Você gosta, não é, safada?

— *Sí*. — Respiro com dificuldades e ele ri, meu corpo quer mais, ele se aproxima, deixando seus lábios a centímetros dos meus, seus olhos queimando em mim.

— Você não tem ideia do que eu quero fazer com você e com essa bocetinha gostosa. — Ele desliza os dedos entre minhas pernas, invadindo minha abertura, abro minhas pernas dando mais acesso a ele, oferecendo-me a ele, ao sentir minha umidade ele ri rouco, tirando os dedos da minha entrada. Os olhos perigosos, negros e dilatados me devoram, fazendo-me ainda mais melada para ele.

— Quero que *tu* faça tudo. — Puxo-o ele contra mim, o máximo que minha barriga permite.

— E eu vou, meu Sol, fazer tudo que me pedir. — A voz dele chia em meus ouvidos, rouca, baixa, perigosa e sensual... Muito sensual.

Capítulo 49

*Você pode sempre voltar
Toda a estrada é uma ladeira escorregadia
Há sempre uma mão que você pode segurar
Olhando bem fundo pelo telescópio
Você pode ver que o seu lar está dentro de você
Apenas saiba, onde quer que vá
Não, você nunca está sozinho
Você sempre voltará pra casa
93 milhões de milhas do sol
As pessoas preparam-se, preparam-se
Porque lá vem, é uma luz
Uma linda luz, além do horizonte
Dentro dos nossos olhos*

93 Million Miles

Jason Mraz



SOLANGE

Suspiro contra seus lábios, ele sorri e se afasta, a calça e cueca caem, ofego com a visão. Ele volta em minha direção, beijando meus lábios novamente, sem que eu espere ele me coloca de lado, descendo os beijos pelas minhas costas, coloca o travesseiro embaixo da minha barriga e ergue meu corpo, senti-o duro e pesado contra minha bunda.

— Sempre quis te comer de ladinho, linda, te fodendo enquanto toco essa bocetinha gulosa, mas não imaginei que seria com você grávida. — Suspiro quando sinto ele levantar minha perna e colocá-la em cima do seu quadril. Afundo meu rosto contra seu braço forte, mas ele puxa meu rosto e engole meu gemido deslizando para dentro de mim, *Dios!* Eu nunca o senti tão fundo, tão bom. Ele me beija devagar, tento rebolar contra ele, e ele

rosna em meus lábios, sinto-o pulsar dentro de mim de forma deliciosa, meu corpo treme e se arrepia, sua mão se fecha em meu pescoço quando ele desliza de volta, em um vai e vem, lento e melado, fazendo-me segurar firme em seus braços.

— *Mi cariño*, meu Ivan.. — Ele bate fundo, lento, descendo a mão entre minhas pernas ele pega meu clitóris e brinca com ele, fazendo-me gemer alto, o barulho dos nossos corpos batendo de forma suave se mescla com meus gemidos altos, o cheiro de sexo enche o quarto. — Mais... — peço, rebolando, quando ele bate fundo e suave. Ele se move contra mim, fazendo-me ir ao encontro dele, buscando por mais, ele puxa meu rosto e meus olhos encontram os seus, seus olhos selvagens, sua mandíbula cerrada e os músculos tensos e suados a cada investida dele contra mim.

— Minh-ha porra, me dê isso! Me dê isso, goze no meu pau, minha linda. Deixe vir, me dê isso. — Suspiro, ao rebolar, meu coração acelerado, os olhos intensos, fitando-me a cada investida contra mim, meus dedos tocam os seus e ele os prende, presa a ele, em uma gaiola de sensualidade, amor.

Dios, o sexo cru e sujo entre nós dois acaba de ganhar algo que eu jamais achei que ia ter dele... Amor!

Meu corpo treme em busca de libertação, ele estoca firme contra minha. O orgasmo chega me levando, destruindo-me, ele afunda em mim uma última vez, sinto-o contra o meu cabelo.

— Te amo, meu Sol. — Ele balança contra mim, melando nós dois, suspiro mole contra os seus braços e bocejo. — Durma, linda. — Ele beija meu pescoço, saindo de dentro de mim, fazendo-me gemer contra o vazio que sinto, ele tira minha perna de cima da sua.

Resmungo com o leve ardor entre minhas pernas. Ele beija meu ombro e me coloca contra seu braço, seu membro semiduro roça contra minha bunda.

— Eu ainda quero mais dessa bocetinha, mas é hora de vocês dormirem. Durma linda, eu te amo.

— *Yo* te amo mais, *mi cariño*. — Ajeito-me contra ele e deixo o sono me levar.

— Sonhe comigo, linda.

E *Dios*! Como eu sonhei...

IVAN

Porra, minha esposa. Ela disse sim! Eu mal consigo dormir, fico apenas velando seu corpo e meus filhos, o sono tranquilo dela me traz uma paz que eu jamais imaginei sentir, com cuidado me afasto dela, levanto devagar, ela se vira e abraça o travesseiro, vou até à sacada nu para não perturbar seu sono e peço o café da manhã, o melhor café da manhã, porra ela ainda está comendo pouco para quem está carregando dois meninos. Caminho até o banheiro e ligo a banheira, preparo um banho para ela. O sol já está alto, dando quase oito da manhã, sorrio.

Volto para o quarto no exato momento que ela se vira e abre as pernas, na posição perfeita, a boceta dela brilha em minha direção. E seu sorriso, devagar e deitado entre suas pernas, meu pau lateja contra o colchão, passo meus braços por baixo das suas pernas e ela abre mais as pernas, passo a língua pelos meus lábios, o clitóris e os lábios inchados pedem minha atenção, quando minha língua toca seu clitóris, ela geme e empurra contra minha boca.

— *Mi cariño?* — O apelido arrastado e sonolento bate direto no meu pau, olho para cima e ela ofega, Solange está com uma carinha gostosa de sono.

— Bom dia, esposa — digo, e ela abre os olhos.

— Achei que fosse um sonho. — Ela ri e geme. — *Dios?*

— E no seu sonho eu devorava sua bocetinha assim? — Chupo seu clitóris e ela ofega, rebolando contra minha língua. Chupo-a deslizando minha língua por seu clitóris, meus dedos resvalam para dentro dela, ela ofega, sua mão vem para meu cabelo, puxando-me como força.

— Me faça gozar, *Yô* quero sentir *tu* dentro de mim.. — Olho-a, ofegante, sexy para caralho, me pedindo para ser fodida. Eu me afasto dela, tiro meu corpo da cama, ficando com os pés no chão eu a puxo. Pego o travesseiro e coloco embaixo de sua bunda,

Ela dá um gritinho, quando meu pau desliza em sua entrada, a posição me faz ir fundo, controlando-me para não fodê-la como um animal, empurro contra ela estabelecendo nosso ritmo perfeito, a cada estocada minha, mais suor brota de nós dois, e ela pede cada vez mais.

Meu corpo bate contra o dela, minhas bolas pesam e porra quando ela treme e goza apertando meu pau, estoco fundo nela, gozando, enchendo-a, marcando-a como minha, ela estremece e, automaticamente, vou ao inferno. Tentando respirar, afasto-me saindo de dentro dela, minha porra escorre, ela geme sobre os lençóis. Inclino-me sobre ela, tomando os lábios dela nos meus.

— Que tal se eu der uma trégua e dar um banho delicioso na minha mulher e mãe dos meus filhos? — Ela sorri, molinha, contra meus braços quando eu a pego.

— Acabou comigo... — Ela suspira, beijando meu peito. Vou com ela em direção ao banheiro.

Beijo seus lábios de forma suave, ela sorri.

— E você vai querer mais assim que eu tocar essa bocetinha... — Sorrio, e ela ofega, toda tímida.

— Me conhece bem, *mi cariño*.

— Amo quando me chama assim, porra. — Ela sorri, quando eu coloco seu corpo na água morna.

— De *mi cariño*? — Entro atrás dela, Solange suspira quando minhas mãos tocam sua barriguinha linda.

— Sim, porra. Me deixa duro só de pensar — digo, tirando seus cabelos do pescoço.

— Sempre vai estar duro então, *mi cariño* — ela provoca, arrastando a voz, fazendo meu pau latejar.

— E eu vou amar, Raio de Sol. Vou amar...

Enrolo-a na toalha e saio com ela do banheiro nos braços.

— *Yo* ainda posso andar — reclama, passando a mão em minha barba. — *Dios*, por que *tu* tem que ser tão infernalmente lindo e quente? *No* me olhe assim, *estoy* grávida de dois, e *Dios* se me olha torto assim *Yo* já quero que faça ver estrelas. — O sotaque latino dela puxa, fazendo-me rir, beijo seus lábios e a coloco na cama. A campainha toca, fecho o robe e vou em direção à porta.

— Eu ainda posso te carregar, linda, aliás, vou adorar te levar as estrelas novamente.

Abro a porta e o carrinho já está sozinho no corredor, puxo-o para dentro, ela me olha, surpresa.

— *Dios*, comida para um batalhão?

— Comida para quatro, você precisa comer mais porra — reclamo, ela sorri tirando minha pose de ordem, porra, essa mulher está me dobrando.

Levo o café até à cama, coloco a bandeja no colchão e me sento com cuidado, dando a ela um copo de suco.

— Quero te dizer algo — digo, ela pega uma torada com geleia de dá uma mordida. — Porra, eu não estive com ninguém, desde você, eu não tive olhos para outra mulher, eu levei tudo rápido, te fodi e te levei para o altar de um Elvis maconheiro com autorização para realizar casamentos, e porra eu mal me expliquei ou pensei em outra coisa que não fosse te foder e te fazer minha esposa. — Ela ri, de forma gostosa do meu desespero, e suspira, e toma um gole de suco.

— *Yo* pensei o pior de ti — admite, deixando-me nervoso. — *Dios*, como eu te odiei, mas na mesma intensidade pedi para que você voltasse — confidencia. — Mas depois a raiva voltou e te odiei ainda mais. — Sorrio e seguro sua mão. — *No* me importo com o que fez no passado, com o que faz agora, mas me prometa, que jamais vai colocar algo entre nós novamente, me prometa.

— Eu prometo, linda — digo, firme, beijando sua mão. — Porra, eu te amo, você me deu três filhos — exclamo, os olhos dela brilham. — Rosita é minha filha, e eu vou estar ao seu lado na primeira fila a cada conquista dela — reitero, os olhos dela lacrimejam. — Dora não é minha filha biológica — revelo, e ela me olha, surpresa. — É minha irmã.

— *Dios*, me diga que matou aquela desgraçada? — ela questiona, surpreendendo-me.

— Da pior forma que você pode imaginar. — Começo a dizer a ela tudo, tudo sobre o esquema dos Navarros, os gêmeos, Tamara e a mulher de Gabriel Mitchell, ela me olha assustada.

— *Dios*, como? Steban e o pai biológico da filha de Annie são irmãos, e que o pai dela tentou matar a Boo? — Ela me olha, indignada.

— Sim, os bastardos são gêmeos idênticos. — Ela ofega, e coloca um mirtilo na boca e mastiga. — Foram separados quando nasceram, um ficou em Lustrera — explico.

— Steban — ela diz baixo.

— E o outro foi para Londres, ele só se envolveu nessa merda porque Steban o procurou, o irmão caiu na droga deslumbrado com o poder do cartel de Steban, Annie e Holly tiveram sorte de encontrarem Gabriel Mitchell, havia ficha com fotos das duas, Tamara estava negociando a neta — digo a ela sobre a história de Annie e Holly.

— Ela queria a neta, ela tentou na justiça, mas Annie foi mais esperta e fugiu.

— A mãe deles, ex-sogra de Annie comprou sua filha de Calina? — afirmo, ela fecha os olhos. — *Dios*, parece loucura. O que vai acontecer com eles?

— Vou matá-los. Dominic há anos tenta destruir a rede de tráfico.

— Foi ele, não foi? Que me colocou no país, a casa, *Dios*! Ele sabia quanto eu tinha em minha conta. — Assinto.

— A casa valia cinquenta mil dólares, ele pagou o resto que faltava, meu Sol, ele fez Bonnie colocar o anúncio, porque sabia que você ia procurar emprego, você ia a Vegas, mas o ônibus não passou, não é?

— *Dios...* ele...

— Ele fez Corvo e Carniça furar o pneu do ônibus, você decidiu ir para casa, mas passou em frente a confeitaria e viu o anúncio e salvou o número, não é? — Gargalho da cara incrédula dela.

— Não existe destino, amor, existe um filho da puta chamado Dominic Maldonado.

— *Dios*! No me diga que ele juntou nós dois? — Sorrio de lado.

— Além de ter me apaixonado à primeira vista por você, Dom deu uma mãozinha e me deu uma surra por ter te deixado. — Levanto-me. Enquanto eu falava, ela mal notou que comeu tudo que pedi de café da manhã, coloco a bandeja de volta para o carrinho e inclino em sua direção, pego seu queixo e beijo seus lábios. — São dois passados e uma só história, meu Sol. — Ela ofega. — Uma só história.

— E agora? — ela pergunta, deito-me na cama e trago ela para meu peito, afago sua barriga e meus filhos chutam, cada um de um lado.

— Agora? Nós dois ficaremos juntos. Eu jamais vou ocupar o lugar de Juan no coração de Rosita, ela me deu um lugar, e eu vou ser o melhor pai e esposo que eu puder, vocês são a minha segunda chance, amor. Vocês são minha *redenção*...

Meses depois

Eu matei Handball e Tamara... Deixei Steban sangrar até a morte, o maldito Navarro varreu o inferno fora de mim, e isso gerou meu maldito descontrole, eu o torturei e ele implorou para morrer. Eu não consegui olhar nem para Dominic nem para Gabriel Mitchell depois de perceber a merda que eu havia feito, saí e quando voltei para casa chorei no colo de Solange feito um maldito bebê, ela não disse nada apenas me abraçou e acolheu, nós perdemos a inauguração do canal de dona Carmen, ela não saiu do meu lado nos dois dias que eu apenas vegetei, sentindo-me um maldito lixo, eu não consegui comer ou sequer me mexer, Dominic varreu a merda fora de mim, deixando-me com o olho roxo por dias, por perder o controle.

Eu criei coragem e Sol apertou minha mão, Rosita parou com Osi para admirar uma borboleta, ela soltou Osi no jardim do parque e ele correu atrás da borboleta, ela ajeitou sua fantasia e correu, ela me fez assistir com ela nas últimas duas semanas mais de trinta vezes o mesmo filme, Aladdin.

Solange quase teve um treco ao me ver pintado de azul, Rosita vestida de Aladdin e Osi com um chapeuzinho que o macaco usa no filme, eu só sorri, dizendo a ela, que eu sou o gênio e que usei meus próprios desejos, ela riu e voltou para cozinha com Nany.

Amanhã ela completa oito meses de gestação e entra na fase de mais atenção, mesmo os meninos não mostrando o sexo, Ximena confirmou com suas superstições que são dois meninos e para me deixar ainda mais nervoso, amanhã começarão os preparativos da cirurgia da minha Florzinha, o médico nos disse para fazer todas as suas vontades, pois ela vai ficar meses sem poder correr ou carregar Osi em sua mochila de plástico. Vejo de longe Osi correr e derrubar minha filha na grama e rolar com ela.

Sua adaptação com a fonoaudióloga foi incrível, ela ainda fala com um leve atraso, mas agora fala com mais facilidade na língua dos sinais e já não precisamos falar tão lentamente para que ela consiga ler nossos lábios, após a cirurgia ela vai poder frequentar a escola normalmente. Eu não vejo a hora de ter meus filhos nos braços e minha menininha poder ouvir nossas vozes. Passo a mão pela barriga enorme de Sol e os meninos chutam, ela ofega colocando a mão na costela e ri.

— Vou estar bem aqui quando sair, amor. — Respiro fundo. Beijo seus lábios, ela vai na direção do parque, atravesso a rua, Sol vem aqui com Rosita toda semana, e agora chegou minha vez, empurro a porta e a moça sinaliza onde devo ir.

Nervoso caminho corredor, paro em frente à porta, bato quando vejo o nome do médico, respiro fundo e abro quando a voz autoriza a entrada. Respiro fundo e entro, um arrepio percorre minha espinha, tremo de cima a baixo e balanço meu corpo, porra, estou pegando a mesma mania esquisita de Dominic.

— Entre, filho, aceita uma bala de café? — ele oferece, quando eu me sento no divã, nervoso, pego a bala e a abro, jogando na boca. — As balas de café excrementados pelos civetas são as mais finas e com funções calmantes do mercado, meu filho.

Ah! Porra, a maldita bala cagada pelo macaco que não é a porra de um macaco...

FIM?

Epílogo

*O amor é minha religião
Mas ele era minha fé
Algo tão sagrado
Tão difícil de substituir
Ficar caidinha por ele foi como cair em desobediência
Tudo em um
Ele era tantos pecados
Teria feito qualquer coisa
Tudo por ele
E se você me perguntar
Eu faria de novo
Não preciso imaginar
Porque eu sei que é verdade*

Heaven

Julia Michaels



IVAN

Seguro a pequena mãozinha fria, sonolenta ela boceja, Sol arruma a pequena touca de cirurgia já que os pequenos cachos insistem em sair.

— Papai... — Ela me chama, fraca. A anestesia está fazendo efeito. Sorrio, ouvi-la me chamar de pai aquece meu coração, ela sequer percebeu que trocou o meu Ivan por meu papai, nós explicamos a ela que eu sou seu pai assim como o merda do Juan, que apesar de tudo também é pai dela.

— Eu, a mamãe e os meninos, vamos estar aqui quando acordar. — Beijo seu rosto, a enfermeira sinaliza, Sol beija ela também e se afasta com os olhos marejados, abraçados voltamos para a recepção, quando empurro a

porta todos ainda estão ali, todos, os caras do clube espalhados pelo chão, o filho de Maldonado mamando na mãe que está com a cabeça apoiada no ombro do Maldonado, Corvo, Carniça e Prudence, abuela e o velho do Corolla, todos inclusive Matarazzo, que veio em nossa direção com um sorriso no rosto. O Dominic conseguiu fechar a ala cirúrgica do hospital e liberar a entrada de todos, estamos somente nós aqui, nossa família.

Os nove meses de Sol chegaram, a cirurgia foi adiantada já que tudo ocorreu como o planejado. Sol, está esperando pelo parto normal, ela quer isso, mesmo eu insistindo, ela quer dar à luz aos nossos filhos de forma natural, a gravidez foi conturbada no começo, porém, se tornou calma e a cada mês eles se desenvolveram com saúde e dentro do esperado, fazendo a doutora aceitar o parto normal. Já que Sol está forte e os meninos estão bem.

Sebastian me cumprimenta com um aperto de mão e abraça Sol de lado, já que a barriga não permite muita coisa.

— Estamos na torcida, ela vai sair daqui ouvindo — Sebastian comenta.

— Yo sei que vai dar certo. — Meu Sol aperta minha mão. Retribuo.

Nós nos sentamos e ficamos ali, Sol aperta o escapulário com força, rezando, cubro suas mãos com as minhas, as lágrimas escorrem por seu rosto bonito caindo na barriga, ela sequer percebe que estou chorando também, o medo me batendo, mas porra tem alguém lá em cima cheio de segundas chances que olhou para mim e me deu uma família, que fez de mim alguém. Existe um Deus lá em cima.

A vida me tirou tudo e ele me devolveu, me deu algo para acreditar e amar. De repente a porra da frase do filme que eu vi por tantas vezes com ela me bate em cheio *“Apenas um pode entrar aqui. Aquele cujo valor está do lado de dentro. Um diamante em bruto.”* Elas me deixaram entrar mesmo não sendo merecedor, elas me salvaram da escuridão, mesmo não tendo valor algum, eu vou lutar todos os dias.

Ficamos horas e horas ali, Bonnie precisou ir para casa, mas Maldonado voltou e está ali. Todos ficaram, quando Prudence puxa uma corrente de oração todos ficam em pé, mesmo alguns dos caras do clube não acreditando eles ficam em pé, e em sua simplicidade todos pedem à sua maneira por minha filha, Sol chora sendo abraçada, todas as enfermeiras

param e a única coisa que faço, é pedir com toda a porra da minha fé, uma chance para minha Florzinha poder ouvir.

Quando a porta é aberta, levanto-me e ajudo a Sol, o médico vem em nossa direção e tira a máscara.

— A cirurgia foi um sucesso!

— Porra! — Todos começam a se abraçar, Sol soluça em meus braços em meios aos gritos e comemorações Corvo e Carniça erguem o médico e o joga para cima. Antes que eu consiga falar algo ao médico, Sol crava as unhas em meu braço com força, vejo a água escorrer por seus pés, ela com o rosto inchado pelo choro me olha sem entender, ela se curva.

— A bolsa estourou. — Alguém grita, mas eu já estou com ela em meus braços. Tudo passa como um borrão, os gritos, os enfermeiros correndo.

Porra, meus filhos estão nascendo!

SOLANGE

— Força, querida, traga seus filhos ao mundo. — Forço, a dor me dilacera, meu coração parece que vai sair pela boca. — Eu já vejo a cabecinha dele, mamãe...

— AHHH... — Quando ouço o choro meu coração se enche de amor, aperto a mão de Ivan, ele sorri com o rosto cheio de lágrimas.

— Venha cortar o cordão dele e dar oi, papai. — Ivan se afasta, e antes que eu possa olhar a dor me atinge, grito o inferno fora de mim, fazendo força, ouço o riso de alegria da doutora.

— Vamos, mamãe. — Ofego, fazendo força quando a dor vem novamente.

— Ahhh... — O choro invade a sala e meu corpo desaba contra a maca, fecho meus olhos. A imagem de Nossa Senhora de Guadalupe invade minha mente. *Dios!*

Meu coração a mil, meus pensamentos confusos em minha filha e em meus bebês, quando abro meus olhos, desabo em lágrimas ao ver meus dois

filhos, um em cada braço de Ivan, calmos olhando para o pai, o rosto dele banhado em lágrimas, quando ele se aproxima sorrindo entre lágrimas, que eu percebo.

São dois meninos, idênticos a ele.

— Adônis, a força e a beleza — ele anuncia, rouco, beijando a cabecinha suja do nosso bebê, com ajuda da enfermeira ele o coloca no meu abraço. — Apollo, a beleza e calor do sol, a luz do meu Sol.

Meus filhos...

IVAN

— *Yo no* quero deixá-los. — Desde a cirurgia, há quase dez meses, é a primeira vez que Rosita fica longe de nós dois, e com os gêmeos tudo inda ficou pior, ambos não podem perder a mãe de vista, ciumentos eles só aceitam dividir com Rosita, se eu chego perto dele e não os pego ambos choram. Coloco-a no meu colo descendo a alça do vestido soltinho. — Mas quero tanto ficar um pouquinho com *tu*, fazer essa viagem — Meu Sol diz, manhosa, abraçando meu pescoço, Osi sai do quarto e mia alto nos corredores, nos fazendo rir.

Desde o nascimento dos meninos e da cirurgia de Rosita, nós estamos sempre com eles. Dando uma fugidinha aqui e ali. Mas já perdi a conta de quantas vezes nós fomos interrompidos.

— Um pouquinho é? — Passo meus dedos sobre seu rosto calmo. — Será apenas um fim de semana, linda. Dom e Boo vão cuidar bem deles.

Os gêmeos já estão prestes a fazer dez meses. E enquanto a irmã é a calma, eles são o furacão que desencadeia crises de choro e gritos. Meus olhos ainda se enchem de lágrimas todas as vezes que ela me responde ouvindo minha voz, não é 100% normal, mas a evolução dela está sendo tão incrível, que agora ela tem pouco atraso na fala, mas já frequenta a escola tão bem, sempre a ajudado nos deveres.

Beijo seu pescoço e suspiro, minha mão aperta sua coxa com força, afasto suas pernas tentando tocá-la. Ela ri.

— Quero tanto você — digo, beijando seus lábios, ela abre as pernas, dando-me acesso à boceta molhada. A calcinha de renda úmida me faz gemer contra seus lábios. — Te amo tanto meu Sol. Minha mulher. Meu Sol.

— Uma rapidinha antes dos bezerrinhos gritarem? — Ela ri e beija meus lábios.

— Porra, eu quero usar as cordas. — Choramingo.

— *Dios*, parece um bebê. — Mordo seus lábios, nos viro, jogando-a contra o colchão.

— Vou te mostrar o bebê.

— No se atreva. — Ela tenta me impedir, mas puxo a camisola, partindo-a no meio. — *Dios*, você é impossível.

— E você é gostosa, meu Sol, muito gostosinha e já está com a bocetinha molhadinha. — Ela dá um gritinho quando calcinha tem o mesmo destino da camisola, meus dedos tocam a fenda molhada e pronta pra mim, meu dedo rola por seu clitóris e ela geme.

— *Mi Cariño*.

— Eu vou te chupar, linda, até você dar o que seu bebezão aqui precisa, linda — digo, mergulhando minha boca contra sua bocetinha.

Porra, nunca muda, sempre pronta... Sempre minha.

Caminho pelas pedras, o vento frio da Rússia bate em meu rosto, olho para trás, a Sol está parada me olhando, ela sorri com lágrimas nos olhos. Quando me viro e abro a pequena caixa de ouro, o vento leva as cinzas para longe, para o mar.

— Papai te achou e te trouxe para casa, princesa. — Ela pode não ser minha filha, mas sim de Ivo, eu a amei e vou continuar amando, como se fosse.

Ela vai brilhar, como uma verdadeira Sarnov. Como minha filha, irmã de Rosita, irmã de Adônis e Apollo.

Se houver algo do outro lado, minha pequena Dora, agora está nos braços de alguém que a amou primeiro, de alguém que cuidou dela, ela está nos braços de Svetlana Sarnov e elas estão em casa.

Sete anos depois

Antes que Apollo chute o irmão, ergo-o pela camisa e ele se debate, o irmão ri segurando firme a mochila com o nosso velho Osi, solto-o no banco, Sol vem em nossa direção linda como sempre, gostosa e minha, e se senta ao meu lado e riu ansiosa.

— Na primeira fila? — Solange questiona.

— Na primeira fila. — afirmo, pegando sua mão.

Os anos passam e ela fica cada vez mais linda e gostosa. A bondade, o amor, o desejo e a felicidade brilham em seu olhar como da primeira vez, eu ainda faço o trabalho sujo de Dominic e tento ser o CEO dos cassinos quando não estou colocando algum bastardo de ponta cabeça no Cânion, mas eu sou o seu Ivan, da porta pra dentro e fora quando estou com eles, eu sou o Ivan, o esposo e pai. Sou o Ivan que dará a vida por eles.

Paguei um alto preço por meus atos, mas hoje sei que o destino ou Deus, resolveu juntar dois passados, fazendo um só futuro, onde eu recebi uma família, um amor e filhos. Algo para me orgulhar.

Quando a luz se apaga e acende em minha pequena Flor, tudo se ilumina, ela sorri graciosa, ela toca o implante, sorrindo, fecha os olhos e começa a cantar.

Eu posso ter roubado os desejos do Aladdin e porra não me arrependo. Quando a voz enche o auditório, pela primeira vez, seguro firme a mão do meu Sol, tendo a certeza que de que essa será a primeira fila de muitas que nossa família estará por ela.

Eu nunca busquei redenção, nunca busquei nada além de vingança, mas minha Sol me mostrou que o destino pode às vezes trapacear, e juntar caminhos inimagináveis.

Quando o amor ainda puder curar feridas, ele será o melhor remédio.

Talvez o destino realmente exista e brinque com as pessoas, mas talvez ele apenas reescreva histórias passadas que precisam de um fim, junte machucados que juntos podem cicatrizar, há pessoas que vêm e nos ensinam que o amor pode curar.

Nunca foi sobre vingança, foi sobre achar seu lugar no mundo e amar as segundas chances que sequer foram pedidas, mas sim dadas.

Segundas chances vêm e se vão, basta saber o momento de agarrá-las e fazer dessas chances, futuros que poderão virar histórias.

Fim!



Olá, Docinho!

Se você chegou até aqui, muito obrigada, docinho!

Não se esqueça de avaliar!

A Série Redenção volta em 2022 com COBRA — Liberdade que vicia.

Me acompanhe nas redes sociais para ficar por dentro das novidades e dos próximos lançamentos.



[WATTPAD](#)

[AMAZON](#)

[SPOTTIFY](#)

[FACEBOOK](#)

Beijos doces, Dri!

CONHEÇA OS OUTROS TÍTULOS DA SÉRIE REDENÇÃO:



LINK AMAZON KINDLE: <https://www.amazon.com.br/GAEL-redenção-monstro-Gabriel-ebook/dp/B08HDKRMK2>

SINOPSE:

Era uma vez...

Sabe por quantos pesadelos somos capazes de passar sem acordar? Ou quantos demônios carregamos em nossos sonhos? Gabriel Morgan Mitchell, Major Mitchell, mais conhecido como Gael, veterano da intervenção militar na Líbia em 2011, se refugiou em seu castelo em Herefordshire na Inglaterra. Aos 38 anos, carrega consigo memórias que o perseguem, um homem quebrado, frio como a mais branca neve do inverno, traz marcas que gostaria de esquecer, após ser vítima de uma granada, Mitchell ficou conhecido como "O Monstro". Isolado e sozinho, apenas com a companhia de seus fiéis empregados, Gael conta com uma incontável lista de empregadas demitidas aos longos dos anos. Ninguém o suporta.

Gustave, seu irmão mais novo decidido a mudar essa história, vem de Londres disposto a encontrar a "criada" perfeita.

Annie Aiken Lavelly, é digamos que a personificação da palavra azar, aos 28 anos, mãe solo e sem expectativas para a sua vida, já tão fadada a desgraças,

se muda de Londres para a pequena e inóspita Hereford, morando em uma quitinete com uma pequena coisinha chamada Holly, sua filha de quatro anos, Annie se candidata à vaga de emprego, no castelo do temido Monstro. Vejam só... casa e comida de graça, ou nem tanto.

Annie tem a difícil tarefa de se adaptar aos caprichos do monstro, que não esconde seu desejo de colocá-la na rua. Disposta a tudo, para conseguir manter Holly segura, ela decide acatar a cada pedido incabível do seu querido patrão.

O que Annie não contava era que seu adorável patrão repararia em seu avantajado corpo. Loira e com incríveis olhos claros e vestindo bem mais que 58, Annie não sabe, mas o maior desejo do seu patrão é marcar sua imaculada pele de porcelana. E Gael nem imagina, entretanto, o maior desejo de Annie é velo rodando lindamente na privada.

Porém, nem todo monstro vira príncipe. O maior medo do ser humano é o próprio medo! Por medo e inseguranças passadas, Gael se vê perdendo tudo que um dia sonhou, que com o passar do tempo desacreditou que pudesse ser possível, Gael perdeu sua pequena e desajeitada família.

Meses depois de ter a felicidade em suas mãos, Gael tem agora o que mais desejou, a solidão, no entanto, a solidão não é a mesma de antes, até porque agora Gael não quer mais o isolamento que tanto impôs, e sim sua família de volta, disposto a ser insuportável, inconveniente e ainda mais gostoso, vai fazer de tudo para ter a sua megerinha de volta.

Afinal, quando os Mitchell querem, eles vão lá e pegam.

DOMINIC

SABOTAGEM DO AMOR

LINK AMAZON KINDLE: <https://www.amazon.com.br/Dominic-Sabotagem-amor-Gabriel-ebook/dp/B095LGCYK4>

SINOPSE:

Dominic Maldonado passou os últimos cinco anos sabotando a vida da nada convencional Boonie Portman, impedindo que ela tivesse encontros amorosos e amizades masculinas, Dom como é chamado por todos, tem uma forte habilidade de estragar as tentativas frustradas de Boo de desencilhar, afinal aos dezoito anos nunca havia beijado ninguém. Dom aos vinte anos colecionava uma grande lista de garotas que já tinham passado por sua cama, e várias mulheres atrás dele, o qual se orgulha.

Diferente das meninas que Mac transava, Boo sempre vestiu vários números a mais que elas, ou as garotas da sua idade, sempre chamou a atenção dos garotos mais velhos, para o total desespero de Dom. Após uma tragédia Boo se muda de Parnoveil, uma pequena cidade no interior Nevada para Nova York, fazendo com que Dom se sinta abandonado e ao sair do exército, acaba entrando para a gangue provavelmente mais conhecida de motoqueiros americanos, Os Anjos do Inferno ou Hell's Angels, com o passar do tempo, Dom acaba se tornando o presidente do mais perigoso clube de motoqueiros da América, enquanto Boo se forma em gastronomia e realiza seu sonho de se tornar uma Chef Pâtisserie, agora de volta à Parnoveil, Boo quer começar do zero abrindo sua confeitaria gourmet, e quem sabe encontrar o verdadeiro amor, ou vara abençoada como sua abuela Carmem diz, porém, Dom ao saber que seu docinho está de volta não

facilitará em nada a vida do seu bombom. Afinal é de perigo que elas gostam, ou ele acha que gostam.

[1] Yin e Yang são conceitos do taoísmo que expõem a dualidade de tudo que existe no universo. Descrevem as duas forças fundamentais opostas e complementares que se encontram em todas as coisas: o yin é o princípio da noite, Lua, a passividade, absorção. O yang é o princípio do Sol, dia, a luz e atividade.

[2] Sovietnik - "Conselheiro", é o conselheiro e o indivíduo mais confiável e mais conhecido do Pakhan.

[3] Brigadier - também conhecido como Avtorityet ("Autoridade"), é como o capitão ou Caporegime na máfia italiana, ele é encarregado de um pequeno grupo de homens. Ele dá trabalhos para ShestYorka (Insiders) e seus braços esquerdo e direito, o Boyevik e o Krysha. Ele dirige uma equipe que é chamada de Brigada (Brigade). Uma Brigada geralmente é composta por 5-6 homens. O Brigadier é geralmente encarregado de um negócio legítimo, que deve ser usado como uma "frente" para suas atividades criminosas. Este negócio pode não ser legalmente de propriedade do Brigadier, ele pode ser de propriedade de um dos homens abaixo dele, mas isso significa que ele simplesmente gerencia o negócio e garante que nenhum problema ocorre com o uso dos homens à sua disposição.

[4] Obshchak - "Bookmaker", cobra todo o dinheiro do(s) Brigadiers e suborna os funcionários do governo para garantir que não haja problemas.

[5] Avó em russo

[6] Boyevik - literalmente significa "guerreiro", um Boyevik trabalha para um brigadier, mas também tem alguma atividade criminal especial, é semelhante aos "soldados" da máfia italiana. Um Boyevik também é responsável por encontrar novos caras e pagar tributos ao seu Brigadier. Os Boyevik também são a principal força de ataque de uma brigada.

[7] Avó em russo.

[8] Avó em russo.

[9] Avó em russo.

[10] Avó em russo.

[11] O visto S-5 é para informantes criminais quem pode fornecer informações valiosas que levam à prevenção, descoberta e / ou condenação de uma organização criminosa;

O visto S-7 é para as famílias dos portadores do visto S-5 e S-6. Isso inclui seus cônjuges e filhos.

[12] A língua de sinais americana (em Portugal: língua gestual americana; LSA, nome original: American sign language, ASL) é a língua de sinais dominante, através da qual a comunidade surda nos Estados Unidos da América, nos lugares de expressão anglófona do Canadá, e algumas partes do México, se comunica.

A ASL também é usada, por vezes (normalmente em conjunto com uma língua de sinais indígenas) nas Filipinas, Singapura, Hong-Kong, República Dominicana, Haiti, Porto Rico, Costa do Marfim, Burkina Faso, Gana, Togo, Benim, Nigéria, Chade, Gabão, República Centro-Africana, Mauritânia, Quênia, Madagáscar e Zimbabué. Assim como outras línguas de sinais, a sua gramática e sintaxe são distintas das línguas orais.

[13] A hiperlexia é uma condição que faz com que a pessoa desenvolva uma habilidade de leitura excepcional em uma idade precoce, mas ao mesmo tempo não possui habilidades linguísticas. Sendo assim, a criança apresenta um fascínio intenso por letras ou números e uma capacidade avançada de leitura.

[14] Byki - literalmente se traduz como "touros", estes são os guarda-costas da Brigada. Eles assegurarão que todas as pessoas dentro da Brigada estejam seguras, se estiverem ameaçadas. Estes

geralmente são os homens mais confiáveis do Brigadier.

[15] Protagonista do segundo livro da série Redenção – Dominic Sabotagem do Amor.

[16] Ele terá seu próprio livro na série.

[17] Ele terá seu próprio livro na série.

[18] Uma matryoska ou boneca-russa, é um tradicional brinquedo russo. Constitui-se de uma série de bonecas, feitas geralmente de madeira, colocadas umas dentro das outras, da maior até a menor. A palavra provém do diminutivo do nome próprio matryona.

[19] Personagem apresentada no livro – Dominic Sabotagem do Amor.

[20] Abuela Carmem, personagem apresentada no livro – Dominic Sabotagem do Amor.

[21] Terá seu próprio livro na série.

[22] Personagem apresentado no segundo livro da série – Dominic, Sabotagem do Amor.

[23] O peso mexicano é a moeda corrente oficial do México desde 1993. O peso foi a primeira moeda do mundo a utilizar o símbolo "\$", antes mesmo de o dólar dos EUA, que mais tarde adotou para seu próprio uso. É fabricado na casa da moeda do México.

[24] Você está livre, meu amor.

Livre para estar comigo, por toda a eternidade.

Com amor, seu namorado, Steban. "1

[25] OnlyFans é um serviço de conteúdo por assinatura com sede em Londres, no Reino Unido. Criadores de conteúdo podem ganhar dinheiro de outros usuários do site que assinam seu conteúdo. É popular na indústria de entretenimento adulto, mas também hospeda criadores de conteúdo de outros gêneros.

[26] As drogas que possuem a denominação de “Boa Noite Cinderela”, também conhecidas como drogas do estupro ou rape drugs, são geralmente o GHB (ácido gama-hidroxibutírico), a Ketamina (Special K) e o Rohypnol (Flunitrazepam). Esse conjunto de drogas possui a característica de atacar o sistema nervoso central, provocando amnésia nas pessoas durante o período de intoxicação.

[27] Tradução do espanhol: Não vi nada, eu juro...

[28] Tradução do russo: Chega...

[29] Tradução do espanhol: NÃO, NÃO, NÃO ... Mate-me. Eu imploro que você me mate...

[30] O que vou fazer com isso?

[31] conhecido como San Juan Diego, era um índio pobre, nascido em 9 de dezembro de 1474, em Cuautitlán, no México, ele pertencia à baixa casta do Império Azteca, quase pertencente à condição de escravo, e se dedicava a um árduo trabalho no campo e a fabricar esteiras. Ele tinha um pedaço de terra no qual possuía uma pequena casa em que vivia sem filhos e com a esposa

[32] "Rosita me disse que odeia aniversários, feliz amanhã!

[33] Parabéns pra você, Parabéns pra você, Parabéns pra você, querida Raio de Sol, Parabéns pra você

[34] Abreviação de presidente, líder. Geralmente usado por clubes de moto.

[35] Personagens apresentadas no primeiro livro da série – Gael: a Redenção do Monstro

[36] Personagem já apresentado no segundo livro da série Redenção – Dominic A Sabotagem do amor.

Ele terá seu próprio livro

[37] Seu olhar de desprezo

[38] Esta tormentosa e sofisticada peça de tortura também era conhecida como “Pera da Confissão”, “Pera do Papa” (nomes atribuídos em função do fato de ter sido dispositivo utilizado durante a Inquisição) ou ainda poderia ser identificada como “Pera Bucal”, “Pera Vaginal”, “Pera Anal” ou simplesmente como “A Pera”.

Tratava-se de um instrumento em forma de pera composto por quatro faces que eram lentamente separadas umas das outras a partir da engenhosa articulação acionada por um parafuso giratório disposto na parte superior da geringonça. O artefato foi utilizado durante a Idade Média como instrumento de tortura empregado preferencialmente contra mulheres que realizaram abortos, contra os mentirosos, os blasfemos e muitos homossexuais. O aparelho costumava ser inserido em um dos orifícios da vítima: a vagina para as mulheres, o ânus para aqueles considerados homossexuais masculinos e a boca no caso dos mentirosos e blasfemos.

A pera provocava insuportáveis dores e lesões ao se expandir no interior das vítimas, mas geralmente não era letal e costumava ser empregada em seções que envolviam usos de outros instrumentos. Há casos nos quais o dispositivo foi empregado como uma espécie de mordaca mecânica (há quem acredite até que este foi o objetivo inicial de sua invenção).

[39] O Shibari, uma técnica erótica japonesa, consiste em amarrar o parceiro ou parceira com diversas cordas de fibras naturais com os mais variados tipos de nó, criando assim um grande apelo visual. Portanto, tal técnica busca aumentar o prazer sexual tanto através da estética quanto da pressão sobre pontos estratégicos que provocam estímulos no corpo. A técnica do Shibari tem origem de uma antiga arte japonesa chamada Hojōjutsu (縄術) que surgiu durante o período Edo (1603 – 1868). O Hojōjutsu era praticado pela classe dos samurais e consistia em restringir os movimentos de seus prisioneiros com uma corda. Porém, como tratar seus prisioneiros bem era uma questão que inclusive envolvia a honra do samurai, eles então criaram nós para identificar o prestígio e a classe de cada um de seus prisioneiros. Além disso, tais nós variavam de clã para clã e as técnicas eram passadas através de gerações.

Conforme os séculos foram passando, essas diversas formas de amarração se tornaram uma arte e se popularizaram como o Shibari, que não só possui um grande aspecto artístico como também busca uma maior sensação de prazer sexual durante a relação.

Cuidados ao se praticar o Shibari

O Shibari normalmente deve seguir os mesmos pontos da acupuntura, pressionando aqueles que estimulem não só o prazer como também uma sensação de paz e leveza. Por isso que muitos inclusive usam tal técnica para trabalhar bloqueios emocionais. Porém, ela também deve ser utilizada de forma que destaque os contornos do corpo, o que deve ser feito com extremo cuidado para evitar regiões que causem perigo à saúde.

Então, regiões como pescoço, articulações e áreas macias demais jamais devem ser atadas. Outra precaução durante o Shibari é sempre se atentar para caso aquele que está sendo amarrado apresente sintomas como asfixia, enjoos ou hiperventilação, pois nessa hora deve-se retirar imediatamente as cordas.

Além disso, para evitar machucados e inflamações na pele, as cordas devem ser feitas de fibras naturais, como juta ou cânhamo. Assim, aquele que es

[40] tá amarrado experimentará uma grande sensação de prazer, principalmente no momento da penetração.

No entanto, como o Shibari é uma técnica demorada, é necessário que ambos os participantes da arte, aquele que amarra é aquele que é amarrado, possuam um maior controle de sua ejaculação. Por isso, saber controlá-la e dominar seu corpo, é algo muito importante.

[41] Personagem apresentado no segundo livro da série – Dominic, Sabotagem do Amor.

[42] Personagem apresentada no segundo livro da série, Dominic Sabotagem do Amor.

[43] Classe branca.

[44] Tradução do russo:

Toda noite você vai ouvir o seu croon

Uma canção de ninar russa

Apenas uma pequena melodia melancólica

Quando o bebê começa a chorar

Rock-a-bye meu bebê

Em algum lugar pode haver

Uma terra que é livre para você e eu

E uma canção de ninar russa

[45] As medidas usadas para determinar os tamanhos de calças jeans nos EUA são bem diferentes das adotadas no Brasil. As peças têm duas medidas: cintura e comprimento das pernas. Os tamanhos são dados em polegadas, sendo que uma polegada equivale a 2,54 centímetros. Os tamanhos vão de:

00 XS

36-38 0-2

40-42 4-6

44-46 8-10

48-50 12-14

52 16

54 18

[46] O Rublo russo é a moeda oficial da Federação Russa, das duas repúblicas parcialmente reconhecidas da Abecásia e Ossétia do Sul e das duas repúblicas não reconhecidas Donetsk e Lugansk. O rublo é subdividido em 100 copeques. O Rublo foi a moeda do Império Russo e da União Soviética.

[47] Os alelos são as formas alternativas de um determinado gene e ocupam um mesmo loco em cromossomos homólogos. Quando nos referimos a loco, estamos falando da posição do gene no cromossomo; quando falamos em cromossomos homólogos, referimo-nos a cromossomos que possuem genes para a mesma característica.

[48] Vai doer, amor

[49] Traduzido do inglês-A KTNV-TV, canal virtual e digital VHF 13, é uma estação de televisão afiliada à ABC licenciada para Las Vegas, Nevada, Estados Unidos. A estação é propriedade da E. W. Scripps Company, como parte de um duopólio com a estação KMCC de propriedade e operação da Ion licenciada pela Laughlin.

[50] A língua de sinais americana (em Portugal: língua gestual americana; LSA, nome original: American sign language, ASL) é a língua de sinais dominante, através da qual a comunidade surda nos Estados Unidos da América, nos lugares de expressão anglófona do Canadá, e algumas partes do México, se comunica.

[51] Perda auditiva bilateral é uma perda auditiva em ambos os ouvidos. Deficiência auditiva bilateral pode ter diferentes níveis: suave, moderada, severa ou profunda. A perda auditiva bilateral pode ser causada por vários fatores no ouvido externo, médio e interno, ou uma combinação das três.